



# HO OCTAVO

liuro da historia do  
descobrimēto & cō-  
quistā da India pelos  
Portugueses.

Feyto por Fernão Lopez de  
Castanheda, que  
Deos tem.

Impresso em Coimbra.  
Com Real Priuilegio.

M. D. L XI.

Exato boet Heriberto Nobis qd

Caſſatipendis dñe

Dicteſeu.

Imprimis eum Conspicis.

Comrectiſſimiſſio.

M.D.LXI

# Prologo no Octauoliuro da

historia do descobrimento & conquista da India pe  
los Portugueses. Dirigido ao muyto alto & muyto  
poderoso Rey dô Sebastião nosso senhor deste no-  
me o primeyro. Rey de Portugal, & dos  
Algarues, Daquem, & Dalé mar,  
em Africa, senhor de Guinê,  
da cõquista, nauEGAção,  
& comercio de Etyo-  
pia, Arabia, Persia,  
& da India.

Pelos filhos de Fernão Lopez de Castanheda.



## INDIA QUE NAM FORA MANIFESTO

muyto alto & muy poderoso senhor, o animo cõ que  
V. A. & seus antepassados todos, receberão as semelhan-  
tes offertas de obras proueytosas á Republica, & que en-  
sinauão por exemplos a bem obrar na paz & na guerra,  
bastaua pera nós offereceremos esta a V. A. a vontade  
com que el Rey dom Ioão ho terceyro vosso auó (que  
está em gloria) aceitou o Primeyro liuro desta historia  
& quanta merce por isto fez a Fernão Lopez de Casta-

nheda nosso pay (q̄ Deos té.) Porq̄ alem de V. A. ter as mesmas obrigações pera  
a fauorecer que ele tinha, que erão ser de excellentes feytos de Portugueses, & ani-  
marem com elas a seus descendentes pera as ymitarem, & terem por facil poer as  
fazendas & vidas por acrecentamento de nossa sancta fee, & seruiço de seu Rey (co-  
mo estes seus antepassados fizerão) parecia bastáte causa pera V. A. fauorecer este  
Liuro, ser parte daquele Primeyro (por continuação da historia) q̄ a el Rey vosso  
auó parece o bem, Principalmente que trabalhou nela tanto nosso pay, & fez tan-  
tas diligéncias por escreuer a verdade, que com o fim da historia selhe acabou a vi-  
da, que tinha muy trabajhada de muitas indisposições causadas de cótino cuy-  
dado, & de continuas vigilias, & leytura de muitos papeis q̄ da India trouxera.  
Polas quaes rezões, em seu nome pedimos a V. A. queira tomar sob seu amparo  
este Liuro Octauo, (& com este o Nono & Decimo seguintes, quemuy cedo se  
imprimirão) pera que responda o fruyto ao muyto trabalho que ho Autor nele  
teue, & alcance ho fim que pretendeo.

¶ sboniolumbōnogoloiP

que das Iudias  
que das Arapias Petras  
que documentio de Etao  
que codinaxiis inusuegao  
em Africais Lenhor de Guine  
Algarve Dadeira e Dadeira  
me o piumealo. Rey de Piumeal e doe  
bocetolo Rey do Sepaifio ouijo Lenhor deife do  
los Portugalese. Dirigido a o muiato alio e muiato

Les gîtes de la Côte d'Azur



# H O L I V R O O Y T A V O D A H I S T O R I A

do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses, por mandado del Rey dom Ioão de gloriosa memoria deste nome o

III. Em que se cõtem o q̄ os Portugueses fizerão na India, & em outras partes do oriéte, gouernandoa Nuno da cunha.

*Feyto per Fernão Lopez de Castanheda.*

## C A P I T V L O P R I M E Y R O.

¶ De como Nuno da cunha chegou à India, & foy entregue da gouernança.



### A R T I D O

Nuno da cunha  
Dormuz. E se-  
guindo por sua  
viagem, foy sur-  
gir na barra de  
Goa a vinte qua-

tro Doutubro. E no mesmo dia a tarde desembarcou, esperando o no cais os ve-  
readores da cidade, & capitão, & ouvi-  
dor dela com muytos fidalgos, & géte-  
outra. E mostrada sua prouisam de go-  
uernador, & jurando de guardar os pri-  
uilegios da cidade: forão abertas as por-  
tas, que estauão cerradas em quanto du-  
rou esta ceremonia. E metido debaixo  
dū paleo, entrou na cidade: onde estaua  
a clerizia com húa solene procissam de  
Cruzes leuantadas, foy leuado á Sé da  
cidade a fazer oração, & da hi pera sua  
casa. E como tinha determinado de aq̄c  
anno não ir a Diu, cometeo a Eytor da  
silueira que fosse com a armada da In-  
dia esperar Simão da cunha á costa de  
Cambaya: pera hilhentregar a armada  
quando tornasše de Baharem, pera fa-  
zer guerra a Cábaya. Que ainda q̄ diz

no cabo do liuro sexto, q̄ Simão da cu-  
nha tornou de Baharem antes de Nuno  
da cunha partir. Dormuz, não foy assi, q̄  
foy erro da impressam. E por Eytor da  
silueira auer por afronta de leuar aq̄la ar-  
mada pera outrem, escusouse d'issò: pelo  
q̄ue ho gouernador pedio a seu cunha-  
do Antonio da silueira de meneses que a  
leuasse. E estando pera partir, chegou re-  
cado do desbarato de Simão da cunha,  
& da sua morte. E porque Antonio da  
silueira estaua pa leuaresta armada, deu  
lhe ho gouernador a capitania mór de-  
la, pera que fizesse a Cambaya a guerra  
q̄ lhe ouuera de fazer Simão da cunha,  
& deulhe nouecentos Portugueses, de  
que os quatrocéto serão espingardeiros:  
que forão embarcados em cincoenta &  
tres vclas de remo, gales, galeotas & bar-  
gantiis. E partido Antonio da silueira,  
deu o gouernador a capitania mór dou-  
tra armada que auia de mādar ao estrei-  
to a Eytor da silueira de quatro galeões,  
duas carauelas & quatro bargatins. Dos  
galeões a fora ele, forão capitães Mar-  
tim de crasto, Antonio de lemos & Fer-  
não rodriguez barba: das carauelas Frá-

cisco de vasconcelos, & Ioaneniedez de macedo. Dos bargátins Antonio botelho, Francisco de freytas, & outros dous, & deulhe por regiméto q partisse em Janeiro. E deixádo por capitão de Goa a dom Fernando de lima, se partio pera Cochim. E de caminho deixou dom Ioáo déça na capitania de Cananor que era sua. E fez capitão mór da costa do Malabar a Diogo da silueira seu cunhado da primeyra molher, & deulhe húa armada de duas galeotas, de que forão capitães Manuel de vascócelos, & Nuno fernandez freyre, & a cara uela de Francisco da cunha, & seysbargantins, & foy capitão d'lo Joáo da silueira seu irmão de Diogo da silueira, & deixoulhe nesta armada duzentos Portugueses. E chegado a Cochim, foy recebido com a mesma solenidade q em Goa: & ali acabou de ser entregue da gouernança.

## C A P I T . XII.

¶ De como forão presos Lopo vaz de sam Payo & ho licenciado Ioáo de Toyro.

Entregue ho gouernador da gouernança, mandou préder a Lopo vaz de sam Payo, & escreuerlhe quanta fazenda lhe foy achada, dizendo q assi ho mandaua el Rey de Portugal, por amior de hūs capitulos q derão dele seus ímigos. E por estes capitulos se processou despois em Portugal contra Lopo vaz de sam Payo: & se deu sentença cōtrele, que perdesse ho mantimento q ou uera seruindo de gouernador. E por esta causa se deu a senteça cōtrele, & nā por lhe dará a gouernança os juyzes q jul-

garão por ele na India, como disse no liuro septimo q foi por erro. Esabida a prisão de Lopo vaz, todos os q erão amigos do seruicio de Deos & del Rey, forão muyto espantados: por ser notorio com quanta diligencia, verdade & limpeza Lopo vaz de sam Payo seruira ho cargo da gouernança da India, assi na guerra, como na paz, & q tinha feita a melhor & mayor armadado q nūca gouernador fizera ateli. E todos os da India ho dizião assi publicamente, o que eu ouui a muytos, brassemando de quani mao galardão lhe dauão de seus muytos & grandes seruiços. E assi dizião q ho gouernador estava muyto indinado cōtra Lopo vaz de sam Payo, & lhe queria mal por lhe Garcia de saa & Antonio de saldanha fazeré crer, que Lopo vaz lhe quisera roubar sua honra em querer tomar Diu, o q fizera sem duvida se lho eles não estoruarão, & assi por outros mexericos doutras pessoas q nūca falecē. Ede ho gouernador não estar bēcō Lopo vaz, se pareeo no exceder ho modo q teue em lhe mandar tomar sua fazeda tão meudamēte, que lhe mandou Lopo vaz dizer q nā se a gastaua do q lhe fazia, porq esperaua em nosso Senhor que outro ho auiade vingar: o q se se comprio bē. E logo q Lopo vaz foy preso, mandou dizer ho gouernador ao licenciado Ioáo de soiro, ouidor geral da India, que entregasse a vara a hū Pero barreto, & se fizesse prestes pera Portugal. E vedo Ioáo de soiro este recado do gouernador, como era prudēte, pare ceolhe q nā era sem misterio, & q nā faria

faria boa fazeda em ficar na India cõtra vótade do gouernador. E sem mais q̄ quer saber se el Rey ho mādava ir ou nā, respondeo ao gouernador: q̄ lhe beyjaua as mãos por tamanha merce, q̄ ele era ja velho & cansado, & nāo tinha na India outro premio de seus trabalhos, se nāo pobreza & muytos desgostos, pelo que nenhūa couſa deseja mais q̄ irse pera sua molher, & seus filhos. Mas porq̄ ele desse boa cōta de si a el Rey de quē tinha aq̄la vara, quelhe desse húa certidão de como lha tomava. Cō cuja reposta ficou ho gouernador atulhado, q̄ desejava de mādar Ioão de soiro pera Portugal, & q̄ nāo fosse seu ouuidor: porque lhe nāo tinha boa vótade, por ser certo q̄ ele fora ho primeyro que em particular, & em pubrico conselhara cō muyta instancia a Lopo vaz de sam Payo despois do desbarato das fustas de Diu, q̄ ho fosse tomar, & assi por outros mexericos, de q̄ sempre os gouernadores quando nouamente chegão a India ouue que farte, principalmete de pessoas q̄ tē nela mādo. Assi q̄ vēdo ho gouernador q̄ por ali nāo podia leuar Ioão de soiro, mādoulhe tomar residēcia sem ho el Rey mādar ir pa Portugal, nē auer por acabado ho tépo de sua ouuidoria. E tāto q̄ a residēcia foy pregoada, como Ioão de soiro tinha muytos ímigos, assidos fidalgos da India, por ser gráde amigo de Lopo vaz, cujos ímigos erão, como dos outros por fazer deles justiça queto dos auorrecé, todos teuerão q̄ dizer cōtrele. E mais porq̄ ho enqueredor & escriuão da residēcia erão seus ímigos, &

assi ho forão tābē muytas testemunhas, que cō medo q̄ ele fizesse justiça deles, se lançarão cō os mouros. E cō seguro do gouernador se tornarão pa os Chriſtāos. E cō os ditos destas & outras taes testemunhas, foy Ioão de soiro preso, & mandado a Portugal. E partido, como seus ímigos desejaõ de ho destruir, nā cōtentos cō as testemunhas da residēcia ajudarāse de hū Pero daguiar, q̄ seruindo Ioão de soiro douuidor geral seruia de seu escriuão, q̄ depois de sua partida foy preso por falsoario, a q̄ algūs ímigos de Ioão de soiro cometerão q̄ testemunhasscōtrele, & q̄ lhe auerão perdão do gouernador do crime, porque estaua preso. E prometendo que si, ouuerálhe ho perdão, que dizia ¶ Eu Nuno da cunha vedor da fazenda del Rey nosso senhor, & gouernador India, &c. Certi fico, q̄ sendo preso Pero daguiar por falsoario, lhe perdoey suas culpas, cō tal cōdição q̄ confessasse tudo o que sabia do licēciado Ioão de soiro, q̄ foy ouuidor geral nestas partes da India. E isto por parecer q̄ cōpria assi a seruço del Rey nosso senhor. E assi pareceo ao gouernador, & nā cō outra mātéçao. E coeste perdā, disse este Pero daguiar mil testemunhos falsos cōtra Ioão de soiro, segū do se despois soube por inquirições mui autēticas que sobrisio se tirarão, que eu vi: & mais Pero daguiar como foy solto fugio pa os mouros, & antreles mōreo, & se me nāo engano mōuro. Finalmēte q̄ por mais maldades q̄ os ímigos de Ioão de soiro fulminarão cōtrele ate ho fazeré condenar, sabida despois a ver

dade, foy restituido em sua honra, & em graça del Rey, & em seu seruiço, & nele morreo. E Lopo vaz de sam Payo, & ele, como digo forá mādado p̄sos pa Portugal na armada q̄ ho gouernador mādou aq̄lle anno, de q̄ soy capitão mór Lopo dalmeida de Santaré, filho q̄ foy dedo Diogo dalmeida prior do Crato, que chegou a Portugal a saluamēto cō rica carrega.

## C A P I T . III.

¶ Do que dō Jorge de crasto fez na ilha de Báda.

**N**o liuro septimo fica dito como dō Jorge de crasto, por mandado de dom Jorge de meneles capitão da fortaleza de Maluco, foy a Banda a buscar socorro. E chegado, achou hi Jorge de brito capitão da fusta q̄ se perdera de sua conserua quādo hia pera Maluco, & não podendo seguir sua rota arribou a Banda, pera q̄ vinda a mouçāo de Mayo se fosse a Maluco. E assi achou dō Jorge dous jūgos de Malaca, de que erāo senhores hū Lopaluarez, & hū Bastiāo vieyra mercadores ricos, aq̄ dō Jorge contou a necessidade de géte, & de dinheiro em que ficaua a fortaleza de Maluco, requerēdolhes da parte del Rey, que emprestassem dinheiro pa se remedear, & alargassem coréta Portugueses q̄ leuauão em sua cōpanhia pera a defender. O q̄ eles não quiserão fazer, do que dō Jorge fez autos que mandou ao capitão de Malaca pera os castigar. E esperando ele por mouçāo pera tornar a Maluco, forão ter as outras duas ilhas de Banda certos mouros vassalos del rey de Tidore por seu mandado ale-

uantar a terra cōtra os Portugueses, & pera os fauoreceré hião coeles algūs Castelhanos: q̄ aluoroçarão a géte, dizendo mil males dos Portugueses, & muitos bēs dos castelhanos, & q̄ auia cedo de senhorear toda aq̄la terra. E por mais que dō Jorge trabalhou por atalhar a isto, & por tomar estes mouros & castelhanos nunca pode. E vinda a mouçāo de Mayo, partiose pera Maluco, & che gou à fortaleza cō no mais q̄ vinte cinco Portugueses que hião na fusta com Jorge de brito, & sem nenhūa fazenda pera a feitoria, do q̄ dō Jorge de meneles ficou muito agastado por não ter com q̄ pagar á gente seu mantimento, q̄ morrião com fome. E a géte da terra q̄ ho sabia, se espantaua muito de como os Portugueses podião sofrer tamanhos trabalhos como erāo os da guerra & os da fome, & da grāde constācia q̄ tinham em seruir a seu Rey, & como nā se hião & deixauão a fortaleza pois erāo tā mal pagos, assi do soldo como do mantimento. E assi erāo espātados do pouco cuydado que os gouernadores da India tinham dos Portugueses q̄ estauão naq̄la fortaleza. E quando Cachil dario soube q̄ nā auia nenhūa fazēda com q̄ se pagasse o que se deuia aos Portugueses, dizia q̄ nā podia ser se nā q̄ nā auia na India nenhūis Portugueses, né gouernador pois não mādava cō que se pagasse a géte que estaua naq̄la fortaleza. E vendo ele a desordē que auia antre os Portugueses, & quāo pouco obedeciaos os que se achauão em Banda aos mādados do capitão de Maluco, cuja sabiāo q̄ era a jurdic-

a jurdicão de Banda, teue ho em muy pouca conta, & assi aos Portugueses: & dizia que galinhas brancas antre pretas pareciao muyto mal. E outras cousas, em que mostraua criar algua malicia cõ treles, como despois se affirmou.

## CAPIT. IIII.

De como dom Jorge de menes foy sobre a cidade de Tidore.

Neste tempo se acabarão húas tre goas que auia antredom Jorge, & Fernão dela torre, & assi antre os reys que seguião estes doux capitães. E acabadas as tregosas, ná quis Fernão dela torre assentir outras por conselho del rey de Tidore, & do gouernador de Ielolo, que tinha tudo prestes pera renouar a guerra com que esperaua de se fazer de todo senhordo Morro, que he a melhor cousa daquelas partes, & por isso fazia esta guerra. E mādou logo lá sua armada, pera que tomasse os lugares que lá tinha el rey de Ternate: & el rey de Tidore mandou outra. E ainda que Cachil doroes tinha bē prouidos os lugares del rey de Ternate, mandou també sua armada, em que forão algūs Portugueses. E andando lá, encontrouse Cachil rade gouernador de Tidore, capitão de húa grossa armada com seys corascoras da armada de Ternate. E despois de os ternates pelejarem muy esforçadamente, forão desbaratados por Cachil rade: que matou & ferio muytos deles, & mais prendeo hú mouro principal de Ternate capitão de húa cora cora, que tomou com quantos hião nela, que mādou despois matar muy cruamente. E ficando

os Ternates, & os Portugueses que os ajudauão assidesbaratados, acolheráse a terra: & mandarão recado por mar a dō Jorge de seu desbarato. E que os ímigos estauão muito poderosos, porque a fora estar lá a principal gente de Tidore, andauão coela coréta Castelhanos, q a faveencia muyto, & se ná fosse hú grosso socorro, q serião cedo senhores do Morro. O que sabido por dom Jorge, ficou muyto ledo, porque vio que tinha muyto bō tempo pera destruyr el rey de Tidore, & desbaratar Fernão dela torre, q nāo teria consigo mais que ate corenta Castelhanos, & el rey de Tidore muy pouca gente, & essa nāo bem vsada na guerra, pelo que determinou de ir a Tidore. E calando isto consigo, disse a Cachil doroes que era necesario destruyr e aquelas armadas de seus ímigos que andauão no Morro, & ajūtarem todo seu poder, & ho de seus amigos. O que parecendo bem a Cachil doroes, mādou logo recado aos Sangajes & capitães da illa de Ternate, & a el rey de Bachão, que acodissem com sua gente: o que logo fizerão, porque tinham pouco que fazer em a ajuntar. E chegados a Ternate, scm dom Jorge dizer nada do que determinaua, mādou armar os Portugueses, que erão cento & viinte todos elcolhidos. E leuando suas trombetas & ata bales, deu mostra a el rey de Bachão, & a Cachil doroes, & aos outros, que folgarão muyto deos ver. E ele tambéderão mostra da sua gente a dom Jorge, que por nāo saber certo quanta era ho nāo digo, mas era muyta & bem arma-

da. E logo ali se apartou dom Jorge co ho alcaç de mór, & com ho seytor, & outros Portugueses principais, & com el rey de Bacháo, & Cachil darioes, & díscilhes. Que bem sabião que a guerra que tinhão auia tão tempo, & de q recebião tantas opressões, toda na ciada cidade, & ilha de Tidore. Cujo rey a forra ter grande poder de gente de seu rey, & no tinhia ho fauor & ajuda dos Castelhanos que se tinhão fortalecidos em sua terra com fortaleza prouida de muyta & boa artelharia, com que ficaua ainda mais poderoso. E que ele nunca vira ho tempo tão desposto pera ho destruyr como aquele, por a sua principal gente da guerra ser fora, & assi a mayor parte dos Castelhanos, pelo que não auia que defendesse a terra, que destruida ficarião em paz, & não aueria quem lhe fizesse mais guerra: porque el rey de Geilolo não a podia fazer sem ajuda del rey de Tidore, & dos castelhanos. Ouuido isto polos circunstantes, ho primeyro que deu seu voto foy el rey de Bacháo, por ser ho principal. E disse, que lhe parecia muyto bem irem sobre Tidore, & destruyla, & ho mesmo disse Cachildarioes, & os Sangajes & capitáes q hiesta- uão. Mas os Portugueses, que como tinhão fazenda que lograr, não quererão arriscar as vidas em pelejas, forão os mais contra estes pareccres, dizendo: q ainda que parecesse que em Tidore auia pouca gente, q não auia dc ser tão pouca, que com a artelharia que tinhia não defendesse ho primeyro combate dos Portugueses, que não erão tantos, nem

kuauão tanta gente, que do primeyro lanço leuasssem nas mãos húa cidade tão forte como era Tidore, nem menos a fortaleza dos Castelhanos que estaua dentro. E que ficando a combates, aue- rião tempo pera a gente que andaua dar mada no Morro, & a de Geilolo lhe ir socorrer: & ajuntandose toda, os pode- rião desbaratar, ou sabendo como a for- taleza de Ternate ficaua soo a irião to- mar, & usarião do seu ardil: por isso lhes parecia que não deuia deir a Tidore. O que ouuido por dom Jorge, ficou tão agastado de os Portugueses serem de vo- to que não fossem a Tidore, dizendo os moutos que si: que se leuantom, dizendo que não auia de perder a merce que lhe nosso Senhor fazia, em lhe dar vitoria de seus immigos com tão pouco trabas lho & perigo, como sabia que auia de ter. E logo entregou a fortaleza a Go- mez aires alcayde mór, com que deixou algüs Portugueses forados cento & vin- te que disse. E pedio a el rey de Bacháo & a Cachildarioes, que logo sembarcassem com sua gente, que ele assi ho auia de fazer: & auia de partir aquela noyte antes que se rompesse óde hião, porque queria tomar os immigos dc supito. O que lhes parecio muy bem, & logo se embarcarão, & assidó Jorge: com que os Portugueses hião demuyto má vóta de, o que ele entendia mas dissimulaua. E embarcouse em hú batel grande bem artilhado, & com Jorge de Castro em hú paráo malabar. E os Portugueses q não couberão coeles, se embarcarão cõ el rey de Bacháo, & com Cachil darioes,

&amp; par-

& partiose vespera de sam Simão & ju-  
das passado hú pedaço da noyte. E ao  
outro d.i, que era dia destes dous Apo-  
stolos, em amanhecendo chegou ao por-  
to de Tidore: que he húa cidade grande  
hú pouco afastada do mar, cercada de  
húa tranqueyra de duas faces em lugar  
de muro.

## CAP. I T. V.

¶ De como dom Jorge de meneles tomou  
a cidade de Tidore.

**C** Hegado dom Jorge ao porto de Ti-  
dore, assentou logo coesles capitães  
& pessoas principaes de dar na cida-  
de. E que entretanto que fosse parela, fi-  
casse dom Jorge de crasto no paráo em  
que hia: & com ho camelo que leuaua,  
& com ho outro q hia no seu batel des-  
se bateria a hú baluarte que alie estava, &  
deixou coele quinze Portugueses, & al-  
gús mouros de Ternate. E ele com a ou-  
tra gente desembarcasse & fosse dar na  
cidade, que era dali a hú pedaço. E porq  
auia o dir por antre aruoredo, acordouse  
que fosse diante descobrindo a terra hú  
Vasco Lourenço, muyto valente caua-  
leyro, com que irião doze Portugueses:  
& logo á sua vista hú Dinis botelho cõ  
outros tantos. E desembarcado dô Ior-  
ge com toda a gente leuando esta ordé,  
abalou pera a cidade, onde assi nosmou-  
ros como nos castelhanos auia grande  
sobresalto, & muyto gráde medo: por-  
que Cachil rade ho gouernador de Ti-  
dore, que era muyto esforçado, & sabi-  
do na guerra não estaua na cidade, que  
andaua no Morro com a principal géte  
dela, & el rey era ainda moço que não

sabia pelejar. E Fernão dela torre ho ca-  
pitão mórdos castelhanos també estaua  
desatinado, porque alem de saber pouco  
da guerra, & nunca se ver nunca em ou-  
tra tal como aquela, achaua sc com no  
mais de coréta & dous castelhanos, que  
os outros erão todos fora. E ele não se en-  
tendia com os mouros, né eles coele: pe-  
lo que auia em todos muyto grande es-  
panto. E com tudo Fernão dela torre  
mandou assestar algüs berços sobre ho  
muro, principalmente daquela parte dô  
de hia dom Jorge, & mandou tirar coe-  
les, & tirauão muyto amiude. E chegá-  
doseos Portugueses mais, começárao os  
castelhanos de mesturar espingardadas,  
& com húa passarão a rodela a hú Por-  
tugues, & ho ferirão na mão esquerda.  
E como eles hião todos, ou os mais de  
má vontade a esta guerra, abastou esta  
ferida pera os espantar, & impedir que  
não passassem auante, & deteueráse. O  
que ouuerade ser causa de morreté muy-  
tos se lhes nosso Senhor não acodira,  
porque como estauão juntos, poderálhe  
as espingardadas dos ímigos fazer muy-  
to dâno. Mas nisto chegou dom Jorge  
& começou de bradar, que se chegassem  
ao muro, & eles não derão por isto, &  
deixarásse estar quedos. E como ele era  
muyto esforçado, passou a diante com  
húa espada dambas as mãos, dizendo.  
Que pois não querião pelejar, que ele  
queria ser ho primeyro que recebesse a  
morte, antes que padecer tamanha ver-  
gonha. E dizendo isto, & chamado por  
Santiago, remeteo a hú portal que esta-  
ua na tranqueyra por onde os de den-

tro se seruião. E em abalando que hia perto da traqueyra hū Castelhano cha mado Pero deramos, que estava em ci ma com Fernão dela torre, & cō outros: lhe disse, Senhor dom Jorge, agora ve remos. E dizendo isto, desfechou húa es pingarda nele. E quis Deos que lhe deu na espada, & resualando dahi ho pe louro, lhe deu na cabeça: & por ter capa, cete, & ho pelouro ir fraco lhe não fez nada. E logo dom Jorge carrou com a tranqueyra, & por ser aleijado do braço dereyto não se pode guindar acima, o que prouou de fazer por ser muyto li geiro. E em ele chegando ao muro, che garão Vasco Lourenço, Dinis botelho, Vicente dafonseca, Francisco pirez, & outros que abalarão coele. E neste tem po os Castelhanos nā fazião senão tirar, hūs com espingardas outros com béstas & outros com pedras & lanças. Poré os Portugueses não dando por isso, esforça dos por dom Jorge se chegarão sem me do a tranqueyra, & mais vēdo dom Jorge em cima, porque como Vasco Lourenço, Vicente dafonseca, & os outros forão coele, ele os ajudou a sobir, & assi eles tambem ajudarão a ele, dan dolhe decima as mãos. E em quanto se isto fazia era a peleja muy braua, por que vendo os Castelhanos que os entraão, traballhauão quanto podião por não perder a tranqueyra, & os Tidores lhes ajudauão muy bem, de que forão mortos bem cincuenta: q como os Portugueses & os mouros que os ajudauão erão muytos, entrarão a tranqueyra. E entrada, não poderão os Castelhos, nem

os mouros resistir aos Portugueses, & os Tidores se recolherão pera a cidade, & Fernão dela torre com os Castelhanos pera a sua fortaleza, leuado os mais feridos, & ficando dous mortos & quatro presos. Edom Jorge foy com sua gé te seguindo os Tidores, ferindo & matando muytos, ate os deitar da cidade, & de volta coeles se foy ho seu rey.

C A P I T . V I .

¶ Do concerto que fizerão dom Jorge de menses, & Fernão dela torre.

**A**Vida por dō Jorge esta tão ilustre vitoria com sōmente lhe scrirem tres Portugueses, mandou recado a dom Jorge de Crasto, que se fosse logo á cidade co os Portugueses q ficarão coele. E ele chegado, foy a cidade saqueada & despois queymada, no que se gasta ria ate vespera, porq como as casas erão de madeyra ardeo muy asinha. E despois disto assentou dom Jorge de combater a torre dos Castelhanos, a que cha mauão fortaleza, que como disse era cidadade caua. E primeyro que ho fizese, escreueo húa carta a Fernão dela torre: em que dizia, que lhe pedia muyto, & requeria da parte do Emperador, que se entregasse: & que não fosse causa de mais mortes dos Christãos, porque bem via ho estado em que estava, & quam pouco remedio tinha pera se defender. & q se se quisesse entregar a ele, & aos que estauão coele seguraua as vidas, & as fazendas. E esta carta lhe mādou por hū seu escrauo que forrou pera isso: & da torre sayo ho alcayde mōr q se chamaua monte mayor a tomar esta carta.

Elida por Fernão dela torre, mandou dizer a dom Jorge pelo mesmo Monte mayor, que não se auia dentregar por mais seguros quelhe desse: mas que lhe daria a galeota que fora tomada a Fernão Baldaya com toda sua artelharia, & a ilha de Maquiem, & que não ajudaria mais cōtra os Portugueses a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo, né lhes faria guerra. E que ficando em paz, & amizade, ele dom Jorge se tornasse pera Ternate. Ao que dom Jorge respondeo, que não fora sua ida por tão pouca causa: & pois assi queria, que sua fosse a culpado dâno que recebesse. E partido móte mayor coesta reposta, abalou dō Jorge apos ele com sua gente, toda feita em dous fios como procissam, porque a artelharia da torre dos castelos a não podesse pescar. E diante hião algúas peças d'artelharia em carretadas, que forão tomadas em hú baluarte, & assi escadas & muitas panelas de poluora. E vêdo Fernão dela torre este aparato, & a muita gente que dom Jorge leuava, determinou de se entregar. E auido seguro de dom Jorge peralheir falar, sayo datorre com a melhor gente que tinha. E saístado hú pouco dela, & dō Jorge da sua, se falarão: & assentaráo que Fernão dela torre desse a dom Jorge a galeota, que fora tomada a Fernão Baldaya, com toda a artelharia, & os catiuos. E que logo ao outro dia Fernão dela torre se fosse pera a cidade de Camafo com os Castelhanos que ho quisessem seguir, & ali estaria sem fazer guerra aos Portugueses, né a el rey de Ternate, né a el rey de

Bachão, nem a nenhūs amigos dos Portugueses. Nem farião cravo, nem irião a nenhūa das ilhas em que o auia: & q tornarião a ilha de Maquié a el rey de Ternate. E contra ele, nem contra el rey de Bachão ajudarião el rey de Tidore, nem el rey de Geilolo: & pera sua embarcação dom Jorge lhes daria ho bargantim que fora del rey de Geilolo, & mais tres corascoras pera ho acompanharem ate Camafo: & que dem Jorge lhes não faria mais guerra, nem a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo. E isto se goardaria ate el Rey de Portugal, & ho Emperador mandaré ho contrayro. E depois de ambos de dous darem conta disto a sua gente, do que todos forão contétes: fizerão ambos por escrito húa capituloção desta paz, que jurarão de comprir, & goardar, & a assinarão cō algúas pessoas principais.

## C A P I T . VII.

Do que se fez dom Jorge de meneses despois deste concerto.

Eyto este concerto, logo dczoyto, ou dezanoue Castelhanos disserão que querião ficar com dom Jorge. E Fernão dela torre lhos entregou, & cō os outros q scrião vinte, se tornou á sua torre a fazer prestes pera sua partida, q foy ao outrodia, leuando toda sua fazenda, & a do Emperador, & dō Jorge mádou coe tres corascoras da armada de Cachildaroes. E indo seu caminho pera Camafo, q he no Morro, toparão q̄ tro corascoras, em q̄ hia ho gouernador de Geilolo: & quádovio o Bargáti, cuidou q̄ era de Portugueses, e por isto ná ousou

de os cometer: & dissimulado, passou a-  
uante sem mais querer saber quem hia  
ali. E chegado a Geilolo, soube o que  
dom Jorge de meneses fizera em Tido-  
re, & que no bargantim que topara hia  
Fernão dela torre com os castelhanos, &  
as corascoras erão de Ternates, que lhe  
dauão goarda. E auendo ho gouerna-  
dor aquilo por injuria, armou logo dez  
corascoras, & foy senelas, pera por for-  
ça tomar os castelhanos aos Ternates,  
& os leuar a Geilolo, onde lhe parecia q̄  
estarião melhor que em Camafo: & par-  
tido, nunca os pode achar, & tornouse.  
E chegado Fernão dela torre a Cama-  
fo, tornarāse pera Tidore os Ternates q̄  
forão coele. E algūs castelhanos q̄ esta-  
uão em Geilolo, como souberão q̄ esta-  
ua em Camafo, lhe escreuerão que fosse  
pera Geilolo, porque lá estaria melhor,  
por ser Camafo del rey de Tidore, que  
era ja amigo dos Portugueses. E tanto  
fizerão coele, que depois se foy pera Gei-  
lolo, & quebrou o que tinha prometi-  
do, & jurado. E dom Jorge de meneses,  
que ficou em Tidore, despois de parti-  
do Fernão dela torre, assentou paz com  
el rey de Tidore, com códicão que auia  
de pagar certos bahares de crauo cadá-  
no de pareas a el Rey de Portugal, & q̄  
auia de destar certos Portugueses em Ti-  
dore, pera lhe ensinarem os nossos co-  
stumes, & não auia mais a ajudar os Ca-  
stellhanos contrele, nem aos mouros. E  
estando aqui dom Jorge, apareceo ao  
mar hū jungo de Bāda, & Damboino,  
em que vinham cento & cinco éta mou-  
ros, que ho leuauão carregado de rou-

pas, & de mantimentos peradarem por  
crauo em Tidore, cuydando que estaua  
em sua prosperidade. E sabendo dom  
Jorge donde era, mandou a dom Jorge  
de Crasto que ho fosse tomar, & ele foy  
em hūa galeota. E sabendo os mouros a  
destruyçāo de Tidore, & a ida dos caste-  
lhanos, não ousarão de pelejar, & entre-  
garāse adom Jorge de Crasto, que os le-  
uou no jungo á cidade. E dom Jorge de  
meneses lhe fez merced do jūgo, em no-  
me del Rey de Portugal, assi porque ho  
tomara, como porque auia de ficar em  
Tidore, pera arrecadar ho crauo que el  
rey auia dedar. E deixando coele coré-  
ta Portugueses, & Cachil darioes com  
sua armada, se partio pera Ternate, le-  
uando duas galeotas dos Castelhanos,  
& algūa artelharia, & assi a galeota  
que elles tomarão a Fernão Baldaya  
com sua artelharia, & muyta pol-  
uora, & muytas munições, & ho  
maçame, & ancoras que forão da nao  
de frey Garcia de loais. E bem vingado  
dos dános que receberados castelhanos,  
& comprido o que dissera, que auia de  
ser ho cão que os auia dapanhar dū boca  
do, chegou a Ternate, onde foy recebi-  
do com grande festa. E ficou em muito  
credito com a gente da terra, & dali a al-  
gūs dias chegou dom Jorge de Crasto  
de Tidore, onde deixou tudo acabado.  
E no Ianeyro seguinte se partio pera  
Bāda cō determinação de se tornar á In-  
dia, como tornou, & leuou algūs Castel-  
hanos p mādado de dō Jorge de menes-  
ses q̄ sabédo como Fernão dela torre se  
foy de Camafo pera Geilolo cōtra a ca-  
pitula-

pitulação que tinhão feita, lho manodu estranhar. E Fernão dela torre deu por desculpa, que ho fizera por força: & porrem que no mais goaadaria a capitulação, & assi ho fez.

## C A P I T . V I I I .

¶ De como Antonio da silueira de meneses destruyo currat & Reynel.

**P**artido Antonio da silueira cõ sua armada, foy ter a Chaul, donde se partio pera a costa de Cambaya, q̄ le da banda do sul, onde auia de fazer a guerra. E começou logo em h̄u lugar chamado Reynel, ho principal daquela banda: que está quatro legoas do mar, por h̄u pequeno rio acima, que vay em voltas per h̄u campo assentado na borda do rio. He abastado de trigo, & darroz, que se colhe naquele campo, em q̄ hamuyta caça daltenaria. Ho lugar he grande, & raso, & bē arruado: tem boas casas de pedra & cal, de muytos sobrados, & mayto polidas. Seus moradores sam todos mouros Neiteás, & os melhōres caualeiros de Cambaya. E daqui hia a principal gente pera as fustas de Diu, & assi pera os exercitos del rey de Cambaya, que tinha por fronteyro ho capitão deste lugar contra Nizámaluco, & estava hi outro. E chegando Antonio da silueira á foz deste rio de Reynel, quā a vio tão estreyta, não quis entrar sem sondar primeyro ho rio per si mesmo: & achou que ficaua seco delemuya parte com baixa mar, pelo que não podião entrar os nauios grandes que deixou de fora com gente que os guardasse, & por capitão mōr Manuel de vasconcelos: &

nos catures, em que leuaua sete centos soldados, entrou pelo rio acima. E de caminho quisera darem outro lugar, grāde & nobre, chamado currat, que estaua pelo mesmo rio h̄ua legoa antes de Reynel, & achouho despejado. E desembarcando com sua gente, em h̄u dia & h̄ua noyte ho queymou todo, quene nh̄ua casa ficou em pé: & as ortas & pal mares darredor forão todas cortadas & destruidas, & queymadas muitas cotias carregadas de mantimétos, que estauão pera ir a Diu. Feyta esta destruyçāo, partiose Antonio da silueira pera Reynel, que parecia da outra banda do rio, que por fazer grandes voltas estaua h̄ua legoa de currat: de cuja destruyçāo sendo seus moradores certificados, se fortificaro com h̄ua tranqueyra a borda dagoa em que assentaraõ muyta & boa artelharia que tinhão, a mais della de metal. E nas bocas das ruas fizerão outras, em q̄ tambem assentaraõ artelharia: & quatrocentos de caualo, se sayrão ao campo a esperar Antonio da silueira. E muytos destes crão acubertados, & todos armados de laudeis, deles enlaminados de laminas de ferro, & outros forrados de malha pelos peytos, & mangas, & terçados nas cintas, & nas mãos dous & tres zagunchos, & nos arç̄es seus arcos & coldres de frechas, que bē parecia gente de feyto. E assi esperarão os Portugueses, que hião pelo rio acima tangendo suas trombetas, & dando grandes gritas, porque os immigos soubessem que os não temião. E ele sem se os nossos descobrindo, que a artelharia podia jugar

jugar descarregáão húa grande curriada de bombardadas, que parecia húa toru oada muy espantosa. E continuando, parecia que tirauão em roda viu tantos & tão bastos erão os pelouros. E foy milagre de nosso Senhor por sua bôdade, que nenhû não acertou em homé, & todos hião por alto. E sendo hú tiro de bêsta abaixo do lugar, defrôte dô de estauâ os de caualo desembarcou Antonio da silueira cõ toda a géte, por não desembarcar nas bocas das bôbardas da trâqyra & pera dali ir dereyto ao lugar. E porq creo q os de caualo ho cometerião, ordenou sua gente, & deu a diáteyra a Manuel de sousa, cõ que hião os mais dos espingardeyros, q em desembarcado fizerão rosto aos de caualo, desparando suas espingardas, de q eles parece q ouuerão medo, & recolherâse ao lugar sem peleja, porq lá esperauão de se defender com a artelharia q tinham nas bocas das ruas. E assi ho fizerão, q em os Portugueses aparecendo começarão de tirar coela: mas né por isso eles deixarão de chegar, saltando dû cabo pera ho ou trô, & abaixádose q lhe não acertassem os pelouros, como não acertarão. E chegando ás tranqueyras, acharão grande resistécia nos mouros, q erão muitos & esforçados, & pelejarão hú pedaço ate q os entratão pela rua principal, & forão os primeyros Ioão jufarte tição Dâzinhaga Ruy boto de lima, dô Diogo vilançuela, Gonçalo vaz coutinho, Frâscico da silua, Baltesar lobo de sousa, & ou tros fidalgos ate dez: & estes mostrarão aqui bê sua valétia, por naqla rua estar

ho mayor peso da gente. E assi como se estes desbaratarão, logo a gente das outras se desbaratou, & fugirão todos, ficando coréta mortos, & dos Portugueses tres, & algûs feridos. Antonio da silueira os não quis seguir, & poêdo goar dada bâdado sertão, mádou saquear ho lugar, em q as mais das casas erão lauradas de macenaria, & douradas, & catesdourados & laurados de pedraria baixa, & outras alfayas tão polidas & ricas: que ate muytos falcões que se acharão em alcandaras tinham os caparões dourados. E bê parecião de gente rica, q assi era a q ali moraua, por ser dos principaes lugares de q tratauão pera a China. E assi acharão muyta mercadoria, de que auia casas cheas: principalmente de cobre, & de marfim, & de porcelanas, & doutras couzas de muita valia, de os nossos carregarão os catures ho mais q poderão: porq carregauão pouco por amor do peso da géte que auia dir neles, que se forão nauios grâdes, quantos ali hião ficarão ricos pera sempre, porque não tinha coto a riqueza que ali auia de muitas couzas q não digo. E temendo Antonio da silueira q lhe carregassem os catures, q não podessem nadar, mádou poer fogo ao lugar, & esperou a noyte seguinte, q ardeo todo sem ficar coufa que se podesse enxergar. E forão queymadas vinte naos, & muitas coisas todas carregadas de mercadoria, & de madeyra, & a terra ao derredor foy toda destruida como em currate. E deixando tudo destruido a fogo, & a ferro, embarcouse: mandando primey-  
ro

ro deitar na mayor altura do rio a arte-  
lharia que não pode leuar, q̄ soy muyta,  
berços & falcões, & todos de metal. E  
chegado á barra, achou q̄ tomarão os q̄  
ficauão na armada seys cotias que hião  
pera Diu carregadas de mātimētos, &  
queymarão outras muytas carregadas  
de madeyra, q̄ em Diu fizerão grande  
mingoa, pola necessidade q̄ tinha de tu-  
do. E as nouas dadestruyçāo destes dous  
lugares fizerão grāde espanto, assilá co-  
mo em toda Cambaya, porque por esta  
rem tão longe do mar, & os caualeyros  
de Reynel terem tanta fama, se esperaua  
que nūca os nossos lá fossem. E a gen-  
teda terra andaua toda pasmada, porq̄  
vião que se não podião segurar se não  
bē metidos no sertão. E deixando An-  
tonio da silueira muito grāde terror ne-  
sta comarca, por começar de se chegar  
ho inuerno se partio pera Chaul.

## C A P I T . IX.

¶ De como Antonio da silueira destruyó Damão, &  
Agacim, & outros muitos lugares de Cábaya.

**E** Indo sempre ao lôgo da costa pera  
a destruir, soy ter a Damão hū lu-  
gar muy grāde na pôta da enseada  
da banda do sul cō húa fortaleza de mu-  
ro de largura do yto pés quadrada, &  
em cada quadra hū cobelo, & a porta  
chapada de metal, em que el rey de Cá-  
baya tinha géte de guarinçāo, que fa-  
bendo a destruiçāo q̄ os Portugueses fi-  
zerão em currat & Reynel, & como  
tornauão não ousarão despeir, & fugi-  
rão. E os do lugar lhes teuerão com-  
panhia, tirando primeyro suas fazēdas: &  
por isso os nossos não acharão aqui com-

qué pelejar, & queimarão, & destruirão  
tudo na terra, & no mar muitas naos, &  
cotias carregadas de mantimentos, &  
mercadorias. E indo daqui pelo rio aci-  
ma, queymarão muitas aldeas: em que  
acharão húa nao grande q̄ se fazia pera  
Meca, q̄ també soy queymada, & forão  
catiuas muytas almas. E tamanho era  
o medo na géte, principalmēte na mez-  
quinha, q̄ desemparauão os lugares em  
q̄ morauão, posto que fossem lôge do  
mar, & hiâse pera mais longe. Destrui-  
da esta comarca de Damão, partiose An-  
tonio da silueira pera Agacim, outro lu-  
gar grande, por hū pequeno rio acima  
na volta que a costa faz pera Chaul, em  
q̄ áuia cinco mil & quatrocétos homēs  
de peleja: os cinco mil de pé, & os quatro  
cétos de caualo, géte esforçada, & q̄ espe-  
raua de se defender. E por isso Antonio  
da silueira determinou de os cometer,  
pera o q̄ desembarcou na costa hū quar-  
to de legoa do lugar, por ho rio ser pe-  
queno & baixo: & mandou diante Ma-  
nuel de sousa cō céto & cinco céta espin-  
gardeyros, acópanhado de muitos fidal-  
gos, & ele hia nas costas. E chegado per-  
to do lugar, acharão os de caualo no cá-  
pô, & os de pé no lugar. E os de caualo  
posto que vião chegar os Portugue-  
ses não os fairáo a receber, & deixarâse  
estar apinhoados. O q̄ vendo Manuel  
de sousa, deu Santiago neles, & então co-  
meçarão de bolir, remetêdo aos Portu-  
gueses: q̄ os tratarão muyto mal cō as  
espingardas, com que detribuão treze:  
de q̄ eles ouuerão tamāho medo, que  
a cabo de pouco que pelejauão fugirão,  
deixan-

deixando cinco Portugueses mortos. Os de pé tanto q̄ os virão fugir fizerão o mesmo, sem receberé tanto mal como receberão se ho lugar não teuera naq̄la parte mais q̄ h̄a s̄o étrada muito estreito, pelo q̄ os Portugueses se deteuerão em entrar: & por isto não poderão alcáçar dos imigos mais que ate duzetas almas, que matarão & catiuarão. E ho lugar foy todo destruido a fogo & a ferro, assi casas como aruores, & cotias, q̄ auia muitas carregadas de mantiméto, & madeyra, q̄ se leua daq̄las partes pera outras de Cambaya, & pera ho estreyto. Estando Antonio da silueira pera se embarcar, tres Portugueses que ficarão em terra desmádados, forão cometidos de certos mouros de caualo, q̄ os poserão em tanto aperto q̄ os fizerão apartar, & dous fugirão por acerto pera onde staua Antonio da silueira, a q̄ ele a codio, & os recolheo. E ho outro, q̄ se chamaua Pedraluarez do geito, tomou mais desuiado seguindo tres mouros de caualo. E vendo ele q̄ não podia escapar virou a eles, & derribou h̄u morto q̄ vinha diante: o q̄ vendo os outros fugirão, & ficando liure, se foy embarcar em paz. E dali se foy Antonio da silueira a h̄ua ilha chamada Bombaim pega da cō a costa, pera dali arrecadar as pareas de Taná, Bandorá, & Caranja, que Eytor da silueira fizera tributarios, como disse no liuto sexto: q̄ eles logo pagarácō medo de seré destruidos como os outros, em q̄ se fez a espátofa destruição q̄ disse, não sómente neles, mas em muitas aldeas q̄ ha pora q̄la costa, q̄ he-

muy pouoada. E nesta guerra queymará os nossos trezetas velas antre naos grossas zambucos, & cotias carregadas de fazéda, de madeyra & de mantiméto. Em que fizerão muyto grande perda, assi a Cambaya como ao estreito, & forão q̄ catiuas muitas almas, de que a el Rey de Portugal vierão céto & cincoéta, bós pera remeyros. E esta foy a mais aspera guerra q̄ ateli foy feyta a Cambaya, & de q̄ recebeo mais perda, & os nossos receberão mais proueito: porque todos os daq̄la armada forão ricos, & el rey de Cábaya a sentio muyto. E nesta ilha ficou Antonio da silueira algūs dias pera arrecadar as pareas como disse.

## C A P I T . X .

¶ De como ho capitão del Reynel desbaratou a Frá cisco pereyra de berredo, capitão da fortaleza de Chaul.

Fazendo Antonio da silueira esta guerra naq̄la costa, a fazia el rey de Cambaya a Nizamaluco señor de Chaul vassalo del Rey de Portugal. E isto por seus capitáes, q̄ lhe tomarão & q̄ymará muitos lugares de seu señorio & ele andaua fugindo dū cabo pera ho outro, & por isto os imigos se espalhará por sua terra. E h̄u destes capitáes, q̄ era ho de Reynel sabédo a destruição q̄ os nossos fizerão em Reynel, por vingáça determinou de queymar Chaul dos mouros, parecendolhe que por serem amigos dos Portugueses se vingaua, & partio pera lá cō cinco mil de caualo, & doze mil depé. E mandou diante algūs q̄ fossem ver a disposição da terra, & estes chegarão jūto do lugar. Onde logo foy grande aluoroço, & derão re-

cado

gado na fortaleza q lhe acodisse. E accroutouse q estaua hi Fernão de moraes, que hia em hū Galeão pera Ormuz, & accodio logo cō sua géte, & assi algūs da fortaleza. E acharão ja os ímigos antre as ortas de Chaul, & pelejará coeles, & os fizerão fugir, ficado mortos tres de caualo. E ficado ho lugar seguro por aqla vez, se tornou Fernão de moraes pera a nossa pouoação. E ao outro dia forão estes principaes de Chaul dos mouros requerer a Fráscico pereyra de berredo capitão da nossa fortaleza, q fosse buscar os ímigos q estauão perto, & os lançasse de todo forta d'terra, porq lhes nā queimassem o lugar: & q era obrigado a defendelos pois Nizamaluco era tributario a el Rey de Portugal. O que os q estauão com Fráscico pereyra, lhe cōfeliharão q fizesse. E ele ho fez, & sahio da fortaleza cō cincoenta de caualo, & cento & cincoéta espingardeiros de pé: & foy em busca dos ímigos ate chegar a hū passo mea legoa alem de Chaul, q se chama Argao: que he tão forte q cincuenta homens ho podé defender a todo mudo. E chegando ali não parecião ainda os mouros, pelo q teue que erão fugidos de todo, & se quisera tornar pera a fortaleza. E assi lhe disserão algūs q ho fizesse, porq ele não era obrigado a ir buscar os ímigos tão lóge da fortaleza: & pera defender Chaul abastaua acodir lhe se os ímigos tornassem, & quanto mais perto pelejasse da fortaleza, tanto mais pelejaria a seu saluo. Outros disserão, que deuia de passar auáte & ir buscar os ímigos, & pelejar coeles: porq

se tornasse sem ho fazer, q pareceria fraqueza, & q ficaria em descredito com a géte da terra. E tāto ho apressarão estes q ho fizerão passar auáte a outro passo, dōde mādou quatro de caualo a descobrir a terra. E estes lhe mandarão dizer q não parecião os ímigos, q fosse auáte, & não perdesse aqla honrra, q lhe querião roubar os que lhe confelhauão que não fosse, & coisto foy. Esaindo a hū campo acharão os ímigos, q estauão no cabo dele deitados ao pé de hūa serra: q logo se leuantarão em os nossos parecēdo. E quando Fráscico pereyra vio tão grossa gente, achouse embaraçado: & mais porq os ímigos de caualo pegan logo cō os nossos de caualo q hião diáte. E por os mouros seré tão grossa gente, os não poderão sofrer, & recolhiāse quāto mais podiāo muito apressados dos ímigos, que os apertauão rijo: & por isso Fráscico pereyra se quisera recolher com os de pé a pressa com q se os Portugueses de caualo recolhião, & a grossa géte dos ímigos q vinha sobreles, é estā do cásados do caminho, por a calma ser muito gráde: começarão de desmayar, & desordenar-se. E em vez de se fazerem em corpo, & tiraré aos ímigos cō as espingardas, espalhāse & começao de fugir polas serras fora do caminho. O que vēdo os ímigos, começao de dar grádes gritas: & apertarão tão rijo coeles, q os desbaratārão a todos & fizerão fugir, assi os de caualo, como os de pé por esas serras por fora da estrada, com ho que

que receberão mais dâno: q se forão por ela como Francisco pereyra, & algúſ outros que teuerão coele em chegando ao primeyro passo se fizerão fortes, & resistirão aos ímigos cõ as espingardas, mas não ouue esse acordo. E assi forão os Portugueses fugindo ate a fortaleza, indo os mouros em seu alcáço, q mataráo deles oytenta de pé, & ferirão muytos, & queymarão Chaul dos mouros, de q matarão muytos. E chegarão tão perío da nossa fortaleza, que lhe queymarão ho arrabalde se não fora a artelharia que começoou de tirar. E cõ tudo cercarão a fortaleza, o que Fráſcico pereyra escreueo logo a Antonio da silueira, & q ho fosse socorrer. O q ele fez como vio a carta, & chegou no mesmo dia q partio, por não ser Chaul mais de cinco legoas de Bombaim. E chegando a Chaul, achou a terra toda cuberta de mouros, que cõ sua vinda se forão: & receando que tornassem, deixouse ficar em Chaul.

## C A P I T. X I.

¶ De como ho gouernador prendeo Francisco pereyra de berredo.

Partidas as naos da carga pera Portugal, de q foy por capitão mór dô Lopo dalmeida, despachou ho gouernador pera Malaca a Antonio da silua de meneſes capitão da nao do trato da India pera Malaca. E assi pera Maluco hú fidalgo chamado Góçalo pereyra, q tinha por el Rey de Portugal a capitania da fortaleza da ilha de Ternate, & coele outro fidalgo seu cunhado que auia nome Hanibal cernige q hia na sua subcessam. E por capitão mór do mar

de Maluco hú Bras pereyra sobrinho de Gonçalo pereyra. E ho gouernador deu a feytoria da fortaleza a hú Luys dandrade: & estes todos partirão de Co chim em Abril pera Malaca, indo em sua cõseria Antonio da silueira, & hú Lionel delima em húa galeota que hia tábé pera Maluco. E despachados estes, partioſe ho gouernador pera Goa a seys de Feuereyro, & é Baticala lhe foy da da húa carta Dantonio da silueira: em q lhescreuia ho desastre que acontecera a Francisco pereyra, & como ficaua em Chaul. E ho gouernador quisera logo ir a Chaul, & não foy por adoecer em Goa, & por iſſo escreueo a Antonio da silueira, queritasse a capitania a Fráſcico pereyra de berredo, & a setuisse, & lho mandasse preso a Goa, & q tirasse a inquirição sobre a desordé do Argao, & assi ho fez Antoni da silueira, & ficou por capitão de Chaul, & inuernará coelle seys cétos & cincuenta soldados, aq deu sempre decomer á sua custa, em q gastou tâto. E ficou tão indiuidado, que de pão cozido ficou deuendo tres mil pardaos a Ana fernandez, molher do bacharel Fernão Louréço, a qué ho ouui. E coesta gente segurou a fortaleza de ser cercada de mouros.

## C A P I T. X I I.

¶ De como Diogo da silueira queymou Calicut, & foy sobre ho lugar de Mangalor, & ho deſtruyó de todo.

Diogo da silueira, q ho gouernador deixou por capitão mór na costa do Malabar: foy por seu mādado ao porto de Calicut pa acabar as pazes que

que el rey de Calicut começara de fazer cõ Lopo vaz de sam Payo. E el rey não quis por húaliga que tinha feita cõ o Chatim de Mangalor, como direy a diante. O que vêdo Diogo da silueira, por se vin gar mādou poer fogo ao lāço da cidade que estaua aológo do mar, o que algūs Portugueses fizerão cõ panelas de poluora. A que os da terra logo acodirão, mas tolherállho do mar cõ a artelharia: & cõ tudo não arderão mais de duzetas casas, por não auer véto: que se ho ouuera, toda a cidade fora queimada. E vêdo Diogo da silueira que não auia ali mais que fazer, foyse pola costa queimando muytos lugares, & cortado os palmares, & outros aruoredos de que a gente se manté, que he a maior guerra que se lhe pode fazer. E sabendo quanto importaua ao seruço del Rey de Portugal, que a especiaria não fosse leuada a Meca: trabalhaua cõ grande diligēcia em goardar os rios daqla costa principalmente ho de Chale, em que sabia que estauão carregando algūs galeões de rumes despeciaria & droga pera ho estreyto, & assi muytos zábulcos & paráos grádes. E por que não podessem sair, logo dahi a poucos dias que foy na costa mādou a Nuno fernádez freyre que fosse surgir na boca do rio de Chale cõ a sua galeota, & cõ hū bargantim, que leuauão ambos sessenta homēs, & que goardasse que não saisse nenhūa das velas que estauão dentro. E pera estaré todos de melhor vóta de, os manteue quatro meses á sua custa, tendo continuamēte tanta abastāça de mantimētos que mandaua buscar a Cananor que nūca lhe faltauão. E ele cõ a outra

armada vigiaua os outros rios de maneyra que nūca pode sair nenhūa nao, & passouse a Moução: pelo que os mouros, & rumes descarregarão as naos & galeões & os vararão: & não quiserão cõprar tanta pimēta como lhes vêdião os gétios, & eles põr isso a forão véder na nossa feytoria de Cochim, & por esta causa foy muyta aqle anno. E sabendo Diogo da silueira que os mouros não podião aqle anno ir ao estreyto, determinou de ir sobre Mangalor como lhe ho gouernador escreuera de Goa que fosse: & pera isso lhe mandou mais bargátins & géte. E praticado Diogo da silueira este feyto cõ dom Ioão déça capitão de Cananor, por ser bē esperemētado na guerra assentarão que deuia dir. E partiose logo, leuado hūa armada de duas galeotas, hūa carauela & treze Bargátins, cujos capitães forão Nuno fernádez freyre, Manuel de vascócelos, Francisco da cunha, Ioão da silueira, Antonio de soufa, Gomez de souto mayor, Niculao jufarte, Aires cabral, Lourenço botelho, Afonso aluarez, o calafate de Goa, Ioão penaluo, Antonio fernandez, Frásciso de sequeira malabares, Diogo coresma & Antonio médez de vascócelos feitor da armada. E coesta armada foy ter sobre a barra de Mangalor, que he hū lugar grande do reyno de Narsinga metido obra de meya legoa por hū rio. E sobre le jūto cõ ho lugar estaua feita hūa casa forte de pedra, & cal como fortaleza com seus baileus ao derredor, de que se podia defender, & tinha muyta artelharia assentada da banda do rio pera o de ti-

nha húa seruëtia & outra pera o lugar. E hú pouco abaixo desta fortaleza da banda da terra estaua húa tranqueyra de duas façes entulhada de terra, em q̄ estaua húa estácia darelharia. E este lugar tinha arrendado a el rey de Narsinha hú gráde mercador gétio, a q̄ na sua lingoa chamão Chatim: & por seu gráde trato & riqueza se chamaua ho Chatim de Mangalor. E assi era ele ho mais rico Chatim de toda aq̄la costa de Goa ate ho cabo de Comorim, & que tinha mayor trato: & por ser amigo dos nossos podião suas naos nauegar seguras. E vendo el rey de Calicut que não podia carregar é seus portos pera o estreito, fez amizade coeste Chatim, & mādaua ali sua especiaria, & hi a carregauão os mouros de Meca cō dissimulaçā q̄ carregauão no porto de nosso amigo: & pagauão a el rey de Calicut os mesmos dereytos q̄ lhe soyão de pagar no porto de Calicut, & por isso cōtentaua ho Chatim. E hia este trato em tanto crescimento, q̄ assi era Mangalor escala de Meca, como Cochim de Portugal, pelo q̄ era muy perjudicial. E por industria del rey de Calicut, se fortaleceo ho Chatim da maneyra q̄ digo, & lhe mandou a artelharia, & á sua custa tinha ali géte de goarniçāo pa defensam do lugar, & da fortaleza: & isto esteue encuberto al gūs annos ate q̄ foy sabido pelo gouernador, q̄ por essa causa ho mandou destruir. E chegado Diogo da silueira á barra de Mangalor, mādou tomar lingoa, de q̄ soube q̄ ho Chatim fora auisado de sua ida per mouros de Cananor,

& q̄ esperaua por ele cō determinaçāo de se deféder, pera o q̄ tinha muyta géte de peleja, & assi soube ho sitio do lugar. E cō quanto vio q̄ era muyto forte, & a géte muyta em demasia pera a sua, q̄ não erão mais de q̄trocétos Portugueses, determinou de dar nele. E dando cō ta aos outros capitāes de sua determinaçāo, q̄ forão coela conformes: assentou coeles de dar no lugar ao outro dia. E porq̄ os paráos de Calicut curfauão ali muyto, q̄ ficarião na boca do rio a carauela & as duas galeotas peralbes defenderé a étrada le viessem, & cō os bargátils entrarião. E por se liurar do nojo q̄ a artelharia lhe podia fazer, desembarcaria hú pedaçō abaixo do lugar cō duzentos & coréta Portugueses, de q̄ oscento & vinte serião espingardeiros, & os outros q̄ erão comitres, bombardeiros, & géte do mar irião nos bargantins pera esbóbardear a fortaleza: porq̄ cuy dādo os imigos q̄ os cometião polo rio não acodissétatos a defenderlhe a entrada da terra. E destes iria por capitão hú Francisco dajora, porq̄ os capitāes auiaõ dir cō Diogo da silueira. E isto assentado, confessarāse todos aq̄la noyte, & encomendarāse a nosso Senhor, porq̄ o feyto era perigoso. E ao outro dia q̄ forão vinte sete de Março, de mil & quinhétos & trinta, em começando a maré abalarão pelo rio acima, & Diogo da silueira desembarcou ondestaua assentado. E seguindo pera ho lugar, pto dele acharão obra de doux mil dos imigos, que os esperauão em hú palmar. E em vendo os nossos derão húa gráde grita, desparádo

do muitas frechadas & algúas espingardadas. Ioão da silueira que leuaua a dianteira cõ os espingardeyros, mádou desfechar neles: & apertarános tão rijo, derribádo algúis mórtos, q̄ os fizerão recolher ao lugar. E eles recolhidos, quise ra hū seu bombardeiro dar fogo a artelharia da tranqueira: & quis Deos q̄ hū dos nossos lhe acertou cõ húa espingardada & o matou, & os nossos chegarão tam̄ asinha a tráqueira que a artelharia não pode tirar, & em chegado entrarão logo a tranqueira, que os ímigos não oufarão de resistir, & deles se acolherão à fortaleza, & outros ao lugar. E Ioão da silueira com ate sessenta dos nossos, tomou ao lôgo do rio pera a fortaleza: & no caminho achou húa mezquita ódestauão recolhidos muitos ímigos, q̄ se defederão cõ muito esforço. E logo no começo foy a peleja muito aspera, & muitos dos nossos forão feridos, porq̄ como a porta da mezquita era estreita, & eles querião entrar todos juntos descobriáse & feriámos. E estando neste conflito, hū fidalgo chamado Francisco de souza remeteo só á porta da mezquita, & leuou hū mouro nos braços, & matouho ás punhaladas. E coisto os q̄ defendião a porta se retirarão hū pouco para dentro, q̄ algúis dos nossos teuerão lugardentrar, & como hūs entrarão, entrarão todos. E a causa détraré despois de nosso Senhor, foy Fráscico de souza, q̄ doutra maneira a étrada da mezquita ouuera de custar muito. E entrados os nossos, todos os ímigos forão mórtos, q̄ nenhu escapou: & entretanto os q̄ fica-

uão cõ Diogo da silueira enxorarão ho lugar de todo, q̄ não ficou nele ningué. E todos cõ grande impeto, remete a cõ bater a fortaleza: em q̄ logo acharão grá de resistécia, porque os ímigos estauão muitos sobre os baileus, de q̄ arremesfauão panelas de poluora, & tirauão muitas pedradas, & algúas espingardadas, cõ que ferirão algúis dos nossos q̄ chegarão desmádados. Mas estes não durarão muito, porq̄ a nosla espingardaria lhes começo de tirar, & matádo algúis fez recolher os outros: & não oufarão de tornar ali mais por amor das espingardadas q̄ lhestirauão em apatêcêdo. E vêdose os nossos desapreslados de cima, buscarão maneyra pera entrar a fortaleza: & Ioão de souza lobo, & Diegaluares telez, & Francisco de barros de payua, acertarão dachar hū berço de ferro, q̄ tomando todos tres fizerão dele vay & vé, com q̄ arrôbarão hū poftigo da fortaleza por onde entrarão cõ outros a pesar dos mouros, q̄ lho defenderão pouca cousa, porq̄ os entauão ja por cima das paredes. E era a reuolta anteles muito grande por fugiré, porq̄ como forão étrados não oufarão despear mais, & fugirão pela porta do rio, a q̄ se lançarão pera se acolheré da outra báda, como acolherão muitos. E algúis forá mórtos, assi ao fugir pelos nossos, q̄ ádauá na fortaleza, como no rio pelos q̄ estauá nos bargáis, q̄ ja erá chegados. E átrestes foy morto o Chatí de húa espingardada, & dos nossos Deos se jalouuado não morreo nhū, sendo este hū feito muito perigoso, & em que os ímigos

pelejarão animosamente. Despejada a fortaleza, porq os ímigos não tornassē em qnto se roubasse, & os tomasse desa percebidos, mandou Diogo da silueira goardar as portas a seu hirmão Ioão da silueira, & a Manuel de vascócelos: & deu ho cargo de fazeré embarcar a arte lharia dos ímigos a Ioão de souza lobo, Diegaluarez, Martim vaz pacheco, & a Francisco de barros de payua: q a fizerão embarcar, & forão sessenta bôbar das, de que muitas erão grossas, & tres quartaos. E entretanto foy a fortaleza roubada, em q se achou muita soma de cobre, de coral & dazougue, & muitas graás, & veludos, & outras muitas mercadorias muy ricas de Meca: & muita poluora, & mantimétos sem coto. E disto foy a mayor parte queimada, porq vêdo Diogo da silueira q a gente se desmandaua em carregar muyto os bargantins, despois dembarcada a artelharia mandou dar fogo á fortaleza, q foy toda queimada se não as paredes da banda do rio por seré muyto fortes, & os nossos as derribarão á mão ate os alceces. E assi foy queimado todo ho lugar & treze naos q hi estauão varadas, & queimadas, & cortadas as hortas: de maneyra q parecia q nunca ali ouuera pouoaçao. E foy este hú muy notauel feyto por seré os nossos tão poucos, & de q el Rey de Portugal foy muyto seruido, assi por se lhe tolher q ná se leuasse mais dali pimenta a Meca, como por ser aqle lugar muyto forte & soberbo, q se não falaua em outra cousa. E ali tinha el rey de Calicut sua esperáça, & os

seus muy grande esforço, & colheita: & por sua destruiçao ficarão todos muy qbrados, & a terra ficou toda assombra da de medo dos nossos.

## C A P I T. XIII.

¶ Do que acontece a Diogo da silueira com Patemarcar capitão da armada de Calicut.

**D**Estsuido ho lugar, porq era cabo do verão, & Diogo da silueira ná auia de fazer mais q correr a costa, em q não se esperaua cousa perigosa, pelo q não tinha necessidade de táticas ve las, mandou perá Goa noue, & có as outras q erão sete se foy a Cananor. E no mesmo dia q chegou passou a vista Patemarcar capitão de húa armada de Calicut de sessenta paráos, q hia por arroz a Mangalor, não sabédo q era destruido. E auendo os nossos vista dele, determinou Diogo da silueira dir pelejar coele, posto q tinha tão pequena frota: & esta ainda carregada da presa de Mangalor, & sayo có húa galeota em q andaua, & có cinco bargáins por se ho outro estar descarregado, & tres ou quatro catures de Cananor. E mandou a todos q asserrassem có os mouros, porq trazião arte lharia, & se andassem ás bombardadas q os meterião no fundo. E indo coesta determinaçao achou ho véto trauesam & ficauão lhe os ímigos de balrra véto, pelo q os não pode affertar, somete hú dos catures por ser ligeiro passou auáte a remo. E quâdo os ímigos ho virão só o quiserá abalrroar. E é querédo voltar pa fugir, os q hião nele se cõcertarão tão mal q coçobrou, & afogarão se sete dos nossos q hião dentro. Ao q os mouros derão húa grande grita, & começarão de

de desparar muitas bombardadas, & de húa quebrarão hú braço a Ioáo da silueira, que andaua diante no seu bargantim. E vendo Diogo da silueira que por causa do vento não podia afferrar os ímigos, & que ás bombardadas lhe tinhão muyta auantagé por seré muitos, & trazeré os nauios desempachados: não quis perder tempo, nem gête, porque vio que era por de mais andar alicô tão poucos nauios & tão carregados. E tornouse a Cananor, & Patemarcar foy sua guia, & quando achou Mangalor destruido carregou em outra parte. E tornado Diogo da silueira a Cananor muito sentido pelo quelhe acontecera, mádou descarregar os bargantins, & a galeota. E cifados, & enseuados pera que ficassem mais ligeiros, leuando algúscatures de Cananor: que portodos erão onze velas, foyse a môte Delia esperar Patemarcar pera pelejar coele, & tornado ho foy logo cometer. E como ele então vinha carregado, & sentio a determinação dos nossos, pois ho hião ali esperar. E cõ ho espáto q tra zia do q achára feyto em Mágalor, não quis tomarse coeles, & trabalhou por se acolher cõ ho vento que lhe fazia pera isso. E os nossos os seguirão cõ grandes apupadas, & meterão no fundo seys paraos cõ a artelharia, & os outros fugirão & se forá a Calicut: cujo rey ficou muyto triste pela destruição de Mangalor. E vêdose desesperado de ter outra coheita como aqlla, quisera despois fazer paz cõ ho gouernador, q não quis por conhacer quâ mentiroso era, & quâ in-

côstante. E Diogo da silueira despois q lhe fugio Patemarcar, andou pela costa ate quasi a fim Dabril sem mais achar cõ quem pelejasse: & por entrar ho inuerno se foy a Cochim, onde inuernou.

## C A P I T . X I I I .

¶ De como Eytor da silueira foy por capitão mór ao cabo de Goardafum, & das presas que fez.

**A** Tras fica dito como Eytor da silueira partio de Goa a vinte hú de Janeiro, do anno de trinta pera ho cabo de Goardafum cõ a armada q disse, em q forão seys cétos Portugueses. E chegado á paragem onde auia desperar as naos, repartio os nauios atrauessan- do ho mais que podião alcançar, porq não podessem passar nenhūas naos sem seré vistas. E andando as esperando, foy ter coele húa nao muito gráde de mouros malabares, cõ quem pelejou. E eles se defenderão muyto bê por hú bô pe- daço, & despois forão entrados & mor- tos todos, se não húis poucos de q Eytor da silueira soube q aqla nao era do Chatim de Mangalor, & hia carregada de piméta & droga. E foy muyto grande dita tomarse esta nao, porq cõ a goarda q Diogo da silueira fez na costa do Ma- labar não hia a Meca outra pimenta se não aquela, & assi não foy lá aquele an- no nenhūa. Tomada esta nao que foy muyto rica, topou Martim de castro ou tra q hia de Diu carregada de roupa de Cambaya, & hião nella bem duzentos homés de peleja, em q entráuão muitos Turcos: & os nossos serião ate corenta. E pelejarão coeles hú bô espaço primei- ro q os aferrassem ate q os abalroarão:

& em asserrado, Martim de crasto que era muy arriscado caualeyro, foy o primeyro que saltou dentro, & coele algüs dos seus: cõ quanto as pedradas & frechadas q os imigos tirauão erão sem conto. E despois de seré dêtro, foy a peleja muyto mais rija que dâtes, porq os mouros erão homés de feyto, & pelejauá com muyto efforço: & defendêdose morrerá quasi todos, deixando muyto ferido a Martim de crasto, & dez ou doze dos nossos, q todos jútos sosteuerão ho mayor impeto da peleja. E tomada a nao, achouse q hia rica arrezoadamente. E a fora estas duas naos se tomarão algüs outras pelos outros capitães, mas sem peleja: & estas duas forão as de mór preço. E dos catiuos q forão tomados soube eytor da silueira, que a mayor parte das naos de Diu & do reyno de Cambaya erão passadas: porq como esperauão q ho gouernadot fosse aqllé áno a Diu partirão cedo polas não tomaré. E sabido isto por Eitor da silueira, vêdo q era tépo pdido andar ali mais, partiose pera ho lugar de Mete: óde tinha mädado aos outros capitães q se ajútassem no fim das presas, & hise ajútarão todos.

## CAPIT. XV.

¶ De como os Rumes leuantarão ho cerco a Adem com medo da nossa armada.

**M**Orto ho capitão mór do Turco q matou Soleimão raez, como disse no liuro sexto. Mustafa, & Cojeçofar seu tesoureyro, não ousando detornar a Iudá, né a quez, pola treiçao que fizerão ao Turco, determinarão de tomar Adé & fazerse Mustafa senhor

dela pera fazer hi seu assento. E ajútado dez nauios de remo, antre grádes & pequenos da armada q leuaua Soleimão raez, & coréta zábuscos: & Geluas foy sobre Adé, onde chegou desupito com seys cétos Rumes, & muiyta outra géte da terra, q por ganhar soldo ho ajuda ua. E cercou Adé por mar, & da banda da terra mandou fazer húa estácia, em que forão assentados quatro Basiliscos, com q lhe derribarão todo o muro da qlla parte por muitas vezes: & os mouros ho tornarão a refazer. E crão tão esforçados, & defendiáse també, q nunca Mustafa os pode tomar em cinco meses q durou ho cerco: em que lhe morreó muyta géte desla pobre, de fome, & de sede. E sabendo Mustafa como a nossa armada andaua no estreito ouue medo q fosse a Adé como custumauão, & q ho tomasse segudo a sua géte estaua desmayada do trabalho da guerra. E por isso leuátoou ho cerco, & se foy pera Camarão & Adem ficou liure.

## C A P I T . X V I .

¶ De como Eitor da silueira fez que el Rey Dadem se fizesse tributario del Rey de Portugal.

**S**endo junta toda a nossa armada em Mete, mandou Eitor da silueira as naos & zábuscos das presas á Mazcate pera se véderé. E ele partiose pera Adé, porq leuaua por regiméto do gouernador, que acabado as presas desle húa vista a Adem. E achado no porto quaequer nauios de muyto preço os tomasse, & doutra maneyra não curasse delles. E mandasse recado a el Rey, q por amor dele ho fazia: & se quisesse ser vassalo del Rey de Portugal, & pagar-

Ihe algúas pareas q̄ ho ajudaria em quáto podesse: & por a guerra q̄ sabia q̄ tinha com os rumes mandaua aq̄la armada em sua ajuda. E chegado Eytor da silueira ao porto Dadé, q̄ foy aos quatro Dabril, despois de surto, foy logo visitado por douz mouros principais, da parte del rey cō muito refresco, de vacas galinhas & carneiros, & cō palauras de muyta amizade: & isto cō medo da nosa armada. Porq̄ segúdo ele sabia que os nossos erão de concrusam, & tinha a sua gente trabalhada da guerra dos rumes, deuse por tomado, & porisso dissimulou com estas mostras damizade. E na enuolta delas mādou perguntar a Eytor da silueira a determinaçāo desua vinda. E ele lhe respondeo pola instruçāo do gouernador: & pos de sua casa que achādo no uas em çacotora que os rumes erão idos & não tinha necessidade dajuda, espalhara a armada às presas. E coisto lhe come teo a vassalagē & paga das pareas, offre cēdolhe sua ajuda cōtra os rumes, se tornassem, & mandoulhe algúia coufa com que lhe pareceo que folgasse, pera o prouocar a fazer seu requerimento. A que el rey respondeo, que cuydava que ho gouernador lhe agardecese soster ele aguer ra contra os rumes, gente maluada, & tamanha imiga dos nossos: q̄ todo seu deseo era entrar em Adé pera passar á India: & porisso folgasse com sua amizade sem mais pareas né coufa algúia. E entendo Eytor da silueira q̄ el rey se escusaua, mādoulhe dizer que ho melhor lugare m̄ q̄ oso gouernador podia acolher era Adé, porq̄ os teria ali mays certos: &

se ate li não erão desbaratados, fora por andaré sempre por lugares estreytos & não sabidos, por isso visse oq̄ lhe cōpria. E passados sobristo mais outros recados vio el rey q̄ lhe cūpria fazerlhe a vórtade & fezse vassalo delrey de Portugal, com lhe pagar de pareas cadáno dali por dian te dez mil xerafins da valia Dornuz: & disto se fez hū contrato, cō condiçāo q̄ o gouernador ho ajudasse contra leus ímigos, & as naos Dadé podessem nauegar seguras pera onde quisessem, tirādo Me ca. E este cōtrato foy assinado por el rey & por Eytor da silueira. E el rey deu logo a Eytor da silueira mil & quinhélos xerafins mortos, de q̄ mādaria fazer em Ornuz hūa coroa pera el rey de Portugal, que lhe leuariá da sua parte cm final de vassalagē. E detendose aqui Eytor da silueira a fazer este contrato lhe escreueo elrey de Xael q̄ queria ser vassalo delrey de Portugal, & entregarlhe a artelharia que tinha em Xoel & em Dofar, pedindolhe muito que fosse por hi pera se fazer disto assento. E eytor da silueira respondeo que aceitaua sua vassalagē, poté que não podia ir lá por lhe ho tépo não dar lugar, que mandaria lá hū homē de confiança com quē assentase o q̄ dizia. E querendose Eytor da silueira partir deixou em Adé a requerimento delrey hū bargantim com trinta Portugueses, & por capitão hū Antonio botelho criado del rey de Portugal, de q̄ cōfiaua: & deulhe por regimēto q̄ passado ho inuen no se fosse à India: & de caminho paſſase por Xael, & visitasse el rey da sua parte, & lhe dissesse que coele podia assentar

o q̄ lhe escreuera a Adé, pera o q̄ lhe deu instruçā. E feyto isto se partio pera Ormuz, & passando por Mazcate achou vē didas as presas, de q̄ vierá a el rey pagas as partes trinta & dous mil pardaos. Ehi soube que Fráciſco de freytas capitão de hú bargantim que deixara em Mete cō húa naõ de presa pera aleuar a Mazcate, despoys de ele ser partido, chegou húa fusta de rumes, que erá trinta, & dez Arابios todos espingardeyros: & quando Franciſco de freytas a vio, cuydando q̄ fosse algú bargantim nosso sayo a ela, & conhecédoa a ferrouha, posto q̄ nā tinha mays de dez Portugueses: & aferrados pelejarão portáto espaço sem se poderé vencer, que de cansados lhes foy necessārio descançar pera tomaré folego: & tor nádo a pelejar quis nosso senhor q̄ posto que os nossos eráo tam poucos, que pelejarão tam esforçadamente q̄ os rumes & Arabios forá todos mortos: saluo hú arrenegado Portugues, que andaua coeles, q̄ saltando nagoa bradou q̄ era Christão, & isto lhe valeo: & este se chamaua Antonio bocarro, & estando cō seu pay em Ormuz que era alcayde mor, de sua propria malicia sem auer outra causa, fugio pera a terra firme, & se foy tornar mouro: polo q̄ os mouros ho não teuerá em conta, & ho desprezauão. E vioſe despoys em tāta necessidade de pobreza, que lhe foy necessario fazerſe alfayate, & cō iſſo ganhaua de comer, ate q̄ se ajuntou cō os rumes: que na peleja ajudou muy bé cō húa espingarda, porq̄ despoys de tomado disserá algūs que ho viráo tirar. E nesta peleja morreráo dous Portugue

ses, & os outros foráo feridos. E de Mazcate se foy Eytor da sylueira inuernar a Ormuz: dōde na fim de Agosto se partio pera a ponta de Diu, & sem fazer nada esteue hi todo Setembro, & despoys se foy pera Goa em Outubro.

## CAPIT. XVII.

¶ De como Gonçalo Pereyra chegou a Malaca.

Partidos Gonçalo pereyra, & António da silua de Cochim, seguirão sua rota pera Malaca, & com tépo apartouse Antonio da silua de Góçalo pereyra, que com Lionel de lima foy em conserua ate as ilhas q̄ chamão de Nicobar, & Lionel de lima q̄ hia diáte como a sua galeota era pequena, podeas dobrar, posto que achou ho vento ponteyro: o que Gonçalo pereyra naõ pode fazer por ser ho seu galeão grande: polo q̄ lhe foy forçado surgir na primeira ilha que era despouada, & surgio hú pedaço afastado de terra. E por ho tépo ser roim pera sua viagé se deteue ali algūs dias, em q̄ por recear que lhe faltassem os mantimétos começou a apertar a regra: do q̄ se a gente começou dagastar, & desconfiados algūs de se poderé ir dali tão cedo, concertrão muyto secretamente que se fossem no paraó do galeão á costa de Pegu que era dali perto, onde farião em presas mas proueyto do que fazião auenturados a morreré de fome & de sede, & q̄ tinhá bō aparelho pa furtar ho paraó, por nesse tempo se fazer coele agoada, & porisso trazia hú par de berços & pelouros. E tēdo isto assentado, negocearão estes como fossem fazer agoada: pera o q̄ leuará suas

suas armas, & estando ho piloto em terra encheendo as pipas cō algūs marinheiros os cōnjurados se forão cō ho paraó: & não ho achando ho piloto logo sopesitou o que era: & ficando muito triste por ho galeão estar dali bō pedaço & não ter em q fosse por ser a ilha despouada. & muito triste se foy com os outros por ella a diante pedindo misericordia a nosso senhor, que auendo a delles lhes aparou húa almadia, que parece que ali foy ter à costa, cō que elles ficarão muito ledos, ainda q era tão pequena que não cabia nella mais q hú homé para ir ao galeão, & este acordarão q fosse ho piloto, assi por ser lá muito necessário, como por lhes prometer de acrecentar a almadia com algúastauoas & mádar por eles: & metédo se so na almadia foy remando cō hú pao, & assi chegou ao galeão: & dito a Gonçalo pereyra como ho paraó era furtado, fez logo acrecentar a almadia, & mandou polos marinheiros q ficauão em terra. Eindo perto da ilha deulhes por cima dela húa toruada que ouuera de çocobrar a almadia, & mais esgarrou coela porestre mar & perderase, se lhe nosso senhor não aconsira, que passada a toruada ho piloto q tinha olho na almadia avio ir esgarrada o que sabido por Gonçalo pereyra por que ficaua perdido sem ela mandou cō grande pressa leuar ancora, & dar à vela & forão sobre a almadia q tomarão: & cobrados os marinheiros q ficarão na ilha, alargou ho véto algúia cousa, com que acordarão de prosseguir sua viagé, ainda q fosse cō trabalho, porq menos o

sintirião que morreré ali à fome: & por esta causa se partirão, & se forá de illha é ilha, surgindo muitas vezes, por ho véto ser contrayro. E quasi q não se mantinhão se não cō ho peixe que pescauão. E parece q enfadado ho piloto & algúis homeés darmas, & marinheiros desta mà vida, determinarão de se tornar a Bengala, matando primeyro a Góçalo pereyra pera ho poderé melhor fazer, & q em Bengala se fariá ricos de presas. E cōcertandose esta conjuraçā, foy des cuberta a Gonçalo pereyra: que prédeo logo ho piloto, & todos os outros cōjurados. E chegado a Malaca, foy tirada deuassa sobre aquela conjuraçāo, em q não se achou mais proua contra os cōjurados, que pera serem açoutados com baraço & pregão & degradados. E porq Gonçalo pereyra leuaua por regimēto do gouernador que fosse de Malaca pera Maluco pela via de Borneo, deteue se em Malaca ate quasi a fim Dagosto.

## C A P I T . X V I I .

¶ De como morreu el rey de Ternate, & se matou Cachil vayaco

**A**Tras fica dito como Fernáo dela torre despois de ido pera Camaso, onde auia destar pola capitulaçā das pazes que fez com dō Jorge de menes, se foy pera Geilolo por lho requereré os castelhanos que hi estauá. E depois de lá estar tornou ho gouernador de Geilolo a fazer guerra a el rey de Ternate: polo q foy necessário fazerlha tábé dom Jorge, mas nē hūs nē outros a fazião tam apertada como dātes. E comecādo se assi esta guerra, faleceo el rey de

de Ternate: & sospeitouse muyto q foy de peçonha, & q lha mandara dar Cachil deroes, por saber que elrey lhe qria mal por elle ser causa de ser metido na quella fortaleza, & auer tanto tépo q alí estaua como preso. E assi tábé por amor das tiranias q fazia em sua gouernança, com q tinha posto ho reyno em grande opressoam. Poré a verdade da morte del rey não sesoube: & foy muyto sintida, assi dos portugueses como dos mouros por lhe todos quereré bem por sua boa condiçao. E por sua morte foy leuando por rey outro seu irmão mais moço q auia nome Cachil a yalo. E vêdo a raynha sua máy que lhe não ficaua outro, temendo q lhe morresse este, pedio muito a dô Jorge quelho desse pera estar na cidade, & fez lhe sobrissô muytos requerimentos. Mas dom Jorge nunca quis, temendo q lhe fizessem treiçao se el rey esteuesse fora de seu poder. E assi lho cõ selhaua Cachil deroes por amor do que ganhaua em el rey estar na fortaleza, q tinha ausolutamente todo o mando do reyno, & estâdo fora não auia de ser assi por lhe a raynha q ter gráde mal. E porq ela sabia q por ele poderia seu filho sair fora da fortaleza, dissimulaua ho mal q lhe queria, & trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade. Em tanto que teuc coele ajuntamento, sendo sua madrasta & com tudo nunca pode alcançar o q desejava, por Cachil deroes estoruar qn to podia que não tirassem el Rey da fortaleza: pelo mando que perdia: tirádose que receaua tanto de perder, que tinha mortal odio a toda pessoa que sospeita-

ua que podia ser causa delho tiraré. Pelo que queria grande mal a Cachil vayaco que a tras nomeey, porq dô Jorge era grande seu amigo, & ho fauorecia muyto: o q temia ser causa de ho fazer gouernador, & tirar a ele daquele cargo: porq sempre entedeo em dô Jorge despoys que forão as deferências q teuc com dô Garcia antiquez q não era seu amigo: & que a cõmunicâo que tinha coele era mays por necessidade q por vontade. E por isto que digo se temia de Cachil vayaco, & encubertaméte ho tinha por imigo: & Cachil vayaco a ele da mesma maneira por amor das suas tiranias. E viuêdo desta maneyra acertou se q húa armada del rey de Geilolo foy dar vista à fortaleza: & dô Jorge mandou contraela a Cachilvaiaco com algúus Portugueses: & ele se embarcou em húa coracora em q Cachil deroes costumava dandar, do que ele não soube nada. E cachilvaiaco depois de fazer recolher os geilolos & lhes tomar húa coracora, tornouse coela muyto ledo pera a fortaleza: o que també dom Jorge festejou por ser seu amigo, do q Cachil deroes ouue gráde enueja. E ouvetamanha menencia de cachil vayaco ir na sua coracora que descobrio ho odio q lhe tinha & dali por diante lhe dava todos os desgostos que podia, & ho auexaua em tudo: & tratava de lhe dar peçonha. E tão apertado se vio Cachil vayaco dele, que desesperado de saluar sua vida antre os mouros se acolheo à fortaleza, contado a dom Jorge a causa porq ho fazia. E sa bêdo Cachil deroes como estaua na fortaleza

talceza ficou muy agastado por lhe parecer q̄ tomava por valedor a dō Jorge. E isto inflamou ainda mais a Cachil dāroes cōtrele, & determinado de ho auer pedio ho a dom Jorge por sua pessoa:di zendo, que aquele homē tinha offendido muy grauemente a el Rey de Ternate, & ho tinha muyto deseruido. Epe ra proueito do reyno era necessario ser castigado, pelo q̄ lho deuia de dar:porq̄ el Rey de Portugal não auia dauer por seu seruiço emparar ele, nem fauorecer os que deseruião a el Rey de Ternate, antes folgaria delhos ajudar a castigar. O que ouuido por dō Jorge, como era amigo de Cachil vayaco, & desejava de ho saluar, pos em conselho se ho entregaria a Cachil dāroes. E quando ele vio que dō Jorge punha aquilo em cōselho, temeoſe que ho aconselhassem, que ho entregasse. E porque sabia certo, que se Cachil dāroes ho acolhesse q̄ ho auia de matar, & que ho nam pedia a outro fim:quis antes matarſe que morrer por seu mandado. E supitamente se deitou da torre abaixo, & logo morreo. E com sua morte se desfez ho conselho, & Cachil dāroes ficou vingado, & dō Jorge muyto triste por lhe não poder valer. E ficou muyto mais descontente de Cachil dāroes do que era, & Cachil dāroes muyto mais dele, por q̄ quer emparar seu ímigo, & lho nam dar logo como lho pedio sem auer conselho sobrissso. E assi se foy mais acrecentando hoodio que se tinhão hū ao outro.

## C A P I T. XIX.

¶ Da injuria que foy feyta a Cachil vaydua, E do mais que sucedeo.

D Este odio que Cachil dāroes tinhā a dō Jorge, lhenaceo ter outro a todos os Portugueses, & desejar de os deitar da terra, & auorreciāolhe tanto, que os mouros ho entendião. E a fora quererem mal aos Portugueses de seu natural, queriāolho tambem por saberem q̄ lho queria Cachil dāroes. E no q̄ podiāo lhe fazião mal, mas isto muy dissimuladameſte, porq̄ não vião a sua: & auiaõ grande medo a dō Jorge, porq̄ ho conheciao por caualeyro. E por se vingarem dele lhe matarão hūa porca da China, que ele estimava muyto. E posto que foy feyto secretamente, dō Jorge fez sobrissso tanta diligencia, que achou culpado na morte da porca a Cachil vaydua tio del rey, & caciz mōr que antreles he como antre nos ho Pa- pa: & nem por ser de tão alto estado & dignidade, dō Jorge deixou de ho má- dar prender na fortaleza. Do q̄ se recre- ceo grāde aluoroço na cidade, & se não fora ho medo que tinhão a dō Jorge le- uātarāſe. E logo cāchil dāroes se foy cō os principaes da cidade à porta da forta- leza cōdestaua dō Jorge, & pediolhe cō todos eles, q̄ mandasse logo soltar Ca- chil vaydua:estranháolhe préder hūa pessoa de tal qualidade por tão baixa- couſa como hūa porca. E dō Jorge não curando de muytas palautas disſe, que ho não auia de soltar, se não pagáadolhe a sua porca anoueāda. E Cachil dāroes, que conhecia dō Jorge por determina- do, não curou de mais pratica, & foy cō os outros perā mandar penhores que se posessem em cauçāo ate a porca ser aua- liada.

liada. E quando tornou ja não achou dô Jorge que andaua na ribeira, onde lhe foy falar Cachil darioes. E dô Jorge foy cõtete de dar Cachil vaydua sobre os penhores, & mandou a hû Pero fernâdes que o tomasse & ho fosse soltar, & ele ho fez assi. E como homé de pouco saber cuydando que fazia graça, lhe vntou a boca & ho rosto com hûa posta de toucinho: que foy a mayor injuria & offensa que se podia fazer a hû mouro, por lhe ser tão defeso em seu alcorão comerem porco, quâto mais a Cachil vaidua de tal qualidade & dignidade entre os mouros. E assi sentio ele tanto aqâla injuria, que lhe saltarão as lagrimas fora dos olhos. E correndolhe polo rosto, que ainda leuaua vntado do toucinho, se foy pera Cachil darioes, que cõ muitos mandarins ho esperaua à porta da fortaleza, a quem contou sua injuria: cõ que todos chorarão assi da magoa dele como por não se poderé vingar. E cuydando que aquilo fora feyto por mandado de dom Jorge, se indinarão ainda muito mais, porem calarão se. E algûs Portugueses que ali estauão, em vez de os consolaré rião se muito, louuando a graça de Pero fernandez. E Cachil vaidua de se auer por muito injuriado, não quis mais morar em Ternate, & foysse por aquellas ilhas: notificando aos mouros a grandissima injuria que lhe fora feyta, do q Mafamede estaua muy offendido, pedindolhe da sua parte que a vingasse. Pera o que todos se começaraõ a perceber, & depois ho fizerão: & Cachil vaidua se recolheo na ilha de Ba-

chão, & não tornou a Ternate se não no tempo Dantonio galuão como direy a diante. E se a dô Jorge lhe pesou quando soube a offensa que fora feyta a Cachil vaidua, ou o q fez nisso não ho pude saber: poré Cachil darioes não fez nada, & esteue como estaua sem bolir consigo, se não que dalia aalgûs dias mádou que nam leuasssem os mouros a vêder nenhûs mantimétos à cidade. E isto por lhos os Portugueses tomarem por força sem lhos quereré pagar, porq não tinhão com que, quenão auia dinheiro na fortaleza cõ que lhe pagasse soldo nem mantimento, do que dô Jorge andaua muito agastado, & não podia dar remedio aos muitos queixumes q lhe os mouros fazião dos Portugueses que lhes tomauão ho seu. A quem se reprediadisso, respôdião quelhes desse de comer, & que ho não tomarião aos mouros: q vendo ho pouco remedio de seus agrauos que achauão em dom Jorge se queixauão a Cachil darioes, que poreui tar brigas lhes mandou q não vendesse nenhûs mantimétos, né osteuesssem em casa por lhos os Portugueses não tomaria. Cõ que eles ficarão em estrema necessidade, & se vião cercados da morte: a que dô Jorge querendo acodir, mandou Gomez aires alcaide môr da fortaleza cõ algûs Portugueses, que fosse pola ilha buscar mantimentos. E algûs destes que hião diante, chegarão a hûlugar chamado Tabona, & como homéis mórtos de fome, & tambem soberbos: parecendolhes que erão senhoras da terra, se meterão logo polas casas, roman-

do por força os mantimétos q achauão: Do que escandalizados os moradores, começarão de lhes resistir com suas armas. E como erão muytos, & os Portugueses poucos tratauânos mal, & nisto chegou Gomez aires cō os que ficauão coele, que erão poucos mais q os q andauão no lugar. E cuydando ho regedor dele que hião em socorro dos com que os mouros pelejauão, acodio tambem peralhes socorrer: & tomando os Portugueses antre si, derálhes muitas pancadas & feridas, & a algüs tomarão as armas que leuauão, & assi os fizerão tornar pera a fortaleza.

## C A P I T . X X .

¶ De como ho gouernador de Tabona soy deitado aos cães, & Cachil darioes soy degolado.

**V**endo dō Jorge os Portugueses tão mal tratados, ficou muyto indina do contra os mouros de Tabona. E mandou a Gomez aires, que fosse logo contar aquilo a Cachil darioes, & q lhe dissesse da sua parte que mandasse ir a fortaleza o regedor de Tabona, & os principaes que ho ajudarão a fazer tamanha offensa aos Portugueses: porque doutra maneyra não ho teria por amigo del Rey de Portugal, né ho seria seu. E como dō Jorge tinha el rey na fortaleza, fez logo Cachil darioes o q lhe mandou dizer: & forão com ho regedor de Tabona dous homens principaes do lugar, a que dom Jorge mandou cortar as mãos, & cortadas os mandou leuar a Tabona pera darem nouas aos outros, & ao regedor mádou ho deitar com as mãos atadas a dous cães grandes que ti-

nha de filhar. E isto era na praya, q esta ua cuberta de gente, que sahia a ver tão noua & crua justiça. E soy coufa piadosa de ver como os cães remeterão ao regedor, & começarão de lhes farrapar a carne, mordendo ho muy cruelmente, & dos gritos que ele dava cō a dor das dentadas. E nisto deu consigo no mar, parecendo lhe que ali se saluaria: & metendose ho mais que podia, os cães ho seguirão dandarem encarniçados. E vede se ele em tamanho perigo, andando ja a nadar com os pés que cō as mãos não podia, fez volta aos cães que ho seguirão & começou cō muyto esforço & acordo de se defender cō os détes: do que todos ficarão muy espantados, porque se os cães ho mordião ele tambem a eles. E andando muyto ferido, aferrou hū dos cães por hūa orelha, & aferrado se meteo coele debaixo dagoa, onde soy afogado. E assi acabou sua vida deixado muyto grande espanto de seu esforço em quantos ho virão, & tamanha fâma antre os mouros, que ainda agora falão nele, & não ouue ali quē não chorasse cō piedade de verem morrer tão cruel morte a hū homé tão esforçado, que posto que tinha culpa, fora pera lha perdoar auédo respeito á causa dela, & mais despois que mostrou seu esforço. E pola perda deste homem ficaram os mouros muyto magoados, principalmente Cachil darioes, quedali por diante teue mortal odio a dō Jorge, & aos Portugueses: & desejaua de os matar a todos, ou deitálos fora da terra, & praticou isto com os do conselho del rey de Ternate.

Ternate. E a principal causa pera que o queria fazer era pera ser rey, & dahi a al gũs dias foy dito a dom lorge, que ele tinha assentada paz cõ Cachil catabru no gouernador de Geilolo, & tinhão ambos concertado de matarem os Portugueses & os Castelhanos, & tomar lhes quanto tinhão, & depois matarem os reys, que eram ainda moços, & faze-reys, & liarése por casaméto. E Cachil doroes auia primeyro de matar os Portugueses, & despois Cachil catabru no os Castelhanos. E culpauão tambem nesta treyçao ho çamaraõ, que era ho almirante do mar, & ho Boyo q era justiça mór do reyno. Sabido isto por dom lorge, porque ho caso era de tanto peso não quis fazer nada nele, ate não ter a mayor certeza que pode. E despois que a teue, mandou hú dia chamar a Cachil doroes, & ho Boyo, & ho çamaraõ: & apârtando os, lhes fez preguntas do que lhe era dito: & eles ho confessarão com temor que os nam metesssem a tormento. E por Cachil doroes ser ho principal da treyçao, foy preso na fortaleza: sobre o q foy grande aluoroço nos mardarins, & mais quando souberão a causa de sua prisão. E dom lorge teue logo conselho com ho feitor, & alcayde mór, & outros officiaes, & pessoas principaes da fortaleza sobre o que faria de Cachil doroes. E foy acordado q fosse degolado publicamente, porque estando preso podersehia leuátar a terra contra a fortaleza com esperança de ho liurarem: & sabédo que era morto assesegarião pois ho não podião cobrar. E

isto assentado, foy Cachil doroes degolado da maneyra que em Portugal sam degolados os grandes senhores: o que pos grande espanto nos mouros, especialmente nos mandarins, que naquela terra não morrem por justiça: & quando cometem crime per q mereção morte degradânos. E vendo eles matar assi a Cachil doroes, não se ouuerão por seguros, & dizião q fora morto sem causa sómente por mexericos: & temendo esses principaes que lhes fizessem outro tanto, determinarão de se ir da cidade morar a outra parte, por não estarem na conuersação dos Portugueses, & cõselharão á raynha q fizesse ho mesmo. E assi ho fez, & foyse coeles a hú lugar forte chamado Turutó: porem a gente comuñ não bolio consigo, & deixouse estar. E a raynha despois q foy em Turutó, mandou pedir a dom lorge, que lhe desse el rey seu filho porq não morresse. E elle nunca quis, pelo q a raynha mandou, q não leuasssem a vender maticamentos á cidade: & assi durou este aluoroço ate que Gonçalo pereyra chegou a Ternate.

## C A P I T. XXL

¶ De como Gonçalo pereyra chegou à ilha de Ternate.

Gonçalo pereyra que ficou em Malaca, esteue hi ate vinte Dagosto q se partio pera Maluco com Lionel de lima, & foy de Malaca ate ho estreito de Cincapura ao longo da costa, & dali fez seu caminho pera alilha de Borneo, que assi ho leuava por regimento de Nuno da cunha pera tomar hi cai-xas, que sam hú genero de moeda que

serue em Maluco, & assi algúia mercadoria necessaria peralá. E fazendo seu caminho por átre muitas ilhas por óde ele he, foy ter á ilha de Borneo q̄ he húa ilha, de q̄ os Portugueses a este tempo tinhão descubertas oytentalegoas. He terra muyto abastada de carnes, arroz, & doutros muitos & diuersos mantimentos: & assi de couisas ricas, & de muyto prçço, como a canfora que nace por toda esta ilha em aruores, assi como nace a rezina nestas partes. E esta daqui he a propria canfora, & que val na India a peso douro: porque a outra da Persia he contrafeyta. Ha tambem diamáes que nacem nas prayas do mar, junto da cidade de Tanjapura, que sam muyto mais finos q̄ os da India, & sam de mayor valia. Nesta costa que he descuberta ha cinco grandes pouoações, todas portos de mar. s. Moduro, Cerauá, Laue, Tanjapura, & Borneo: de que a ilha toma ho nome. Cidade gráde, cercada de muro de ladrilho de nobres edificios & a principal de todas, & em q̄ os reys daq̄la ilha residem, & té ali muy sumptuosos paços. Destes portos, os princi paes sam Laue, & Tanjapura, & onde se faz mayor carregação: & em todos morão muitos & muy ricos mercadores que tratão na China, na Laquea, em Sião, Malaca, çamatra, & é outras ilhas derredor, a que leuão canfora, diamáes, aguila, & mantimentos, em que entra hú vinho q̄ chamão tampoi, ho melhor que ha antre os vinhos contrafeytos, & em retorno leuão roupade cambaya de toda sorte, cobre, azougue, vermelhão,

& cacho & puchô. Os moradores de ilha sam mouros: geralmēte sam baços, & bem despostos, tratáse bem, & vesté se ao vso malayo, & falão a lingoa malaya. Ho rey desta ilha he mouro, & muyto rico & poderoso de géte, & serue se com grande estado: tem hū regedor que pola mayor parte gouerna ho reyno, a que chamão em sua lingoa xabandar. Chegado Gonçalo pereyra ao porto desta cidade, mandou hū presente a el rey per Luis dandrade, & ao xabandar outro: & mandou dizer a el rey, que el rey de Portugal, & ho seu gouernador da India ho mádauão ali pera ho seruir no que mandasse, porque deseja uão muyto sua amizade: & q̄ seus vasalos fossem tratar a Malaca como hiáodantes, onde serião bem tratados, & tâbem os Portugueses fossem a seus portos & teuessem neles trato. E dado per Luis dandrade este recado a el rey, & ao xabandar com os presentes, com q̄ mostráro folgarem muyto, responderão. Que receberão grande contentamento em el rey de Portugal & seu gouernador querem sua amizade, q̄ goardarião coeles muy inteiramēte, & erão muyto contentes de fazerem o que lhes pedião. E que se auião por ditos de Góçalo pereyra ir ao seu porto, & de hóte rem por vezinho em Maluco, onde se prestarião coele. E mandou el rey ao xabandar, que aquele dia agasalhase em sua casa a Luis dandrade: & assi ho fez, fazendolhe grande festa. E ao outro dia ho despachou el rey, & mandou coele dous mandarís a visitar Góçalo pereyra,

ra, & mādoulhe hū' presente. E em vinte dias que ali esteue, lhe leuarão a véder todos os mantimentos & couças de que tinha necessidade. E ficando em grāde amizade com el rey, se partio pera Ternate: & leuando muyto boa viagem, foy surgir no seu porto a hū sabado na entrada Doutubro, do anno de mil & quinhétos & trinta & hū. E logo algūs se forão á fortaleza, de quem dō Jorge soubecomo Gonçalo pereyra hia prouido da capitania por el rey, & como hia coele Lionel de lima que era seu imigo. E teue pera si, que por essa causa ho auia de mexericar com ho gouernador da India: & sospeitou q̄ auia de ser preso. E ao domingo quando sayo a receber Gonçalo pereyra mādou leuar a hū seu criado hūs grilhōes debaixo da capa. E depois de recebido Gonçalo pereyra cō grāde festa, que desembarcou ao domin go pola manhãā. Chegados á porta da fortaleza, mostrando Gonçalo pereyra a prouisam que leuaua da capitania, lha entregou dom Jorge, dandolhe as chaues da fortaleza, & assi lhe entregou el rey Cachil dayalo. E despois tomindo os grilhōes q̄ ho seu criado leuaua, disse a Gonçalo pereyra: que se tinha necessidade deles pera lhos deitar, que ali estauão, & ele muyto obediente pera os receber. E esta justificação fez dom Jorge pola sospeita que disse que tinha de ser preso. E Gonçalo pereyra lhe disse, que não hia pera ho prender nem anojar, se nam pera ho seruit no que podesse, cō prindo cō a obrigação de seu carrego. E coisto entraram na fortaleza, ondedo

Iorge ho banqueteou aquele dia, & ho enformou da terra: & deixando ho nela, se foy á noyte pera a sua pousada, que era fora da fortaleza.

## C A P I T . XXII.

¶ De como Gonçalo pereyra prometeo à raynha de Ternate de lhe entregar seu filho.

**S**Abendo a raynha & os mandarins q̄ estauão coela, q̄e Gōçalo pereyra estaua de posse da capitania, & que dom Jorge nam era capitão, determina rão de se queixar dele dos muytos grādes agrauos q̄ lhes tinha feytos, assi na prisam de Cachil vaidua, como na mor tedo regedor de Tabona, & de Cachil dardoes: & sobre tudo de lhe não querer dar ho seu filho & terlho preso, morré dolhe ja outro na prisam. E auida licença de Gonçalo pereyra, mandarão hū principal Mādarim a este negocio, que sabia a lingoa Portuguesa, & homem muy prudente, & discreto: que despois de ser bem recebido de Gonçalo pereyra lhe disse. A pouca experiecia de nossa lealdade, & a má fama que os mouros tē de desleais aos Christãos, & ho muyto credito que os Portugueses tem de justiçosos, te fará crer que a ida da raynha & dos mandarins, & deixarem sua cidade: não foy por culpa de dom Jorge de menezes. E que fazé dolhe ele muyto boas obras, fauorecedo suas pessoas, & emparádo sua terra, eles como imigos dos Christãos por lhes fazerem mal, & lhes tirarem os mantimentos, deixarão suas antigas moradas, & forão tomar outras nouas. E poré, não sam os mouros tão desleais como os Christãos os fazem

fazem principalmente os destas ilhas de Maluco que se prezão de fidalgos, & de caualeiros. Poys quem se preza destas duas coussas, també se prezará de lealdade, sem que a fidalgia & caualaria não podem ser. E se noſſa lealdade he verda- deyra ou não, digam no os moradores dailha de Tidore, que vindo os castelha nos a sua terra sem os conhicerem os a- gasalharão, fauorecerão, & empararão hatantos annos: & podendoos matar & tomar lhes tanta fazenda como tem, sem terem quem lhes disso tomasse conta, nunca neles entrou tamanha baixeza, & sempre oſtratarão como a seus naturaes: E se os Tidores fizerão isto aos Castelha nos que não conheção, porque ho não farião os Ternates aos Portugueses, de quetinhão tanto conheçimento por fa- ma, & por experiençia: & a quem por estas duas coussas que el Rey Boleyfe ti- nha de suas virtudes offreçeo fortaleza em sua terra, cõ deſejo de sua amizade, & sem a iſſo ho obrigar outro intereſſe. Mas temo de paſſar a diante que a grauidade do caſo me faz couardo pera ho contar: & com tudo esforçome cõ a confiança de tua bondade, que nos dizé quehe tanta, que de ti mesmo faras justi- çia. Não foy a ida da Rayinha nem dos mandarins por suaculpa, nem deixarão suas casas por maldades que fizessem: mas forão tantas as auexaçções, opressoés & males que receberão dos Portugueses que de os não poderem ſofrer ſe deſterra rão de sua natureza, & forão buscar no- uos aſſentos. Certo que outra pefſoa a que eſteſ malediſes que digo não doerão tan-

to oſouiera de contar: & não eu, que ſó- mente em cuſdar neles ſinto partir meu coraçao em mil partes, com dor & ma- goa de tamanha deſauentura como foy a noſſa, quanto mays tendo padecido ta- ta parte deles. E poys aquilo a que me a- ty mandarão não ſe pode fazer ſem os contar diſos hey. Ho primeyro agrauo q̄ os deſauenturados moradores deſta ter- ra receberão, foy de Antonio de brito, que lhes prendeo ſeu Rey, & deliurelho fez catiuo. E dom Garcia ho continuou q̄ nuncalho quis ſoltar, nem menos dom Jorge, ate que morreo. E nam abastou morrer aq̄lle mas logo meteo em ſeu lu- gar o que lhe ſucedeo, & eſte foy ho ga- lardão que ouuemos de conſentir que os Portugueses fizessem fortaleza em noſſa terra, & cuſdando q̄ metiamos amigos com noſco, nos achamos com imigos, porque ſempre nos aſſi tratarão. E deſ- poys q̄ os agafalhamos qual denos pode ſaluar o que tinha pera comer, que tudo nos tomauá? Qual de nos pode goardar suas molheres & filhas que as não forçaf- ſem? Qual de nos pode viuer quieto, que eles nos deſenquietauão? E tudo iſto ſofreramos, mas dō Jorge não quis, que ele nos auexou & perſeguió, de maney- ra que ho não podemos ſofrir. Ele nos prendeo Cachil vaidua noſſocaciz mór, que não podia ſer pera nos mayor inju- ria, nem parele mayor offenſa que vnta- remlhe a boca com porco, cuja carne he- tão abominauel em noſſaley. Mandou deytar aos caés hum homem de tanto preço como era ho regedor de Tabona. Mandou degolar Cachil darioes gouer-

nador deste reyno, & a principal pessoa dele. E temédo a raynha, & os Mandarins, que també os mandasse matar se forão da terra. E ela, & eles se mandão aqueixar de dō Jorge por estas couisas q̄ fez, & te pede que lhe faças justiça dele tão inteiramente como eles esperão: & que lhe des seu rey, pera q̄ os gouerne, empare & fauoreça, & pera q̄ case & aja filhos que lhe sucedão. E a raynha te pede especialmente, q̄ ajas piedade de sua viuvidade, & desemparo: & que te lébre que não té outro filho pera sua consolação se não este, q̄ lho deixes lograr algūs dias antes de sua morte. E que fazendo isto faras o que deues, & como se espera da bôdade Portuguesa: & ela, & todos os do reyno serão obrigados pera sempre fazeréo que lhe mandares. Ouida esta fala por Góçalo pereyra disse ao embaixador, que ele responderia. E mandou ho agasalhar, & dar todo ho necesario á custa del Rey. E fazendo cō selho, propos nele o q̄ lhe a raynha & Mandarins mandauão dizer acerca de lhes soltar seu rey: em q̄ hūs disserão, q̄ não era bē que se soltasse. Porq̄ se a raynha & os Mádarins não se tinhão leuātado polos escádalos & agrauos que dizião ter recebidos, fora por amor do seu rey que estaua na fortaleza. E segūdo se mostrauão agrauados, como ho teuessem por se vingaré dos agrauos passados, & por não receberé outros, se leuātarião. Outros disserão, q̄ antes pera os desagrauar & apazigoar, se deuia de soltar el rey: porq̄ se Góçalo pereyra cō tinuasse cō a prisam del rey cuydarião

q̄ todos os capitães lhes auião de ter preos os seus reys, & os auião sempre dagrauar. E como desesperados trabalharião por deitar os Portugueses fora da terra, q̄ erão muy poucos pera resistiré ao poder dos mouros, se fizessem todos corpo: o q̄ estaua certo fazeré, porq̄ hūs auião dajudar os outros. E védo q̄ Góçalo pereyra lhes soltaua seu rey, & fazia o q̄ seus antecessores não fizerão, lhe tomariā amor, & crerião q̄ também auia capitães q̄ lhes fizessem bē: & tornarião a amizade cō os Portugueses, & ficaria a terra assentada. E deste parecer foy Góçalo pereyra, & este se goardou. E poré assentouse, q̄ antes que el rey fosse solto se acabasse a fortaleza, pa mayor segurāça dos Portugueses, & dos mouros estarem em paz. E q̄ entretanto fingsisse Gonçalo pereyra q̄ andaua muyto ocupado no despacho dos nauios q̄ auião dir pa a India, & q̄ despois de sua partida lhes daria el rey: porq̄ ate então se poderia çarrar de todo o muro da for taleza, & acabar hū baluarte, ou falece ria muy pouco, & q̄ então não faltaria algūa escusa. E isto assentado, respôdeo Góçalo pereyra ao embaixador da raynha: q̄ era contéte de lhe dar el rey seu fi lho, & seruila é tudo, porq̄ assi lho má dava el Rey de Portugal, & ho seu gouernador. E q̄ lhe pedia muito q̄ logo se fosse pera a cidade de Ternate, & assi os mádarins q̄ estauão coela, pa assentareá a terra: & q̄ teuessem amizade cō os Portugueses como dātes, porq̄ todos erão seus seruidores. E tornado ho embaixador coesta reposta, ainda a raynha reprí cou

cou que lhe dessem primeyro seu filho, & etão se iria pera a cidade: & sobristo ouue muitos recados de parte a parte. E assentouse por derradeyro, q el Rey fosse entregue despois da partida dos nauios: & que Gonçalo pereyra jurasse solénemente de ho fazer assi. E ele ho jrou em húa Cruz q ho vigayro da fortaleza tinhā nas máos, vestido em húa sobrepeliz: & ele em giolhos cō as máos sobre a Cruz em quanto disse as palavras do juramento, estādo presentes os principaes Mādarins de Ternate, & os officiaes da fortaleza.

## C A P I T . X X I I .

Do que Gonçalo pereyra fez despois de chegar a Ternate.

**F**eyto este juramēto, fizerão os mouros grande festa com a esperança da liberdade do seu rey. E a raynha cō os Mandarins, se foy logo pera Ternate. E Gonçalo pereyra a mandou visitar por Luys dandrade, mandādolhe hū bō presente, & assi a algūs dos Mādarins que sabia que erão seu priuados. E assi os mādou aos Sangajes & gouernadores da terra, notificandolhe ho cōcerto que tinhā feyto com a raynha, & como estaua em Ternate, pedindolhe q ho viessēm ver porque folgaria muito de os conhecer & seruir. E eles ho fizerão assi, saluo Cachil humar sangaje da cidade de Maquiem por estar agrauado das pareas do crauo que lhe dom Jorge mandara que pagasse a el Rey de Portugal: que ele dizia q não podia pagar, por lhe não ficar q comer. E por não fazer aluoroço, dissimulou Gōçalo perey-

ra coele: & aos que forão á fortaleza fez muyta honrra, merces, & gasalhado. E pera mais cōtentar a todos, vestio el rey á Portuguesa de veludo de cores: & ordenou certos Portugueses pera sua garda, & que ho leuassem a defenfadar, & folgar pola cidade. De maneyra q parecia a todos q el rey estaua em sua liberdade: do que a raynha & todos andauão muito contentes, & tinhāo muyta confiança q Gōçalo pereyra compriria o que tinhā jurado, & mostrauálhe em tudo grande amizade. E pera a ele arrematar mais & segurar, fez hū gouernador do reyno com aprazimēto dos Mādarins & da raynha, pera que ho tivesse de sua mão, & o ajudasse, & fauorecesse como Cachil darioes fizera a Antonio de brito. E este foy hū mādarim da geração dos reys de Ternate, q auia nome Cachilato: de q todos os Portugueses tinhāo muito conhecimēto. Tábé neste tépo Fernão dela torre capitão mór dos castelhanos, mādou visitar Gōçalo pereyra, & ratificar as pazes que tinhā feytas com dō Jorge de meneles, & fez paz cō el rey de Geilolo. E por se lhe el rey de Tidore mādar queixar, que não podia pagar as pareas do crauo que lhe posera dom Jorge de meneles, porque se as pagasse lhe não ficaua nada, pareceo bē a Gonçalo pereyra de lhas leuatate ate auer recado do gouernador da India, a quem escreueria sobrislo. Do queel rey foy muito contente, & ficou grande seu amigo. E tendo Gonçalo pereyra assentada a terra em tanta paz, & assesiego, & vendo que não auia cou-

sa que estoruasse ho seruicio del Rey seu senhor, que ele posposta toda cobiça, delejava de fazer muy inteyramente: começou de se poer em ordem pera ho fazer, & deu húa carta do gouernador Nuno da cunha adó Iorge de meneses, quelha não quisera dar ate não assentar a terra. Em que ho gouernador dizia a dom Iorgz, que ele era enformado que a principal causa dos desconcertos que ouuera antre os capitáes que estauão na quella fortaleza, & os que hião de nouo pera estarem nela, fora quererese ir cõ os capitáes que se hião, os Portugueses que la estauão, por terem feito seu crauo. E algúis que hião com ho capitão nouo se podião empregar suas fazendas fazião ho mesmo. E sem lhes lembrar a obrigaçao que tinhão do seruicio de Deos & del Rey se hião, deixando de guerra ho capitão que ficaua, & sem gẽte. E pera evitar isto lhe mandaua, que quando se fosse da fortaleza não leuasse mais que ate seys homens sem licença de Gonçalo pereyra, & por cada hú que leuasse de mais sem ela pagaria mil pardaos. E a fora esta carta, lhe mostrou Gonçalo pereyra hú aluará do mesmo gouernador, em que lhe mādaua o que lhescrevia na carta: & assi outro, em que mandaua a Gonçalo pereyra, que tomasse a menagem a dom Iorge ate se ir apresentar diante dele na India, & tirasse deuassa dele de todo ho tempo que forá capitão daquela fortaleza. E Gonçalo pereyra lha tomou perante ho alcayde mó & feitor, & perante hú escriuão, que fez de tudo hú auto. E Gó-

çalo pereyra pedio muyto perdão a dō Iorge do que fazi, dizendo que não podia al fazer, por lho mandar assi ho gouernador da India: & porem que lhe prometia de ho despachar muyto bē, goardando em tudo sua honra. E que alem dos homens que lhe ho gouernador dava, lhe daria vinte homens que fossem coele: & daria licença a dom Vicente de meneses seu irmão pera ir em sua cōpanhia, & assi lhe daria hú jungo que fazia pera sua embarcaçao. E dom Iorge lho teue em merce, & lhe disse que ho não culpaua em fazer o que lhe mandaua ho gouernador, nem deixaria por isso de ser seu amigo, & seruidor & q confiaua muyto nele, que faria o q dizia. E pediolhe q fosse escriuão de sua deuassa Grauiel da costa, que ali fora feitor: & ele lho prometeo. E dom Iorge se foy pera sua pousada preso sobre sua menagem sem nenhū escandalo de Góçalo pereyra: & assi ho dizia a seus amigos, que ho forão logo visitar. E gonçalo pereyra começou logo de tirar deuassa dele.

## C A P I T . XXIII.

¶ De como Gonçalo pereyra quis fazer crauo pera el Rey de Portugal.

Com esta prisam de dom Iorge de meneses, & por ser feita com tanto assesiego, ficarão os Portugueses muy toruados, principalmente os que forão officiaes na fortaleza: & temerão muyto a Góçalo pereyra, vendo cõ quanta prudencia fazia suas cousas. E logo virão em si o q receauão, q Gonçalo pereyra mandou recencear a cota ao feitor, & almoxarife, & outros officiaes passados

dos pelo feitor Luys dandrade. E isto porque os mandaua ficar na fortaleza por ter falta de gente. E não se achou a estes nenhūa coufa da fazenda del Rey em receita, & tudo era despesa: pelo que tendo eles roubado el Rey, & deuendo lhe quanto tinhão, achouse que el Rey lhes devia. Tão desordenado andaua tudo naquela fortaleza, & tão pouco se olhaua pola fazenda del Rey, nem auia a quem lembrasse os gastos que fazia naquela fortaleza, pera lhe pouparem pareles sua fazenda, se não quem mais podia apanhar mais leuaua. E desenganhados estes, que não auiaão aquele anno de ir pera a India: determinou Gonçalo pereyra de fazer crauo pera el Rey, & mandou apregoar hū regimento que leuaua do gouernador Nunodacunha, que era ho mesmo que fizera Afonso mexia: & polo auer por bom, mandaua que se goardasse. E Gonçalo pereyra ho mandou apregoar com grande solenidade: & a sustancia dele era, que se comprasse pera el Rey quanto crauo ou ueste naquelas ilhas pelo preço que esta ua assentado na feitoria, & se metesse nela, & que nenhūa pessoa de qualquer qualidade q fosse ho podesse comprar. E este crauo que se comprasse pa el Rey ho compraria ho feitor Luis dadrade, ou quem ele ordenasse, com conselho & parecer de Gonçalo pereyra: & cōprado se carregasse ho mais que ser podesse, assi pera se leuar á India como a Malaca, & o que sobejasse se desse ao capitão, feitor, & officiaes da fortaleza, & a géte d'armas sobre seus ordenados,

& soldos, por tal preço que el Rey podesse ganhar, pera poder cō ho ganho sostener ho gasto que fazia naquela fortaleza. E auendo hi tanto crauo que sobejasse de tudo isto, se vendesse aos mercadores com ho mesmo ganho. E porem que tudo isto se fizesse com resgar do de não auer escandalo na terra. Apregoado este regimento, ficarão os mouros muy descontentes por lhes tirarem de venderem ho crauo por mais do preço que estaua assentado na feitoria, porque ho vendião por mais. E os Portugueses tambem teuerão muyto descontentamento, porque perdião muyto em não compraré ho crauo aos mouros: & com tudo consolaráse, parecendolhes q aquilo não ouvesse efeito: porque assi se apregoaua na chegada de cada capitão, mas não se fazia nada polas emburulhadas que recrecião ao partit, antre o que ficaua & o que se partia. O que eles esperauão que seria assi antre aqueles dous, & por mais conformes q elles esteuessem, que eles os reboluerião com seus mexericos de que erão muyto bōs officiaes: & por isto se desagastarão logo, & não deixarão de fazer crauo ho mays encubertamente q podião. Mas també Gonçalo pereyra atalhou a isto, com mādar apregoar sob certa pena que toda pessoa que teuesse dachem em sua casa, que assi chamā ao peso cō que pesam ho crauo, ho leuasse ao feitor Luys dandrade pera ho quebrar & queimar, porq dali adiante não auia da uer mais q dous pesos, ábos de húa marca, hū na feitoria, & outro é casa da ray-

nha, pera que todos os que vendessem crauo ho fossem lá pesar, pera se saber quanto crauo vinha à feitoria, & quanto rendia: & que ho feitor auia dir buscar as casas, & se achasse algú Dachem, quem quer que ho teuesse auia de pagar a pena. E este pregão se comprio muy inteyramente, & todos os dachés forão leuados a Luis dandrade que os queimou & quebrou: & mandou fazer dous nouos, hú pera a feitoria, & outro pera a raynha. E porq os Portugueses tinhão comprado muyto crauo, pelo que ja aqle anno se podia auer pouco pera el Rey, mandou a todos os que ho tinhão que vedessem ho terço dele a el Rey pelo preço da feitoria, o que eles fizérão muyto cōtra sua vontade. E sabé do q se estaua carregando hú jungo dū mercador chamado Nacoda catimio pera ho leuar á ilha da Iaoa carregado de crauo, mandou ho tomar pera el Rey, por ser despois do pregão da defesa do crauo, & pagalo polo preço da feitoria: & acharão q tinha setenta & tantos báres de crauo. E nesta carregação tinha parte a raynha de Ternate, & algú San gajes que se calarão, porq Gonçalo pereyra não soubesse q eles quebrauão ho regimento del Rey de Portugal, & tâbem porq ho crauo era tanto q os mouros rogauão coele. Neste tépo foy Góçalo pereyra auisado, q na ilha de Maquiem estauão varados seys jungos de mouros pera fazeré crauo, & na ilha de Bachão cinco sobre ancora pera o mesmo, que erão da Iaoa, Bâda, & Amboino. E dando conta disto a Bras pereyra

capitão mór do mar, mādoulhe q os fosse deitar fora, porque não carregassem. E bras pereyra não quis ir, dizendo que não hia a Maluco se não pera fazer proueito: & não auia dandar darmada corredo as ilhas, gastando o q tinha: que se a ida fora proueitosa q logo a fizera. E por mais requerimentos quelhe Góçalo pereyra fez pa ir, nūca quis ate lhe dizer q lhe alargaua a capitania mór do mar, & q se iria pera a India na moução seguinte poisho apertaua tanto. E pediolhe logo licença pera se ir, dizendo q se lha não desse q a tomaria. E Gonçalo pereyra dissimulou coele, porque não abrisse caminho a outros: que vendo q aqle q era seu paréte ho deixaua em tal tempo, que farião eles q não lhe erão na da: & disselhe que não se fosse, q não ho queria mandar pois não era sua vōtade de ir. E cōtudo Bras pereyra ficou muyto escandalizado, & quasi seu ímigo. E Góçalo pereyra não ho pode castigar por não se amotinar, & amotinar outros quelhe farião grande mingoa, pola grāde necessidade que tinha de gête. E porque Bras pereyra isto sabia fazia aqueles feros. E vendo Gonçalo pereyra que ele não queria ir, cometeo a ida a Lionel de lima, que com quanto era capitão del Rey, & aquela ida era muyto de seu seruiço, a não quis aceitar, nē aceitou ate que lhe Gonçalo pereyra prometeo a capitania do primeyro nauio ou jungo, que mandasse á India cō crauo, em que podesse leuar o que teuesse, & lhe pagaria ho ordenado da galeota. E por derradeyro quando foy

não

não achou nenhū júgo, porque foy rato  
ho vagar que primeyro os ternates má-  
darão auiso aos capitáes dos jungos, &  
eles se forão com medo de lhos mete-  
rem no fundo.

## C A P I T . X X V .

¶ Da desauença que ouue antre dom Iorge de  
meneses & Gonçalo pereyra.

**C**omo quer que ho diabo trabalha  
sempre por toruar ho seruço de  
Deos: & onde vê mayor seruor, hi-  
põe maiores forças pera ho impedir.  
Assi fez aqui, que não trazendo Góçalo  
pereyra ho pensamento, se não como  
seruiria nosso Senhor & a el Rey: & a  
maneyra q̄ teria pera ter aq̄la terra em  
paz em quanto nela estuesse, & fizesse  
ter aos homés boa ordem em sua vida,  
pera que ficasse exemplo a seus sucessos-  
res: ouue Portugueses tão pouco Chri-  
stãos, & tão bestias, que por ele fazer  
isto lhe tinhá mortal odio, & assi a Luis  
dandrade. Porq̄ por ter ho mesmo dese-  
jo, que ele tinha de seruir el Rey ho aju-  
dava quanto podia por sua parte, & to-  
mouão estes imigos por causa de suas  
abominaueis vórtades, dizeré que Góça-  
lo pereyra queria vsar o que nenhū capi-  
tão vsara de goardar tão inteiramente  
ho regimento acerca do crauo. E o que  
os mais atormentaua veré a gráde ami-  
zade que Góçalo pereyra tinha com os  
mouros, & quanto trabalhaua polasos-  
ter cō boasobras. E q̄ isto nā era outro  
fini se não por não ter necessidade dos  
Portugueses, & poder fazero q̄ quiseli-  
se. E veré a gráde conformidade q̄ auia  
antrele & dō Iorge de meneses, q̄ o que

hū queria, queria ho outro: & vendo q̄  
indo aquilo assi era em seu perjuyzo,  
começarão de vsar de suas diabolicas  
manhas, & ordir odio & imizade antre  
Góçalo pereyra & os mouros, & antre-  
le dō Iorge, dizédo aos mouros q̄ Gó-  
çalo pereyra os queria ter sujeitos, & q̄  
não vedessem ho crauo, não mandando  
el Rey de Portugal tal coufa, nemehos  
ho gouernador da India: & ele por  
se mostrar bō servidor q̄ria fazer mais  
do q̄ lhe mádauão: que não sabia como  
a raynha & os mádaris cōsentião aqui-  
lo. E a Góçalo pereyra hião dizer q̄ dō  
Iorge dizia á janela de sua pousada aos  
q̄ passauão pola rua, que ele Góçalo pe-  
reyra auia de préder a raynha, & algúis  
seus priuados. E isto dizia por se a ray-  
nha ir dacidade, & fazer aleuátar os má-  
timétos: & q̄ se lhe não quisera muyto  
gráde mal & desejava muyto de ho dár-  
nar que ho não dissera, mas q̄ lho queria  
& desejava de ho ver em necessidade:  
porq̄ assi rábé dizia, q̄ quádo se partisse  
q̄ auia de leuar da fortaleza quanta gēte  
podesse, porq̄ nā teuesse cō que a defē-  
der aos mouros. E q̄ em Banda auia de  
tomar ho nauioa Hanibal cernije, porq̄  
era seu cunhado, & mádar pedir seguro  
ao gouernador antes de chegar á India:  
& quádo lho não desse q̄ se auia daleuá-  
tar, & segúdo dō Iorge era determina-  
do q̄ ho faria assi, por islo q̄ ho deuia de  
préder em ferros. E a dō Iorge de me-  
neses diziá lhe q̄ nā se fiasse da amiza-  
de que lhe mostraua Gonçalo pereyra,  
porque na deuassão lhe goardaua ne-  
nhūa, antes se mostraua seu immigo  
mortal

mortal, porque prouocaua as testemunhas a que dissessem mal dele. E quádo ho não querião dizer, que dizia q̄ não sabia, porq̄ aqueles vilãos davaõ sua alma ao diabo por amor de dō Jorge, & sobrisso lhe dizia outras palauras injuriosas, & fazia escreuer o que dizião ao contrayro. E dizião, que por ser parente de dom Garcia anrriquez lhe queria tamanho mal: que ho auia de destruir, pois lhe não podia tirar cō húa espingarda. E posto que pola primeyra Gonçalo pereyra, & dō Jorge não cressé isto, tantas vezes lho disserão, & tantos modos buscarão estes mexeriqueiros pera lho meteré na cabeça, & mais ho diabo que os ajudaua que ho crerão: & começarão de criar odio hú ao outro, & como ele foy crecendo assi, não se fiaua hú do outro. E veo a desconfiança a crescer tanto, principalmente em dō Jorge: que mandou pedir a Gonçalo pereyra que lhe desse húa certidão de como lhe entregara aq̄la fortaleza de paz cō tātas peças d'artelharia com as q̄ tomara aos castelhanos, & assi seys nauios & outras couzas, porque lhe era necessaria pera el rey saber ho seruço q̄ lhe tinha seyto. Ao que Gonçalo pereyra respondeo, q̄ não lhe auia de dar tal certidão, porque a terra não estaua de paz cō a fortaleza quando lha entregou, antes muy abalada pola morte de Cachil deroes, & do regedor de Tabona, & da injuria q̄ forafeyta a Cachil vaidua, & a raynha fugida de Ternate, & os seus mandarins, & ho Sangaje Cachil humar rebelado por amor das pareas que lhe posera, &

el rey de Tidore queixoso por lhe fazer outro tāto. E por de todo em todo Góçalo pereyra não querer dar esta certidão, tirou dō Jorge hú estormēto dele: pelo q̄ de cada vez crecia mais ho odio antreles. E sobriso fugirão da fortaleza seys Portugueses, de que hú era piloto: destes seys se forão dous pa os castelhanos, & os quatro caminho de Bāda em hú parão da terra. E tāto q̄ estes homés desaparecerão, soy dito a Gonçalo pereyra, q̄ dom Jorge & seu jrmão dō Vicente os mandarão diante: & assi auia de mandar os mais que podesse. O que sabido por Gonçalo pereyra, condenou estes fugidos em perdimento das fazendas pera el rey q̄ logo forão védidas em leylão, & ho dinheiro entregue ha feitoria. E de dous destes q̄ logo forão tomados em húa ilha se soube em iuyzo q̄ era verdade que se hião por mādado de dō Jorge, & de seu jrmão dom Vicente, & lhes derão vinte mil caixas pera o caminho, & sete patolas, & lanças, espingardas, & outras armas: & lhes disserão que cedo iria outrabarcada apos eles. E com ho testemunho destes homés, acabou Gonçalo pereyra de dar credito ao que lhe dizião de dom Jorge: & p̄deuo logo dom Vicente sobre sua menagé, & dous criados de dō Jorge em ferros por amor dos dous homés dos quatro q̄ fugirão. No q̄ dō Jorge não teve paciencia, & soltou muitas palauras cōtra Gonçalo pereyra, a que logo soy descuberto: que ho jūgo que dō Jorge tinha começado pera si, se fazia cō a pregadura, breu & estopa del Rey de Portugal,

& á sua custa pagauia també os officiaes. E pera mayor certeza disto, que fossem a casa Dafonso pirez hū amigo de dom Jorge, & hia acharião muyto ferro, & outras coufas que dō Jorge de menses tomara dos almazens, quando soube q Gonçalo pereyra vinha á vela pera to mar ho porto de Taláganie. E logo Góçalo pereyra foy buscar a casa Dafonso pirez, em que achou quinze quintaes de ferro que tomou pera el Rey, por lhe Afonso pirez dizer que dom Jorge os mandara ali meter: & assi tomou ho júgo pera el Rey. E receando q dom Jorge se leuantasse, tirou hū capitão dou tro jungo que hia tinha dō Jorge, q chegara q era seu, & deu a capitania a Lionel de lima ímigo de dom Jorge. E isto porque ho jungo auia de tornar pera a India, & Góçalo pereyralhe tinha prometida a capitania do primeyro nauio q fosse pera a India. E sobristo tirou dō Jorge muitos estormentos de Góçalo pereyra, & ele deuassou de dom Jorge sobre a morte de Cachil darioes, & do regedor de Tabona, & da injuria q foy feyta a Cachil vaidua, & sobre mandar enforçar hū Portugues nas ilhas dos papuas, & assi sobre outras culpas q lhe punhão. E por derradeiro quádo foy tépo de partir, que foy em Feuereyro de mil & quinhentos & trinta & dous, ho entregou preso em ferros a Lionel de lima seu ímigo. E não lhe valeo requerer a Gonçalo pereyra, quelho não entregasse por ser seu ímigo, que ho desse a Hanibal cernije que hia tambem pera Banda. E porq Gonçalo pereyra recea-

ua que dom Jorge tomasse em Banda o nauio a Hanibal cernije como dizião, não quis dar licença a nenhu seu amigo pera ir naquela armada, né a seu irmão dō Vicente. E deu a Lionel de lima as deuassas que tirara de dom Jorge, & escreuuo húa carta muy larga ao gouernador Nuno da cunha, acerca das coufas de dom Jorge, dizendo que perguntasse por elas a Lionel de lima, & ao vigairo que fora da fortaleza & ao meirinho. E assi lhe escreuia tambem como ficaua a fortaleza, & quão trabalhosa era por amor das desordens dos Portugueses, & assi outras coufas necessarias. E mandou pera el Rey cinco cota báres de crauo, que foy ho primeyro capitão q ho mandou. E na conserua de Lionel de lima hia Hanibal cernije ate Banda, pera trazer dahi fazenda pera a feytoria. E a raynha de Ternate escreueo també a el Rey de Portugal, & ao gouernador da India, fazendolhe queixu me de dom Jorge, & mandou cō as cartas ate a India dous criados seus, a que encorredou muyto que vissem bē que poder tinha el Rey de Portugal na India. E leuado dō Jorge tāto a recado como digo, foy ter á India, donde ho gouernador ho mandou preso pera Portugal, porq por ser da qualidade que era não quis julgar as culpas que lhe punhão, & assi ho escreue á raynha de Ternate. Cujos criados quádo virão mandar dō Jorge pera Portugal, & q não fazião dele justiça na India dizião, q antre os Portugueses não auia justiça pois alargauão tanto ho castigo das culpas: que pera bē se auia de

de castigar óde se cometião, & que dali por diante não esperarião q̄ lhes fizese sem justiça.

## C A P I T. X XVII.

¶ De como se perderão no mar dom Fernando de lima de Sanctarem & Lopo dazeuedo.

**N**Este inuerno que ho gouernador Nuno da cunha teue em Goa, não quis prouer a capitania da fortaleza que estaua vaga, & ele seruio de capitão por peupar o ordenado a el Rey, & deu a ouvidoria geral da India ao licenciado Lopo fernandez de castanheira meu pay ouidor de Goa, & por sua industria crecerão as rendas de Goa vinte mil pardaos. E no cabo deste inuerno chegou a Goa Antonio botelho capitão do bargantim que ficou em Adem cō cartas damizade del rey Dadé pera ho gouernador, em q̄ lhescreuia como Mustafa & Cojeçofar despois de leuātados de sobre Adem se partirão com vinte seys velas pera a India. E despois deste na étrada Doutubro, chegou Eytor da silueira com sua armada, & deu conta ao gouernador do que fizera em Adem. Elhe contou como dō Fernanndo de lima, nem Lopo dazeuedo não forão a Ormuz, nem sabião nouas desles, pelo que se cría serem perdidos: & assi foy que nunca mais parecerão.

## C A P I T. XXVIII.

¶ De diuersas armadas que partirão pera a India.

**N**Este anno partirão de Portugal cinco naos pera a India sem capitão mór, de q̄ forão capitães Manucl de brito, Fernão camelio, Frásciso

de sousa tauares, q̄ hia por capitão de Cananor, Pero lopez de sam Payo pera capitão de Goa, & Luis aluarez de payua. E despois da partida destas naos, partio pera a ilha de sam Lourenço Duarte dafonseca por capitão mór de seu irmão Diogo dafonseca a buscar a géte danao de Manuel de lacerda, & ambos se perderão. E os capitães das cinco naos da carregaleuarão muyto roim viagé, & os tres primeyros chegarão a Goa no mes Doutubro em diuersos dias. E despois disso se partio ho gouernador pera Cochim, & sendo lá chegou em Nouébro a nao de Pero lopez de sam Payo, a que morrerão na viagé duzentos Portugueses a fora escrauos, & os mais morrerão doudos. E milagrosamente chegou defronte de Cananor por não auer quē mareasse as velas, & auia dias que as não guindauão, nem amaynauão, & acodiolhe Diogo da silueira que andava na costa, & a leuou à toa a Cananor. E chegado ho gouernador a Cochim, despachou pa Portugal as naos: & primeyro que partisse, mandou Niculao jusarte em hū nauio com nouas a el Rey do que passaua na India. E deixádo em Cochim Antonio de saldanha pera leuar a armada que hiestaue se tornou a Goa.

## C A P I T. XXIX.

¶ De como foy morto Hagamahumud por dō Manuel telo de menezes.

**C**omo quer que ho gouernador determinasse de ir este anno sobre Diu, vsou de hū ardil afim de coele alcançar fortaleza em Diu, sem mor-

re de gente. E foy mádar a Diu primei-  
ro que ele fosse Coje percoli hū mou-  
ro Persiano, em que tinha grande con-  
fiança por ser bó homem, & auer muy-  
tos annos que era morador em Goa. E  
este mouro auia destar em Diu, pera q̄  
quando ho gouernador fosse cō sua ar-  
mada, conselhasse a Melique tocá capi-  
tão de Diu, q̄ dessé fortaleza ao gouer-  
nador, porq̄ lhe não tomasse a cidade,  
fazendolhe ho poder que ho gouernad-  
or leuaua muyto mayor do que era. E  
que aq̄le conselho lhe dava como ami-  
go, & quádo Melique ho não tomasse,  
que vissé bem o que determinaua, & se  
saísse da cidade pera lho dizer. E cō lhe  
fazer grádes merces, se partio Coje per  
colim como mercador, q̄ hia Dormuz  
com mercadoria. E despois da partida  
deste mouro, começou de se ajútar em  
Goa a armada que ho gouernador auia  
de leuar: & por seré os nauios muytos,  
& não caberem no rio de Goa, assi como  
chegauão assi se partião pa Chaul,  
onde auião de partir todos jútos pera  
Diu. E despois de seré partidos, partiose  
ho gouernador com a armada q̄ tinha  
em Goa pera Chaul em dia dos Reys,  
do anno de mil & quinhentos & trinta  
& hū. E chegando a Chaul pera saber  
o que hia na costa de Cambaya, mádou  
ha descobrir per dom Manuel de mene-  
ses telo, Luis falcão & outro fidalgo, q̄  
me não lembra seu nome, que forão em  
tres catures armados. E chegando to-  
dos tres juntos perto da ilha das vacas,  
toparão de supito cō Hagamahumud,  
aquele mouro deque contey no liuro

quinto, que tanta guerra fez aos Portu-  
gueses: que andaua por capitão de vinte  
fustas em goarda daquela costa, em que  
trazia muyta & muyto boa gente de  
guerra. E auendo ele vista dos tres catu-  
res, & conhecendo que erão de Portu-  
gueses, foy contreles com sua armada.  
Dō Manuel & os outros dous capitães,  
que virão húa armada tamanha, parecē  
dolhe que seria mais doudice que valé-  
tia pelejar coela, começaráse de recolher  
seus passos contados, porque não cuy-  
dassem os mouros que fugia, que cō tu-  
do não deixarão de os seguir, apertan-  
do ho remo quanto podião, principal-  
mente Hagamahumud, cuja fusta era  
mais remeyra que todas, & assi leuaua  
a dianteyra a todas: & hia alcançado ho  
catur do a que não soube ho nome, por  
ser zorreyro, & não se remiar també co-  
mo os de dom Manuel, & de Luis fal-  
cão, & quasi que ho hia abalrroando.  
O que vēdo dō Manuel, posto que ho  
perigo de ho socorrer era muyto gráde  
não deixou de ho fazer. E fazendo vol-  
ta atras a boga arrancada, remeteo á fu-  
sta de Hagamahumud, & em chegádo  
bordo cō bordo, q̄ os Portugueses qui-  
serão saltar dentro na fusta, quis nosso  
Senhor poer tamanho medo nos mou-  
ros q̄ vinhão nela, q̄ se acolherão todos  
ao outro bordo. E em se recolhendo &  
a fustaçoçobrádo, tudo foy hū: que não  
teuerão os Portugueses tempo pera sal-  
tar dentro. E o que ouuerão de fazer na  
fusta fizerão fora, que foy matarem na-  
goa os mais dos mouros, & átreles foy  
Hagamahumud. E porq̄ a mayor par-  
te

te de sua armada se vinha chegado, cõtentouse dom Manuel com saluar ho catur. E mandando cessar da morte dos mouros, fez lhe dar hū cabo pera ho ajudar a surdir, & foys coele & com Luis falcão pera Chaul, óde se soube logo a morte de Hagamahumud. Do que ho gouernador foy muyto ledo, & deu por isso muytos agardecimétos a dom Manuel: & não tão sómente por a valé-tia que fez em se auenturar com tamanho perigo a saluar ho catur & salualo, mas em ser causa da morte de Hagama humud, ho mais valente & efforçado capitão que tinha el rey de Cambaya, & que mais ardijs de guerra sabia: & q̄ ho gouernador temia tanto, que não receaua de ter outro estoruo pera não tomar Diu, se não este mouro, que sabia q̄ auia destar dêtro, & que Melique tocão se regia por ele em tudo. E quando soube q̄ era morto, deu ho feito de Diu por acabado como ele desejava, & assi ho derão os capitães & fidalgos da armada, dizendo: que nenhūa cousa podera suceder tão importante pera se tomar Diu como a morte de Hagamahumud. E assi fora se ho gouernador não se deteuer a tanto como se deteue em Chaul q̄ forão dez dias mais do necessário, & despois na ilha do betele. E nesta deteça veyo a Diu ho socorro que direy a dian te: & forá os mouros q̄ estauão nele aui sados pelos de Chaul de tudo o q̄ o gouernador determinaua, & do poder q̄ le uaua. E os mesmos mouros se espanta- uão de indo ho gouernador a hūa em- presa tamanha fazer tanta deteça: &

tambem se espantauão muyto, que sen do sāo, quādo caualgaua hia encostado a hū moço desporas. E zombando da quilo dizião, que não era aquele ho homem que auia de tomar Diu.

## C A P I T . X X X .

¶ De como ho gouernador Nuno da cunha partio de Chaul pera a cidade de Diu.

**A**Cabadas estas deteças, partiose ho gouernador com a mais poderosa armada do que ate aquele tempo se ajuntara na India, que era de quatorze galeões todos grandes, fortes & bem artilhados, & seys naos Portuguesas, & dezasete galés & galeotas, & hūa galeaça, & duas carauelas, & céto & doze fustas, bargátins, catures, jūgos: & outros nauios de diuersas feyções, que com os de guerra fazião perto de trezentas ve- las. E nos de guerra hião quatro centas peças d'artelharia grossa, basiliscos, espla- lha fatos, camelos, esperas liões, serpes, saluagés, a fora a miuda, que era grande soma. A géte que hia nesta armada erão tres mil Portugueses, & tres mil Malabares, & dous mil Canarins frecheiros, & espingardeyros. Os principais capi- tães forão Eytor da silueira, Diogo da silueira, Antonio da silueira de menezes Antonio de saldanha, Manuel de brito, Ruy gomez da graá, Martí afonso de melo jusarte, Martí de crasto, Ruy vaz pereyra, Vasco da cunha, Franscisco da cunha, Manuel de sousa, Antonio de le- mos, Fernão rodriguez barba, Anriq̄ de macedo, Lopo de mezquita, Fernão de morais, dom Fernando deça, Fráci- co de vascócelos, Manuel de vasconce- los,

los, Ambrosio do rego, Nuno barreto, Gonçalo gomez dazeuedo, Francisco desaa, Fernão de lima, Ioão da silueira, Anrrique de soufa, Manuel dalbuquerque, Tristão dataide, Luis falcão, Antonio de saa, Iurdão de freytas, Tristão go mez da graá, Nuno fernádez freire, lo am médez de macedo, Diogo botelho pereyra. E pera que a frota fosse em boa ordem & goardada, fez tres capitaniais cada húa de vinte bargáins & catures: & fez delas capitáes a Manuel dalbuqrque, Tristão dataide, & Luys falcão. E diáte da armada obra de húa legoa auia de ir Antonio correa de Goa, descobrindo ho mar com certos catures. E indo nesta ordem bê de vagar, foy ter a Damão, donde auia datraucessar a enseada pera Diu: & porq despois náo podia to mar outro porto, tomou ho deste lugar, que com ho medo da nossa armada esta ua despouado, & assi a fortaleza q era forte cõ suas portas forradas de metal. E aqui foy dita húa missa cõ grande solenidade, em húa tenda q se armou pera isso, & prégou frey Antonio padtão comissário na India do menistro da ordé da obseruancia de sam Francisco. E encomendou muyto da parte de nosso Senhor, q pelejassem todos cõ muyto esforço pera tomarem Diu, onde nosso Senhor era muyto offendido cõ as abominações da falsa seyta de Mafamede, & géralmēte assolueo todos de seus pecados. E dita a missa, mandou ho gouernador dar hú pregão Real, q dizia. Ouui, ouui, ouui ho mádado do muyto alto, & muito podero Principe el Rey dô

Ioão de Portugal nosso senhor, que por galardoar ho esforço & valentia dos q se atreuerem a sobir primeyro nos muros de Diu, & leuantaré neles esta bandeyra por sua Alteza, em seu nome lhe faz o senhor gouernador merce ao primeyro de quinhentos cruzados, & ao segundo de quatrocétos, & ao terceyro de trezentos. E despois disto, porque ho gouernador sabia por Antonio correa que o yto legoas de Diu estaua húa pequena ilha quasi pegada com a tetrafirme, onde por ser muyto forte el rey de Cambaya mādaua fazer húa fortaleza, pera o que tinha hi hú capitão turco cõ dous mil homés de peleja Guzarates, & Abexins, & algūs Turcos: & mil de trabalho que trabalhauão na fortaleza, de que estaua feita algúia parte dos muros, & dos cobelos, mas pouca couisa. Teue conselho com os capitáes principais da armada, se daria nesta ilha primeyro q em Diu. E moueo a poer isto em conselho, saber que a voz de todos era que se desse primeyro naquela ilha q em Diu: posto q sua determinação era de náo se entremeter em nenhú feyto ate náo tomar Diu. E assi ho disse no cõselho, em que ouue diuersos pareceres: porq hús dizião que era bê cometer primeyro a ilha q dessem em Diu, porq se passassem sem a tomar, como os mousros erão mais de mostras q de obras, tomarião tamanha soberba cuidado q era de medo, que aquilo abastaria pera lhes dar esforço com que se defendessem. E por isso era necessário náo passar sem to mar a ilha, porque isso seria causa de os mousros

mouros desconfiaré de se defenderem. Outros dizião que não era bê cometer-se a ilha, porq como ela era muyto forte por ser a mayor parte cercada de rochedo, & menos gente da q estaua nela a poderia defender. Podia ser q acontecesse algú perigo no cometimento, & qual quer q fosse daria muyta quebra a tamanha armada como aqla era & tão podera rosa. E os nossos vendo q tão pouca causa como a ilha (a seu respeyto) lhes dava que fazer, esperádo que em Diu por sua grandeza, & fortaleza achasse mais resistencia perderião ho esforço q leuauão pera o tomar. E os mouros pelo cōtrayro: o q se deuia muyto de recear, & por isto não se deuia de cometer a ilha. E como do outro parecer erão mais q deste, assentouse q se tomasse a ilha primeyro que Diu, & assi ho assinarão todos em hū auto que soy feyto pelo secretario Simão ferteyra.

## C A P I T, XXXI.

¶ De como ho gouernador pelejou na ilha do betele com ho capitão del rey de Cambaya, & lha tomou.

**A**ssentado q a ilha do betele se deuia de tomar, partiose ho gouernador, leuando a ordé que trouuera ateli. E atrauessando ho golfão da enseada, chegou húa manhaá a esta ilha, que se chamaua então do betele, & agora se chama dos mortos, que como disse está oyto legoas de Diu, quasi pegada cō a terra firme terá húa legoa de roda pouco mais ou menos: da banda do norte té hū canal daltura de tres braças, & da báda do sul hú ilheos com q fica estreita a passagem pera a terra firme. Da de-

lesteté ho rio q a aparta da terra firme, da doeste ho mar. E de todas he cercada de alto rochedo, & fica muyto alta sobre ho mar. Epera ser húa das mais fortes coufas do mundo, não lhe faltaua mais que ser cercada de muro, que lhe elrey mandaua fazer, pera fazer outro Diu, receando q lha tomassem: porque de nenhúa parte se podia també fazer guerra a Diu como dali, do que os gouernadores tinhão pouco cuydado. A esta ilha chegou ho gouernador hū dia pola manhaá: & vêdo os mouros tamanha armada, temeráse q os tomassem. E querendo fazer concerto com ho gouernador, auido seguro dele, foy lhe falar ho capitão da ilha: & pediolhe q os deixasse ir com suas molheres, filhos & fazendas, & que lhe deixaria a ilha. E ho gouernador não quis, se não q ele sómēte se fosse com suas molheres, filhos & fazeda: & que os outros se lhe auião detregar, & ho capitão não quis. E isto q ho gouernador fez, foy contra ho parecer de todos. E aquele dia assentou ho gouernador, q ao outro dia desses na ilha manhaá clara: & a primeyra entrada fosse Deitor da silueira, que cometeria da banda do ponente onde estaua a porta da fortaleza, & da banda do leuante Diogo da silueira, & da do sul Martim Afonso de melo jufarte, & Francisco de saa, & os outros capitães irião repartidos coeles. Isto assentado, foy Martim afonso de melo jufarte em anoytecédo por mādado do gouernador ver ho desembarcado yro da ilha. E achando que era bô, tornou cō recado ao gouernador,

dor, & despôs ao seu nauio. E confessouse, & encomêdouse a nosſo Senhor, como fazião todos os da armada. Os mouros como estauão determinados de morreré antes que se entregarem, fizerão setecentos deles os cercilhos como clérigos, q̄ assi ho custumauão quando determinão de morrer: & estes se chamão boluches, gente de feyto. E ho seu capitão que ymou suas molheres, filhos & fazenda: & assi ho fizerão todos os casados, por não terem embarcação pera passaré a terra firme, & a géte pobre passou a nadado. E ho tesoureyro del rey de cambaya, se passou em húa pequena jangada de madeyra com ho dinheiro que tinha. Assi que não ficou na ilha mais que a gente de peleja. que acabando de queymar as molheres, & os filhos, q̄ foy tres ou quatro horas ante manhaá, derão fogo a essa artelharia q̄ tinhão por mandado do capitão, & coela, & com espingardas começarão de tirar a algúis nauios nossos que estauão a sombra da ilha, & tão perto que ouuião os nossos aos mouros chamarlhes perros, & que ali auião de morrer. E os nossos lhe começarão també de tirar, & era ho lúar tão claro que os enxergauão muyto bé, & começouse hú aspero jogo de bombardadas, & espingardadas de hú, a parte & doutra. E vêdo ho gouernador que se gastaua naquilo a poluora dos nossos debalde, não quis estar polo que se determinára no conselho de dar na ilha manhaá clara, & mādou dar logo, que foy muyto ante manhaá, pera o que mandou fazer final cō a tró-

betas & charmelas: o que foy grande erro, pelo q̄ se disso seguió. Ouído este final pela armada, embarcaráſe logo todos com grande pressa húa quinta feyra a dous dias de Feuereyro, dia da purificação de nosſa Senhora. E cometerão cō seus capitães a ilha pelas partes que lhes forão assinadas, não cessando os mouros de desparar sua artelharia & espingardaria, mas não fazião nojo coela. Eytor da silueira por ter a primeira entrada, foy o que cometeo prineyro a porta da fortaleza, q̄ os mouros tinham entulhada de pedra & terra. O q̄ os nossos não entenderão cō ho açodamento q̄ tinhão de a quebrar, & també não o exergarão cō a sombra do muro, & trabalhauão pela derribar cō hú vay & vé. E tāo ádarão neste trabalho q̄ amanheceo, & tāo enxergarão como a porta estaua, & differão a Eytor da silueira que estaua ao pé da escada, q̄ ficou muy agastado poilhe teré feridos algúis despingardadas, & ter necessidade descada pa sobir ao muro, & mādou logo por ela. E entretanto ficou á espingardadas com os mouros, q̄ não recebiao tāto nojo por estarem cubertos cō ho muro, como fazião aos nossos que estauão descubertos. Enisto derão húa espingardada a Eytor da silueira na coxa da perna dereyta que lha vazou, passandolhe as escarcelas: & achouse logo tão mal q̄ ho leuarão ao batel. E chegando á escada, sobio a sua gente ao muro: & ho cōtramestre do seu galeão, a q̄ não soube ho nome, não podendo sobir pela escada pera a gente ser muyta, sobio pola lá-

deytauão aos nossos. E acertou hú canto nacabeça a Diogo da silueyra, q foy ho primeiro q chegou a elles q ho derribou: & así forão derribados outros que quise ráo chegar coele. Poré Diogo da silueira & eles se eleuantarão , & era a peleja tamanha q era espáto. E cõ quanto a este tpo se tinhão ajuntados muitos dos outros capitães cõ Diogo da silueyra , não podião entrar os mouros, també se defen dião: principalmēte despois q foy ter coe les ho seu capitão cõ outros tres mouros de caualo. E decédo se se ajuntou coelles esforçadoos cõ grandes alaridos. E tam bem da nossa parte se ajuntarão todos os capitães q eram ja entrados cõ sua géte, & de cada vez a peleja era mais aspera. E estádo em peso remeteo lorge de lima ao capitão dos mouros & ferioho de maneyra q ho matou : & cõ sua morte enfraquecerão os mouros, de que muitos erão mortos: & se forão recolhendo pera húa mezquita, onde se meterão muitos, & outros q não poderão por os nossos os apertaré, fugiram cõtras as barrocas da banda do mar, & parte dos nossos ficarão cõ Diogo da silueyra pelejando cõ os que se acolherão à mezquita, parte forão seguindo os q fugião caminho das barrocas, por onde se lançauam abayxo: & muitos destes forão mortos. E matádo hú Portugues hú mouro, outro mouro que hia em sua companhia, vendo que ná podia escapar, virou ao Portugues pera ho ferir, & ele lhe deu cõ a lança polos peytos & ho passou da outra parte, & ho mouro se deixou correr pola lança assi atrauessoado, ate se ajuntar cõ ho Portugues

tugues & deulhe húa cutilada cō hú terçado que lhe cortou húa coxa cercea, & cairão ámbos cadahú pera seu cabo. E de ste esforço, & força auia muitos antre os mouros, de q̄ quatos se acolherão á mezquita forão mortos. E acabado de os matarchegou ho gouernador, & achou os nossos à caça cō os mouros que fugião pera as barrocas, por onde se deytauão a correr: & muitos cayão com pressa, & faziaose é pedaços por aq̄les penedos, & os outros lançauão se delles ao mar, delles se metião debaixo de lapas. E os nossos q̄ acudião todos a esta parte por ser a peleja acabada estauão em atalaya: & em se osdo mar ou os das lapas descobrindo, tirauão lhe cō as espingardas, & assi matauão muytos. E porque se perdião muytos tiros, mandou ho gouernador q̄ não tirasssem mais, & foy correr a ilha, onde não achou nenhu mouro, q̄ quasi todos forão mortos & catiuos. E por isso chamarão dali por diante a esta ilha à dos mortos. E dos nossos morrerão dō Francisco dabranches, Ioão aluarez dazeuedo, & outros fidalgos & homens conhecidos, q̄ erão portados dezasete. E forão feridos cento & vinte, de que despoys morrerão algūs. E posto que a vitoria foy grande custou muyto caro, & deu mays perda que proueyto, porque não auia nhūa necessidade de matar então aquelles mouros, & muyto grande de poupar os nossos pa tamанho feito como ho de Diu.

## C A P. I. T. I X X X I I.

¶ De como ho gouernador chegou a Diu, & como soube que Rumecão estaua dentro, com rumes & artelharia.

**M**ortos & catiuos todos os mouros que auia na ilha & destruida & queimada a fortaleza que se começa ua, & recolhida sua artelharia, recolheo se ho gouernador á frota com todos os nossos, em que se logo começou denxergar algū desmayo pelodāo que receberão na destruyçāo da ilha: assi dos mortos que eram pessas principaes, como dos feridos, de quem muytoso eram, & auiam de fazer grāde mingoano feyto de Diu, assi como Eytor da silueira que de cadavez se achaua peor: & era hū dos esforçados capitāes da armada & de bō conselho, & ele foy hum dos que ho deu que não se tomasse a ilha antes de Diu. E recolhido ho gouernador deyxouse ali estar oytos dias esperando polo judeu, ou polo mouro quietinha em Diu por espias, que leuasssem avisos de como estaua, o que não pode ser, porq̄ seys dias antes que chegasse á ilha dos mortos, polas detenções que fez, chegou Mustafa, q̄ depoys se chamou Rumecão, que inuernando no estreyto (como disse a tras) se partio pera a India com determinação de ir morar a Cambaya, & viuer cō elrey que se seruiria dele polas guerras q̄ tinha. E coeste fundamento se foy diante Cojeçofar com hodinheiro q̄ tinha do Turco, q̄ erão trezentos mil cruzados: & foy desembarcar a Diu. E despoys chegou Rumecão em hū galeão, & com a outra frota em que leuaua suas mulheres, & seyscentos rumes, & tres basalicos de metal, cada hū de trinta & dous palmos, que erão muy fermosas peças: & assi outras miudas, & mil & trezetros Arabios. E cō

**D** toda

toda esta gente soy ter a Diu, onde soy muy bé recebido de Melique tocão, que estaua muyto medroso da grande armada que sabia que ho gouernador leuaua. E polo que ho judeu, & ho mouro lhe tinham dito estaua determinado de dar forteza ao gouernador. E Rumecão q ho entendeo ho prouocou a q ho não fizesse, poédo lhe diante quam forte estaua Diu, asside gente ( porque auia nele treze mil homés de peleja) como darte haria: porq os baluartes, assi da forteza como da vila dos Rumes estauão muy bem bastecidos dela. E acadea que atrauessaua ho porto que fazia muy grande impedimento na entrada & dentro dela setéta & tres fustas, que era húa grossa armada: & estaua tam forte que podia pelejar com todo ho mundo & defenderse: quanto mais dos Portugueses que não auia de ser tantos: pelo que lhe seria cousa vergonhosa & de grande vituperio & desonrra fazer nenhú partido com ho gouernador quanto mays dar lhe forteza, que pois lhe parecia que os nossos leuauão tamанho poder q despejasse a cidade da fazenda & da gente q não era pera pelejar, & ficasse a de peleja & a defenderse coela. E se os Portugueses podessem mais & os entrassem, q estariaão despejados pera se saluar. E se os não entrassem que tornarião a recolher o q tevessem fora, & ficarião descansados. E isto pareceo bé a Meliquetocão, & assise fez, E mais mandou que sopena de morte não se fuisse nenhú dos mercadores estrágeiros que nela estauão, porq estes pelo q lhe compria ajudarião a defender a cidade, & mais não darião nenhú auiso ao gouerna-

dor do que determinauão de fazer. E por isto nem ho judeu nem ho mouro não poderam sayr da cidade & dar auiso ao gouernador, que se andara mais de presa & chegara antes de Rumecão, fizera muyto seruiço a Deos & a el Rey, & ganhara grande honra em se lhesdar forteza em Diu, que era a mais forte cousa que auia na India, & de que mouros & Rumes fazião todo seu fundamento, pera dali detarem os nossos foradela. E vendo ho gouernador q lhe tardaua ho recado q el peraua não quis mais esperar, & partiose para Diu, onde chegou húa domingo á tarde de onze de Feuereiro, & surgio ao mar quasi húa legoa da cidade: sabendo já a vinda de Rumecão por lingoa q tomou Antonio correa. E certo que fez espanto na cidade húa armada tamанha & tam poderosa como a nossa parecia. E se Rumecão não estuera dentro, Melique rogará com forteza ao gouernador, & q ho não destruisse. E ainda Rumecão teve que fazer em lho estoruar: ate dizerlhe q se fuisse da cidade, & queele a defenderia com a gente que trouuera, & cō os merdiores. E eletinha mandado minar todas as ruas da cidade, & encher as minas de poluora pa lhes dar fogo, se os nossos entrassem. E mandoulhes tirar cō os scustiros, principalmente á capitaina, q atenoite não fizerão outra cousa. E cairá tres pelouros tā perto dela q o gouernador mandou alargar as amarras pa ficar mais longe que lhe não fizessem os pelouros nojo. E nūca quis mandar tirar a cidade, esperando ainda por recado das suas espias, pera determinar o que auia de fazer.

## C A P I T . XXXIII.

¶ De como ho gouernador deu bateria a Diu,  
& do que lhe aconteceeo.

**A**O outro dia em saindo ho sol apareceu muyta gête polos muros & baluartes da cidade, vestidos de cabayas de graá que se vião muyto bé, & logo os baliscos dos rumes começarão de disparar & tirauão pelouros de metal: & deferro coado de peso do ytéta arratés, segúdo se viu por algúis q̄ cairá em nauios nossos, q̄ nam fizerão nojo. E vendo ho gouernador isto & que não vinha nenhúa das suas espias desejperou de viré, & determinádo de dár bateria á cidade por mār mandou a Antonio correa que chegassem até a cadea q̄ carraua ho porto pera descobrir a artelharia q̄ auia nos baluartes, & se estaua algúia armada no porto, & Antonio correa soy costeádo a ilha cosido cō terra, polo não pescar a artelharia, assidos baluartes da cidade como do da vila dos rumes, que chouia sobre eles pelouros, & así ho galeão dos rumes q̄ estaua de fora da cadea, & as fustas q̄ estauão de dentro, ho q̄ tudo muy bem visto por ele se tornou ao gouernador q̄ estaua no galeão São Dinis cō Eytor da filueyra, q̄ se finou aq̄le dia da espingardada q̄ lhe derão na ilha dos mortos. E suamorte fez grande espanto na gente comū por ele ser dos principaes capitaes da armada & bem quisto, & sabendo ho gouernador por Antonio correa como á cidade estaua forte pola banda do mār, mādoulhe que fosse saber sua despoisçāo da banda da terra, & sabida lhe tornou a dizer que daq̄la parte não tinha artelharia & que estaua fraca porq̄ a

mayor fortaleza q̄ tinha era húa caua baixa q̄ logo se podia atupir, & q̄ do desembarcadoiro à cidade seria perto de húa legoa, & q̄ daquela parte lhe parecia q̄ aueria pouco em atomar, o que não podia ser por ho gouernador ná hir aparelhado peradar bateria porterra. E então vio ho er q̄ fizera é se deter tāto no caminho, & em fazer tamanho gasto como fez em fazer aq̄la armada pera ir a Diu sem saber muito bem sua disposiçāo, & que gente lhe era necessaria pera ho tomar. E neste dia senão fez mais, & ao outropola menhaá se ajuntarão no seu galeão os capitaes da armada aque disse ho auiso que esperaua da cidade, & a fortaleza que tinha da báda do mār & da terra, propondo per qual se-ria melhor darem lhe bateria, & soy determinado que posto que a bateria não se podia dar bem por mār por amor do arfar dos nauios, q̄ pois ali estauão que se desse do mār, porq̄ daterra não podia sér, por a distancia que auia do desembarcadoiro á cidade ser gráde pera se leuar a artelharia por terra. E posto q̄ se podéra leuar não auia tanta gente que podesse ficar na frota pera pelejar cō a armada dos imigos se lhe fuisse, & podesse ir á bateria pera goardara artelharia com q̄ se desse: & os imigos será tanta gente que se podião repartir pa- lejar no mār & defender a terra, & poris so era ho mais seguro dar a bateria por mār, & trabalhar por q̄brar a cadea q̄ carraua ho porto, & entrar dentro & tomar a armada dos mouros ou ganhar ho baluarte do mār ou ho da barra: porqu e cō qualqr destas couisas se abalarião os mouros pera darem fortaleza. E logo ali seaf-

D ij sen-

sentou que dom Vasco de lima, Jorge de lima, & Tristão homé cada hum em seu batel de mantas que leuaua cada hum seu tiro chamado lião surgisem da lagea perra dentro: & dessem bateria ao baluarte do mar. E que os ajudassem Iurdão de freytas hum fidalgo da ilha da madeyra, & Antonio de sa de Santarem, capitães de duas albetoças que leuaua cada húa húa espalhafato: & ao baluarte de Diogo lopez bateria Manuel dalbuquerque com a sua galeça que tiraua húa baselisco por proa, & auiano dajudar quatro capitães de quatro galeotas, que tirauão quatro tiros grossos. E os capitães forão Nuno fernandez freire, Fernão de lima, Manuel de vasconcelos, & Vasco da cunha: ho baluarte da terra auia de bater Francisco de sa capitão da galé bastarda com hum baselisco que tiraua ferro coado de peso de setenta arratcés: & auiano daco panhar quatro galés que tirauão tiros grossos: & Antonio da silueyra com ho resto das galés: & fustalha de que era capitão mór, auia de estárde sobre salente pera acodir se fosse necessário, & entrar por qualquer portal que os da bateria fizessem no baluarte do mar. E a outra armada dos galeões & nauios grossos auia destar afastado obra de húa legoa de terra, porque lhe não chegaf sea artelharia dos mouros. Isto assentado forão desem masteados os nauios da bateria, & fortalecidos de fortes & largas arrôbadas: & aquela tarde os começarão de rebocar algüs catures com quem andauão ho gouernador & Antonio de saldaña: & nisto forão as bôbardadas da cidadetantas, principalmente dos baluartes

que auião de ser batidos, que os que reboauão Francisco de sa ho dey xarão longe donde auia destar, porem Manuel dalbuquerque foy leuado ao posto donde auia de bater. E por Francisco de sa ficar longe donde auia destar não se deu ao outro dia a bateria como estaua assentado, mas ouue hum brauo jogo de bombardadas dábás as partes. E na madrugada segunte quis ho gouernador mandar rebocar Francisco de sa, & deusenissô tam má ordem: & assi por a corrente dagoa ser muy tesa, que amanheceo primeiro que ho possesse no posto, então forão as bombardadas tãm bastas que os mouros tirauão que não as podendo os capitães dos catu- res sofrer dey xarão Francisco de sa mea legoa donde auia destar, que foy grande desmancho: & ho gouernador da gasta- do de ver quanto estoruo auia pera Frá- cisco de sa chegar onde auia destar, man- dou que todavia se desse bateria, que se co- meçou ás noue horas do dia, & foy cou- sa espantosa as bombardadas que despara uá dhúa parte & doutra, & a grossa fuma- çá que se leuantaua dambas as partes que escurecia ho çeo & aterra. E em a bateria começado ex que abalão ostres bateis de mantas atoados a tres catures, de que erão capitães, Gonçalo vaz coutinho fidalgo, Fráscico de barros & outro. E parecia cou- sa descarnio ver tres bateys que parecião tres cascás de nozes, irem cometer tres ba- luartes que estauão das mais medonhas coufas do mundo, com os muitos pelou- ros que deytauão, com que parecia que ardião em fogo: & assi lhes tirauão as fu- stas que estauão de dentro da cadea, & ou- tras

tras dantre ho baluarte da terra & a vila dos Rumes. E a dozentos passos do baluarte do mār como os pelouros chouão matarão dez remeiros no catur de Gonçalo vaz coutinho, que rebocaua ho batel de dom Vasco de lima: & ho arrombarão de modo que não pode passar auante: & alargando ho cabo com que leuaua atoado ho batel ho dey xou. Mas logo acedio outro catur que ho rebocou: & vendo Iorge de lima como Gonçalo vaz alargara ho batel a dō Vasco, temeose q Fernão de barros lhe alargasse ho seu, pelo q lhe bradou que ho não fizesse se não q o meteria no fundo. E como ele era esforçado não ho fez por mais q as bombardadas forão, cō que lhe matarão doux Portugueses & sete remeiros: & foy ho poer a quarenta passos do baluarte, q deste espaço se auia de dar a bateria. E ainda ali não alargou o cabo ate lhe Iorge de lima não bradar du as vezes que ho alargasse: & neste espaço forão postos os outros bateis: & ficou ho dedom Vasco da banda do mesmo baluarte. E ho de Tristão homē da vila dos Rumes: & ho de Iorge de lima no meo. E todos tres começará de ho bater com seus tiros que deytauão pelouro de ferro de peso de quarenta arratés: & tendo ho aberto Iorge de lima com tres tiros que lhe tirou, arrebentou a bombarda no reparo ao derradeyro, & não pode mays tirar, que se isso não fora ele & os outros fizerão portal por onde se podera entrar. E com tudo Iorge de lima ho mandaua cō certar: pera ver se poderia fazer obra: & nisto lhe derão tres tiros ao lume dagoa com que lhe arrombarão ho batel, & lhe

matarão cinco Portugueses: & pera não se alagar mandou lançar ho tiro a húabáda. E neste instate estando dom Vasco em pé no seu batel lhe leuou hum pelouro dos imigos a cabeça com parte dos hóbros, respondendo ele ao seu condestabre (que lhe dizia que se abaixasle) que não auia medo a pelouros. E assicom aconceeo a estes bateis assi aconteceeo aos outros natios da bateria que lhes não valerão arrombadias nem forraza pera resistirem ás brauas curriadas de pelouros que lhes dauão os imigos em toda viua: & a todos arróbarão, & meterão muitos dentro, com que lhes matarão assaz de gente, principalmente a Manuel dalbuquerque que estaua mais perto do baluarte que tinha a cargo. E os mouros tambem receberão algum dano, porque polas ameas dhum pan do muro entrou hū pelouro nosso que acertou de dar em hum cayxão de poluora que estaua junto de hum tiro: & acendeose ho fogo na poluora. E queymou muitos dos imigos, & euvi ho fumo: & assi outros tiros perdidos lhes fizerao tambem muito dano & muito mais lho ouuerá de fazer se os nossos tiros grossos não arrebentará todos sem ficar nenhum. E dissesse que por lhe deitarem carrega dobrada da q leuauão: & que homádou assi ho gouernador, por lhe parecer que farião mayor passada, & por isso se clementarão muito mays do que se esquererão cō a carrega propria. E arrebentará sem lhes valer a muyta diligencia que os nossos poserão em os resfriar com vinagre. E estando assi a coufa que passaria de dez oras, que tāo durou a bateria sem

os tiros arrebentarem, soube ho gouernador como os tiros erão arrebentados, & que não fazião nada, & por isso mandou afastar esses nauios pequenos: & os grandes por ho não poderem fazer logo, ficarão ate a tarde.

## CAPIT. XXXIII. I.

De como ho gouernador se partio do porto de Diu.

**E**m se os nauios afastando derão os mouros grandes gritas, assi de prazer, como por fazerem escarnio dos Portugueses, & mostraranse muitos polos muros & baluartes, disparando sua espin gaderia: & nisto & em tirar a artelharia despenderão ate a tarde, que se os nauios grossos acabarão da afastar. Ho gouernador dagastado & descontéte não se quis tornar ao seu galeão, & foise à taforea de Antonio saldanha, & hiteue conselho se daria outra bateria, & foylhe cósellhado que não, porque ainda que não teuera arrebétados os tiros grossos como o stinha não podia fazer nojo à cidade, pola muyta & muy grossa artelharia que tinha, có que lhe faria de cada vez mays dâno. E q̄ a cidade tam forte como aquela estaua não se podia dar bateria por mār peralhe fazerem dâno, se não por terra detras de mantas & reparios. E que se deuia detornar, & deixara aquele feito pera outro tempo em que se podesse melhor fazer. E estando nisto supitamēte despararão as fustas dos im̄migos a sua artelharia, & assi os baluartes & muros, & isto por festejarem ho prazer que tinham da vitoria. E ouindo os Portugueses aquele supito, cuya dão que as fustas sahão a pelejar coes.

E como os nauios da bateria estauão desaparelhados, & eles assombrados da resistencia passada, aluoroçarão se muyto com medo: & foy muyto grande rebate por toda a nossa armada. E se as fustas fayrão os nauios desaparelhados correão risco de serem tomados, mas não fayrão porque não tinhā os im̄migos essa ouſadia: & cuydauão que tinhā feito assaz em se defender: & assi foy, porque se os nossos tiros não arrebentarão tam asinha eles fizérão portal por onde os Portugueses entrarão: ou quebrarão a cadea, & aferrarão có as fustas: & com qualquer destas a cidade se tomara. E porque os nauios da bateria estauão desaparelhados, & era necessário aparelharem se foy forçado ao gouernador deterse ali a festa feyra seguinte, & sabado, & domingo: & segū da feyra se partio pera a ilha dos mórtos. E os mouros q̄ ho virão ir ficarão liures do grande medo que tinham de os entrarem: & Mustafa muyto soberbo por fazer que não se desse Diu ao gouernador. E assi ho fez certo a el Rey de Cambaya, pera quem se logo foy, a que contou ho que passaua, & lhe fez seruço da artelharia que trouera. E por tudo isto lhe fez el rey grandes honras & merces, assi de renda como de nome de cão, que anteles he muyto estimado. E dali a diate se chamou Rumeção; & era dos mays honrados capitães del Rey de Cambaya, & mais seu priuado, & de que ele fazia maior conta, do q̄ Melique tocá ficou muyto magoado: & secretamente im̄migo de rumeção, & receoso que el rey lhe desse a capitania de Diu.

## C A P I T. XXXV

¶ Do que ho gouernador fez despoys de  
se yr de Diu.

**C**Hegado ho gouernador á ilha dos mortos, teue ali cōselho com todos os capitães & fidalgos da armada, que por quanto os moutos de Diu auiaõ de ficar muyto soberbos por ho gouernador os não poder tomar, & auiaõ de cuydar que não podia nada, era necessario pera q de todonão perdesse ho credito ficar na costa de Cambaya húa grossa armada que destruisse os mays dos lugares que podesse, principalmente Baçaim em que el Rey de Cambaya começaua de fazer outro Diu. E começasse na cidade de Goga que he dentro na enseada dezasete legoas da ilha dos mortos: & coisto se restauraria em parte ho reués que os Portugueses receberão em Diu. Eassentado dese fazer assi, conuidouse Antonio de saldanha pera ficar por capitão mór desta armada: & ho gouernador lho concedeo por ser pessoa de merecimento, & por ter feito muyto seruço na India a el rey de Portugal: & deulhe a galé bastarda em que ficasse & oito galés outras com quarenta fustas: & bargantins em que ficarão passante de mil Portugueses todos gente escolhida, & com a outra armada se foy ho gouernador a Chaul, cuja capitania por estar vaga deu a Diogo da silueyra seu cunhado. E de Chaul se foy ho gouernador a Goa, dōde mandou ao estreyto a dom Antonio da silueyra por capitão mór de húa armada & deulhe a galé em que foy: & os outros capitães a forão Martim de crasto, lorgede

lima, Anrrique de maçedo, Antonio de lemos, Ioão rodriguez paez, todos em ga leoés. E deulhe por regimento que foile ver Adem a saber del rey setinha necessidade de sua ajuda: & tendoa lha desse. E arrecadasse as pareas que deuia. E ho gouernador ficou em Goa onde auia de ter ho inuerno. E porque pola ida de Afonso mexia, que se forá pera Portugal aquele anno ele ficaua por vedor da fazenda ate el Rey prouer, ho quellhe erapejo por a grande ocupação quetinha na gouernança da India. Por se descarregar dos negócios da fazenda fez ouuidor dos feytos de la ao licençia do Lopo fernandez de casta nheda que ateli seruir a ouuidor geral da India na vagante do licenciado Ioão do soyro: & auiaõ deser dali por diante ho doutor Antonio de macedo, que vinha prouido por el Rey deste officio.

## C A P I T. XXXVI.

¶ De como Antonio de saldanha destruyó a cidade de Goga, & do mays que fez na costa de Cambaya.

**A**ntonio de saldanha que ficaua na costa de Cambaya com a armada que disse, partido ho gouernador pera Chaul, partiose pera a cidade de Goga q he na enseada como disse, situada na boca de hum steyro rasa sem nenhúa forta leza, pouoado de mouros mercadores, q ouuindo como a noſſa armada hia despearão ho mays que poderão. E neste tempo acertou destar ali húa armada de Malabares de Calicut de vinte cinco paraos curregados de pimenta que leuauão a vender. E estes sabendo a vindade Antonio de saldanha, & não tendo outro re

medio vararão os paraos polo esteyro a ci-  
ma obra de húa legoa da cidade: se pose-  
rão em renque jútos húsdos outros, com  
seus tiros dartelharia nas proas: & os le-  
mes atraue fados nelas peramays fortale-  
za: & a gente detras com mostra de se de-  
fender, postoq algúia se foy pa á cidade a  
ajudar algúis mouros que nela ficarão por  
que os mays erão acolhidos com medo  
dos Portugueses que chegarão a cidade  
hum dia pola menhaá, & logo desem-  
barcarão: & diante de todos Fernão ro-  
driguez barba, que leuaua á primeyraen-  
trada. E por derradeyro Antonio de sal-  
danha. E como a gente que estaua na ci-  
dade era pouca defendeose pouco, q logo  
fugirão ficando algúis mortos assi gua-  
rates como malabares: & entrada a cida-  
de foy saqueada. E porque Antonio de  
saldanhia sabia que a armada dos malaba-  
res estaua pelo esteiro açima, determinou  
de a hir destruyr. E partio pera lá despoys  
de comer, & foy por terra seytos tres esco-  
adroés de sua géte. A capitania do dian-  
teyro que seria de dozentos homés deu  
a Fernão rodriguez barba. E a do segun-  
do q seria de trezentos deu a Francisco de  
vasconcelos. E ho terceyro dey xou pera  
si que seria de quinhentos homés. E indo  
nesta ordem chegou a húa gráde varzia,  
por ondena bordado esteyro estaua va-  
rada a armada dos malabares, que como  
os Portugueses forão deles a tiro de bom  
barda, lhes começarão de tirar com a ar-  
telharia que jugaua muyto a miude: mas  
nem por isso dey xarão eles de passar au-  
te. E rompendo por antre aquela multi-  
dá de pelouros inuestirão có os paraos,

& os mouros como virão a cōcrusão, &  
que os Portugueses querião pelejar coeles  
sem nenhū medo, ouueráolho tamanho  
que fugirão: & dey xarão os paraos, sem  
morrer nenhun Portugues, que acaban-  
do os immigos de fugir começarão logo  
dapanhar cestá pimenta que elestinhão. E  
temendo Antonio de saldanha q se carre  
gasssem muyto: & que tornasssem osimi-  
gos sobreles & não se podessem defender  
como muytas vezes se faz, mandou dar  
fogo aos paraos. E arderão todos com  
quanta pimenta tinhão, do que os sol-  
dados ficarão muito magoados, porque  
perderão alimuyto: & ficarão assaz de  
descontétes de Antonio de saldanha, que  
despoys que os paraos arderão se tornou  
a cidade, onde mandou queymar cinco  
naos que estauão varadas, & sem a sua  
gente fazer ali nenhúa presa se tornou a  
embarcar. E dalise passou á outra ban-  
dada enseada, & entrou em currate &  
Reynel que achou despejados. E hi to-  
mou oyo paraos Malabares que achou  
varados. E feyto isto se partio pera Chaul  
sem querer hir dar em Baçaim, como lhe  
ho gouernador mandara, & a causa foy  
porque ho escorre de noyte, & por não  
tornar atras, & mays porque soube que  
estaua muyto forte. E chegando a Chaul  
dey xou quasi toda a armada a Diogo da  
silueyra, que assi ho mandara ho gouer-  
nador, pera fazer guerra á costa de Cam-  
baya, & tolher que não fossé dela manti-  
mentos a Diu nem madeyra, porquedes-  
ta maneyra lhe daria tanta guerra que  
com aperto sedesse. E dey xando a arma-  
da em Chaul se foy na gale bastarda a

Goa, & deu conta a gouernador do que fizera.

## CAPIT. XXXVII.

¶ De como Iorge de lima socedeo na capinia a dom Antonio da silueyra.

Dom Antonio da silueyra que foy ao cabo de goardafum por capitão mór da armada chegado a parajem em que auia desperar as naos de prefa, repartio sua armada no modo que auia de star: & andarão assi ate quasi a fim Da bril sem passarem nenhūas naos de prefa, & porse chegar ho inuerno partiosepe ra Adem. E no caminho soube que el rey seleuantara contra os Portugueses, & matara quantos la deyxara Eytorda silueyra, & outros que despoys forão com mer cadorias em que tomou bem oytéta mil pardaos. E affirmouse q̄ a causa destatrey ção del Rey Dadem foy cobiça de húa nao carregada de pimenta que hús Portugueses la leuarão que ele mandou tomar, & despoys tomou ho mays que digo, & comtudo dō Antonio chegou a Adé. E chegando fugirão do porto certas naos que hi estauão, & a eletirarão lhe ás bombardadas: & vendo dom Antonio que não podia fazer nada por quam pequena armada leuaua, partiosepera Ormuz on de auia de inuernar & hi falaceo: & por seu falecimento foy emlegido por capitão mór daquela armada, Iorgede lima. E ele deu a capitania do seu nauio a dom Ioão lobo, & em Agosto se partio Iorge delima pera a India. E no caminho tomou dous nauios de mouros: & no di nheyro que se fez na carrega q̄ leuauão vierão a el Rey cincoenta mil pardaos pa gas as partes.

## CAPIT. XXXVIII.

¶ De como Gonçalo pereyra fez amizade com el Rey de Tidore:

Partido dom Iorgede meuneses de Ter nate, entendeo Gonçalo pereyra em acabara fortaleza que ainda estauada ma neyra q̄ Antonio de brito a deyxara: que nenhū destes capitães se lebrou de acabar aquela obra. E como Góçalo pereyra pa issò tinha necessidade de madeyra, & outras coufas que auia nailha de Tidore má dou pedir tudo ao rey dela por ser amigo dos Portugueses, & mandou a isso Luys dandrade, por quem lhe mádou hum pre sente de sedas, & outras coufas de preço. E Luysdandrade hia com nome dembaxador, & assileuaua ho aparato, com que desembarcou em Tidore. E sabendo el Rey quem ele era: & os carregos que ti nha lhe mandou fazersoléne recebimen to: & os seus principaels mandarins com muyta gente ho forão esperar aomar: & em desembarcando ho tomarão antre si, & ho leuarão aos paços del Rey per de bayxo de húa ramada de ramos verdes q̄ duraua do mar ate os paços: & ho cháo cuberto de flores: & eruas cheyrosas, & entrados nos paços acharão el Rey é húa varanda terrea aparamentada de finos pa nos deras, de figuras, & de verdura: que lhe derão os Castelhanos. E el rey seria de xvij. annos, & era aluo & gétil homē: esta ua vestido muy ricaméte, & tinha gráde magestade & estado, estaua acópanhado de seus irmãos, & de muytos mandarins. E como se criara cō os Castelhanos sabia bem a sua lingoa: & Bizcainha, & Portuguesa: & prezauase muyto de as falar. E quādo Luysdandrade chegou diante dele fez

fez lhe muyta honra: & falou lhe Portugues. E Luys dandrade lhe apresentou ho presente que lhe leuaua com que mostrou, que folgaua muyto, principalmente com húa el pingarda: & despoys lhe preguntou miudamente por el Rey de Portugal: & polo Emperador, & por suas cortes, & despoys polo gouernadorda India. E por Gonçalo pereyra, a que respondeo que madeyra: & quanto lhe fosse necesario de sua terra tudo lhe daria, & lho mandaria: & assi ho fez. E ficando muyto amigo de Gonçalo pereyra, a que tambem mandou hum presente, tornouse Luys dandrade pera Ternate. E no caminho se ouuera de perder com húatoruada quelhe dci: & despoys disto por Cachil humar Sangaje da cidade de Maquiem estar leuantado por amordas parcas que lhe posera dom Jorge, & não querer dar obediencia a Gonçalo pereyra mandou contrele Vicente dafonseca com húa armada, & Cachilato com outra, ho que sabido por Cachil humar fugio perael Rey de Geylolo, & foy lhe tomada sua terra. E despoys por rogo del Rey de Geylolo: & de Fernão dela torre lhe restituyo Gonçalo pereyra seu estado, do que el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficarão seus amigos, & se visitarão da lipo diante por seus meses jeyros.

## C A P I T. XXXIX

¶ De como a Raynha de Ternate determinou de matar Gonçalo pereyra.

**N**Este tempo executaua Gonçalo pereyra a prematica do crauo quanto

podia, apertando muito que se goardasse do que os Portugues andauão muy es- candalizados polo muyto que ni lo per- dião: & dizião antre si que se deuiaão de jr pera os mouros ou pera os Castelhanos, & dey xar sós Gonçalo pereyra: & Luys dandrade, pera ver se defendiaão a fortaleza. E os que isto sintião mays, & davaão causa a se os outros aluoroçarem erão ho vigairo da fortaleza que auia nome Fernão lopez: & Afonso pirez, Vicente dafonseca, Baltesar veloso: & Manuel pinto, que como sabião a lingoa da terra, & tinham amizade com a Raynha & com muitos mouros que tambem recebiaão perda nesta prematica do crauo, prouo cauamnos a parecer lhes mal: & a escandalizaremse de Gonçalo pereyra, a que determinarão de tirar a capitania & fazerem outro capitão que lhes alargas- se ho crauo, & cometerão pera isso Bras pereyra que sabião que estaua mal com Gonçalo pereyra: & por ho não querer aceytar asfentaráão de fazerem capitão Vicente dafonseca, que naquele tempo in- juriou de palaura ao sobrerolda da fortaleza pordizer da parte de Góçalo pereyra aos que estauão em sua casa que fôsem vigiar a fortaleza porque não queriaão jr a vigia. E reprendendo Gonçalo pereyra disto a Vicente dafonseca, ele se agastou tanto quelhe disse algúas des cortesias. E como Gonçalo pereyra desejava de ho castigar por saber que era traueso: & reuolto pren deo ho na fortaleza em ferros cõ aquele acha que ho q sabido polos outros cõjurados pedirão logo a Góçalo pereyra com grande instancia que ho sol- tasce

tasce & cle não quis, dizendo q̄ ho auia de  
 ter preso, pera na mouçāo ho mandar á  
 india com outros reuoltoſos q̄ auia na for-  
 taleza: do que eles ficarão muyto corta-  
 dos por lhes parecer que entrauão naque-  
 le conto: & não quiserão mays falar lhe  
 na soltura de Vicente dafonſeca: & de-  
 terminarão de ho matar antes da mouçāo  
 & antes que Hanibal cernige seu cunha-  
 do chegaile de banda. E trabalharão de a  
 querir de sua parte a Raynha, & Cachi-  
 lato: & os mays dos mandarins, & tan-  
 tas couſas & males lhes diſterão de Gon-  
 çalo pereira: & quenão auia de dar el rey.  
 E tanto lhe meterão em cabeça que não  
 desejava ſe não deſtruilos, & que aſſi ho  
 auia de fazer ſe lhe não atalhafsem com  
 a morte, que eſſes ho crerão: & menos aba-  
 ſtar apera ho crerem por ſerem de con-  
 fiados: & imigos dos christãos. E a foraeſ-  
 te odio natural teuerão outro a Gonçalo  
 pereira polo que dele ouuirão. E pera fa-  
 berem ſe era aſſicom o eſſes dizião man-  
 doulhe a Raynha pedir ſeu filho muy  
 apertadamente, dizendo que lhe lembraf-  
 ſe quantos dias auia que lhe juraua de  
 lho dar & que ho niām cópria, que ſe eſ-  
 pantaua muyto de não comprir ho que  
 jurara em sua ley. E como ele desejava  
 daſabar hum baluarte da forta-  
 leza, em que andaua com grá de preſſa, & a entre-  
 ga del Rey ho auia deſtoruar: & tam-  
 bém não ho querer entregar até a forta-  
 leza, não fer de todo Carrada, porque os  
 da terra ho ajudafsem como ajudauão,  
 respódeo á Raynha que eſſe deſejava tan-  
 to de aſeruir: & fazer lhe a vontade que

ſem juramento lhe entregara ſeu filho  
 quanto mays jurandolho. E pola oculpa-  
 çāo em que andaua de que não ſe queria  
 eſtoruar não compria coela, pedindolhe  
 muyto que lhe deſſe licença pera iſſo: &  
 que ho ajudafſe com mays gente pera  
 acabar aſinha aq̄la obra: porque quanto  
 mays aſinha acabafſe, tanto mays aſinha  
 lhedaria ſeu filho & faria todo ho mays  
 que lhe mandafſe, porque pera iſſo deſeja-  
 ua de ter deſcanſo. Porem a Raynha não  
 ſoy contente daquela reſpoſta: porque  
 lhe parecco eſcuſa pera lhe não dar ſeu fi-  
 lho: & teue por verdade, ho que lhe os  
 Portugueses diſião de Gonçalo pereyra,  
 pelo que determinou de ho matar & to-  
 mar a forta-zea, & despois matar todos  
 os Portugueses. E o que lhe deu atreui-  
 méto pera iſſo ſoy conhecer ho odio que  
 os principaels & mays antigos Portu-  
 gueses tinham ao capitão, & que folgarião  
 de ho ver mórtto: & por eſſa cauſa tinha  
 pera fazer aquilo ho melhor tempo que  
 podia ſer. E mays por el Rey eſtar na  
 forta-zea: & coele ſe uirão, & algúſ  
 filhos dos mandarins: & hia ho gouerna-  
 dor viſitado muytas vezes. E quaſi q̄ nū  
 ca de lá ſayão mandarins mancebos que  
 hiaſo folgar coele, a quem polos terem  
 muyto em coſtume não buſcauão ſe le-  
 uauão armas, pelo que as podiaſo leuar ſe-  
 cretas: & quando não leuarlhas hiaſo os  
 que leuauão de comer a el Rey, naſ canas  
 em que leuauão ho viño: & a agoa. E  
 nisto ſe acabou de determinar, com con-  
 ſelho dos ſeus mandarins com que holo  
 gopraticou.

## C A P I T . X L .

¶ De como soy morto Gonçalo pereira.  
E os mouros que ho matarão.

**S**sto determinado a raynha por dissimular com Gonçalo pereira se mostrou muyto satisfeita com a sua reposta, & mandoula muyto agardecer. E pera mais dissimulaçao mādoulhe muyta gente que ho ajudasse a fazer a fortaleza, por que quanto acabasse mais cedo mais assinha lhe daria seu filho: do que Gōçalo pereyra ficou muyto ledo, & andaua muy contente, fazendo continuamente trabalhar na fortaleza. E neste tempo Cachil Catabrum gouernador de Geylolo, que era metido na treyçao que a Raynha de Ternate auia de fazer a Gonçalo pereira, vendo quetardaua de se executar, receou se que se rompesse, & que Gonçalo pereira lhe ficasse por imigo. E determinando de lho descobrir, temia també que ho não soubesse ainda: & descobrindo se q̄ Gōçalo pereira ho soubera porele q̄ a Raynha & os de seu cōselho ficariā seus imigos. E pera não perder nisto nada quis apalpar o que Gonçalo pereira sabia daquela treyçao. Mandando a hum Mandarim em q̄ confiaua muyto que lhe fosse dizer em se gredo como de si mesmo, que o lhe co mo estaua, porque os Mandarins de Ternate faziaõ muytos conselhos, & segundo lhe parecia era cōtra sua vida, & contra aquela fortaleza. E isto pera que assi como Gonçalo pereira tomasse aquilo, assi sifaberia se lhe descobriria a treyçao, ou se calaria. E Gonçalo pereyra como es-

taua muyto crente na amizade da Raynha & dos do seu conselho, & pouco acautelado da maldade dos Portugueses seus imigos: pareceolhe quando lhe ho Mandarim disse o que lhe Cachil catabrum mandou que lhe dissesse, que era mexirico, & que procedia denuela de os Ternates ho ajudarem tambem a fazer a fortaleza. Respondeolhe que ja era velho, & não tinha necessidade de conselho. Ho Mandarim quando vio quão descuidado Gonçalo pereyra estaua da treyçao, temeo se que ho descobrisse aos Ternates, que ho matarião por isso, & acolheose para Geilolo, onde contou a Cachil catabrum o que achara, do que ele ficou assi segadoda sospeita que tinha. E a fora este auiso em que Gonçalo pereira não atentou, disseranlhe algūs Portugueses que os mouros que ajudauão na fortaleza andauão mays ledos que dantes, & que davão muytos saltos, & faziaõ geitos como faziaõ quando andauão na guerra, E que os tomauaõ polas mãos, & pega uaõ neles dizendo carachel mandi, que em sua lingoa quer dizer homē valente & esforçado: & quelhe parecia aquilo final deterem ordenada algūa treyçao. Enem por isto atentou Gonçalo pereira. E sendo ja chegado ho dia em que os mouros tinhão entre si determinado de homatar, que soy aos dez & sete de Mayo, vespresa de Penticoste, ordenarão como auia de ser. E deitando sortes sobre quem seria o que matasse Gonçalo pereira, cahio a sorte sobre hum primo de Cachil deroes, que auia nome Cachil

cabalou ainda ir a cebo, & sobre outros dez da sua idade que ho auião dajudar. E pera que os Portugueses não sospeitassem dele nada, auião de ir com Cachilato que era feitura de Gonçalo pereira: & que lhe hia falar a qualquer hora, por ter coele estreita amizade. E poserão logo aquele dia pola menhaá muyta gente em tres ciladas, húa ao derredor da pouoação dos Portugueses em matos tam cerrados que acercão, que nunca ali ningué vay, & por isso não podião servistos. E a segunda estaua por esfias casas da cidade, & a terceira na mizquita, que estaua pegada com a fortaleza. E os mouros desta em vendo hú certo sinal que fizessem na fortaleza os que matasem Gonçalo pereira auião de sayr, & entrar nella pela báda do mar, por onde ho muro ainda estaua baixo: & auião de repicar ho sino da vigia pera que acodissem os Portugueses que esteuessem fora: & em sayndo auião de sayr os mouros das duas ciladas a darlhes nas costas, & matalos a todos. E este dia andarão os mouros tam contentes pelo que esperauão de fazer, que vindo ho meyo dia em que hião comer & tomar folga, dizião a Gonçalo pereira que fosse comer & repousar, & que ele strabalharião ate noite. E assi lhe disserão algúis Portugueses que lhe parecião muito mal aqueles offrecimentos dos mouros, mas nem aquilo ho pode espertar. E mandou aos mouros q fossem comer & repousar ate as tres horas que passaua a calma, & então tornarião como costumauão. Eidos ele se recolheu na fortaleza com os Portugueses q comião coele, & despois de comerem se

forão repousar a suas pousadas, que estauão fora da fortaleza. E ho capitão Gonçalo pereira ficou com seus criados, & al güis outros que pousauão dentro, & cada hum se recolheu á sua camara a dormir. E sabendo Cachilato isto foise á fortaleza com Cachil cabalou, & os outros deputados, pera matarem Gonçalo pereira, & batendo a porta da fortaleza que estaua fechada, como estaua sempre a aquelas horas, abrio ho porteiro conhecendo ser Cachilato, que por ir outras muitas vezes a este tempo falar a Gonçalo pereira, ho deixou entrar: & ate ho page que lhe leuaua a espada, sem buscar se leuaua armas, nem a nenhu dos outros, tam em costume os tinha. E Cachilato hia tam se guro, que nem mudou cor, nem fez nenhu geito, em que se entendeu ao q hia. E sobindo ate ho derradeiro sobrado da torre da menajem, onde pousaua el rey & seus hirmáos, achou Vicente dafonseca, que como disse auiadias que estaua preso, & andaua com húis grilhões: & porque Cachilato, & Cachil cabalou erão seus a migos, & sabia a lingoa, assentaranse sobre hú catlea falar coele, dando a entender que esperauão por Gonçalo pereira peralhe falarem. E se ele então sayra sem duuida que a fortaleza fora tomada, & forão mórtos todos os Portugueses. Mas nosso senhor os quis guardar, pera em aquelas partes se conuerterem táticas almas á sua sancta fé, como se despois conuerterão. E nesta conjunção hia pera a cidade hú Portugues chamado Manuel aluarez dalcunha ho saboeiro. E passando por júto da mizquita, vio a gente darmas que

hi estaua: & como lhe pareceo couisa noua, fez volta pera a fortaleza. E receando os mouros q fossēm descubertos por ele sairão algūs ao matar, & matarão, & an dādo coele as cutiladas vioos hūa escraua branca de Gonçalo pereira, que acertou de chegar a hūa janela da camara em que ele dormia a festa, q estaua daquela banda: & começoou de bradar dizēdo q mata uão os mouros hū Portugues. Ao q Gonçalo pereira acordou, & acodio logo á ja nela bradado q acodissem ao Portugues, & tomado hūa darga, & a espada abrio a porta da camara pera fair fora, & vio es tar á porta Cachilato & Cachil cabalou, & os outros cō seus crises arrancados pe ra ho ferirem. Ena casa mais afastados el rey: & seus hirmáos també cō armas, & logo arrancou da espada, & se pos á por ta a defenderlhe a entrada muy esforça daméte, q ho não podião entrar: & mays não tendo cō que ho picar de longe como ele fazia. E despoys cōtua el Rey q Vicente dafonseca que hi estaua atiçaua muy to os mouros que mataſsem Gonçalo pereira, & que não se chamassem homés se sendo tantos não mataſsem hum só, & os mouros vendo que ho não podião entrar pola porta, entrarão hūs por cima do repartimento da camara que era baixo: & outros quebrauão ho repartimento q era de canas com barro por cima. E como erão tantos & Gonçalo pereira só não po de acodir a tantos lugares, foy entrado & ferido na mão da espada, & de duas mortaes feridas nos peytos com que cahio. E nisto a sua escraua não fazia se não bradar: & a estes brados & á reuolta que os

mouros fazião acodirão os criados de Gonçalo pereira com suas armas, & hū deles que auia nome Dinis daraujo que hia diante deu com hūa chuça a Cachil cabalou que achou primeyro & passou ho dā ou tra banda, & assi ferido ho ferio á ele, de maneyra que cairão ambos mórtos á porta da camara, & logo Bastião fernandez: & outros criados de Gonçalo pereira que vinhão a pos Dinis daraujo se meterão com os mouros as cutiladas: & isto tudo foy tão breuemente feito que os mouros não teuerão tempo de fazerem ho final que auia de fazer aos dā mezquita: pelo que eles não sairão, que foy causados mais que estauão na fortaleza serem mórtos, & a reuolta era muy grande dê tro, porque os mouros se defendião com homés desesperados, & posto que nā tinhão senão crises dauão que fazer aos Portugueses. E então acodio Vicente dafonseca a hūa janela que cahia pera fora da fortaleza acenando com a mão, & bradando treição, & repicarão ho fino da vigia, a que logo acodio Luys dandrade que pouaua fora da fortaleza & coele forão dez homés, todos com as armas que poderão tomar, & batendo á porta da fortaleza, que ainda estaua fechada lha foy abrir hū Jeronimo Fernandez criado de Gonçalo pereira. E chegado Luys dandrade onde era a peleja vio Cachilato cō hūa espada nua na mão, assentado no catle com Vicente dafonseca, & os Portugueses pelejando com os mouros: a que Luys dandrade remeteo com os que hião coele, & como eles virão tantos sobre si desesperados de se poderé defender

der húlderão consigo polas janelas fora que cayão sobre ho patio da fortaleza. & fugirão polo muro que estaua muyto baixo da banda do már. Outros q não poderão mais acolhírse á cámara onde el rey já estaua com seus irmáos, a q logo se acolheo em os Portugueses começando dacodir, porque não cuya dassem q sabia parte daquela treiçao. E os que digo q entrarão na cámara em que el rey estaua secharão a porta sobre si, que logo Luys dandrade qbrou, & matou ho primeiro mouro que lhe sahio ao encontro. E có ajuda de Gomez ayres, & outros muytos q já erão chegados entrou com os mouros & os acabou de matar, saluo a el rey & tres irmáos seus, & Cachilato pera saber por eles como fora a morte de Gonçalo pereyra, & os tén por arrefeés, que por amor de les não fizessem os mouros guerra á fortaleza: de que logo tomou as chaves & se ouue por apossado dela, por lhe dizerem que quando Gonçalo pereira espirou preguntou por ele: & disse q lhe dissessem q olhasse por aquela fortaleza.

## CAPIT. XLI.

De como Vicente da Fonseca toy leuantado por capitão da fortaleza de Ternate.

**S**egura a fortaleza dos mouros, q andauão no derradeiro soberano dator re da menajé, deceo Luys dandrade abai xo pera acodir á pouoação dos Portugueses, a que os mouros das ciladas punhão ho fogo, vendo que não poderão tomar a fortaleza. En o priueiro sobrado da torre achou Bras pereira, que hia acodir acima muyto de pressa, cuya dão que hia atempo. E luys dandrade lhe disse que fossem

acodir abaixo, que tudo encima ficaua se guro. E Bras pereira respondeo q fosse ele, porque queria ficar na fortaleza como capitão queera. & Luys dandrade lá çou mão dele, dizédo que esteuesse preso. Mas logo se concertara que se lhouasssem & a qual deles julgassem a capitania, que a esse ficasse, & decerão logo abaixo. E como ja os portugueses estauão á porta da fortaleza, mandou Luys dandrade acodir á pouoação, onde os mouros tinham feita muyta perda. Porem forão todos deitados fora pelos Portugueses, & algüs ficarão mortos. E deitados os mouros fora vigiaranse toda a noite. E como Fernão lopez ho vigairo da fortaleza, & Afonso pirez. Baltesar veloso, & Manuel pinto, & outros ímigos de Góçalo pereira & de Luys dandrade, & amigos de Vicente da Fonseca soubessem que ao outro dia se auia de determinar a deferéça que auia antre Bras pereira & Luys dandrade qual seria capitão: determinarão estes que nenhum deles ho fosse, se não Vicente da Fonseca, como tinhão ordenado auia das, porque a estoutros dous querião lhe gráde mal a hum por ser parente de Gonçalo pereira, a que ainda tinhá mortal odio pelos terços do crauo que tomou pera el Rey, & polo regimento quemanda ua goardar, & ao outro por ser seu amigo & quebrar os achens, & por se doer muyto do seruiço del Rey. E tinhão por certo que qualquer deles auia de leuar ho estilo de Gonçalo pereira. E mais auia de tirar deuassade sua morte, o que lhes seria muyto perjudicial por eles darem motivo aos mouros pera ho matarem.

& principalmente Vicente da Fonseca, de que elrey Cachil dayalo dezia, que se ele não fora que atiçava os mouros q̄ matasem Gonçalo pereira, que nunca ho matarão. E por isto, & porq̄ sabião q̄ auiaão de ter Vicente Dafonseca de sua mão, & não os outros, não querião que nenhum deles fosse capitão se não ele. E toda a noite negociará como ho fosse; principalmente ho vigairo Fernálopez, que por sacerdote & religioso ho podia fazer mais sem vergonha. Porque como era padre spiritual de todos, cuya dāuão que oq̄ ele dizia era verdade & aquilo se deuia fazer. E logo ao outro dia, q̄ forão dezoito de Mayo, dia do Spirito sancto, de M. D. xxxij. se ajútarão todos á porta da fortaleza da bāda de fora: & Bras pereira capitão mōr do mār, & Luys dādrade feitor & alcaide mōr, estando presentes Ayres botelho & Grauel da costa escriuâes da feitoria, derão as cartas de seus officios a Pero de moura ouuidor da fortaleza, pera q̄ determinasse com os que ali estauâ de qual deles era a capitania. E despois de debatido por ambos, accordouse q̄ eles jurassem solenemente de cada hū deles estar polo que se achasse por direcyto & por regimēto del Rey de Portugal, & o que ficasse sem a capitania obedecesse ao outro, tam inteyramente como se fora protido por el Rey, ou polo seu gouernador da India. E este juramento lhes fo y dado sobre hūa pedra dara á porta dā igreja polo vigairo do que foys feito hū auto por Ayres botelho escriuão da feitoria, que por ser amigo de Vicente da Fonseca, & saber a maçada que os de sua parte tinhā feita, pera

que teuesse credito, acrecentou mais nas palauras do juramento que escreueo, que cada hū deles obedeceria por capitão a outra qualqr̄ pessoa que fosse enlegida por capitão: o que Bras pereira assinou lenhō lér. Mas Luys dādrade não quis assinar sem ho lér primeiro. E quando viu o que Ayres botelho acrecentou não quis assinar, porque cō ningué tinha duuida, senão com Bras pereira: & com os outros claro estaua que a ningué pertencia a capitania senão a ele q̄ era alcaide mōr da fortaleza. E pedindo a pena escreueo por sua mão, que não consintia em ser outro nenhum elegido por capitão, senão ele ou Bras pereira que contendia coele: & isto assinou. Feyto este auto meteose ho ouvidor na fortaleza com os outros todos, & fechando as portas sobre si, pera lá de terminarem se era a capitania de Luys dādrade, ou de Bras pereira q̄ ficarā de fora. E metidos dentro começa ho vigairo de burulhar tudo, dizendo a todos q̄ vissem bem o que fazião, & não dessem suas vózes a Luys dādrade pera ser capitão, por que era de condição muito forte, & ímigo dos homés, & que não queria ho proueto de ningué se não ho seu. E q̄ Vicente da Fonseca era muito bō home, & amigo de todos, & q̄ todos ho conheciam de muitotempo: & que lhes deixaria fazer seu proueto & osteria em paz. E fez de maneira que auendose de votar ou por Luys dādrade, ou Bras pereira, meterão em lugar de Bras pereira Vicente da Fonseca. E hūs votarão por ele, & outros por Luys dādrade: sem apropueitar ao ouvidor dizer que não auia aquilo de ser assi feito. E ven-

do ho vigairo q̄ por Vicente dafonseca  
não votauão se não os de sua parcialida-  
de, temeoſe que acabando todos de votar  
Luys dandrade teueſſe mays votosq̄ Vi-  
cente dafonseca, não quis esperar ate ho  
cabo: & coeſſes q̄ tinha, abriuão a porta  
da fortaleza cō grande arroyo de tróbe-  
tas: & de vozes com que dizião viua viua  
ho capitão Vicente dafonseca: & os que  
ainda nāo tinhão votado, fairão de volta  
coeles, dando tambem as mesmas vo-  
zes, sem aproueytar ao ouuidor dizer q̄  
aquilo nāo valia nada: & ho mesmo di-  
zia a Luys dandrade, & bradaua que lhe  
não roubassem sua justiça: E que nāo po-  
dião enleger por capitão se nāo a ele que  
era alcaide mór, & el Rey lhe dava a capi-  
tania per mórtedo capitão, em quāto nāo  
prouelle doutro. E sabendo isto Gonçalo  
pereyra lhe entregara a fortaleza quando  
morrera: & que ele logo nāo consentia q̄  
enlegessem por capitão se nāo a ele ou a  
Bras perecita, & ahi por nenhūa a eleição  
q̄ era feita, pedindo ao ouuidor q̄ de tudo  
lhe desse hum estormento pera ho gouer-  
nador da India, requerendo lhe que pren-  
desse Vicente dafonseca q̄ nāo podia ser  
capitão porque matara Gonçalo pereyra:  
mas tudo isto nāo aproueytaua, porque  
Vicente dafonseca tinha tātos por si q̄ ho  
ouuidor nāo se atreuiā coele. E assi ficou  
Luys dandrade sem remedio, & Bras pe-  
reyra tābem que de vertão mal encami-  
nhado ho feyto de Luys dandrade nāo fa-  
laua no seu. E Vicente dafonseca se foy  
a comer leuando consigo quasi toda a  
gente a q̄ deu de comer, & ainda quādo  
jantauão, despouys de bem quentes do vi-

nho muitos derão seus votos a Vicente da-  
fonseca pera ser capitão. E com tudo ain-  
da Luys dandrade tinha quasi tantos vo-  
tos como ele. E acabando ele de comer pe-  
dia a Luys dandrade as chaues da forte-  
la pera ficar de todo capitão, & nāo lhas  
q̄rendo dar né obedecelopor capitão, mā-  
dou Vicente dafonseca ao ouuidor q̄ lhe  
tomasſe as chaues, & ele respódeo que ho  
nāo auia de fazer porq̄ Luys dandrade era  
capitão por dreyto, & ele ho amostrarria  
por regimento del Rey, req̄rendo que lhe  
deschum estormento do q̄ dizia pera q̄  
el Rey de Portugal soubesſe que nāo ti-  
nha culpa no que al y passaua, & que nāo  
podia fazer mays do que fazia. E Vicente  
dafonseca fazendo q̄ nāo atentaua no que  
ho ouuidor dizia, mādou a Grauel da cos-  
ta que tomasſe as chaues a Luys dandrade,  
q̄ tāopouco ho quis fazer, nem menos  
bolião consigonhū da parcialidadede Vi-  
cente dafonseca, porque muitos se come-  
çauão darrepender do que tinhão feyto.  
O q̄ entendendo Fernão lopez ho vigai-  
ro, porq̄ nāo se traſtornasse ho que tinha  
feſto, remeteo a tomar as chaues a Luys  
dandrade. E logo acodirão ao ajudar Ay-  
res botelho cſcriuā da feytoria & hū Pero  
Jorge, & por forçalhetomarão as chaues  
bradando ele, que lhe roubaão sua justi-  
ça, mas como ela alinão era senão de quē  
mais podia ficou sem ela, porq̄ podia pou-  
co, que ate ho ouuidor nāo ousaua de bolir  
consigo cō medo de ho matarem tāo da-  
nados via andar os da liga de Vicente da-  
fonseca: q̄ comodeſejaua a morte de Gó-  
lo pereira: & a precurou, & foy causadela  
nūca fez sobrela nūha diligencia. E diſſi-

E mulou

mulou coela como homé q folgaua. E bē pareceo ser assi, porq tendo preso Cachila to que fora ho principal menistro daqla morte, ho q ele vi o por seus olhos, nunca lhe deu nhū castigo: né pera mostrar que qria castigar tão bravo crime como aqle ho quis meter a torméto pera lhe fazer cō fessar como aquela morte fora ordenada.

## C A P I T . L I I .

Do q fez Vicéte dafonseca desploys de ser capitão.

**S**Abido pola Raynha q sua treyçāo não ouuera efeyto, ainda q lhe disso pesou muyto, cōsolouse sabédo q Vicéte dafonseca ficaua por capitão, porq este lhe daria logo el Rey seu filho, como lhe tinha pmetido Afonso pirez E pera estar nissso mays segura mādou logo recado ás ilhas de Moutel & Maquié, q lhe prédesse os Portugueses q lá estuefsem. E quando chegou seu recado se sabia ja a morte de Gonçalo pereyra: pelo q os mouros se leuantarão contra os Portugueses q lá anda uão fazédo crauo, & matarão logo Pero fernádez, aquele q vntou cō toucinho ho rosto a Cachil vaidua, & outros algūis: & desploys de chegar horecado da Raynha não matarão mays, & prenderão os outros, & presos lhos leuarão: & desploys de os ter, mandou dizer hū deles a Vicéte dafonseca que folgaua muyto de ele ser capitā daqla fortaleza, por saber q era seu amigo & dos mouros, & ela & clesho co nhaceré de muyto tempo: que lhe lébras se o q lhe Afonso pirez prometera é seu nome, que se ele fossē capitão q logo lhe entregaria el Rey seu filho: pedindolhe muyto que poys ho era q lho entregasse: & que ele lhe seria por isso em muita obri

gacão & lhe faria todas as amizades q po desse. Vicéte dafonseca se cōselhou cō Ató so pirez sobre ho que responderia a este recado: & como ele perder a setēta báres de crauo q lhe arderão, & mais hū dos Portugueses q estauão em poder da Raynha era seu filho, cōseihoulhe q respondeisse a raynha quelhe desse ela primeyro os Portugueses que lá tinha, & que pagasse aos outros a perda q receberão dos mouros quando foy a morte de Gonçalo pereyra, & q ele lhedaría el Rey. E como a Raynha tinha por muyto certo darihe Vicéte dafonseca seu filho tanto que fosse capitão, & naqla reposta ho achasse tão desfia do disso, pareceolhe q se queria escusar de lho não dar. E pera o mouer a q lho desse soltou a Francisco pirez filho de Afonso pirez, & mandoulhe q se fosse pera a fortaleza, & rogoulhe q desesse a Vicéte dafonseca que doutra maneyra esperaua ela q ele comprisse sua palaura. E q mais conta fizera de sua amizade do q achaua que diuera de fazer, & q mais cōtiara nele do q ele confiaua dela: porq ainda que lhederia seu filho sem nhūa condiçā, que ela fizera desploys quanto ele mandara, & que bem ho sabia ele: por isso q erão escusadas cōdições pera lhe dar seu filho, quanto mais q ainda q lho dera liuremente, lá lhe ficauão em arrefés tres hirmáos seus, & Cachilato gouernador do Reyno, & pessoa muy principal nele, que valião mays que quantas perdas os Portugueses podiaão ter recebido: & porem q lhe parecia q tō do o que dizia era por escusar de lhe dar seu filho, que se lho nā quisessedar, que nāo lhe mandasse mays nhū recado. E por que sabia

bia que el Rey de Bachão estaua na forta  
leza mandoulhe pedir q̄ rogasſe a Vicéte  
dafóseca quellhe deſte ſeu filho. E eſte rey  
de Bachão como era muyto leal amigo  
del Rey de Portugal, na ora que ſoube a  
morte de Gonçalo pereyra, acodio cō ſua  
gente á fortaez a pera valera aos Portugue-  
ſes ſe teuelliem diſſo neceſſidade, que fica-  
ráo muyto ledos coele. E Vicéte dafonſe-  
ca por mays azedume que ho recado da  
Raynha trazia no cabo nāo lhe quis man-  
dar ſeu filho, porq̄ nāo falaua em cōpir  
aſcōdições com que lho elequeria dar, nē  
lhe quis mandar recado, porq̄ a Raynha  
dizia q̄ lho nāo mandaffe ſem ſeu filho. E  
vendo a raynha q̄ lho nāo mandaua, por  
faſer mal a Vicente dafonſeca & aos Por-  
tugueſes foysē da ciadade cō os Mandarīs:  
& mandou q̄ nāo ſe vendessem nhūis mā-  
timentos: & mandouſe quey xar de Vicé-  
te dafonſeca a el rey de Tidore ſeu sobri-  
nho, delhe nāo querer dar ſeu filho como  
lhetinha prometido, & como ſabia q̄ lho  
prometera Gonçalo pereyra: rogalolhe  
que lhe empeceſſe em tudo ho q̄ podesſe.  
E niſto chegou a Ternate ho nauio é que  
fora Hanibal cernije a Banda: & hia por  
capitão de l'hū Dinis de payua, por Han-  
ibal cernije nāo querer tornara Maluco &  
ſe yr pera Malaca. E como Vicéte dafonſe-  
ca ſtaua neceſſitado de géte, munições de  
guerra, & de mantimétoſ, determinou de  
mādar logo eſte nauio polavia de Borneo  
a pedir ao capitão de Malaca eſtas couſas  
& deu a capitania dele a hū Manuel das  
naues criado del rey dō Ioáo de Portugal  
por ter hū aluara ſeu peralhe daré a capi-  
tania de hū nauio: & despoys de lhaterda-

da a deu a Braspereyra quellha pedio por  
ſer capitão mōr do mar, & també lha ti-  
rou, & a deu a Luys dandrade, q̄ agastado  
da ſem juſtiça q̄ lhe fora feyta fe q̄ria jr  
pera a India, & por iſſo pedio aq̄la yda, &  
Vicéte dafonſeca lha deu cō cōſelho de  
feus amigos, por recearé quetanto q̄ os ou-  
tros nauios q̄ esperauão de Banda chegas-  
sem, ateria amotinação na géte & farião  
capitão Luys dandrade, ſegūdo tinhão  
entendido. E partido Luys dandrade hia  
tam triste pelo q̄ lhe fez Vicente dafonſe-  
ca, q̄ hū dia eſteue pera ſe deytar no mar  
ſe ho nāo teuerão, & despoys ho ouuerão  
de matar e hūa ilha, & també em Borneo  
ſobre hūas deferenças q̄ teue cō a géte do  
nauio, & dalifoy ter a Malaca, & deu cō  
ta a Garcia de ſa do q̄ era feyto: peloq̄ ele  
nāo quis mandar ſocorro a Vicente dafonſe-  
ca q̄ ouue por tredoro. Edaliſe foy Luys  
dandrade á India, & contou a Nuno da  
cunha a morte de Gōçalo pereyra, & ho  
q̄ lhc fizera Vicente dafonſeca, aqueixádo  
ſe dele, mas nāo ſe fez ſobriſſo nada, nē  
Vicente dafonſeca foy caſtigado.

## C A P I T . XLIII.

De como Vicéte dafonſeca ſoltou el rey de Ternate.

C Oma yda da raynha da ciadade, &  
nāo ſe venderé os mantimétoſ, fi-  
cārāo os Portugueſes é grande neceſſidade,  
do q̄ Vicéte dafonſeca ſicou muyto agasta-  
do & ſem esperança de remedio, porq̄ al-  
gū que eſperaua, era em hū jungo q̄ ſabia  
q̄ auia de vir de Banda cō roupa & man-  
timétoſ, em que vinha por capitão hū Frá-  
cisco de ſa: que ſabendo como Gōçalo pe-  
reyra era morto & da maneira q̄ fora, pa-  
recolhe que Vicente dafonſeca ſtaua le-

uantado, & não quis ir á fortaleza temendo que lhe tomasse ho júgo & quanto leuaua, & por isso se foy a Tidore pera verder a fazeda q̄ leuaua, & fazer seu emprego. E surtono porto de Tidore, el Rey por rogo da Raynha de Ternate hoprédeo, & aquátos Portugueses yão coele, & lhe tomou quanta fazenda leuaua: & mandado desenxarçear ho júgo ho mádou meter no fundo, & isto cō fúdaméto q̄ por esta presa, & polos Portugueses q̄ a Raynha de Ternate lhe daria. Vicente dafonseca el Rey seu filho, & assi lho mandou dizer a Raynha. E parecé d' lhe a ele q̄ aquilo era fero, fez lhe outro mayor & mandou logo perante ho mes ageiro prender el rey de Ternate & metelo é húsotão, & assi seus irmãos, & prendeo em ferros os filhos dos Mandarins q̄ estauão coeles & as molheres q̄ ho seiuião, dizendo lhe que dissesse a Raynha que se el rey de Tidore lhe não mandasse logo ho júgo, que seu filho & os outros ho pagaria. E ho júgo não foy restituydo, não soube por que causa: & a Raynha mádou pedir a el Rey de Geylolo q̄ não desse mantimentos a Vicente dafonseca ate lhe nā não dar seu filho poys lhotinha prometido, & que trabalhasse polo cōcertar co ele, que ela faria o q̄ lhe bem parecesse, porque não queria guerra com os Portugueses, se não auer seu filho & casalo perater herdeyro, o que nā podia ser estando preso. E estando este embayxador da Raynha em Geylolo, chegou Bras pereyra em húa galeota, q̄ apertado Vicente dafonseca da necessidade dos mātimētos mádaua por ele pedir a el Rey q̄ lhos má

dasse vender ofrecé dolhe por isso amizade & ajuda cōtra seus immigos, & escreuia a Fernão dela torre a necessidade é que estaua: pedindolhe polo amor de Deos q̄ ho ajudasse cō el Rey, pera que lhe mandasse vender os mantimentos. E cuuidas por el rey ábas as embayxadas cō conselho de Cachil catabruno, & de Fernão dela torre & doutros Castelhanos, respondeo a Raynha q̄ faria cō Vicente dafonseca q̄ lhe desse seu filho, cō tanto q̄ fizesse ho q̄ lhe pedia, & mandou mantimentos a Vicente dafonseca, & pedindolhe muyto q̄ desse el Rey de Ternate a sua máy, & que ela se cbrigaua a pagar lhe todas as perdas q̄ os Portugueses receberão quando mata rão Gonçalo pereyra, & lhe daria os Portugueses que tinha catiuos & ho júgo q̄ estaua em Tidore, do q̄ el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficauão por fia dores, & querendo fazer aquilo por amor deles, lhe serião sempre em grande ubrigação. E visto por Vicente dafonseca a necessidade grandissima q̄ tinha de mantimentos, & que os nā podia auer foy cōtente cōm conselho dos Portugueses defazer o quelhe el Rey de Geylolo & Fernão dela torre cogaião, cō tanto q̄ lhe auia de dar arrefes ate a Raynha cōfrir ho que dizia, & assillio mádou dizer per Bras pereyra que foy em húa Galtota q̄ el rey de Geylolo lhe mandou carregar de mantimentos, & lhe deu é arrefes quatro Mandarins dos principais de Ternate, q̄ lhe a Raynha mádou pera isto; & assi lhe mandou muytos barcos carregados de mantimentos. E el Rey de Tidore cō mo isto soube folto logo Francisco de sa

& os outros pera os mādar, & eles nāo es perarão por isso & fugirão, & el rey lhes mandou ho seu fato. E despoys disto se ajuntarão na vila de Limatao onde a ray-nha estaua, Fernão dela torre, & ho gouernador de Geylolo: & hi foy ter coes Vicente da Fonseca, leuado el rey Cachida-yalo, q̄ entregou a sua māy despois de juraré que compriria o q̄ estaua assentado, E logo os Portugueses forão entregues a Vicente da Fonseca, & polas perdas recebidas ficarão os arrefés que disse ate serem pagas. Eassí foy solto el rey de Ternate cō grande festa, ficado muyto amigo de Vicente da Fonseca, & dos outros Portugueses, a q̄ pagarão logo as pdas q̄ receberão quā do matarão Gonçalo pereyra. E desta maneira ficou Vicente da Fonseca em paz cō os mouros, & a terra ficou outra vez assentada como a tinha Gonçalo pereyra.

## C A P I T . X L I I I .

Decomo ho gouernador começou a fortaleza de Chale.

V Endo ho gouernador q̄ nāo podera tomar Diu, determinou de emendar este auesso cō fazer hūa fortaleza é Chale duas legoas de Calicut, q̄ té hū río tāo alcatilado, como disse no liuro Sexto, q̄ podia entrar nele caravelas & gales, & auē do ali fortaleza podia inuernar a noſſa armada, & andar pola costa ate Mayo: & sairia logo na entrada de Setebro, no q̄ se daria muyto esteruo ás naos dos mouros yrem cō pimēta a Meca, & nā se ordenaria couſa algūa contra os Portugueses q̄ se logo nāo foubessem em Chale, & coesta fortaleza ficauão os mouros de Calicut muy toſſreados, & nāo podia nauegar co-

mo dantes. E vendō ho gouernador quā to isto importaua ao seruiço del rey seu se nhot, negoceou em todo a quele intuerto que teue em Goa, que se ouue ſe cōſentimento del Rey de Chale pera se fazer esta fortaleza, & porq de todo nāo ſe pode acabar este negocio, como foy na entrada do verão que ho tempo deu jazigo, despedio Manuel de Souza conhia armada pera a coſta do Malabar, cō hūa inſtruçāo do q̄ auia de fazer nō negocio da fortaleza, & q̄ comprasse ho chao a dinheyro, quā donão podesſe ter d'outra maneyra. E vēdose ele cō el rey de Chale, prometeolhe mil pardacs douro por consentir q̄ ſe fizesse a fortaleza é ſua terra, & mais q̄ ho gobernador ho fauoreceria contra elrey de Calicut ſe lhe quisesse fazer guerra. E el rey acey tou os mil pardaos, dizendo que oſto maua pera pagar os palmares q̄ estauão no lugar em q̄ ſe auia de fazer a fortaleza. O q̄ logo Manuel de Souza escreueo ao gouernador, que ſe fez preſtes pera partir, & andando nisſo chegarão a Goa di as naos de Portugal, cujos capitāes erão hū Manuel de Brito, & hū Manuel bote-lho, q̄hião dirigidos pera yré a China: & estes diſſerão que partira tabé ho Doutor Perovaz corregedor da corte por capitão de hūa nāo q̄ leuaua ho officiō de vedor da fazēda da India, por eſte nāo paſſou & tornou a Portugal. E vēdo ho gouernador q̄ nāo yāo māys nāos, nāo quis q̄ fosse aqelas á China, & mandou as carregadas pera portugal, & perderãoſe nō camiho. E preſtes ho gouernador de ſua partida, partioſe pera Chale, diado consigo parte da armada de remo, ſoife a Cochim a dar

E iij auia

auiamento ás naos q̄ auiaõ de partir pera Portugal: & da volta q̄ tornou se a jútou cō Manuel de soufa é Janeiro de. M. D. & .xxxij. Eviõ se cō el rey de Chale, a quē deu os mil pardaos por cōsentir q̄ se fizesse a fortaleza como estaua cōcertado. Eforão logo cortadas hūas mil palmeiras q̄ ocupauão ho chão onde a fortaleza auia de ser edificada: & feytas algūas estâncias d'artelharia q̄ defendessē os Portugueses. Seel rey de Calicut viesse cō sua gente (por se presumir q̄ acodiria) forão abertos os aliceses da fortaleza cō grande festa detodos & tâger das trôbetas & charmelas, & desparar de toda a artelharia. E abertos os aliceses ho gouernador assentou a primeira pedra vestido nū pelote de veludo & muito loução. & Antonio de Saldanha a segûda: & dahi por diâte os outros fidalgos q̄ erão muitos repartidos por quartos que todos trabalhauâ com a outra gente como quaes quer pola animarem a trabalho, & erão sempre os primeiros q̄ trabalhauão. E el rey de Chale ajudaua tâbē cō sua gente. E ho gouernador mandou primeiramente fazer éredôdo os muros da fortaleza em q̄ se postant a diligêcia q̄ em .xvj. dias forão em altura q̄ se assentou a primeira anday na d'artelharia nos baluartes. E cō quanto soy fama q̄ el rey de Calicut auia de yr estoruar esta obrâ antica ou sou.

**CAPIT. XLV.**  
De como ho capitão mōr Diogo da silueyra desfez o seu lugar de Tana.

**S**Abêdo ho Xeq de Tana (que Eytor da silueyra fizera tributario a el rey de Portugal) que ho gouernador nāo podera tomar Diu & q̄ Meliq tocâa fazia for-

te Baçaim, nāo quis pagar as pareas a Diogo da silueyra quâdo lhas mādou pedir: & cō quanto despois disso ho mādou ameaçar q̄ lhe faria guerra, toda via nāo quis, parece dolhe q̄ tinha costas no socorro q̄ lhe podia yr de Baçaim da muyta gente q̄ hi tinha Meliq tocão. E tendo Diogo da silueyra regiméto do gouernador q̄ na entrada do verão fosse fazer guerra a Cá baya, quis logo começar é Tana, pera óde partio no começo Doutubro de trinta & hū cō hūa armada de nauios de remo, cm que leuaua trezentos homens de peleja, & mays deles espingardeyros, & ficou por capitão da fortaleza o seu alcaide mōr. E de caminho fez muyto grande destruição pola costa, quey mādo lugares catiuado & matando gente, & cortando palmares & ortas. E chegado a barra de Tana, mandou sondar ho rio & espiala, & soube q̄ estaua muyto forte por ter diâte hūa tranqueyra entulhada & bêartilhada & ter muyto mao desébarcado yro, por ser ho rio baixo & durar a maré pouco, & auia de ir hū pedaço pola vasa primeyro q̄ desembarcasse, & cō tudo isto determinou de desembarcar, & assi ho assentou cō seus capitães q̄ ho mesmo esforço q̄ ele tinha, tinhão pera concretar os mouros q̄ cometerá ao outro dia cō a maré d' pola manhã, indo nos cátures pera q̄ podesse meter a bordo. O Xeq que sentio q̄ hiâa os soy e sperat na trâqueira cō toda sua gente de peleja, q̄ erão quattro mil de pé, em que auia muytos frâcheyros, & q̄tia hétos de caualo: & como os Portugueses forão a tirote de berço da tranqueira começou de jargar a sua artelharia, lançado grande soma

de pelouros, & os Portugueses passauão por antreles muy sem medo, & querédo nosso señor que lhes não empecessem chegará ate onde os catures não poderão passar, & ali saltarão na vasa, por onde forão cõ muyto perigo & trabalho aferrar cõ a tráqueira & acharão algúia defensa nos imigos, de q os traseyros sem veré porq, começarão de seretirar pera acidade, & tão rijo como que fossen os nossos a posseis, & sentindo isto os diáteyros q peleja uão cõ muyto esforço, cuydarão q era aquilo algúia cilada q os Portugueses deytarão, & q os tomauão no meo, de q ouverão tamnho medo, q se poserão em desbarato & fugirão por mays q lhe ho Xeq bradaua que ho não fizessem. E afroxada a defensa da tranqueyra, sobirão logo os Portugueses polas láças, outros poró de padião, & dão apos os imigos q né na cidadese atreuerão a saluar, & fugirão ficado muytos mortos & catiuos, & dos nossos não morreo nhū: & despejado ho lugar, foy roubado & qymado. E dádo Diogo da silueyra muytas graças á nosso sñor pola merce q lhe fizera tornouse a embarcar, & embarcado acabou a agoa devazar & os catures ficará em seco, o q deu assaz de fadiga, porque a géte da cidade que estaua recolhida h y perto forão sobreles, sa bêdo como estauão & leuarão algüs berços cõ q lhestirauão & cõ muytas frechadas: & neste trabalho esteuerão ate q tornou a maré, & sem receberé nhū dano, antes os imigos inuitoda nossa artelharia, se forão polo rio abaxo ate q saírao ao mar,

C A P I T . X L V I .  
De como o capitão mōr Diogo da silueyra destruyó a vila de Bandora.

**D** Aquipartio Diogo da silueyrapera outra vila mais auáte chamada Bandora, que soubé q Meliq Tocá sñor dela tinha muyto fortalecida cõ húa tranqyra da Bâda do rio, & outra q nacia de húa pôta daqla & seestendia pa o sertão, ambas de duas faces, & entulhadas, & asselhada nelas muita artelharia, & auia a cinco mil homés de pé, de q muitos erâ Rumes & oyto cétos de caualo. E estaua estelugar metido, por húa rio a cima. E chegado Diogo da silueyra á barra pos em pratica a seus capitães & aos principaes da frota se daria naquele lugar, dizendolhe sua fortaleza & a gente quetinha: & todos acordarão que se cometesse, porq quasi tão forte estaua Taná & ajudaraos nosso señor, & assi aueria por seu scruiço de o fazer entâ. E coisto entrarão todos polo rio dentro húa menhaá, & sabendo os mouros como entrauão quiserão lho defender cõ a artelharia, que de húa das tranqueiras varrejava bem pelo rio abayxo, & erão os pelourostão bastos, que fizerao fazer tanta detenção aos nossos que quando chegarão perto do lugar eran oyte, & por isto não quis Diogo da silueira q desembarcasse, & chegou seda banda dalem do rio pera passar ali a noyte, que toda se gastou em bombardadas q se tirarão húa aos outros a montão sem se fazer nenhu nojo: & como foy menhaá os mouros acodirâ logo á playa a esperar os Portugueses como q auia por injuria esperalos detras das tranqueiras. Diogo da silueyra porque a gente não auia de poder desembarcar se nam nos catures & bateis mandouha passar a elas, & partem peraterra a boga arrâcada.

E iiiij passan-

passandolhes por çima muytos pelouros dos imigos : & quando abordarão com terra acharána cuberta de mouros , & diante os Rumes por mais esforçados, de q os mais erão espingardeiros, q desparão húa gráde curriada despingardadas, & os nossos a eles, & é quâto ela desparou saltarão algúis nagoa, & assi Diogo da sil ueyra cõ abandeyra, pelejando todos cõ muyto esforço, porq os imigos apertauão quâto podião por lhes estoruar q não tomassem terra, ho q nã poderão fazer, priu cipalmente os Rumes q mais trabalharão nisso, ate pderé muitos as vidas ho q védo os outros se retirarão , cõ q os Guzarates q tinhão neles seu esforço ouuerão tamnho medo q se desbaratarão & fugirão, húis ao lôgo das tranqyras , outros polas portas delas caminho do lugar, & sem se deter nele se acolherão: & os nossos os forá matado ate despejaré o lugar: & durou a peleja húa gráde ora, é q muytos dos imigos forão catiuos, mortos, & feridos , & dos nossos feridos algúis. E saqado ho lugar foy todo queymado & destruido á vista dos mouros que estauão recolhidos hy perto: & parecia q nosso señor lhes punha medo dos nossos q nã ousauão de os cometer védo se vencidos então pouco tempo. E por os nossos estaré muyto cásados & fracos nã quis Diogo da silueyra mandar ébarcara artelharia q estaua nas tranqueyras, & cötéouse cõ destruir ho lugar, q foy assaz deperda pera os mouros por ser de grande trato: & dali se foy pola costa de Cambaya por óde ádou toda aparte q ficaua do verâo cõ sua armada re partida é esquadroes de tres & quatro ve

las, cõ q lhe náo escapou nhú dos nauios qhiá de húslugares da costa pa outros cõ suas mercaderias, de q tomou muytos, & outros qymou & meteo no fúdo. E tama nha era a destruyçáo q fazia q nã ousauá nenhu de sayr dos portos, o q foy cau sa deste anno auer muyta quebra na reda dalfádega de Diu do q redia os outros an nos, & ouue muyto gráde falta de manti mentos, & de todas as couisas q hião da ou tra costa da éscada. E nã sométe fez Diogo da silueira esta destruiçáo no mar, mas també na terra , em q queymou muytas pouoações, & nauios q estauão varados, e q catiuou obra de quattro mil almas & tomou muyta mercadoria, mantimentos, & madeyra . E de tudo isto ouue el Rey de Portugal sua parte, porq Diogo da silueyra foy ho primeyro q cõ apraziméto dos soldados q leuaua, tirou o custume q auia dâtes q el rey nã ouuesse parte nas presas q se fazião cõ os nauios de remo , & entâ as ouue, em q sua fazeda recebeo muyto proueyto, porq do dinheyro q lhe coube á sua parte pagou quasi todo ho soldo q se deuia aos seus soldados & dos catiuos q tomou se esquipou a mayor parte dos nauios deremo da armada da India, & ou ue muyta roupa pera ho trato de Chaul pera çofala, & muyta madeyra, & man timentos. E quasi na fim do verâo se tor nou a Chaul onde auia de ter ho inuerno, ficado os mouros tão daneficados, q muyto mays ho sentirâ de que poderão sentir darse fortaleza em Diu : & de Chaul má dou Diogo da silueyra ao gouernador q fazia a fortaleza em Chale céto & vinte catiuos pera trabalharem nela.

## C A P I T . XLVII.

De como se levantou Damião bernaldez &amp; do q fez.

**Q** Vando ho gouernador tornou de  
Diu pera Goa, deu per intercess  
sáde Simão ferreira seu secretario, licéça a  
hum Chatim Portugues que auia nome  
Damião bernaldez pera yr tratar a Ben  
gala em hum seu nauio. E indo de viagé  
tomou na costa de Baleacate muitas  
Chápanas de mouros & de gentios ami  
gos del Rey dó Ioão de Portugal, que na  
uegauão com seu seguro, & matando  
com muyta crueza quantos hião nelas as  
roubou, & feytomuyto mal poresta co  
sta, & dey xádo a gente muy escandaliz  
ada, se foy á de Bengala. E estando na  
ilha de Negamale foy ter coele húa gale  
ota de Rumes, em que yrião bem quaren  
ta homens de peleja, de que pelejando co  
eles matou dezoyto & catiuou vinte do  
us, & mays tomou a galeota, em que a  
chou muyta riqueza. E nela & em outra  
que despoy stomou, fez bem feytos vin  
te mil cruzados que goardou pera si, sem  
dar parte aos soldados que lhos ajudarão  
a tomar: & a galeota com sua artelharia  
deyxoupera dar ao gouernador, & ho as  
paziguar se teuesse dele menencoria por  
seasli aleuantar. E parece que bem ho adi  
uinhaua, porque estando desploys em  
Bégala na barra do riode Chetigão onde  
estauão dezaseste nauios de Portugueses,  
foy dada húa carta do gouernador da In  
dia ao Goazil da cidade de Chetigão, &  
a Cojeçabadim (ho Mouro em que  
faley no liuro Septimo) em q lhes roga  
ua muyto que prendessem Damião  
bernaldez & quantos hy á coele, & quá

do ho não podessem fazer, os matassem,  
& lhes queymassem ho nauio com a fa  
zenda, porque andauão aleuantados & ti  
nhão feytos grandes males, cō que el rey  
de Portugal era muy descurido, & que so  
bristo gastassem ate tres mil pardaos q se  
obrigaua a pagar lhes. E esta carta escre  
ueo ho gouernador, porque soube os rou  
bos que Damião bernaldez fizera na co  
sta de Baleacate, & esta carta mostrárao  
ho Goazil & Cojeçabadim, a hum Nu  
do fernandez freyre: & a Nuno lobo cria  
do do gouernador: & sabendo deles que  
ho final da carta era seu, disserão lhes que  
polo seruirem querião prender Damião  
bernaldez pois aliesaua, & eles lhes dis  
ráo que ho não fizesse porque sabião  
que Damião bernaldez se queria yr a  
presentar ao gouernador, & por final  
lhes tinha emprestada a galeota que to  
mara aos Rumes pera com outros se yré  
em sua conserua pera a India, &  
não lha quisera vender comprandolha  
eles, & escusara sedisso, cō dizer q agoar  
daua pa a mansar coela o gouernador, &  
q se não determinara deselhe yr a presé  
tat q lhes véderea a galcota, por isso q ho  
não prédesse, & mays por não auer mor  
tedos Cristáos q não se escusaua se o qui  
sesse préder; & disto q disserão derão cada  
hú seu assinado ao Goazil & a Cojeçaba  
di, q lhes pedirão pa sua disculpa cō o go  
uernador, de não fazeré seu rogo, & disto  
não soube Damião bernaldez nada. E es  
tado alina barrade Chetigão ya denoite  
a terra & furtaua muyta géte & mataua  
os homés, & prédia os moços d'baixo de  
cuberta. Ehú dia andando naribeyra hú

mouro honrado que era capitão da cidade, que na lingoa da terra se chama Gormale, saltou Damião bernaldez em terra supitamente & prendeo ho, & auia tam pouca gente na ribeyra que ho pôde prender a seu saluo, & deu coele no nauio dey xando feridos os que lhe quiserão a codir. E logo como isto se soube na cida de forão presos de zaseys Portugueses que estauão nela & tomará lhes suas fazendas, & assi derão rebateem húa seyra que se fazia dahi a duas legoas pera prenderem outros que lá andauão: & estes sintindo ho que lhes querião fazer fugirão pera ho mar & saluarensen os nauios. Os mouros porque Gormale era pessoa muy principal desejauo de ho cobrar, & por isso mā darão dizer a Damião bernaldez que lho desse & que lhedarião os Portugueses: & elenão quis polo grande resgate que espe raua por ele. E os mouros leuará então os Portugueses à praya, de q Damião bernal des estauatão pto q ospodia ver & ouuir & despindo os nuus começará de os açou tat muy cruelmēte, pera q auédo Damião bernaldez piedade deles desse Gormale. Mas ele era tā cruel & amigo do dinhei ro q esperaua por Gormale, que nunca os quis dar. O que vendo os mouros torna ráo a recolher os Portugueses.

## CAPIT. XLVIII.

Do mays que fez Damião Bernaldez  
E como morreoo.

**N**Este tempo estauão na galeota que Damião bernaldez tomara aos Rumes, Nuno fernandez freyre (que agora mora em Lisboa) Diogo de camões: & outros Portugueses a que Damião bernaldez emprestara a galeota pera se yré cami

nho da India com suas fazendas em sua conserua. E vendo Nuno fernández as cou sas que fazia Damião bernaldez tanto cō tra ho seruço de Deos & del rey, & mais por se yr gastando a mouçao & serem partidos os mais dos nauios dos portugue ses que ali estauão, pareceolhe q Damião bernaldez não queria tornar á India, & por isso determinou de se yr com a galeota sem sua licença, se achasse quem ho a judasse: pera ho que falou logo com ho piloto de Damião bernaldez que estaua na galeota & com ho mestre & com ou tros que conuerteo a yrense, por não en correrão na pena em que Damião bernal des tinha encorrido por ser leuantado. E concertado isto na noyte seguinte tres ou quatro orasante menhaá que a maré começaua de decer, cortou a amarra da an cora de montante, & começou de mandar leuar a outra da jusante ho mays quietamente que poderá, & como come çou de se leuar assi a galeota começou de yr polo rio abaixo, ho que sintindo algūs de Damião bernaldez que estauão hy per to em hú seu bargátim começarão de bradar que se ya a galeota. Nuno fernandez & ho piloto fizerão q caçaua, & q entao o fintião, & fazédo q se aparelhauão, aca barão de leuar a ancora, & foráose, indo Nuno fernández ao leme: & polo escuro q fazia deu algūas vezes é feco, & cō tudo quis nosso señor q cō aquela vazáte che garão á barra, & dahi tomarão seu caminho pa Ceylão dōde se auia de ir a India. E em amanhecedo se oube Damião bernaldez q a galeota era partida, & determi nado de ir a pos elas pera enforcar quatos

hão

hião nela soltou Gormale a troco dos Portugueses, ja q não tinha tempo pera auer por ele ho resgate q esperaua. E indo caminho da barra deu ho nauio taminha paca da em seco q lhe saltou ho lenie fora por não ter leua & perdeose, & vêdo q não podia nauegar sem leme mudouse ao bargatim & botou a pos a galeota, quelhe leua ua tanta auatagem q nūca a pode alcáçar, & Nuno fernandez cōcertou secretamente cō ho piloto q nāotomassem ho porto de Colibô e Ceylão onde stava a nosiā feitoria, por q poderia chegar entre tanto Damião bernaldez, & dizer ao feitor q lhes leuaua furtada aqla galeota & reqrer q os prendessē, & os ebaraçaria, & por isso tirarao pera ho cabo de Comorí guiaido ho piloto toda hūa noyte pa ho mar por não yr tera Colibô: do que agéte se agastou muyto quādo no dia seguite nāovirão terra: & ho piloto dissimulou dādose a culpa de gouernar mal. E dobrado ho cabo de Comorí, acharão hū catur de Portugueses a cujo capitão rogo Nuno fernandez que lhe posseise em terra dous homiēs que erão da cōpanhia de Damião bernaldez que quiserão yr coele coessa condiçāo, & mas por lhes prometer de lhes auer perdão do Gouernador, & deu lhe vinte paraos pera gastarem entre tanto. E dali se foy a Cochí & depois a Chale onde aínda estaua o Gouernador, a que deu conta do que fizera a Damião bernaldez & lhe entregou a galeota: & o Gouernador lhe agradeceo muyto aquele seruicio que fizera a elrey de Portugal. E Damião bernaldez que ya a pos a galeota, chegou á enseada de Bilgão onde achou Diogo de

camões que Nuno fernandez hy deixara, & quiserao enforcar por que lhe ajudara a leuar a galeota, & deixou de ho fazer por rogo de Nuno lobo & doutros que yāo coele no bargantim: & temendo que ho achassē algūis capitāes Portugueses & ho prendessē sabédo como andava, deixou o bargantim a Nuno lobo q ho leuasse ao gouernador & ele desembarcou e Negapatão pera se jra Bisnegar & auer dahi p dão. E estando em Negapatão fazédo se prestes pera ho caminho, soubeo hū Miguel ferreyra q estaua em Baleate por capitão, a q ho gouernador Nuno da cunha escreueo sobre Damião bernaldez ho q tinha escrito a Cojeçabadi & ao Goazil de Chitigão, & foy ho préder. E carregado de ferro ho mādou a Gomez de soto mayor capitão da pescaria do Aljosar, q ho mandou a Coulão, donde foy leuado a Goa, & estādo hy preso notróco & sentenciado em dez ános de degredo pa a ilha de sctá Helena faleceo, auédo priñciero o gouernador oito mil cruzados que tinha escondidos.

C A P I T . XLIX.  
Decomo Antonio de saldanha foy por capitão mōr ao cabo de Goardafum.

**H**o gouernador q fazia a fortaleza de Chale cō ajuda dos fidalgos q ho ajudauão, & assi doutra gente Portugueza q estaua coele, lhe deu cabo em tão breue tpo q a gēte da terra ficou espātada: & muyto mais el rey de Calicut, q nūca ē todo estetpou o usou de mādar gēte a defender aqla obra, posto q deitou fama q ho via de fazer. E muyto sentia o atreui mēl to do gouernador q assi lhe fazia hūa fortaleza nas suas barbas, & ho muito q perdia

dia nisso de seu credito E a fortaleza acabada ficou em hú cáporaso dóde desco-  
bria ho mar & muyto perto, era quadra-  
da & é cadaquadratinha hú baluarte mui-  
to forte, & os panosdos muros q corrião  
de baluarte a baluarte erão de cincuenta  
pés de largura, & da báda d' dentro ao lógo  
do muro estauão as casas dos officiacis da  
fortaleza & asdos fronteyros, & no meo  
estaua a torre da menajem, també muyto  
forte & toda bé artilhada. A capitania de-  
sta fortaleza deu ho gouernador a Diogo  
pereyra por ser seu priuado posio que era  
muito velho, & lha pedião cutros homés  
demays seruïço, & q erá mais pera a desfe-  
derdo q ele era: & dey xando no mar por  
capitão mór a hú fidalgo chamado Ma-  
nuel de soufa natural Detiöra com húa ar-  
mada detreztos homés se partio pa goa,  
onde achou apercebédose Antonio de sal-  
danha pera yra o cabo de Goardastim, o  
que ho mandaua por capitão mór de húa  
armada, de que forão capitáes a forá ele q  
ya no galeão sam Mateus, Vascopirez de  
sam payo em Lambiamorim, dom Fer-  
nádo deça na galeaça, Antonio de lemos  
nos Reysmagos, Diogo botelho percira  
em hú galeão, que foy seyto em Chaul,  
& em duas galeotas dó Pedro de menezes  
& Manuel de vascócelos, q leuaua debai-  
x de sua capitania certos bargáins. E co  
esta armada partio Antonio de saldanha  
na étrada de Feuereyro demil & quinhé-  
los, & trinta dous, & no caminho lhe deu  
húa grande tormenta co q Diogo bote-  
lho esteve q si perdido, & milagrosaméte  
o salou no so lñor & atrubou a Chaul:  
& não pode yrcó Antonio de saldanha.

## C A P I T . L:

¶ De como Rayx ale quisera matar el Rey Dormuz  
seu jrmão.

Vasi a pos Antonio de saldanha  
partio Antonio da silueyra de me-  
nespera Ormuz por mada  
do do gouernador pera jt seruir a capita-  
nia da fortaleza Dormuz, q vagara por  
mortede Cristouão de médoça, & seruia  
de capitão Belchior de soufa tauares que  
dantes era capitão mór do mar. E foy cō  
Antonio da silueyra Luys falcão seu so-  
brinho, pa ser goarda mór del Rey Dor-  
muz. E chegado lá Antonio da silueyra,  
& etregueda capitania da fortaleza, elrey  
Dormuz se lhe queixou de hú seu jrmão  
homé de dezoyto annos, que ho queria  
matar por fauor & induzimento de sua  
máy, q porilhe quer mayor bem q a ele, q-  
ria q fosse rey antes q ele, & que hñanoy  
te forá achado debayxo do seu catele cō  
húa adaga, & porisso homadara píeder:  
& por ter ho caso de tata impertacia &  
não auer disensoés no Reyno, não qui-  
sera fazer justiça dele como lhe merccia,  
pedindolhe q ho mandasse a india, porq  
sabiacerro q não fazia aquilo se não por  
induzimento de sua máy, ho q Antonio  
da silueyra fez por pacificar a cidade, em  
q começaua dauer bandos por aqsla cau-  
sa. E no mesmo auio em q Antonio da  
silueyra foy mandoq ho jrmão del rey  
que se chamaua Rayx ale cem toda sua  
casa, escreuendo ao gouernador a rezão  
porque ho madaua. E ho gouernador ho  
recebeo muyto bé, & lhe temou sua fe  
segundo sua ley, de ná se tornar a Ormuz  
sem sua licença, porque se soubesse q fa-  
zia, ou queria fazer ho contrario q ue ho

mandaria pera Portugal. E ele prometeo de ho fazer, & ho proprio.

## C A P I T. L I.

De como Manuel de vasconcelos & outros  
tomarão a nao çafeturca.

**C**hegado Antonio de saldanha ao cabode Goardafum, sem lhe acontecer coufa que seja de contar, vendo que não fazia ali nenhūas presas, mandou Manuel de Vascócelos que fosse com os bargáins ao porto de Xael, pera ver se achauhi algúas naos, que por ser tarde aueria dinuernar. E mandou estas velas porque por serem de remo não serião sintidas, & auiaão de hir mais asinha que os galeões, & por isso ficou coeles a tras pera ir de vagar. E chegando Manuel de vasconcelos de supito, achou hi húa nao de Cambaya chainada çafeturca, que seria de oytocentas toneladas, & por sua grandeza, q era a mayor de quantas andauá naquela carreira era muyto nomicada. E ho capitão estaua có determinação de inuernar em Xael, & na sayda do inuerno antes q fosse verão de todo irse a Diu, & aueturarse antes ao perigo do már, q ao de ser tomado dos Portugueses. E a mesma conta faziaõ outros muytos mouros: & por isso os Portugueses não achauão presas auia dousannos. E védo os mouros desta nao descobrir a nosla armada, foy ho seu medo tamanho que não oufarão desperar, & fugirão pera terra, leuado todo ho dinheiro quetinhão, & algúas coufas leues, & ficoulhes a carrega grossa. E por sua fugida não teuerão os Portugueses quem lhes resistisse tomala. E Manuel de vascócelos meteo nela húa quadrilheiro & húa feitor pera q se entregassem da fazenda q tinha

& elecõ os bargantins se pos em goarda dela, ate chegar Antonio de saldanha, q chegou dahi a dous dias. E vendo ele que no porto não auia mais naos, & q se chegaua ho inuerno partiose pa mazcate, on de determinaua dinuernar, & hi foy védida a fazeda da nao & o casco. E passado lo inuerno partiose có a armada pa a ponta de Diu, & mādou Manuel de vascócelos ao lógo da costa có algúis bargáis, & trou mou outra nao de mouros de diu, q hia d Meca muytorica, q despois foy védida é Chaul có toda sua carrega. E no dinheiro que se fez nela & na çafeturca se mōtarão perto de dozétos mil pardaos. E assi deu Manuel de vasconcelos caça a húa galea de Calicut, que por lhe fugir indo da ponta pera se meter em Diu deu em húa lagea & perdeose, & afogaranse os mais dos mouros. E é quasi dousmeses q Antonio d Saldanha aqui andou nā fez mais presas: & partiose pera Goa onde entregou ho dinheiro que leuava.

## C A P I T. L II.

De como ho governador determinou de tomar a fortaleza de Baçaym.

**N**Este anno de mil & quinhentos & trinta & dous foy a armada q hia de Portugal pera a India repartida é duas capitaniais mōres, húa leuou dō Esteuão da gama, filho de dō Vasco da gama có de da vidigueira & almirante do mar Indico, que hia prouido da capitania de Malaca na vagante de Garcia de sá, & hia de baixo de sua capitania Vicente gil armador, cuja era a nao em q hia. A outraleua ua dom Paulo da gama, hirmão de dom Esteuão, prouido també da capitania de Malaca na sua vagate. E de baixo de sua

band eyra hia hú Antonio carualho. Ede  
stes capitães dō Esteuão inuernou em Mo  
çábique, & os outros có muyto gráde tra  
balho passarão á India óde chegarão aqle  
anno é diuersos tépos có muytos doétes.  
E nesta armada foy hú Bispo chamado  
dō Fernando que fora frade de sam Fran  
cisco, pera reformar na India ho estado  
eclesiastico, & dar ordés & crísmar: & eu  
ho ouui pregar é Goa muyto bé, donde  
ho gouernador despachou Antonio de  
saldanha por capitão mórdas naos da car  
ga, que forão tres & hú jungs q̄ partirão  
na fim de dezembro do mesmo anno. E  
també estando ho gouernador em Diu  
soube de certa certeza q̄ Meliquetocão ti  
nha feita em Baçaim húa fortaleza muy  
to forte & que secriaua ali outro Diu, &  
q̄ esperaua de trazer ali as fustas de Diu pe  
ra que tolhessem aos nossos que não pas  
sassem a diante. E como ho gouernador  
se temesse de yré rumes á India porque se  
fossem tomauão aquela fortaleza achan  
doa em terra tā fertil como aquela he, &  
situada ao longo de hú tam bō rio como  
ho de Baçaim: pelo que a India ficaua em  
muyto grande perigo se osteuésse tāo ve  
zinhos, & por isso determinou de ir sobre  
la & destruyla, & sem dar conta a nin  
guem se começou de aperceber pera hir  
quasi no cabo do verão, em que Diogo  
da silueyra auia de ter se yto muyta gue  
rra a Cambaya.

## C A P I T. LIII.

¶ De como Diogo da silueyra tomou as cidades de  
Patane Pate & Mangalor.

D logo da silueira que inuernaua em  
Chaul pelo regimento que tinha

de fazer guerra a Cambaya partiose para  
lá com sua armada logo na entrada do ve  
rão, & foy correndo a costa ate Diu, fazé  
do os catures muytos saltos por toda a co  
sta, em que fizerão muyto grande dāno,  
& coisso estaua a gente tāo espantada que  
não se atreua a saluarse menos de seys le  
goas pelo sertão onde se acolhia, & pola  
ourela do mar não auia ninguem, & ne  
nhūs nauios ousauão de yr a Diu, né as fu  
stas ousauão de sayr, com quanto Diogo  
da silueyra andeu a vista de Diu algūs di  
as. E vendo ele que não fazia ali nada pas  
sou auá tecamiaho de húa cidade chama  
da Patane doze legoas de Diu na mesma  
costa de Cambaya, situada á borda de hú  
arrecife cercada de muro, & na praya hú  
baluarte que varejaua ho desembarcadoi  
ro, & diante dele húa forte tranqueyra bé  
artilhada que guardaua muytas naos que  
dentro dela estauão varadas, por ser cida  
de de grande trato, & pouada de muy  
tos mouros mercadores. E a fora isso ti  
nha el Rey de Cábaya ali gente de goar  
nição, de que muytoserão Rumes dos q̄  
Rumecão leuara a Diu, & com a gente  
da cidade seriam bem tres mil homens de  
peleja: ho quetudo soube Diogo da siluei  
ra por ho capitão de hum Catur, por quē  
mandou espiar esta cidade: que também  
lhe disse q̄ a sua desembarcaçā não podia  
ser se não diante da tranqueira. E cō tudo  
ele assentou cō os outros capitães q̄ dessem  
na cidade & a tomasiem cō ajuda de nos  
so senhor, em q̄ esperaua q̄ os ajudaria.  
E cō esta determinação partirão parela da  
póta de Diu, estando a gente q̄ estaua nela  
bēdescuidada dtalida, assi por a cidade es  
tar

tar muyto afastada das nossas fortalezas como por ate aquele tempo nhūa armada nossa chegar áquela costa. E quādo ho capitão de Patane vio a nossa frota ficou muyto salteado, porq sabia ho grāde dano q̄ ti nha feyto na outra costa de Cambaya, & mais q̄ pera passar ali auia de ser visto das fustas de Diu, que lhe auia de contrariara passagem, & por isso ho salteou muyto velo no seu porto: & mādou logo muyta parte de sua géte acodir á trāqueyra pera deféder a desembarcaçā dos Portugues q̄ despoys de seré assoltos por hū clérigo q̄ lhes fez a confissão geral remarão pera terra em seus bargantins & catures & sem temor dos muytos & muy groslos pelouros q̄ desparauão da tranqueyra & do baluarteróperão por eles ate pojar em terra cada hū por onde podia, & assi desembarcou Diogo da silueyra cō abandeyra real, & nisto não auia ordé né esperar por capitāes, se não quē primeyro podia (porq na India este he ho proprio cometer dos nossos) & pera quam perigosos os lugares são parece q̄ he assi melhor quedoutra maneyra, porque quē desembarça nas bo casdas bombardas sem ter nhū emparo se não ho de nosso sñor q̄ he ho verdadeyro parece q̄ se não desembarcasse coesta presteza, & esperassẽm cōcerto q̄ os mataria a artelharia a todos. Assi desembarcados os nossos como digo, remeté a tranqueyra cada hū por seu cabo & aferrarão coela goardado os nosso sñord a artelharia que lhe não fizesse nojo, & vēdose os imigos assicometer depoys de se defenderé hum pouco em que morrerão algūs das nossas espingardadas alargarão a tranqueyra, re-

colhēdose pera a cidade, deq̄ ho capitão a codio cō géte de refresco, & mandado a brir a porta pera sayr chegarão a ele os se us q̄ fugião da tranqueyra, q̄ vinhão com grāde pressa polos yrē os nossos ferindo nas costas. E quando acharão ho seu capitão esforçarão & voltarão aos nossos esforçando ele q̄ pelejou como muyto valente caualeyro, ho que foy causa de o matarem cō outros algūs dos seus em hū pedaço q̄ aqui pelejarão muy bē, & estes que morrerão forão Rumes. Evendose os imigos sem capitão desacoroçoará de maneira q̄ fugirão, & os nossos entrarão na cidade a poseles ferindo & matado, & fizérão matáça espantosa assi nos soldados como em outra gente q̄ não era de peleja de que catiuarão muyta. E Diogo da silueira não consintia que os seus saíssem forá da cidade a posos imigos, porq estauão cansados. E despois que os lançarão todos fora repartio os nossos em quadrilhas, & mādou saquear a cidade & leuar todo ho despojo que foy muyto á praya pera se repartir despois, & acharão mantimétos sem coto, deq̄ a frota ficou bē bastecida. E saq̄ada a cidade foy queimada cō muytos moutos q̄ estauão escóridos nas casas, que cō os q̄ morrerão na batalha foy hū bōa sombra. E dos nossos quis nosso senhor que não morre onenhū. E assi forão queimadas quioréta naos & zábulcos q̄ estauão varados, & hū galeão q̄ chegara de quez auia dias carregado de rumes. E feyta esta destruyçāo & recolhida a artelharia dos imigos a nossa frota, embarcouse Diogo da silueira cō toda sua gente, q̄ dali ficou rica, & tornádose soube dalgūs mouras

que

que tomou em hys zábulcos, que auáte de Patane pera ho norte estaua na mesma costa outra cidade chamada Pate muyto mays forte que Patane, cõ muitas estancias d'artelharia pelos muros da banda do mar, & com mare chealhe batia ho mar no muro, & estaua dentro muyta gente de peleja todos Guzarates: & partio logo pera la cõ determinação de a tomar, & ás noue horas do dia pouco mays ou menos chegou diáte da cidade cõ a viração, cujas estacias os imigos tinham muyto embádeadas. E chegado os nossos a tiro de bôbar da da cidade despararão sua artelharia respondendo á dos imigos, que não ousauão de fayr da cidade, & ás ides desembarcarão sem receberé nenhu dano, & remetédo ás portas da cidade as arrôbarão, o q vendo ho capitão dos imigos lhe acodio logo com muyta gente: & defendeo as cõ tanto esforço q nunca as desemparou, ate perder sobnho ávida, & assiceto q estauão coel na dianteyra, de q los mays morrerão despingardadas, & dos nossos quis nosso senhor q nenhu: & cõ a morte do capitão & destes se retirarão os outros a tras, & ficou lugar aos Portugueses pera q entrasse na cidade em que se os imigos defenderão muyto bem em algúastuas, & por isso fôrão muytos deles mortos, & pordeiradeiro fugirão & dey xarão a cidade que despoys de ser queymada, & destruyda como a de Patane, partio logo Diogo da silueira pera outra questaua mais auáte que renta legoa de Diu, chamada Mágalon, situada na boca de hum río é costa braua & tinham hys bô arrecife, cidade principal daqla costa toda rasa, & se nenhuia fortaz

leza pouoada de miouros mercadores, q sabédo a destruiçâo de Pate & Patane ainda que estauão tão fortes, não se atreuerão a defenderse posto q tinham muyta gente de peleja, que chamarão pera os defender despoys que souberão q os Portugueses andauão por aquela costa, & despe arão a cidade & le forão, & por isso os nossos não teuerão mays q fazer que queymada cõ muitas naos que estauão varadas. E despoys de queymadas estas cidades em que Diogo da silueira foi em pessoa, queymarão os seus capitães muitas pouoações sem ele sayrem terra, & fizerão tamanha destruiçâo que se despouou toda a costa & não ousaua nenhua gente de chegar ao mar cõ medo de não catuaré mays, que forão muytos: & tomada muyta artelharia pera el Rey, & muyta fazenda a foradas partes q todos forâ muyto ricos, & queymarão muyta riqza por não teré na uios em q a carregar. E Melique capitão de Diu não podia acodir por a ocupação q tinha em fazer Baçaim, & punha alitata forçapor lhe parecer que coela defenderia Diu, nem menos acodia el Rey de Cá bay a por muyta guerra q lhe fazião seus imigos pelo sertão (como direy a diáte.) E não achando Diogo da silueira quem lhe resistisse continuaua a guerra tornando outra vez a ponta de Diu a esperar as naos que fossem de Cambaya pera Meca, que com seu medo nã ousou nenhua de fayr aquele anno, no q elrey de Cambaya recebeo muyta perda á suas alfandegas.

C A P I T A L I V I I I .  
¶ De como Açaçacá fez paz com ho governador, & lhe deu as tanadarias de Salsete pera el Rey de Portugal.

**N**O Terceyro & Quarto Liuro se fez mēçāo de hū mouro chamado çufolarim escrauo & capitão do Hidalcão a que Afonso dalbuquerq tomou a ilha & cidade de Goa, a que ho mesmo Hidalcão por fazer honra lhe concedeo que se podesse chamar Cão, & isto por ser este nome antreles de muyta honrra, & se cha mou Açadacão, que despoys por ser bō caualeyro & de muyto seruïço o çabayô & seu filho Hidalcão que lhe suscedeo no senhorio o fizerão dos principais de seus capitães, & lhe derão terras na comarca de Salsete, & antrelas foy Ponda & Bilgão que he ao pé da ferrado Gate que ele despoys fez húa cidade muyto forte cercada de muros, cobelos, & caua, ao modo das noillas, & deu setam boa manha q̄ tinha mays de quarenta contos de réda, & mui ta gente de peleja assi de caualo como de pé & al y fantes, & despoys do Hidalcão era a següida pessoa em seu senhorio assi de terras, gente, & renda, & cō tudo era escrauo do Hidalcão, & cada vez q̄ lhe viesse a vontade despoelo de seu estado o podia fazer, & por isto andaua ele sempre receoso de isto ser assi, & neste tempo veo a saber que ho Hidalcão ho queria fazer, porque ho mādou chamar, q̄ era a mayor certeza de ser assi, porq̄ estes senhores de marauilha mandão chamar estes capitães se não pera lhestirar as terras que té & matarémos. E como Açaadacão teu esse esta sōs peyraou certeza quis se logo fauorecer com fazer amizade cō ho gouernador q̄ estaua em Goa a q̄ secretamente mandou sobriço seu embayxador, & q̄ lhe daria por isto pera el rey de Portugal as terras

de Salsete & Ponda q̄ rédião bē cinquocta mil pardaos doutro; & porq̄ ho gouernador auia de mandar recolher estas rédas disimuladame te porq̄ o Hidalcão o não soubesie, o que o gouernador lhe agardeceo muyto, & em nome del Rey de Portugal lhe confirmou amizade, & prometeo de o ajudar contra o Hidalcão, & fez logo Tanadar móra hū Cristouão de figueyredo casado em Goa & grande seu priuado, quemandou á terra fitme cō outros Tanadares pequenos & escriuães & al güá gête, & ele se aposentou é hū pagode de freyras, & dali arrecadaua as rendas, & Açaadacão teu maneyra como se escusou de yr por aq̄la vez a chamado do Hidalcão, q̄ tābē não insistio é ele por amor de grandes negocios q̄ lhe sobreuierão.

## CAPIT. LV.

Das diferenças q̄ ouve antre Vicente da Fonseca & Bras pereyra

**F**icado Vicente da Fonseca por capitão da fortalezade Ternate (como a tras he dito) determinou de mandar hū jungs a Malaca, cuja capitania deu Afonso pirez que forahum dos q̄ o fizerão capitão, & fabendo Bras pereyra que este jungs auia de yr pera Malaca, pedio a Vicente da Fonseca a capitania dele, & porq̄ lha não quis dar viagão a tanta desauéça, que Braspereyra fez hū requerimento ao feitor & officiaes da fortalezade & a outros criados del Rey que prendessem Vicente da Fonseca, q̄ cometera treyçāo em dar ajuda & fauor aos mouros pera mataré Gonçalo pereyra, & que tinha a quella fortalezade por força, & dal por diante não falo mays a Vicente da Fonseca, & andaua armado cō

outros muitos q̄ erão de sua valia, & estes amotinauão outros & tinham Vicente da Fonseca então pouca conta, que dizião publicamente q̄ ele ajudara a matar Gonçalo pereyra, & mandara matar outros Portugueses despoys que fora capitão. E por ele talhar a outras maiores causas q̄ daquelas podiaão soceder prendeo Francisco de sa, Cosmo, moniz, & outros culpados nesta defamação, q̄ com a prisão destes creceo muito mays: & fo y posto per vezes fogo a hú bargátim polos amigos destes, porque sospeytauão que presos os queria mandar nele a India, & dali por dâite mandou Vicente da Fonseca vigiar a ribeyra por homés armados. E ainda despoys disto crecco mays a desfauença & ódio antrele & Bras pereira, sobre hú berço q̄ mandou tomar da Galeota em q̄ estaua Bras pereyra, pera hú bargantim que queria mandar a Malaca em companhia do junco q̄ disse, & assi sobre certos homés que mandou levar da galeota pera a fortaleza, por lhe dizeré que queria fugir pera Bâda, & sobre hú que Bras pereyra tolheo ao Quuidor que honão leuasse, sobre hó que disse palauras muitas defamatorias contra Vicente da Fonseca, pelo que ele indinado disto lhe mādou to mar ho esquife & os escrauos da galeota que erão em terra, & defendeo com gran despenas que nhūia pessuah leuasse mātimentos. E vendose Bras pereyra assi ata lhado, fo y a sua mēncucoria tamanha q̄ parecia doudo, & cō grandeis brados dizia aos q̄ estauão em terra, q̄ Vicente da Fonseca nāo era capitão, antes era trédon a el Rey de Portugal por matar a Gonçalo

pereyra seu capitão, & tinha aq̄la fortaleza pa a vender aos mouros, & por essa causa lhe não obedeçia, & requeria a todos q̄ não lhe obedecessem: & acabando de dizer isto, mandou tirar tres tiros á fortaleza. Vicente da Fonseca q̄ estaua na ramada se recolheo logo, & mandaua tirar a arte. lharia pa meter a galeota no fúdo se nā so ra pelo alcaide mōr q̄ lhe pedio q̄ o deixas se primeyro falar cō Bras pereyra do que soy contente, & despoys do alcaide mōr falar coele, & acabar q̄ obedeceria a Vicente da Fonseca & jria a terra & os faria amigos soipeor, porq̄ em Bras pereyra chegādo a terra, Vicente da Fonseca muy toledo com lhe parecer q̄ ya pera ser seu amigo, como lhe o alcaide mōr tinha dito, fo y se a praia pera o receber, & ele lhe disse muito brauo q̄ se fosse dali porq̄ o nāo qria ver nem falar coele. & Vicente da Fonseca lhe respondeo q̄ nāo lhe amotinasse a gente & q̄ visse quão mao exépro dava aos mouros & a todos, com aquelas desobedienças, & Bras pereyra tornou a dizer as mesmas palauras q̄ dantes, & requereo a quātos hiestauão q̄ predessem Vicente da Fonseca pola morte de Gonçalo pereyra: & Vicente da Fonseca q̄ prendessem a ele por que lhe desobedecia, & soy sobristo muy to grande aluoroço nos Portugueses, q̄ algūis dizião q̄ Vicente da Fonseca nāo era capitão, & os mays dizião que era, & q̄ Bras pereyra merecia preso por ser causa daq̄has revoltas: & chegou a causa a tanto, q̄ ho alcaide mōr & feitor se apartarā cō toda a gente, & lhes preguntarão se tinham Vicente da Fonseca por seu capitão, & por os mais dizerem q̄ si, o ouverā por capitão,

capitão, & Bras pereyra foy preso, & así esteue na fortaleza sem mais Vicente dafó seca q̄ querer ter seu amigo posto que lhe foy cometido. E não seauedo por seguro de le né doutros de sua valia, os entregou presos a Baltesar veloso capitão do Bargantim q̄ māndou em companhia do jungs que hia pa Malaca dahi os leuassé a India, & partirão na entrada de Março do anno de mil & quinhentos & trinta & do us, & cuydando Vicente dafonseca que por mādar Bras pereyra & os outros fica ua seguro na capitania o ficou menos, por q̄ algūs desses maishorrados que ficarão coele parecendolhes q̄ mereciao melhor a capitania q̄ ele, começarão de praticar e ho prenderé, & preso ho mandaré pera a India, ho q̄ lhe foy logo discuberto: & pa osamansar & tirar daqle pensamento ga staua coeles muy largamente, & lhes dey xaua fazet crauo, & lhe fazia quātas boas obras podia cō que algū tāto os amāsou, & porē ele não se confiaua de ningué, & trazia sempre hūa sayade malha secreta, & sua espada, & andaua tão acuitelado q̄ quādo lhe falaua algué estaua sempre cō os olhos nele & a mão na espada, né toma ua nhūa cousa a pessoa q̄ não fosse sua se não com a mão esquerda & a dereyta na espada, & vivia com muyto grande fadi ga, & muitas vezes se apartaua só a chorar da gastado d' ter tomado aqle carego.

## C A P I T . L V I .

Do q̄ Pateçarāgue & Trauācelo determinarão contra el rey Cachil Dayalo.

**V**Endo os mouros as grādes dissensões & desordēs q̄ auia antre os Portugue ses: & q̄ sénhū temor de castigo né vergo nhado mundo matauão capitāes, & fazia

outros cōta o regimēto de seu rey, & quā mal comprião os mādados de hūs & dos outros, & q̄ sempre ficiāo liures de pena, determinarão de fazer ho mesmo contra seu rey Cachil dayalo, & os q̄ derão principio a cesta maldade & treyçāo forão hū Pateçarāgue q̄ Vicente dafonseca fizera gouernador do reyno pera ho ter de sua mão, & outro q̄ auia nome Trauācelo am bos velhos discretos & prudentes, & de muyta autoridade cō os mandarins & gente popular pelo q̄ tinhão credito pera faze réquāto quisessem. E a causa de Pateçarāgue fazer esta treiçāo, foy medo delhe el rey tirar a gouernāça do reyno, porq̄ por ser ja didade pa isso q̄ria enteder nela pa saber como seus vasallos erão gouernados, q̄ auia muitos annos q̄ os gouernācōs gouernadores q̄ fazia mais o q̄ os capitāes q̄rião q̄ o quedeuião: & porq̄ gouernado el Rey Pateçarāgue não era necesario q̄ gouernasse & perdia sua valia determinou ele de priuarel rey do reyno, & fazer rey a hū seu irmão bastardo chama do Tabarija, & eratam moço q̄ não era pera gouernar, cō fundamēto q̄ gouernaria ele ao menos ate Tabarija ser didade, & detudo isto deu conta a Vicente dafó seca, certificadolhe q̄ se Cachil dayalo não fosse desposto d' rey, q̄ ho auia destoruar a não fazer seu proueyto como faria não sendo ele rey, nem ficariāo ausuluto capitāo como forão os passados, pelo q̄ deuia de consentir em Cachil dayalo ser desposto de rey, no q̄ Vicente dafonseca consentio por não perder ho q̄ esperaua de ganhar em quāto esteuessi na capitania. E té do Pateçarāgue este consentimento pa

suatreyçam começou logo de a poerem obra, tomado por cópanheyro a Trauangelo, & como não podiam fazer nada, sé os fidalgos teré odio a el rey, prouocauão nosa lho teré por quantas maneiras podia principalméte fazé dolhes crer q lhes áda uacô as molheres: & diziam q era mal inclinado: & de forte códicão, & assi lhe punham outras muitas tachas cõ que o fazia inabil pera ser rey, & despoys q Pateçarangué & Trauangelo virão q os fidalgos tinham odio a el rey, começaráo de lhes persuadir q o desposesse de Rey, & fizesse rey a seu irmão Tabarija. Nestetépo auia na fortaleza gráde falta de matimétos, & muitos Portugueses mandauá seus escravos q os fosssem furtar a os mouros, & assi oscabaços q tinham nas palmeiras cõ o vinhho q saya deles, & como os mouros que riá mal aos Portugueses & as suas coulas, dítauão peçonha nos oscabaços cõ q matauão os q lhes yão beber ho vinho, & tam bê as cutiladas quâdo os achauão de bô láço, & como erão mortos tam encubertamente não se sabia mais de suas mortes q acharémos menos. E não podédo Vicéte dafonseca determinar no q seria feito deles di leao a Pateçarangué, rogandolhe q lho soubesse, & ele por meter coele em odio a el rey, cõtoulhe a maneyra da morte dos Portugueses & dos escravos atribuindo a culpa disso a el rey, afirmando q se fazia por seu mandado, do q se Vicéte dafonseca escandalizou muyto, & mandouse q y xar a el rey pelo mesmo Pateçarangué, cõ o q seel rey espantou muyto, por quâ ino céte sabia q estaua daquela culpa, & se ná se temera de o Vicéte dafonseca tornar a

préder foras lhe disculpar por sua pessia, mas este temor lhe fez q não fosse, & mandouse disculpár por Pateçarangué cuidado q lhe era leal, & como ho ele não era no cabo da disculpa q deua Vicéte dafonseca lhe disse q sé dutida cresse q tudo aquilo erão palauras. E crendo Vicéte dafonseca q era verdade determinou de préder el rey & te lo preso como dâtes, & que Pateçarangué gouernaria ho reyno, poré el rey era tam recatado q nunca mais foy á fortaleza, ou parece q foy avisado de sta determinação & afastaua se homays q podia da conuersação dos Portugueses, ná por mal q lhes quisesse, mas por recear de os escâdalizar, & fazialhes quanto bê podia, & era tam obediéte a Vicéte dafonseca & desejava tam to de star bê coele, q não queria valer a nhô Portugues q se a ele acolhesse por algú dílito, & logo lho mandaua, & cõ tudo ná lhe valia q de cada vez lhe tinha mayor odio & desejava mais de o préder, & quâdo vio q ho não podia fazer determinou de o mandar matar: & tudo isto por induzimento de Pateçarangué q tinha o mesmo desejo, & tam danados andauão q ho não podia encobrir, & foy discuberto a el rey q como era de grande coração dissi mulaua cõ Pateçarangué, & ná ho quis castigar por não dar causa a Vicéte dafonseca rôper coele guerra, q bê sabia q auia de q querer acodir porele. E andando assi encubertos forão quattro escravos de Portugueses ao mato, & não tornado mais má dou Vicéte dafonseca dizer a Pateçarangué (despoys de lhe mandar pregútar por eles) q el rey os deua deter se os ná manda ra matar, ho q el rey soube do q ficou tão triste,

triste & agastado, que se passou logo pera hum lugar chamado Turutó mea legoa de Ternate, & leuou pera lá sua máy & osdo seu conselho, mandando dizer a Vicente dafonseca que se ya, pera ver se se podia liurar daculpaque não tinha, & que de lá faria ho que lhe mandasse, do que Vicente dafonseca ficou muy escandalizado, & creo que se queria leuátar cōtra a fortaleza, & por isso trabalhava quāto podia polo mandar matar, & manda ua fazer aos mouros quātos males podia. E vendo el rey isto, ouue conselho com os seus sobre se mudar pera mays longe, & assentárao de fazer outra cidade onde se chama a terra alta húa legoa daly, que com quanto lhe auia de ser trabalho, assi em deyxar seu assento, como em fazer noua pouoaçāo, a tudo se offrecia por se tiraré de mexericos, desgostos, & brigas que disso podiam recracer. E auido este conselho el rey & a raynha seforão a Tidore & derão disto cōta a el rey que era irmão da raynha, & tio del rey, a que pareceo bem a mudáça pera a terra alta pelas rezões que lhe derão pera isso, & coeste parcer mādou el rey Dayalo edeficar outra cidade na terra alta.

## C A P I T . L V I I .

De como el rey Cachil Dayalo se passou pera a terra alta.

**P**ateçarangue como queria mal a el rey & desejava q Vicente dafonseca esteuesse firme em lho querer, como vio o q se ordenaua disselho logo, atribuindo aquela mudanca del rey a quererse fortalecer pera se leuantar contra a fortaleza, & fazer lhe guerra, ho q Vicente dafon-

seca creo, asy polo odio que tinha a Elrey, como pola mudáça que lhe via fazer tam de supito, & mays porque neste tpo tendo ja el rey onde se agastalhassena terra alta se mudou pera lá cō toda sua familia, saluo a Raynha sua máy que ficou pa fazer yr Pateçarangue & os de sua familia, que em nhā maneyra se qrião yr de Ternate polo odio q tinha a el rey, & estauam determinados de lhe desobedecer, por lhes Vicente dafonseca ter prometido de os ajudar a defender, & por isso não se querião yr. E quanto el rey mays via que Pateçarangue insistia em não yr pera a terra alta, tanto mays insistia q fosse, porque receaua muyto que não queria ficar em Ternate em tal tpo se não pera o deseruir, & que o fazia cō ousadia q lhe dava Vicente dafonseca, & comter isto por certo, lhe mandou dizer q pera hū tal dia se fosse pa a terra alta cō todos os de sua valia, sopena de oscastigar como a reueis, & desobedientes a seu rey: E não satisfazédo Pateçarangue a este mandado né nhū dos outros de terminou el Rey de proceder cōtrele: pa o que se foy a Ternate, óde achou Pateçarangue posto em armas cō todos os seus pa fed: feder, & tinha cōsigo qrenta Portugueses espingardeyros q lhedera Vicente dafonseca pa o ajudaré contra el rey, & estes estauão na dianteyra. E como os el Rey vio, disse q não queria coeles guerra, mas que se espantaua, & estaua muyto escandalizado, q sendo ele vassallo del Rey de Portugal, não lhe qrer Vicente dafonseca, que era capitão da sua fortaleza, deixar castigar Pateçarangue seu vassallo q ho offendia grauemēte, antes lhe dava fa-

uor & ajuda cōtrele, sendo obrigado po  
ys era capitão del Rey de Portugal a lho  
ajudar a castigar quādo ele só nā podesse:  
& rogou muyto aos Portuguese's q̄ assi  
ho dissessem a Vicente dafonseca, & q̄ ele  
era vassallo del Rey de Portugal, & por  
esse se tinha, nē dey xaua deo ser pola mu  
daça q̄ fazia de Ternate pera a terra alta,  
q̄ se a fizera, fora por escusar payxões, &  
desgostos q̄ se começauão antre os Por  
tugueſes & os Mouros, & da terra alta,  
mandaria mays mantimentos á fortaleza  
do q̄ yāo dātes, q̄ nā o cuydasse Vicente da  
fonseca q̄ se mudaua pera outro fim, & as  
si se veria a diante, pedindolhe por derra  
deyro q̄ nā quisesse fauorecer cōtrele Pa  
teçarangue nē os outros q̄ lhe erão deso  
bedientes, & q̄ esperaua por sua reposta pa  
saber o q̄ auia de fazer, & coiſo se foy. E  
ele ydo recolheráſe os Portugueseſes, & de  
rão a Vicente dafonſeca ho ſeu recado, q̄  
ele ouuiu com grāde menēcoria porq̄ ho  
nāo matarão, & assi ho diſſe, aſſiſmando  
cō juramento q̄ ho auia de deſtruir, & ſol  
tando cōtrele muy feas palauras, é q̄ moſ  
traua claramēte ho grāde odio q̄ lhe ti  
nha, do q̄ el rey foy auifado: & nā vendo  
ſua reposta, deteimineu cō os de ſeu cōſe  
lho de proceder contra Pateçarangue, a q̄  
mandou primeiſo rogar q̄ ſe foſſe parele,  
& nāo querēdo mandou lhe fazer guerra  
por ſeus capitāes q̄ cada dia lhe fazião mu  
tas corridas, & lhe davaõ rebates por mar  
& por terra, assi de dia como de noyte, é  
q̄ Vicente dafonſeca ho mandaua ſempre  
ajudar polos Portugueseſes, & assi ſe ya ate  
ādo a guerra de pouco em pouco: ho que  
vēdo el rey a quiſmays apertar, & foy fo

bre Pateçarāgue por mār, & Cachil bua  
laua gouernador de Toloco por terra cō  
a mays gēte q̄ pode. E Vicente dafonſeca  
acodio logo por terra, & mādou por mār  
ſessenta Portugueseſes eſpingardeyros em  
hū batel, & em hū paraó artiſhados, & nā  
pelejará: porq̄ vēdo el rey os Portugueseſes  
q̄ yāo diāte, nā quis pelejar coeles & reti  
rouſe, & eles o apertarão tāto cō a arteſha  
ria & eſpingardaria, q̄ lhe foy neceſſario  
fugir. E outra vez tornou el rey é hū ca  
laluz cō algūis mādarins pa falar a Vicente  
dafonſeca & lhe rogar q̄ teuſſe paz, &  
ele lhenā quis falar, antes mādou a certos  
Portugueſes q̄ lhe faifsem, & por ele nāo  
querer pelejar, & ſe yr, forá a poſeſe ate o en  
ſacaré na prayada terra alta cōde ſe ſaluou,  
leuado quattro mandarins feridos, & foy  
lhe tomado o calaluz. E despois diſto foy  
Vicente dafonſeca darmada á terra alta, cōde  
chegou de ſupito áte manhaā, & temou a  
el rey toda a armada q̄ tinha aſſi no mār  
como na terra, & ſe tornou pa a fortaleza  
cō grāde cōtētamēto de Pateçarāgue, &  
dos outros imigos del rey, q̄ vēdo como  
lhe Vicente dafonſeca fazia guerra daq̄la  
maneyra, ainda q̄ o nā merceſia, eratā ami  
go dos Portugueseſes, & deſejaua tāto ſua  
amizade pola criaçāo q̄ teuera coeles, que  
nūca quis guerra, nē defendeſe pola nāo  
fazer, q̄ ſe quiſera queyxarſe aos outros  
Reys ſegūdo eſtauão mal cō os Portugueseſes,  
bē a jūtara gente com q̄ fizera guerra,  
mas nā quis polo amor q̄ lhes tinha, & de  
ſejo de ſua cōuerſaçāo: & átes quis auētu  
rareſe a perder ho Reyno, como perdeo,  
q̄ fazer guerra aos Portugueseſes, tēdo que  
era muyto mōr perda nā lhe goardar leal  
dade,

aldade q̄ perder o Reyno, & pera ver se cō se yrdele poderia q̄brar a furia q̄ Vicente dafonseca tinha cōtrele, se foy pera Tidore cō toda sua casa, & cō sua máy, cō determinaçō de estar lá ate q̄ el rey fizese cō Vicente dafonseca que fosse seu amigo, & assi lho disse, & ele lhe disse q̄ acabaria iſſo cō Vicente dafonseca por amor da amizade q̄ tinhão ambos, & que tam-bé ho ajudarião el rey de Bachão & el rey de Geylolo, & Ferná dela torre, a q̄ escreueria que ho fizesssem, & assi ficou el rey Dayalo em Tidore, cuydado que ali se mediaria.

## C A P I T. L VIII.

De como Vicente dafonseca tomou a ci-dade de Tidore.

**V**icente dafonseca q̄ nā sabia nada da ydade del rey Dayalo, ajútou húa grá de armada de mouros & de Portugueses cō determinaçō de o destruir, pa o que se foy á terra alta q̄ achou despouoada, do q̄ se muyto espantou, & cuydou q̄ el rey se meteria pelo sertá da ilha pera se fazer forte. E queymado este lugar, foy sobre as cidades de Malayo & de Toloco, q̄ tābē forão despejadas, por el rey termáda-do aos moradores q̄ nā pelejassem cō os Portugueses, & estas tābem forão queymadas. E sabédo Vicente dafonseca q̄ el Rey Dayalo se fora pera Tidore, folgou muyto, pater achaq̄ de lhetirar o reyno, porq̄ nā podia estar sem Rey, & assi lho conselharão Pateçarangue & os de sua vila, & q̄ fizesse hū jrmão bastardo del rey Dayalo, chamado Cachil Tabarija moço de quatorze ate quinze annos, da propria ydade pera eles mandaré a terra á sua vōtade, & pera Vicente dafonseca ho fazer

melhor, fez gouernador do reyno Pateça rangue. Eleuádo Tabarija por rey, foy Vicente dafonseca coele em húa gráde armada por esses lugares da fralda do mār, a que mandaua dizer que ele desposera de rey d' Ternate a Cachil dayalo, & o deitara do reyno cō sua máy & outros, por se ré culpadosna morte do capitão Gonçalo pereyra & se q̄reré leuátar cōtra a fortaleza, & frizerarey a Cachiltabarija, q̄ tam-bé era filho del rey Boley fe, cujo o reyno era por dreyto, pois Hayalo ho perdera: q̄ rogaua muyto a todos q̄ obedecessem por Rey a Tabarija, porq̄ nā querendo lhes auia de fazer guerra. Evendo os mouros que el rey Dayalo se fora, cō receo da guerra, obedecerão todos a Tabarija, somēte o regedor de Toloco q̄ queria mal a Pateçarangue, cō quanto era seu paréte, & desejaua de o matar por a treyçāo que fizera a el rey Dayalo, & por isso o mandou prēder Vicente dafonseca, & esteve p̄so até q̄ morreo. E como Pateçarangue sabia q̄ el rey Dayalo estaua é Tidore, reçeuase q̄ dali cobrasse seu reyno: & pera maior sua segurança, fez cō Vicente dafonseca q̄ fosse cō grande armada sobre Tidore, & fizesse cō el rey q̄ lhe mādasse entregar todo ho tesouro q̄ Dayalo leuara, cō todo o mais quādo se fora de Ternate, se nā que o destruisse, & ficando Dayalo sem tesouro nā teria poder pera se restaurar no reyno. E como Vicente dafonseca criamuyto em Pateçarangue tomou seu conselho. E chegado a Tidore húa manha a cō gráde armada, mādou dizer a el rey as rezões porq̄ desposera de rey a Cachil dayalo & fizera rey a Tabarija, a que

F iiii perté

pertencia todo ho tesouro douro, prata, & armas defensiuas, & offensiuas, & escrauos que Dayalo & sua máy leuarão de Ternate, que lhe rogaua que lhe mandasse logo dartudo se q̄ria ter paz coele, se nā q̄ lhe faria guerra: & tābem lhe auia d̄tregar Dayalo & sua máy, ou os lāçasse de sua terra, porq̄ quē tinha amizade cō os Portugueses nā auia dacolher hū tamanho seu inimigo como Dayalo. El rey de Tidore como era moço, espantouse dū rey cado tā aspero, & respōdeo a Vicēte dafonseca que faria tudo o q̄ fosse rezão, que lhe pedia q̄ desembarcasse pera falaré sobre aquele negocio & se fazer o q̄ fosse ser uiço del Rey de Portugal: & por cōselho de Pateçatangue nā quis Vicēte dafonseca verse cō el rey, & reprimou q̄ fizesse logo o q̄ lhe pedia se queria ter paz coele: & vēdose el rey tā apertado, disse q̄ aueria cōselho cō os seus, & despoys yria falar a Vicente dafonseca pois ele nā q̄ria desembarcar: & Vicēte dafonseca nā respōdeo, porque vio q̄ el rey nā fazia o que lhe pedia. E cuydando el rey q̄ consentia em q̄ ouuesse cōselho entrou nele, mas Vicēte dafonseca tomou outro, q̄ lhe deu Pateçatangue, que foy dār na cidade pois el Rey nā satisfazia a seu requerimento, & com lhe fazer guerra o faria, & assi ho fez, desembarcado supitamente cō sua gente armada, & entrapola cidade ferindo & matado seus moradores, q̄ confiados na paz & amizade que tinham cō os Portugueses estauão bem descuydados de tal coufa, & sabendo ho el Rey, fugio logo com a sua máy, & Cachil dayalo cō a sua pera hū serra q̄ estaua sobre a cidade, pera onde tā

bem fugirão os mais dos moradores, posto q̄ algūs quiserão resistir por defenderé suas mulheres & filhos, & estes forão mortos quasi todos: & nā tendo os Portugueses com quē pelejar, roubarão & queymarão a cidade. E a vida esta tamanha vitoria, em q̄ Vicente dafonseca cō os Portugueses perderão mais de credito, do que ganharão de honrra, se tornou pera Ternate sem alcāçar nada do que y a buscar, se nā guerra cō Tidore sem nhū a causa, de q̄ nōsso sñor lhe deu logo algū castigo: E tornado á fortaleza, vēdo o regedor de Toloco (q̄ disse q̄ foy preso) q̄ Cachil dayalo nā podia cobrar oreyno, por nā auer rey daqla geraçāo, determinou de matar el rey Tabarija, & dous seus jrmāos, que Vicēte dafonseca tinha na fortaleza pera sua segurāça, ho q̄ cuidou de fazer porestar coeles no derradeyro sobrado da torre da menagem, ainda que preso com hū a doba, & pera cōprir sua determinaçāo, ou ue hū cutelo q̄ trazia escondido, & logo q̄ Vicēte dafonseca chegou de Tidore, estā do hū dia á porta da fortaleza ho regedor q̄ estaua só cō el rey & seus jrmāos, & outros algūs no derradeyro sobrado da torre da menagem, remeteo a el rey pera ho matar, q̄ quis Deos q̄ lhe escapou & fugio cō os outros pa duas camaras a q̄ fechará as portas de dētro, & outros fugirão pola escada abaixo bradado q̄ lhes acodisse, & ele nā pode alcançar nhū por amor da adoba que ho toruaua, mas alcançou hū filho de Vicente dafonseca, moço de sete anos & degolouo, vendo q̄ nā se podia vingarde quē quisera. E feito isto, porq̄ sentio q̄ acodio gente, posse sobre a porta da

da escada tirando cō pedras & páos & al-  
gūas espingardas, cō q̄ defendia muy bra-  
uamente que a géte não sobisse a cima, &  
cō tudo, hú caualeiro chamado Jorge go-  
terez passou a diante bem cuberto de húa  
rodelas q̄ lhe o mouro q̄ breu sobre a cabe-  
ça cō húa espingarda q̄ lhe arremessou,  
& o ferio & atordou algū tanto, poré  
ele eratā esforçado que assi se chegou ao  
mouro, & lhe deu húa estocada pela barri-  
ga q̄ o passou da outra parte, & ele q̄ não  
era de menos esforço q̄ Jorge goterez, né  
por isso perdeoo lugar é q̄ eltaua em quá-  
to teue cō q̄ se defender, & despois de lhe  
falecer, carrou cō Jorge goterez & ferio o  
cō o cutelo por de baixo da barba, & ele o  
leuou nos braços, & forá ambos pola es-  
cada a bayxo, & chegádo ao sobrado Ior-  
ge goterez se desemborilhou dele, & deu  
lhe húa cutilada na cabeça com que que-  
brou a espada, & Vicéte dafonseca & ou-  
tros ho acabaram de matar.

## C A P I T . L I X .

De como el rey Cachil dayalo perseguido de Vicen-  
te dafonseca se foy morar a Geylolo.

**G**ráde espáto foy por todas aquelas  
gilhas quádo se soube q̄ Vicéte dafó  
seca desposera de rey de Ternate a Cachil  
q̄ era legitimo, & tā amigo dos Portugue-  
ses & criado átreles, & ho perseguiu tāto  
até o fazer fugir do reyno, & fazer rey a  
Cachil Tabarija tā moço & bastardo, & a  
quē não pertécia o reyno por nhúa via, &  
tinhá todos disto gráde escádalo: & mui-  
tos Sangages & gouernadores dos lugares  
ndo reyno de Ternate, não querião obe-  
decer a el rey Tabarija, & chamaulherey  
de Vicéte dafonseca & de Pateçarágue, pe-  
lo q̄ Vicéte dafó seca fez a mayor armada

q̄ pode & mādou nela por capitāmōr Pa-  
teçarágue pa fazer a estes q̄ digo q̄ obede-  
cessé a Tabarija q̄ obedecerá vēdose apres-  
fados da guerra, posto q̄ el rey Cachil dā-  
yalo lhes socorre o cō algūa armada mas  
nā a pue y tou, & assi tābe fez por força q̄  
obedeceisse a el rey Tabarija hum mouro  
chamado Ouro bachela tesoureiro del rey  
Cachil dayalo pessoa mui notuel no rey  
no, q̄ obedecédo a el rey Tabarija, lhe en-  
tregou todo o tesouro q̄ tinha del rey Ca-  
chil dayalo, o q̄ foy causadalgūs Ságages  
& sñores q̄ ainda estauā por dar obediécia  
a el rey Tabarija lha dessé. E vēdo el Rey  
de Tidore como as couisas del rey Tabari-  
ja erā de cada vez mais prosperas, & el rey  
Cachil dayalo ya é mais pdicão, & elená  
lhe podia valer por estar muy q̄brado das  
guerras passadas, fez paz cō Vicéte dafó-  
seca cō receo q̄ o destruisse & Vicéte dafó  
seca a fez por assétar a terra: vendo el rey  
feita esta paz nā se atreueo a viuer é Tido-  
re por amor dos Portugueses q̄ sabia q̄ a-  
uião lá dir, dos quaes se não fiaua, & por  
isso determinou de morar em Geylolo,  
& foy lá primeyro, pera pedir licença a el  
rey q̄ lha deu de boa vōtade, & lhe pro-  
meteo de lhe dar algūslugares, d̄ cujas ré-  
das se māteuesse, & mais q̄ ele & Fernão  
de la torre mādariā rogar a Vicéte dafon-  
seca q̄ o ajudasse cō algūa couisa, poys o  
deytara de seu Reyno, & assi ho fizerão,  
mas ele não quis, antes com Pateçarágue  
mandou cometer a el Rey de Tidore q̄  
lhe vendesse el rey Cachil dayalo & lho  
entregasse, porq̄ não se passasse pera Gey-  
lolo, temédo q̄ de lá lhe fizesse guerra, ho  
q̄ el rey não quis fazer. E vendo Vicente  
da

dafóseca q̄ n̄o q̄ria, fez q̄ lhe desse a máy del rey Tabarija, q̄ andaua em cōpanhia da molher del rey Cachil dayalo, cōqué Pateçarágue desejaua de casar pera ser ma ys hórrado, & assi o fez, depoys q̄ foy en tregue a Vicente dafonseca, a q̄ n̄o abaf tando as perseguições que tinha seytas a el Rey Cachil dayalo, tratou secretaméte cō a raynha sua molher q̄ lhe fugisse pe ra Ternate, & que a casaria cō el rey Tabarija & seria raynha, o q̄ nunca auia de ser sendo molher de Dayalo, porq̄ nūca auia de ser rey: & affirmouse q̄ neste concerto cōsentio el rey de Tidore, cuja jrmā era a raynha, & isto por peita, & por desespe rar del rey Dayalo cobrar mais o reyno. E despoys dele tornar de Geylolo, hūa no yteo embebedou a Raynha é hūa çea q̄ lhedeu: & estando ele bem entregue no sono, se foy ela secretaméte com algūas das suas mácebas, leuádolhe a mayor parte do tesouro q̄ tinha. E chegando a Ternate, a casou Vicente dafonseca cō el Rey Tabarija, o q̄ sabido por el rey Cachil dayalo ho sentio mais q̄ perder o reyno, por lhe q̄rer muyto gráde bem, & ser ela refri gerio de seus trabalhos, & tābem sintio le uarlhe o tesouro, porq̄ ficaua de todo sem ter com q̄ sosteuesse aqueles que ho acōpanhauão: & como era magnanimo n̄o desmayou cō todos estes infortunios n̄e se mudou da determinação de yr morar a Geylolo. E porq̄ sua máy auia de ficar em Tidore, dey xou coela aq̄les que o acōpanhauão, é coméda dolhos muyto, & pedin dolhe a eles muyto perdão de os n̄a leuar cōsigo, & de lhes n̄a poder fazer merce, fazédo ele & eles gráde práto ao despedir, se

partio pera Geylolo sō, & tā pobre, q̄ n̄o tinha may do que lhe el rey de Geylolo daua, òde esteue até q̄ tornou outro tépo, comodirey a diáte. E partido el Rey Dayalo pera Geylolo, el rey de Tidore pedio ajuda a Vicente dafonseca, & a el rey Tabarija, pera cobrar algūs lugares de seu senhorio q̄ lhe estauão reuelados, & cō sua ajuda os tornou a cobrar: em q̄ hū Jorge goterrez, & hū Simão valéte pelejarão muy esforçadaméte. E despois disto, mo ueo el rey de Geylolo guerra a Vicente da fóseca por certos lugares de seu senhorio, q̄ lhe tinha tomados, & n̄o lhos tornaua tēdolhe prometido de lhostornar, & assi esteuerão até chegar a Maluco Tristão da tay de q̄ foy por capitão da noſſa fortaleza, como a diante direy.

CAPIT. LX.  
De como ho gouernador determinou de yr sobre a fortaleza de Baçai, & do sitio da fortaleza.

**D**Espoys do gouernador auer astana dariais Daçadacão, comodisse, vio q̄ era tpo de poer em efeyto a determinaçā quetinha de yr tomar a fortaleza de Baçaim, o q̄ tinha descuberto, per juramēto q̄ o n̄o descubrissem, a Marti Afonso de melo jufarte, Manuel dalbuquerq̄, & a outros cinco ou seys, a quedisse. Ainda quē cubro a tristeza q̄ tenho por n̄a tomarmos Diu, n̄a creais q̄ hetā pequena, que me n̄a dá tāto cuydādo, q̄ podeis crer q̄ n̄icama ys fuy ledo, porq̄ com quāto fiz o q̄ pude com todos vistes, & nessa parte me dou por satisfacto, todavia me n̄a posso asseſſegar, porq̄ me lēbra q̄ neste caso a minha satisfacā he amenos, pois nada a pueita se n̄a satisfazera os de fora, & mais é couſas q̄ tocā ao bē pubrico. E como eu conheço

que

que os homens geralmente nas causas desta q̄a  
lidade nā leuão em conta nhūas disculpas  
mas sempre fazē as culpas maiores do q̄  
sāo: magoame muytoas q̄ me hāo de dar  
denātomar Diu poſto q̄ as nāo tenho, &  
por iſſo q̄ria fazer algūa couſa cō q̄ estou  
tra eſquecēſe: & a queſe oſtrece he tomār  
Baçai antes de fer de todo outro Diu, pa  
o q̄ despoys da ajuda q̄ espero de noſſo ſe  
nhor, faz muito ao caſo o medo q̄ os mou  
ros tē dos noſſos, pola guerra q̄ fizerá em  
Cábaya o áno paſſado & eſte, & a deſtrui  
ção de Patane, Pate, & Mágalar, q̄ quaſi  
erātā fortes como Baçai, & forão deſtruy  
das por tā poucos como traz Diogo da fil  
ueyra, aſſi tera Baçai cō ajuda de noſſo ſe  
nhor polos q̄ lá formos, q̄ ſeremos dous  
mil Portugueses cō os q̄ traz Diogo da fil  
ueyra, & por nā ſe ſaber óde ymos o en  
cubrodiſe do q̄ vou a Cábaya, & por iſſo  
vos dey juramēto q̄ onádescubræis, &  
aſſivo lo peço. O q̄ lhes pareceo muſo bē,  
& cōſelharão ao gouernador q̄ ſem dete  
çāo eſcutasse. E como cletinhātudo pre  
ſteſpartioſe na entrada do áno de mil &  
quinhentos & xxxiiij. & foy na galea ba  
ſarda, & ſeria a frota de perto de oy téta  
velas, é q̄ entrauão ſete galeoas, de q̄ forão  
capitāes, dō Paulo da gama, Vasco pirez  
de ſam payo, dō Fernādo deça, Antonio  
de lemos, Anrique de macedo, Antonio  
cardoso, & outro a q̄ nā ſoube o nome: as  
outras velas forão galés, galeotas, bargan  
tins, catures, & nauios da terra, dos pri  
ncipais capitāes q̄ ſoube q̄ forão das galés,  
& galeotas forão, Marti afoso de melo ju  
ſarte, Manuel dalbuquerq̄, Tristão datay  
de, pero d' faria, Fráſiſco da cunha, Vasco

da cunha, Nuno barreto, Manuel de vaf  
cócelos, dō Pedro de Menes, Fernāo de  
lima, & outros fidalgos & caualeyros: &  
nas velas Portuguesas yāo dous mil Por  
tugueses, & dous mil Canaríſ frecheiros  
& adargados nos nauios da terra. E par  
tido de Goacoesta frota foy ter a Chaul,  
ódemādou diate Manuel dalbuquerq̄ cō  
certos bargantins, q̄ foſſe tomār a barra de  
Baçai, porq̄ nā entraſſe nenhū ſocorro de  
Diu, & ele partio apos ele: Echegado ao  
rio do Pagode duas legoas de Baçai: eſpe  
rou por Diogoda filueira q̄ por ſeu recado  
ſe partio da pôtade Diu óde andaua, & ſe  
foy ali ajuſtar coele, & jūtos partirā todos  
pa Baçai, q̄ como diſſe, he quinze legoas  
de Chaul metido por hū ſrio é q̄ podē na  
dar gales, & deſterio ſe faz hū eſteyro q̄ o  
cerca da bāda de leſte, & ſe vay meter no  
mar q̄ ſica a terra é ilha: pegado cō a boca  
d' iſte eſteiro eſtauā hū baluarte, & mais pa  
a barra a tiro de bōbarda eſtauā hūa mez  
quita é hūa mama de terra. E porq̄ os Por  
tugueses nāo podessē deſebarcar jūto da  
fortaleza fizerão hūa tranq̄yra de valos de  
terra q̄ começaua do baluarte, & ſe eſten  
dia ate mea legoa alé da fortaleza pa a po  
uocão, era daltura de braça & mea & mui  
to larga, & dos meſmos valostinha muy  
tos baluarteſem q̄ eſtauão aſſentadaſtre  
zetas peças darteſharia, & pa mais forte  
za cercarā ona de caua daltura de hūa bra  
ça q̄ ſe eſchia dagoa do eſteyro q̄ diſſe, de  
modo q̄ nā ſe podia eſtrar ſe nāo pelo cabo  
da tranq̄yra, q̄ os mouros fizerā, porq̄ ſe  
algūa ora os noſſos os quifessē cometer,  
nāpoderia tāto adar a pé pa chegaréao ca  
bo da tranq̄yra, & ſe chegaſſe, chegariaõ  
tam

tam cansados que não poderião pelejar, & coesta fortaleza & cō Melique ter dezaſete mil homēs de peleja assi de pé como de caualo, & todos escolhidos lhe parecia que estaua seguro de ser tomado.

## CAPIT. LXI.

¶ Como Melique quisera cō engano ho Gouernador q̄ não cometesse a fortaleza.

**C**Hegado ho gouernador á barra de Baçaim entrou dentro no rio pa sur gir com sua armada, q̄ sabendo Melique camanha era temeo de ser tomado, & pa auer mays gente & se fortalecer mais, má dou logo dizer ao gouernador por hum mercador Dormuz q̄ hitinha húa nao, q̄ bē sabia como seu pay, & ele forão sempre grandes seruidores del Rey de Portugal: & a amizade que teuera cō os seus gouernadores da India, & nūca lhe quisera fazer guerra, sobre q̄ elrey de Cábaya os vexara & tratara mal, & por isto alsi ser ele q̄ ria goardar coele o que atē ali goarda ra com outros gouernadores, & tercoele paz & amizade como teuera cō os outros se ele disso fosse contente, & se posesse no q̄ fosserazá. Ho gouernador despoys de ouuir este recado, pregútou ao mouro po la fortaleza, & se estauatā forte como era a fama, & ho mouro lhe prometeo de lhe dizer a verdade, pedindolhe q̄ lhe nā má dasse queymar húa não q̄ hitinha, & mays pois era vassallo del Rey de Portugal: ho q̄ o gouernador lhe prometeo, & ele lhe contou largamēte a gente que Melique tinha & ho assento da fortaleza, & quam fortalecida estaua. E ho Gouernador que com tudo tinha determinado de dar nela, não lhe deu nada do que ouvio ao mouro, & respondeo a Melique, que por sa-

berque era verdade tudo quanto lhe mandaua dizer, era contéte de fazer coele paz & o ter por amigo, & que lhe mandasſe arrefens, & que despois de o ter manda ria lá cō quem assentasse a paz & a amiza de. E como Melique não tinha tençāo de fazer a paz, não quis mandar resposta a q̄le dia, & ao outro mádou tres Mouro honrados que ho mercador Dormuz co nhecia, que ho gouernador mandou aga salharem húa galeota, de que era capitão Ioão de payua feitor da armada: & mádou a Martim afonso de melo que fosse assentar paz com Melique: & seria com condiçāo quelhe alargasse aquela fortale za. E sabēdo Melique como ya Martim afonso, sayo ho a receber hū pedaço fora da fortaleza: & ali assentados na herua so bre húa alcatifa praticarão na paz, & Melique não q̄ria dar a fortaleza, & por Martim afonso aprefiar muyto coele q̄ a desse, lhe disſe Melique q̄ lhe rogaua por sua fidalgia que lhe disſesse, se ele fora Melique a dera, & Martim afonso respôdeo que se soubra ho poder que ya contrele, como sabia, que a entregara por escapar: & com tudo Melique pola tençāo quetinha insistia muyto em não dar a fortaleza. E por derradeyro, mays pera deter a coufa que pera querer concrusam, disſe que dirribaria a fortaleza, com condiçām que lhe pagasse ho gouernador os gastos que fizera, & que auia de leuar a artelharia, madeyra, & pedra, & em refazimento dos gastos lhe auia de dar cincoenta caualos dos que leuaua, & coesta resposta se tornou Martim afonso, & deua ao Gouernador, que mandou logo os arrefens,

arrefés, & chamou a cōselho na sua galé onde propos aos capitáes fidalgos, & pessoas principaes da armada, a resposta de Meliq, & como muitos sabiam ho asséto da fortaleza pelo mouro & ho modo de q estaua fortalecida, & temesse a peleja, ou lhes parecesse melhor auer a fortaleza sem ela q coela, em q muitos corriam risco de morrerem, & a India ficar desfalecida de gente, de q ao presete auia necessidade grádisima, forão de parecer q se cōcedesse a Meliq o que pedia, dando as mesmas rezões q digo, & porq não se fizesse Baçai outro Diu. E Diogo da silueyra, & Manuel dalbuquerq forão muy desfia dosdeste parecer, dizédo que aq la armada que ho gouernador trazia, tinha muyto custado a el Rey, & o que se poderia dar por sederríbar a fortaleza seria outro tanto, o que era grande vergonha & parecia fraqueza, que era muyto de notar pois se cometia portanta & tamboa gente & també armada como ali estaua, & por nā ficar é custume aos mouros q como quisessem ajuntar quaeis quer quattro pedras peralhas venderé també como Meliq q ria véder áquelas, & mays leualas, que o não deuião de fazer: & se Melique náqui fesse dar a fortaleza liuremente que pelejasse, & que esperauão em nosso sñor q os auia de ajudar por mays fortes que os imigos estivessem, & deste parecer forão outros, & ho gouernador por derradeiro, & por serem mays vozes se assentou que fosse assi, & ho gouernador homandou dizer a Melique por ho mouro Dormuz, & por ele respondeo que ao outro dia mandaria a resposta. E vendo os sol-

dados esta dilação sem saberé a causa, & porque sabião o que Martim afonso passara cō Melique sobre o que o gouernador teuera cōselho, & lhe respôdera, assentara q poys ho gouernador não dera logo em terra que não qria fazer nada & setor naua, & leuâtouse sobristo grande murmuracão portoda a frota, & o secretario Simão ferreyra ho disse ao gouernador, q vendo ho vir de fora cō rosto descontente lhe pregútou que ya lá, & de que vinha descontente, ele lhe respondeo q por dizeré todos q se tornauão pera Goa sem fazeré nada, & enténdendo ho gouernador, que poys ele soltava aquilo q auia grádemurmuração na armada, & vendo també q Melique não mandaua resposta, tornou a chamar a conselho & determinou de dar em terra ao outro dia q era dia de São Sebastião, & quede toda a gente se fizesse trescoadões, no primeiro q seria de seis cétos Portugueses, & quinhétos Canarís, yrião Diogo da silueyra, Martim afonso de melo jufarte, & Manuel dalbuquerq. No segúdo que seria doutros tátos yrião dom Fernando deça, Vasco pirez de São payo, dom Paulo da gama, Antonio de lemos, Anriq de macedo, Antonio car doso, & os outros capitáes dos galeões. No terceyro que seria dc oyto cétos, yria o gouernador cō a bádey rareal a cōpanha da dos outros capitáes, & nesta ordem de sembercarião todos de madrugada & cometerião ho cabo da tranqueyra, cujo caminho ho mouro Dormuz lhes insinaria, indo na dianteyra com Diogo da silueyra, & á boca da noyte a albetoga de Perode faria com as mays velas

velas que teu essem tiros grossos, & assi al gus bateis de matas se chegarião o mays que podessem á fortaleza & á tranqueyra, pera q ouuindo de madrugada hú tiro de berço q tiraria o seu catur indo pa terra começassem de bater a fortaleza & trá queyra.

## C A P I T. LXII.

De como Diogo da silueyra Martim afonso demelo ju arte: & Manuel dalbuquerque desbaratarão a trá queyra dos imigos.

**I**sto assentado tornarão se os capitáes a seus nauios, & chegados á tranqueyra & fortaleza os q auia de dar a bateria e comédouse a gête a nôslo sñor, porq ho feyto era muyto perigoso por a fortaleza estar tam forte como disse, & em grandes alegrias porq soubessem os imigos q os não temião. E vinda a madrugada q o governador deu o sinal cõ ho berço, como estava assentado, começou a nôsia artelharia de desparar & como era ainda de noite & fazia neua, & os tiros desparassem quasta húa foy húa cousa espátosa, & mays porq á artelharia dos imigos começou também de jugar cuy dâdo q os Portugueses desembarcavão diante da fortaleza. E desembarcados eles & postos na ordem em q auia de yr, começarão de caminhar ao longo da tranqueyra pera ho cabo dela, porque querédo Diogo da silueyra entrar pola caua não quis quâdo achou a altura que tinha: & porisso passou auáte por hú campo raso onde a nôsia gente ná tinhão outro emparo se não o de nôslo sñor q os goardasse das muytas bóbardadas q lhes os imigos tirauam & espingardadas em roda vjua, & muytas bóbas de fogo, & tudo tâ basto q era milagre euidente esca-

paré de tantos tiros, & nosso sñor seja louado em nhú acertarão, pelo q despoys muytos dos Canaris que yão cõ os nôslos se tornarão cristãos, dizendo que o nôsso Deos era melhor que todos os outros deos q nos goardava dos perigos. E os mesmos mouros espantados de veré q os seus tiros não empeçião aos Portugueses, mandarão dizer á Meliq q visse o q fazia porq a artelharia não fazia mal áqles homés, & que se chegauão ao cabo da trá queyra, onde se todos ajuntarão, & serião doze mil homés de pé & de caualo, em q auia muytos Rumes & outra gente branca. E sabido por Melique q le recado, acodio á tranqueyra dey xâo encomêdada a fortaleza a hú capitão de q confiaua. Equando os Portugueses chegarão ao cabo da trá queyra despoys de tantos perigos acharão como digo a qle corpo dos imigos, q era cousa de tiros de fogo que tirauão pa defender a entrada, mas os Portugueses não duuidando nhúa cousa remeterão aos imigos na ordem em q yão, tirado hûs muytases pingardadas, & outros cõ lançadas. Evendo os imigos aousadia cõ q os cometião os menos: teuerão coração pera se defender o que fizerão por hú quarto dora, pelejando muy esforçadamé & logo se desbaratarão, não podédo sofrer o impecito dos Portugueses, & fugirão deles pera apouoação, & outros pera a fortaleza, & assios seguirão os nôslos, parte deles com Diogo da silueyra q seguiu os q yão contra apouoação, & parte cõ Martim afonso, & Manuel dalbuquerque os q yão pa a fortaleza: & nisto chegou Meliq, & começou d recolher os seus, & assi como os recolhia

recolhia fazia volta aos que yão com Diogo da silueyra, mas aprovoueytaua lhe pouco, porque como os Portugueses yão favorecidos com a vitoria a cada volta lhe matauão muitos: & assi os levarão ate apouoação, oude Melique nã se atreuêdo a saluar, fugio passando húa ponte que atrauesaua ho esteyro q disse, & recolheo secô a gente ao pé de húa serra óde se fez forte, & na entrada da tranqueyra & no alcáçô dos imigos forá mortos bêquinheiros homés, & muitos deles Rumes, & átreles foy hú Abexí de caualo, q átreles era tido poresforçado caualeyro, & matou ho Ioão jussarteição, & assi foy morto hú capitão del rey de Cambaya côdos filhos & hú genrro, & não foy a esta batalha a mays que auer os Portugueses, porque nunca os vira pelejar, & tinha deles fama que erão muito valentes homés, & este capitão se achou armado d'hú bô corsólete: & assi morrerão outros muitos capitães & homés conhecidos, & dos Portugueses morrião ate seys, & hú deles era fidalgo, & chamausse Diogo de me lo, & outro Bertolameu drago, & dos outros nã soube os nomes. E esta vitoria se ouue é tresoras, & foy das principais q ate aly se ouue na India; por ser hú feysto de muito grande perigo, & ser a peleja cô a melhor gente da India, assi de pé comode caualo, & em q auia muitos Rumes, & a mays da outra gente toda bráca, asfaltaram tantas municões & tiros de fogos como disse.

## C A P I T. LXIII.

De como os imigos despejarão a fortaleza de Baçai.

D Esbaratados os imigos & posto for-

go à pouoaçam, tiraram os Portugueses caminho da fortaleza, & chegando à mezquita quedisse, esperarão polo gouernador q chegou a tráqueyra quasi em têdo os Portugueses acabado de desbaratar os imigos, que polo pouco espaço q gastarão em os desbaratar, não pode chegar mays cedo: & foy a pressa tamanha q correrão os Portugueses muito risco de serem mortos cô a nossa artelharia q tirauão os do mar, q cuydando q nã tomassem a tráqueyra tão asinha, não fazião se não tirar a eli polos ajudar, & tâ impressão tinhão isto na fantezia, que os vião ádar sobre os valos da tranqueyra, & cuydauão q erão os imigos, & q os Portugueses erão todos mortos, se não quâdo virão luzir os capacetes, então deixarão de tirar. E chegando ho gouernador à mezquita deu muitos louuores a nosso senhor por aqâa vitoria, & fez muita honra & gasalhado a Diogo da silueyra & aos outros capitães Iouão do seu esforço & valentia, & disse lhes q esperaua em nosso senhor dalmorçar ali & çear dentro na fortaleza, porq o mais era feysto: & pera qbrar as portas da fortaleza mandou logo à frota por algúis tiros grossos, q por derradeyro aprovoue a nosso senhor q nã forão necessarios, & acabou se ho feysto sem perigo, porq indo polos tiros, mandou ho gouernador ao secretario q fosse espiar a porta da fortaleza, pa ver se lhe poderião tirar cô as bôbadas porq mädara, & mandou yr coele sete ou oito homés, & como os outros o virão abalar, (por ser priuado do gouernador) leuára-se bem quinhéros, & forão à pos ele. E yendo os mourós q estauão na fortaleza aqle

aquele corpode gente emcaraua nela & a bateria q lhe davaõ por mar, & vendo desbaratada a tranqueyra, & que Meliõ fora desbaratado, & não se poderá recorrer a fortaleza, cu ydarão que lhe yá tomara porta pera não poderé sayrem quâto os outros entraruão pelos muros, & com o medo q disto cóceberão abrirão as portas & fugirão pera ho esteyro cõ determinação de passar da outra parte: & os Portugueses q os virão derão a pos eles, mandando ho secretario dizer o que passaua ao gouernador, que logo seguió pera o lugar por onde os jmigos qrião fugir, & ainda neste alcance forão deles mortos perto de cinquoéta Rumes & homés brancos, & por não poderé passardo esteyro se tornarão pera a fortaleza, a cuja porta ho governador armou algúscualeiros, & antre eles forão Gil de crasto filho de Diogo borges contador de Viseu, Baltesfarlobo de soufa, Tomé de brito, Lionel de lima & outros, aforamuytosq fizera na meza quita: & despoys entrou na fortaleza dando muitas graçasa nosso sñor pola muito grande merce q lhe fizera, & achouse muita poluora despingardada & de bombardada & muitos pelouros & outras muitas munições, a fora a artelharia que com a que foy tomada na tranqueyra forão quattro cetas peças, & antrelas sete grossas arrebétadas, & a terra foy cortada & destruyda, em tâto q os Portugueses roguão hñsaos outros q dey xassim algñas armores pera sombra, & a rogo de hñ Guzarete gentio homé velho & que tinha presençade honrado, mādou o gouernador que não cortassim mais aruoredos. E porq

ele não tinha gente pera sostener aqla fortaleza contra votade del Rey de Cambaya & pola não dey xar aos mouros a mādou derribar toda & assi o baluarte, & de fazer a tranqueyra, no q se deteue oy to dias tendo em terra seu arrayal. E desfeyto tudo isto ate os alceces recolheo se a frota, & dahi mādou a Diogo da silueyra ao estreyto por capitão mór de hñua armada de tres galeões de que forão capitães ele, Antonio de lemos, Antonio cardoso, & hñua galé real a cujo capitão não soube ho nome, & duas galeotas, capitães Fráscico de sousa, & Fernão de crasto, & quinze bargantins & catures: & porq lhe foy dito q a fortaleza de Damão estaua despejada, determinou de a mandar derribar, & deu ho cargo disso a Manuel dalbuquerq q fez capitão mór de hñua armada de tres gales de q forão capitãe se, dô Pedro de meneses, & Manuel devasconcelos, & doze bargantins & catures, pera que lhe deu trezentos homés, & dey xandolhe esta armada se partio pera Chaul & dahi pera Goa ñde auia de inuernar, & daqui despachou Martim Afonso de melo jusatate pera yr a Bégala fauorecer Cojexabadim, aquele mouro q ho resgatou, como disse no Livro Septimo. E por el rey de Bengalalho não querer dey xar tornar pera sua terra escreueo a elrey de Portugalho agrauo q lhe elrey fazia pedindolhe q ho mandasse tirar dela, & q auendo de yr algué aissos fosse Martim afonso, aquem escreueo q lhe mandasse aquela carta, & que escreuesse a el Rey os serviços q lhe tinha feitos, & q lhe pedisse aqla yda a Bengalal, porque ele també pedia a el rey q ho mandasse:

dasse: & Martim afonso ho fez assi, & el rey lhe fez merce da yda, & assi lho escreuo, & escreueuo ao Gouernador que lha desse, & por isso lha deu, & a tirou a Ruy vaz pereira, a quem a tinha dada. E auendo Martim afonso dyr, deulhe ho gouernador ho galeão sam R afael em que fosse, de que era capitão Cristouão de melo, & deulhe cento & cincoenta Portugueses, & partio de Cochim em Abril, leuando em sua conserua hum nauio seu, & húa nau de Bastião luis escriuão da matricula de Cochim, & Antonio gramaxo em hú junho seu, & outro nauio, com que erão cinco velas.

## C A P I T. LXIII.

De como Manuel dalbuquerque soy derribar a fortaleza de Damão.

**A** Gente que ficou com Manuel dalbuquerque, se embarcou de muyto má vontade por ser entrada diuerno, & serem os ventos contrayros, como por estarem enfadados de pelejar, & desejam de yr descásar a Goa: & Manuel dalbuquerque os confortou & esforçou, & partiose pera Damão, que he hum lugar grande, & tem húa boa fortaleza, situada na ponta da enseada de Cábaya da banda do sul, por hú rio a cima pouoado de Guzarates gentios, & na forteleza estaua hú mouro capitão del rey de Cambaya, có quattrocentos Abexins & Fartaquis, & os mais deles espingardeyros, & estaua a forteleza bem artilhada, & não despejada como fizerá crer ao gouernador. Chegado Manuel Dalbuquerque húa ante meňhaá á barra de Damá, assi como chegou mandou logo a hum fidalgo chamado

Ioão de mendoça que fosse sondar ho rio pera ver se poderião entrar nele as galés & ver a despositão da fortaleza, & ele toy em hum catur, & tornou có recado ainda antes damanhecer, que as galés podião nadar no rio, & segundo as congeyturas que vira, que lhe parecia que os imigos estauão todos recolhidos na fortaleza esperando por ele. E com quanto Manuel dalbuquerque isto soube, & vio que trazia pouca gente pera cometer a fortaleza, era tam amigo de sua honra que não quis que disesse algúe que podera tomar a fortaleza se acometera, & assi ho disse a todos os capitães, & pessas principais da frota, pedindolhe que a cometesssem, & que despoys ho tempo lhe mostraria ho que podião fazer, & isto porque todos erão da cordo que poys a fortaleza estaua forte que a não cometesssem, porque ho Gouernador os não mandara a to mal, se não a derribala, crendo que estaua despejada, & poiso nã estaua, nem eles não trazião petrechos pera a tomar, que era escusado cometela, & pelo que lhes Manuel dalbuquerque pedio, lhes pareceo bem veremla, & passarão tanto auante com toda a frota, ainda ante meňhaá, que se pegarão com ho muro da forteleza, de que as bombardas chouão: & vendo Manuel dalbuquerque q nã fazia ali mays que poderem lhe matar gente, tornouse a sayrantes que viesse ho dia, & que lhe podessem os imigos fazer no jo com a artelharia, & atrauessoando pera Diu a esperar algúas naos que fossem a Meca, deulhe hun tempo com que esteu quasi perido, & arribou a hú lugar

**G** chama

chamado Agaçim que achou despejado, & achou hy muyta madeira que mandou leuar à Goa, pera onde se foy queymado ho lugar, & hi achou ho gouernador, que por ná ser chegado dô Esteuão da gama q tinha a capitania d' Malaca na vagate de Garcia de sa, despachou pera lá dô Paulo da gama seu jrmão, q entraua na mesma capitania, na sua vagante, que de Goa se foy a Cochim, & dahi partio pera Malaca na fim Dabril de mil & quinhentos & trinta & tres, & foy por capitão mór de dous nauios, & duas fustas, & foy coele hum fidalgo seu tio chamado Tristão datayde, que ya por capitão da fortaleza de Maluco. E chegado dom Paulo a Malaca foy entregue da capitania por Garcia de sa, & despoys despachou Tristão datayde q partio pera Maluco em Agosto pera yr por Borneo, & por ná poder saber que armada leuou, o ná digo.

## C A P I T. L X V.

De como chegarão aa India certas armadas.  
de Portugal.

**N**Este anno de mil & quinhentos & trinta & tres, mandou el Rey dom João de Portugal sete naos á India repartidas em duas capitarias, detres foy capitão mór hum fidalgo chamado dom Iohão pereyra, que leuaua a capitania de Goa, & forá seus capitáes hum dom Francisco de noronha que se perdeo com tempo, & Lourenço de payua que passou cõ dom Iohão. Da outra armada foy capitão mór outro fidalgo chamado dom Gonçalo coutinho prouido tambem da capitania de Goa na vagante de dom Iohão

pereyra, forão seus capitáes Simão da vega, Diogo brandão do porto, & Nuno furtado de mendonça comédador da Cardiga, a que ná soube ho que aconteceu na viagem, se ná a dom Iohão pereyra, que sayndo do parcel de çofala, & indo por antre húas ilhas, quis esperar as naos de sua conserua, & preguntando ao piloto & ao mestre como farião, disserão que amaynarem, & Antonio galuão, hú fidalgo de que fiz meçã no liuro Septimo, que ya na nao por passageyro, & sabia bem da nauegaçáo, disse, que lhe náo parecia bom conselho, & que poys náo querião fazer caminho, que deuião depayrar com ho traquete pera a nao fazer cabeça ao mär, & náo yr darem terra pera onde corrião as agoas, & tambem como estauão perto do Tropico, podia sobreuir algúia toruoada que os leuasse mays asinha a terra, & parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quartó da modorra rendido, que se dom Iohão, & Antonio galuão acolherão a suas camaras a dormir, & ainda bem o piloto & ho mestre náo sentirá quedormião, derão com as velas embayxo, porque tomarão ho conselho de Antonio galuão de mā vontade. E feyta esta boa pilotagé, dão configonos camarotes, & deytáose a dormir muy descansados, & duas oras por passar do qrto dalua, começasse dourir o leme da nao, q ya roçado polo cháo porq amaynadas as velas leuará as agoas a nao paterra como Antonio galuá dizia, que por yr na camara do leme accordou logo ao arroyo q ele fazia, & nisto deu a nao duas pácadas tamanhas cõ a quilha que

q parecia q se abria, & a eles acordarão os q jazião de baixo da cuberta, & começará de gritar cuidando que a não era perdida, & mays porque vião o mestre & o piloto desacordados, que como virão o mao recado que tinhão feito pasmarão, & ná sabia mais q chorar, & era a reuolta muito grande na géte, hús bradauā q matassem o mestre & o piloto, pois forão causa de se perder a não, outros arremetião a arcas, & a tauoas & paos, pera se deytarem ao már, com quanto fazia grande escuro, & dom Ioão queria tomar o batel, & trazia húa espada pera ho defender a quem o quisesse tomar. E era o desacordo tamanho em todos, q se ouuera a não de perder se não fora Antonio galuão, que mādou logo dar os tranquetes, & yr marinheiros ao leme, que ná acharão por saltar fora quando a não deu as pancadas: & Antonio galuão, ainda que vio tamanho pigo como aqle era, disse aos marinheiros & ao piloto & mestre q se calasse por a géte ná esmorecer: que nō. Senhor lhes daria remedio que tivessem nele confiança, & disse a dom Ioão que tirasse a espada que tinha, nem lhe sentissem que queria tomar o batel, porque cuydaria a gente que era a não de todo perdida, & remeteria todos ao batel pera o tomaré & martseryão hús com os outros, que dissimulasse & se mostrasse alegre, porque coissas os auia nō. Senhor de saluar & nā cō desordens, ho que pareceo bem a dom Ioão, & assi ho fez, & consolou a gente que estaua despida pera se lançar ao már, & Antonio galuão chegou entāo debayxo da bôba, & disse a todos que esforçar-

sem que a bomba tinha pouca agoa, que era final que a não nāo abrira, & mandou logo dar a bomba pera que vissem q era verdade, com o que todos esforçarão. E por Antonio galuão achar com ho prumo que estauão em dez braças, & logo em oyto, que era final que nāo tornaua a terra, mādou logo alargar húa ancora, & amaynar os tranquetes que tinhā dados: & isto feito amanheceo, com que a géte acabou desforçar de todo, & mays porque as outras duas naos chegarão & lhes falarão, & ali ouue conselho, que por quanto nāo estauão de Moçambique māys q quatorze legoas, & a não começaua de fazer agoa q fossem sem leme, porq na detença que fizesssem em o fazer se poderia a não yrão fundo, & por ser tam per topoderia a não yr à toa do seu batel & os outras naos yrião em guarda dela, & assi o fizerão & chegarão a Moçambique a saluamento, onde por nāo se poder tomar a agoa da não por ser naquilha, acô selhauão a dom Ioão que a descarregasse nas outras naos & se fosse nelas, & aquela ficaria alipera a desfazerem, mas Antonio galuão nāo foy deste parecer, senā q a não se tirasse a móte ou ás marés & se cō certasse ho melhor que podesse ser, & que se fosse dom Iohão nclá á India: & que ele yriacole & ho ajudaria de dia & de noite com quātos leuaua que erão muitos. E como dō Iohão tinha bem espresentado quam bom conselho era o Dātonio galuão tomou este: & concertada a não foy se nclá á India, & quātos yāo na não vēdo q Antonio galuão se ébarcaua, se ébercará també, posto q estauá fora dela,

& bem se pode crer, que despoys de nos-  
so Sñor ele saliou aqla nao duas vezes.  
E assi partio dom Esteuão da gama, que  
inuernou em Moçambique, & dom Io-  
hão foy ter a Goa, onde inuernaua o go-  
uernador, que por esperar de fazer paz cõ  
el rey de Calicut, se partio logo pera lá  
como as naos chegarão: E chegado a Ca-  
licut com toda a armada, leuantouse ta-  
manho temporal de véto, que nāo pode  
sofrer a amarra mais de hū dia & caçaua  
muyto, pelo que o gouernador arribou a  
Cochí, & hy se deteue o yto ou dez dias,  
em escruer pera Portugal, & despoys se  
tornou a Calicut: E começado dauer re-  
ca dos antrele & el rey sobre as pazes, nū  
ca em dous dias se pode tomar nelas ne-  
nhūa concrusão, porque cada hum que-  
ria hūa coufa, & nisto sobreuico tam bra-  
ua tormenta, que todos os nosflos se de-  
rão por perdidos, & alargando tama-  
laues o vento, que Manuel dalbuquerque  
pode dar o traqueteda sua galé, acolheo  
se por senão perder, & cuydando ho go-  
uernador que ya desamarrado, & que es-  
garraua fez final á frota que leuasse, & dif-  
firindo ho traquete dauante seguiu a pos-  
ele pera lhe acodir, & despois de ver como  
ya, por o vento lhe nāo seruir pera tornar  
a Calicut, fez sena volta de Goa seguindo  
ho toda a frota, & foy a ferrar ho seu por-  
to, & por esta causa nāo ouuerão efeyto  
as pazes com el rey de Calicut.

C A P I T. LXVI.  
De como Vasco da cunha foy espiar Diu.

**H**O Gouernador ficou tam magoa-  
do de quam mal lhe socedeo a em-

pressa de Diu, que por muitas boas ven-  
turas que lhe despoys socedarão nāo po-  
dia perder a mago que tinha, nem cuya-  
ua o mays do tempo se nāo que maneyra  
teria pera fazer fortaleza em Diu, & co-  
este fundamento mandaua fazer tanta  
guerra a Cambaya, porque el Rey enfadado  
dela lhe desse esta fortaleza, por-  
que teuessem paz. E parecendo lhe que el  
rey esteuesse ja mais brando pera isso, lhe  
mandou hūa embaixada per Tristádegá  
sobre que lhe desse fortaleza em Diu, &  
que fazia paz coele, & seria seu amigo,  
& por o mesmo Tristão degá escreueo a  
algūs capitāes del rey, & senhores de sua  
corte que ho fauorecessem, & ajudasssem  
pera auer esta fortaleza, & lhes mandou  
presentes pera que o fizessem de melhor  
vontade, & nisto se trabalhaua. Despoys  
que el rey ouvio a embaixada, que mos-  
trou ouuir de boa vontade, porem nam  
tinha nenhūa peradara fortaleza. E an-  
dando assi este embayxador com el rey,  
soubeo Melique tocão capitão de Diu, q  
estaua muito receoso de lhe el Rey ti-  
rar aquele estado pera o dar a Rumeção,  
& estando coeste receo, nāo se sabe com  
que tençāo escreueo ao Gouernador que  
lhemandassem hū fidalgo com que podes-  
se falar miudamente coufas que compriā  
muyto a seruiço del rey de Portugal, &  
quando o gouernador vio esta carta, sos-  
peytou que Melique quereria dar forta-  
leza, & fazendo logo conselho sobrisso,  
pareceo a todos ho que o gouernador sos-  
peytava, & por isso assentou que se man-  
dassem o fidalgo q Melique pedia, pera q o go-  
uernador escolheo a Vasco da cunha, assi

por caualeiro muito esforçado & sesudo, como por antigo na India, & saber bem os costumes dos mouros: & deulhe húa instruçāo do que auia de fazer com Melique, que auia de ser, que ele desse aquela cidade a el rey de Portugal: & que ho gobernador em seu nome lhe fazia por isso doação de juro da metade da renda da alfanhega dela, & mais lhe faria húa fortaleza em qualquer dos rios de Cambaya que ele quisesse, pera que esteuésse seguro del rey de Cambaya, contra quē ho fauo receria, & ajudaria de cada vez quellhe fosse necesario, & que trabalhasse por yr á cidade & ver se auia nela algūa entrada por onde se podesse tomar, porque não se tomardo concrusão com Melique, yria sobrela outra vez & a tomaria, & pera isto mandou que fosse coele ho artilheyro mór, que sabia muyto da guerra. E assi lhe deu mais hum Iao Cristão casado em Goa, jrmão dum bombardeyro que esta ua em Diu no baluarte do már, que se lhe ofereceo, pera falar coeste bombardeyro seu jrmão, & intentar se se poderia por algūa maneira tomar a cidade. E despacha do Vasco da cunha de tudo ho que compria a sua viagem, partiose em húa fusta na entrada Dagosto, & chegando á barra de Diu, aruorou húa bandeira branca, ho que sabido por Melique sospeytando ho que era, pelo que tinha escrito ao gobernador, mandou hum homé de confiaça a saber quem vinha na fusta, & Vasco da cunha lho disse, & que trazia húa carta do gobernador a Melique tocão, porē que não auia de yr a terra sem lhe mandar por arrefens o capitādo baluarte do már

quellhe logo mandou, & dey xando ho Vasco da cunha em poder Dátonio bor ges (hum fidalgo que ya coele) se foy de sembarcar na cidade, & sevio cō Melique nas suas casas onde falarão de praça hum pedaço, & despoys serecolheo Vasco da cunha a hum aposento das mesmas casas onde auia de pousar, & hi foy falar coele Melique secretamente, que como sabia falar bem ho Portugues, não ouue necessidade de lingoa. E despoys de lhe Vasco da cunha dar húa carta do gouernador em Persiano, em que lhe escreuia o que queria dele, & ho partido que lhe faria, q Melique leolhediisse mais, que não deuia nada a el rey de Cambaya pera por amor dele dey xar defazer húa causa de tanto seu proueyto como lhe o gouernador cometia; ántes ainda que não fora de nenhū interesse a ouuera de fazer por se vingar dos danos, & agrauos que lhe el Rey de Cambaya tinha feytos, como foramatar lhe seu jrmão mays velho Melique saca, por outra nenhūa causa se não por lhe tomar sua fazenda, cuidando que fosse rico, & tirarlhe a honrra do gouernador não tomar Diu, & dala a Mustafa hum estrágeyro, que fora sem porque tredoro ao Turco seu senhor, & que causas erão estas pera que vindo conjunção pera isso, como agora vinha, vingar se del rey de Cambaya, & tiralhe Diu, & dalo ao gouernador com partido tam proueyto so como lhe fazia, & mais com ficar em sua natureza tam seguro del rey de Cambaya: & Melique lherespódeo que lhe parecia bé tudo ho que dizia, & com tudo que ria cuydar nisso, & despoys lhe respon-

deria: & Vasco da cunha lhe disse que cuydasse, & entre tanto yria dar húa carta do Gcuernador a Diogo da silueyra que chegara então á pôta de Diu de Maf- cato onde inuernara, sem fazer no estrei- to nhúa presas. E a carta do Gouernador pera Diogo da silueyradizia, q nã si zesse nhúa guerra a Diu, porque trazia hú em- bayxador com el rey de Cambaya. E des- pedido dele Vasco da cunha se tornou a Diu, que lhe Melique tocão mostrou, & nê elle nê o artilheiro mór virão entrada pera se poder cometer se não com gran- de força de gente, pera se repartirem ter- ra & no mar, & húa atupisse a caua & ba- tesse os muros, & outra pelejasse com a armada dos mouros que estaua no már. També neste tempo ho Ioá de Goa este- ue com o bombardeyro seu jrmão no ba- luartedo már, pera ho que disse, mas não ouue maneyra pera nada, nem Melique se acabou de determinar, se aceytauia ou ná o que lhe o gouernador cometia: & respôdeo a Vasco da cunha q naqle verá yria o gouernador darmada até Diu, que até então se determinaria, & lhe daria au- so de sua determinaçá, & deulhe húa car- ta de crença pera ho gouernador, & coe- la se foy Vasco da cunha pera Goa, onde contou ao gouernador ho que fizera, & Diogo da silueira se foy pera Chaul.

## C A P I T . L X V I I .

Do que fez dom Paulo da gama despoys de ser  
capitão de Malaca

**D** Espoys que dom Paulo da gama foy entregue da capitania de Ma- laca, determinou de fazer guerra a el rey Dugentana, filho do Rey a que Afonso

dalbuquerque tomou Malaca, que des- pois de perder Bintão, fez seu assento em húa cidade, chamada Vgentana, cincoen ta legoas de Malaca por hú rio açima, & era muyto poderoso de gente, assi por mar como por terra: & este despoys que foy Rey, assentou pazex com Pero maz carenhas sendo capitão de Malaca, poré nunca despoys compriu as condiçóes das pazes. E porquedom Paulo isto sabia, de- terminou de lhe fazer guerra, & yr sobre ele & tomarlhe a cidade, & isto com con- selho de todos os fidalgos que estauão cõ ele: & estando quasi prestes a armada que dom Paulo auia de leuar, chegou á ilha das naos húa armada de vinte sete lancha- ras bem fornida de gente & darelharia, & era del Rey Dugentana, & ya por seu capitão mór hú valente mouro chamado Tuão barcalar, q mādou dizer a dō Pau- lo, que el rey Dugentana seu senhor ho mandaia em socorro delrey de Péra seu jrmão, & lhe mandara que de caminho mandasse saber dele se mandaia que ho seruisse em algúia coufa & que ho fizesse, ao que dom Paulo respondeo com muy- tos agardecimentos, dizendo não ter ne- cessidade de sua ajuda, & o capitão se foy. E examinada bem esta sua vinda, & of- frecimentos desnecessarios, assentouse que sua vinda ná fora por outra coufa, se ná que sabendo el Rey Dugentana a armada que se fazia prestes, pera yrem so- brele, mādara esta armada cõ aqla dissi- mulaçá, pera q ficassénas costas da noffa, q como auia de leuar toda a principal géte da fortaleza, & auia de ficar pouca pa de- feder poderia os imigos desembarcar a seu saluo,

uo, & ao menos que y mar a pouoaçā dos Quelins, & por isto se assétar por todos ser assi, se acordou por eles q̄ a yda sobre Vgentana era escusada, & que ficasse pera outro tempo. E porquedom Paulo segurasse el rey Dugétana, & lhe fizesse se perder algúia sospeita se a teuesse, mandoulhe por ébaixador a hū Ferná vieyra que confirmassee as pazes que estauão assentadas: & despoys que foy em Vgentana el rey ho prendeo & a quantos yão coele, & mandou os matar cō diuersos generos de mortes, dizendo que ho fazia, porque sabia que os nossos erão seus imigos, & mays por vingar a morte de Sanaya que Garcia de sā mādara matar, como disse, & dali por diante se começou guerra ante os nossos & el rey Dugentana, q̄ mandaua suas armadas correr a Malaca, & pellejauão com a nossa armada, & assidurou a guerra ate que foy dom Esteuão da gamma (como direy a diante). E com quanto dom Paulo não tinha mays de duzentos homés, era tão esforçado & de tão bō saber na guerra, que ordenou sempre tam bem suas coufas, que sempre leuou home lhor dos imigos: & sobristo era tam liberal, que gastaua ho seu muy largamente, dando muyto grande mesa aos soldados. E durando assi isto, por auer quinze annos q̄ el rey de Páo, & el rey de Patane, estauão de guerra com a fortaleza de Malaca, q̄ era grande deseruiço del rey de Portugal, determinou dom Paulo de fazer pazes coeles, que fez indo por embayxador hum Manuel godinho, que as assentou muyto á vontade de dom Paulo, & como compria a seruço del Rey de Portu-

gal, que foy grande proueytode sua fazenda, & da de seus vassallos: E estas pa-zes forão causa de tornaré atratar na Chi- na, de que se despoys descobrirão pelos nossos, mais de cincuenta pôrtos melho- res que os de Cantá, como a diâte direy.

## C A P I T. LXVIII.

Da treyçāo que el rey de Bengala ordenou contra Martim afonso de melo jufarte.

**M**artim afonso de melo jufarte que partio de Cochim pera Bengala com cinco velas, foy surgir na barra da cidade de Chetigão, & cō licéça do Goazil da cidade (que he como gouernador) sayo em terra com os Portugueses dc sua companhia: & porque aly se paga na al- fandega de tres hum, que he muy grande deryto, reccará os Portugueses de o pa- gar & por isto esconderá muyta da fazen- da q̄ leuauá, sem a leuaré á alfandega, o q̄ foy peor porq̄ o Goazil o soube, & deu na casa em que estaua, & a tomou por perdi- da pera el rey de Bengala. E neste tempo mandou Martim afonso hum Duarte da zeuedo, que agora mora em Euora, com húa embaixada a el rey de Bengala sobre paz, & amizade com el Rey de Portu- gal, & deyitar yr pera sua tera a Cojexa- badim, & mandoulhe de presente dous caualos arabios, & húa faca de Cambaya & algúis caixões dagoas rosadas, que An- tonio de saldanhatomou na nao çafetur- ca, & muitas peças de veludos veluta- dos & demascos, & isto da partedo go- uernador da India, & da sua muyta fa- zenda outra & das partes, porque co- stuma el rey de Bengala de mandar auiliar ho que lhe dão os estrangeyros

& pagarollo, & isto por auer todas as boas peças q̄ leuão, & por islo todos os mercadores & outras pess̄as estrangeyras q̄ vão a ele, lhe fazem muyto grádes presentes, em que tem o ganho muyto certo, & mais forráo os dereitos q̄ ouuerão de pagar, poré né todos lhe podé mandar presentes, por a cidade do Gouro, em que resi de, estar célego as dos portos de mar pelo Gáges a cima, & ser a ydalá muy custosa. E despachado Duarte dazeuedo, partio se pera ho Gouro, & forão coele hū Ioáo de vilhalobos Destremoz, Nuno fernandez freire, Iurdão de moraels, Diogo cabaço, Diogo ferraz, Lopo cardoso, & outros que fazião numero de dez. E nauegádo polo rio a cima, chegou á cidade do Gouro, (cujo sitio & nobreza disse no Liuro Quarto). E chegado lá, achou q̄ era morto Nançarotexárey de Bengala, q̄ o matarão os seus capados, de que ficara hū filho que por ser menino gouernaua o reyno hū seu tio irmão del rey, q̄ auia nome Mahmudxá, & este moraua nas casas del rey, q̄ erão do tamанho Deuora, hū suntuoso & nobre edifício, lauradas todas as casas de lauores douro, & o chão & as paredes descubertas dazulejos, & no meo desse paço está hū pateo, q̄ ocupat átio espaço como o resiode Lisboa, aq̄ entrão por doze portas, & todas em voltas, & em cada húa estão quatro porteiros, & no cabo deste pateo está hum alpendere, aque eles chamão Baileu, em q̄ el Rey de Bengala ouue os embayxadores, & então está ho pateo cheo de gētedarmas. Té tâbē estes paços muitos jardins & casas de prazer, q̄ alé de ricos sam muytodeleitosos. Saben

do Duarte dazeuedo, como Mahmudxá goueruaua o reyno, deulhe a ébayxada q̄ leuaua a el rey, & assi ho presente da parte de Martim afonso, & elelhe disse q̄ o despacharia, & tres dias despois disto matou Mahmudxá el rey seu sobrinho, & fezse rey de Bégala, estâdo assentado tres dias & tres noytes na cadeira real, porque dou tra maneira não podia ser rey. E como ele tinha muitos de sua parte pode fazer isto: & ficado por rey de Bégala, tornoulhe a falar Duarte dazeuedo, relatâdo lhe outra vez suaembayxada, & assi lhe deu o presente que leuaua a el rey da parte do gouernador. Com que el rey folgou muyto, & pmeteolhe de o despachar muyto cedo: E por não yr de cada vez tâta gente a o paço, distelhe que nā fosse daly por diâte mais que Nuno fernández freire, q̄ sabia a lingoa, & a que conhacia da outra vez que esteueraem Bégala, & assi se fez: & neste tempo que esperauão ho despacho, tomarão Nuno fernandez & os outros Portugueses grâde cōuersaçâo & amizade com hum mouro Valéciano que moraua na cidade que també a tomou coeles por seré Espanhoes, & folgaua de falar coeles nas couisas Despanha, principal mente de Valença donde era natural, & este era homé principal na cidade, & tinha grâde credito cō el rey: & a mesma amizade tomarão com hum logue, chamado Xeq̄ pir, q̄ dezia ser detrezétos ános, q̄ fazia grâde austinécia & santa vida se ná fora Mouro, & por islo el rey & todos crião muito nele, & lhe fazião esmolas. E quando Duarte dazeuedo deu a el rey o presente da parte do gouernador, em que

(como

(como disse) entrauão algüs caixões da goas rosadas q̄ forão tomados na nao çafeturca, q̄ ainda leuauão a marca dos mous de cujos forão, que logo forão conhecidos por h̄u Rume, cuja fora a fusta que tomara Damião bernaldez, que moraua no Gouro, & como ele estaua muyto magoad da fusta q̄ lhe tomarão, & dos cōpanheiros que forão mortos & catiuos na peleja, acrecetou selhe a magoa com ver os caixões que sabia como forão tomados: & desejando de se vingar, trabalhou por fazer matar Martim afonso com quatos Portugueses estauá em Chetigão, & quatos estauão no Gouro, & pera fazer com el rey q̄ o fizesse, peytou a h̄u capado que auia nome Agehabedelá gráde priuado del rey, a q̄ disse que nā deuia de consentir que os Portugueses fossem a Bengala, porq̄ tinha sabido que eram ladrões, que roubauão os romeiros q̄ yão a Meca, decujas forão as mais das peças q̄ lhe derão de presente, & q̄ yão espias as terras cō mostra de trato & amizade, & despois as cōquistauão, como fizerão em muytos lugares da India: O que sabendo el Rey de Calicut, & despois el rey da China, os nā quiserão consentir em suas terras, & os matarão & tomarão quāto leuauão, pelo que nunca lá mays tornarão, & assideuia ele de fazer, & aueria cem mil cruzados q̄ leuauão de mercadoria. E como el rey de seu natural eratirano, pareceolhe isto bē, & mādou logorecado ao Goazil de Chetigão que prédeisse Martim afonso & os Portugueses q̄ estauão coele, & lhe tomasse as fazendas & lhos mādasse: E porque se isto nā descobrisse per alguém, & fos-

se auiso a Chetigão, mandou poer goardas alsi no rio como em terra, q̄ nā dey xasslem passar ninguem pera Chetigão se nā quem leuasse sua licença, porem isto nā se pode fazer com tāto segredo, q̄ h̄u Gentio chamado Darinda ho nā sou besse, & este ho descobrio a Nuno fernández, por h̄u certo p̄ço q̄ lhe pedio por isso p̄metendolhe de trabalhar por saber quāto passasse nestenegocio. E como Nuno fernandez foy sabedor desta treyçāo, escreueo logo a Martim afonso, a que nā pode yr ho recado por amor das goardas que nā deixarão passar ho portador, & quando Nuno fernandez isto soube, disse ho a Duarte dazeuedo & aos outros, que també esperarão que lhes fizesse el rey o mesmo q̄ mandaua fazer a Martim afonso, & encorriádaro sea Deos, porq̄ nā tinham nā remedium pera escaparé, & Nuno fernández ya falarmuytas vezes com o Iogue, & dizialhe o que passaua, & encorriádalo que falassem a el rey por eles.

C A P I T. L X I X.  
De como Martim afonso de melo jufar-se foy preso em Bengala.

**C** Hegado ho recado del rey de Bengala ao Goazil de Chetigão, determinou de prender Martim afonso, q̄ andaua coele em req̄imento que tornasse a fazeda q̄ tinha tomada aos Portugueses: & determinando de hoprender, lhe mandou dizer q̄ lhe fosse falar, & concertaria ambos comolhe auia de tornar a fazenda. E Martim afonso leuou consigo cēto & cincuenta homés os mais deles com espingardas, & vendo ho Goazil quā bē acópanhado ya, nā ousou de cometer o

que

que tinha determinado, & fingindo grandes ocupações dissimulou com Martim afonso, pedindo-lhe que ficasse pera ho outro dia, & mais que por lhe fazer grande honrra auia dir gētar coele com todos os Portugueses principais, pera que ele se podesse gabar de tamanha honrra como aquela. E Martim afonso como era bom homē, & sem nhū dobrez, pareceolhe q̄ ho Goazil lhe falaua verdade, & por lhe comprazer por amor do requerimento q̄ trazia coele aceitou ho gentar, sem lhe lebrar que não conuinha a seu cargo aceytalo, & que lhe poderia ofazer treyçāo, & pois ya, yra percebido como o dia dātes. E fiando se no Goazil, foy com quarenta homēs sem leuaré todos mays armas que suas espadas, & outros ficarā na pousada com hum Francisco pacheco, & Ioão ju-sartetiçā Dazinhaga que ya tambem na armada não quis yr, por ter cōcertado de yra monte a matar hum porco. E Martim afonso foy coesta companhia que digo a casa do Goazil que tinha prestes grande bāquete, que foy dado em hum pateo de baixo de hum alpendere, & estando no meyo do comer, ho Goazil se leuantou supitamente da mesa, fingindo q̄ lhe vinha hum accidēte ao estamago, & disse a Martim afonso, & a Gonçalo gomez dazeudo que estauão junto coele, que não se bo lissem que logo tornaua, & eles muyto inocentes ho crerão, & deyxarāse estar, q̄ se logo se leuantarão não forao que foy: & esperando eles polo Goazil, acodé bē quatro mil frecheiros por cima das paredes do pateo, & com grandes gritas começāo de desparar suas frechas em Martim

afonso & nos outros, que conhacerão em tam ho mao recado que tinhão feito em se fiarem dos mouros, & não tendo outro remedio, acodirão logo á porta do pateo pera se sayrem & acharáona fechada, & por mais força que poserão nunca poderá leuar as portas fora do couçe, & entre tanto os mouros não fazião se não frechar nelas, & forão logo cubertos de frechas Cri stouão de melo, Gonçalo gomez dazeudo, Antonio de mezquita, Antonio gramaxo & outros seys que cayrāo mórtos, & Martim afonso tambem ouue sete frechadas mas não forão em lugares perigosos, & era grande magoa ver a ele, & aos outros que não se podião defender dos mouros nem offendelos, & faltauão dum cabo pera ho outropor se goardarem das frechadas, & arremetião á porta perfan- do pola leuar fora do couçe: & nisto apa- receo o Goazil sobre a perede, & fazendo estar quedos os Mouros, disse a Martim afonso que bē via como estaua, que não quisesse morrer & que se entregasse, por que não era pera mays que pera os leuaré a el rey de Bengala que desejava de os ver & que lhe dava espaço pera auer conselho com os seus, com que Martim afonso se apartando lhes disse, que não se enganasse com q̄ o Goazil dizia, porq̄ se assi fora ja que o tinha em seu poder & estauão seguro de não se poderé defender antes delhes mandar fazer mal, lhes ouue ra de cometer q̄ se desse, mas como deter- minaua de os matar ou prender, não fez coeles nhū comprimēto, que lhe parecia que não se deuião de dar, porque os ou- tros Portugueses lhes acodiria & os liura- rião

rião, & todos forão contra este parecer, dizédo q̄ se os mouros os quisserão matar, q̄ lhes nācometerá o Goazil q̄ se dessem, porq̄ nāo lhe mótaua maȳs matalos ás frechadas quemandalhes cortar as cabeças, & se os prendesse que assaz de merce lhes fazia, porq̄ ou por resgate ou por outra maneira teria esperança de seré soltos por isso que se dessem: & nāo esperasssem por socorro, porque se os outros Portugueses lho ouuerão de dar ja ali forão: & eles diziā verdade, porq̄ Fráscico pacheco q̄ ficaua na pousada por mayoral, como ouuió q̄ Martim afonso estaua cercado dos mouros, em vez delhe acodir fugio pera os nauios, & assi fizérão os outros, dey xá do quanto tinham em terra, & tudo lhes tomarão os mouros, & se teuerão acordo tambem os matarão: & Ioão jufartetiçá tambem se saliou milagrosamente, que no monte soube ho que passaua na cida-de. E védo Martim afonso q̄ os que estauā coeleerão de parecer que se dessem, consentio nisso muyto contra sua vontade, & entregarão se, jurádolhes o Goazil em hum Moçafó, que os nāo prendião se nāo pera os lenarem a el rey de Bengala porq̄ desejaua de os ver: & como forá presos ho Goazil os mandou leuar por terra ao rio Ganges, & porele a cima ao Gouro.

## C A P I T. LXX.

Do perigo em que os Portugueses esteuerá de serem mortos.

**E**M quanto se isto fazia, Nuno fernández freyre que com Duarte dazeuedo, & os outros Portugueses estaua no Gouro, trabalhaua por saber de Darinda, ho gentio que disse, que nouas tinha de

Martim afonso & dos outros, & mādala lho p̄guntar pelo lingoa. E hum dia pola menhaálhe respondeo, q̄ Martim afonso & os outros erão presos & que os leuauão ao Gouro, & Nuno fernandez ho disse logo a Duartedazeuedo, & que lhe parecia que os auiaão logo de prender por isso, que determinasssem ho que seria bem que fizessem, & Duarte dazeuedo, & Ioão de vilhalobos, Diogo cabaço, Diogo ferraz & outros quatro forão de parecer que se entregassem logo, & Nuno fernandez, Iurdão de morais, & Lopo cardoso, disserão que nāo se auiaão dentregar, porque poys os auiaão de matar querião primeyro vender bem suas vidas. E estando nesta pratica ex que dá de supito sobre as casas hum capitão del rey de Bengal a com quatrocentos soldados pera os prender, & começando de quererem entrar a casa, entre garão se logo Duartedazeuedo & os outros quererão do seu parecer, & em estes sayndo arremeté Nuno fernandez freyre, Lopo cardoso & Iurdão de morais á porta, & defendiáona tam esforçadamēte, que os imigos a nāo podião entrar: & como daqui recreceſe grande aluoroço, acodio ho Lascar, que he como horegedor da justiça em Portugal: & vendo a Nuno fernandez com quetinha conhecimento disselhe que pera que era cometereſem ho que nāo auiaão de poder leuar auá te, que se desse, porque el rey os nāo mādala prender se nāo por algúia máenformação que tinha deles, que sabida a verdade os soltaría logo, & ajudou o a isso Duartedazeuedo, & os outros: & vendo eles que nāo se podião defender derãoſe, & fo

rão presos com outros de dous em dous a  
 húa braga, & ho Lascar lhes mandou es-  
 creuer as fazédas & sacerstalas, & rebol-  
 uendo húa arca que não auia mays que es-  
 creuer, foy achado no fundo dela húa Cru-  
 cifixo de vulto, que húa mouro amostrou  
 dizendo que aquele era ho Deos dos Cri-  
 stãos como por escarnieo, o que magoou  
 tanto os Portugueses que chorarão; & Nu-  
 no fernandez lhes disse, que poys aquele  
 Crucifixo se achara a tal tempo, que o de-  
 uião de tomar por final de seu lirraméto  
 que esperassem em nosso senhor que auia  
 descapar. E presos assi de dous em dous  
 forão leuados á cadea da cidade em que a-  
 ueria bem quinhéto presos, & logo A ge-  
 habedal á disse a el Rey, que pera que erão  
 presos aqueles ladrões q os mandasse ma-  
 tar, & mandando elrey que os matassem  
 quis nosso senhor q parecesse aquilo mal-  
 a hum mouro chamado Alfacão que era  
 ayo dos moços fidalgos delrey, & disse-  
 lhe q ná deuia de mandar matar aqles ho-  
 més, porq estarião antreles algúis mercado  
 res que não terião culpa, & A gehabedal  
 a que pesou muyto douuir aqla palaura,  
 disse que não era bem que se desse a vida  
 a ladrões, & pera os matarem a todos lhes  
 dissesem que os que soubessem tirar com  
 espigarda q os auia de goardar pa a guer-  
 ra, & aos que fosssem mercadores que os  
 auia de matar, & todos dirião que sabia  
 tirar com espingardas, & logo estre cado  
 foy dado ao Lascar, que logo se foy á ca-  
 dea, & ho primeyro a que preguntou se  
 era Lascari foy a Nuno fernandez frey-  
 re, dizendolhe a causa porque lho pregú-  
 tava, & parece que nosso senhor inspirou

nele que sospeytasse ho sim pera que lhe  
 fazia a aquela pregunta, disse que era mer-  
 cador, & que bem hodeuião de conhecer  
 por tal, pois com aquela erão duas vezes q  
 ali fora, & ho Lascar parecendolhe q ne-  
 gaua a verdade, por comprazer a A geha  
 bedal que assi lho encomendara, quisfa-  
 zer medo a Nuno fernandez pera dizer  
 que era Lascari, mandou ho tirar da ca-  
 dea & fizerão que lhe querião cortara a ca-  
 beça poé dolhe húa espadano pescoco, &  
 dizialhe ho Lascar, que se queria viuer q  
 disse a verdade, mas nem por isso se dis-  
 se, & ho mesmo acontece a Iurdá de  
 moraels & a Diogo cabaço, & os outros  
 com medo da morte dizião que erão Lasc-  
 carins, & que sabia fundir artelharia, &  
 como ho Lascar vio que húa dizião húa  
 cousa & outros outra, não quis fazer na-  
 da atenão dar conta a elrey, & escreuen-  
 do os nomes de Nuno fernandez, Diogo  
 cabaço, & Iurdá de moraels pera os mos-  
 trar a elrey, foy lhe dar rezão do que pa-  
 ssava, & acertou de não estar coele mais q  
 Alfacá, q disse a elrey despoys de lhe ho  
 Lascar fazer relação do que passava, que  
 poys não ganhava nada em mandar ma-  
 tar aqles homés que lhes desse a vida, por  
 que poderia vir tempo em que folgas de-  
 oster viuios: & quando despoys os quisfe-  
 se matar que hy os teria, & elrey foy co-  
 tente, & assi escaparão os Portugueses, a  
 que Alfacão mandou dizer ho que disse-  
 ria a elrey, & poys escaparão daqla ora q  
 esperassem em Deos que os saluaria & q  
 lhe rogassem poreles & por ele, & q sou-  
 besssem que auia de ter nele hum bom pa-  
 drinho. E despoys disto chegou Martim  
 afonso

afonso de melo & os que forão presos co ele, & forão metidos em húa cadea que estaua metida dentro nos paços del Rey que era como cadea da corte, & estes andauão presos cada hum sobre sy , & as mãos soltas, & Nuno fernandez & os outros afora estaré p'sos de dous em dous, andauá có as mãos derytas p'sas ao pes coço, & hūs, & outros ná tinham pa comer cada dia may s quechum Pone , que pola moeda Portuguesa sam tresreys, que có prauão darroz que cozião em agoa, & isto lhes sostinha a vida pera não morreré com fome. E com tudo Nuno fernandez & seus companheyros passauão melhor acerca do comer, porque lhes fazião muitas emolas algüs fidalgos que estauá presos, & assi ho logue, & ho mouro Valenciano que disse, & Alfacá, & de tudo partíao com Martim afonso & com os outros, & do may s passauão todos muy trabalhosa, & triste vida, esperando cada dia que os tirassem a degolar, como fazião a outros muitos, que não auia dia que ho não fizessem. E até as onze horas estauão sempre sem comer, que não podião com os sobre saltos que tinham até aquelas oras se os matarião: & com ho roí comer & fedor da cadea, & com não vestirem quarenta dias camisas adecião deles. E ouue noſſo Sñor por seu seruiço, q passados estes quarenta dias, el rey por conselho de Alfacão quis ver o fato que fora tomado a Nuno fernandez, & aos outros & mādoules dar muitas camisas, ceroulas, & gibões, que estauão antrele: & assi mandou dali por diante dar a cada hum cada dia húa tanga pera sua manutenção , & co-

este fauor lhes respondarão oscorações, & perderão ho medo que dantes tinham: & assi viuerão até a mouçāo seguinte, em q o gouernador mandou recado a el Rey de Bengal a sobre resgatar Martim afonso (como direy a diante).

## C A P I T . LXXI.

De como os Castelhanos que estauão em Geilolo se forão pera Tristão datayde.

**C** Hegado Tristão datayde a Malaca com dom Paulo da gama seu sobrinho, partiose pera Maluco quasi na fim Dagosto, porque auia dyr por Borneo. E porque ná pude saber certo o q lhe acotceo no caminho, nem q armada leuou, o ná digo, se ná que chegou á ilha de Ternate em Outubro de mil & quinhentos, & trinta & tres: & desembarcado foy bem recebido delrey Tabarija, & de Vicente dafonfeca, que folgou muito có sua vinda , pelo aperto em que estaua có a guerrados Geylolos, & entregoulhe a fortaleza, mostrandolhe Tristão datayde primeyro as prouisões quetinha pera entrar naquela capitania. E como neste anno ná era çafra de crauo nem ho auia, & todos os Portugueses teucessem suas fazendas pera empregarem no anno seguinte, pelo que desejavão de ficar na fortaleza, todos se fizerão muyto amigos de Tristão datayde pera osdey xar ficar , & algüs lhe descobrirão que Vicente dafonse caem ele vindo á vela, apanhara quanto auia na feytoria pera se pagar, & a seus amigos, do quellhes era diuido de seus ordenados & soldos, pelo que Tristão datayde ho mandou prender, & buscarlhe a casa, & lhe mandou tomar quanta fazenda

da se achou que leuaua da feytoria: & mā  
dou logo tirar deuasfā dele sobre a morte  
de Gonçalo pereyra, & sobre tomar ho-  
rey no, a el Rey Cachil dayalo, & dalo a  
Cachil tabarna. E sobre outros males que  
tinha feytos. E como quasi nenhūs Por-  
tugueses se quisessēm aq[ue]l anno yr da for-  
taleza por amor do crauo que nāo tinhā,  
ninguem acodia por Vicente dasfonseca,  
& por isso Tristão datayde nāo teue os tra-  
balhos que teuerão os capitāes pasiados,  
nem ouue as desordens & aluoroços que  
auia dantes: E pasiados algūs dias, el Rey  
de Tidore & el rey de Bachāo & outros  
senhores mandarão visitar Tristão datay-  
de, & ele lhes mandou a todos presentes:  
& vendo que el Rey de Geylolo ho nāo  
mandaua visitar, teue por certo que estaua  
de guerra, & por isso ouue seguro dele pe-  
ra mandar Antonio deteue que mandou  
com Pero de monte mayor, que fora por  
embaixador de Fernāo dela torre ao go-  
uernador da India, sobre lhe dar licença  
Pera se yr à India, & dahi embarcaçā pa-  
Portugal, & ho gouernador lha manda-  
ua, & carta pera Tristão data yde & pera  
dom Paulo, que de Maluco & de Malaca  
lhedessēm embercação pera a India, & a  
yda Dantonio deiteue com Pero de mó-  
tem mayor soy pera assentar com Fernā de  
la torre, a maneyra de como seauia de yr  
de Geylolo pa a fortaleza, porq[ue] por amor  
da guerra temia que el rey de Geylolo os  
nāo dey xassē yr, antes sabēdo que se que-  
rião yros prenderia, & isto receaua tam-  
bem Fernāo dela torre, & por isto nā quis-  
que el rey de Geylolo ho soubesse, & tā-  
bem pera se yrem sem sua licença nāo po-

dia leuar sua artelharia, nem as armas que  
tinhāo, de que a mayor parte tinhāo em  
penhadas a el rey de Geylolo por lhes dar  
que comessēm, & pera auerem tudo, aísse  
tou que lhe mandasse Tristão datayde di-  
zer publicamente, que ho Emperador &  
el rey de Portugal estauão concertados na  
deferença que tinhāo sobre a cōquista das  
ilhas de Maluco, & por isso ho Empera-  
dor lhe mandaua que com todos os Caf-  
telhanos que estauão coele se fossem pe-  
ra Portugal pera dahi se yrem a Caste-  
la, pelo que el rey de Portugal por ro-  
go do Emperador lhes mandaua dar em-  
barcação em que se fossem, & ho gouer-  
nador da India assi lho mandaua dizer, &  
que estaua prestes pera lha dar que se fosse  
logo pera a India, & quando nāo quisessēm  
yr por sua vontade, que Tristão data  
yde lhos mandasse por forçā, & que ele  
se mostraria muyto que yxoso a el rey de  
Geylolo deste recado, dizendo que nā se  
auia dyr pera os Portugueses, & que an-  
tes se dey xaria morrer, & que ele se defen-  
deria que ho nāo tomassem por forçā, &  
se el rey cocstes biocos lhe nāo desse licē-  
ça pera se yr com quanto tinha, & lhe dis-  
sesse que o ajudaria a defender, que então  
fosse Tristão data yde com a maior arma-  
da que podesse ao porto da cidade de Gey-  
lolo, & desse a entender que queria dessem  
barcar de dia, pera os Mouros acodirem  
a todos: com cujo medo faria que nā de-  
sembercaua, & como fosse bēno yte, dey  
xassē alia algūs bateis com artelharia & gē-  
te que tirassēm, pera que os mouros cuy-  
dassem que queria desembarcar ante me-  
nhā, & yr se ya com ho rosto da arma-  
da

da desembarcar dalia mea legoa hūlugar que se chama Balobalo, dōde yria por terra a Geylolo, onde os mouros lhes sayriā & eles yrião na diáteira, & se lhes étrega riā logo, ho que védo os mouros auiam de fugir, & eles ficarião na cidade, & pode rião leuar sua artelharia, & outras armas & ho mais que tinhão, & parecédo este ardil bem a Tristão dataide mādou o reca do que digo a Fernão dela torre q̄ mostrá dose dele muyto agraudo, ho relatou a elrey de Geylolo, dizédo o q̄ disse q̄ auia de dizer, & el rey & os do seu cōselho lhe respóderão q̄ não se agastasse que cles ho ajudariá a defender, que mādasse dizer a Tristão datayde que nā se auia dyr parele & sabendo eleho que auia de fazer, pedio ajuda a el rey Tabarija pera yr tomar osca stelhanos a Geylolo dizédo lhe a causa por que, & ho mesmo mandou dizer a elrey de Tidore, & a elrey de Bachá, & a muytos Samgages, a que també mādou pedir ajuda, que todos foráem pessoa com a ma ys gente que poderão ajuntar, & de Ternate partio Tristão datayde acompanhado destes reys & senhores, & cō hūa grá defrota & poderosa de gente & fortaleci dadartelharia chegou ao porto da cidade de Geylolo, que pōs nos mouros grande espáto mas os Castelhanos lho tirarão, & esforçando os acodirão todos ao porto pera resistirem a Tristão datayde, que deu conta aos reys & capitães do ardil que leauia pera vencer os imigos, não falando nada nos Castelhanos, & vsando logo deles fazendo que queria desembarcar, & tendo se como que ho fazia com medo, esforçarão se os mouros muyto, parecendo-

lhes que era assi, & dando grandes gritas tirauā muytas frechadas, & nisto esteuerá ate a noyte, que continuando Tristão datayde seu ardil dey xando no porto algūa gente em bateis se foy ao porto do lugar de Balobalo, & quasi à mea noyte desembarcou muyto pacificamente por não ser sentido dos mouros que estauão descuidados, se não quando sentirão que osentrauão, & querendo resistir a isso pelejará hum pouco, mas forá logo desbaratados: & entrado o lugar per Tristão datayde mandou o queymar, & queymado abalou pera a cidade de Geylolo, & el rey q̄ soube sua yda pelos mouros que fugirão de Balobalo, mandou a Cachil Catabruno, que ho sayse a receber, que say o com muyta gente, & diante Fernão dela torre com os outros Castelhanos, & menhaá clara chegarão a hum escampado onde então chegaua Tristão datayde, pera que se forão logo dando grande gritas de prazer por se verem em liberdade que ate ly tinhão se por catiuos, pois não podião alfa zer se não estar em poder dos mouros.

## C A P I T . LXXII.

De como Tristão datayde queymou a cidade de Geylolo, & como Cachil catabruno se fez Rey.

**D**E tão supita mudança como esta, não sómente ficou Cachil catabruno muyto espantado, mas com tamānho medo que logo se recolhe opera a cidade, donde nā se atreundo a defender botou leuando elrey & tudo ho mais que pode & ho mesmo fizerão os moradores, & fugirão todos pera o mato, de modo que quando Tristão datayde chegou achou tudo despejado, & despois de fer a cidade saqueada

saqueada disso q̄ lhe acharão, a mandou toda queymar saluo a mezquita, por lhe os reys rogaré q̄ não fosse queimada, mas de noyte, mādou Tristão dataide a algūs Portugueses que dessem rebates falsos na gente dos reys, dando a entender que erá Geylulos, & q̄ nesta reuolta possesse secre tamēte fogo a mezquita, & assi soy tābē queymada, & acabou de arder menhaā clara: & como nāuia mais que fazer tor nouse Tristão dataide com os reys pera a fortaleza, dey xando no porto de Geylolo Diogo sardinha capitão mōr do mār de Maluco, & Antonio de teyue cō hūa armada em que ficarā sessenta Portugueses & muitos Ternates, pera que tolhessem aos Geylulos que nāo tornass̄em à cidade nem fossem pescar, por ho pescado ser ho principal mantimento quetem. E ele ydo, Cachil catabruno com acordo detodo ho conselho del rey de Geylolo, cometeo pazesa Diogo sardinha, & a Antonio de teyue, que mandarão sobrisso recado a Tristão dataide, & por seu consentimento foy Cachil catabruno coeles á fortaleza, & assentou pazes com Tristão dataide. E como auia dias que ele determinaua de se fazer rey de Geylolo, & hotinha assi concertado com Cachil dāroes, nāo ho fez por nāo ver mais ho tempo desposto pera isso, & vendo ho entāo, determinou de executar seu desejo: E quā do foy de Ternate, deu peçonha determinada a el Rey, que morre o dahi a algūs dias, & por ele ser moço, nem ser casado, nē ter filhos, se fez rey de Geylolo. E porque fez isto quando foy de Ternate, crerão todos que fora aquilo por

consentimento de Tristão dataide, & tambem por ele ho dizer publicamente, & que dera por isso muyto grandes peytas a Tristão dataide, em que entrāo hūs payos douro & crauo & outras couzas. Tambem desploys disto, Tristão dataide contra vontade del rey de Ternate & de Pateçarangue, & dos de seu conselho, leuanto ho degredo ao çamarao, que fora criado de Cachil dāroes, & que gouernando ele o reyno de Ternate fora almirāte do mār, & dom Jorgeho degrado quando mandou degolar Cachil dāroes polo achar culpado, & pesaua á el Rey Tabarija & aos de seu conselho, de Tristão dataide leuantar ho degredo ao çamarao por ele ser mao homē, & temerem q̄ lhes fizesse algū mal, como fez, & Tristão dataide tomou logo coeles grāde credito, & ele trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade, & daualhe muitos ardis pera acrecentar sua fazenda, que era ho que ele desejava, & pera a fazer melhor & ajuntar muyto crauo, determinou defazer yr de Maluco quātos mercadores estauão naquelas ilhas, assi Portugueses como estrangeiros, a que mādou sob certa pena per hum Pregão que mandou deytar que pera tal dia se embarcassem, ho que fazia grande espanto, porque ate entāo nunca se acontecera deytarem por força os Portugueses foradaq̄las ilhas antes eles fugião, & entāo erā tão maos de yr q̄ Tristão dataide fez embarcar muytos por força, & ho primeyro capitão que partio, foy hum fidalgo chamado Iurdá de freytas, que primeyro que se embarcasse fez grandes requerimentos a Tristão dataide

data y de que lhe desse carrega de crauo pe-  
ra ho nauio, porque ya vazio sem leuar  
alguna, no que el rey de Portugal recebia  
muyto grande perda, mas Tristão datay  
denão quis, porque lhe ficasse todo ho cra-  
uo. E entregou preso Vicente da Fonseca  
a Iurdão de freytas, que ho entregasse ao  
gouernador da India com a deuassa de su-  
as culpas. Etambem neste nauio, soy Fer-  
não dela torre com os outros Castelhanos,  
& Iurdão de freytas soy ter á India onde  
entregou Vicente da Fonseca. E cō quanto  
na deuassa q Tristão dataide tirou se pro-  
uauão claramente suas culpas por óde me-  
recia muyto grande pena, nunca lhe soy-  
dada, ho que deu causa a se fazerem em  
Maluco muyto mayores males, assicon-  
tra Deos como contra ho proximo, nem  
ouue quem se lembraisse do seruicio del-  
rey, se não de enriquecer por qualquem  
mancyra que podesse.

## C A P I T . LXXIII.

De como ho gouernador soy a Diu pera se ver cō  
el rey de Cambaya.

**A** Tras fica dito, como Vasco da cu-  
nha soy a Diu por mandado do go-  
uernador a falar com Melique tocão so-  
bre lhe dar Diu, de cuja yda el rey de Cá-  
bay a soy auisado per Rumeção, que tra-  
zia suas espías com Melique por lhe que-  
rer mal, & desejar que el rey de Cambaya a  
lhe desse a capitania de Diu, & por isso dis-  
se a el rey q aquela vista de Vasco da cu-  
nha com Melique deuia de ser pedirlhe o  
gouernador fortaleza em Diu, o que el  
rey logo sospeytou, & dali tomou odio  
a Melique, & determinou de lhetirar a ca-  
pitania de Diu, & dala a Rumeção, ho q

auia dias que desejava, crendo que cō is-  
so seguraua Diu de lho tomarem os Por-  
tugueses, & q cle faria yr muytos Tur-  
cos do estreyto pera andare na sua arma-  
da, & defenderem aos Portugueses que  
não tomassem as naos de Cambaya aqua-  
do vinhão do estreyto, ho que ele sintia  
muyto. E sospeytando el rey que ho Go-  
uernador trazia trato com Melique, pera  
lhe dar fortaleza, despedio Tristão degā,  
com lhe responder que era cōtente de dar  
ao gouernador a fortaleza que lhe pedia,  
que se fosse ver coele em Diu, & isto com  
tenção de ho nā fazer senão a fim de stor-  
uar que lhe nā fizesse ho Gouernador  
guerra aquele verão, & que indo a Diu,  
ho poderia acolher & matalo, & mais es-  
toruaria que Melique lhe nā desse fortaleza.  
E sabido polo gouernador estereca-  
do del rey creo que era assi, porque ainda  
não conhecia quam malicioso era, & lo-  
go se fez prestes pera yr a Diu, & dizen-  
do ao que ya, com que toda a gente ficou  
muyto alegre. E pera esta vista do gouer-  
nador cō el rey de Cambaya se fizerão os  
fidalgos & capitães da India, & outras  
pessoas honrradas prestes de muitas lou-  
gaçinhas, & galantarias de seda & euro, as-  
si nas armas como nos vestidos, & todos  
gastarão muyto, do que se arrependerão  
assaz, vēdo depois q nā ouue efeyto esta  
vista: & daqui ficou depois chamarse na  
India este anno ho das paruoices, porque  
virão muytos q as fizerão em gastar tāto  
dinheyro de balde. Efeytos todos estes ga-  
stos, partiose o gouernador pa Chaul, &  
dahi pa Baçaim óde achou Diogo da Sil-  
ueyra, & daqui se partio pa Diu cō húa

poderosa frota doytenta velas, em queen  
trauão oyto galeões, de que a fora a capi-  
tay na erão capitães, Diogo da silueyra,  
Antonio de lemos, Manuel de macedo,  
dom Esteuão da gama, Antonio de sa ho-  
rum, Diegaluarez telez, dom Gastão  
coutinho, & de Galés & Galeotas, Ma-  
nuel dalbuquerque, Vasco pirez de são  
payo, dom Pedro de menezes, Manuel de  
vasconcelos, Fernão de lima, & outros fi-  
dalgos, yrião nesta armada dous mil Por-  
gueses, a mayz luzida gente que nunca se  
ajuntou na India. E chegado ho gouern-  
ador defronte de hum lugar chamado  
Danu, soube que hodia dantes passara el  
Rey de Cambaya em noue galeões pera  
Diu, & logo dali lhe mandou dizer por  
Simão ferreyra que onde seria bô verése  
se em madrefabaou no már, & soy cõele  
pa lingoa Ioão de Santiago (lingoa do go-  
uernador) que foramouro & fizerase Cri-  
stão. E prossegundo ho Gouernador por  
sua viagem foy ter á jlha dos Mortos, &  
ali esperou por Simão ferreyra, que não  
tardou muyto que não chegou, & yaco  
le Cojeçofar, que lhe diste da parte del rey  
de Cambaya que lhe pedia que fosse a  
Diu & que se veriá, & Ioão de Santiago  
dissé ao gouernador que soubera em Diu  
que el Rey de Cambaya queria dar a sua  
capitania a Rumeção, que se lhe offrecera  
de lho defender. E desta jlha dos Mortos  
se foy ho gouernadora Diu, & da barra  
mandou Simão ferreyra com Cogeo-  
far a el rey, pera que lhe mandasse reca-  
do em quelugar da jlha queria que se vis-  
sem, & indo ele coeste recado foyse ho  
gouernadora terra com os capitães & al-

gús fidalgos, & desembarcou onde cha-  
mão ho Palmarinho, & ya ver se pode-  
rião ali proaras gales, pera q̄ querendo el  
Rey de Cábaya que se vissem ali fazer  
chegar as galés, pera ficar seguro com a  
sua artelharia se el rey de Cambaya qui-  
fesse fazer algüatreyção.

C A P I T . L X X I I I .  
De como Manuel de macedo se desfio a, cõ Rume-  
cão, & não lhe fayo ao desfio.

E Stando nisto, veo Symão ferreyra,  
& disse ao Gouernador que el rey  
não acabaua dassetar onde se auião de  
ver, & que lhe mandaua pedir que lhe  
mandasse la os capitães da galé bastarda  
& dos galeões, que os queria ver peralhes  
fazer honrra. E estando ho gouernador  
suspenso sobre ho que faria, porque rece-  
aua que el Rey reteuesse os capitães des-  
poys que os lateuessed, disselhe Tristão de  
gá que ja fora por embayxador a el Rey  
de Cambaya que os mandasse, porq̄ não  
os mādando el rey era tam sospeytoso q̄  
cuydaria que não se fiaua dele: & como  
isto cuydasse não se auiia de querer ver cõ  
ele, & por isto os mandou ho Gouernador  
yr, & el Rey os recebeo com muy-  
ta honrra. E sabendo Manuel de macedo  
como el rey queria dar a capitania de Diu  
a Rumeção, & tirala a Meliquē tocão que  
era muyto seu amigo, estando com el rey  
lhe disse (despois de lhe pedir licéça pera  
falar hū pouco) q̄ se espataua muyto dū  
rey tā sabedor, & caualeiro como ele era,  
querer tirar a capitania de Diu a hum vas-  
sallo como era Meliq̄ tocão & q̄ o també-  
tinha seruido, & filho de tā singular capi-  
tão como fora Meliq̄az o velho, q̄ tanto  
seruiço fizera a oreyno de Cábaya, & tā-

to acrecetara na hórra dos Guzarates, & a q̄ria dar a Rumeção h̄u homé estrágeyro, de q̄ nāotinha outra experiéncia se nā fazer treyçao ao Turco cō quē viuia, & por essa causa fugirade seu feruço, & se acolhera a Cábaya, pelo q̄ nāo se deuia de fiar dele, se nāo esperar q̄ lhe fizesse outra treyçao, & se Rumeção ali estaua & negasse ho que ele dizia, que ele lho faria confessar em batalha, que folgaria muyto dauer coele. E Rumeção que ali estaua o ouvio dizer ao lingoa, & por nāo responder oulhou el Rey parele com h̄u rosto menécorio: & calandose toda via Rumeção, disse Manuel de macedo que entendeo q̄ era aquele, q̄ outra vez otonaua a desafiar pola mesma rezão, & mas que podia meter consigo outro, porq̄ ele se mataria cō ambos. E vendo el rey q̄ nāo respondia, lhe disse com yra, q̄ como nāo respôdia ao desafio, & Rumeção disse q̄ polo nāo terem cōta, poré que poys assi q̄ria, q̄ aceytauaua o desafio, sem meter outré cōsigo, & assi foy logo deputado ho mar pera ser ho campo do desafio, & que pelejariā cada h̄u de sua fusta em que estarião s̄os. Aceytado ho desafio, mandou el rey dizer ao Gouernador, que lhe auia de falar de h̄ua genela, no baluarte de Diogo lopez, & ele esteuesse no már em h̄ua galé, dō que se o gouernador rio quando ho soube, & mandoulhe dizer q̄ lhe nāo queria falar de q̄ la maneyra: & sa bēdo o desafio de Manuel de macedo cō Rumeção folgou muyto, & deulhe licéça pera ho fazer, & mandoulhe esquipar h̄u bargantim em que se meteo, & foy surgir juto da lagea, & por Rumeção tar

dar, & ao gouernador lhe parecer que nā ousaria desayr com medo da nosla frota, mandou leuar & fezse h̄u pouco ao mar, & despois disso sayrão do porto da cida- de sete ou oytro fustas toldadas & emban deyradas, & h̄ua diante da outra forão demandar ho bargantim onde stava Manuēl de macedo, & dando todas h̄ua volta ao derredor dele se recolherão ao porto, donde sayrão, & nāo tornou mais nh̄ua, que parece que nāo quis el Rey q̄ Rumeção saysse ao desafio. E vendo ho gouernador que tardaua muyto, fez sinal a Manuēl de macedo com hum tiro que se recolhesse: & recolhido dey xouse estar, & vendo que o desafio nāo auia eseyto, & que ficaua de guerra cō Cambaya, mandou h̄ua armada ao estreyto de tres Galeotas & treze fustas, & por capitão mór Vasco pirez de s̄ao payo que ya em h̄ua das galeotas, & nasduas dom Pedro de meneses, & dom Manuel de lima, & yrião na armada trezentos homēs. E de Diu se tornou ho gouernador a Chaul, donde despachou pera ho estreyto a Diogo da silueyra por capitão mór de h̄ua armada de cinco galeões, cujos capitães a fora ele forão, Antonio de s̄a, dom Gastão coutinho, Diegaluarez telez, & Antonio de lemos, com regimēto quelā se entregasse da armada q̄ leuara Vasco pirez de s̄ao payo, & q̄ na entradado verão se fosse ápō ta de Diu donde faria guerra a Cábaya: tābē despachou Antonio da silua de meneses pera Bégal a resgatar Marti afonso de melo jufarte, & foy por capitão mór de noue velas, cō q̄ partio de Cochī, & despois se partio o gouernador pa Goa onde

Hij auia

auia diuernar: & dali despachou a dô Es-  
teuão da gama pa Malaca a seruir a capita-  
niada fortaleza, porq' era sua primeyro q'  
de dô Paulo da gama eu jrmão, & ele se  
foy a Cochî dô de o acabou de despachar  
o vedor da fazêda, & partiose pa malaca e  
Abril de M.D. xxxiiij. E depois dele, par-  
tio o vedor da fazêda pa Ormuz a visitar  
a seytoria & saber como se gastava a fazê-  
da del rey de Portugal, & foy e húa nao.

C A P I T . L X X V I .  
De como indo dom Jorge de crasto sobre el rey de  
Reyxl, se tornou sem fazer nada.

**N**este tempo estavia leuantado cótra  
el Rey Dormuz hú seu vassallo q'  
era rey de húa cidade chamada Reyxl,  
na costa do estreyto da Persia, ceto & sete  
ta legoas Dormuz, & este trazia húa ar-  
mada de doze fustas pora q' le estreito, cõ  
q' roubaua as naos que nauegauá por ele,  
principalmente pera Ormuz, & por isto  
ousauão muy poucas de nauegar, no q' el  
rey Dormuz recebia gráde perda dos de-  
reystos da alfandega, pelo q' se aquey xou  
a Antonioda silueyra capitão da fortale-  
za, dizêdo q' era necessario destruirse aq' la  
armada, porq' doutra maneyra não podia  
pagar as pareas q' pagaua a el rey de Por-  
tugal. E sabido isto por Antonio da siluey-  
ra assentou com dô Jorge de crasto q' era  
capitão mór domár Dormuz que fosse  
com sua armada a Reyxl, & requerese a  
el rey q' se tornasse á obediencia del Rey  
Dormuz, & recolhesse a armada, senão  
q' seria necessario acodir a isso pois el Rey  
Dormuz era vassallo del Rey de Portu-  
gal, & coisto se partio dô Jorge indo em  
húa galeota, & leuou dous bargantis, de  
q' erâ capitâes Ruy gomez casto, & Ioão

ribeyro, & húa fusta, capitão Nuno vaz,  
& cinco catures, & nestas velas forão du-  
zentos homens. E chegado ao cabo de Va-  
destão, ceto & sesenta legoas Dormuz,  
achou o tempo tâ cótrayro, q' lhe foy for-  
çado surgir em húa ilha despouoada pe-  
gada cõ ho mesmo cabo, onde esteue pas-  
sante de vinte dias: & passado este tempo que  
teue lugar de fazer viagé, achouse cõ ne-  
cessidade dagoa & de mâtimétos, & por  
nâ auer na ilha nenhuma destas costas, as foy  
tomar a terra firme, & estâdo fazêdo ago-  
ada hú terço de mea legoa donde surgió,  
sayrão muytos mouros q' estauão em cila-  
das, & derão em sua gête tâ supitamente  
q' não se poderão valer quemá fossé toma-  
dos pelos mouros oyto Portugueses & tri-  
ta & cinco escrauos Cristâos, & outrostâ-  
tos remeyros da capitayna, q' não leuaua  
mais, & sabido isto por dô Jorge q' estaua  
no mar ficou muy agastado, porq' pola  
pda dos remeyros q' lhe catiuará ná podia  
proseguir sua viagé, & porq' não auia on-  
de os fossé tomar, propos é cõselho se tor-  
naria a tomalos a Ormuz pois sem eles ná  
podia fazer causa q' a pueytasse, & auêdo  
alguns q' lhe cõselhauá q' tornasse a Ormuz  
sem passar auâte, disse hú Fráscio de gou-  
uea q' pois se auia detornar q' pera poder  
dar nouas em Ormuz do que ya em Rey-  
xl, & das fustas lho queria yr saber em  
hú catur, & dom Jorge não quis, dizêdo  
q' se la fosse auifar se yão os imigos de sua  
yda, oq' ele não q'ria se ná tomalos de su-  
pito, & assi se tornou a Ormuz, & quâdo  
Antonio da silueyra soube q' a forâna fa-  
zer nada lhe acôtecera aq' le desastre & por  
sua culpa, ficou muyto agastado pola má  
conta

cota em q̄ os Portugueses serião tidos, & polo seruço del rey de Portugal q̄ perecia & determinou de tornar a mandar a mesma armada cō outro capitão mór, pa q̄ es colheo Fráscico de gouuea, de q̄ conhacia esforço & saber pa acabar aq̄le feyto, & así lho disse, pedindolhe muyto que o fizesse verdadeyro, & ele lho prometeo.

## C A P I T . LXXVII.

De como Francisco de gouuea foy por capitão mor da armada cōtra el rey de Reyxel.

Partiose Dormuz com a mesma armada q̄ leuara dō Jorge, & foy na fusta de que era capitā Nuno vaz, & sem lhe acotecer couça q̄ o toruasse de sua viage foy ter ao porto de Reyxel, cidade grā de cō húa boa fortaleza na costa Darabia situada é bō sitio de casas de pedra & cal, & abastada de mātimētos, & pouoada de mouros. El rey sabédo q̄ a nosſa armada estaua no porto, determinou de a tomar cō quātos yāo nela, & isto por égano, pa o q̄ mādou dizer a Fráscico d̄ gouuea por hú mouro hórrado q̄ sua vinda fosse boa, porq̄ folgaua muyto q̄ os Portugueses fossem a seu porto, polo desejo q̄ tinha de ter coeles pazes, & se as ele quisesse aceytar, era cōtente de lhedar asfustas q̄ tinha & os catiuos que tomarão a dom Jorge, & fazenda dos nossos que os seus tinhão tomada, & coester recado lhe mandou hú presente de muyto refresco. E porq̄ Fráscico de gouuea leuaua em regimento q̄ fizesse paz com el rey dandolhe ele o que lhe prometia, respondeo q̄ era cōtente de fazer coele paz se fizesse ho que dizia, & que ate entāo lhe não auia de tomar nāda. E ouuida esta reposta por el rey lhe comeceo que se vissim á borda dagoa, & em or-

denar como auia descer esta vista se passaria tres dias, porque el rey se arpendia de yr falar a Fráscico de gouuea, porque como determinaua de o prender pareceo lhe que corria perigo, & quando ouuesse algum, melhor cayriano seu Goazil, & por isso ho mandou, escusandose a Fráscico de gouuea de não yr como lhe mādara dizer. E passados estes dias, mandou el rey armar hūatenda muyto rica na praia pegada cō ho mar, pera se ver nelaho seu Goazil cō Fráscico de gouuea, que sa yo em terra cō quarenta Portugueses: todos despingardas, & ele com húa espada dābas as māosnua, & deyxou os nauios cō os esporões em terra, & a artelharia ceuada, porquetinha sospeita que lhe auia os mouros de querer fazer algūa trcyçā, & assiera, q̄ el rey tinha posto húa cilada de tras dum oyteiro que estaua hi perro, em q̄ entrauão quatrocētos de caualo & grāde multidão de géte de pé, pera é ho Goazil lançando māo de Fráscico de gouuea acodissem eles sobre os que fossim coele, & os mataisse a todos & lhes tomassem a armada; & pera isso fayo Coge fraulá (q̄ assi se chamaua o Goazil) cō trezēto shomēs, & vendo o Fráscico de gouuea lhe mādou dizer q̄ pera q̄ era tanta géte poys ya de paz, q̄ ele nāo tinha mais de quarēta homēs q̄ trouuesse ele cēto, & assi fez o Goazil, & mādou apartar os outros: & entrado na téda assétouse, & disse a Fráscico de gouuea q̄ se assétasse & ele nāo quis pola sospeita q̄ tinha, & é quāto falou cō o Goazil semp̄ passou cō a espada na māo & por isso o Goazil nā ousou de cometer ho que leuaua determinado, antes estaua

temeroso de ver ho desafsego de Francisco de gouuea, & cui ydaia q̄ o auia de matar: & ho concerto da paz soy o que el rey mando dizer a Francisco de gouuea, que todo soy escrito per dous escriuáes, humi Portugues, & outro mouro, & assinado por Francisco de gouuea & polo Goazil, que se tornou pa a cidade despois disto acabado, & disse que ao outro dia se compriria ho concerto. Equando el Rey vio ho Goazil sem Francisco de gouuea, ouve ta manha munencoria que ho quisera mandar matar, & não o fez por conseilho dos seus, mas tirou lhe ho officio.

Do que fez Francisco de gouuea desploys q̄ vio que el rey de Reyxel não queria paz.

**V**endo cltey que não podera auer Francisco de gouuea como quisera, determinou de se declarar coele por imigo, & mandou muytos espingardos e cyros & facheiros a goardar húis poços em que Francisco de gouuea quisera fazer agoada, ho que não pode por lho os moutros defenderei. E como erão muytos em demasia, & os nossos poucos, fizerao nos recolher pera os nauios com muyto trabalho, & ajudoulhes muyto a sua artelharia que se algú danou nos imigos de mortos & de feridos, & eles matarao hum marinheiro Portugues. E como a nossa artelharia po de jtgaf afastarão se os imigos, & os nossos reterão lugar de se embocar, & pola necessidade que tinham da goa soy forçado a Francisco de gouuea (antes doura coula) de a yr tomar a húa illa chamada Carrega lote legoas de Reyxel, & indo pera la outre vista das fustas de Reyxel, & posto que erão o dobro da sua armada, de

terminou de pelejar coelas, & assi hodi se aos outros capitáes, & arribou logo pera os imigos, que vendo a nossa armada, parece que ouverão tamamho medo que arribarão pera terra, & forão le meter em húrio duas legoas de Reyxel, & diuas ficará de fora por não poderem mays. E vendo Francisco de gouuea que se acolhia, por as alcáçar mais asinha se mudou a hú dos catres por remar rijo alcáçou húa das duas fustas que ficarão de fora, & aferrou logo húa delas, & nisto lhe matou tres homens de vinte que andauão nela todos espingardos, & os outros se lançarão ao mar que os Portugueses catiuarão todos & tomarão a fusta, & a outra varou em terra & faliouse a gente, & a fusta, que ficou em poder de Francisco de gouuea achou se carregada de cravo, gingibre, & canela, & assi andauão as outras denas que tomarão que yão Dorniuz para Baçora. Tomada esta fusta, & vendo Francisco de gouuea que não podia pelejar co as outras por estarem metidas no rio soyse fazer agoada a Carrega, onde stava húa petioação com húa mezquita, & aquela stauão obra de sessenta moutros da armada dos imigos, que ficauão esperando em quanto os outros leiuauão a Reyxel as presas que fizerão, & estes como virão, anotia armada no porto em quanto se fzia agoada a colherão se a hum cabeça alto onde se tivera húa fortaleza, determinando de se defender, & mandarão recado a Reyxel de como ficauão, & os moradores do lugar se acolherão por outra parte a húa lapas q̄ estauão ao longo do mar, de que os Portugueses matarão a maior par-

te. Despoys de feyta agoada & queymado ho lugar, em que soy queymado húa mez quita que os mourestinhão por coufa Santa, & a que yão em romaria de muytas partes, mandou Francisco de gouuea, dizer aos mouros que estauão no cabeço que os auia de matar seem tres oras não se lhes fossem entregar pera fazer deles ho q quisese, & eles o fizerão com medo, mandandolhe primeyro as armas, & por eles ouue despoys Francisco de gouuea os Portugueses que catiuarão a do Iorgede crasto, com condiçao que se goardasse a paz q assentara com Co, e frujala, do q el Rey soy contente, vendo quam pouco ganha uaem ter guerra com os Portugueses. E isto feyto, Francisco de gouuea soy correndo aquele estreyto ate a ilha de Baharem donde escreueo a el rey de Baçora o que fizera, & mandoulhe a especiaria q tomara aos mouros, & isto por ser amigo dos Portugueses. E sabendo el rey que aquele estreito estaua seguro, mandou húa nao carregada de mantimentos a Francisco de gouuea com muitos agardecimentos da especiaria que lhe mandara. E dey- xando Francisco de gouuea seguro este estreyto se foy inuernar a Ormuz, cujo rey faleceo neste tépo: & Antonio da silueyra & Diogo da silueyra leuantarão por rey hum seu filhodydade do yto annos, que despois foy morto com peçonha, que lhe mādou dar Ray xaleque q estaua degradado na India, & por ser seu tio suçedeo no reyno, & foy muito amigo dos Portugueses, & fez muitos seruiços a el Rey de Portugal.

Do que fez Antonio da silua de Meneses em Bengala.

**P**artido Antonio da silua pa Bengala chegou cō todasua armada ao porto de Chatigão, & porque leuava por regimento que não fizeisse guerra nem paz em Bengala sem ho parecer de Martim afonso de melo jufarte, teuemaneyra como lhe mandou húa carta em que lhe escreuia o regimento do gouernador, por isso que lhe respondesse ho que faria, & auido conselho com os Portugueses que todos estauão ja na cadea del rey assentará que deuia fazer paz, porque por guerra não se podia o liurar, & só Nuno fernandez freyre foy deparecer contrayro, dizendo, que se deuia de fazer guerra a el rey de Bengala pera que soubesse ho que podião os Portugueses, porq com quatro navios q se possessem nas barras de Chatigão & de Satigão defenderiā que nem fayssedes portos nem entrasse neles nenhum náuio, no que el Rey de Bengala receberia perda grandissima, por não terem scurçy no outros, & aqueles renderem muyto, & nem por amor da guerra os auia el Rey de Bengala de matar por amor dos Pataxes que lhe começauão de fazer guerra, pera que auia de ter deles necessidade. E como Nuno fernandez era só deste parecer, assentou Martim afonso no outro, & assi ho escreueo a Antonio da silua, q mandou por ébaixador a el rey de Bégala hú Jorge alcoforado, & a sustancia de sua ébaixada foy, q com quāto o gouernador tinharezá destar agrauado dele, & de lhe fazer guerra, por lhe préder ho capitão & Portugueses q mādaua a sua terra, nā se qria lebrar dagrauos, senā ser seu amigo,

& servilo no que podesse, porque assi lho mandaua el Rey seu senhor, de cuja parte & da sua lhe rogaua que soltasse os Portugueses, poys não tinhão feyto por onde merecesssem ser presos. E dada esta em baixada a el rey ouue conselho sobre ho que faria. E Agehabedalá lhe disse q̄ não fizesse paz com ho gouernador nem lhe desse os Portugueses por menos de quarenta & cinco mil pardaos, porquedan- dolhos de graça pareceria que ho faziacó medo, & Alfacão lhe disse que lhe com- pria muyto fazer paz com ho gouernador, porque ho seu reyno, era como hum homé q̄ tinha dous ołhos, & estes erá Chatigão & Satigão, dous portos de mar que lhe ho gouernador podia çegar com suas armadas, & por isso deuia de fazer paz & dar lhe os catiuos sem dinheyro, poys forão presos sem rezão, porque leuando por eles dinheyro claro estaua que os Portugueses se auia odentregar em sua fazen- da, ou na de seus vasallos. E com quanto isto pareceo bem a el rey & outros forão dele, era tam afeçoadão a Agehabedalá que tomou o seu, & respondeo a Jorge alcoforado que era contente de fazer paz com o gouernador, mas que lhe auia de dar quarenta & cinco mil pardaos por Martim afonso & polos outros, porque os não auia de dar por menos, & despoys tornou a dizer que os ná queria resgatar, & isto por conselho de Agehabedalá. E Jorge alcoforado se foy coesta reposta del rey, que disse a Martim afonso & aos outros, que ficarão muyto tristes, parecen dolhes que poys o sel rey não queria resga- tar que nunca sayrião dali, & fizerão grá-

de pr̄into com Jorge alcoforado quando se despedio deles, & eleceuou esta reposta a Antoniota silua, q̄ indinado cōtra elrey determinou de se vingar em seus vassal- los, & hum dia ante menhaá deu com sua gente em Chatigão & pos lhe ho fogo, com que queymou muyta parte dela, & matou & catiuou muyta gente: & dali se foy a hñas ilhas onde morauão muitos Bengalas degradados, & destruyolhe as pouoações, & matou os mais deles: & feyta muyto grande destruyçáo se foy pera a India, & com menencoria disto mandou el Rey prender os Portugue- ses de dous em dous, que andauam ja scl- tos, & os quelhe aconselhauam que fi- zesse paz com ho gouernador & que lhe desse os catiuos sem resgate, lhe disserão então que bem via quanto melhorcon- selho era ho seu que hode Agehabedala, & poys aquele capitão dos Portugueses sem mandado do gouernador lhe fizera tanto dano, que faria outro que fosse diri- gido pera lho fazer. E el Rey conhecen- do a verdade mandou cortar a cabeça a Agehabedalá, porquinho não conselhara bem fiando se dele, & não lhe valeo sua priuança, & por não parecer que soltava os Portugueses com medo os não soltou logo: Edalia a algúis dias por parecer que os soltava por amizade mandou leuar ante sy a Martim afonso solto, & mostrou lhe hñia carta de mareat sobre q̄ praticou coele hum pedaço, & despoys ho mádou tornar á cadea, & dedias em dias ho man- dava leuar antesy, buscando sempre cou- fas pa praticar coele: & neste t̄o mádou q̄ lhetirassé os ferros, & aos outros, de que mandou

mandou tirar da cadea Nuno fernandez  
rey e por libertango e viola, & a hum lo  
ao adao que tingia huios orgaos q lhe Mar  
tim a onho mandara de Chatigá, & a hui  
André gonçaluez pera lhe cantar, porque  
era muyto inclinado a musica, & tinha  
muytos musicos ao seu modo, & hum  
mestre da musica que tinha treze mil par  
d aos de reda com aquele officio, & a este  
entregou Nuno fernandez, Iohão adão,  
& André gonçaluez, & dali por diantere  
uerão todos melhor vida, & fazialhes el  
rey merce, & não tinhão outra ma vida  
senão estarem ali sem poderem sayr quá  
do querião.

## C A P I T . LXXX.

De como húa armada del rey Dugentana foy correr  
a Malaca, & de como foy morto dom Paulo  
da gama & outros.

**D**om Esteuão da gama que ya pera  
Malacachegou la em Mayo, & logo lhe dom Paulo seu irmão entregou a  
capitania, & ficando ele por capitão, daly  
a oytas dias teuenouia que estaua no rio de  
Muar húa armada del Rey Dugentana,  
& pera saber a verdade dislo & quantas  
velas serão, mādou la Simão Sodré, & Frá  
cisco de barros de payua que leuarão cin  
co manchus. E chegados acharão a arma  
da forado rio posta ao longo deterra, &  
erão doze calaluzes de Iaos, de que era ca  
pitão mōr hum mouro chamado Habra  
hem, & cinco lanchas del rey Dugé  
tana, & todas com mu yta gente & arte  
lharia, ho q Simão Sodré, & Francisco de  
barros poderão bem ver por se chegaré  
muyto em tāto que os imigos cuiyando  
que querião pelejar se leuarão, & forão pa

reles, & eles como não yão pera pelejar fi  
zerão volta pera Malaca a dar rezão do  
que virão, & os mouros os yão seguindo  
quanto podião, & em anoy tecendo lhe  
começarão de tirar com a artelharia. E  
sendoduas legoas de Malaca, passadas du  
as oras da noyte, virão com ho luar que  
fazia muyclaro muitas manchus, & em  
cada húa dous tres Portugueses, & deles  
souberão que sobre a tarde despois de sua  
partida, se vira em Malaca contra Muar,  
huiasnuuens delgadas como fumo, & por  
muytos afirmarem que era fumo, & dar  
telharia, o differão a dom Esteuão, & que  
seria bom mandar socorrer aos Portugue  
ses que laa erão, & a silho conselhou hui  
Aluaro botelho bem caualeyro & muy  
to antigo em Malaca: & com quanto dō  
Esteuão não quisera mandar ho seccorro  
disselhe dō Paulo que o mandasse & q ele  
yria, & dō Esteuão se escusaua dizédo, q  
a armada estaua ainda varada & que não  
auia em que yr ho socorro: & com tudo  
dom Paulo nā quis se nāo yr muyto con  
tra vótade dedom Esteuão, & embarcou  
se em hū paraò de carrega de húa na de  
Cambaya, & Manuel da gama em outro  
& com cada hum vinte homés fidalgos  
& caualeyros: & cutros quarenta homés  
se embarcarão em manchustam peque  
nas que não cabião em cada húa mays q  
dous tres, & com tam rois embarcações  
foy socorrer quem não tinha necessida  
de de socorro, & chegou a eles ás oras que  
digo. E sabendo eles quam mal aparelha  
do vinha dom Paulo pera pelejar com  
os imigos, por hum nauio dos seus abaf  
tarão pera pelejar com toda a sua armada  
foy

foy Simão soderá dizer a dô Paulo q por esta rezão se deuia de tornar, & não pelejar com os imigos de cuja armada lhe deu relaçao, pelo que a dom Paulo lhe parecio bem seu conselho, & fez volta, & os imigos não dey xarão de lhe dar caça quádo virão que armada trazão, tirando lhe muitas bombardadas, o que os Portugueses não podião fazer por não terem arte/ha-ria. E vendo eles que os imigos os alcança uão, & quam mal auiaodos yá o pera pelejar coeles, conselharão a dom Paulo que ou se passasse a húa manchua & recolhesseas outras & se fosse que o poderia fazer por serem legeyras, ou varasse em terra, porque onde ele ensecasse ná auiaão os nauios dos imigos de nadar, & deste modo se saluaria ate ser socorrido de Malaca. E dom Paulo parecê dolhe isto fraquezza ná quis se ná pelejar, & cō animo muy esforçado virou a abalroar cō húa lanchara q achou mais perto, & Manuel da gama fez ho mesmo, & em aferrando forão todos os seus encrauados dazagayas, frechas, & páos tostados, & com tudo ele entrou na lanchara que aferrou a pos hum seu ayo chamado Jorge fernández borges, que foy o primeyro que entrou, & com quanto a dom Paulo lhe atreuesso húa azagaya a mão dereyta, ele & Jorge fernandez pelejarão tam valentemente que logo em entrando leuarão os mouros ate apopa da lanchara, & nisto entrarão Antonio pereira que foy alejado do braço dereyto, Vasco da cunha, dom Francisco de lima, que forão feridos nas cabeças, & Gonçalo bayão, & assi outros, & pelejauão com grá de braueza porque os imigos erão muy-

tos, & outrotanto fazia Manuel dagama com os seus. E tendo dom Paulo rendida a lanchara onde stava quisera passar auante mas ná pode, porq em aferrando a lanchara se lançará os seus remeyros ao mar, & fugirá & estádo assi cō a lanchara redida, acodio outra q trazia muyto mays gente, & entrou de roldão onde stava dom Paulo & forão tantos os que carregarão sobre ho Bayleu que quebrou coeles, & como erão muytos, & os Portugueses estauão ja feridos, & doutras lancharas lhe tirauão muytos arremessos, por mays esforçadamente que pelejaro ná se poderão defender, & foy morto Jorge fernández borges & dom Paulocayo desmaya do do muyto sangue q selhe ya das mortaeys feridas que tinha, & Gonçalo bayá estando muyto ferido posto no bordo da lanchara foy derribado no mar, & assi cárão outros muytos com a grande multidão darremessos que os imigos arremessauão, & acharão seys paos tostados juntos com que tirauão. E també foy desbaratado Manuel da gama, posto que aqüel dia fez marauilhas cō os seus & assi os outros Portugueses, porem aproueytou pouco porque os imigos por serem em de mias muytos os afogauão & com tudo tam bem receberão perda, que morreria bem quarenta a fora muytos feridos, & por isso se contentarão com escaparem, & se forão leuando dom Paulo quasi morto na lanchara sem saber q o leuauá, nem a Jorge fernandez seu ayo, & soubesseq ainda a dom Paulo viuera ate ao outro dia a yera, & se ele ná o cayra nunca ho mal dos Portugueses fora tanto. E acolhidos os imigos

imigos a juntarão se todos os nossos capitães, & achando menos dom Paulo ficarão muyto tristes por ser muyto amado de todos, por suas muitas virtudes, & por ser muyto esforçado. E afora ele acharão que morrerá Ioão rodriguez de souza, so brinho degarcia de sa, lorge fernandez borges, Antonio defarão, Pero que ymando, Gonçalo bayão, & douz bombardeyros, & forão feridos Manuel da gama, dô Francisco de lima, Vasco da cunha, Antonio pereyra, Francisco bocarro, Fernão gomez, & outros que fazião numero de trinta, & coesta perda se tornarão a Malaca, & contarão a dom Esteuão ho que lhes acontecera.

## C A P I T . LXXXI.

De como Francisco de barros de payua soy buscar mantimentos a Patane, & do que lhe aconteceu.

**S**Entido muyto dom Esteuão a mor te de seu irmão, determinou de yr so bre el Rey Dugentana & destruylo, por vingança daquela morte, pera ho que se começou da pceber. E porq é Malaca a uia gráde falta de matiméros, mādou por cles no lulho seguisse a Pão, cujo rey estaua de paz, & soy Simão sodré húa não deduzentos toneis, & do mesmo mādou Francisco de barros de payua a Patane e o que tambem tinha paz, & estando a soy ter com Simão sodré húa armada del rey Dugentana de trinta & cinco lancharas, de que ya por capitão mor Tuão mafané de, que fugira de Malaca pola morte de Sanaya de raja. E por Tuão mafané de não se atreuer a pelejar com Simão sodré soy em busca de Francisco de barros que sabia que tinha hum malho pequeno, &

não teria nele may s que ate vinte Portugueses, & né por isso se dey xou ele de defender dosimigos com muito esforço, & eles o cometearão com grandes gritas pera ho aferrarem, mas nunca poderão, porq os Portugueses os não dey xarão cõ muytas panelas de poluora que lhe arremessa uão & cõ muyta soma de pingardadas q lhe tirauão. E despois de lhe matarem tres homens, & ferire os outros todos, vendo q o nāpodiā aferrar se afastarā hum pouco, ho que vendo os Portugueses como esta uão muyto cansados & feridos, q ja não podião consigo, requererão a Francisco debarros que poys nāo podião mais fazer que se acolhessem a terra, & saluar seyão, & despoys viria tempo em que se vingaria, & elenão quis parecendo lhe que era quebra de sua honra dizédo quem melhor era a morte com honra, que a vida deshonrada, & may s que temia que vendo os Patanes como yáo desbaratados que se levaritassem contraires & os matassem, posto que estauão de paz. E vendo a gente quchá se queria yr, não quiserao may s esperar, & lançarão se ao batel do nāuio & forão se aterra, somente douz hum chaminado Ioão freire, & outro Bastião nunez & estes douz persuadirão a Francisco de barros que se fosse, & primeyro deyrou amais da artelharia que pode no mar por que o sifasse aosimigos, & por esfacaunha pos fogó ao nāuio, & a poluora que estaua nele, & despoys se soy pera terra a ser visto dosimigos, & entretarrecolheo os Portugueses & soy se pera a cidade on desfoly bem recebido, & hi ficou hum an no por nāo ter embarcação pera sey, & despoys

despoys mandou dom Esteuão por ele. E sintindo os imigos que ho nauio estaua despejado entrarão nele, & a pagarão o fogo & tomaráno meo queymado: & vendo que não podião auer a gente dele forão se, & Simão soderé que soy a Pão fez carregar certos jungos de mantimétos, & soy se coeles a Malaca.

## C A P I T . L X X X I I .

De como Diogo da silueyra chegou a ponta de Diu & do que hi fez.

**P**assado ho inuerno q Diogo da silueira teve em Ormuz, partiose pa Mazcate onde tinha os galeões, & dali na fim de Agosto com toda a armada pera a ponta de Diu, onde esperou as naos que fosse do estreito, de que fez dar a costa algúas q lhe fugirão, & as não podetomar. E vendo que nā fazia ali nada soy surgir na barra de Diu onde as fustas se lhe mostrarião, mas nā oisarão de pelejar coele: & aquy soubequem ainda estaua em Diu por capitão Meliquetocão, & não dey xara el rey de Cábaya Rumeção como estaua deterrimido, por naquela conjunção lhe ser notificado que el rey dos Mogores (hum rey muyto poderoso) lhe fazia guerra para que el rey de Cambaya tinhia necessidade de Rumeção. E despachoys que Diogo da silueyra isto soubé, comou húa naode presa que soy ter coele, & tomada se fez a vela, & soyse pera Goa com recado do gouernador que lhe mandou dizer que se fosse.

## C A P I T . L X X X I I I .

De como chegou à India Martim afonso de sousa.

**N**este tempo chegou a armada de Portugal, de que soy por capitão

mór Martí afonso de sousa, a quem por seus seruiços el rey fez merced da capitania mórdia mar da India: & a armada q leuou de Portugal soy de cinco naos grossas cõ a sua, de q forá capitáes ele, Diogo lopez de sousa, Tristão gomez da graa, Simão guedez de sousa, q leuaua a capitania de Chaul, Antonio de brito, que leuaua ade Cochí. Echegádo a Goa a saluaméto, mostrou Martí afonso sua prouisa ao gouernador q hi estaua, pelo que o metteu de posse da capitania mórdia mar, & lhe mandou que se fosse a Cábaya pa tomar a vila de Damão, & lhe fazer a mays guerra que podesse, & que em Cambaya se entre gariada armada que trazia Diogo da silueyra. E despachado Martim afonso, partiose pera Chaul, & forão coele estes capitáes de gales & Galcotas, Fernão de soufa de tauora, Manuel de sousa de seputueda, Martim correa, dom Diogo dalmeida, Ioão de sousa lobo, & Francisco de sa, & outros, & assi húa Ioão de sousa dalcunha Rates em húacarauela: & chegado a Chaul achou hy Diogo da silueyra que lhe entregou a armada de Vasco Pirez de são payo, q era detres galeotas, & dez aseyssustas, & assi quatro galeões, & Diogo da silueyra seguiu sua rota pera Goa pera se ys pera Portugal.

C A P I T . L X X X I I I .  
De como Martim afonso de sousa tomou a vila de Damão.

**E**ntrou Martim afonso de sousa da armada, partiose pa a vila de Damão, & leuaua trinta & cinco velas, em que yrião seyscentos soldados, & coesta frota chegou a Damão, hum lugar do reyno de Cambaya, situado na ponta da sua

sua enseadada banda do sul por hū rio a  
 ma óde el rey de Cábaya tinha húa forta  
 leza forte & bem artilhada, quadrada, &  
 em cada quadra húa baluarte, & tinha húa  
 só porta. E sabédo ho capitão dela, que era  
 Turco, a yda de Martim afonso quey-  
 mou ho lugar, & destruyó tudo ao derre-  
 dor, & recolheo a gente na fortaleza, em  
 que tinha quinhentos soldados, os mays  
 deles Rezbudos, que sám os gentios que  
 erão senhores de Cambaya, antes q̄ a os  
 mouros ganhassem, & por seré homés es-  
 forçados os tinha ali el rey de Cambaya,  
 os outros erão Turtos, em que entrauão  
 çem espingardeyros, & estauá todos mui-  
 to confiados de poderem defender aquela  
 fortaleza ao gouernador da India, quáto  
 mays a Martim afonso, que sabião q̄ leua-  
 ua pouca gente. E parecendo ao capitão q̄  
 ele cometesse a fortaleza polo rio, mādou  
 fazer ao longo dele algúas estancias darte  
 lharia. Chegado Martim afonso, como  
 digo, surgiona costa pera dali yr vera di-  
 posição da fortaleza, a que foy em hum  
 catur pequeno quando era baixa mār, &  
 foy nestetempo, porque com a mare cre-  
 cia a agoa, & ficaria sobre a terra descuber-  
 to a artelharia, & cō bayxamár ficaua ho  
 alcantil alto, & encobrilo ya dos tiros, q̄  
 forão sem conto, assi de bōbardas, como  
 despingardas entrádo polo rio, & valeo-  
 lhe ho ardil queteue pera lhe não empe-  
 cerem, & por isso passou auante da forta-  
 leza & a vio muytobé, & vēdo quā pigo-  
 fa era a étradaporaq̄la parte poramorda  
 artelharia, determinou d̄a cometer por ou-  
 trase podesse ser: & sabédo que polo sertá  
 polas costas da fortaleza auia hum cami-

nho largo & cháo, por onde a gente po-  
 dia yr a prazer, parecco lhe bem, cometer  
 por alí, & assi o disse aos capitões em con-  
 selho, & que auia de desembarcar na cos-  
 tabraua de fróte da fortaleza ás duas oras  
 desploys de meanoyte, pera em anaihe-  
 cendo dar na fortaleza, & assi ho fez, &  
 ao desembarcar teterão os Portugueses  
 muytobalho, q̄ desembarcarão tāafas-  
 tados da terra que lhes dava a agoa polo  
 pefcoço, porque nāo ousauão de chegar  
 os catures a terra que auia medo de se es-  
 pedaçarem com ho grande escarceo que  
 o mat fazia. E em quanto a gente de sem-  
 barcaua foy Martim afonso ver com cin-  
 cofidalgos o lugår por onde auia dyr: &  
 achando que era assi como lhe tinha di-  
 to, tornouse pera sua gente que achou de  
 sembarcada, & coelafeyta em hum cor-  
 po abalou pera a fortaleza, & chegou ás  
 costas dela em amanhecendo, leuando  
 diante duzentos espingardeyros pera fa-  
 zerem despejar os muros que acodissem  
 daquela parte, como acodirão logo, mas  
 quām asinha forão acodir, tam asinha se  
 tornarão com medo das espingardadas,  
 que erā tantas, que quasi desfaziā asame-  
 as. E vendo os Portugueses o muro des-  
 pejado poserão as escadas que leuaão pe-  
 ras obrey, & o primeyro q̄ pos a sua foy  
 hū Fráscico da cunha, & o primeiro que  
 subio por el, & a pos ele outros, & por a  
 escada ser podre, com a gente ser muy-  
 ta quebrou, sendo Fráscico da cunha q̄ si  
 no cabô dela & cayo, leuando diante de  
 sy quantos yāo detras dele, & todos fica-  
 rão maltratados das quedas, principalmē-  
 te de que cayo de mays alto, & com que  
 brar

brar esta escada regeou a gente de subir po las outras, & não quis ningué mais sobir, dizédo q̄ erão podres, o q̄ ouuindo Martí afonso mādou logo traer húa escada noua q̄ mādara fazer de duas antenas da cara uela, & eratão larga q̄ podia yr por el a cinco homēs em fieira, & é quāto se foy por esta escada forā algūs Portugueses ao derredor da fortaleza pa onde estaua a porta pola qual virá sayr obra de trinta dos imigos q̄ yá o fugindo, & estes erão da gente bayxa, em q̄ o medo era tamānho q̄ determinarão de fugir, & estes conieçará logo, por os soldados estaré em cima nos baluartes, & não auer qué osteuesse: & vēdo os fugir estes Portugueses q̄ digo, comecarão de bradar q̄ fugião os imigos, & de rá logo a poseles, & outros acodirá á porta que estaua aberta & remeterão a ela rijo que os jmigos a não poderá fechar, por em fizerão se em corpo diante dela, & comecará a defendera étrada, & na propria conjunção em que aqueles Portugueses remetiā á porta da fortaleza, chegou a escada noua q̄ digo, & posta ao muro ho primeyro que sobio & chegou ao muro, foy Torreshū Italiano comitre da galé d Mattim afonso, & ho segūdo Diegaluarez telez, húa fidalgo muy esforçado, & a pos estes outros poucos, & isto & ho chegar dos outros Portugueses á porta da fortaleza foy todo hum, & vendose os imigos assi cometer, desesperados de se defendrem, determinarão de fugir, & por isso se decerá os mais ao pateo da fortaleza, & setenta (parece q̄ dos mais honrrados) se poserão a caualo pera se acolherem logo, & os outros cometerá a porta a pé como

que querião sa yr, mas não poderão por estarem nela tantos Portugueses, que esta uão atochados sem poderem yr pera diante nem pera tras, & tinhão feyta húa medonha pinha de fais & despadas nuas, & espingardas, & era húa braua reuolta deles pera entraré & dos imigos pera sayré, & tudo era cheo de brados & gritos. E tres dos imigos como determinados de morreré pa fazeré lugaraos outros, espertaransen as lanças, & forão correndo por elas ate chegarem aos q̄ astinhão, & feriráonos muy rijo cō os terçados, & muyto mais dano fizerão se não fora por húa Aluaro de meyreles que os acabou de matar cō húa espada dābas as māos, & assi foy morto outro dc caualo com húa espingarda que tambem quis cometer a porta. E tanto que Martim afonso vio que Diegaluarez telez, & os outros sobião pola escada, acodio a esforçar os que estauão á porta, & a força dombros q̄ pos com outros deu coeles dentro, & como agoa que rompe de presa, dā Santiago os imigos, & nisto chega Diegaluarez telez, & os outros que entrarão pelo muro, & colhedos no meo, apertarão os de tal modo, que nenhum escapou viuo, pelejando primeyro com muyto esforço, porque vendo que nāo podião escapar vingarão se nos Portugueses, de que matarão dez, & ferirão muitos de muytas feridas. E roubada a fortaleza, deteu se Martim afonso tres dias em a derribar & arrasar, que parecia que nāo esteuera aly, & daquy foy correndo a costa ate Diu, & coesta vitoria lhe ouuerão os mouros grande medo, & el rey de Cábaya a sintio muyto.

## C A P I T . LXXXV.

De como el Rey dos Mogores entrou na India.

**A**ntes disto entrou na India hum rey de hūs pouos a que vulgarmēte cha māo Mogores, cujo senhorio confina cō ho do çofio, & dizem que he a terra a que antigamente chamāo Parthia, he esta gente alua & bē assombada de barbas cō pridas, & trazé as cabeças rapadas, & nelashūs carapuções quasi da maneyra dos do çofio, vestem cabayas, & roupões de seda, ou de pano, segúdo cada hum pode: os nobres se seruē com muyta policiade baixelas de prata, & de noyte a lomeão se com velas de cera em castiçaeis, & deca-minho leuão hofato em arcas encoyradas, almofrizes, & malas, cubertos cō re posteyros, & alcatifas sobre camelos, & leuão muyto boastendas pera pousarem no campo. Ho proprio pelejar dos Mogo res he a caualo, os caualos são como quar-taos, correm pouco, & andão muyto, & pelejão cocles acubertados, suas armas são pelotes de seda ou de coyro de quar-tos, que lhe chega ó hum palmo abayxo do giolho forrados de laminas, cō craua-ção dourada, nas cabeças celadas, & capa çetes cō grādes penachos dourados. As ar mas offesiuaes são arcos, frechas, terçados, maças de ferro, & machadinhas, & todas estas armas leuão péduradas nos arções das selas, leuão tábé muyta artelharia encar-retada, & cada peça de cōprimento de co uado, as grossas tirão pelouros do tama-nho de falcões, a miuda com nozes. Cō esta gente anda outra muyta de diuer-sas nações, assi como Tartaros, Turquimāes Coraçones, & outros, & todos se chamão

Mogores, mas os proprios Mogores são os quedigo : cujo rey era grāo senhor de terra, & de gente, & seruiase com grande estado, & venno muyto poucas vezes, & quando quer que lhe fale alguem manda ho chamar, & os senhores de sua corte fa ze cada dia duas vezes a çalema à casa ou a tenda em que está: he mouro, & assi ho são todos seus vassallos, ho mais do tem-po Iejūa, & reza, pelo que os seus ho tem por santo, dizião que nunca lhe souberão conhecer molher, & assi estranhaua muy to ho pecado da luxuria. Tem grāde goar da é sua pessoa assi na paz como na guer-ra, & goardáno aos quartos dous mil de caualo, acada quarto em q entrão çem se-nhores principaeis, & todos comé da sua cozinha, quando caualga acompanha ho gente sem conto, assi de pé como de caua-lo, & vāo diante dele porteyros cō varas vermelhas, & outros officiacis que fazem apartar a gente. A causada vinda de sterey á India foy segūdo scube dalgūs Portu-gueses que esteuerão no seu arrayal, ser desbaratado do Xequie Ismael, de que es capou com sete mil de caualo, & vendo sedesbaratado, de corrido nā quis tornar a seu Reyno, sem fazer algūa coufa com que emendas se aqla quebra, & determiná do de conquistar ho Reyno de Deli cō marcão do seu, lhe começou d' fazer guer-ra cō ajuda dum jrmão del rey de Deli, a que pertencia ho reyno de dreyto, & a q prometeo se ho conquistasse, porcm nāo ho fez assi despoys de conquistado, & to mouo pera sy. E este a que pertencia ho reyno quando isto vio fugio pera el Rey de Cambaya, a pedirlhe ajuda contra

ho rey

ho rey dos Mogores, que por as nobrezas de que visou nesta conquista cō os soldados, cobrou tamanha fama, q̄ em pouco tempo ajuntou cincoenta mil de caualo. E como també tinha fama de conquistador, estando no reyno de Deli, foy ter cō ele hū sobrinho del Rey de Mandou, aqueixando selhe del rey de Cambaya, q̄ lhe matara seu tio portreyçāo, & lhe caiuara sete filhos & lhe tomara horeyno. Pedindolhe que fizese por bē ou por mal que el rey de Cábaya soltasse os filhos, & lhes tornasse o reyno. Sobre o q̄ el rey dos Mogores mandou hū embaixador a el rey de Cambaya, que por não querer fazer seu rogo ouue de lafio antreles pera fazeré guerra hū ao outro, que logo comecarão per seus capitães. E porq̄ os del rey de Cambaya leuauão ho pior, determinou ele de ir a ela em pessoa, pera o q̄ determinou de fazer paz com ho gouernador Nuno da cunha, porq̄ temeo que lhe tomasse Diu cō toda a fralda do mar em quanto fosse contra el rey dos Mogores. E pera o contétar & prouocar que fizese a paz, lhe deu Baçaym, sobre o q̄ lhe mandou hū embaixador, que se chamaua Coge xacocz.

## CAPIT. LXXXVI.

De como el Rey de Cambaya deu Baçaym a el Rey dom Ioam de Portugal.

**P**Artido este embaixador que digo, chegou a Goa, onde deu sua embai xada ao gouernador, cuja cōcrusam foy que el rey de Cábaya lhe dava Baçaym com todas suas ilhas, & hū legoa polo sertão, que rendia tudo cincoéta mil pardaos douro, & que fizese paz coele. E co

moho gouernador sabia certo ho fim pe ra que el rey de Cábaya queria a paz, & quāta necessidade tinha dela, nā a quis cō ceder, sem el rey de Cambaya a fora o q̄ dava consintir que as naos dos moutos q̄ hiaõ a Diu fossem a Baçaym, & hipaga rião pera el Rey de Portugal os dereytos que pagauão em Diu, que serião bē ou tros cincoenta mil pardaos de ouro, & mais que lhe auia de dar todos os Portugueses catiuos que tinha, o que el rey de Cambaya concédeo, porque era sua ten ção vencer el rey dos Mogores, & despo ys os Portugueses, & tomarlhes a India. E outorgado por ele este contrato, foy se ho gouernador a Baçaym com húa grā de armada: & lá se ajútou coele Martim afonso de soufa, & lhe leuou ho embaixa dor del rey de Cambaya assinado por ele ho contrato que antreles foy feyto. E ho embaixador lhe entregou Baçaim com suas ilhas, & húa legoa pelo sertão, & en tregue mandou o gouernador fazer húa casa forte por não poder fazer logo fortaleza, & esta serueria de feitoria, & fez fey tor a hum Gaspar paez, & dey xandolhe algūa gente se tornou a Goa onde inuer nou, & primeyro despachou ho embaixador del rey, cō quem foy Ioão de Santiago lingoa do gouernador q̄ fora mou ro & era Cristão, pera que trouesse os catiuos que el rey auia de dar, que erão Dio go de mezquita, Lopo fernandez pinto, & outros. E el rey porq̄ lhe pareceo q̄ Sá tiago lhe descobriria muitas cousas do gouernador quelhe erão necessárias que soubesse, cometeo que ficasse coele, fazé dolhe merce de vinte mil pardaos douro

& de quarenta mil de renda & q̄ seria seu  
lingoa, do que Santiago foy contente, &  
descobrio a el rey quanto lhe parecio que  
sabia do gouernador & dos Portugueses  
fazendolhe seu poder muyto pouco, & q̄  
facilmente os deytaria fora da India, se  
quisesse, & porislo el rey não quis man-  
dar os catiuos ao gouernador, nem tam  
poco mandar que as naos que auiaõ dir-  
a Diu fossem a Baçaim.

## C A P I T. LXXXVII.

De como indo dom Esteuão sobre el rey Dugentana  
lhe desbaratou húa tranq̄uylra.

**D**Espos da morte de dō Paulo ficou  
el rey Dugentana tão soberbo, que  
mandou logo suas armadas ao estreito  
de Cincapura pera que tomassem os juin-  
gos que per hi fossem a Malaca, & fize-  
sem aos nossos quanto mal podessem, &  
eles ho fazião a si, correndoos por muy-  
tas vezes. O que demoueo mais a dom  
Esteuão pera a destruyçāo del rey de V-  
gentana, que tinha seu assento em húa  
grande cidade sete legoas por hum iio a  
cima, cujo nome he Vgentana, & dele se  
chama a si a cidade: & este rio se mete  
no mar alem do estreyto de Cincapura.  
Edeterminado dom Esteuão de destruir  
este rey, ajuntou sua gente q̄ forá quatro-  
cetos Portugueses: & dey xando a fortale-  
za entregue ao alcaidemôr, se partio pera  
Vgentana em Junho do anno de mil &  
quinhentos & trinta & cinco cō húa ar-  
mada de duas fustas ele em húa, Manuel  
da gama em outra, & sete lanchas, de q̄  
erão capitães, Simão sodré, dom Fracisco  
de lima, Antonio d'abreu, dō Cristouáda

gama, Anrique mendez de vasconcelos,  
Pero barriga, Antonio grádio, & húa ca-  
rauela red ōda, de q̄ foy capitão, húa Fernā  
gomez natural Dalcouchete, q̄ forá scri-  
uão da feytoria de Malaca, & húa nao ca-  
pitão hum Diogo botelho, & assi algūias  
manchuas, & balões pera scruiçodesta fro-  
ta, & partido coela chegou a foz do rio  
Dugentana, por onde entrou, & despoys  
de nauegar por elctres legoas por ser bay-  
xo não pode a nao passar mais auante, &  
porislo a dey xou ali, & pa q̄ guardasse o  
rio que não scorre se a armada del Rey  
que andaua de fora. E partido dali, a cbra  
de mea legoa achou húa pouoaçā q̄ se des-  
pouou com medo dcl, que cō tudo to-  
mará ali lingua, por quem scube quedali  
pera riba não erao rio de mais largura que  
dum tiro de pedra & de muyto grande  
corrente, & todo cuberto despesso aruore  
do que encobia ho sol, & que dali a duas  
legoas mādara el rey fazer húa tranq̄yra,  
porque os Portugueses tueu essem maȳ q̄  
fazer em chegar a Vgentana, & peralhe  
to herem dali ho caminho, perque ficaua  
muito estreyto. E sabido isto por dō Este-  
uão, mandeu Pero barriga, Jorge da lu-  
réga, & Bernaldim cordeyro, em senhos  
balões a descobrir ho rio, & saber se era  
assi ho que ho lingua dizia, & que lhe tor-  
nassem cō recado porq̄ ali os esperaria. E  
eles forão & achara a tranq̄yra feyta a o pé  
dū outeyro q̄ fazia húa cota uelorio, &  
cō a tranq̄ira ficaua tão estreita q̄ não po-  
dia passar ninguem q̄ os inimigos q̄ nela  
estauão os nam matassem á frechadas,  
& tinhão cortadas muytas aruores so-  
breorio & atadas com rota de Bengala,

pera q̄ se dō Esteuão passasse as deixasse cayr & lhe çarrassem ho caminho, q̄ não se podesse tornar. E ver isto lhes custou muyto perigo de os mataré cō frechadas & visto tornarão a dō Esteuão & lho cō tarão, & q̄ segundo seu parecer ele não podia passar sem desbaratar aq̄la tranq̄ira, & q̄ ho faria portar pouca gente. E ditto isto per dō Esteuão aos outros capitães & pessoas principais da frota, assentouse por todos q̄ tomasse a tranqueira, & h̄u pedaço primeiro q̄ chegasssem a ela fairia Pero barrigá & Antonio grandio com a sua gente em terra pera daré por ela natrā queira, & ele com os da armada daria por mar. E porq̄ ho mato era muyto basto & dō Esteuão se temeo q̄ pola estreiteza do rio os imigos se escondessem ante ho ar uoredo & lhe frechasssem a gente, mādou fazer baileus nas fustas & nas lanchas pera iré debaixo espingardeiros, & tiraré dali se acótecesse o q̄ receaua. E passados douis dias que se nisto deteue, tornou a sua viagē caminho da tranqueira, & h̄u pedaço dela desembarcarão Pero barriga & Antonio grandio com a gente de suas lá charas, que ferião ate sessenta homēs, ou pouco menos, & tirarão pera a tráqueira indo a vista da armada, & chegarão primeiro que os do már. E por lhes parecer q̄ seria perigo não cometer os imigos, os cometerão assi como hião auiadados, desfechá do os espingardeiros q̄ hião diáte. E os imigos se defenderão h̄u pouco, mas yendo chegar a armada pareceolhes q̄ os queria tomar no meyo, & sem se deter muyto na defensa fugirão, ficando mortos tres dos principays, & os outros se acolherão à

fortaleza onde el rey estaua, a quē cōtará seu desbarato, engrandecēdo muyto ho poder de dō Esteuão & seu esforço, por encobrirem ho medo q̄ leuauá: Pelo que os q̄ estauão com el rey teuerão també al gū de serem desbaratados, & receauão a chegada dos nossos.

C A P I T . LXXXVIII.  
De como dom Esteuão chegou à fortaleza dos imigos,

**D**Esbaratada a tráqueira sem os Portugueses receberé nenhū dāno, como chegou dom Esteuão tornarāse a embarcar Pero barriga & Antonio grandio com sua géte, porq̄ posto quedó Esteuão quisera que forão sempre por terra ate a fortaleza pera tolher aos imigos se os ouvesse que lhe não tirasssem dantre ho aru redó, não podiāo por a terra ser apaulada pola mayor parte dābas as partes do rio, & ser sa pal por onde se não podia andar: & por isso os imigos não podiāo chegar ás bordas do rio, que se isso não fora eles chegarão, & somēte delas ás pedradas & frechadas segundo ho rio era estreito & eles muytos, poderão defender a passagē a dom Esteuão: & també por ho rio fazer muitas voltas & cotouelos lhes estorouou láçaré balsas de fogo pera queimar a nosſa frota, porq̄ se auia de deter nestes cotouelos E posto que a terra era assi apaulada onde auia lugar pera isso ainda q̄ estreito desembarcarão Antonio grandio & Pero barriga cō sua gente & hião a vista da frota, depois q̄ partiodes de la primeira tráqueira caminho da fortaleza: onde estaua La queximena capitão mór del rey q̄ teria cō sigo bē seys mil homēs os mais deles frechiros, & dos outros algūs espingardeiros

& em q̄ el rey tinha todo seu efforço, & a fora isto estaua muyto forte cō húa tranqueira q̄ atrauessa a ho rio, & era de duas faces entulhada de grádes madeiros & pedras: & é cada cabo húa cobelo do mesmo, & no meio húa porta q̄ se fechaua e abria pera sairé suas armadas. E nessa tráqueira auia muyta artelharia, & dela pa húa chapa da terra de húa das bádas do rio se estendia húa fortaleza de madeira muito forte em q̄ estaua recolhido Laqueximena cō sua géte. E el rey estaua em húa pouoaçā dali a húa legoa, & por ele estar tão fortalecido lhe pareceo q̄ estaua seguro de ser entrado. Chegado dō Esteuão a esta fortaleza surgiu cō a frotadetras dū cotouelo que a emparaua da fortaleza, de q̄ ficou a tiro despingarda, q̄ era a largura do cotouelo. E logo é chegado Pero barriga & Antonio grandio q̄ chegará por terra lhe mandarão dizer q̄ deuia seguir a vitoria q̄ trazia da tranqueira, & cō ho fauor dela desbarataria logo os imigos. E dō Esteuão não quis por nā jr apercebido pera isto, & por ser tarde & a géte jr casada de leuar á toa os nauios. E assi ficou ho cōbate pa outro dia. E porq̄ de noite os imigos não lançassem fogo de terra na frota, ficarão Antonio grandio & Pero barriga cō sua géte da parte onde estauão, & da outra desembarcou Anrique mēdez de vascócelos cō os seus, pera q̄ a frota lhes ficasse no meyo & hús & outros a goardassé. E laq̄ximena q̄ sintio q̄ os nosios erão chegados forteceose ainda mais do q̄ estaua, & mandou meter muytos estrepes de pao ferro muyto grossos por derredor da fortaleza. E esta noite cōcertou dō Esteuão como se

auia de cometer os imigos: & foy q̄ dō Christouá da gama seu irmão fosse na carauela de Fernāgo mez abalroar a tráqueira, & jrião coele Simão sodre, Manuel da gama & outros ate cinco e cota homens fidalgos. E q̄ a carauela fosse cercada darrudas por lhe nā fazer nojo a arte haria. E logo ao outro dia lhas fizerão muyto fortes aruores inteiras q̄ cortará pa isto. Isto feito húa dia pelamenhaá abalou a carauela q̄ leuaua muy grande peso por amor das arrobadas, & por isto não podia jr senão ás toas, & estas auia dir atar em aruores húa Luys de braga q̄ fora escrivão da feitoria, & despois datadas nas aruores se auia da lar por elas osda carauela ao cabrestante, porq̄ nā auia força de remos q̄ a fizese surdir segundo seu peso, & a grande corréte dagoa: & mais indo a remos não se podia leuar por amor da artelharia dos imigos q̄ estaua certo pescar as manchus ou baloesa q̄ fosse atoada como descobrisse ho cotouelo q̄ ficasse avista da tráqueira. E indo húa só manchus atoada desta maneira hia ao longo de terra, & despois emparar sehia cō a mesma carauela cm quanto se a lassse polo cabestrante. E porq̄ nisto auia de auer vagar ficou dō Esteuão cō o resto da armada detras do cotouelo ate a carauela afferrar cō a tráqueira, de q̄ tanto q̄ se lhe a carauela descobrio começao de chouer pelouros cō tanta furia q̄ parecia q̄ fundia ho mundo, quanto mais a carauela, a q̄ as arróbadas aproueitarão muyto pa os que hiā dêtro não seré todos feitos e pedaços. Porem Fernāgo mez foy ferido dū pelouro em húa braço, de q̄ despois morreio. E da carauela també jugauão coesa arte-

lharia q̄ seuauão, & tudo era cuberto de fumo, & como o río era sóbrio por amor da espessura do aruoredos, q̄ si q̄ ficou todo escuro, & nisto passou Luis de braga muj gráde perigo em yr a toar os cabos ás ruas por onde se auiia dalar a carauela. E a vêdo os negros q̄ remauão medo das borbardadas & frechadas q̄ tiraria da tranq̄yra não querião remar, pelo q̄ conueo a Luis de braga arrácar da espada, & ameaça los coela q̄ os mataria sená remassé, & cō isto remarã sem eles nē ele serem feridos; o q̄ pareceo milagre: & assi soy ate q̄ anoitceceo q̄ a carauela ficou a meo tiro de pedra da tranq̄yra & alisurgio cō determinaçā de aq̄la no yte jraferrar a tráqueira;

## C A P I T. LXXXIX.

De como dō Esteuão desbaratou el rey Dugentana.

**S**erá a carauela, vio Luis de braga na boca do canal jūto da tranq̄yra onde a carauela podia chegar hū jūgo alagado q̄ os imigos alagarão receando de ser o q̄ vião, & ficaua a agoa tā baixa q̄ nā podia passar hūa manchua por cima do jūgo, & sabido isto pordō Christouão dey xouſe estarate vero q̄ dō Esteuão determinaua, a quēlogo mandou dizer o q̄ passaua, ele lhe mādou dizer q̄ se tornasse, & alsio fez E vêdo dō Esteuão q̄ uā podia cōbater a fortaleza por mār determinou de o fazer por terra & nā se yr sem a tomar: & paſa bet sua disposiçāo, & onde poderia assentar a artelharia mādou a Francisco bocarro de Lisboa q̄ tinha a feytoria de Malaca q̄ se passasse da bāda dalem dorio, & visse a disposiçāo da terra dizendo lhe paq̄: & soy coele hū espígardeiro, & indo em pés, & é māos por nāo ser visto se pos em

cima dū outeirinho q̄ se horeaua a sorta leza, q̄ n̄ iba assentada de maneira q̄ estādo hū camelo dōde ele estaua cō hum pardal falcoes, nā pareceria n̄igüé na fortaleza q̄ nāo fosse pescado, & alsio disse a dō Este, uão, & q̄ só aq̄la estacia abastaria pa fazer despejar a fortaleza aos imigos. E ouuin dō lho Manuel da gama lhe disse, q̄ nāo fizesse aquilo tâchão, q̄ mais auiia q̄ fazer do que dizia, & ele disse q̄ pois ele q̄ o fizer o dīz q̄ ainda era muyto menos, & pa isso fossem lá dō Esteuão, & ele, & verião se era assi, & entāo forá todos tres & coeles dō Cristouão, Antonio d. abreu & Antiquēmedez, & por o mato ser muyto basto os nāo virão da fortaleza. E vêdo q̄ era assi como Fráscico bocarro dizia, na noyte seguente mandou dō Esteuão fazer ali hūa estancia cō hū camelo, & dous falcoes, & deu a guarda d. Ia a Antiquēmedez de vascócelos, cō a gente da sua lanchara; & Antonio grádio estaua é outra d. meia parte em q̄ estaua a fortaleza. E é ame n̄hecedo começou jugar a artelharia q̄ fazia muyto nojo a os imigos, & eles aos nossos nenhū posto q̄ a sua nūcā deixaua de tirar. E durou este cōbate q̄ si oyto dias, é q̄ os nossos matarādos imigos muitos & eles algūs dos nossos, & nisto faltou a poluora, porque dō Esteuão nāo determinaua de dar tātos dias cōbate, que cuydou q̄ em hū se acabasse aq̄le feyto, & tâbel lhe começou da doecer a gente por a terra ser muyto doentia, & por faltaré os mātimētos, pelo q̄ dō Esteuão da gastado pos é cō selho se se tornaria pois nāo fazia nada & podia pder muito, & muitos forá de parcer q̄ se tornassé, & Perobarriga cō algūs disse

disse q̄ ele não auia medo aos inimigos para se tornar, mas q̄ auia medo à noſſa frota q̄ tinhā pa andar fete legoas per húrio muyto estreyto & de grande corrente, q̄ seria cauſa de darem hūs nauios pelos ou-  
tros & desbaratarſe per ſi, quemāo ſe de-  
uião yr dali ſem cometer a forteza, &  
cometendoa poderia fer que Deos os aju-  
daria, & quando não, ſe os inimigos os viſ-  
sem tornar teriāo rezá de dizer, vāoſe dei-  
xalos yr. E como dō Esteuão & todos ti-  
nhão a Pero barriga por muyto bō caua-  
leyro, & que fizera diſſo muy boa expe-  
riēcia em Africa, & q̄ ſabia bē da guerra,  
abaluouſoſ muyto este ſeu parecer, & ou-  
uer ino por bō, porē não ſe determinarão  
no q̄ farião & ſicou aſſi, & cada hū ſe tor-  
nou a ſeu lu gar, & ſe forá a jentar q̄ era pe-  
la menhaá. O q̄ parece q̄ quis noſſo ſñor  
pera mais ſeu louuor & gloria: porq̄ def-  
poys deſte conſelhō, chegoa à forteza  
Tuão maſame de capitão mōrdo mār del  
rey Dugétana, da coſta de Pão onde ada-  
ua darmada, & el rey o mādara chamar  
pa ajudar cō ſua géte a Laqueximena cō  
tra os noſſos & deixou a frota no mar, &  
ſoy ſe por terra cō ſua géte à forteza, &  
chegoa o dia em q̄ ſoy eſte conſelhō, & co-  
mo ya de refreſco quis logo ſayr aos noſſos,  
& deu aq̄la tarde rebate naſ eſtancias  
Dátonio grādio, & de Pero barriga cō bē  
mil homēs, & eles q̄ não deſejauão mays  
q̄ pelejar coeles receberãohos cō muito eſ-  
forço, & pelejará cō grāde ouſadia. E tan-  
to q̄ a grita ſoy ouuida na frota, mādou  
dom Esteuão os maſ que pode q̄ foſſem  
acodir, & a artelharia começoſ logo de ju-  
gar, & ſoy hoarroido tamāho q̄ parecia

deſtruirſe o mūdo. E como os inimigos viſ-  
sem quā bē ſe os da eſtancia deſendia, &  
q̄ ſocco rião os da armada, & ouuirão as  
bombaradas, cuydarão q̄ erão tomados  
no meo, & deſmayarão de modo q̄ ſe ou-  
uerão de pder ſe não teuerão tāptio a co-  
lheyta, onde ſe acolherão ſem fazer dano  
aos Portugueses, recebendo deles muyto,  
& forão os matado até a forteza. E vē-  
do Laq̄ximena quā facilmente Tuão ma-  
ſame de, q̄ ya de refreſco ſora deſbaratado,  
& a bateria q̄ ſe dāua de cōtino à forteza,  
& ſobretudo parecerlhe q̄ determina-  
uão de a tomar ouue tamāho medo, &  
aſſi os q̄ eſtauão coeles, & també Tuão ma-  
ſame de pelo q̄ tinhā eſpremetado, q̄ aq̄la  
noyte deſpejara o forteza de todo, & ſe  
forão caminho da pouoação em q̄ el rey  
eſtaua, que tābē deſpejou a pouoação cō  
quantoſ eſtauão nela & fujo cō medo.

## C A P I T . X C .

Do q̄ fez dō Esteuão de pois q̄ deſbaratou el Rey Du-  
gentana.

**D**Espejada a forteza, q̄ndo veo ao  
q̄rto dāua, q̄ era dō Pero barriga nā  
ouuido na forteza o q̄ dātes ouuiā p bra-  
darē & falarē os inimigos q̄ ſe vigiauā, & tā-  
ger os ſeus ſinos, & cantar galos. E pare-  
cendolhe muyto ſoſſego, ſayoſe fora da  
eſtacia cō algūis homēs do quarto, & che-  
gouſe à forteza, & não ouuindo nada  
che gouſetão perto q̄ claramēte vio q̄ eſta-  
ua deſpejada, oq̄ logo mādou dizer a dō  
Esteuão q̄ como amanheceo deſembar-  
cou com ſua gente, & entrou dentro na  
fortazea em que não ouue que roubar.  
E el a deſfeyta de todo, & recolhida a arte  
lharia q̄ hificou, ſoy ſecō toda a frota pelo  
rio acima à pouoação delrey q̄ tambem

I iij achou

achou despejada, & queymouha toda, & muitas lâcharas q estauão começadas, & tomou outras q estauão acabadas, & assi algúscaluzes. Isto feyto seguiu pelo rio acima bê húa legoa alé da pouoaçáo pera ver q auia nele: & achou muitas lâcharas & calaluzes q estauá varados no matô no q gastou tres dias. E feyto isto setornou, & quâdo se sayo do rio, porq acorrête ná atraue fasse os nauios, hião se atoádo as ar uores, pelo modo que se atoaua a carauela quâdo foy pera aferrar a tranqyra: & say do fora do rio tornouse a Malaca óde foy recebido cõ muito gráde festa da géte da terra, porq ouue tamanha vitoria dû Rey q estaua tão poderoso, & fazia tanto dano a Malaca, & decada vez lho ouuera de fa zer mais, & das lâcharas, & calaluzes & artelharia que dô Esteuão ouue dos ímigos fez húa gráde armada de q tinha mui ta necessidade.

## C A P I T . X C I .

De como Francisco de barros de payua & Anriq mēdez de vascócelos pelejarão cõ húa armada de Iaos.

**C**Hegado dô Esteuão Dugétana má dou Anriq mēdez de vasconcelos a Patane assi pa trazer Frásciscode barros de payua q la estaua, como pa dar ordé que fosse dahi húa júgo à China que lá mādua a prouar se q reriá ter trato, como teuerão em tépo passado, & foy Anriq mēdez em húa nauiodos nossos: & chegado a Patane achou Frásciscode barros viuo & os q ficarão coele, & despachado o júgo pa a China deu ordé como Francisco de barros se ébarcasse em outro da terra cõ os de sua cõpanhia pera setornaré a Malaca. E despachádose Frásciscode barros teuerão noua de húa armada de cossayros Iaos, de

q era capitão mōr húa mouroro Iao cha mado Ericatí, & trazia vinte q tro calaluzes, dúsq téduas ordés de remos hús de pá gayo outros de galé, & sá tamanhos q traz cada húa qé homés de peleja, & assi trazião estes, & muyta artelharia, & mui tos arteficios de fogo. E sabédo Anriq mēdez & Francisco de barros q esta armada vinha pa Patane, fizerão se á vela cõ traqutes, & mezenas pa yré receber a armada ao mār, & em sayndoda enseada surgio Francisco de barros na costa por ter ainda géte em terra & mais a vela gráde. E Anriquemendez foy na volta do mār a des cobrir os ímigos, & descubertos virou pera onde ficaua Frásciscode barros, & sur gio por ho vento ser calma, & os ímigos se forão chegádo aremo pa ele: & seria as tresoras despois de meo dia, Eriacatí repar tio os calaluzes desta maneyra: Mādou a sete que se fossem cometer Francisco de barros, & elecõ osoutros a Anriq mēdez & porq o não pode aferrar á sua vontade, por Anriq mēdez trazer o seu batel atra cado da banda dabraluento, mādoulhe cortar ho cabo por húa calaluz, & os q ho yão fazer como sabião q auia dachar con tradiçá apceberão se parela, fazédo húa te to das suas rodelas por cima do calaluz cõ q por mais pedradas q lhederá & outros arremessos cõ q lhetirará, ná dey xará de trarno batel, & cortarlhe o cabo & leiará no. E leuado abolrouou Eriacatí ho nauio com outros capitães, & Anriquemendez acodio logo cõ os seus, cõ muytas pane las de poluora & muytas espingardadas: & durou a peleja húa pedaço em q muy tos dos ímigos forão mortos. Ensta pe leja

leja foy Anrique médez ferido na barba de húa frechada de zarauatana, & por ser peçonhenta ficou ele desacordado, & os feus ho meterá por morto em húa cama-  
ra. E com tudo se defenderão també que  
nunca os imigos os poderão entrar por a  
quela parte, antes os fizerá a fastar. E que-  
rédo outros abalroar por outra, como ja  
fazia vento, derão ás velas, & foráse na  
uoltado mār. E não os podendo os imi-  
gos seguir, foráse todos a Fráscico de bar-  
ros, que pelo q lhe ficaua em terra se dei-  
xou estar surto, não tendo consigo mays  
quedezaseys Portugueses, & perisso os  
imigos ho aferraráo logo, & ele se defen-  
deo que ho não entra seni cō muytos ar-  
tificios de fogo quelhes deitou. Eneste cō-  
bate lhe matarão tres homés, & lhe toma-  
ráo tres paraos de seruço que tinha a bor-  
do, & fugirá lhe doze marinheyros da  
terra. E vendo Eriacatim que achaua ma-  
yor defensa do que cuydou, ja sebre per-  
fia fez quatro fleyras dos seus calaluzes,  
& cada húa hia abalroar ho jungs, & pe-  
lejava tanto ate que cançaua, & todos ho  
abalroarão muitas vezes. E també se de-  
fendeo que nunca ho entraráo, posto que  
lhe matarão & ferirão quasi todos, & ele  
foy ferido em húa perna de húa frechada  
peçonheta, & ahū Bastião nunez da vidi-  
gueira derão quatro bóbardadas em húa  
rodela q tinha embraçada, sem lhe fazer  
nenhū mal. E durou a peleja ate as onze  
horas da noite, q era muy clara polo gran-  
de lúar q fazia. E não ficando viu os né pe-  
ra pelejar mays que Fráscico de barros &  
Ioá martinz mestre do nauio, & Bastião  
nunez, aferrou por derradeiro ho jungs

Eriacatim, quentúca ate entaõ ho abalroa-  
ra, & coele foy outro capitão. E como os  
nossos não erão mais que os q digo, co-  
meçarão de subir ao nauio ate doze dos  
imigos, aque acodirão Fráscico de bar-  
ros & os outros dous cō muyto esforço,  
& lançarão sobreles táticas panelas de pol-  
uora q os fizerão saltar ao mār tedos quei-  
mados, de que morrerão os mais. E assi  
húa molher & dous filhos de Eriacatim,  
que trazia cōsigo, q desesperado dentar  
ho jungs se afastou, & não quis mais per-  
fiar, & defora se pos as frechadas & bób-  
ardadas cō sua armada, de q tinha per-  
dida a mayor parte da géte q foy moi-  
nos cometiméto passados, que foy muy-  
to grande milagre de nosso senhor, sendo  
tantos quantos erão não entrare nū caho-  
jugo, ou nā ho quicimaré, segundo a mul-  
tidão d'arteficios que lhe deitarão dentro:  
de que algūs derão cembúa jarra de poluo-  
ra, em q se acédeo ho fog o que queimou  
tres Portugueses, & hū foy Fráscico de  
barros em húa mão, & em húa parte do  
rosto. E a fora isto forão tantas as bóbard-  
adas que lhe derão, que se nosso senhor  
ho não liurara, abastarão pera ho meter  
no fundo, & ho fazeré em pedaços, por  
que ao lume dago alhederão quatro cem  
que ho arróbarão, & acodirão os Portu-  
gueses a taparlhe os róbos, & no masto  
gráde lhe derá cinco, & no do traçtēries  
& na camara de popa lhe meterá. xlvi. pe-  
louros. E estando assi Anriq médez q fi-  
cara desacordado da frechada tornou em  
seu acordo, pregútando se era Fráscico  
de barros tomado: & sabédo q ainda se  
defendia, queixouse muito cō os seus por

que hode semparão, & ho ná ajudarão & mandou que ho fossem ajudar, & quá do forão acharão os ímigos afastados tirá dolhe bombardadas, & rímpérão por an treles tirando com a artelharia, & meterá hum calaluz no fundo, & forão se ajuntar com Francisco de barros, ho que vendo Eriacatim se foy na volta da terra muyto destroçado, & com grande perda.

## C A P I T . X C I I .

De como Francisco de barros & Anrique mendez de vasconcelos se tornarão a Malaca.

**P**artidos os ímigos, disse Francisco de barros a Anriq mēdez como ficara, & q forçado auia dir a terra pola gente q latinha, & amarinhar se, porq sem isso ná poderia yra Malaca, & assi o fez, & Anrique mēdez prosségui o pera Malaca, & tornado Francisco de barros a Patane & tomado o de q tinha necessidade & sua gente, & curados os feridos, partiose pera Malaca, & no caminho topou Patibarrá Iao capitão mōr de hūa armada de costairos de sessenta, & tantas velas grossas, & por yr muyto ao mar lhe escapou, posto que ho seguirão oyto velas, & ná ho podendo alcançar ho dey xarão. E despois disto foy ter coele Anrique mendez, que vinha de Patane onde arribou cō tempo despois de Francisco de barros partido, & assi forão em companhia ate que se apartarão com tépo. E ficando Francisco de barros só, porque leuaua tão pouca gente comodigo, & sabia que aqelas armadas o auia o dir esperar ao estreyto de Cinca pura pera ho tomarem, porq ná tinha outro caminho pera Malaca, foy se a hūa ilha que estaua oyto legoas da costa, & hi-

se dey xou estar ate q lhe pareceo q os imigos serião idos, & ele marcau ho tempo de sua estada polos mantimentos que poderião ter. E parecēdo a Francisco de barros que era tempo, partiose & passou o estreyo sem achar nhū dos ímigos, & foy ter a Malaca onde achou Anrique mēdez que por achar os tempos contrayros gastou tanto tempo que ja os ímigos erão ydos, que se issō ná fora, fora grande milagre escapar lhes.

## C A P I T . X C I I I .

De como muytos gentios q morauão no Morro se tornarão Christãos.

**D**esploys q Tristão datay de capitão da fortaleza de Maluco ficou de possēdela, entendeo em a restaurar por estar muyto daneficada, & a torre da menagem, q do derradeiro sobrado pera cima era de paredes de canas, & mādou ha fazer de touoado & rebocar por dêtro cō cal, & assi mādou fazer a ygreja de pedra & cal. E neste tempolhe chegou hū mes sageyro de hū gentio gouernador de hūa cidadedo Morro chamada Momoya, por quē lhe mādou dizer que se tornaria Christão se lhe prometesse de o liurardos mouros q de cadavez q hia o ali darmada vexauão a ele, & aos outros gentios, tomando lhes o q tinhão, & tratandoos como catiuos. E coeste messegyro hia hum Portugues chamado Gonçalo veloso, per cujo cōselho se qria este regedor tornar Christão. E folgando Tristão datay de muyto coesta noua, por ser tamанho seruiço de Deos como era, porq esta obra tão sancta ouueſſe effeyto, teue este messegeiro com seus cōpanheiros escōdidos ate q se bau-

tizarão, & vestidos muyto bem de trajos Portugueses os despedio cō reposta ao regedor, q̄ se ele se fizesse Christão, alé de o fauorecer, ajudar, & emparar, contra quē quer que o quisesse anajar, lhe faria muytas merces. Pelo que o regedor sabida esta reposta se foy logo pera afortaleza a fazer Christão, õde recebeo agoa de bautismo com gráde festa & solenidade, & foy lhe posto nome dō Iohão de momoya, & as si forão bautizados todos os de sua casa, E quando se foy mandou Tristão dataide coele hum clérigo chamado Symão vaz pera q̄ bautizasie aq̄le pouo, de q̄ ho mais se tornou em pouco tempo a santa fé catholica, & em tanto crecimiento hia esta obra de nosso sñor, que foy necessario má dar Tristão dataide de outro clérigo q̄ auia nome Francisco aluarez, pera ajudar a Simão vaz, & tanto fruto fizerão ambos que os mays dos pagodes daq̄les gentios mudarão em y grejas, em q̄ celebrauão ho oficio diuino. E vendo Tristão dataide de como esta Christindade multiplicaua, mandou la algūs Portugueses que em hú a trá queyra que fizerão estauá em goarda & fauor daq̄les Christãos, pera q̄ os mouros os não vexassem. E fazédo se isto no Morro, chegou ao porto de Ternate hú calaluz em q̄ vinhão húis homés de húas ilhas que se chamão dos Celebes, onde dizem que ha muyto ouro, çera, cascas de tartarugas, & outras mercadorias ricas, & estes costumauão de yr cada anno a Ternate a buscar roupada India & outras couisas q̄ leuauão em retorno de suas mercadorias, & como tinhão este costume despoys que forão no porto de Ternate fizerão mo

stra do que leuauão: em que mostrarao algúas manilhas douro, & logo na noy te seguinte saltarão coeles certos Portugueses em hum batel, & cometerão nos como imigos, ferindo & matando algūs & os outros se saluarão no mar dey xádo ho calaluz q̄te os Portugueses tomarão, & leuarão a Tristão dataide cō todo ho despejo que tinha, que ele tomou, pelo q̄ parece o que aquilo fora feyto por seu má dado, de que el Rey Tabarija & os mouros ficarão muy descontentes, & escandalizados, mas calarâse porq̄ nā podia mays.

## C A P I T. XCIII.

De como Tristão dataide prendeo el rey Tabarija de Ternate, & sua máy, & Pateçarangue.

**N**Este tépo foy mexericado el Rey Tabarija de Ternate cō Tristão dataide de que tratava de ho matar & tomar lhe a fortaleza, & q̄ entrauão nesta consul ta sua máy, & seu marido Pateçarangue regedor do reyno: & Ragabaho justiça mōr. O que sabido por Tristão dataide ho creo por seré mouros. E determinado de os prender deu disso conta a algūs Portugueses seus amigos, com q̄ assentou q̄ pera prender el rey & os outros sem aluorço, fizessem dous dos mesmos Portugueses que pelejauão, pelo que Tristão dataide os mandaria prender, & presos, rogarião a el rey que falasse por eles q̄ os soltasse, ao que ele iria á fortaleza, & indo lá seria preso cō os outros, que também os farião laj com algúia manha, Isto assentado logo se pos em obra. E rogado el rey por parte dos dous Portugueses presos q̄ os fizesse soltar, foyse á fortaleza pera ho rogar a Tristão dataide, que esperado por isto

isso estaua na torre da menagem com a maior parte dos Portugueses da fortaleza, a quem tinha dado cota do caso, & a quem tinha mandado que tanto que ele & el rey se assentassem agasalhados, entre dous hum mouros dos que entrassem co el Rey em que aferrarião como el rey fosse preso, porque não fizessem aluoroço, ou se deytassem da torre abayxo não se poden dodefender. E estando todos praticando chegou a ra ynhá má y del rey, & Pateça rangué seu marido, & Ragabaho q Tristão datayde tinha mandado chamar por hum Jorge de brito, & Lionel de lima fidalgos: & eles como inocentes da culpa q lhe davaõ, forão logo a seu chamado. E tendo os Tristão dataide todos jútos, lhes disse, que tinha sabido, que se querião levantar contra aquela fortaleza, & matar a ele & aos outros Portugueses, & pera lhes dizer isto os mandara chamar pera os prender polo caso ser pera isso, & mandalos ao gouernadorda India pera os castigar como merecessem, do que eles se mostrarião muito espantados, como quem não tinhá culpa, ficando muito seguros, & sem mudança de cór, dizendo logo, q aquilo erão mexericos de pessoas quelhes querião mal, que se posessem coeles e justiça porque mostrarião sua inocéncia, & si fizerão muitas exclamações, dizendo que os prendiaõ sem causa, & lhes rouba uão sua justiça: & com tudo Tristão datayde os mandou prender em ferros, & meter em húis sotáos debaixo na torre da menagé, & isto sem nenhu aluoroço, por que os mouros que hião com el Rey por estarem afferrados não ho poderão fazer

& porq o não ouvesse na cidade, quando se foubesse a prisão delrey, fez Tristão datayde logo rey por conselho do çamaraõ que estaua coele, a hú moço que auia nome Cachil aeyro, filho bastardo del Rey Boley fe & de húa Iaoa q ainda era viua, & ho tinha cõsigo, a cuja casa Lionel de lima foy por ele com outros, & sobre o leuarem deytarão a má y por húa janela fora, sobre o q foy grande aluoroço nacidade. E porque logo se rompeo como el rey & os outros erão presos, muitos fugirão da cidade, principalmente os do conselho del rey, cuydando que tambem os prédessem, & era pera auerpiedade hode satino co que fugião, & como os seguiaõ as mulheres, os filhos, & os criados chorando, & deixando as casas abertas, & como a géte baixa os faya auer gritando de medo, & era a ruolta muy gráde. E hú mouro honrado q auia nome Ouro bachelo, de que faley atras, por ser do conselho se quisera yr disculpar a Tristão datayde, & foy morto á porta da fortaleza, ho q foy causa de ainda os mouros fugirem mais & quasi se despouoar a cidade, porem logo se tornou apouoar tornados os mouros poucos & poucos, por grandes ameaças que lhes obriuo fez ho çamaraõ, dandolhes muito firmes seguros da parte de Tristão datayde, de não receberem mal nos corpos né nas fazédas, & por esta maneira forão assiegados todos os outros lugares da ilha, cujas pessoas principaes forão á fortaleza por rogo de Tristão datayde que lhes deu as causas porq prediera Tabarija & os outros. E o mesmo escreuio aos reys comarcão, & Ságajes

porq ho ná teuessem por tirano & se aluorocasssem. E ainda q lhes pareceo mal o q tinha feyto, ná lhes deu disso, dizendo q era bê empregado nos Ternates todo ho mal que lhes fizesssem os Portugueses, pos yos leuarão a sua terra & lha entregará, & os ajudarão contreles seus parentes, & naturaeis; & mandarão dizer a Tristão da tay de que lhes parecia bê ho que tinha feyto, offrecé dolhes sua ajuda se lhe fosse necessaria, com ho que Tristão datayde ficou cötete & descáçado, & logo leuátou por rey Cachil aeyro, & fez gouernador do reyno ho çamarao, posto q era de bai xo sangue, q era côtra ho costume da terra: & por se segurar meteo el rey na fortaleza donde nunca saya: mas hi era seruido & venerado como rey, & ho seruiá os seus. Nos ofícios q tinha dordenáça, todos Tristão datayde proueode nouo, que cuydando q estaua seguro pera fazer tudo o que quisesse, determinou logodauer pera sy todo ho crauo q ouuesse na terra, pelo preço que estaua assentado na feytoria, q era a mil reaes ho Bahar. E pera isso mandou ho çamarao pregoar sob graues penas, que nenhú mouro nem gentio vêdesse crauo se não a Tristão datayde & aos Portugueses q ele ordenasse pera o cõpratem. E o mesmo mandarão pregoar a seu requerimento os reys de Tidore & de Geylolo, & ho de Bachão, que també foy requerido pera isso, mas ná quis. E pa se auerto todo este crauo, & ná o escaparne nhú, pos Tristão datayde nos lugares em que ho auia criados seus, & outros homés de que cõfiaua, & estes a fora artecadaré ho crauo, tiranizauão a terra com crueza

demasiada, tomando a seus donos quáto lhes vinha á vontade, & as mulheres & filhas, & seruindose deles em tudo como desrauos, sem Tristão datayde querer acodir a isso, & cõselhando lhe algúis que ho fizesse por ná se leuantar a terra, zombaua disso. E toda esta diligencia dauer o crauo, era causa de ho seu preço a leuantar de cada vez mais, & chegou a valer ho Bahar a cincuenta & a sessenta cruzados, porq como os Portugueses tinham muita fazéda q empregar, & vião ho caminho q a terra leuaua pera se leuatar, q trião todos empregala, & todos comprauão crauo, & os mouros como se auenturauão a grandes penas se Tristão datayde ho soubesse, ná o querião dar menos do preço q digo, & outros ho dauão por armas, & pola necessidade q os Portugueses tinham ná dey xatão de ho comprar.

## C A P I T. XC V.

De como Tristão datayde fez guerra a el rey de Bachão

**N**este tépo fez Tristão datayde guerra a el rey de Bachão, por se vingar dele de lhe ná querer dey xar fazer crauo em sua terra: & por ná yr a fortaleza de poisa prisão del rey Tabarija, como q se qria leuatar côtra ela. E como ele sabia bê da guerra, a primeyra couisa q fez, fo y má dar tomar lingoa a Bachão pera saber ho que el rey determinaua, & a isto forão hú Antonio pereyra, Jorge goterrez, & outro. E como os Bachões ná se temiaio por estarem de paz com os Portugueses, facilmente estes capitães tomarão algúis, do q se el rey espantou muito, por ser ho máysantigo amigo, & mais leal que os capitães de Ternate teuerão sempre naquela terra,

terra, & cõ mais deligencia acodio sempre a fortaleza em suas necessidades: & posto q̄ Tristão data yde soube dos Bachões que el Rey estaua muyto assesgado na paz & amizade que tinha coele, taudia proseguiu a guerra contrele, mandando h̄uia armada que lha fizesse afogo & a sangue. A cujos capitães el rey fez grandes requerimentos da parte del Rey de Portugal que lha não fizessem poiserá a amigo del Rey de Portugal & tinha paz coele, & nã queria guerra nem fizerá por quelha fizessem, & cõ tudo nã o quiserão se nã o fazerla, no que nã o fizerão mays que perderé algúia gente que lhe os Bachões matarão & ferirão, & sem fazerem mays se tornarão a Tristão data yde, quemando aquilo por injuria determinou de se vingar, & yr em pessoa, & leuar em sua ajuda os reys de Ternate, & de Tidore, & partiose cõ h̄uia grossa armada, de q̄ forão capitães a fora ele, Diogo sardinha capitão mór do mār, Baltesar vogado Antonio pereyra, Francisco pirez, Baltesar veloso, Lisuarte caeyro, Fernão anriquez, Antonio de teyue, Jorge goterrez, & outros, & assi os reys que digo, & seus gouernadores & Sangajes. E chegado á boca do rio de Bachão, soube q̄ os mouros ho tinhão atupido, com ho muito & muy basto aruoreda que tem de cada parte que ferráro, & deytarão nele. E sabendo Tristão data yde que nã podia yr por terra por ser alagadiça, determinou de yr polo rio & desatupilo, & assi ho fez, leuado nos bateis & chāpanas, molinetes carreteis com que tirauão os troncos grossos do aruoreda, & os mays delgados corta-

uão cõ machados, o que fazião cõ muito grande trabalho. E sabédo el rey de Bachão como Tristão data yde desatupia ho rio & se hia chegado á cidade, mādcu gente que per antre o mato tiraſe frechadas, & arremessos aos Portugueses, & os estoruas se de desatupirem ho rio, ao q̄ Tristão data yde atalhou, mādcando Diogo sardinha capitão mór do mār cõ outros capitães q̄ fossem ao longo de terra cõ os elpingardeiros & varejafem a gente q̄ impedia o desatupir do rio, & assi foy feyto. O que vendo el rey, mandou deytar ho rio por outra parte por onde ya antigamente, & como tinha muyta gente logo foy feito, & começando a agoa de vingar, ficou a frota de Tristão data yde em leco, & sofpeytando ele o que pedia ser, mandou gente a yr se era assi, & achando q̄ sy, derão nos q̄ trabalhauão no rio, & fizerão nos fugir, & despois atopirão a madre q̄ tinhão feyta ao rio, & fizerão no tornar por ondecorria. E desesperado el rey de poder es capar a Tristão data yde, despejou a cidade & acolheose com a gente polo sertão da ilha, de modo q̄ quando Tristão data yde chegou aela, nem achou gente cõ que pellejar, nem fazéda q̄ roubar, o q̄ vendo os Portugueses lhe poserão o fogo, & a q̄ymarão & destruyão de todo, cõ grande parteda terra ao derredor, & quebrarão as sepulturas dos reys q̄ aliestauā sepultados, & leuarão as ossadas, parecendolhes que despoys lhas resgataria el rey: E despois disto, quiseta Tristão data yde entrar pola ilha & destruyla, mas nã pode, por ser terra alagadiça: & vendo que nã podia fazer nada se tornou pera a fortaleza

cō os reys dey xādo Diogo sardinha cō a  
maior paited a armada paq fizesse guer-  
ra guerreada a el rey de Bacháo, & tigou  
coele Pategarangue cō a armada de Ter-  
nate. E ydo Tristão data yde el rey come-  
te o paiz a Diogo sardinha & q daria duze  
tos Bahares de crauo, do q Tristão data ide  
foy e oarente, & despois disso mādou hū  
nauio a banda a fazer fazeda, de q foy por  
capitão hū Ioão de canha pinto.

## C A P I T . X C V I .

D: como el rey de Cambaya foy buscar el rey dos  
Mogores.

**D** Espoys que çoltão badur Rey de  
Cambaya fez paz cō ho gouernador, determinou de yrpelejar com el rey  
dos Mogores, q lhe entraua a terra, como  
dilxe, & qrendo partir soube q se lhe rebe-  
lara a raynha dum reyno por hum seu fi-  
lho que era sen vassallo, quedeterminan-  
do de sugigar esta raynha primeiro que  
foisse contra el rey dos Mogores, partiu  
logo da cidadedo Mandou onde estaua  
& leuou hum exercito em que entraua  
cento, & cincuenta mil homés de caualo,  
em que aueria trinta mil acubertados, &  
de bōscualos, & os outros erão bōs &  
māos, & quinhéto mil homés de pē, em  
que entraua quinze mil estrágeyros Far-  
taquis, Abexins, & trezetas Rumes, que  
leuaua Rumecão, & cincuenta Portugue-  
ses, quinze Christaos catiuos, que el rey  
soltou pera ho ajudarem nesta guerra, &  
lhes mandou dar armas & pagar soldo, &  
os outros arrenegados, & trinta France-  
ses que forao ter a Duy na nao Dōbrig as:  
leuaua mil peças d'artelharia & carretadas,  
em que entraua quattro basaliscos, jrmāos

do q Nujo da cunha mādou a Portugal,  
& tudo de metal, é carretas de quattro ro-  
das, & cada carreta era leuada por duzen-  
tos boys, os bois das carretas das outras pe-  
ças erão segūdo elas demandauā, & muy  
tos bombardeyros & fundidores. E pera  
esta artelharia hia quinhétas carretas car-  
regadas de poluora & de pclouros: leuaua  
oyto centos Alifantes & casteles de ma-  
deyra, & de muytos deles jugauão dous  
berços, & nos outros hia quattro elpin-  
gardeyros. Pera as despesas deste campo  
leuou quinhentos cofres grādes de cobre  
cheos de dinheyro douro & de prata, &  
cadahū hia em húa carreta. A fora outro  
muyto dinheyro que leuaua o todos os se-  
nhores q hia com el rey, assi mouros co-  
mo gentios, de q algūs tinham sete cétois  
mil cruzados de renda, & outros quinhé-  
tos, quattrocentos, trezentos, duzentos, &  
cento, & cada hum leuaua seu tesouro: &  
hia nesse campo tres mil mercadores, q  
ho maispobre não decia de vinte mil cru-  
zados, & muytos de trezentos, & duzen-  
tos mil. Partido el rey, seguiu seu cami-  
nhopera o reyno de Sangá, & foy sobre  
a principal cidadede dele, q se chama Chi-  
tor, q na lingoa da terra quer dizer som-  
breiro do mūdo, & assi ho heela, & alé de  
ser a maishobre & rica q pode ser no mū-  
do, não lhe falta grandeza & fortaleza: se-  
ra detres legoas d'roda, situada sobre húa  
muyto alta serra, cercada de fortes muros  
& baluartes da nossa maneira, em q auia  
muy suntuosos edificios, assidos seu pa-  
godes como dos homés que tinham os mais  
as paredes forradadas de taioado dourado,  
& as que não erão douradas erão bran-  
quea

queadas cõ húbetume alio, & rijo q parecia vidro. Nestacidade estaua a raynha de stereyno, q auia nome Creméti, mulher viuua & ainda de boa jdade, & muyto fermosa, & tão esforçada q pelejava como homé, & tinha cõsigo dous mil de caualo & trinta mil de pé. Chegado elrey de Cá baya a esta cidade cercou da serra quato ocupaua dela a cidade, & do pé da serra começo logo de miádar fazer dous mayneis de pedra & barro pera chegarem aíma ao muro da cidade, & cada hú por dêtro de largura de cincoéta pés cubertos de vigas muyto jutas, porq as pedras q os imigos lançauão de cima não fizessem nojo aos que andauão dentro fazédo húis de graos pera a géte sobir por ali a cidade, & mandou pregoar que a todo homé q lhe leuasse húa pedra dos muros da cidade da ria hum madrafaxao, que pola noissá moeda val tres cruzados, pera o q tinha diante de si costres cheos deles, & coesta diligencia, & cõ a que se pos nos mayneis forão acabadas em hú mes & feyto sobre cada húa húa baluarte que ficauão tão perto dos muros da cidade que deytauão dêtro panelas de poluora, foy a cidade entrada principalmente pola valézia dos Portugueses, que el rey sempre mandaua poer nos lugares de mayor perigo, por oster por manyousados q nhúis das outras nações, & as si forão eles os primeyros que entrarão a cidade. Cujos moradores fizerá húa nota uel façanha, que foy queymarense todos (em se entrando a cidade) assi molheres como homéis que não poderão morrer na batalha, & assi suas fazendas quetinhão prestes pera isso, & soubese despois q fo-

rão setenta mil pessoas & ho fogo durou tres dias sem se poder apagar. E a raynha fugio logo com seus filhos & com hum senhor seu vassallo que tinha por amigo. E tomada a cidade el rey de Cambaya ficou tão ledo como se fora senhor do mundo, & dizia que dali por diante nhú rey da India auia de trazer sombreyro se não ele, & fez muyto grandes merces aos do seu campo dobrando as rendas aos senhores, & ho soldo aos soldados.

C A P I T. XCVII.  
De como el rey de Cambaya sem pelejar foy desbaratado, por el rey dos Mogores.

E L Rey dos Mogores despois q dterminou de pelejar com el rey de Cá baya, partio de suas terras com duzentos mil de caualo, os cincoenta mil acubertos, & estes erão Mogores, os outros de caualos ligeiros, Tartaros, Tarquimáes, Corações, & Delis, & cada húa destes acubertos leuaua húa moço de tras desy cõ húa zaguncho, & al forge cõ mantiméto, & a gente de pé era sem conto, em q auia dez mil espingardeiros, & assi hião neste campo muitas molheres solteyras todas a caualo & com arcos & frechas com que tirauão, & leuaua mil peças d'artelharia, & coeste campo se foy caminho da cidade de Mandou onde cuydou que achasse el rey de Cambaya. E chegado a ela que soube que não estaua hi não a quis combater. E sabendo que estaua sobre Chitor fez para la seu caminho, donde lhe mandou dizer que auia dous meses que andaua por suas terras sem achar com qué pelejasse: & el rey de Cambaya auia tres dias q tomara Chitor quando lhe derá este

recaido, & logo partio com seu campo cõtra Mandou q era o caminho que trazião seus cõtrayros. E chegado a húa sua cida-de chamada Doçer, assentada em hú cá-por raso ao longo de hú rio, achou nouas q̄ ho Mogor estaua dali sete legoas, & que não andaua cada dia mais de húa legoa, legoa & mea, & os seus corredores erão vinte mil de caualo acubertados, de q̄ era capitão hú seu irmão: & tanto que isto sou be despedio hú seu capitão chamado Coraçáão com tres mil de caualo a saber se era assi o q̄ lhe dizião. E sabédo o irmão do Mogor sua ydadeu nele & matou lhe quantos leuaua, salvo quarenta q̄ ficarão muyto feridos, & ho capitão soy catiuo. Aqui esperou el Rey de Cábaya ho Mogor, assi por descansar sua gente, como por auer disposição muito boa pera assen-tar o arrayal, que assentou pegado com o rio de húa parte, & da outra cercado de tranqueiras & cauas cõ muyta artelharia que ficaua fortíssimo, & aqui cõtra seu co-stume, q̄ era não se cõselhar nunca cõ nin-guem no que auia de fazer, tomou conseilho com Rumecão (que era seu condesta-bre) se daria batalha ao Mogor, porq̄ aué-turaua nela todo seu estado, o quelhe con-selhou q̄ não fizesse, mas q̄ por outros me-yos o afastasse de si, porq̄ dali ao jnuerno aueria hú mes, & cõ aschuuas & cheas & ribeyras era impossivel o Mogor esperar no campo, & se auia dir por força, o que parece obé a el rey de Cambaya, mas sa-yolhemal, porque náchoueo goteira da-goa, que soy cõtra natureza do tempo: o que soy causa de se perder, o q̄ quiçá ná fo-ra se pelejara. E tudo isto parece que soy

pmissão diuina, porq̄ se ele dali ficara cõ a vitoria, todo seu poder ouuera de virar contra os Portugueses, & não cessar atee que os não desfatreya garada India. E che-gado ho Mogor a tiro d'artelharia do cam-po del rey de Cambaya, assentou o seu q̄ tomava tres legoas pera tras, & na fronta-ria do arrayal estauão douis senhores prin-cipais, hú sechamaua Indobeque que era Mogor, outro Estacolim, Grego dehaçá & condestabre, & das carretas em que le-uaua a artelharia cercou o campo, & cada quarenta se cerraua com húa cadea de fer-ro com que se fechauão em outra carréta, & deste modo se fechauão todas em roda que ficauá como fortaleza, & nhú homé de caualo podia entrar dentro. Tendo ho Mogor assentado seu arrayal, começou a artelharia de jugár, & como a del rey era mays furiosa fustigaua mays ao longe, & fazia mayordano, pelo q̄ o Mogor se tirou pera ondelho ná fizesse, & mandou conuidar el Rey de Cambaya pera bata-lha campal, chamandole couardo. E cõ tudo el rey de Cambaya pela determina-ção que tinhanão quis pelejar, porque ja começaua dauer medo sem ver de que. E neste tempo fugirão do campo de Cambaya cinco Portugueses, quatro Christáos, & hú arrenegado, & forão se pera ho campo do Mogor a quem forão leuados, & leuantouse a velos da porta de sua téda, & mostrou que folgaua muyto deos ver, & preguntou a cada hú por seu nome, & o arrenegado que era o lingoa lhos disse, & que ho seu era Hamet, porq̄ se tornara mouro, do q̄ se el rey espantou muyto, & estranhoulhe muyto torniar se mouro.

mouro. E sabendo como em Christão se chamaua Antonio gonçaluez, mandou lhe q assi se chamasse, & a todos fez merce de dinheiro, vestidos, & armas, & lhes prometeo muito grandes merces se quisesse juntar coele a suas terras, & encomendou os ao seu cõdestabre porq era christão: & agasalhauão se com a sua gente, & fazia-lhes muyta hórra, & estes ouuirá no mesmo campo que ho Mogor era de casta de Christaos, & por isso folgaua coeles. E vendo ele que el rey de Cambaya não queria pelejar, comeca de lhe tomaros mantimentos & não lhe dey xaua jrao cão se não os q não podia tomar, & estes erão tão poucos q não erão nada pera a multidão domés & dalimarias q auia no cão del rey de Cábaya, em que logo ouue muito grande fome, & era o trigo & ho atroz tão pouco q se vendia aos arratens, & valiacada hú seys vintens, & hú molho de feno outro tanto, & começarão de morrer os caualos & os homés, & em dous meses q assi estuerão onuc algúis recontrosem q sempre os Mogores forão vencedores. E por derra dey ro mandou el rey de Cábaya hum capitão cõ todos os Abexins a tomar húa grande recoua de mantimentos quelhetrazião, & os Mogores atomarão & matarão os mais dos a Beixins, & era ja tamanho ho medo q auiaão aos Mogores no cão de Cambaya q do rugido das armas se espantauão. E vendo isto el rey de Cambaya, & a muyta gente que lhe morria fo y ho seu medo tanto de ser tomado que determinou desfuir. E húa no yte ja no cabo do quarto da modorra se acolheo homays secreta-

mente que pode, dey xando recado a Rumeção que arrebentasse a artelharia, porq os ímigos não se apropueytasse dela, & que com a mays da gente de caualo que podesse se fosse á cidade de Mandou pa onde ya, q esta situada na ponta de húa serra de sete legoas de roda & de meia legoa de tura, & fica como hú penhão: porq a maior parte he derocha viua, a cidade será do tamanho de Lisboa & sobe a ela per húa escadas feytas ao picá na rocha. Nesta cidadetinha el rey, hús paços todos laurados douro & dazul, & asparedes cubertas dazulejos, & tem húa ortado do tamanho de Vila noua dandrade, & dentro tres grandes tanques dagoa cõ dous bartantiscada hú, em q el rey se desenfadaua com seus priuados, & no cabo dela húa estrebaria com dez mil caualos, cõ suas selas & freos pera fazer merces aos sñores seus vassallos. E primeyro q chegassem a estes paços auiaão de passar portres fortalezas muito fortes cõ seus muros & cauas, & cada húa não tinha mays de duas portas q guardauão capitáes cõ gente. E se esta serra não fora tamanha nunca esta cidade se podera tomar, porq tinha dentro agoa & mantimétos pa quato durasse o cerco, mas por a grádeza da serra não se podia defender. E cõ tudo el rey de Cábaya se acolheoa a el a cõ sete mil decaualo q se forão ajuntado coele, cõ quato deixou a estrada e sayndo do cão, & se soy por lugares desuiados por não ser tomado.

C A P I T . X C V I I I .  
De como el rey de Cábaya se acolheo a Diu,  
& do mais que fez.

F Vgido el rey de Cambaya, mandou Rumeção sobrecarregar a artelharia

ria, & muita arrebéto & outra ficou por arrebentar cō pressa de fugir, porq a fuidadel rey por mais secreta q̄ foy se soube logo pelo Mogor, q̄ muyto de pressa foy apos elecō quinhétos de caualo, & os seus derão logo no cāpō del rey de Cábaya & roubaráono, & astendas del rey que erão de borcado & de veludo de dentro & de fora forão todas espedaçadas, q̄ ocupauão hum ressio d'etro no arrayal em q̄ cabriã dez mil homēs de caualo, & foy couſa ſe conto ho dinheyro q̄ se achou, & aſſi ouro & prata em barras, & muitas peças ri- cas q̄ não tinhão preço, aſſi delrey como dos senhores q̄ yão coele, q̄ nhū cō pressa de fugir leuou couſa nhūa: & como eles, & a outra gēte do cāpō forão pelo deteyto caminho de Mādou, quasi todos forão mortos polos imigos q̄ lhe seguião o al- canço, & o Mogor se deu tāta pressa que em tres dias chegou a Mandou, & chega da sua gēte cercou a cidade, & mandou di- zer a el rey de Cambaya q̄ restituisse aq̄le reyno a cujo era, & os outros q̄ tinhā to- mados, & q̄ desse Diu ao gouernador da India, & q̄ ho dey xaria yr pera Cábaya do q̄ se el rey rio, parecē dolhe q̄ estaua se guropola fortaleza da cidade & polos má- timentos q̄ tinhā: & durando este cerco se cōcertou o Mogor cō Rumeçāo q̄ se fosseparele & que lhe daria a réda q̄ tinhā del rey de Cábaya & se assentaria cō seus jr- máos, & não lhe deu Diu q̄ tábē Rume- cāo pedia por dizer q̄ o tinha prometido a Nuno da cunha. E coeste concerto fugio Rumeçāo fingindo q̄ dava hū rebate no cāpō dos imigos, & sayo antemenhā a cō q̄ntos Rumes tinha & foise pa o Mogor

Esoubese q̄ quādo el rey de Cábaya o sou- be q̄ diſſera a Manuel de macedo. Como foſte verdaçeyro, & iſto polo q̄ lhe profe- tizara de Rumeçāo quando ſe deiaſiou coele. E despois diſto peytou o Mogor tāto a hū capitāo q̄ goardaua hūa das portas da cidade q̄ lhe deu por ela étrada hūa noi- te & tomou a cidade, & el rey de Cábaya ſe acolheo cō quattro de caualo por yr ma- is encuberto, & foife caminho do reyno de Cábaya à cidade de Chāpaner q̄ he da costa trinta legoas, & é hūs grádes cāpos ſe leuanta hūa ſerra peq̄na a modo de pe- nhā toda de rocha talhada & ſerá em par- tes de hūa legoa daltura, & em outras de quattro cētas braças, he toda cercada d' mu- ro muyto forte de cantaria cō cincoéta & oyo baluarteres do mesmo, & muito bem artilhados dartelharia grossa q̄ não té cō to: toda esta cerca não té mais q̄ hūa ſó en- trada per hūa porta feyta ao picão muito alta, & vay de baixo do chāo mais de quo renta braças, & antes de chegar a esta por- ta tem hūa caua de cem paſlos muyto fū- da, & no andar de baixo hūa ponte leua- diça: em goarda desta porta ſtauão qua- tro trabucos de mastos tão grossos como os das naos de carreira. Dentro desta pri- meira cerca ha outras ſeys, & alem da de- radeyra eftá a pouoaçāo que he de cēto & trinta mil vezinhos q̄ ſe eſtende por toda a ſerra, & nela eſtāo hūs paços del rey do tamano da cidade Deuora cercados de muro cō tres portas de ferro, & de dentro pouſa el rey quando ali vay com as suas molheres q̄ ſam ſeyscētas, & os recebedo- res de suas rendas que andão na corte, & os officiaes de ſua casa, & eftá os almazēs

dartelharia & das armas, & as casas da fū  
dição dartelharia: todo o mais sam jardis.  
& casas de prazer, a mais rica & deleyto-  
sacousa do mūdo, & no pico desta serra  
ha outra fortaleza sobre rocha talhada.

Tanto q̄ el rey de Cábaya che gou a esta  
cidade, fez logo partir pera Diu suas mo-  
lheres & sua máy & ho seu tesouro douro  
amoedado & joyasricas, q̄ dizé q̄ chega  
ua tudo a dez cōtos douro: & ho de prata  
q̄ era muyto, mandou recolher na fortale-  
za do cum da serra, & mandou a hū ca-  
pitão q̄ auia dir cō suas molheres q̄ setcues-  
se noua q̄ o Mogor ho seguia q̄ se fosse a  
Cábaiete, hūa cidade porto de mar, onde  
tinha feytahúa frota muy grande de ga-  
leões, gales, & galeotas. E assi deixou em  
Champaner hum capitão com cincos mil  
homés de peleja, & mantimentos pa qua-  
tro annos. E isto tudo feyto partio pa Diu  
cō seus quatro companheiros vestido co-  
mo pobre, & rapado por não ser conheci-  
do, né dos seus q̄ tamanho era ho seu me-  
do q̄ de tñido ho auia. E quē auia tão pou-  
co q̄ com seu grande poder auia de cōqui-  
star ho mūdo, tornou tão destroçado por  
sua grande soberba, que segundo ele cō  
fessou, ateli não tiulha em conta Deos, né  
Mafamede, nem entraua nas mezquitas  
a fazer a oraçāo da sua seyta, & cuidaua q̄  
ele mesmo era deos, & assi punha em seu  
titulo. Ho çoltão Badur cuja cadeyra estâ-  
nos ceos, & ho sol he seu selo, & a lúa fer-  
radura do seu caualo, & as estrelas cravos  
dela. E chegado ele a Diu, mādou logo fa-  
zer dous baluartes em dous passos da ter-  
ra firme pera a jlha que se podião passar cō  
maré vazia, & isto porq̄ se o Mogor vies-

se que o não podess entrar: & estādo em  
Diu chegará as suas molheres & sua máy  
& seu tesouro. E porq̄ se os imigo snā a p-  
ueytasse da armada q̄ tinha em Cábaiete  
mandou a queymar, & assi mādou hū  
seu sobrinho chamado Miráomuhmald  
pa Damão, & pa aq̄la comarca que cōfi-  
na cō Chaul a fazer gente & defendelas  
do Nizamaluco se lhe quisesse fazer guer-  
ra, & mandou lhe q̄ quādo se visse em ne-  
cessidade q̄ se fosse a Chaul & se entregas-  
se a Martim afonso de sousa q̄ sabia que  
inueraua a hi.

C. A. P. I. T. XCIX.  
De como Martim afonso de sousa soube ho desbarato  
del rey de Cábaya.

E Stando el Rey de Cábaya acolhido  
na cidade do Mandou despois q̄ fu-  
gio: hū Portugues q̄ andaua coele catiuo  
q̄ auia nome Francisco lorenço fugio, &  
cō muita grāde trabalho foy ter a Chaul  
vespera de sam Ioão, & cōtou a Martim  
afonso o desbarato del rey de Cábaya, &  
q̄ despois de ser fugido ouuira como fugi-  
ra de Mādou no mais que com quatro de  
caualo, & como toda a terra por onde pas-  
sara estaua muy temerosa dos Mogores  
& desesperada de se el rey de Cábaya po-  
der deféder. E a posisto foy dado hū reca-  
do a Martim afonso de Miráomuhmald  
q̄ estaua em Damão, q̄ lhe mandou pedir  
seguro pa estar ali, & pera se ir a Chaul cō  
suapessoas, dinheyro, & molheres se se vis-  
se apressado dos Mogores: óde Nizama-  
luco, & Martim afonso & Symão guer-  
dez de sousa capitão de Chaul lhe manda-  
rão os seguros muyto largos. E escreueo  
lhe Martim afonso q̄ el rey de Cambaya  
dejia dobrigar ao gouernador pera o aju-  
dar

dar é tamanha necessidade como estaua cō lhe dar húa fortaleza em Diu, em q ná perdia nada, antes ganhava muyto em co brar tam boa amizade como a sua, & cre ria ho gouernador que ele era seu amigo porq doutra maneyra não se auia de fiar na paz que si fizerão, pois tão mal comprira hú dos sustanciais pontos do cōtrato das pazes, que era mandarlhe logo os catiuos que nunca mais mandou, antes induzira a Santiago que ya por ellesa ficar coele, o que não erão começos de boa amizade, & pera desfazer todas as sospeytas q o gouernador tinha de lhe não goardar a paz, era muyto necessario da lhe fortaleza é Diu & mais por quā seguro ficaua de seus imi gos cō lha dar. E o mesmo escreuuo Martim afonso a el rey de Cábaya, mandan do visitar como amigo, & offrecerlhe com sua armada o que he dele cōprisse, porquelhe pareceo q polo tpo em q elrey estaua se moueria coito a dar fortaleza em Diu, & o mesmo lhe escreuuo Mirá muhmal, escreuendolhe a boa palaura q achara em Martim afonso, & como lhe mandara ho seguro q lhe pedira. E como Martim afonso escreuuo a el rey de Cábaya, escreuuo ao gouernador do modo q el rey estaua, mādandolhe pedir licēça pera na entrada Dagosto yr sobre Diu cō a ar mada q tinha, porq cria verdadeiramēte q indonala cōjuncão elrey auia de dar fortaleza em Diu pera ganhar nossa ami zade, quelhe importaua tāto q sem ela nā se podia restaurar, por cstar desbaratado, & seu imigo muyto a poderado no rey no, cō quem auia dērecear de se ele gouernador ajutar, & por Diu estar muito des

goarnecido darte lhearia & mingoado de gente, porq tudo elrey tinha leuado a guerra & ho perderano desbarato: & por q estando no mar lhe podia tolher os má timentos que yāo porele, q erão os mays dos que se gastauão em Diu, & por lhe to lher os socorros q esperaua da gente do mar roxo que tinham mandado buscar, & mays faria arribar a Baçaim as naes que fossem do estreyto, o que podia fazer por virtude do contrato das pazes q estauão assentadas. E vista porho gouernador es ta carta, mostrou ha algūs fidalgos seus pa rentes & amigos dizēdo, que bē escusado era cu ydarninguem q auia el rey de Cá bay a de dar a aqle tpo fortaleza em Diu poys nunca teuera dele tanta necessidade como entā, por ter o principal lugat de sua saluaçāo, & por ter nele suas molheres & thesouro, & por isso lhe parecia escusado fazer fundamento da fortaleza nem ho fazia: & post o que lha el Rey de Cambaya quisese lhe dar que primeiro auia de fazer a de Baçaim com q se cotentaua. & a segui rança dela crio o principal projecto que q ria do desbarato del rey de Cambaya, & despois que teu mūltos fidalgos desse pa recer, por serem seus parentes & amigos, pos em conselho a yda qte Martim afon so lhe scritua que queria sazer a Diu, & todos os q tinha prouocados a serem de seu parecer votarão que não era bem que fosse, dando pera isso as rezões que ho gouernador daria, & Fráscico de sousa tauares, & Aleixo de sousa chichorro, & outros algūs forão de parecer que Martim afonso era muyto bem que fosse, porque por por elrey de Cábaya não ter outro lugar

mais principal pera sua saluaçāo que Diu & ter hi suas molheres & tesouro auia de querer conserualo & telo seguro, ho q̄ ele mesmo sabia que não podia ser sem amizade dos Portugueses & darlhe fortaleza nele, porq̄ coela ho seguraua de todo, pois ho auia de defender aos Mogores como seu, & não tendo nele fortaleza se auia de temer que lho tomassem porquā fraco estaua sem a artelharia q̄ dātes tinha, & mas sabendo quā pouco firmes estauão as pazes q̄ tinha cō ho gouernador, porquā mal comprira as principais cōdiçōes que mais importauão a sua firmeza: & sabendo q̄ eles erão s̄niores do mār ò delhe podia tolher os mantimentos, q̄ por ele principlamente mais que por terra hião a Diu, & por iſo tinham por muy certo q̄ indo Martim afonso a Diu sem pedir fortaleza ho auia el rey de conuidar coela quanto mais pedindolha, pelo q̄ auia por mui grande seruiço de Deos & del Rey de Portugal sua yda lá, & não yr seria do cōtrario. E como este parecer soy de poucos & ho outro de mais, assentouſe que Martim afonso não fosse a Diu, & que ho gouernador lho defendesse como defendeo, por húa carta que lhe logo escreueo. E despoys vindo Agosto q̄ ho inuerno comegou de dar lugar á nauEGAçāo daquela costa, despedio (sem fazer sobrisso conseilho) Symão ferreyra q̄ fora seu secretario em húa fusta pera Diu, com embayxada a el rey de Cábaya, mandando ho visitar como amigo & offrecerlhe sua ajuda cōtra seus imigos, cō determinaçāo que el rey lhe daria fortaleza é Diu pola necessidade em que estaua, & pola ajuda q̄ lhe

offrecia, & pera se isto affi fosse deu procuraçāo a Symão ferreyra que a aceytasse, & fizesse sobrisso concerto como ele fizera sendo presente, & mandouſe q̄ nā fosse por Chaul porq̄ Martim afonso nā soubeſe sua yda, & mandou coele Cogexa coez (ho embaixador del rey de Cábaya) & tres catures que ho acompanhassē & partio quasi na fim Dagosto.

C A P I T. C.  
De como el rey de Cábaya mādou pedir socorro ao Turco.

**D** Espois que el rey de Cábaya se vio em Diu cō suas molheres & tesouro, & vio q̄ seus comarcāos estauão q̄dos, & lhe não fazião guerra, & sabendo ho q̄ Marti afoso escreuera a Mirāomuhmald a cerca de lhe goardar á amizade, teuſe por mais segiuro do q̄ partira de Champa nel, & coiſo & cōlhe parecer q̄ era impoſſivel tomar elheos Mogores Chápanel nē Diu, & outros algūs lugares fortes q̄ tinha na costa de Cábaya, pareceolhe q̄ bem se poderia fôster cōtra os Mogores sem fundamento da amizade cō os Portugueses pera lhes dar fortaleza em Diu, crêdo que se contentassē com a de Baçaym: & de terminou de mādar pedir socorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, & coele tornaria a cobrar seu s̄ñorio, & deytaria os Portugueses fora da India & se faria s̄ñor dela. E pa prouocar ao Turco q̄ com boa vontade & breuidade lhe mandasse o socorro, mādouſe hum presente de joyas, armas, & roupas ricas, q̄ foys aualiado em seyscentos mil cruzados, & em dinheiro pera pagado soldo de dez ou dozemil ho mēs q̄ lhe mandaua perdir, lhe mādou hū conto douro, & oytocetos mil cruzados:

& isto tudo & cartas q̄ scriuia ao Turco, entregou a hū seu principal capitão q̄ auia nome, çafercão em q̄ tinha grande çofiança, & por isto ho mandou cō esta embayxada, dando lhe por regimento q̄ folle até Iuda por mar & dari por terra ao Cayro de yxando a bō recado o q̄ leuaua, & dari seyria onde ho Turco esteuissé, & lhe daria suas cartas. E pera hir é sua companhia lhe deu hū Portugues atrenegado, chama do lorge q̄ era seu patrão mor. E posto q̄ era ainda ho tēpo verde quis q̄ partise çafarcão na entrada de Setembro, porq̄ ouue medo q̄ partido mais tarde as topasle Mar tim afonso de souza q̄ auia de cotrar a cōsta com sua armada, & porq̄ as couisas q̄ leuaua çafarcão erão de tamanho preço por hir bem seguras deulhe tres galéoes em q̄ fossé ele capitão de hū, & doutro lorge o atrenegado, & em sua companhia duas caruelas, & duas fustas, & todas estas velas ho melhor artilhadas q̄ pode ser. E posto q̄ algūs q̄yrão dizer q̄ coeste çafarcão mādou el rey de Cábaya a sua principal molher, & que mandaua este tesouro cō fundamento de se hir morar a Meca, o q̄ digo he verdade, seguidose soube por Garcia de Noronha, hū Turco q̄ se tornou despoys Christão em tēpo do Visorey dō Garcia de Noronha, & doutros Tuicos q̄ forão tomados no estreito (comodirey a diante). Né he decretar q̄ determinado el rey de Cábaya de se yr pera Meca mandasse diante & semel sua principal molher, & parte do seu tesouro, sendo os mouros tāciosos de qualqr das suas molheres, quanto mais da principal. Né he de crer q̄ fossé essa sua determinação, pois mandara q̄ymar sua arma

da, q̄ pa esta viagem lhe era tā necessaria.

## C A P I T . C I .

De como el rey de Cábaya foy acostelhado q̄ desse forteza em Diu ao gouernador, tobar

**T**omada a cidade de Mādou pelo Mogor, seguiu a pos el rey de Cábaya q̄ soube q̄ hia pera Chāpaner, & sabendo q̄ era partido, mādou hū seu capitão cō vinte mil de caualo q̄ visse se podia alcançar ho tesouro del rey de Cábaya, & q̄ fosse a Cábayete a tomar a frotā q̄ lhe parecio que ainda acharia, mas achoua ja toda q̄ymada: & dalis foy roubado a terra E ho Mogor q̄ ficaua cō seu cāpo sobre Chāpaner peitou tāto ao capitão q̄ a goardaua q̄ lha étregou, porq̄ queria mal a el rey de Cábaya por muitos males q̄ lhe fizera: & ho Mogor ouue esta cidadē na étrada Da gosto, & apousentou senela padalí cōquistar o reyno, & como ele tinha prometido Diu ao gouernador, que sabendo seu poder & a guerra q̄ fazia a el rey de Cábaya, lhe mandou pedit Diu secretamente per hūa carta q̄ lhe screueo, lebrouse de sua promessa, & q̄rendoa cōprir lhe screueo hūa carta a qles chamão Formão, & mādou hā a Marti afonso pa q̄ lha mādas fe, & antes de lhe ser dada esta carta soube el rey de Cábaya q̄ ho Mogor estaua em Chāpaner & ouuese de todo por perdido & desesperado deter óde se saluasse deter minou de fugir pera Meca, cō seu tesouro molheres, & parētes & dey xār ho reyno ao Mogor q̄ otomasse. E q̄rēdo por efeito sua partida ajuntouse sua máy, & Co-geçofar & Ninara hū gentio seu parente, a quem tinha dada a capitania de Diu, & assi outros seus parentes: & tantas rezões lhe derão q̄ nā era boa sua determinação,

K iij que

que se tirou dela, & Cogeoçofar lhe acóse lhou q deile fortaleza em Diu ao gouernador, & q o ajudaria, porq lhe parecia q sem sua ajuda se não podia restaurar, & q não lhe desse nada de dar aqla fortaleza pa seu remedio, porq despois de restituy do no reyno a podia tomar de cada vez que quisesse & deitar os nosíos fora dela. E coeste proposito pareceo bé a el rey de Cábaya dar esta fortaleza, & cessou d sua yda pa Meca, & escreuio logo a Martim afonso que na ora partisse pa Diu porque còpria muyto a seruço del rey de Portugal fazelo assi, & mädouhe outra carta pa o gouernador, em q lhe dizia q fosse a Diu porq lhe qria dar a fortaleza. E per hú ébaixador q leuou estascartas mädou Diogo de mezquita, Lopo Fernádez pinto, & osoutros catiuos q era obrigado a mandar, & antes q este embaixador chegassem a Chaul foy dada a Martim afonso a carta del rey dos Mogores, & apos ela chegou o embayxador & lhe deu as del rey de Cábaya assi parele como pa o gouernador. E vendo Martim afonso qüato importaua yr ele a Diu, posto q lhe o gouernador tinha defeso que não fosse, partiose logo com tres catures em q leuaria sessenta homés, ele hia em hú, & Symão guedes de sousa capitão de Chaul em ou tro, dey xádo recado a Vasco pirez de sam payo q se fosse a pos ele cõ a outra armada & tâbem antes de sua partida, mandou a Ioão de médoça q leuasse o embaixador del rey de cábaya ao gouernador & a carta del rey dos Mogores, & lhe escreuio como hia a Diu.

De como Martim afonso de sousa & Symão ferreyra chegará a Diu, & do q allenará cõ el rey de Cábaya.

**P**artido Martim afonso de Chaul seguiu por suaviagem pa Diu, & perito dele achou Simão ferreyra de q ficou espantado hir a Diu pelo q lhe o gouernador escreuera, de quâ pouco fundaméto fazia de se lhe dar fortaleza, & mais de como Simão ferreyra passara sem tomar Chaul, & tam bê se ele espátou de quâdo lhe Martim afonso disse q el rey de Cábaya o mädara chamar muyto de pressa & mandara cartas ao gouernador, & porqque não auia de fazer couisa nhúacõ el Rey de Cábaya sem lhe dar fortaleza em Diu: & isto tambem porq soube a procuraçao que ele leuaua do gouernador pa aceitar fortaleza em Diu se lha desse: dizedo mays q o tép o não era pa el rey não dar fortaleza & q lha auia de dar, & pa islo o mandaua chamar, & ele coesse preposito hia, & assi foy, que chegados a Diu, disse el rey a Martim afonso o estado em que estaua, & qria que o gouernador o ajudasse cõtra seus imigos, ná so mente a defenderse deles mas pa lhe fazer guerra, & q ele Martim afonso auia dâdar coele pola cõfiança q tinha nele: & em ga lardão desta ajuda q queria do gouernador lhe daria húa fortaleza em Diu no lug ar q lhe bé parecesse. E porq o gouernador não poderá logo hir, por Goa ódestaua ser mais longe que Chaul, mädara chamar a ele Martim afonso, assi pera o ajudara a defender de seus imigos se fossem sobrele, como pera coele a lendar hoda da fortaleza, & capitulaçoes das pazess, ateho gouernador as auer porboas, & pera quem mandasse dizer ao gouernador quâta

vontade tinha de as fazer: & poys Simão ferreyra tinha procuraçāo pa as fazer em nome do gouernador quelogo assentasé como auio de ser, & que ho gouernador se lhe bem parecesse faria a fortaleza da bá dadaos baluartes do mar & da terra, cama nha lhe bem parecesse, porq ambos ihos dava, & alsi aquele lugar por melhor, por que era ho mais forte da cidade, & podia naqle lugar ser a fortaleza socorrida por mar se tenuisse necessidade. E cōcertado el rey cō Marti atonso de que maneira auia de ser as capitulaçōes das pazes, ho mandou meter de possiedo baluarte da terra, & ali se apousentou com todos os Portugue ses. E os capitulos das pazes forão estes.

¶ Ho coltão Badur he cōtente de dar a el Rey de Portugal húa fortaleza é Diu em qualquer lugar que ho gouernador Nu no da cunha quiser, da banda dos baluartes do mar & da terra, da grandura q lhe beni parecer, & assi ho baluarte do mar.

¶ E assi ha por bé de dar & confirma Baçaym com tē das suasterras tanadarias, ré das, & dereites, assi como tem dido no cōtrato que fez coele sobre as pazes no dito Baçaym.

¶ Com condiçāo, que todas as naos de Me ca que por virtude do dito contrato das pa zes erão obrigadas a hir a Baçaym que ho não sejão, & venhão a Diu, assi como dantes vinhão: nem lhes seja feita força al gúa. E quādo algūa quiser lá hir por sua vontade que ho possa fazer: & assi ho farão outras dentras partes que yrão & vi ráo pera onde quiserem. E porem húas & outras nauigarão com cartazes.

¶ E com condiçāo, q el Rey de Portugal

não terá em Diu dreytos né rédas né ma ysq lo a dita fortaleza & baluartes, & todos os dreytos, rendas & jūrdicāo da gē te da terra, fera do dito coltão Badur.

¶ E com condiçāo, que todos os caualos Dornuz & Darabia que polo dito contra to das pazes erão obrigados a hir a Baçai yão a Diu & pagarão os dreytos a el rey de Portugal segundo o costum de Goa. E não os comprando el rey, seus donos os levarão onde quiserem.

¶ E com condiçāo, que todos os caualos que forem do estreyto para dentro, não pa guem nenhus dencitos, & serão fortos.

¶ E com condiçāo, que el Rey de Portu gal & ho coltão Badur serão amigos da migos, & immigos de immigos. E ho gouernador em nome del Rey de Portugal ajudara ho coltão Badur cō todo o q po der pormar & por terra, & assi el rey a ele quādo cōprir com suas gētes & armadas.

¶ E com condiçāo, que querendose fa zer Christão algūs Mouros da terra do coltão Badur que ho gouernador ho não censinta. E assi ho coltão Badur não consintira a fazerse nenhum Christão mou ro. E que passando se de sua terra algūa pessoa ou pessoas que deuão dinheyro ou te nhão fazenda del Rey de Portugal, q ele os mande entregar, & outro tāto fará ho gouernador se se passar pa os Portugueses algum homē que tenha fazēda do coltão Badur, ou lhe deuadinhreyro.

Feytas estas capitulaçōes, & assinadas por el Rey, mādou as Marti atonso (por Dio go de mēzquita que foy coele) ao gouernador pera q as assinasse, & el rey de Canibaya mandou coele Xacocz com húacar

ta ao gouernador, rogândo lhe q̄ nā tardas-  
se, & partirâse ambos na fim de Setébro.

## C A P I T. C III.

De como ho gouernador se partio pera Diu, a cha-  
mado del rey de Cambaya.

**C** Hegado Ioão de médoça a Goa cō  
ho embaixador del rey de Camba-  
ya, derão ao guernador as cartas que lhe  
leuauão, & a del rey dos Mogores (q̄ eu  
vi) dizia em nossa lingoa gem.

**M**uyto honrrado, & muito senhor átre todos  
& a cabeça de todos, q̄ he muyto sofrido & muy-  
to virtuoso, & tal fama tē de muyta honrra, go-  
uernador, & capitão mōr Frangue, a que cato a  
cortesia como se fosse a pessoa del rey, ele me es-  
creueo h̄ua carta cō seu desejo, & por seu bē, &  
boa amizade, q̄ me foy dada indo ja de caminho  
pa offendere meus cōtrairos sobre suas terras: &  
o q̄ mescreuestes vilogo & folguey muyto de ho-  
mer. E aq̄lc tempo veo muita gente de meu cōtrai-  
ro sobre minhas terras, então sairā algūs capi-  
taes meus a pelejar coeles, & derão sobre ho seu  
arrayal, & os desbaratarā todos, & forão a pos-  
eles ate jūto de Mādou, matando & catiñado  
muyta gente, os quaes como virão a minha espa-  
da fugirão todos como gente roym & ciuel.

**E** Eu mandey h̄u pião aos capitães do Daquē, a  
que tinhamandado que fossem sobre as terras  
de meu cōtrairo: & lhes dissesse q̄ se viessem pa-  
m̄i: sam muyto honrados, & muyto grādes seño-  
res, & tē todo ho reyno do Daquē. Como chega-  
re a m̄i, conselharmey coeles, & cō pouco traba-  
lho auerey meu contrairo cō todas suas terras.

**O** Os portos de mār q̄ me escreuestes q̄ querieys  
que vos ficassem com toda arenda: os quaes eu  
tenho em meu poder, disso vos mando este For-  
māo, & o q̄ me pedis vos outorgo, porē cō condi-  
çō que quē quiser nauegar q̄ ho possa fazer, &  
que viua quē quiser nesses portos sem receber  
escandalo. E de tal rey como eu auelys desperar  
ainda mais merces, & queria q̄ fizseys boajusti-  
ça em qualquer lugar q̄ timerdes em poder, por

que minha gente q̄ ha de star perto vos ajudará  
a fazela quando for necessario: & assifara avos  
sa quando me cōprir. E as terras q̄ estuerem  
perto de vos podereis tomar, & nāo cureys das  
de longe, que tempo virā q̄ as tomarey. E quē  
espera minha merce & deseja minha amizade,  
nāo digo eu darlhe os portos de mār, se nāo as  
terrás firmes, & quanto eu poder, que espor-  
tos de mār nāo he nada?

**A** A carta del rey de Cábaya nāo dizia q̄  
lhe queria dar fortaleza em Diu, senão q̄  
em vēdo aq̄la partisse logo pera Diu, por  
que ccimpria muito ao seruço del rey de  
Portugal verése ambos. E ho mesmo di-  
zia a carta de Marti afonso q̄ lhe screuera  
el rey de Cábaya, & q̄ hia porq̄ cria q̄ lhe  
auia de dar fortaleza em Diu. E parecendo  
ao gouernador q̄ assi auia de ter pola cō-  
junçāo em q̄ era, posto q̄ el rey dos Mogo-  
res fazia promessa tão larga, pareceolhe  
melhor tomar fortaleza del rey de Cam-  
baya q̄ tinha Diu, que tomala da mão del  
Rey dos Mogores que ho auia ainda de  
cōquistar, & conquistado ou ho daria ou  
nāo. Etābem vinhalhe melhor a amizade  
del rey de Cábaya por quā ponco podia q̄  
a del rey dos Mogores q̄ era muito pde-  
roso, & segundo a presunçāo q̄ trazia que  
ria conquistar toda a India, & daria mais  
q̄ fazer q̄ nhū rey dela, & quanto menos  
podesse, tāto o estado del rey de Portugal  
ficaua mais seguro, & porisio determinou  
de se h̄ia cō el rey de Cábaya & animale q̄  
resistisse a el rey dos Mogores & ajudalo  
a isso quāto podesse. E scm se deter mays  
q̄ ho dia em q̄ Ioão de médoça chegou, se  
partio ao outro h̄ua fusta: & forá coele  
em outras, Garcia de s̄a Frásciso de soufa  
tauates, Diogo lopez d̄ soufa, & Antenio

galuão, porq̄ pa esperar porteda a arma-  
da seria muito vagar, porq̄ ficou recado a  
Manuel de souza q̄ se partisse coela ho ma-  
ysasinha q̄ podesse ser. E partido de Goa  
foy ter a Chaul, & dahi a Baçai onde a-  
chou Vasco pirez de sam̄ payo cō a arma-  
da q̄ leuaua a Marti afonso, & o gouerna-  
dor h̄o deteue q̄ não fosse & dey xuse alí  
estar ate q̄ chegou Diogo de mezquita q̄  
hia em sua busca com as capitulações das  
pazes p̄era as assinar, & alilhe deu Xacoez  
a carta q̄ lhe leuaua delrey de Cambaya.  
¶ Nomeado do gráderey liado mār, das  
agoasazuys, Nuno da cunha, capitā mōr  
com a merce delrey, eu vos acrecete y por  
amizade. Sabereys q̄ o secretario Symão  
ferreyra fiel & amado em ábas as partes &  
Xacoez atear filhodo hōrado vierā a mī:  
avossā carta q̄ me mādastes veo a meu es-  
tado, & vi tudo o q̄ nela vinha escrito,  
quāto à vontade & desejo q̄ tēdeseu o sou-  
be claro, & átes disto Xacoez me fez sa-  
ber a vossā bondade & amizade, & o sou-  
be agora por Simão ferreyra per via dami-  
zade, aquilo q̄ vos era necessario, & q̄ em  
tatos annos nā se pode cōprir, né ouuereis  
dalcaçar tā asinha hū lugar pera estarē os  
Portugueses aqui é Diu da banda q̄ vos q̄  
reys, vos nā ho mandastes pedir né ho pe-  
distes, eu vosfaço merce dele cō as condi-  
ções q̄ Symão ferreyra outorgou por vir-  
tude da vossā procuração, as quaes sabe-  
reis por sua carta & per palaura de Xacoez  
Agora he necessario q̄ tanto q̄ estavos for-  
dada, q̄ nā estey q̄do em nhū lugar, & ve-  
nhais aqui cō Xacoez: eu tinha escrito ao  
capitā mōr do mār, & tāto q̄ lhe derāo  
meu mādado logo veo a minha casa, fol-

guey coiſſo, & poriſſo o mādey estar aqui  
pa me seruir. Feita é Diu a vintoyto de Se-  
tēbro de mil & quinhéto, & trīta & cīco.  
C A P I T . C I I I I .  
De como ho gouernador chegou a Diu, & se vio cō  
elrey de Cābaya.

**E** Sabēdo ho gouernador q̄ era feyto  
logo partio pera Diu cō de chegou em  
Outubro, & leuaria noue cetros homēs, &  
a boca da barra oſoy receber por māda-  
do del Rey de Cābaya Ninarao capitā de  
Diu em hūa galé acōpanhado dos princi-  
pays da corte, & estes desembarcatão cō  
ho gouernador que soy logo falar a elrey  
que esperaua por ele em seus paços que  
erāo terreos, & faziāse as casas ao derre-  
dor de hū grande pateo, & elrey estaua  
em hūa casa pegada coele, que mais pa-  
recia alpendere que casa, dey tado em hū  
catle que nā tinha outra riq̄za senā serē  
os pés douro, né a casa nā estaua paramē-  
tada se nā o tudo muito pobre, & elrey ve-  
stido em hūa Cabaya de pano dalgodão  
branco, estauão coele obra de dez ou do-  
ze senhores, hum fora hirmão del Rey  
de Deli homēde setenta annos, & outro  
irmão doutro rey, & estes assentados no  
chão jūto do catle, & os outros em pé, por  
q̄ diante del rey nā se pode assentar se nā  
rey ou filho de rey. Cō o gouernador en-  
trarão neste pateo ate quorēta fidalgos, &  
tanto que vio elrey lhe fez hūa melura ao  
noso modo, & entrado na casa lhe fez ou-  
tra, & assi fezerão os que yācoele. Elrey  
nā lhe fez outra cortesia se nā agafalha-  
lo bem com os olhos, & porassise custu-  
mar, antes que falass̄ em, soy vestida ao go-  
vernador hūa cabaya de borcado de peso  
q̄ lhe elrey mandou dar, & aos que o acō-

## C A P I T . C V .

Dos façanhoſo feyto que fez Diogo botelho em feyr  
em húa fusta pera Portugal.

panhauão ourras de borcado, & borcadillo, & assi rastetterão em quanto esteuerão nos paços, porq he isto final de grande amizade. El Rey não teue outra prática cõ ho gouernador ſe nao preguntar lhe como hia do caminho; & a iſto lhe respôde o em pé, que ho não mandou aſſentar, ſomente cobrir a cabeça que teue diſcuberta ate lha el rey mandar cobrir, & despoys fe tornou á froti, & ao outro dia desſebarcou, & foy fe aposuſtar no baluarte da terra q̄ estaua embandeirado com bádeyras das armas de Portugal. E despoys diſto fe virão al- guias vezes o gouernador & el rey & con certarão que por quanto el Rey ſetemia q̄ os Mogores lhe tomassem a cidade de Ba- ſe que eſta trinta legoas da enseada de Cábaya, mandasse lá ho gouernador húa capitão no ſo com duzentos & cincuenta Portugueses ſe pera a defender, & eſtado pa- hir por capitão deles dom Gonçalo couti- nho chegou Manuel de macedo, a quem ho gouernador deu eſta yda. Tambem el rey de Cambaya pedio ao gouernador q̄ lhe mādaffe tomar húa fortaleza que lhe os Mogores tinham tomada no rio Indo, & a eſta eimprefla mandou ho gouernador por capitão mór Vasco pirez de ſam payo com húa armada de doze fustas & bargantins a cuijos capitães não ſoube os nomes, ſaluo a Miguel dayala, Rodrigal uarez vogado, & Afonso figueyra, & le uou duzentos & cincuenta homés, & em ſua companhia foy hum monro chama- do Cogeço far capitão del rey de Cam- baya com trezentos Turcos debay xo da bandeyra de Vasco pirez, q̄ partio de Diu na entraada de Nouembro.

**N**Este tempo andaua na India húa ca- ualciro chamado Diogo botelho q̄ dates andara na India muitos annos, & fi- zera nela muito ſcruçō, aſſi a el rey dom Manuel como a el rey dō Ioão ſen filho, & a foraiſſo era muito ſabido na arte mari- nhatica & ſabia bē fazer cartas de marear & indo da India deu a el rey dō Ioão húa carta de doze peles em que eſtaua quanto do mundo era diſcuberto. E q̄rendolhe el rey fazer merce, não faleceo q̄ lhe di- ſſe q̄ ſe queria hir pa el rey de França pa ho deſeruir, & ourros mexericos cõ q̄ el rey o degradou pera a India, & foy na ar- mada de Martim afonſo de ſcufa, no año de mil & quinhentos & trinta & quattro. E como Diogo botelho ſoſte muyto leal a ſeu rey, & ſabia que não tinha culpa no q̄ lhe aſſacarā, como foy na India pedio ao gouernador Nuno da cuiha q̄ lhe dey xal ſe fazer húa fusta pa adar nela ſeruido a el rey, & iſto cõ tençā de feyta fe yr na Portugal, porq̄ tornadoſe, viſte el rey ſua lealdade, & camáha falsidade ſora o q̄ lhe dele diſſera, & q̄ aſſicom o ya da India na q̄la fusta, aſſi ſe fora pa Fráça ſe o quifera fa- zer; & coeſta dterminaçā fez a fusta cõ Co- chiq ſoy de vinte dous palmos de cōpri- do, & doze de largo, & ſeys de potal, q̄ he daquilha ate a primeyra cuberta Feita eſ- ta fusta, começarão maldizentes de dizer q̄ a fizera pera ſe hir naela ao eſtreyo & da hi pera o Turco; & ſabédo o Doutor Peto vazo q̄ ſe dizia, lhe tomou a fusta, como vedor da fazeda q̄ era, & Diogo botelho lhe diſſe q̄ viſte beo q̄ fazia cñ lhe tomar aq̄la

aquela fusta sem ter proua abastante pera o fazer, no que ho destruy a de todo, porq sabendo el rey que lhe tomara a fusta, & acatifa porque lhe mandaria cortar a cabeça. E Pero vaz lhe tornou a fusta, ju rando lhe ele primeyro em húa ostia consagrada de não se ir pera parte algúia em que desseruisse el Rey de Portugal, se ná de ho seruir como ho mays leal: & honrado vassallo que ele tinha. E auida a fusta se foy Diogo botelho a Dabul pera da li se partir, & como ele sabia bem da pilota gem não quis leuar nenhúa pessoa qne soubesse dela, por não auer antreles contradicção, o que seria causa de se perder, né quis leuar pa marearé a fusta mays q seus escrauos, & de Portugueses leuou cinco a foraele, tres criados seus, ho Comitre da fusta & hum Manuel moreno, & muito bê prouido de mâtimétos cõ a vela doste se partio de Dabul ho primeyro de Nouébro de mil & quinhétos & trita & cinco, dizendo q se hya ajútar cõ a noſſa arma da que andaua na costa de Cábaya. E pa atraueſſar ho golfão, começoſſou logo de se afastar muito de terra. E conselhandolhe ho Comitre que ho não fizesſe, lhe desco brio ſua determinaçā & aos outros: & por que ſe temeo q se rebelassem quâdo os ou beſſem, trazia húa ſaya de malha ſecreta, & húa espada na cunta, & eſforçou a todos muito pa eſta viagé, dizé dolhe quâto lhe compria fazela, prometé dolhe galar dão de ſeu trabalho, & logo deu ao Comitre vinte mil reas, & lhe pagou tudo quâto jurou q lhe ficaua na India, & coiſto forá todos cótentes dir coele, & mais porq to mou terra na costa Darabia ao tempo que

diſſe que a auia de tomar ho que parece q foy ordenado por noſſo Seuhor, por ſe re ali as correntes tamanhas, q quatos pilotos por ali nauegão deſatinão no tomar da terra. Eſeyta agoada & carnagé em hú porto chamado iubo ſe partio, & foy ſugir no cabo das agulhas duas legoas de terra, & alilhedeu hú brauo tporal de sul cõ q arribou duas vezes, & coele ſe vio pido de todo, por ſerem os mares muy grossos em demaſia: & como a fusta era pequena entrauão por húa parte, & ſayão pela ou tra, & milagrosamente ho ſalou noſſo ſe nhor: & coeſte tporal dobro o cabo de boa esperâça a vinte de Ianeyro, & ainda deſpois paſſou trabalhos immensos, de ſe ver morto cõ tormétas, & cõ fome & ſede, & eſcorre o a ilha de Santa Eleua, que a não vio cõ a neuoa que fazia os grádes vētos. E coeſte má vida determinaão os marinheiros de ho matar, & aos outros Portugueses & hiréſe a terra, & não andaré mais no mar. E ſendo ja debaixo da linha na costa de Guiné, leuantanſe húa noite, húſ cõ eſpetos, outros cõ machados, & fiſgas, & dão em Diogo botelho & nos outros, de quelogo matarão hú, & ferirão o Comitre & Diogo botelho que acodirão a eſta reuolta, & iſto feyto dey tará oſe ao már, & a fogarãoſe, & eſte foy outro tra balho muyto grande perderemſe aſſi os quemareauão a fusta, & ficar ferido ho Comitre, & Diogo botelho que era o que mádaua a via, ſem q ná ſe podia nauegar, & teré tâmao aparelho pa ſe curaré pelo q Diogo botelho, eſteue quatorzedias ſe po der falar, & mádaua gouernar por eſcripto o q ouuerá de ſer cauſa de ſe pderem, & ſobriſto

sobristo lhes começoou de faltar a goa, & como não auia onde se tomar foy necessario estreitar a regra, no q passarão muyto grande sede, & de tudo os liurou nosso Senhor, & chegarão á paragem das ilhas que Diogo botelho não quis tomar por hys da quella maneyra, que temeo que ho prédessem, & por lhe dar véto por dñuante lhe foy forçado arribar á ilha do Fayal, onde soube q estaua ho corregedor daque las ilhas: & como não se podia encobrir, desembarcou, fingiando que leuaua hū recado do gouernador da India a el rey que lhe importaua muyto, & fez hū maçõe de cartas feytiço & selado, pera dissimular o recado. E ao desembarcar ho forá receber ho corregedor cõ toda a gente da terra, como a coufa muy noua, sabendo como vierda India em hūa fusta tão pequena, ho que tinhão por grāde milagre, & fizerão lhe as mais festas que poderão, ate lhe correrem turos: & estando os vendos de hūa janela foy conhecido do corregedor q estaua coele, & como sabia que fora degradado opera a India parecio lhe que vinha fuido: & por isso se auenturara a vir naque la fusta: & determinando de ho prender, oreguntou lhe se era parente dū botelho q fora degradado pera a India, fingindo que não lhe sabia ho nome, porq se negasse q era aquele, aueria sua presunçāo por verda deyra, & prendeloa logo. E sospeytado Diogo botelho sua determinação, disse lhe que ele era ho mesmo que fora degradado, & Nuno da cunha por não achar outrem que se quisesse auétrar atamanhão perigo como aqle fora, ho mādara por lhe querer mal: & que fizera aqla viagē por o

recado q leuaua a ser de grāde importancia & de tanto segredo, que de ninguem fiaua as cartas se não de sy mesmo, & mostroulhe ho maçõo, o q ho corregedor creo, & por isso ho não prendeo, & pediolhe q lhe dissesse q recado era, ao q ele respondeo q por nenhū modo lho podia dizer, mas q por amor dele posto q fosse contra juramēto, lhe dexaria hūa carta em q lho contasse, q lhe auia de dar sua fé q não abrisse se não oyto dias despoys de sua partida, & assi se fez. E na carta q lhe deixou dizia do modo q hya, do q o corregedor ficou muito magoado porq o nā prédera, & mais porq acabando de ler a carta chegou ali Simão ferreyra q ho gouernador mandauada India cõ noua a el rey como el rey de Cambaya lhe dera fortaleza em Diu, q mādou logo quasi a pos Diogo botelho quando soube q era partido, porq nā soubesse el rey por Diogo botelho a noua da fortaleza q por ele, mas não pode ser, porque partido Diogo botelho chegou a Portugal onde se foy apresitar a el rey & lhe dīle a causa porq se fora da India daq la maneyra, & lhe deu as nouas da India, cõ q el rey ficou muyto ledo, & lhe agardeceo sua vinda louuado muito seu atreui mēto, & tornou oem sua graça, & fez lhe merce, tendo o portā leal como era. E quādo se soube do modo q viera, & foy vista a fusta, foy é todos espāto grandissimo, & diziao q se fora é tpo dos Romāos gētios, q lhe fizerão hūa estatua por memoria de façanhatão grande, como não se acha em nenhūa escritura q algum homē fizesse.

C A P I T. C V I .

Decomo goleymāo Haga entrou nas terras da Tannaria de Salfete.

Tras fica dito como Açadacão se-  
nhor de Bilgão, por setemper do Hi-  
dalcão fizera paz com ho gouernador pe-  
ra ho ter de sua parte felhe comprissé, &  
lhe dera secretamente as Tanadarias de  
Salsete & de Bardes, & despoys disto tor-  
nado o Hidalcão a estar bê cõ Açadacão,  
& a recebelo em seu seruiço, arrepende-  
se Açadacão de ter dado as Tanadarias: &  
vendo que ho Gouernador era em Diu,  
onde se auia de deter, pareceolhe q̄ eraté-  
po de ascobrar, por quam poucos Portu-  
gueses sabia q̄ as guardauão, & mandou  
a hum Turco capitão de Pondâ, chama-  
do Coley mão Haga, que com cinco mil  
homés depé & de caualo fossé recolher  
as rendas daq̄las Tanadarias, & ele hofez  
assí: & mandou algúia da sua gente cercar  
Cristouão de figueiredo Tanadar mór, q̄  
estaua apousentado em hum pagode de  
freyras chamado Bardor, que tomava ho  
nome do diabo a q̄ era didicado, & estas  
freyras erão molheres, q̄ despoys de viu-  
uas não se quiscrão queymar. E vendose  
Cristouão de figueyredo cercado, ho má-  
dou logo dizer a dom Iohão pereyra ca-  
pitão de Goa, & como ele era muyto esfor-  
çado & amigo de nosso Senhor, & do ser-  
uiço del rey, em lhe sendo dado ho reca-  
do, ajuntou çem homés de caualo Portu-  
gueses, & duzétos de pé, & adezoytode  
Setembro se passou a Benestarim, & dali  
foy caminho do Pagode de Bardor, &  
coley mão se retirou pera h̄ia aldea mea  
legoa dele, como soube que ya. E chega-  
do dom Iohão ao pagode que soube que  
os ímigos se yão, não os quis seguir por-  
que leuaua a sua gente cásada, & quis que

repousase em quanto comia, & entre tanto  
mandou dizer a coley mão q̄ se fosse mais  
de presado que ya, & detédo coley mão o  
messageiro, mandou dizer por outro seu  
adom Iohão que assi ho faria, & que ho  
não seguissé muyto, & antes q̄ se este mes-  
segeyro partise, mandou dom Iohão aos  
seus quedessem mostra, & os primeyros  
forão os espingardeiros que erão otyenta,  
& homouro tremia com medo do gran-  
de estrondo: & dada a mostra dey xouho  
dom Iohão yr, mandando dizer a coley-  
mão que tanto que acabasse de comer yria  
de pos ele, por isso que ho não achasse, &  
assi lho disse, & lhe contou a espigarderia  
que dom Iohão leuaua. E conhecendo co-  
ley mão ho dano q̄ podia receber dela, re-  
çeu de o esperar, & fezédo sinal a sua gé-  
te, retirouse mais pa dentro da terra, & quá  
dodô Iohão chegou ao lugar onde espe-  
raua de o achar, não vio se nāa fardagem  
& vendo dom Ioão q̄ fugião, não os quis  
apertar, & dey xouse yr a pos eles, & ao  
outro dia foy ter a h̄u Pagode chamado  
Chádor tres legoas do de Bardor, onde  
cuydou q̄ coley mão se fizesse forte & ali  
ho esperasse, mas não hofez com medo,  
ante sāyo de todo da comarca de Salsete,  
& assi ho soube aly onde se dey xou fi-  
car por ser pertoda noyte: E como foy  
menhaá por seguir a terra, andou por elá  
espaço de tres oras, & dey xando fau-  
recida a gente dela, com ho medo que  
lhe ouuerão os immigos, tornouse ao  
pagode de Bardor, onde animou os Gáca-  
res que não ouuessem medo dos mouros,  
porque bem vião camanho ho clesauião  
das armas dos Portugueses, que sendo ta-  
tos

tos & celestão poucos lhe fugirá. E dey xando algua genteda que leuaua a Cristouão de figueiredo, principalmente espingardeyros se tornou a Goa.

## C A P I T . C V I I .

De como Manuel de vasconcelos desbaratou os mouros que estauão na tranqueyra de Bóri.

**D**Espoys que coleymão hagá se recolheo cō medo de dom Ioháo, & soube que ele era tornado a Goa, temendo que se tornasse a entrar em Salsete cō grande corpo de gente q tornaria dom Ioháo, & assi andatia sem fazer nada, por isso que seria melhor mádar sua gente em quadrilhas por esas aldeas a recolher as redas, & as recolheria melhor, & assi o fez. E sabido isto por dō Ioháo, fez logo húa armada de fustas & bargantins que audisse por aquele tio de Salsete, & Manuel de vasconcelos casado é Goa era capitão mór & fazia muitos saltos sayndo de dia, & de noyte em terra, & dava nas aldeas onde estauão os mouros descuidados de sua yda, & por isso mataua & catiuaua muitos. E sabédo coleymá como os seus erão assi perseguidos dos Portugueses buscou remedio pera os defender: & como sabia que ho rio de Salsete era muito estreyto, onde estaua hum passo que se chama Bóri, cinco legoas da jlha de Goa, por onde os Portugueses passauão, mandou alistar húa estácia de tres bombardas em húa tranqueyra, que amanheçeo hum dia feita, & quando os Portugueses forão pera passar pola estreyteza do passo varejaua osa artelharia muy rijo: & fazialhes muito dano, & por atalhar a ele, & que aquela força não crecesse mays, mandou dom

Ioão a Manuel de vasconcelos que a fosse desfazer & foy lá cō quarenta espiugardeiros: & chegando, achou grande relistica nos imigos, que serião bem duzentos homés, & quasi todos frecheyros, & cō tudo passando a primeira curriada das bombardadas aferrou cō a tranqueyra & depois Manuel de vasconcelos, de pelejar hú pedaço oscó mouros muy esforçadamente os fez fugir, matando muytos deles, & qymou atranqyra, & recolhida a artelharia se tornou pera Goa, & desembarcou cō os que forão coele, leuando cada hú sua cabeça de mouro na mão, pa mostra da vitoria q lhes nosso Senhor deu, & por isso forão muy bem recebidos

## C A P I T . C V I I I .

De como dom Ioháo fez no rio de Salsete a fortaleza de São Ioháo de Rachol.

**V**Endo dom Ioháo q a guerra se ateua, & que os que estauão no pagode de Bardor não estauão seguros, & pera el rey de Portugal colher as rendas daqlas Tanadarias q tinha, era necessário ter la gente, & esta em lugar seguro dos imigos, & pera isto determinou de fazer húa fortaleza em hum lugar que a seu parecer & doutros fidalgos & pessoas principais achou muyto bô pa isso no rio de Salsete em hum morro de rocha, que estaua por ele a cima seyslegoas da jlha de Goa & húa do passo de Bóri, & este morro era gráde, & estaua q si peggado cō a terra firme, & ficaua antrele & ela algua agoa com esteyro, & daqla banda se fazia húa cárora q era quasi terra alagadiça com agoa & morraça & ficaua hum sapal. Eachado este morro por dō Ioháo logo cō

a gética armada q lá andaua começou de fazer a fortaleza, & acabou a espaço de tres meses ou pouco menos, & é todo este tempo teuerão os nossos muita guerra cō os mouros a qué pesava é estremo daq'la fortaleza, & por isto defendião brauamente q não se fizesse: & açadacá a qué pesava mays q ningué, & era ho q sustinha esta guerra n'ca acabaua de mádar gête, & artefici os de fogo, & muitas munições: & nesta guerra fizerão os nossos muito boas cou-  
sas em armas, q não escreuo particular-  
mente, porq as não pude saber se não em  
soma. E com quanto dom Ioão foy bem  
contrariado dos ímigos q não fizesse esta  
fortaleza, ele a acabou cō muita honra,  
& acabada foilhe posto nome sam Ioão,  
á honra do santo deste nome, & polo ro-  
chedo em q'stava sāo Ioão de Ráchol, &  
tinh' tres baluartes é triâgulo, & no meyo  
húa torre de Menagé, & todos cō muita  
artelharia & cubertos de telha: era entu-  
lhada ate o andar das ameias do muro, &  
tinha sua coyaça, & seruiase por húa es-  
cada dentulho, tam larga & chaá, que po-  
dião sobir por elá homens a caualo, & desta  
escada étrauão na fortaleza por húa pôte  
leuadiça: podiaose bê agasalhar nela seys  
cetos homens cō mátimetos q lhe abastas-  
se. Acabada esta fortaleza deu dô Ioão a  
capitania a Miguel froez, & deixoulhe ses-  
fentados nossos, & aguarda daq'le rio deu  
a Gonçalo vaz coutinho, que andaua em  
húa albetoça bê artilhada, & a Jorge de  
melo soarez q andaua é húa galé, & isto  
porq os mouros acodião sempre á borda  
do rio no passo de Bóri a frechar os nossos  
que passaua nas fustas pa a fortaleza, q to-

das leuatião arrombadas pa emparo dos q  
hião nelas, & sempre auia pelejas entre os  
nossos & os mouros. E tornado dô Ioão  
a Goa soube q era chegada a armada das  
naos da carga, de q' forade Portugal for-  
capitão mór Fernão perez d'ádrade, & fo-  
ráo seus capitães Fernão de morays, Mar-  
tim de freitas, Thome de soufa, Luis alua-  
rez de payua Fernão camelio & Jorge maz-  
carenhas, q chegará a India a saluamento.

## C A P I T . C I X .

De como Vasco pirez de saó payo tomou a forte-  
za de Variuene no rio Indo:

**V**asco pirez de sam payo q' partio de  
Diu pera yr tomar a fortaleza de Va-  
riuene, como a tras disse, andadas oytenra  
legoasão longoda costa chegou á foz do  
rio Indo, q tanto está de Diu pera ho norte,  
& atel chega ho reynode Cábaya, &  
começa outro chamado Vlcinde, em que  
entra no māreste rio Indo, hú dos famo-  
sos de Asia. E surto aqui Vasco pirez va-  
zou a maré húa grande mea legoa & si-  
carão os nauios em seco, & foy avisado pe-  
la gente da terra que despêjasse os nauios  
q ficasssem leues quando tornasse a m'nta  
te dagoa, porq se perderião se esteu essem  
cartegados por trazer grande força, que  
enchia com macareo, ho que logo fez, &  
mandando aboyar a artelharia forão po-  
stos sobrela os mastos & vergas dos nau-  
ios, & quâdo a maré tornou vinha ho ma-  
careo tam alto & cō tamnho impeto &  
rugido, que os nossos ouuerão medo cuy-  
dado que os auia de çocobrar, & assi detâ  
os nauios grandes pancadas na praya, que  
parecia que se espêdaçauá, & passada esta  
furia foy recolhida a artelharia cō o mais.

E aparelhados os nauios entrou a frotá no  
rio, & hiachou Vasco pirez ho capitá del  
rey de Cábaya a q̄ os Mogores tomarão a  
fortaleza, q̄ sabédo como Vasco pirez hia  
ho foy aliesperar cō a géte q̄ tinha embar  
cada em galuetas, & contoulhe q̄ tanto q̄  
os Mogores souberão sua vinda, queima  
rálogo apouoação da fortaleza a q̄ se aco  
lherão, & serião céto & cincuenta homés  
todos frecheiros, se não oyto que erão es  
pingardeiros, & que não tinhá mays arte  
lharia q̄ quatro ou cinco berços, & q̄ a for  
taleza estaua na borda dagoa & era peq̄na  
& quadrada feyta de barro enuasado, &  
de râma cō seus baluartes & cercada de ca  
ua. E leuádo Vasco pirez este capitão cō si  
go foy polo rio acima até óde estaua a for  
taleza a q̄ chegou de noite, & sem q̄rer sa  
ber mais da disposição da fortaleza néda  
terra, ordenou dedar nella ao outro dia é  
amanhecédo, & repartio o cōbate portres  
estancias, húa auia de ter ele cō os seus ca  
pitáes, & Portugueses da báda do rio, ou  
tra Cogeçofar cō os Turcos, & a outra o  
capitão del rey de Cábaya cō sua géte, q̄  
era a mais espingardeiros, & não auia de  
ter outro cuydado se não de tirar aos Mo  
gores que parecessem sobre ho muro, &  
cada dous capitáes Portugueses auia de  
leuar húa escada pa sobiré ao muro. Isto  
cōcertado, & encomédádo se todos a nos  
so señor, desembarcarão ao outro dia em  
amanhecédo feyto sem' tres escoadóes,  
& cada hú se foy ao lugar q̄ lhe era assina  
do. E cō quanto os Mogores erão poucos,  
resistião muy brauamente coessa artelha  
ria q̄ tinhão & espingardas, desparádo fre  
chas sem cōto, & arremessando muitas

panclas de poluora, & muyto fogo outro  
cō quelogo ferirão bē oytenta Portugue  
ses, que foy causa de não poderem chegar  
as escadas ao muro, saluo Miguel dayala  
q̄ foy ho primeyro que sobio, & bē cōtra  
riado & ferido sobio ao muro, donde os  
imigos o deytarão abaxo, no que correo  
muyto perigo, & cō rudo escapou cō a vi  
da, & a hú fidalgo chamado Martim afó  
so de melo punho, q̄ sobia apos ele, éche  
gando ao quarto degrao foy ferido d' húa  
frecha na roda do giolho cō que cayo a  
bayxo, & não sobio mais ningué pornes  
tetempo arder a escada. E vendo Vasco  
pirez ho dano q̄ recebia sua gente, man  
dou a afastar com determinação de desco  
roar as a meas do muro pa a gente poder  
melhor sobir, & assi o fez cō a artelharia  
q̄ logo mandou tirar em terra: & por se  
esta obra acabar tarde, não quis cometer  
a entrada, & ficou pera o outro dia, em q̄  
não ouue q̄ fazer por os Mogores fugiré  
a q̄ la noite, do que sendo Vasco pirez au  
sado desembarcou cō os seus & foy a pos  
eles, & ainda matou algúis, & tomada a  
fortaleza entregou ao capitão del rey de  
Cambaya, & poi não ter mantimétos &  
auer algú desconcerto antrele & Cogeçofar,  
não fez mais guerra aos Mogores &  
tornouse pera Diu.

C A P I T: C X.  
De como foy começada a fortalez de Diu,  
pelos Portugueses.

**H**o gouernador q̄ estaua em Diu, cō  
negocios que teue & em ajuntar pe  
dra cal & madeyra, não pode começar de  
fazer a fortaleza se não em Nouébro, &  
despois douuir missa cō todos os capitáes

& fidalgos cō grande estrondo d'artelharia, & arroido de tróbetas, & alegre som de charamelas: assentou a primeira pedra desta fortaleza, com muitas moedas douradas debaixo dela. E a posele os outros capitães & fidalgos, que todos cō muito prazer trabalhauão, por auer tanto tépo que esta fortaleza era necessaria pera conservaçā do estado da India: por ser a principal porta por onde os Turcos podiā entrar. E coela ficou de todo fechada, como direy no liuro nono quando foy cercada de Turcos.. E assim foy começada a obra, pera que el rey de Cambaya mandou ao gouernador doze mil cruzados com nome d'almorço pera a gēte de seruiço, que deu em grande abastança pera seruirem nesta obra, em q os Portugueses leuauão assaz de trabalho, porque tanto trabalhauão os fidalgos como os outros, & todos erão repartidos por quartos: & os capitães deles andauão ás enuejas de quē daria melhor de comer aos de seu quarto, & quem hodaia melhor tinha mais gente, & fazia mais obra. E por isso crecia sempre, o que Garcia de saa tinha a cargo, que era hū baluarte, a que despois chamarā de santiago, & algūs lhe chamauão de Garcia de saa, porq o fez todo, no q gastou muito, que dava melhor de comer q todos os outros capitães. E fazendose a fortalcea, soube el rey de Cábaya como el rey dos Mogores despois de tomar Champanel quisera ir sobre Diu, & não fora por saber que estaua hi ho gouernador, & se foy a Madauá, & a tomou por peyta q deu ao capitão que a tinha. E parecendo a el rey que seria bō dár húa sayda polo rey-

no pera que soubessem seus vassalos q era viu, & com esperança de os socorrer cō ho fauor dos portugueses, não se entregal sem a el rey dos Mogores. E tomando nisto ho parecer do gouernador, que foy q sy, lhe pedio que lhe desse Martim afonso de souza pera companheiro, por lhe ser afseyçado por seu esforço & valentia, & boa conuersaçā, do que ho gouernador foy contente. E assi lhe deu mais sete ou oyto fidalgos. E quando se el rey partio lhe encomendou muito suas mulheres & seu thesouro: & mais lhe pedio q má dasse rogar a Niza maluco que lhe não fizese guerra, porq estando seguro de lha não fazer tiraria de sua frontaria Miram muhmalà com a gēte que tinha q lhe era necessaria pera outra partē. E ho gouernador mandou com esta embaixada a hum caualeiro chamado Gaspar preto, homé de muyta confiança,

## C A P I T . C X I .

¶ De como Xercansur tomou ho reyno dos Patanes a el rey de Bengala.



Eynando em Bengala Nançarote xá antecessor de Mahomedxá (como disse a tras) determinou el rey dos Mogores pola fama que tinha de seu grandissimo tesouro, de ho conquistar antes de entrar na India: & porq não podia entrar se não polo reyno dos Patanes que confina com ho rio Ganges (como disse no liuro quarto falando do reyno de Bengala) cō meteo de entrar porele. E tendo el rey dos Patanes pouca força pā lhe resistir, pedio ajuda a el rey de Bégala, que logo lha deu pelo que lhe importaua: & ambos resisti-

Decomo el rey de Bengala mandou ao gouernador  
vinte Portugueses dos que catiuou.

ráo a el dos Mogores & ho fizerá tornar.  
E ele ido el rey de Bengala prendeo el rey  
dos Patanes & tomou lhe ho reyno: em q  
deixou por gouernador Cotufoxá, hum  
grande senhor seu vassalo, com muyta  
gente repartida por capitanias, & elean-  
daua no campo com grande exercito, em  
que andaua hum soldado Patane homé  
muyto esforçado, que auia nome Xercá  
sur, que auendo hum arroido com ho the  
soureiro do campo, acodio Cotufoxá aos  
apartar, & foy morto por desastre: pelo  
que Xercansur se foy do arrayal. E el rey  
de Bengala lhe perdoou despois, & ho  
fez tornar, & pospor gouernador no rey  
no a hum seu primo chamado çoltão ha  
lamo. E despois disto morreuo Nançarote  
xá, de que ficou hui filho pequenino, em  
cujo nome gouernaua ho reyno Mah-  
mudxá seu tio hirmáode seu pay, que se  
leuantou co ho reyno (como disse a tras)  
O que sabido por çoltão Halamo lhe es-  
creueo logo que restituuisse ho reyno a seu  
sobrinho, se não que lhe faria guerra, co-  
mo fez, & nela foy morto. E Xercansur  
ho soldado quentinho dito, vêdoho mor-  
to, pos logo em saluo ho tesouro do cam-  
po, & recolhendo a mais gente que pode  
do campo de çoltão halamo, desbaratou  
a gente del rey de Bengala. O que sabido  
por ele, & receando que Xercansur se lhe  
leuantasse com ho reyno, lhe mandou co-  
meter que se fosse parele, com promessas  
de muitas merces, que ele nao quis sem  
que ele restituuisse primeiro ho reyno dos  
Patanes em sua liberdade, o que el rey ná  
quis, & começou de lhe fazes guerra, de  
que Xercansur leuaua ho melhor.

P Rossiegundose esta guerra antre el  
rey de Bengala & Xercansur, q foy  
causa de Martim afonso de melo, & os  
outros catiuos terem melhoramento em  
seu catiueiro. Neste áno de mil & quinhé  
tos & trinta & cinco chegou a Chatigão  
hum Diogo rabelo que hia da India, a q  
ho gouernador encomendou muyto q  
visse se por meyo de Coge çabadim po-  
dir resgatar Martim afonso & os outros,  
& que lhe pagaria ho resgate, no que ele  
pos sua diligencia. E como el rey de Ben-  
gala estaua muy asombrado da guerra q  
lhe fazia Xercansur: & auia medo de lhe  
ho gouernador mandar çarrar Chatigão  
& Satigão, folgou de fazer paz coele, &  
mádoulhe vinte dos catiuos de graça, por  
hum embaixador que lhe mandou com  
Diogo rabelo, per quem lhe mandou di-  
zer, que lhe não mandaua logo Martim  
afonso & os outros, por se temer det er  
necessidade deles pera a guerra que tinha,  
pedindolhe muyto que lhe mandasse so-  
corro, & despoys devindo lhe mandaria  
Martim afonso & os outros: a quem ro-  
gou que escreuesse ao gouernador q lhe  
mandasse ho socorro que pedia, dádolhe  
a entender que se lho mandasse, que lhe  
daria fortaleza em Chatigão, & assi lho  
escreueo Martim afonso. Porem ho go-  
uernador teue tanto que fazer na fortale-  
za que lhe el rey de Cábaya deo em Diu,  
& despois com a morte do mesmo rey,  
como direy a diante, que nunca pode má-  
dar ho socorro, né quis despachar ho em-  
bai-

baixador sem hō mandar. E el rey de Bé-  
gala ainda que mandou estes catiuos, não  
quis soltar Martim afonso, temendo que  
fugisse pera Xercansur, mas mandaua ho  
chamar muitas vezcs, & praticaua coele  
em muitas coufas. E Martim afonso por  
que ho entendia, nūca lhe quis pedir que  
ho soltasse, antes se mostraua muito des-  
cuidado da soltura, por onde el rey folga-  
ua muito mays coele.

## C A P I T . C X I I I .

De como Tristão dataide mandou el rey  
Tabarija ao gouernador da India.

**F**etrado ho anno de mil & quinhen-  
tos & trinta & cinco, despachou Tri-  
stão dataide capitão da fortaleza de Ter-  
nate os nauios que auiaõ de ir pera Mal-  
aca & pera a India, cuja capitania mōr deu  
a Lionel de lima: a que també entregou  
preso el rey Tabarija, com os autos q má-  
dou fazer de suas culpas: & coele mandou  
sua māy & Pateçarangue, que forão pia-  
dosa coufa de ver quādo ostrarão da pri-  
fam os prantos que fazião, & as magoas  
que dizião, vendose leuar de sua terra pe-  
ra outra estranha, donde não esperauão  
mays de tornar. E então conheceo Pate-  
çarangue que pagaua ho mal que fizera  
sem causa a el rey Cachil dayalo seu rey  
em lhe fazertirar ho reyno. E partido Lio-  
nel de lima com sua frota soy ter a Banda  
& dahi a Malaca, & despoys á India, on-  
de entregou el rey Tabarija & os outros  
presos ao gouernador Nuno da cunha, q  
por os achar sem culpa os deu por liures,  
& julgou que se dese ho reyno de Ternate  
a el rey Tabarija: & ele se tornou Chri-  
stão, & ho gouernador ho tornou despo-

ys a mandar pera Malico, & morre oem  
Malaca, como direy a diante.

## C A P I T . C X I I I I .

De como os Reys das ilhas de Maluco jurarão  
de fazer guerra a Tristão dataide.

**A**Tras fica ditó a guerra que Tristão  
dataide fez a el rey de Bachão, do q  
ele ficou tam escandalizado, que ainda q  
fez paz não perdia ho escandalo, porque  
lhe lebraua quamanho seruidor fora sem-  
pre del rey de Portugal, & quam leal, &  
com quanta diligencia acodira sempre a  
fortaleza em todas suas necessidades, &  
verse por derradeiro tam mal galardoado  
de Tristão dataide, tomou lhe mortal odio  
& desejo sua destruyçāo, & queixouse  
aos outros reys das ilhas de Maluco, que  
por també estarem mūyto escandalizados  
ainda que ho dissimulauão: ho escandalo  
daquele lhe fez renouar ho seu. E despoys  
que per recados teuerão algūa inteligēcia  
acerca de se vingarem de Tristão dataide,  
ajuntaran setodos em Tidore. f. El rey  
Cachildayalo, q fora de Ternate, El rey  
Cachil Catabruno de Geylolo, El rey Ca-  
chil mir de Tidore, & el rey de Bachão,  
onde todos juntos, alegou cada hū larga-  
mente as causas que tinham pera serem imi-  
gos não somente de Tristão dataide, mas  
de todos os Portugueses, & procuraré sua  
total destruyçāo, & assi ho jurarão todos  
quatro sobre hum Moçafio, que he ho li-  
turo de sua seyta, & por sua cabeça, & po-  
los ossos de seus passados, de se leuāarem  
cōtra a fortaleza, & fazeré lhe tanta guer-  
ra ate que a tomassem, & matassem Tri-  
stão dataide, & quantos Portugueses este-  
ueissem nela, ou os deitassem fora d'terra.

E sendo caso que ho não podessem fazer por a fortaleza ser se corrida, que então cortarião & queimarião as aruores do crauo daquelas ilhas, & as da noz & da maça & todo outro aruoredos de fruyto, & despouarião as ilhas, & se irião morar a outras, porque os Portugueses podessem a esperança de tornar mais a elas, & sobristo perderião todos as vidas & os estados. E homensmo juramento fizerão vinte do ushirmáos destes reys, & assi de teré isto em muito segredo. E logo ali foy ordenado que os da ilha de Ternate auiaão de ser os primeyros que auiaão de começar esta guerra: & que ate eles não iré bem cõ elas por diante, não auiaão os reys das outras ilhas de bolir consigo. E ho çamaraõ tambem foy nesta liga, & ainda que não foy presente, deu pera isso seu consentimento. Que posto q deuia muito a Tristão dataide, que de nada ho fizera tamanho senhor, era mouro, que naturalmente sam desleays. E ali foy també ordenado, que fizessem crer a Tristão dataide q nas ilhas dos Celebes & Macaçares, & na de Mindanao auia ouro, que as mandasse descobrir, & ele com cobiça ho faria: & como a isso auia de mádar gente lhe ficaria pouca pera se defender, pelo que aueria pouco que fazer em ho tomar. E que os da cidadade de Ternate serião os primeyros que se leuátassem, & a despouarião, porque os Portugueses não podessem ter mantimentos: & lhes fizessem coiço mais guerra. E ho çamaraõ fingiria que lhe pesaua daquele leuantamento, & que não era sabedor dele: & se faria grande amigo de Tristão dataide, & ficaria coele pera espia, porque

mayor guerra faria em descobrir aos imigos seus segredos do q ordenasse cõtreles que em pelejar contrele.

## C A P I T . C X V .

De como os mouros de Ternate despouarão a cidade.

I Sto assi ordenado, fizerão saber a Tristão dataide, que erão chegadas a Geylolo certas corascoras, que vinhão da ilha de Mindanao em que acharão muito ouro, com o que ele se prouocou a mandar descobrir esta ilha, & mandou a isso hum. Ioão de canha pinto em hú nauio, que a foy descobrir, & tendo descuberta parte dela, foy com tempo ter a outra ilha que estaa ao már desta, que se chama Siriago: & tendo necessidade de fazer nela aguada, fez paz com a gente da terra, sangrando ele & el rey, & bebédo hum ho sangue do outro, & desta maneira fica feita a paz. E auédoa os da terra por muito firme conuersauão com os Portugueses, & hião ao nauio sem medo. E determinado Ioão de canha de seir, deitou hú dia mão de quátos da terra estauão no nauio pera os catiuar, & algúus fugirão deitandose ao már, & estes forão dizer a el rey a treyçao que lhe os Portugueses fizerão, que logo mandou deitar sua armada ao már, em q mandou meter sua gente pera ir tomar o nosso nauio, cõtra quem foy a velas, & a remos, tirado tantas frechadas & arremessos, & com tamanhas gritas, que Ioão de canha com medo mandou cortar as amarras, & dar ás velas & fugio. E ho que pior foy que lhe ficou a artelharia do nauio, q com hum temporal deitou ao már. E vendo os mouros que ho não podião alcaçar

tor

tornarás. E por isto que lhe os Portugueses fizerão crerão todos os males que os das ilhas de Maluco contauão deles. E escapando Ioão de canha daqui, acabou de descobrir a ilha de Mindanao, em q̄ não achou ouro, & tornouse pera Ternate. E por aquele anno ser a mouçāo do crauo, não quis Tristão dataide mandar mays descobrir os Celebes nem Maçacares, por que ádaua muy ocupado em fazer nauios pera carregar de crauo, cō outras pessoas que tinhão nele parte. O que visto pclos reys, & desesperado de diuidirem os Portugueses por aquela maneira, ordenarão de os diuidir por outra: & foy fazer el rey de Geilolo cō hūs pouos chamados Tauras, que erá liures, que fizessem guerra ao señor da grā Bocanora & ao Morro: em cujos senhorios se tornauão muitos Christãos, dos quediſſe a tras, porq̄ sabião que lhes auia Tristão dataide de mandar logo acodir, & assi o fez, mádado hūa armada de Ternates & de portugueses à grāo Bocanora, & por capitão mór hū seu sobrinho chamado Jorge dataide, & outra ao Morro, cuja capitania mór deu a Diogo sardinha capitão mór do mar. E andando estes capitães fazédo a guerra nestas duas partes: como os Ternates virão q̄ ficauão poucos Portugueses na fortaleza, poserão em effeito sua determinação, & forãoſe muitos deles secretamente em certas corrasoras à Batachina do morro junto de Geilolo, onde estaua hum Vicente correia mestre de hūa nao, com outros cortádo madeira pera estes nauios que se fazia, & duas ou tres legoas da costa toparão hū batel dos nossos, que Vicente correia má-

daua carregado de madeira pera a fortaleza: & hião nele alguis Portugueses & Arabios que ho remauão. E os mouros matarão a treiçāo quantos hião no batel, saluo hū dos Arabios que escapou a nado, & foy dizer a Vicente correia o q̄ passaua do que elle ficou muyto espátado, por os mouros seré tamanhos amigos dos Portugueses. E parecēdolhe isto algū misterio, acolheoſe logo cō os outros em hū batel pa Ternate: & no caminho achou os mouros que matarão os outros Portugueses: & quando os vio fezſe forte pera se defēder: & conhecendo por iſſo os mouros q̄ Vicente correia ſabia o que fizerão, diſſimularão, & como não lhes fazia tempo pera Ternate, arribarão a Geilolo, & Vicente correia també pola mesma cauſa. E indo ao longo da costa topou hum capitão del rey de Geilolo cō o yto corasoras, que lhe diſſe que hia por seu mandado pera o leuar ſeguro, porq̄ ſoubera a treiçā que os mouros de Ternate fizerão aos outros Portugueses, & porque ho não fizem a ele. E isto fez el rey de Geilolo pera mays diſſimulaçā com Tristão dataide, que lho mandou muyto agardecer quando ho ſoube: & ficou muy ſuspēſo não ſabendo determinar a cauſa porque os mouros farião aquela treiçā: & agastouſe muyto coiſſo, & mays porque não estaua ali ho çamarao que lho diſſe, que era darmada. E eſtando assi, como já os moradores de Ternate a teuerem ſecretamente despejada de suas fazendas, hū dia antemehāa ſe forão todos: o que ſabido por Tristão dataide acodio muyto depreſſa: & achando ainda algūs que hião na

traseyra rogaualhesque não se fossem, & se estauão agrauados dele, ou doutra pessoa que os desagruaria: mas eles nem sómente ho quiserão olhar, & forão se. E ele não quis que lhe fizesssem mal polos não escandalizar mays, parecendolhe que os amansaria por bem: mas eles não estauão nisso, & forão se pera outros lugares don de esperauão de fazer a guerra.

## C A P I T . C X V I .

De como Tristão dataide quisera fazer paz cō os mouros, & eles não quiserão.

**D**Espejada a cidade, acertou de chegar ho çamarao, q̄ como disse era fora com húa armada, & tanto q̄ desembarcou com os seus seruidores & pessoas de sua familia: os outros mouros q̄ ficauão na armada fizerão volta nas mesmas corascoras em que hião & se forão. O q̄ logo pareceo mal a muytor Portugueses porque sabião que ele era muyto mal quieto dos mourōs, por ser gouernador em q̄ lhes pez: & desejauão de ho matar, & q̄ não teuerão nunca tam bō tempo pa isso como então, poys estauão leuantados contra a fortaleza, o quem ostrauão em se iré logo, & poys ho deixauão viuo, não era senão por ser també na consulta do leuātamēto, & por dissimulação ficaua na fortaleza pera poder descobrir aos outros o q̄ Tristão dataide determinasse: a q̄ despois algūs disserão esta sospeita: mas ele cria tanto no çamarao que lhe não deu credito. E ho çamarao desembarcado se foy logo a Tristão dataide: & disselhe muyto espātado que lhe parecia que a gente de terra era leuantada: porque os da armada em que forá ho quiserão matar, porque não

queria ir coeles: & que seu filho hodessem parara pera ser com os aleuantados, & por amor dele ho não matarão, & ho leuarão à forrazea, onde queria morrer & viuer coele que lhetanto bē tinha feyto, & que a seu respeito lhe não lembraua natureza né filhos, né outra causa algúia. E Tristão dataide muyto crente q̄ era a/si, lhe fez muyto galhado, dadolhe grandes agardecimētos. E determinando de ver se por bē podia pacificar a terra, fez húa armada dalgūs bargantins & paraós que tinha, & a/si das corascoras da armada del rey de Geilolo, cujo capitão ainda hi estaua pera ver o fim q̄ auia esta guerra, & leuar a noua a elrey. E nesti armada mandou el rey Cachil aeyro, parecēdolhe q̄ lhe obedeceria os mouros, & a/si segarião daquele mouimento, & hia ho çamarao. E esta armada correu todos os lugares maritimos da ilha, a cujos moradores dezia da parte del rey & de Tristão dataide, cō muytos rogos, que tornassem a fazer amizade coeie, & que ele os desagruaria se estauā agrauados, & faria quanto quisesssem: lebrandoles a amizade q̄ sempre teuerá cō os Portugueses, & como lhes chamauão hirmáos, & outras muytas causas pera os prouocaré a paz & amizade. E os mouros como que estauão falados responderão todos per húa maneira, dizendo q̄ não obedecia a Cachil aeyro, porq̄ ho não tinha por rey: & posto que como a rey lhe obedecesssem algū tempo fora por força, q̄ seu rey natural era Cachil dayalo q̄ ja tinhão. E que quanto a amizade cō os Portugueses, eles a tinhāc como dantes, & a queria de muyto boa vontade, se eles matassem

a Tristão datayde, aq̄ querião tamainho  
rial por muytos q̄ lhes fizera, q̄ nūca lhe  
verião ho rosto né serião amigos dos Por-  
tugueses em quanto ho tevessem por capi-  
tão. E sabendoo Tristão datayde determi-  
nou cō cōselho de lhes fazer guerra, pera  
ver se farião coela paz. E jūta sua armada  
correio a costa da ilha daq̄ la banda da for-  
teza, & queymou eses lugares que hi es-  
tauão: oq̄ vēdō os mouros leuantaraose lo-  
go dali, & passarāse pa os altos das serras,  
& fizerão hi suas potoações, q̄ fortalecerá  
grandemēte; & porq̄ se temerão q̄ os Por-  
tugueses fossem la de noyte, & atinassem  
onde estauão os lugares, polo ladrar dos  
cāes ou catar dos galos, não dey xarão ne-  
nhūs q̄ nāo mataisē, & despois disto derā  
hūa noyte nacidade de Ternate em q̄ aui-  
da morauão álgūs Portugueses & q̄ yma-  
rāna toda, pera declararé a Tristão dataide  
q̄ nūca auião de ter paz coele, & dali por  
diante corrião á fortaleza de dia & de noi-  
te: & deytauão lhe muitas ciladas, com q̄  
matauão & catiuauão dos q̄ estauão na for-  
teza, principalmente os escrauos q̄ sayão  
por agoa & lenha: E assisaltauão cō os q̄  
ádauão a pescar no arrecife & às vezes lhes  
tomauião os paraōs & erão tam sobejos q̄  
de noyte nāo cessauão de fazer seus saltos  
cō q̄ dauão grāde opressão aos Portugue-  
ses, q̄ cōtinuamente estauão armados, & ti-  
rando tiros perdidos com suas espingar-  
das porq̄ como ho nāo fazião logo os imi-  
migos eram coeles gritado & fazēdo grā-  
des matinadas. E Tristão dataide porq̄ sua  
gēte nāo leuasse tā má vida, mādou fazer  
certas goaritas ao derredor da potoação  
dos Portugueses, em q̄ mandaia vigiar al-

gūs espingarderos repartidos per quartos  
& ho mēmo mādou fazer na ribeyra pa  
gaarda da armada, & eletinha a outra gē-  
te jūta debaixo da ramada á porta da for-  
teza pa se lhe fosse necessario acodir a al-  
gū rebate, & ali comiāo & dormiāo. E  
Francisco de Sotisa alcoforado capitão da  
hūa nāo grossa, q̄ estaua é Talágame, cō  
cutros capitāes doutros nauios, q̄ auião de  
partir cō carrega pera a India no Ianeyro  
seguinte, como souberão q̄ a terra era leuā-  
tada, cercatão logo de tráqueiras & cauas  
os nauios q̄ tinhão a mōte pa os corregēre  
& balecerānas dattelharia pa sua defesā.

## C A P I T. C X V I I.

De como se leuantarão os lugares do Morro.

Cōmo esta guerra foy começada;  
Tristão dataide mādou logo auião é  
hū parao ao vigairo Symão vāz q̄ estaua  
no Morro bautizādo os q̄ se tornauā Cris-  
tāos, pa q̄ esteuesse a recado cō os Portu-  
gueses q̄ estauão coele & os nā tomassem  
desobre alto: mandandolhe tābē dizer q̄  
comprasse os mais mātimentos q̄ podesse  
antes q̄ os Ternates fossem aluorçar a ter-  
ra, & a poseste parao mādou Diogo Sar-  
dinha capitão mōr do mārē hū bargan-  
hāti, assi pera fatiorecer os Christāos dater-  
ra do Morro como pera ho trazer carrega-  
do de mantimētos, mas quando ele che-  
gou, ja achou Ternates, q̄ tinhão dito cō-  
mo erão leuātados cētra a fortaleza, & lhe  
fazião guerra, de q̄ nāo auião de cessar ate  
anāotomaré & mataré Tristão dataide,  
& todos os outros Portugueses, q̄ deuião  
deter por imigos poisho erão del rey Ca-  
chil dayalo seu rey & senhor natural, aq̄  
tinhão feyto tanto mal como eles sabião

& por essa causa & outras muitas se leuantarão contra os Portugueses, porque ele a si lho tinha mandado: & mandaua a eles como a seus vassalos que lhes não vê deles nem húus mantimentos, & coistotinhão amotinada a gente que os não queria vender. E algúus lugares que erão dos Christãos nouos como ouuirão que os Ternates erão leuantados contra a fortaleza, & que el rey Cachil dayalo era restituydo é seu reyno, renunciarão logo a Christianidade que tinham, & tornarão se gétios comodantes, & poserão se da parte del rey Cachil dayalo & assi algúus gentios. E estes erão os que não queria vender os mantimentos, & faziános aleuantar: em tanto que valédo ho alqueire darroz a dous vintés, tinha sobido a cruzado, & assi ho preço do mais hia cada vez em mayor crecimiento. E achando Diogo sardinha isto assi trastornado, fez queixume ao gouernador de çugalá Christão nouo que auia nome Luys correa, que parece que por não satisfazer a seu queixume, vierão a roins palauras, em quelhe Diogo sardinha chamou cão perro arrenegado: & que estaua em ponto de lhe cortar a cabeça, mostrando que ho queria fazer cõ húa espada dásbasas mãos, & que como fosse na fortaleza auia de dizer a Tristão dataide que ho mandasse enforcar. E ou por esta injuria, ou por Luys correa estar abalado a deixar a ley de Christo, com ho exépro dos outros deixou ha logo, & tornouse gétio & ímigo dos Portugueses, a que defédeo que não se dessem nem vedessem em sua terra nem húus mantimentos. E cõ tudo em outra parte carregou Diogo sardinha ho-

bargantim deles, & se tornou pera a fortaleza, & forão coele algúus Christãos da terra, cõ voz de ajudaré Tristão dataide na guerra que tinha cõ os Ternates. Porem a verdade era que hiá ver se os Ternates se tinham leuantado, queho não pediá crer: pera que achado que era assi se tornasse gentios, & seré contra os Portugueses. E chegado Diogo sardinha á fortaleza, que Tristão dataide soube ho aluoroço q̄ hia no Morro não cuydando que fossem mais, mādou logo húa champana armada em que hiá certos portugueses pera trazerem mantimentos: & estando estes lá em hum lugar chamado Bico ya forão todos mortos pola gente da terra, que tomou a chapanas com toda a artelharia, & as mais armas que leuaua. E ho mesmo foy feito a outros Portugueses que hia do Morro pera Ternate em outro nauio. E nestacōjunção foy morto ho vigairo Simão vaz com quantos Portugueses estauão coele, pela gente da terra que ele bautizara, que lhestomou quanto tinham. E isto tudo se fez sem no Tristão dataide saber se não dahi a dias. E vendo ele a necessidade que tinha de mantimentos: & quam dificultosamente ospodia auer do Morro, socorrese a el rey de Geylolo, que por mays dissimular sua imizade lhe mandou quatro corascoras carregadas de çagu: & mādou aos que hia nelas que se deixassem ficar com ho seu capitão Cachil timor, que ajudaua Tristão dataide, a que mādou fazer grandes offerecimentos da juda de gente pera aquela guerra, & de sua pessoa se fosse necessaria, & de mantimentos: com o que Tristão dataide ficou muy contéte

de ter por amigo hú rey tam principal como aquele.

## C A P I T. C XVIII.

Do espantoso frey: o que fez dom Iom de Mamoya.

**E**lrey Cachildayalo ja antes disto á petição dos Ternates estaua apoderado de toda a ilha de Ternate, & outra vez obedecido por rey: & tinha mādado fazer gente de guerra a Mindanao & a Banda, mandando dizer ho pera que: & como determinaua de tomar os Portugueses, & a causa porque. E sendo lá este recado, acertou de ir a Banda hum jungs de hú Portugues chamado Lopaluarez, q os Bandaneles tomarão, matando quātos Portugueses hião dentro. E tomada a artelharia & outras armas, mandarão tudo a el rey Cachil dayalo, que muyto ledo ho mandou dizer a el rey de Geylolo com quem naquele tempo acertou destar hú Castelhano que fora lingoa na fortaleza, q auia nome Manhoz, que lá fora ter, não soube a que: & como este hia da noſſa fortaleza, de que elrey desejava saber noſſas, deulhe húa escraua & quatro aneys douro: & preguntandolhe despois por noſſas de Tristão dataide, disse lhe dele mil males: & q por eſſa causa estauão os Portugueses muy descōtentes dele, & lhe qrião mal, & que se ho ajudauão na guerra era polo que lhes hia niſſo. E que Tristão dataide estaua muyto apertado coela, por não ter mantimentos, nem esperança de os auer se não dele: & q a guerra estaua já rā trauada, q lhe parecia que nunca os Ternates fariā paz. Poré que Tristão dataide adesejava muyto pera prender todos os reys de Maluco, & os mandar presos á In-

dia, como fizera a Tabarija. E assi lbediſſe outras muytas couſas que parecia mētiras, porque as não podia saber tam particularmente como as dezis, & parecia que era mays por lhe parcer que el rey folgaria coiſſo, que por ser assi. Do q el rey deiou māo & hoçeo: & tendo por certa a guerra dos Ternates & Portugueses, mādou dizer a elrey Cachil dayalo q estaua prestes pera ho yr ajudar na guerra cōtra Tristão dataide, & cōprio que tinha jurrado com os outros reys, que lhe mādasse entregar os lugares q lhe forão tomados no morro, a q logo el rey Cachil dayalo satisfez, mandando a iſſo hú seu capitão que foy em cōpanhia del rey de geylolo, que leuou a mays poderosa armada q pōde. E determinando de yrao Morro mandou recado a Cachil timor que estaua cō Tristão dataide que se fosse logo, & leuafſe os Christãos do morro, a q també mandou que se fossem, & assi ho fizerão, sem falar a Tristão dataide, do que se ele eſpātou muyto, & logo ho teue a māo final. E chegados estes a Geylolo logo se el rey partio pera ho Morro: & tomado ho pri-meyro lugar despois q foy lá, mandará no chamar os de cugalā, peralhe entraga rē hú clérigo Portugues chamado Francisco aluarez, que ali bautizara muytos dos q se conuerterá: & algūs Portugueses q estauão coelſazēdo hū jūgo pa carrega rē de crauo, o q lhes sendo discuberto fugi rão em húa cora cora em q leuarā a pedra dura, & hocaliz, & algūs ornamentos de húa igreja em q sedizia missa. E não po-deſer tāo secretamēte, q parte da armada delrey de Geylolo, q ja hi estaua, não fosſe

aposeles. E pelejado cō algūas coras coras que os alcançarão foy Francisco aluares ferido de dez isete feridas, & cō tudo ele & os outros pelejarão tão brauamente q̄ se escapulirão dos imigos, q̄ por detrade y ro os ouuerão de tomar se nā lançará ao mar os ornamētos q̄ leuauão, & como erão de seda, & os imigos cobiçosos, ebaraçarāse é o tomar, & por isto, & por sobre vir a noytes caparão & se acolherão, & sem fazeré deteça forão ter à fortaleza, onde con tarão a Tristão dataide o q̄ passaua, do q̄ ele ficou muito agastado, por perder aq̄ le rey em q̄ tinha gráde cōfiança, & por lhe parecer que també os outros reys se auiaão de leuātar. E como andaua tão ocupado co modigo na guerra dos Ternates, nā p̄de mādar socorro ao Morro & deixou o feyto à fortuna. Tomado Gugalá por el rey de Geylolo tomou despois outros lugares & ho derradeyro auia nome Mamo ya, de q̄ era gouernador dō Ioão de mamoya, a q̄ legétiq̄ o primeiro se tornou Cristão, q̄ como ho era verdadeyro, nā temeo el rey de Geylolo cō quā poderoso ya, & posse em defensão cō algūs Portugueses q̄ ti nha, q̄ estauão ali os mais dos q̄ andauão no Mero, & tinhão feyta húa tranq̄yra cō algūa artelharia, onde se dō Ioão me teo coeles, & cō algūs de sua valia, pa se defender ou morrer, porq̄ foy desenga nado dos da cidade q̄ se auia d'entregar a el rey de Geylolo, como entregarão é chegá do. E quādo el rey soube a determinaçāo de dō Ioão foy sobre a tranq̄yra, & os Porтуugueses sem pele aré se lhe entregarão logo, nā aproueitando a dō Ioão dizer lhe quam mal o fazia, q̄ toda via cō cs q̄ ti

nha ainda q̄ erá poucos sedefēdeo del rey, cō tanto esforço q̄ em todo aq̄le dia hona pode entrar: & vinda a noyte q̄ cessou o cobare, vedo dō Ioão q̄ nā se podia defēder, nā quisque sua molher por ser fraca lhe fizesse el rey negar a fe de Christo, & assi a seus filhos q̄ erão peq̄nimos, & por isso matou a ela & a eles, & despois de destruir seus tesouros, por el rey os nāo auer, se quisera matar se seus parētes & amigos ho nāo teuerão por força, do que ele ficou muito magoado, & lhes pedio muito q̄ o dey xasssem matar, porq̄ melhor seria matarse, que ficar em poder dum tirano tão cruel como el rey, que por ser rey fizera tamanha treyçāo como fera matarel rey seu irmão, q̄ dedereyto era rey: pelo q̄ lhe cría gráde mal. E cō tudo nāo cōsentirão q̄ se mataisse, & entregarão sea el rey, q̄ entrado na tranq̄yra, & labendo o q̄ dō Io háo fizera, ho mandou trazer antes y, & pregūtandolhe como teuera coraçāo pera fazer coustado abc minavel, respondeo cō muito esforço, q̄ bē labia q̄ ele & sua molher & filhos erā Cristãos, & como el a por ser molher era fraca, & cō pouca p̄ma a poderia fazer negar a fe, & a elas por moços q̄ por isso os matara, q̄ melhor estarião na gloria do para y so, onde cría q̄ auia dir q̄ entāo mā terra como aq̄la, do q̄ se el rey espantou muito, & quisera o fazer tornar mouro, mas nūca p̄de, posto q̄ ho ameaçou cō a morte q̄ el nāo temeo, nē el rey lha deu por rōgo de seus parentes. E toma da por el rey esta cidade, em que acabou de tomar os lugares que erāo seus, tornou se a seu Reyno muyto ledo & vitorio so commuytos Portugueses catiuos.

## C A P I T . C X I X .

De como os outros reys das ilhas de Maluco se  
leuantarão.

**V**endo el rey de Tidore & el rey de Bacháo q̄ a guerra dos Ternates hia auante com os Portugueses, não quiserá mays esperar pera lha fazerem, como ante todos estaua jurado, pera o que logo a juntarão sua gente, que foy muyta, & tâbē forão é sua ajuda quatro reys das ilhas dos Papuas, que per cartas entrarão nesta liga: & forão el rey de Vaigama, el rey de Vaigue, el rey de Quibibi, & el rey de Mincimbo. E determinados estes reys de romperé a guerra com Tristão dataide, porque lhe não parecesse que lha fazião por cobiça, não quiserão cativar nenhum dos Portugueses que estauá fazédo crauo em seus senhorios, nem tomarlhe causa algúia do que tinhão. E el rey Cachil mir de Tidore, mandou chamar Jorge goteres, Ioão figueira & outros portugueses q̄ lá estauão, & preguntoulhes se queriaõ ti car coele ou irse pera a fortaleza, a que determinaua de fazer guerra, dizédo as causas porque. E sabendo deles que se queria ir, os mandou, dâdolhes embarcação em que leuarão tudo o que tinhão: & poreles mandou publicar a guerra a Tristão dataide, que ficou coiso bem agastado, ná por medo dos mouros, mas pola falta que tinha de mantimentos. E a pos estes portugueses que forão de Tidore, chegarão outros da ilha de Maquié & da de Moutel. El rey Landim de Bacháo també má dou hum Francisco mendez dorta com outros, & todos forá mortos no caminho por os Ternates que os encontrarão, ou por outros seus amigos. Por cuja vingáça,

quando Tristão dataide ho soube, foy sobre hum lugar chamado Mongue perto da fortaleza, que estaua bē fortalecido de tranqueiras & prouido de mouros, com que Tristão dataide & os Portugueses q̄ hião coele ouuerão húa braua peleja assi de feridos como de mortos: & com tudo ho lugar foy entrado. E ho primeiro que entrou foy hum Jorge de brito, de que fa ley a tras, & carregarão sobrele tâtos mouros, que ho ouuerão de matar senão fora socerrido por hú Baltasar vogado Deuora, que eu conheci, muyto valente caualeiro, & por Jorge dataide, & Antonio de teyue, & por Tristão dataide, & por outros, que pelejarão com tanto esforço, q̄ com quanto os mouros erão muytos, & eles poucos os fizerão fugir: & ficarão feridos Jorge de brito, Andre pinto, Anriq̄ jorge, Afonso teixeira, & outros algúis. E saqueado ho lugar & queimado, tornouse Tristão dataide pera a fortaleza, ficado os mouros muyto magoados por a perda daq̄le lugar, q̄ estaua muyto forte.

## C A P I T . C X X .

Do que fez Tristão dataide prosseguindo a guerra.  
E de como Fráscico de souia tomou Turuto.

**N**este tépo chegou a Ternate hú fidalgo chamado Simão sodré, em húa carauela có socorro a Tristão dataide que ho mandauadó Esteuão da gama capitão de Malaca: & foy por Borneo, & logo a pos ele chegou Ioão de canha pinto de descobrir a ilhade Mindanao. E com a vinda destes dou capitães ficou Tristão dataide muyto ledo, por trazeré géte, de quetinha gráde necessidade pera se defender daq̄les reys q̄ esperaua que fossem cercar a fortaleza: do q̄ eles estauão bē forá,

que

que não se atreuião a isso, por não terem tiros pera darem bateria, nem saber pera h o mais, & por illó determinarão de lhe fazerem guerra guerreada por mar, & to mar os Portugueses com fome. E em quanto se apercebião pera isso não quis Tristão dataide estar ocioso, porque estaua tam a pertado, que não tinha outra saluaçao se nãa fazer guerra aos mouros da ilha, & destruylhes as pouoações, porque nisso auia algüs mantimétos que se tomauão nelas. E porquenão pude saber por ordem, nem particularmēte o que fez Tristão dataide na guerra que teue com os Ternates, & cō os outros mouros de fora, que lhe corrião por márate a mouçao de partirem as naos pera a India, não posso també contar as couças por ordem, nem particularmente, se não em soma: & despois da vinda de Simão sodré foy por mandado de Tristão dataide a húa pouoação de mouros, q estaua perto da fortaleza sobre húa serra, a q chegou é amanhecedo cō certos Portugueses que hiá cō ele: & deu nela tá de supito, q os mouros ficarão tam salteados, que não teuerão acordo pera se defender, & fugirão logo quasi todos, se não algüs que pelejarão quasi nada, & ferirá hú Portugues chamado Fernão da silua. E sa queado ho lugar foy queimado, & Simão sodré se tornou á fortaleza. E vendo Tristão dataide tam bō começo em tempo de tanta desauentura, como era muyto esforçado & sabedor na guerra, não quis deixar esfriar esta vitoria, & prosseguindo auante, mandou destruir per Simão sodré as vilas de Turutó, Palatia, & Calamata, & nesta fizerão os mouros muy du-

ra resistencia pelejando brauamente, & os Portugueses tambem, de que forão feridos alguüs, & hum deles se chamaua Ioão freire, que ouue cinco feridas, de que despoys esteue em perigo de morte. E na tomada doutra vila chamada Gico, ho fizerao os Portugueses tam esforçadamente, que a tomarão & queimarão, & foy ferido hú Baltasar veloso dhúa espingarda da que lhe quebrou hum braço. E com todas estas vitorias estauão os mouros tam duros no odio que tinham a Tristão dataide, que não querião coele paz, posto que depois lha mandou ofrecer per algüs vezes, & ho çamaraõ lhes mandaua dizer q a não fizessem, porque os Portugueses nã podião durar muyto, por a grande falta que tinham de mantimétos, que não auia mays que os que tomauá nas pouoações: com o que se os mouros esforçauão pera prosseguir a guerra. E todos os que fugião destes lugares que Simão sodré destruyó se ajuntará, & assi outros doutras partes, & fizerão húa pouoação sobre húa rocha no mais alto da serra, que fenece per to da fortaleza da parte do ponente, & da li pera baixo erão dambas as bandas de pena talhada, & cercada de dous profundísimos vales, q era medo oulhar pera bayxo. E a seruentia desta pouoação era na bicada desta serra, per húa vereda tam estreita, que não se podia yr por ela, se não húa pessoa diante doutra: & ainda quasi em pés & em mãos, por ser demasiadamente ingrime, & com passos muy asperos. E a fora isto ho pé da serra por onde era hoca minho, estaua cercado de húa caua em que auia muytos esterpes ao derredor:

& perto da pouoaçāo hūa tranqueira bē  
arulhada, que goardauão muitos espin-  
gardeiros. Nesta pouoaçā que auia nome  
Turutó setinhão os mouros por seguros  
por sua fortaleza, & corriálhe daqui a mi-  
ude, & punhálhe ciladas, com que fazião  
muyto mal aos Portugueses & os punhā  
em grande trabalho. O que Tristão da-  
taide sintia em estremo, & mais porque  
fora duas vezes pera destruyr este lugar  
& não pode fazer nada. E vendo que era  
escusado, por ho caminho que estaua for-  
talecido, não quis lá mais tornar, ate não  
ter quem soubesse outro caminho menos  
perigoso: & trabalhando por auer algué,  
mádou a isso Baltesar vogado, & Esteuão  
de chaues, que deitados em cilada em hū  
vale, tomarão certos mouros, que prome-  
terão a Tristão dataide de ho leuar a Turu-  
tó por caminho sem perigo. E porque ho  
feyto era grande, mandou pedir a Fran-  
cisco de sousa que estaua em Talágame,  
que ho ajudasse com a gente q̄ tinha, dey-  
xando nos nauios a goarda necessaria. E  
como Frásciso de sousa desejaua muito  
de seruir el Rey, foy de muyto boa von-  
tade pera ho seruir nisso. O que visto por  
Tristão dataide lhe deu a capitania mor  
deste feyto, & não quis ir lá. E deulhe por  
seus capitáes Antonio de teyue, & Anto-  
nio pereira, os quaes foy assentado q̄ fos-  
sem com a mayor parte da gente que hia  
com Frásciso de sousa pelo caminho sem  
perigo, & Frásciso de sousa fosse pelo pe-  
rigoso & cometesse ho lugar, pera q̄ cuy-  
dassem os mouros que era toda a gente &  
acodissem ali. E entre tanto Antonio pe-  
reyra & Antonio de teyue ho entrarião,

& tomarião. Isto assentado partiose Frá-  
cisco de sousa bem de noite, & onde se fa-  
zia ho caminho sem perigo pera Turutó  
mandou Antonio pereira & Antonio de  
Teyue que fossem por ele com as guias q̄  
leuaão, & ele em amanhecédo se foy cō  
sua gente dertito á tráqueira dos imigos  
que como ho virão derão hūa grande gri-  
ta, desparando suas bombardadas, que nā  
empecerão aos Portugueses por estarem  
mais altas que eles. E vendo que lhes nā  
fazia nojo çarrarão com a tranqueira, tirá-  
dose de hūa parte & doutra muitas espin-  
gardadas. E nisto chegarão Antonio pe-  
reira & Antonio de teyue com sua gente  
& dão por as costas do lugar, entrado cō  
grande estrondo de gritas & espingarda-  
das, com que os mouros cuydando q̄ era  
todo ho mundo sobreles, foy ho seu medo  
tamanho que fugirão a quem mais podia,  
E frásciso de sousa & os outros capitáes  
os seguirão, matando & ferindo ate des-  
pejaré ho lugar, que logo foy todo quey-  
mado & destruydo com morte de muy-  
tos mouros, sem dos Portugueses morrer  
nenhum. Isto feyto tornouse Frásciso  
de sousa pera a fortaleza, onde foy bem re-  
cebido por feyto tam façanhozo.

## C A P I T. C X X I.

Do que aconseço a Tristão dataide com a armada  
del rey de Tidore.

C om quanto a perda destel lugar foy  
muyto grande pera os mouros, nā  
desmayarão pera deixarem de prosseguir  
a guerra. E pera a fazerem dali por diante  
mays aspera & com mays sua segurança  
leuantarão todas as pouoaçōes que ainda  
lhes ficauão daquela parte do ponente,  
onde

onde estaua a fortaleza, & passarâse pera a bânda do leuante, com o que Tristão dataide ficou mays desaliuado, porque como os ímigos estauão mays afastados da fortaleza não lhe corrião tanto a miude: mas dessas vezes que lhe corrião, fazia muyto dâno aos Portugueses, tomando lhe ho gado que sahia a pacer, & catiuâdo os escravos q̄ hião ao mato, & quâdo hião sobre algúas pouoações pdiaõ o caminho à mingoa de guias: & primeiro que chegassem a elas os sentiâ os mouros, que como ho mato he muyto çarrado, & aterra muyto fragosa & sem caminhos, puñhâose em passos onde se podiaõ ajudar deles, & os ferião & matauão sem receberem dâno, & recebendo os Portugueses muyto se tornauão sem fazerem nada. E outras vezes leuauão també os mouros ho mijhor em algúas pouoações que os Portugueses querião tomar, donde se tornauão feridos & mal tratados, defendêdo lhe os mouros que as não tomassiem. Eho mesmo trabalho que tinhão os da fortaleza, tinhão os que estauão em Talangame com Franciso de Sousa nos nauios da carga, salteando os ímigos porterra quan do hião buscar mantimento, & por mar, Principalmente despois que os reys de Tidore, de Geilolo & de Bachão soltarâ suas armadas que trazião por mar, com q̄ dauão assaz de fadiga a estes Portugueses q̄ estauão em Talangame, que ás vezes lhes sahiaõ em seus paraos & châpanas, mas como erão poucos sempre leuauão a peor. E vindohúa vez certas corascoras de Tidore, sayranlhe os Portugueses, cujos capitães forão hum Luys do casal valente

caualeiro, & hum Fernão anriquez, & outros. E receádo os mouros a artelharia dos Portugueses, fizerão volta retirandole, & eles forao depos eles as bombardadas: & vendooos fugir seguirãoos ate os meter no porto de Tidore. Do que os mouros se ouuerão por muyto injuriados, & determinando de se vingar, poserão húa cilada de muytas corascoras detras de húa pôta per tode Talangame, donde mandarão tres que corressem aos nativos dos Portugueses, & se chegassem a eles ho maisque podem, pera os maisatiçaré a sayrlhes, & entâ se retirassem de vagar, ate os meterem na cilada, & assi ho fizerão. E leuarão Luys do casal, & Fernão anriquez, q̄ lhe sayrão em douis paraos ate dobrarem a ponta onde estaua a cilada, & ali voltarão sobre les: & nisto sayrão os da cilada, & pegarâ com Luys do casal que acharão diante, & assi como Fernão anriquez os vio pegadoscoele, acolheose pera Talangame, & deixou Luys do casal, & os outros que ho ajudauão, que despoys de pelejaré valente mente forão aodos mortos. E os mouros se tornarão pera Tidore muyto ledos, por serem os primeiros que matarâ Portugueses em batalha de mar, o que lhes parecia impossivel, por amor da artelharia a que auiaõ medo, & dali por diante lho perderão. O que Tristão dataide sintio tanto como a perda daqueles Portugueses: & por isso determinou de não deixar passaraquilo sem vingança, & embarcouse em sua armada, cujos capitães forão Diogo sardinha, Antonio de teyue, Antonio pereyra, Baltasar vogado, Franciso de Sousa, Simão lodré, Esteuão de chaves, & outros fidal

fidalgos & caualeyros, & partiose pera Tidore, cō proposito de destruir a cidade mas os mouros não lhe derão esse vagar, antes ho forão receber ao mar em sua armada, que era may grosia a respeito da de Tristão datayde, que quando os vio ficou espantado de sua ousadia: & mandando dar fogo a seustiros, começoulhes de tirar. E os mouros que lhe não auia medo, fizerão ho mesmo com os seus, & comecase hū brauo jogo de bombardadas & elpingardadas. E se os mouros teuerá os nauios tam̄ fortes como os dos Portugueses sempre aferrarão comeles: & se ho fizerão não ficara nenhū viuo dos nossos, porque os mouros erão muitos & bé armados: & porem ho medo de lhe meteré os nauios no fundo os estorouou de aferrarem, nem os Portugueses ousauão de os aferrar, porque os vião tantos. E assi andarão hum bō pedaço neste jogo. E vendo Tristão datayde que lhe falecia a poluora & que não fazia nada, começou de se retirar & os seus coele, ate que voltarão de todo pera a fortaleza, seguindo sempre os mouros, & dādolhe muitas apupadas, ate que se enfadarão, & tornarão se pera Tidore muito soberbos coesta vitoria, & perderão de todo ho medo que tinhão de Tristão datayde, que eles auia por muito esforçado. E entendendo ele os mouros não quis mays sayr da fortaleza a pelejar, nem por terra nem por mar: & tambem por amor do despacho dos nauios da carga que auia de partir pera a India.

## C A P I T. C X X I I.

De como hum capitão del rey dos Mogores sobre Baçaym deyxou de hir com medo dos Portugueses

**L**rey de Cambaya como ficado atras) fazendo ho governador a fortaleza em Diu deu hū sayda por seu reyno pera que soubessem que era viuo. E forão coele Martim afonso de soula, & cutros sete ou oytō fidalgos: & andando lá soube como el rey dos Mogores tomara a cidade de Madauá, principal de Cambaya quando seus reys erão gentios. E estando el rey de Cambaya em hū sua cidade, hum dia antemilhaā lhe derão rebate q̄ yinhão os Mogores, & foy ho medo tam̄ que se os Mogores forão tomarā na. E el rey de Cambaya se sahio logo & tornouse a Diu. E sabendo ho governador estas nouas, & receando que os Mogores fossem sobre Baçaym & ho tomassem, mandou a Garcia de saa que fosse pera lá, por ter acabado ho baluarte que tomou a cargo de fazer na fortaleza, que auia nome Santiago, & deulhe quatrocentos Portugueses que fossem coele: & mādoule que ajuntasse antretanto os matrias pera hūa fortaleza que auia dir fazer como acabasse a de Diu: & assi ho fez. E estando ele em Baçai, chegou hi Gaspar preto, que fora com embaixada do governador a Nizamuluco senhor de Chaul, sobre que não fizese guerra a elrey de Cambaya, que ho concedeo por amor do governador: & lhe offreceo sua ajuda: & Gaspar preto disse a Garcia de sa q̄ vido de lá pa Diu teuera por noua q̄ hia hū capitão do rey dos Mogores sobre Baçaim com vinte mil de caualo, & géte de pé sem coto, pera ho tomar cō toda sua comarca, & dalo a Melique tocão q̄ fora señor dele,

& se lançara ccm elrey dos Mogores no desbar ato del rey de Cambaya. E que os corredores desta gente chegarão dele tão perto que catiuará algüs de sua cöpanhia, pelo que lhe fora forçado leixar ho caminho que leuaua & se acolher a Damão, & dali se fora por már a Baçaim. E Garcia de saa ficou muyto triste coesta noua, por que já a tinha, & a gente da terra : & assi os Portugueses estauão com grande medo por saberem quantos erão os Mogores, & eles tam poucos. E por isso Garcia de saa ná se estreueo a esperalos : & mais quā do soube quam perto estauão, porq a fora nā ter mais de quatrocentos homés, & os ímigos nā terem conto, nā tinha on de esperasse seu primeiro impeto senão no campo, o que era perigo grandissimo, porq com os ímigos tiraré nomais q cada hū sua frecha lhos matarião todos. E por isso Garcia de saa com ho parecer de Gaspar preto & doutros, determinou de se embarcar & irse, o que fintindo a gente da terra, & algüs mercadores estrágeiros, que se auião por seguros com a estada de Garcia de saa, deranse por perdidos, entendendo que se queria ir, & chorauão sua desaventura. Eera piadosa coulade ver ho gritar das molheres, ho chorar dos meninos, & ho lamentar dos homés, & a este som entrouxará os Portugueses seu fato. E como isto era tamanha quebra do credito que tinhão, principalmente naquele té po, em que toda a cöfiança del rey de Cá baya estaua neles, pareceo muito mal a Antonio galuão, que nā sabia o q Garcia de saa tinha assentado : & quando ho soube lhe pareceo muito mal, & disselhe.

Vos senhor nāo me negareys que quādo aqui viestes por mādado do gouernador que nāo sabieis que os homés que trazieis nāo erão mays dos que agora sam, a respeito dos ímigos que nesse tempo imaginaastes muy bem quantos auião de ser, poys queriaõ tomar esta terra, a q ho gouernador vos mandaua pera lhe resistir, & bē sabieis entāo que nāo tinheis onde vos de fenderse nāo no cāpo pelejando, & poys vos entāo nāo escusastes, podendo ho fazer sem deshonra, q o nāo sabia ninguē, nāo vos escuseis agora, com ficardeshonrado, & os Portugueses' cō descredito poys he em pubrico. E por foster este q eles hatantos annos que tem ganhado na India, será muyto seruiço de Deos & delrey perder as vidas que durão tão pouco, & isto vos requireo da sua parte que ho façais, quanto mais que sem as perder, nos podemos defender ccm a artelharia & espingardaria que temos, q nos defenderão a diante yra, & a traseyra ho mar, & mays faremos muy asinha hūa tranqueyra de quanta madeyra aqui temos, que cō hūa caua ficarà fortissima. E muitos que estauão com Garcia de saa estauão tam assentados em se hir : que nāo sōmente lhes nāo pareceo bē o que dizia Antonio galuão, mas nem deixarão Garcia de saa que lhe respondesse, antes começarão dedizer todos q era escusado aqle conselho. E vendo Antonio galuão q ho nāo qrião poer em pratica, soyse muyto agastado. E parecendo muyto bē a Garcia de saa o q dissera, assentou de ho fazer, & dizendo ho a todos soy a posse, & louuando lherui to seu coselho ho tomou, & pediolhe que fize

fizese a metade da tráqueira, & assi a fez, cō o q̄ gēte assidaterra, como estrágeiros se ajutarão todos cō Garcia de sá pera ho ajudaré. E sabendo ho capitão dos Mogo res quā fortalecido ele estaua, deixou de yra Baçaim, & tornouse, cō o que os portugueses ganharão muytahóra & credito & assi Antonio galuão q̄ deu ho cōselho.

## C A P I T . C X X I I I .

De como el rey de Cábaya quisera fazer hū muro ante a noſſa fortaleza & a cidade.

**D**Espressado Baçaim d os Mogores partioſe Gaspar preto pera Diu, & deu a reposta de Nizamaluco ao gouernador q̄ a diſſe a el rey de Cambaya, que ficou muy desaliuado, sabendo que lhe não auia Nizamaluco de fazer guerra: & então ficou muyto mays descontétedo q̄ andaua dātes por ter dada a fortaleza em Diu ao gouernador, porq̄ lha dera cō tençāo que cō a ajuda q̄ lhe desſe, deitaria fora de ſeus reynos os Mogores, & ele via q̄ ho gouernador nā podia, pelo q̄ ſe achou muito alcáçado, & ja que nāo tinha remedio pera ao presente eſtoruar que nāo ſe fizese a fortaleza, determinou dever ſe a po deria cegar, cō láçar hūa parede antrela & açidade, pera despois q̄ ſe ho gouernador fosse fazer naq̄la parede baluartes com q̄ podesſe bater a fortaleza & tomala. Isto de terminado, mandou dizer a o gouernador por Ninarao capitāde Diu, & por Ioā de Santiago ſeu lingoa q̄ lhe deixasse fazer a parede que digo: & ho gouernador lhes diſſe q̄ ele responderia a el rey por ſeu messa geiro, & ſobre esta reposta fez cōſelho em que ppos o q̄ lhe elrey mādara dizer, & Marti afonso de ſousa foy de voto que ſe

cōcedesse a el rey que fizesse a parede, por q̄ como era apetitoso paſſar ſelhechia aq̄le apetite & nā a faria. E Fernā rodriguez de castelobrāco ouidor geral & outros diſſerão q̄ por nhū modos lhe cōcedele, porq̄ logo a faria, & feita ſeria peor deſſazerellha, & deſte voto foy ho gouernador: & iſlo deſterminado, aſſentotisſe q̄ Fernā rodriguez lhe fosſe dizer que ſe a fortaleza era ſua, & os portugueses ſeus, q̄ pera que era aquela parede, & por iſlo era eſcusada. Equādo lhe Fernā rodriguez deu este recado, elrey ſe agastou & respōdeo muito aluoroçado, que queria aquela parede, peta que hū Portugues nāo teuerſe lugar de yr̄ matar hūa vaca ahū ſeu gētio, ou fazer outra couſa deq̄ ſe seguiffe eſcandalo ante os mouros, & os portugueses, o que ele nāo queria por amordamizade dātrele & el Rey de Portugal. Etodauia iſſitia q̄ auia de fazer a parede, ſobre oq̄ ſe paſſarão algūs recados anteſe & ho gouernador, q̄ leuaua fernā rodriguez, & apertado mais elrey em fazer aq̄la parede, mādou dizer ao gouernador que quādo fizera coele ho cōtrato das paſzes, nāo ſe obrigara mais q̄ a deixarlhe fazer hūa fortaleza, & nāo a ſerlhe ſogeito, & ſegūdo via ele ho queria ſogigar, poſlhe queria j̄m pedir que nāo fizesse hūa parede ē ſuattera, que lhe nāo goardaua ho cōtrato, & a reposta deſte re recado foy acordada em conſelho, q̄ Fernā rodriguez respondesse a el rey ho mais brādamēte q̄ podesſe ſer, & q̄ndo de todo em todo iſſiſſe na parede, q̄ o deſengana ſe q̄ lha nāo auia o gouernador de deixar fazer. E Fernā rodriguez foy a elrey, que lhe falaua pelo lingoa Ioā de Santiago, &

M quā-

quando el rey vio que lhe não concedia ho gouernador aparedé, começou defalar alto que lhe não goardauão ho contra to em nhúa coufa, & que pedira mil ho mé, ao gouernador peralhe yré goardar Baioche, & que lhe náodera mais de céto, & pois lhe quebraua a paz q̄ auia de fa zer a parede. E fernão rodriguez lhe disse que em nhúa maneira lho auia ho gouernador de consentir, porq̄ nē os Portugue ses auiaão de querer que lho consentise, do que elrey ficou muyto menécorio, & cha mou perro a Ioáo de santiago, porquelhe dizia tal coufa, & despois disse que os portugueses lhe chamauão doudo, & que ele ho era pois fizera o que fez, & porem que tábem os doudos atentauão pelo q̄ lhe có pria. E coisto se soy Fernáoro driguez, & elrey ficou muito agastado do deségano que lhe ele deu, por auer aquilo por gráde quebra, & se ele podera logo se vingara do gouernador, mas como tinha pouco poder, & os Mogores estauão em Cambaya, não ousou debolir consigo, & dali por diante teue mortal odio aos portugueses, & determinou de lhes tomar a forteza como teuesse tempo, & com tudo dissimulou este odio, & esteue algūs dias arrufado sem sever com ho gouernador, a que mandou dizer por Ninaraõ, que pois não queria que fizesse a parede, que a nā queria fazer, mas que lhe desse gente pera fazer guerra aos Mogores como lhe tinha prometido, sobre ho que ho gouernador teue conselho, em que soy a cordado que lhe não desse gente, porque não se ria muito pedila elrey pera a matar á treiçāo, que se lhe respondesse que lha não po

dia dar por ter pouca, que pera ho verão que juntaria mais lha daria, & coesta reposta se agrauou elrey muyto, & disse q̄ não podia ho gouernador negar que lhe ná compria ho cótrato, & poys assiera q̄ ho náo podia ajudar q̄ buscara seu remedio, & mandou a Ninaraõ que disesse ao gouernador como que ho auisaua que ele se queria yr pera Meca. E sabido isto pelo gouernador logo pos em conselho o que faria, em que soy acordado q̄ ho deteuesse, porq̄ nāo era tépo de ho deixaré yr, pola diuifam q̄ auia em Cábaya. E cōcertado antre ho gouernador que se visssem, por quāto el rey estaua fora da cidade na quinta de Melique, viráse na ponta de Diu, onde ho gouernador soy em húa fusta, & fōrāo coele Martim afonso de sousa, Manu el de sousa, dom gonçalo coutinho, & fernão rodriguez de castelo branco ouvidor geral, & Ioam da costa secretario do gouernador, a que elrey estaua esperado em húa fusta, acompanhado dalgūs señores do seu reyno ate quatro ou cinco, & o gouernador entrou na fusta delrey, & ábos de dous se meterão no toldo, & os fidalgos & senhores ficarão de fora, & alifez elrey húa comprida pratica ao gouernador, em que lhe resumia as condiçōes do contrato q̄ era feito antrcles, & quenão sōmetelho quebraua em lhe impidir a parede, mas nem lhe dava a gente que pedia aqueixádose muytodele. E ho gouernador lhe disse que por estar doente lhe nā respondia, que lhe responderia Fernão rodriguez que sabia bem aquele negocio, do que sendo elrey contente, Fernão rodriguez lhe disse, q̄ no cótrato que ele fizera

com ho gouernador, não estaua q fizese a parede que dezia antre a fortaleza & a cidade: & por isto não se deuia de aqueixar dele que lho não goardaua: quanto mays que fazendose aquela parede a fortaleza ficaua cō a artelharia cega & não valia nada, o que ele não auia de querer poys a de-  
ra liuremente, & poys era parele tam pro-  
ueitosa como pera os Portugueses, q erão  
todos seus: & estauão ali pa ho seruir quā  
do fosse tempo, & porq entāo ho não era,  
por ser entrada dinuerno, lhe não dava ho  
gouernador a gente que lhe pedia, com q  
por derradeiro nā auia de fazer nada, por  
que a inuernada ho não auia de deixar an-  
dar pelo campo, que pera ho verão q po-  
deria andar por ele lhe daria a gente q qui-  
selle, & que ainda q aquilo nā esteuera no  
contrato abastara pera ho fazer, a vōtade  
que tinha de ho seruir, & quenão cuydas-  
se outra coufa: nem q lhe não goardaua o  
contrato, porque seria sem rezão, & cōtra  
o que deuia ao desejo que ho gouernador  
tinha de o seruir. E assi lhe disse outras cou-  
fas com que el rey abrandou, & ficou sa-  
tisfeito, & prometeo de se tornar pera a ci-  
dade: & disse que não hia logo com ho go-  
uernador, porq não parecese aos mouros  
que hia por força: & o gouernador se tor-  
nou. E como el rey era inconstante, ainda  
despoys disto teue algūas refegas darrepé  
dimento do que fizera, com q mandou a-  
qla no yte engeitar a paz ao gouernador:  
& polo seu secretario lhe mandou ho con-  
trato, dizendo q lho não goardaua: & na  
mesma hora foy a ele Fernão rodriguez,  
per mandado do gouernador é húa fusta,  
& acompanhado da sua guarda. E faládo

aelrey ho assellegou de maneira que ao  
outro dia se foy pera a cidade como tinha  
prometido, & tornou a ser amigo do go-  
uernador, ainda que fingido, porq deter-  
minaua de tomar a fortaleza como teu-  
se tempo.

C A P I T. C X X I I I .  
De como os Mogores forão desbaratados.

**M**iráomuhmalá sobrinho del rey  
de Cambaya, que estaua na frôta  
ria de Damão cōtra ho Nizamaluco: des-  
poys que vio que os Mogores não ousará-  
dir sobre Baçaim cō medo dos Portugue-  
ses, não quis ali estar mays, porq Nizama-  
luco não auia de fazer guerra elrey seu tio  
que lhe mandou gente pera q com aque ti-  
nha fosse fazer guerra aos Mogores q an-  
dauão no reyno de Mādou, a que ele foy  
leuando ainda mays gente q lhe Nizama-  
luco deu pa ho ajudar naquela guerra: &  
la se ajuntou cō alguūs capitāes del rey de  
Cambaya, que tinham porele alguūas forta-  
lezas, & deles soube como el rey dos Mo-  
gores era partido pera ho reyno de Béga-  
la ao conquistar pela grande fama do te-  
souro que tinha elrey de Bengala, & que  
deixara em Mandou algūs capitāes cō gé-  
te de goarnição: a que Miráomuhmalá fez  
logo a guerra, com q os apertou em estre-  
mo, & assi com fome, porq como estauão  
nas fortalezas & não erão senhores do cá-  
po, não podião auer mantimétos, & mor-  
rerão muitos a fome, & de trabalho, &  
dos outros hūs se forá buscar ho seu rey,  
outros se ajuntarão cō Mirzáohamet so-  
brinho do seu rey, que se foy despois pa  
el rey de Cábaya, que cō a diminuição  
dos Mogores ficou muito fauorecido: &

M ij dali

dali por diante lhe acodio muyta géte, cō que despois cobrou seus señorios sem ter necessidade da ajuda dos Portugueses.

## C A P I T . C X X V .

De come dom Ioão pereyra capitão de Goa  
desbaratou çoleymão haga.

**D**urando a guerra d'entre Açadacão & dō Ioão pereyra capitão de Goa, sobrequerer tombar astanadarias de Salfete & de Bardés, tornou Açadacão a mádar sobreles çoleymão haga seu capitão com noue mil homés, de q̄ erão sete mil Balaçatunos, em q̄ entrauão duzentos de caualos ligeyros & cincoéta acubertados & os dous mil estrangeiros brancos, & de istes dous mil os mais frecheiros & espin-gardeiros. Entrado çoleymão haga nas tanadarias com esta gente, não quiserão os d'aterra por seu medo pagar mais as rédas que dantes pagauão aos tanadaires Portugueses, que logo escreuerão a dō Ioão pereyra capitão de Goa, requeré dolhe q̄ lhes acodisse, a queele partio logo cō quatrocé tos Portugueses, trezentos de pé, de q̄ foy por capitā Payo rodriguez daraujo, & cé to de caualo, em q̄ entrauão Iurdão de freitas da ilha da madeira capitão do campo, Galuão viegas adail de goa, Manuel de vasconcelos casado, Galaz viegas, Diogo botelho dandrade, & outros a q̄ não soube os nomes, & mil piáes da terra, de que forão capitáes Crisná & Ralú dous gétios Coesta géte partio dom Ioão na entrada de Feuereiro: & chegado a Rachol soube q̄ estaua çoleymão haga dali a húa legoa, & logo por húa lingoa q̄ tomou soube q̄ era aleuátado pa mais longe, cō medo q̄ auia de pelejar coele polo ter por muyto effor-

çado. O q̄ sabido por dō Ioão determinou de ho ir buscar: & indo polo caminho soube de Galuão viegas q̄ hia diáte descobrindo ho cápo, que çoleymão estaua cō sua géte na bicada de húa serra dali a duas legoas a cuja vista chegou aos noue de feuereiro: & seria a espaço de mea legoa. E quando os Portugueses virão tantos mouros esparátaráse muyto, por não saberé dantes quantos erão, né os fazião a dō Ioão tantos: a q̄ algūs dissérão que se tornasie, porq̄ seria doudice cometeré a tantos mouros. Do q̄ dom Ioão ficou muyto agastado por lhe parecer q̄ ho dizião cō medo, & ajuntádo esses principays lhes disse. Pareceme seño resq̄ vos vé de pouca fé em nosso senhor, dizerdes que nos tornemos sem cometer estes mouros, como q̄ não fossem eles os q̄ nos fugirão muytas vezes: & os q̄ nos núca poderão impedir q̄ não fizessemos a forteza de Rachol, pois eles não sam agora mais esforçados q̄ entāo, né vos tédes agora menos esforço q̄ quando vos eles fugirão: & o q̄ vos parece q̄ vos ha de saluar, isto vos deitaráa pder de todo, porq̄ se vos os ímigos viré tornar cuidarão q̄ lhe fugis & cuydádo vos seguirão, & pola grande distancia q̄ hadaqui á nossa forteza, nos matará a todos primeiro q̄ la cheguemos. Por isto cō a esperáça em nosso senhor q̄ nos dará vitoria, & cō vos lébrar quantas vezes nos fugirão demos nestes cães, porq̄ vêdo q̄ os cometemos, eu vos fico q̄ logo lhes sobreuenha ho medo q̄ nosté, & nos deixé ho campo. E parecendo isto bé aos mays, dissérão q̄ dessem nos ímigos, q̄ neste tépo começarão de chegar pera dom Ioão feitos em tres escoadóres, & de todos

dos seyto hū arco, em cujas pótas hião em  
 cada húa cento dos decauilo ligeyros, &  
 no meo os acubertos: & sendo a tiro des-  
 pingarda dos nossos (q̄ estauão feitos em  
 hū corpo) começáo de desparar muitos  
 foguetes ferrados & bombas de fogo, &  
 muitas espingardadas, & frechadas sem  
 conto, & dando grádes gritas hião çarrá-  
 do ho arco pera tomar os nossos no meo,  
 q̄ coela téçao ordenou çoleymão a sua gé-  
 te desta maneyra E certo q̄ hião tão medo  
 nha q̄ era muyto pera temer. Dó Ioão q̄  
 vio q̄ não podia dey xar de ficar no meo,  
 porq̄ o arco vinha muyto largo, determi-  
 nou de dar nos imigos átes q̄ le çarrassei-  
 detodo, & mādou Iurdão de freitas q̄ cō  
 tritade caualo e escolhidos fosse cometer os  
 acubertos, & mādou coele o seu guiaõ  
 & q̄ ele daria entretáto em húadas pótas,  
 E nisto erão as espingardadas táticas da par-  
 te dos imigos, & foguetes ferrados, & bō-  
 bas de fogo, q̄ algúsdos q̄ hião cō Iurdão  
 de freytas virarão as costas, mas tornarão  
 logo, parece q̄ com vergonha de se saber:  
 & em Iurdão de freytas ferindo, deu ele  
 Santiago em húa das pontas dos imigos,  
 porem ho medo parece que saltou cō os  
 nossos, que não abalarão com dom Ioão  
 maysdos de caualo q̄ noue & destes forão  
 Bentogomez das donas, Antonio ferrão,  
 Bastião roíz, & aos outros seysnā soube  
 os nomes & os outros de caualo se dey xar-  
 ráo estar quedos, & partedes de pé, & os  
 outros começauão de fugir com os piáes  
 da terra, mas dō Ioão cō quáto o vio, não  
 deyxo de cometer os mouros cō os no-  
 ue q̄ digo chamando por Santiago: & vê-  
 do q̄ Bastião roíz hião sem capacete, bra-

doulhe q̄ ho fossetomar, & ele respódeo  
 que não eratempo, & alsi sem capacete o  
 fez tão esforçadaméte cō todos os outros  
 q̄ os mouros daq̄la ponta se comieçarão lo-  
 godedesbaratar, vēdo em quá poucc dō  
 Ioão & os noue tinhão suas espingardadas  
 frechadas, bōbas de fogo, & foguetes, &  
 q̄ alsi se arremessauão aos matar como ho  
 més q̄ não estimauão as vidas, & matan-  
 do muitos dos mouros os fizerão fugir,  
 desta ponta, & nisto acodio çoleymão ha-  
 ga cō os da outra & desfez se o arco. E vē-  
 do os nossos q̄ não abalarão cō dō Ioão cō  
 mose desbaratauão os imigos em q̄ ele deu  
 cobrarão coraçao, & feytos em hū corpo  
 ho forão ajudar, & isto causou não ho su-  
 mir çoleymão & aos q̄ estauão coele quá-  
 do acodio cō os da sua ponta, & mesturan-  
 do te húscō os outros renououse a peleja q̄  
 foymuybraua, porq̄átre os imigos auia  
 muitos Parcos & outra géte bráca q̄ pe-  
 lejauão com gráde esforço, mas como os  
 nossos ja estauão juntos, & se esquétauão  
 de cadavez mays, cō ho ferior da batalha  
 fizerão marauihlas por emendar ho passa-  
 do, & matando muitos dos imigos aper-  
 tarão tão rijo cō os outros q̄ os fizerão fu-  
 gir, & dō Ioão cō os nossos de caualo lhe  
 seguiu ho encalço bē duas oras, em q̄ ma-  
 tou muitos de caualo, & piáes, & muyto  
 mays matára, senão q̄ muytos meterão ra-  
 mos verdes nas toucas como leuauão os  
 nossos piáes, & coislo escaparão, & os nos-  
 sos os seguirão ate hū rio onde os imigos  
 se lançarão & passará a nado, & algúslle a  
 fogarão com pressa, alsi hião cortados de  
 medo, & daly se tornou dō Ioão ao arra-  
 yal dos imigos onde fo y achada muy rica

presfa, assi de fazeda, como darmas & mátimetos, & muytos boysde carrega & caualos. E muytas cabayas q̄ coleymão tinha pera dar aos seus, q̄ primeiro rópesé os portugueses. E dō loão mandou fazer alardo, & achou q̄ lhe não fora morto nin gué: sométe lhe firirão algúis de frechadas & zagunchadas, & algúis caualos: No q̄ nosso señor mostrou quá milagrosa fora aquela vitoria. E dos mouros se achou q̄ fôrão mortos mil & sete centos, & muytes catiuos. E antre os mortos foy hū sobriuho de colemão, q̄ era capitá do cápo: & Abedacão capitão de Cintacora, caualeyros de muyto esforço, & de gráde estima antre os mouros. E assi outros muyto prícipaes. E por memoria desta tā famosa vitoria, & q̄ os mouros muyto sentirão, armou dō loão muytos caualeyros, q̄ se tuerão por muyto ditosos de ho ser em feito tam hórado. E isto feyto o q̄ ficaua da quele dia & parte do outro, andou dō loão corrédo a terra, pera q̄ soubessiem os moradores q̄ era señor do cápo, & todos lhe leuauão muytos p̄ esentes de mantimentos, cō prazer de severem liures dos mouros que lhes auorecião grandemente polo mao trato que lhes dava. E dey xando dō loão a terra em paz se tornou a Goa, on de foy recebido com procissão solénc, & achou hihū embaixador de colemão haga, q̄ da sua parte lhe leuou hum presente ūecousas ricas, & lhe pregútou como hia da batalha: & se estaua em disposição para dar outra: E isto fez coleymão por ficar muyto cōtente do esforço de dō loão, q̄ bē vio como os seus ho desempararão, & cō quá poucos cometera os mouros. E dō

Ioão recebendo bem ho embaixador, & lhe fez muyra hóra & gasalhado, & ho banq̄ teou, & lhe deu hū bō presente pera coleymão, & q̄ lhe díss'ele q̄ ficara muyto bem desposto da batalha pa o q̄ lhe cōprisse: & ainda estaua pa dar outra. Do q̄ colemão ficou muyto ledo, & Açaçacá muyto tristevedo q̄ não podia cobrara q̄ las tanadas & sosterle, & q̄ por culpa dos gouernadores se perderão tanto tempo tantos mil cruzados que elas rendem.

C A P I T C X X V I .  
De como foy acabada a fortaleza de Diu, & foy com  
çada a de Baçaym.

**H**O Gouernador q̄ fazia a fortaleza em Diu se deu tāta pressa em a fazer que a acabou quasi, em quarenta & nouedias de trabalho, q̄ foy na fim de Fevereiro de mil & quinhélos & trinta & seys ános, & acabada pos lhe nome Sá Thome, & ficou de trezentas & cinco éta brac̄as éroda, & de figura triangular, & tinha os muros de grossura de dezoyto pés, & daltura de trítia palmos cō as ameas, tinha quatro baluartes, o stresem triágulo, & o outro no meo, entulhados ate ho primeyro sobrado, abertos pola banda de dentro & descubertos & cercada de caua, muyto forte & bē artilhada, & ficou feito ho cauouco pa hūa cisterna muyto gráde. E ela acabada deu ho gouernador a capitania a Manuel de Sousa Deuora, & deu lhe noue cétos homés. E estādo ho gouernador em Diu, vio cō todos os fidalgos q̄ ho acópaua, hū homé q̄ dizia ser de trezéto & quoréta annos, & assi ho affirmaua el rey de Cábaya, & todos os principaes de Diu

lebrauase ser toda Cábaya de gentios, & não auer nenhúa pouoação em Diu. Dizia que quatro vezes se lhe pelarão os cabelos brácos, & outras tantas lhe tornarão a nacer pretos, & por táticas vezes lhe cayrão os dentes, & lhe tornarão a nacer. E q̄ teuera setecentas molheres. E ho gouernador lhe mādou ver ho pulso por hum medico, que lho achou muyto esforçado, & no rosto & na fala homé de setenta annos, & tinha pouca barba & essa preta, era de naçāo Bégala, de casta de gétios, & auia muyto que se tornara mouro. Ho gouernador esteue ainda em Diu quasi ate fim de Março, & antes de se partir Niña rao capitão de Diu lhe disse secretamente, que não se fiaua del rey de Cábaya por ser muyto inconstante & cruel, & que reçaua quelhe quisesse fazer mal, como fazia a outros q̄ lho não mereçião, pedindo lhe que mādase a Mantel de sousa que ho acolhese na fortaleza se teuessesse disso necessidade, & q̄ ele ho seruiria: cō o q̄ ho gouernador folgou muyto, por ter por amigo hū homé tam pincipal como aquele, E cō conselho mādou a Manuel de sousa que ho fauoreçese & recolhese na fortaleza se necessario fosse. E despois se partio pera Baçaim, aque chegou com toda sua armada: & quando vio a tráqueira que se fez per conselho de Antonio galuão, gabouha muyto, & foy logo ver ho sitio onde auia de fazer a fortaleza pera acometar. E por fazer honra a Antonio galuão que sabia que a mereçia por muitas vias, quando ouue de abrir os aliçes da fortaleza, mādou lhe que desse as primeiras enxadadas, & posesse a primeira pedra, estā-

do hi Garcia de saa, & outros muytos fidalgos. E deixádo ho gouernador Garcia de saa pera a acabar, partio se pera Goa, & despoys dalgūs dias que chegou foy ver a fortaleza de Rachol, sobre o que logo Açadacão lhe mandou hūa embaixada, que a derribasse & teuessessem pazes como dantes, & que recolhessiem ambos as rendas das tanadarias daquela comarca: & q̄ aspossesem em deposito ate ele mādar dizer a el rey de Portugal da maneira q̄ lhe dera aquela tanadaria: & quando el Rey ouuesse por bē de as toçmar, que lhas deixaria é paz & seria seu amigo como era. E ho gouernador não quis eō cōselho, dizendo que tinha as tanadarias por bō titulo, poys ho Hidalcão por amor dele lhe não fizera guerra.

C A P I T. C X X V I I.  
De como Antonio Galuão partio pera Maluco.



M Goa achou ho gouernador Lionel de lima, que de parte de Tristão dataide capitão da fortaleza de Ternate, lhe entregou el rey Tabarija. Pateçarrangué, & suas molheres, & os outros presos, que todos se queixarão muyto da sem rezão & agrauo q̄ lhes Tristão datai de fizera, req̄ redolhe q̄ visse logo suas culpas, & os cōdenasse ou assoluesse: & se as não teuessessem q̄ ostornasse a mādar a Maluco nas naos q̄ fossem pera lá. Oq̄ ho gouernador não quis fazer, ainda q̄ sabia q̄ não tinhā culpa, & nā os quis mādar aq̄le áno: por não ter causa de mandar prender Tristão dataide, de que era muyto gráde amigo: & por isso dilatou o despacho dos presos: do q̄ eles se queixauão muyto, & di-

zião quetam pouca justiça achauão na India como em Maluco: Pera onde ho go uernador determinou de mandar aquele anno Antonio galuão, que tinha a capitania da fortaleza: porq per Lionel de lima, & por cartas domés de Maluco, soube as auexações que Tristão dataide fazia aos Portugueses & aos mouros: pelo q estaua certo leuantarse a terra contrele: & a forá isso ficaua em grande aperto defome, & sem auer na feitoria apercebimento pera a paga do soldo & mahtimento da géte & pera restauraçā daqla terra era muyto necessário jr hū capitão efforçado, máso & de bōa cōsciencia. E como ho gouernador por experiécia sabia que em Antonio galuão auia estas qualidades: & sobre tudo ser muyto amigo do seruicio del rey, & que outra coufa não desejaua mais neste mundo, folgou muyto de ele ser ho capitão que auia détrar na fortaleza, & assi lho dislē. E com quāto ele douuida sabia algūa coufa das desordens & males q auia em Maluco, posto q lhe ho coração dizia que nā fosse, todavia por seruir a Deos & a el rey disse q yria. E ho gouernador lhe deu hūa nao pera jr, sem lhe lebrar que a tinha dada ahū fidalgo chamado Duarte de miranda: O que sabendo Antonio galuão, por lhe não fazer má obra, a tornou a engeitar ao gouernador, dizēdo ho por q ho fazia: & també por a nao ser muyto pequena pera leuar a gente q tinha nesfíside de leuar, pelo q lhe deu outra maior. E como pera ir a Maluco se acha a géte cō muyto trabalho, não quis Antonio galuão terse á q lhe ho gouernador pode riadar: & cō rogos, dadiuas & promessias

doutras mayores em Maluco, acquirio a mays géte q pode, & se partio pera Co chim onde se auia dacabar de despachar: mas não achou lá nenhū aparelho pa isso por Pero vaz vedor de fazeuda não ter di nheiro q lhe dar, pelo q lhe foy necessario emprestalo a el rey, & deixou de ho leuar empregado em couzas q ho tredobrara: & bē podera sem sua quebra deixar de ir aqle anno, poys lhe não davaõ auiaméto, como se dera aos capitães passados, & não quis pelo muyro q sua ida importaua ao seruicio del rey, & como isto sabia nā lhe lebrou mais seu interesse: & sem lhe ser pa ga nūha coufa de seu ordenado, como a os outros capitães, nem a gente q y acoelhido soldo q lhe era diuido, se partio de Co chim a oytode Mayona nao q lhe ho gouernador deu, &cō outra q fretou á sua custa, de q fez capitão hū Francisco nunez, em q leuou a mays & mays luzida géte q nunca foy a Maluco, q por ser muyta, & não caber na sua nao fretou aqla: & tā bē leuou molheres, a q fez grandes partidos: cō fundamento de as casar lá cō Portugueses, assi pera fazeré geraçāo, como pera saberé os mouros q determinauā eles de morarem Maluco, & não de deixar a terra. E leuou muyta fazeda de Cambaya trigo & vinho & azeites de Portugal, açucar & grande soma de conseruas, pedras datafonas, & serras grandes & pequenas, machados, enxadas, & outras alfayias necessarias pera quem lá morasie, que não auia na terra: & assi leuou ferro & chubo: E com estas duas naos: & com outros nauios que hiaõ pera Malaca, todos debaixo de sua capitania se partio de Cochim.

## CAPIT. CXXVIII.

De como el rey de Calicut, se quisera coroar em  
Repelim, & não pode.

**C**omo quer q el rey de Calicut tinha grande odio a el rey de Cochim, por amor dos Portugueses, buscava sempre modos pera ho destruir: & o que achou neste tempo, soy querer coroarse em hú pagode, que esta em terra de Repelim, q antre os gentios he casa de grande santidade: & nela costumão os reys de Calicut de se coroar: & como erão coroados, era costume ir ellos outros reys do Malabar fazer reverencia, como seus sogeiros que erão dali por diante. E porq lha el rey de Cochim fosse fazer: & ho predecessor queria ele coroarse: & també pera q seteuisse tempo passar dali a Cochim & destruila. E apercebendo se pera este feyto, soubcho el rey de Cochim, que ho disse a Perovaz vedor da fazenda: dizendolhe o q importava sua coroaçao: pelo q Perovaz mandou logo goardar ho pallo de Craganor por onde el rey de Calicut podia passar a repelim: & deu a capitania mór desta goarda a hú Pero froez seu parente, que soy em húa fusta, & tres capitáes em tres batays, & os que hião coeles erão todos cipardeiros. E por esta goarda: ou por outra causa, não passou el rey de Calicut como se esperava.

## CAPIT. CXXIX.

De como Xercansur fez guerra a el rey de Bengala.

**P**rosegundo Xercansura guerra cótra el rey de bengala (como a tras fia dito) des baratoulhe tatas y vezes ho seu capitámór, que ho fez recolher a húa fortaleza chamada Gori, situada na pótade húa serra, que entesta no Gáges, & he por

ele acima vinte legoas alem do Gouro, & sobrela soy Xercansur, & a cercou: & isto despays da partida de Diogo rabelo. E sa bendo el rey de Bégala este des barato, & que Xercansur estaua tão perto có lessenta mil de caualo, & de pé gente sem coto. mandou soltar Martim afonso & os outros, pera ajudaré a sua gente na guerra, & assi lho disse. E mandou os q fossem pou sar a casa do seu armador mór, q por lhes não querer dar pousada, a forá tomar em casado mouro valenciano que disse: don de por el rey não se fia de lles, & lhe parecer q fugirão, os mandou apousentá: nos seus paços: & el rey rogo a Marti afonso, que madasse algüs Portugueses com gente sua que queria mandar em socorro da fortaleza. E ele se lhe offereceo pera ir lá em pessoa: o que el rey não quis pelo reeo que tinha de lhe fugir, ou de se ir pera Xercansur, & parecialhe que não indo ele que tornarião os Portugueses q lá fossem. E quando Marti afonso vio a desconfiança del rey, não quis perfiar em ir: & mandou doze Portugueses em duas fustas, armadas có algüs berços: & forão capitáes delas Ioão de vilhalobos, & Ioão correa, bós caualeiros, o que fez mays por lhe fazer a el rey, que por lhe parecer q auia de fazer algüia cousa cótra tata gente: posse q dos Bégalas forão muitos, & todos por mair em almidias, & quando chegároa fortaleza, ja Xercansur a tinha tomada, có morte de muitos dos q estauão dentro. E como os Portugueses erão tam poucos não poderá fazer nada: né menos os Bégalas, & tornarásé. E mais potq Xercansur, deixado a fortaleza bé fornecida de gente

se foy com ho resto pola ribeira do Ganges abaixo ate defronte do Gouro: cō determinaçāo de ho passar dali, & acercar. E porq nisto auiā dauer detēça: mādou fazer húa tranqueira defrōte de hū bayleu das casas del rey q̄ caya sobre o rio. E fazē dose esta tranqueira hūs rumes q̄ moratā em Bengala cō enueja do muito cabedal q̄ el rey fazia dos Portugueses: se lhe offerrāo pera iré impedir q̄ se nā fizese: o q̄ auiā por grāde injuria estādoeles ali. E pa se fazer ho feyto milhot disserāa el rey q̄ fossem també os Portugueses. O q̄ Marti afonso nā quisera, pera q̄ vira el rey o q̄ os rumes fazião indo sōs. E por lho el rey rogar, mādou oyto todos despingardasem húa fusta bē artilhada, & os rumes forão em duas chāpanas em q̄ leuauā algūs tiros a q̄ querēdo dar fogo, se acé deo na polio ra dabus: & por isso se tornarā sem chegar à tranqueira, a q̄ chegarão os Portugueses, tirando muitas bōbardadas & espingardadas. E como os bégalas tinhā grāde desconfiança dos Portugueses, vēdoos tão poucos & chegarsetātō a tráqueira, nāo faltou quē disse a elrey q̄ estaua no bayleu olhādo o q̄ farião, que nāo se chegauā tanto, se nāo pera se deitaré cō os Patanes que os fizese tornar, & assi ho fez. E por se tirar da sospeita q̄ tinhā determinou de to mar a todos as armas: dizēdo a Marti afonso q̄ o nāo fazia: se nāo polos escusar depelejaré, porq nāo queria q̄ morresse en hū pa os mādar todos viuos ao gouernador. E cō toda esta desculpa Marti afonso lhe disse, que nāo deixaua de cuydar q̄ celi nha sospeita dos Portugueses lhe fugirem & por isso lhes mandaua tomar as armas

pedindolhe muyto q̄ ho nāo sospeitasse: porque os Portugueles erāo tam leays q̄ nāo auião de fugir: posto que ele nāo fica ra em terra, quanto māys ficando: & que quanto fazião era com desejo de ho serrem, por amor das merces que lhes fazia. & assi lhe disse outras couſas, abonādoos E el rey lhe deu por desculpa o que tinhā dito.

## C A P I T . C X X X .

De como el rey de Bengala fez paz cō Xercansur.

**A** Cabada a tranqueira que Xercansur mādou fazer, determinou dapertar māys ho cerco, & mandou passar muyta parte da sua gente da bāda da cidade, que passou em almadias, por nāo ter outra em barcaçā: & por ho rio ser estreyto passauā os caualos & os alifantes a nado, & cada hū leuaua atados nas ilhargas douis odres de peles de vacas, porque os nāo leuasse a corrente dagoa que he grandissima. E vēdo el rey que passauāo, fiādose ja de Martim afonso, rogo lhe que se podesse estor uasse a passagē aos imigos: E ele foy em hū parao: & mandou a Duarte dazuedo que fosse em outro, & leuarão os Portugueses que erāo quinze ou pouco mais. & assi forão muitos Bégalas, que como virão os patanes fugirā logo, tamanho medo lhe auião, & os Portugueses ficarā sōs & por serem tam poucos nāo poderā pelejar com os Patanes: & māys porque algūs que cometerão pera isso se afastarā, tirandolhes muitas frechadas: & deixará lhes douis alifates, que os Portugueses lhes tomarā. E vēdo Marti afonso q̄ nāpodia māys fazer, tornouse a terra, & leuou os alifantes a elrey q̄ tudo vio donde estaua:

& como os Bégalas fugirão, & deu mny  
tos a gardeciméto a Martim afonso, q aco  
dió logo cō os Portugueses, & Bégalas à  
parte por onde os Patanes poderião come  
ter a cidade, q estaua cercada de tranqyras  
cō algúia artelharia; Porem os Patanes ná  
curarão disso, né fizerão mays despoys de  
desembarcaré, q assentará seu arrayal, alsi  
estes como os q despoys passarão, no q se  
deteuerão algúis dias, & el rey ficou tâcô  
tente do esforço q Marti afonso mostrou  
a qle dia em ficar cō os Portugueses antre  
os Patanes, despoys de os Bengalas fugi  
rē, q lhe mandou dar húa cabaya & mil  
tangas de Bégalas, q sam duas mil & qui  
nhentas das da India, q pola moeda Por  
tuguesa, erão cêto & quarenta & cíco mil  
rs, & dali pordiante lhe mandou dar pera  
comer seys tágas cada dia, q erão noue cé  
tos rs, q por a terra ser tâbarata como disse  
no liuro quarto, fundiáo mays do que ca  
fundé dez cruzados. E a cada húa dos Por  
tugueses mādou dar húa tágas, q eles pou  
pauão, por Marti afoso lhes dar de comer,  
a q el rey dali por diâte ficou tâ afeiçoad  
& tinha nele tamanho credito, q lhe pro  
meteo de dar lugar ao gouernador pera q  
fizesse húa fortaleza é Chatigão & outra  
em Satigão, & mais porq preguntando a  
Martim afonso, se lhe mandaria o gouer  
nador mil Portugueses para ajudarem,  
& artelharia, lhe disse q sy. E porem por  
q isto auia de ser cō iré primeyro à India  
& tornaré, o q ele náo podia esperar, por  
Xercásur apertar muyto ho cerco, come  
çou de tratar coele paz, do que deu cota a  
Martim afonso, & q Xercásur lhe pedia por  
lhe dar paz treze leques douro: & cada leq

té quarenta & cinco mil pardaos, que fazé  
soma de quinhentos & vintecico mil par  
daos. E Martim afonso lhe disse q náo de  
via de dar aqle dinheiro, porque coele lhe  
auia Xercásur de fazer guerra: & com tu  
do el rey náo dey xou de o dar, cō condiçâ  
q Xercásur ficasse seu vasalio, & primei  
ro q se fosse lhe fizesse reuerécia, & ele lha  
fez da bordado rio estando antre sua gen  
te, & el rey defronte no seu bayleu, & di  
ziaisse q ele dera a Xercásur outros tre  
ze leques secretamente por fazer paz coele,  
assi polo aperto em que estaua, como tam  
bê polo muyto q perdia na guerra. E náo  
se espante ninguédeste rey, dar tanto di  
nheyro: porque el rey de Cábaya disse em  
Diu ao gouernador Nuno do cunha, que  
ho tesouro del rey de Bengalas era tama  
nho como ho seu, & como ho del Rey de  
Narsingâ, que erão dos mayores que se fa  
bião naquelas partes. E posto que el rey fi  
cou desapressado da guerra de Xercásur  
né por isto dey xou de fazer a Marti afon  
so à honrra q lhe dantes fazia, cō que esta  
ua tão acreditado na corte, que muytos se  
nhores & outras pessoas principaes ho to  
mauão por terceyro cō el rey, pelo q era  
muyto honrado de todos, & lhe manda  
uão muytos presentes, & por amor dele  
erão muy estimados os outros Portugue  
ses, & andauão muyto luzidos & tam se  
guros como em Lisboa. E el rey despoys  
de se ver liure da guerra, ou por outra cau  
sa, mudou a vôtade q tinha de dar fortale  
zas a el Rey de Portugal é Chatigâ & Sa  
tigão, se náo as alfandegas cō casas de fey  
toriz, & assiho disse a Martim afonso, que  
lhe lêbrou q náo prometera se náo fortâ  
leza

talezs: & porq vio q̄ el rey não estaua nisso não quis perfiar, & disselhe que desse o que quisesse. E por seu rogo fez el rey juyz da alfandega de Chatigão a Nuno fernández freyre, dádolle hū gráde circuito de casas, em q̄ morauā mouros & gétios, pa q̄ redessē parele, & oq̄ rendessē a chapa de chatigā, & lhe deu outros muitos poderes de q̄ todos os da terra estauão espantados, ser el rey tā amigo dos Portugueses, q̄ os q̄ria arreygar na terra. Echo juyz dalfadega de Sategão q̄ era menos, deu a Ioá correa, & logocle & Nuno fernandez se fôrão pera estas duas cidades a seruir seus ofícios, do q̄ os Goazis delas estauā muy tristes, porq̄ lhe tirauão ho poder q̄ tinhā, principalmente hode Chatigão q̄ era mayor.

## C A P I T . C XXXI

De como el rey Dugentana fez paz cō dom Esteuão da gama.

**A** Tras fica dito, como despoys q̄ el rey Dugétna foy desbaratado por dom Esteuá da gama, & destruyda sua forteza, q̄ fez outra mais pelo rio acima, dō de fazia guerra a Malaca como dantes. E determinād o dō Esteuão de ho destruir, tornou a fazer húa armada como a q̄ leuara da outra vez & partiose pera lá, & sendo junto do rio de Muar lhe deu húa trouada cō que se alagou húa fusta em q̄ ele hia, indo dō Esteuão em hū baileu, q̄ hia sobre ho tédal da fusta, q̄ se despgou quādo se a fusta foy ao fundo, em q̄ morrerão quatro dos nossos, & os outros escaparão, & assi escapou dō Esteuão no bayleu, & perdeose húa arca com a sua prata. Even- do isto todos os da frota, lhe disserão q̄ se tornasle & não fosse auante, & q̄ se refor- maria doutra fusta & de gente: como que

tomauão aquele desastre por mao pronostico, o q̄ ele nāo quis fazer, mostrado muy to esforço, dizēdo q̄ nāo cria em a goiros, & q̄ esperaua em nōsso sñor de ser tā dito so naqla empressa como fora na outra. E aisi soy q̄ destruyó a forteza q̄ el rey Dugétna tinha muyto forte, & bē artilhada & com muyta gēte, & lha queymou & tomou a artelharia. E porq̄ o nāo pude sa ber particularmente ho digo é soma, & as si lhe tomou algūas lacharas, & se tornou pa Malaca. E vendo el rey Dugétna que nāo se podia defender de dō Esteuão, lhe mādou cometer pazes por seu embay xadour, & ele lhas outorgou coestascōdições q̄ daly por diātē nāo fizesse mays nauios de guerra & os q̄ teuesse fossem pera seruir cō mercadorias, & que pagasse de pa-reas cadano a el rey de Portugal duas lancharas aparelhadas, q̄ lhe auia de mandar a Malaca, & q̄ em nhū nauio q̄ fosse a Ma- laca, nāo fizesse nenhūa força nem roubo. E quādo os capitāes de Malaca teuesse ne- cessidade de remeyros ou doutra qualqr cosa lhosdelle, & quādo seus imigos lhe fizesse guerra, ou se rebelasse algūia terra o fizesse saber ao capitā de Malaca pa o a- judar: & auia de ser vassallo del rey de Por- tugal. E disto tudo se fizerā escrituras assi- nadas por el rey & por dō Esteuão, & fica- rão dali por diante em paz. E despoys di- sto mandou dō Esteuá hū fidalgo chama- do Antonio de sousa por capitāo mór de cinco fustas, a húa cidade chamada Péra quarenta legoas de Malaca pa o norte: cu- jo rey tinha paz cō elrey d'Portugal. E se- do Antonio de sousa na costa deste reyno achou hū capitā del rey de Péra chamado

Tuão

Tuão marra pelejado em húa lancharacó dous jungos q ho tratauão mal. E conhêcedo Antonio de souza quē era lhe acodio & com sua chegada fugirão os jungos. E Tuão marra lhe disse que aqles jūgos erá da cópanhia de Tuão mafamede capitão mor do már del rey Dugétana, com quē tinha deferença porq acolhera em hú jun go (daqles com q ho achara pelejado) certos vassalos del rey de Pera, q selhe leuan tarão cō muyta fazenda, & hião fugidos pera Aché, cujo rey era imigo del rey de Pera amigo del rey de Portugal. Epoys el rey dugétana ho era també, & Tuão mafamede era seu vassalo, lhe pedia q fizesse coele que lhe entregasse os aleuantados. E Antonio de souza lhe disse que si: & foráse ambos em busca de Tuão mafamede, q andaua hi perto: & auendo ele vista deles cuydou que hião pera pelejar coele, posse em defensam, começando logo de lhetirar ás bóbardadas. E posto q Antonio de souza nem Tuão marra lhe ná tirauão, & leuantarão bandeira de paz, ele não deixa ua de tirar, parecendo lhe q ho queriāo tomar cō engano. Pelo q soy forçado a Antonio de souza & a Tuão marra, tirarélhe també com sua artelharia: o q ele védo ou ue logo medo pelo pensamento q trazia & fugio: & porque ho seguião, parecédo lhe que nāo podia escapar, lâçouse ao már ferido em húa perna de húa espingardada & assi se acolheo a terra q era perto, & lá morreo da ferida que leuaua, & o mesmo fizerão os seus, & a lanchara em que andaua ficou em poder de Antonio de souza. Tomada esta lâchara Antonio de souza soy logo pelejar cō ho jungs dos alcua-

tados, que lhe Tuão marra mostrou, & fo rão coele tres fustas de sua conserua: os do jungs erão muytos & homés de feito, & leuauão muyta artelharia, & porisso se de fendião valentemente, posto q os nossos pelejauão com muyto esforço, & lhes fa zião muyto dâno. E indo Antoniode souza pera aferrar ho júgo, desparou dele húa bóbardada que lhe deu por hú giolho & leuou lhe aperna em pedaços, & ele cayo ao már, por estar em lugar pera isso, & co mo hia armado foise logo ao fúdo. E mor to Antonio de souza, os nossos deixará ho jungs & també por ser noite, & os q hião nele se forão na voltado már, & os nossos setornarão a Malaca com a lanchara de Tuão mafamede.

## C A P I T . C X X X I I .

De como Tristão datayde mādou pedir socorro.

**E**ntrado ho mes de Janeiro do áno d M.D. xxxvij. em q as naos auiaõ de partir de Maluco pera a India, despachou Tristão dataide todos os jungos de merca dores que estauão pera partir, porq lhe leuauão ho seu crauo de graça. E nūca quis que a nao Sancti sprito que era del rey to masse carrega, dizendo q elrey não tinha crauo cō que se carregasse, sobre o q Rodrigo rabelo feitor desta nao lhe fez hú requerimento, dizendo q defendesse que ningué cōprasse crauo ate aqla nao ser car regada, como o gouernador Nuno da cu nha mandaua por hú seu aluará, q logo lhe apresentou, em q també defédia q ná fosse de vazio pola pda q elrey receberia nissõ: & q auia muito crauo q ele dava aos jungos dos mercadores por lhe leuaré ho seu de graça. E tristão datade não quis,

&amp;

& deixou ficar a nao: sobre o quo Rodri go rabelo lhe fez outro requerimento, dizendo q se perderia a nao de todo se ficas se, por auer dous annos q não fora tirada a mōte, & apodreceria & se corneria do gu sano. E cō tudo Tristão dataide não quis, antes ho tratou muyto mal de palaura, & lhe quis dali por diante mal. [També Tristão dataide mandou nesta mouçāo Diogo sardinha capitão mōr do mār da forteza, com cartas & requerimentos pera ho capitão que esteuesse em Banda, & pa ho de Malaca, & pera ho gouernador da India, em q lhes auia a forteza por em campada se lhe não mandassem logo socorro de gente, armas & mantimentos pa a guerra que lhe os mouros fazião, contādo quā apertada era, & a necessidade em que estaua: & mādouho em hūa barcaça em que auia de tornar de Banda Ioā de cā nha pinto que hia coele. E a pos ele mandou hū Dinis de paya cō os mesmos requerimentos. E chegados a Banda acharā por capitão Anrique mendez de vascōce los, dc q fiz mençāo a traz, que vistos os requerimentos & cartas de Tristão dataide, lhe mādou logo ho mais socorro que pode, assi de mantimentos, de gente das & munições, & mandouho em hū jungo, de que foy por capitão hū fidalgo Castelhano chamado dō Fernādo de Mōroy. Etambé hū piloto q auia nome Luys froez cōprou hū jungo, & carregado de mantimentos com algūs portugueses q acquirio, se foy em companhia de dō Fernando, & Ioā decanha pinto.

## C A P I T . C X X X I I I .

De como os mouros quiserão queymar hūa não dos Portugueses & não poderão.

**V** Endo estes reys das ilhas de Maluco a defensam q achauão nos Portugueses, determinarão de queimara nao Santi sprito q estaua em Talangame, de q era capitão Franciso de souza: & ho jūgo de Fernāo anriquez q se estaua acabando, & estaua fortalecido com hūa tranqueira. E esta queima auia de ser de jangadas de madeira sobre joāngas, metida por antrela muyta rama seca, & assi breu & alcatrāo: & em quanto se isto fazia cessarão suas armadas de andar no mar, de que hū dia desaparecerā, & tardarão bē dous meses em tornar, o que foy grande bē pera Tristão dataide & os q coele estauão, que nesteté po descansarão dos grandes trabalhos da guerra: porq nem por terra lhes dauão os imigos rebates, & podião seguramente yr buscar mantimentos hūa legoa da forteza, em que não achatão nenhūs, por seré todos os çagueiros cortados, & assi palmeiras, & as eruas, que não auia arvore nē erua de que se podessem aproueitar, q eles porhū cabo & os da terra polo outrotudo tinhão leuado: & daterra não lhe ficaua já outro mantimento que podessem auer mas facilmente que ho pescado & marisco: ainda q era muyto caro, por não auer quē ho vendesse se não ho çamarao q o māda ua pescar, & vendia o muyto á sua vótade quedaua hūa sardinha por cinco éta rs, & hūa cauala por seys vintés. E bem mostra ua ser immigo dos Portugueses, que nenhūa piedade auia deles ainda que os visse doentes, nem os socorria como fazia Ca childaroes no tempo de Antonio de bri to, que os remediaua & acodia com ho que tinha, como que fora pay de todos.

E a

Einda que os portugueses andauão muy escádalizados do çamarao, por entender é sua roindade, dissimulauão por amor de Tristão dataide que sabia que era seu amigo: & foy a fome tamanha antre os Portugueses, que não ficou cão nem gato, né bogio, né ratos, que não fossem comidos, & era a carestia tamanha dalgũs mátimetos que auia, que era causa espátosa, porq hú alqueire darroz valia cinco cruzados, & húa jarra de çagu vinte cinco cruzados & trinta, & não abastaua a hum só homé maisq hú mes, & ainda a não comer muito, hum porco vinte mil fs, & húa cabra oytomil, & húa galinha quatro cruzados & hú ouo trinta fs, húa jarra de vinho da terra dezaseys cruzados, & húa pipa de viño de Portugal cem mil reys, & a trezentos cruzados a escolher. Húa panela pera fazer de comer hú tostão & mays. Húa saya de malha, ainda que fosse roym cento & cento & cincoenta cruzados, húa espingarda trinta, húa lança vinte & cinco, & húa espada ho mesmo, & húa adarga outrotanto: & hú punhal doze cruzados ho vestido & calçado não tinhão preço. E com quanto esta carestia era tamanha, & a gente fosse grandemente atormentada da fome, sentião algú descanso em se verem desapressados da guerra estes dous meses. Se não quando hum dia subitamente em amanhecendo aparecem ao már de Talagame bê trezentas velas dos imigos que cobrião ho már, & foy muy medonha causa de ver pera os Portugueses. E por terra apareceo també muyta géte de guerra: & era a causa, porq em quâto as já gadas de madeira que vinham coesta frota

queimassem a nao & outros nauios, aco-  
deria a gente por tetra a dar na tráqueira,  
& queimalahia cõ o júgo q estaua em ter-  
ra: & isto auia de ser em decendo a maré.  
Vendo Frásciso de soufa este aparato deu  
lhe na vontade ho pera q podia ser: & co-  
mo era muito esforçado não se toruou, an-  
tes teue muy bô côselho pera atalhar aos  
mouros q lhe não queimassem a nao, cer-  
cando a cõ muitas vias deitadas nagoa,  
& bê amarradas q estivessem qdas, pera  
que as jangadas de fogo não podessé che-  
gar á nao: & nisto gastou aqle dia: q tâbê  
os mouros gastarão em chegaré a Talan-  
game, onde Frásciso de soufa os recebeo  
cõ muitas bôbardadas que a nao & o jú-  
go tirauão muy a miude, & assi os outros  
nauios, com q lhe não poderão chegar: nê  
a gente da terra bolia consigo: esperádo q  
os do már fizessem obra, & como foy hoy  
te mandou Frásciso de soufa hú homé  
por terra dizer a Tristão dataide como si  
caua, q lhe acodisse: & por ele respondeo  
q logo hia. E auido conselho, mandou da  
melhor gente da fortaleza nesses nauios  
que tinha, de q foy por capitão mór hú  
fidalgo homé didade q auia nome. Esteuá  
de chaues, & forá os capitães Antonio pe-  
reira, Jorge dataide, Antonio de teive, Lu-  
ys de braga. Jorge de brito, Ioá figueira,  
Baltesar veloso, Baltesar vogado, Jorge  
goterrez, & outros q partirâ cõ o nauio bê  
artilhado: & em chegádo a tiro de berço  
da frota dos mouros poé a proa neles des-  
parado seustiros, a q eles respôderâ cõ os  
seus, que como não erão tam furiosos: nã  
lhe fazião tanto dâno como recebião, &  
por isso lhes derão lugar que entrassem.

E vêdoos Frásciso de sousa vir saltou cō outros nesses paraos q̄ tinhão, & jutos cō os que vinhaõ em socorro remeté as jangadas que estauão em seco cō hópeso da madeira, & poserálhess ho fogo cō panelas de poluora, & a pesardos mouros do mar & da terra que as querião defender arderam todas, & sobristo forão feridos algüs de húa parte & da outra. E como os mouros uirão arder as jangadas; & que não tinhão remedio, afastarâse assi os da terra como os do mar, & foráse dadolhe os Portugueses grandes apupadas, & Este uão de chaues se tornou pera a fortaleza, onde derão muitas graças a o sô senhor por tamanha vitoria.

## C A P I T. CXXX.

De como Tristão dataide tornou cometer paz aos mouros & não quiserão,

Parcendo a Tristão dataide, q̄ coesta vitoria ficariam os ímigos mays brádos, quis ver se querião paz, o q̄ mādou cometer polo çamarao, & eles respôderão como dátes, & dizia se que por conselho do mesmo çamarao, que lhe descobria ho aperto de fome em q̄ os Portugueses estauão. E por dar a entender que falaua nas pazes, falaua alto na lingoa Malaya, porq̄ auia algüs que a entendiaõ: & ho seu filho mais velho q̄ andaua cō os mouros como hovia fazia que pelejaua coele, & dizialhe na lingoa Malaya porque não se passaua pera os mouros, & estaua com os perros dos Portugueses, & ele lhe respondia cō gráde furia que melhor estaria ele & seus amigos com os Portugueses, de q̄ tinhão mais necessidade que dos mouros, & antristolhedizia por húa lingoagem q̄ ha-

na terra, que he como ho latim antre nos (que nenhú portugues entédia) as necessidades em que eles estauão, & que não cessem da guerra, q̄ muy asinha os tomarião cō fome, & por deslimulaçao vinhão nesta pratica a pelejar, & ho filho mostra ua ao pay os cotouelos & as solas dos pés, que he como antre nos ho mostrar das figas, que he ho mayor desprezo & injuria que húa pessoa pode fazer a outra. E sabendo Tristão dataide como os mouros não q̄rião paz, tornou a prosseguir a guerra ho mais brauamente que pode, assi por mar correndo a ilha ao derredor, como por terra indo sobre al güs lugares que tomaua: & aos mouros que catiuaua deles mandaua aifar: & fazia os portugueses q̄ os comião, pera se m̄ interem coeles, & outros mandaua aos mouros cō as maos cortadas, & orelhas, & narizes, pera que ose spâtassequâdo soubesse m̄ que os assi uão, mādadolhes dizer q̄ assi auia de fazer a todos. E mandado húa dia assi húa destes, por não yr daquela maneira onde os seus naturais hóviõem, determinou de se matar, & por não ter com q̄ se deitou nagoa de quebebeotanta que se afogou, do que os portugueses ficarão espantados. E chegado neste tépo ho socorro que hia de Bâda, como disse atras, pera Tristão dataide fazer mais guerra aos mouros, tomou hélhe os dous melhores portos quetinhão, que erão ho de Toloco, & ho de Tabága, & no de Toloco mādou poer húa barcaça, de que era capitão Ioáde canha pinto, com triuta homés, & húa cara uela com outros tantos no de Tabága. E estes nauios estauão ali como fortalezas:

&amp; em

& em aparecendo os mouros por mār, ou por terra, tirauanlhe com a artelharia, & a fora isso estauão os nauios de remo repar tidos nestes doux portos, & dali corrião à costa da ilha, & fazião quanto dāo podiāo. E porq os capitāes não podiāo dar de comer muyto tépo aos soldados q andauão coeles, reuezaua Tristão dataide as capitanias a qué podia dar de comer, & de sta maneira sostinha a guerra: de q també os mouros da ilha estauão muyto apressados por estarē ençerrados. E ainda q as armadas de seus ímigos que andauão pelo mār erā muytas não podiāo defender aos Portugueses que lhes nā fizessem guerra nem podiāo aferrar coelas, por amor das cangalhas das suas joangas & corascoras que deitauão muyto pera fora como postiças de galê, & may s erão tam fracas, que auia medo q qualquer tiro que lhes desse as fizesse em pedaços, que se isso não fora, não deixarão de aferrar cō os Portugueses como despoys fizerão.

## C A P I T . CXXXVI.

De como Tristão dataide destruiu a cidade de Toloco.

Proseguindo assi Tristão dataide a guerra cōtra os mouros, determinou de tomar a cidade de Toloco, cuja pouçāo mudarā pera cima da serra onde estauão muyto fortes: & auida por Tristão dataide húa guia que o leuasse a esta cidade, ordenou de a tomar, & que Francisco de Sousa fosse com cincocenta homēs escolhidos pela bāda da terra, por onde ho leuaua ho guia, & ele cometeria da parte do mar, porq os mouros acodissem ali, & deixassem despejada a parte da terra, & assi

se fez, que em rompendo ho dia, se mostrou Tristão dataide da banda do mārcó sua gente, tocando suas trombetas, & des paraido sua espingardaria, a que os mouros acodirão logo, deixado cair da rocha muytas & grandes galgas & vigas, & tirando espingardadas, & muytos arremessos com que ferirão algūs dos Portugueses: & nisto chegou Francisco de soufa pe la banda da terra & deulhe nas costas: o q lhe fez tamанho medo que fugirão pera ho mato: & os Portugueses entrarão a cidade, & saqueada dos mantimentos soy queimada & destruyda, do q os mouros da ilha ficarão muyto quebrados, porque vendo tam asinha destroida aqla força q era tam forte, pareceolhes q era por dema ys defenderése aos Portugueses, a q vião quedauão de comer nos mantimentos q lhes eles tomauão, pelo q mandará dizer a el rey Cachil dayalo que estaua em Tidore, quelhes desse licença pera despouarem detodo a ilha de Ternate, dāolhe as causas que auia pera isso. E como ele nā desejava outra coufa, patecéolhe q com isso daneficaua muyto os Portugueses, respondeo que si: com ho parecer del rey de Tidore & dos outros reys. E porque a ilha nā se podia assi despejar, por amor da nossa armada, consultarão ho modo q terião pera adespejarem a seu saluo: & em quanto tomauão este conselho, não andauão suas armadas no mar, tam continuas como costumauão: o que vendo Tristão dataide determinou de mādar saltar ho reyno de Geylolo, de que lhe pareceo q el rey estaria muy descuidado, por lhe parecer que em tal tempo nā ousaria Tri-

stão dataide de mandar lá sua armada que logo mādou, & por capitão mór Antônio pereira capitão mór do mār, & coele os outros capitães nomeados a tras, & assi o çamarao. E chegādo antemilhaá a Geylolo, sayrāo em terra & queymarāo hūa mezquita que estaua junto da praya: & a codido os Geylolos, os Portugueses seeni barcharão logo sem afronta: mas em outro lugar pequeno que quiserão cometer māys a diante, a receberão assaz, q como a terra estaua apelidada sayrā logo os mouros a recebelos a praya, & fezerānos ébarcar em q lhes pez, & matarálhe hū homē: & coisto feito setornarāo pa casa, ficando os mouros muyto soberbos, por resistiré da que la maneira aos Portugueses: a que de todo perderão ho medo.

## CAPIT. CXXXVI.

De como foy morto pelos mouros Baltesar vogado.

**H**O conselho que estes reys ouuerão pera se despejar a illha a saluo da sua gente, foy q cometessem paz a Tristão dataide, pera q mandasse despejar os portos que tinhapejados, & iré ali suas armadas de noytetomar a gente, & passala a Geylolo pera onde auiadir, por não caber em Tidore. E sabido pelos Ternates esteardil, auida fala do çamarao, mādará dizer por elle a Tristão dataide, que erão contentes de fazeré paz coele: & de tornaré a poupar a cidade de Ternate: poré que pera seisto fazer, era necessario ajutaré se todos os q andauão espalhados pola ilha principalmente molheres & meninos, q todos auião de dar seu parecer. E que não se podião ajutar cō medo dos nauios que

estauão naqlesdous portos, q os mandasse dalitirar, & recolher sua armada, & q se ajuntarião. Do que Tristão dataide foy contéte, porq alé dedesejar a paz, sabia q auiia muyto crauo que desejava de cōprat E despejados os portos, vinha de noite a armada de Geylolo, & leuaua os mouros poucos & poucos. E ja q erão quasi todos idos q não ficaua senão Poyo filho do çamarao cō algūs de sua valia, que determinaua de ficar com os Portugueses pera dis simulaçāo, mandou dizer a Tristão dataide de que ja tinha assentado com os moures de fazeré a paz, que auião por feyta, q mādasse algūs capitães q lhe dessem guarda pa se iré pera a cidade de Ternate. & Tristão dataide mandou a isso Francisco de Sousa, & Baltesar vogado em dous bargātins, que indo peraissō, em dobrando hūa ponta, virão a armada del rey de Geylolo que os estaua esperādo por auiso de Poyo que estaua em Tabága. E os mouros vendo os dous bargātins foráse dereitos a elos desparando sua artelhatia & espingardaria, & muytos arremessos, & ho mesmo fez Baltesar vogado, que era muyto valēte caualeiro, que hiadiante de Fráscico de Sousa. E logo neste primeiro encontro ouue algūs feridos de hūa parte & doutra. Poré como os mouros hiā determinados dabolroar cō os Portugueses, sem medo da sua artelharia, em acabando a primeyra curriada, aferrou com Baltesar vogado hūa poderosa joanga, em q iriāo bē duzentos mouros todos gente luzida & de feito que saltando logo no bargantim, matarā a Baltesar vogado & quantos hiāo coele pelejando ele & eles primeyro cō muyto

esforço, & vingádomuy bé suas mortes com muitos mouros que matarão. E vé do Francisco de Sousa tantos mouros, & que seu socorro a Baltesar vogado não a proueitaria de mais que de ho tomarem, tornouse eom a mayor pressa q̄ pode a Talangame, onde ficaua Tristão dataide, q̄ sabédo como Baltesar vogado ficaua, & a grossa armada dos mouros, vio q̄ não a proueitaua socorrerlhe, porq̄ ja auia d̄ ser morto: & entretanto q̄ lá fosse segundo os mouros auiá de ficar soberbos jrião dar na fortaleza, & queimarião a pouoação dos Portugueses, pelo q̄ se partio logo pa a fortaleza, & deixou Francisco de Sousa em Talangame.

## C A P I T. CXXXVII.

Do mays que os mouros fizerão despoys de tomare ho bargantim.

**D**A morte de Baltesar vogado & dos outros Portugueses, & da tomada do bargantim, ficarão os mouros de Geilolo soberbissimos, & cō presunçāo dos mais esforçados daquela terra, & doutras muitas, poys ouvirão de ser os primeiros que abolroassem nauios de Portugueses, & ho tomassem cō morte do capitão, & leuarão ho bargantim a el rey de Geilolo com as cabeças dos mortos, que feza os capitães grádes merces, do q̄ os mouros de Tidore ouuerão tamanha enueja quando ho souberão, que jurarão de tomar a primeira vela que sayse da fortaleza, donde Tristão dataide não ouvia de sair, por lhe não acótercer outro desastre: pelo q̄ Poyo filho do camarao q̄ estaua em Tabága, & os da sua valia não forão pera a fortaleza. E sabédo os mouros que Tristão dataide

não ouvia de sayr dela, sayão niela esses que andauão por mar, principalmente os de Geilolo, & punháse em ciladas pera os que saísem da fortaleza, ou dos nauios q̄ estauão em Talangame, de q̄ acertou de sayr h̄ dia Fernão anriquez, a buscar h̄ pao pera h̄u leme, com sua gente, & com a de Francisco de Sousa: & sayralhe de h̄ua cilada os mouros, que como erá muytos matarão logo obra de dez Portugueses, & mays de quarenta escrauos, & não escapara nenhū se a tráqueira não fora tá perto, onde se os Portugueses acolherão. Equando Tristão dataide ho soube, determinou de se auenturar a jr lá a ver como aquilo fora, & també pera leuar çagu pa a fortaleza de h̄us jungos que hi chegarião Damboyno, & foy em h̄ua fusta muytobé artilhada, & acompanhado de cincoéta Portugueses todos escolhidos. E indo perto de Talangame sayolhe h̄ua armadado el rey de Tidore, que os seguiu de maneira que chegaua a ele a tiro de berço. E ele lhe mandou tirar com sua artelharia, q̄ logo Francisco de Sousa ouvio, & sospeitando o que era sahio logo em terra, com a mays da gente dos nauios, & foyse ao lógo do mar pera ajudar a Tristão dataide, que nestetempo acertou de meter h̄u pelouro na capitaina dos mouros, em que fez hum buraco que se hia ao fundo, pelo qual foy necessário socorrer lhe os outros nauios, & com isto se deteuerão que Tristão dataide se meteo debaxo da sombra da artelharia das naos. O que visto pelos mouros, & que lhe não podião fazer nenhū nojo, por estaré onde estauão, tornarásse pera Tidore com algūs feridos &

mortos. E dando Tristão dataide ordé ao que era necessário em Talágame, tornou se carregado de çagu pa a fortaleza, dôde não ousou mais de sayr por não ter gente & essa q̄ tinha doente & fraca da grande fome & trabalho q̄ passauão, como disse a tras. O que vendo os Reys ajuntarásle todos cō sua géte pera jré cercar a fortaleza & tomaré os Portugueses viuos cō Tristão dataide, & lhes daré muy cruas mortes. E porq̄ os capitães & soldados lhos to massém viuos, dauálhe de beber poros cō pos por onde bebiao, que sam douro, que he a mayor honra q̄ lhe podiá fazer: & entre tanto que se ajuntauão os de fora, os q̄ estauão em casa corrião cada dia a fortaleza, sem lhe os Portugueses ousaré de sair & fazião os mouros tamanho arroido de gritas, & estrondo despingardadas, q̄ cō medo quantos bufaros auia na ilha se deitarão ao már, & nunca mays parecerão. E Tristão dataide esteue em tamanho aper to cō todos os q̄ estauão coele, que se nos so senhor não leuara lá tão cedo, como le uou Antonio galuão, nen hū nā escapara.

## CAPIT. CXXXVIII.

De como dom Ioão pereira pelejou em Bardes cō Ianebeque capitão Daçadacão, & ho desbaratou.

**P**assada a força do inuerno, q̄ as agoas começarão de dar lugar, tornou Aça dacão a continuar a guerra contra os Portugueses, & mandou ás terras das tanadas de Bardes hū seu capitão chamado Ianebeque cō quatro mil homés, de q̄ os quatrocétos erão de caualo, & dos outros muy tos deles erão espingardeiros, pera q̄ fosse arrecadar as rendas, & prouasle a fortuna se lhe seria mays fauorauel q̄ a çoleimão

haga. E como ele entrou na terra cō este poder, espátouse ho nosso tanadar, de maneira que se soy pera Goa, & contou ao gouernador o q̄ passaua, que logo mādou dom Ioão pereira capitão de Goa, q̄ partiu na entrada Dagosto com céto & trinta de caualo, deles Arabios, deles da terra & forão coele estes fidalgos, dō Pedro de menezes, Ioão de mendoça, Cristouão de sousa, Lisuarte dandrade, Matim correa, da silua, Ioão ju farte tição, Manuel de souza de sepulueda, Francisco de gouuea, Pedro da cunha, Manuel de vascocelos ho casado. E dos casados de Goa Galuáoviegas Galazviegas, Antonio da roberada, & hū seu filho do mesmo nome, & outros q̄ fazião ho numero q̄ digo, & quatrocentos Portugueses de pé, os mays espingardeiros, de que soy por capitão Payo rodriguez daraujo, & quinhentos piões da terra, & seus capitães Crisna & Ralu. E passando dō Ioão em Pangí, começou a caminhar pera onde estauão os ímigos, q̄ era dalia húa legoa, & as noue horas do dia ouue vista deles, de cima dhūas ferras, q̄ cayão sobre húa varzeas semeadas darroz, & no meio delas se fazia hū palmar, alé de hū arro yodagoa. E neste palmar que era muyto grandetinha Ianebeq̄ a sua gente de pé, em que auia oytenta espingardeiros, & os mais dos outros erão frecheiros. E dábās as bandas do palmar estauão os de caualo repartidos em dous esquadros, & a ordé era muy boa, & como quem sabia bē da guerra, porq̄ podiā todos pelejar sem se embaraçaré hūs cō os outros. Equando os Portugueses virā ho bō concerto em q̄ os ímigos estauão & quantos erão, algūs q̄

Yão na diáteyra se deteuerá, & dey xará  
passar algúis dostraseiros: q forá Ioáo ju-  
sartetição, Manuel de vascócelos, Lisu-  
arte dádrade, Frásciso de gouuea, Pero  
da cunha, Galuá viegas, & decendo da  
serra começará os nossos piáes de róper  
cō os ímigos, q como estauá encubertos  
no palmar, ná queriāsayr dele, & tirauá  
dali muy rijo: & nisto saé do palmar tres  
mouros hú espingardeiro, outro frechei-  
ro, & outro descudo & lâça, q nesta ordé  
pelejauá, & remeterá a hú Ioáo roíz (dal  
cunha ho taful) q se desmádou cōfiado  
na lige y reza do caualo, & mataráno: o  
q vendo Lisuarte dádrade, Frásciso de  
gouuea, & Pero da cunha, q começauá  
de chegar, quiserá lhe acodir, mas ja ho  
achará morto: E Lisuarte dádrade q ya  
diante, cō quáto ná passaua de dezoyto  
annos, remeteo aos tres mouros & ferio  
hú a mão tente cō a lâça pola cabeça cō  
tata força, q lhesayo o ferro por debaixo  
da barba, & o mouro com o aperto da  
morte lâçou as mãos na lâça tā fortemé-  
te q aleuou cōsigo ao chão, & Lisuarte  
dá drade porq lhe ná ficasse deceo, &  
tomádo a tornou a caualgar cō muyto  
perigo, porq acodiá sobrele os ímigos:  
& sená forá Franciso de gouuea, Pero  
da cunha, & hú Fernároíz q se poserão  
diante, trataráno mal: & neste tpo deu  
dó Ioá nos ímigos pola outra banda do  
palmar, cō tamanho impeto, q logo se  
desbaratará & fogiráo, principalmente  
porq sintiráo fugir Ianabeque q estaua  
da outra banda, que dizem q se vio tam  
apressado de Franciso de gouuea, Pero  
da cunha, & Lisuarte dádrade, q o seguiá

sem o conhecer q se deceo, & meteose cō  
húa casa donde se salou, cō a reuolta q  
era gráde dos ímigos q fugiá & dos Por-  
tugueses q os seguiá, & foram aposleos  
húa legoa, em q matará & catiuará deles  
bêduzétos, & dos Portugueses ná mor-  
reo mais q Ioá roíz, & forá feridos Pero  
da cunha, & outros algúis: & por ser ja  
noy te dó Ioá se recolheo a hú pagode é  
q se fez forte. Eao outro dia mādou des-  
cobrir a terra, pera q se ouuesse ímigos,  
fossé pelejar cō eles, mas ja ná pareciam  
nhús q todos se acolherão, & Ianabeq  
se tornou pa Açadacão muyto triste. E  
vēdo dom Ioam q ficaua a terra segu-  
ratornouse pera Goa.

## CAPIT. CXXXIX.

De como Antonio da silveira pelejou cō Carnabeq  
capitão Daçadacão em Bardés, & o desbaratou.

**A** Védose Açadacão por muy injuri-  
ado de seus capitáes seré vécidos  
táticas vezes, ná disistio da guerra: & jun-  
tos q tro mil & duzétos homés de pé es-  
pingardeiros, frecheiros, & adargados,  
& oytocétos de caualo: fez capita deles  
a hú valéte Turco chamado Carnabeq  
q auia pouco q chegara, a q cōtou quan-  
tas vezes os seus capitáes forá vécidos,  
rogádolhe muyto que trabalhasse por  
auervitoriados Portugueses, & cō isto o  
mādou à terra de Bardés: & começado  
de recolher as rédas, soy o gouernador  
dislo auisado, & mādou a Antonio da sil-  
veira q se fizesse prestes pa yr pelejar cō  
os ímigos, & lançalos forá da terra. E  
porq determinou d' mādar cō ele a ma-  
is gête de caualo q podesse: mādou pre-  
goar q todo homé que quisesse yr a ca-  
ualo, se o ná teueisse, fosse por essas estre-

barias de mouros & de hristãos, & to  
másse caualo, & andava o meyrinhão  
fazelosdar, & cō tudo por ná auer selas,  
ná ouue mais de céto & oytēta de caua  
los Arabios, em que entrará estes fidal  
gos, afora outros q ná soube: Ioá de mé  
doça, Fráscico de médoça, Ioájus arte ti  
ção, Antonio de lemos, Manuel de ma  
cedo, Fráscico de gouuea, Lisuarte dá  
drade, Pero da cunha, Ianemédez dma  
cedo, Manuel de vascócelos casado, Frá  
scico da silua Dalcobaça, dō Ioá lobo,  
Ruy diaz pereyra, Diogo botellio dá  
drade, Christouão de souzā d Lamego,  
Pero roiz portas, Manuel Dazábuja,  
Antoni cabral de Sátaré, Jorge de me  
lo punho, Alvaro d médoça, Luys cou  
tinho, Pero batriga, Fráscico pacheco,  
Diogo percira, os outros erã casidos &  
cidadãs de Goa, & deles mesmos yão  
mais cento & trinta de rocis da terra, q  
fazia numero de duzentos & oytēta de  
caulo, & quinhélos de petodos Portugueses &  
os muises, inga deitos: & foy  
por seu capitã Ruy diaz pereira, & ou  
tros tâto da terra, de q foy capitã Cris  
tina, & passará em Págā em hū dos dias  
de Setebro, estâdo hi ho gouernador, q  
fazia muita hórra a todos os q passauā,  
& por issô passou tata gête, & táboa. E  
passad os dia báda dalé, começará de ca  
minhar pera onde estaua carnabeque q  
era dali a duas legoas, é hū vale átre du  
as serras de grāde aruoredos, q chegaua  
ate as rayzes das serras, & a entrada for  
talecidae muitas couas cubertas de  
torrões cō herua, porq ná se parecessé,  
& ficaua hū caminho dobrado de doze

palmos cuberto daqle aruoredó, antre  
as raizes das serras, & hū varzii q se fa  
zia aolongo delas, q era terra alagadiça  
por ser semeada darroz, & ná se podia  
andar porela, & cō isto estaua aqle lu  
gar muito forte, & carnabeque muito cō  
fiado q auia de desbaratar os Portugue  
ses se ho cometessé: & pera os cōuidara  
isso, tanto q os vio, q seria ás duas horas  
despois de meo dia, mādou a hū seu ca  
pitã q cō obra de duzentos de pé saysse  
fora da boca do vale, & se mostrasse aos  
Portugueses, & tâto q os cometessé, se  
retirasse pera detro, onde ele ficaua é ci  
lada cō os de caulo, & algúis dos de pé  
polas fraldas das serras q os viuissé os Por  
tugueses, & q ná cuiyalsé que erá mais  
pera os cometeré. Antoni da silueira  
como vio os q sayrão á boca do vale, &  
vio os outros q parecia polas fraldas das  
serras, logo lhe pareceo q era cilada, por  
saber q antre os ímigos aui, muytos d  
caualo, & como lhe isto parece, man  
dou a Ruy diaz pereyra q cō o Portugueses depe,  
porq erâ todos espi gardeiros, fôsse dar nos ímigos, & ainsi mādou  
a Galuão viegas q fôsse cō cinco éta de  
caualo em fauordos de pé & estes forâ  
nomeados perele, q ná quis q fôsse se  
ná homés de feito, & Lisuarte dádrade  
lhe pedio q o metessena qle coto, & ele  
ná quis por ser mācebo, & temer de se  
desmâdar, & todaua Lisuarte dádrade  
se furtou & foy cō os cinco éta, & quâ  
do Antonio da silueira ho vio y ná ho  
quis mandar tornar, & dislê q aqles ná  
se podia estoruar & q Deos os guarda  
ua. Os ímigos como os Portugueses fo

rá deles a tiro despingarda, q̄ lhes come-  
 çará de tirar cō elas, começará de se reti-  
 rar pera onde estaua Carnabeq̄ na cila-  
 da, & a ester retirar começou de correr  
 Galuá viegas cō os q̄ yá cō ele, & indo  
 assi corrédo, cayrá bē quinze nas couas  
 q̄ estauá cubertas, & o primeiro foy An-  
 tonio d̄ lemos, & os outros passará auá-  
 te, & quáto mais se chegauá ao boquei  
 rá das serras, tāto mais chouá sobreles  
 espígardadas & frechadas, & valeolhes  
 yré por debaixo dū aruoredo de tama-  
 rindos muyto basto, em cuja rama q̄-  
 braua a furia da mayor parte delas, &  
 assi viré pola báda esq̄rda dōde leuauão  
 as adargas com q̄ se emparauão, q̄ dou-  
 tra maneyra os mais ouuerá de morrer,  
 porq̄ ouue adarga em q̄ se achará des-  
 pois pregadas sesséta frechas, & né por  
 isso os nossos ná deixará de passar auáte,  
 ate darcō a cilada q̄ estaua detras do lu-  
 gar, & por ser a terra apertada tinha car-  
 nabeq̄ os de caualo em sieyras, & a géte  
 de pé polas fraldas das serras, & ele diá-  
 te dos d̄ caualo, encima dū poderoso ca-  
 ualo, & ele homé grande & mébrudo,  
 armado de hū lau del de laminas, & na  
 cabeça húa fota, & hū terçado vazado  
 ate a pôta, & cheo dazougue, & cō esta  
 ajuda, & cō a grássima força q̄ tinhā,  
 dizião q̄ fendia dū golpe húa bufarapó  
 lo meo. E em os nossos começado den-  
 trar por antre as casas, começā os ími-  
 gos de desparar muitas bôbas de fogo,  
 com q̄ matará algú, & o primeyro foy  
 Fráscico da silua Dalcobaça, mas cō tu-  
 do isto os nossos entrará por antre as ca-  
 sas, & chegará aos imigos de caualo cō

muyto esforço, & cō eles começará de  
 pelejar, mas ná teuerá os de pé q̄ os aju-  
 dassem cō as espingardas, porq̄ ficaram  
 muyto atras q̄ ná poderão ter coelos. E  
 como os imigos virão quão poucos os  
 nossos será, remeterá a eles cō grádeim-  
 peto, principalméte carnabeq̄, & o pri-  
 meiro q̄ ferio foy Gaspar preto, & alcá-  
 çouho por hū hóbro & descoleolho tâ-  
 to, sem lhe a pueitaré as armas, q̄ lhe viá  
 latejar os bofes, & a Migel froes deu ou-  
 tro por cima do capacete, q̄ logo deu  
 coele no cháo, & juraua depois q̄ dali a  
 q̄tro dias lhe ná ficara a vista perfeita, &  
 outro deu a hū q̄ fora porteiro de Lopo  
 vaz de São payo, q̄ lhe cortou de húa o-  
 relha ate o olho da outraparte q̄ lhe fi-  
 cou a cabeça ébicada & cay o logo mor-  
 to, & tirou outro a Diogo botelho dan-  
 drade, & errádoho, tomou lhe o caualo  
 porcima das ancas nas cubertas da sela,  
 & fendeo quasi ate baixo, & em cain-  
 do foy Diogo botelho saluo por Cristo  
 uão de sousa, & por Lisuarte dádrade, q̄  
 lhe derá hū caualo dos q̄ andauá soltos,  
 o q̄ fizerá cō gráde perigo, por carrega-  
 re sobreles muitos mouros, q̄ estauam  
 muyto fauorecidos cō o esforço do seu  
 capitá: E cō os nossos seré tā poucos os  
 tratauão muyto mal cō os feriré, & assi  
 aos caualos q̄ todos forão feridos, & al-  
 gú mortos, & tábē os q̄ yáo neles o ou-  
 uerá de ser sem ficar n̄ hū se ná fora Pero  
 barriga, q̄ como sabia bē da guerra, &  
 vio o perigo dos Portugueses, pa os fa-  
 zer recolher dislé alto: Ná he tpo, ao cá-  
 po, ao cápo, & dizédo isto se começou  
 de recolher, & outros q̄ o ouuyráo co-

N iij meçará

meçará de fugira quié mais podia, sem atentaré por algúsq estauam certados de mouros em aperto grandissimo, & hú destes foy Ioao jufante tição, q despois de chamar outros q lhe acodissé, & nam quiseram, ou ho não ouuiram, chamou duas vezes por Lisuarte dadradeq ya na derradeyra, & detédo se ele por ver qué ho chamaua, arráca datre os ímigos carnabeq cō outros q tro decaualo, & apos ele outros muytos, pelo q a Lisuarte dadrade lhe cōueo aco lherse indo ferido dū dos ímigos, a que matou o caualo, & quis nosso Señor q começando estes de se desbaratar, chegou Antonio da silucira cō o resto dos nossos, indo diáte de todos, antre Ruy varela & Pero da cunha, & nas costas Fráscico de gouuea & Fráscico pacheco q yadizédo a brados: Sñores, olhaipo lo vossio capitá? E eles yá tão apertados dos mourosq ná podia fazer menos, & se Antonio da silucira ná chegara, ná es capara nhú segúdo os mouros feriā neles, principalmēte carnabeq, q vēdo ho socorro q sobreuinha aos q fugiā, porq ná cuydassé os nossos q lhes auia medo, se meteo por antrelestā rijo como húco risco, & topádo cō Antonio da silucira, lhe deu hú golpe sobre hú hōbro, q se as armas ná forá tā boas lho cortara, mas atormentoulho de tal maneyra, q depois lhe foy necessario trazer ali hú emprasto muytos dias, & em ele dando este golpe, Ruy varela & Pero da cunha q ficará hú pouco atras Dátonio da silueyra, lhe puserá as lanças nos peitos pa o derribaré mas ná poderá, & por isso

deixado as láças pegarão nele, & ajudá doos Fráscico de gouuea & Lisuarte dadrade, deram coele do caualo abayxo sem se poder valer, & ele derribado foy logo tão pisado dos pés dos caualos que ná se pode mais leuantar & ali foy morto: E em cayndo acodirão dos seus hús dezoyto Turcos todos capitáes Daçacão, & forão sobre Antonio da silucira & sobre os outros que estauão coele, & começará de pelejar muy brauamēte, porem como carnabeque era ja derribado, & os seus ho ná vião, & os nossos espingardeiros começassem de varejar com as espingardas, começará os ímigos de se desbaratar & fugir, assi os do vale como os das fraldas das serras, & acabarão de se desbaratar de todo cō a morte dos dezoyto capitáes Turcos, que pelejarão com tanto esforço & valentia, que depois de hú ser derribado do caualo, remeteo a hú Diogo pereira que estaua a caualo peralho tomar, & com tanta força lhe puxou por hú a perna, que lhe rasgou húa bota. E desbaratados de todo os ímigos, que começará de fugir, seguirão os nossos a posseles até hú escápado que foy muyto pouco espaço, & Antonio da silucira ná quis que passasssem dali, receando que ouuesse outra cilada, por ver yr os immigos de caualo muyto de vagar pola serra acima por caminhos que tinham feitos, & este vagar segúdo se depois soube, era por amor de recolher os de pé. E mandando Antonio da silucira deter os nossos, chegou Crisná, & requereolhe da parte de Deos & delrey

que

que d' seguisse & fosse apos os ímigos q  
yá o muyto desbaratados & que os ma-  
tarião todos, & se não q lhe desse licença  
pera os seguir cō os seus piaés, porq' eles  
abastariá pera matar todos os ímigos,  
como fizera quando passara com dom  
Ioá pereyra a Salsete, que fizera afogar  
tres mil almas, & Antonio da silueyra  
não quis polo receyo da cilada, conten-  
tandose cō desbaratar os ímigos, de q  
forão mortos carnabeq' & os dezoyto  
capitães, & q' crocetos outros, & muy-  
tos feridos, & só a morte de carnabeq'  
bastara pera esta ser húa muyto grande  
vitoria como foy, de q' Açadacão ficou  
tão quebrado, que nūca mais ousou de  
mandar nhúa gente que pelejasse em  
campo com os Portugueses, de q' mor-  
rerão nesta batalha, Francisco da silua  
Dalcobaça, Manuel da zambuja, o que  
foy porteiro de Lopo vaz de saopayo,  
Pero rodriguez porras, & outros tres,  
& forá feridos, Ioá de medoça, Aluaro  
de medoça, Ioá jusarte tiçá, Luisuarte dá-  
drade, Gaspar preto, Antonio da rabo  
reda, o moço, & outros algūs: & durou  
esta batalha das onze oras até as tres.

## CAPIT. CXXX.

De como Antonio da silueira fez húa tranqueyra  
em Bardes.

**R**ecolhidos os Portugueses, mādou  
Antonio da silueira ver hú este yro  
q' ya ter ali perta, a ver se estauão hi-  
hús bateis, q' lhe o gouernador diffira q'  
auia ali de mādar cō gēte q' esteuesse na-  
q'le este yro, porq' auia os ímigos de pas-  
sar porele & os atalhassé, & Antonio  
da silueira mādaua buscar estes bateis,  
p' leuar neles os feridos & mortos, mas

nā se achará, pelo q' os sāos os ouuerá de  
leuar ás costas nos escudos dos Canaris  
ate onde desembarcarão, q' era legoa &  
mea, no q' leuarão o trabalho ímenso, por  
fazer muyto gráde calma & ná teré ain-  
da comido. E indo assi todos muyto cá-  
fados, chegou Ioá de payua feitor da ar-  
mada do gouernador, q' da sua parte ya  
visitat Antonio da silueira & saber co-  
molheya, porq' quando os Portugueses  
começará de fugir da batalha q' An-  
tonio da silueira socorre, tres casados de  
Goa (a q' nā soube os nomes) fugirá tão  
bē, & hū foy dizer ao gouernador q' An-  
tonio da silueira fora desbaratado, &  
mortos muytos dos q' yā coele, no mea-  
dohos por seus nomes. E estando a gouer-  
nador muyto triste, soube a verdade por  
hū pião de Crisná q' lhe mādou cō a no-  
ua, & por isso o gouernador o mādou vi-  
fitar, & māis mādaualhe fazer húa tran-  
q'ira onde estaua o nosso Tanadar daq'la  
comarca, em q' deixaria quoréta espin-  
gardeiros pa q' ficasse seguro, & māda-  
ua rogar aos fidalgos q' estauā cō Anto-  
nio da silueira q' o ajudassé a fazer a trā-  
q'ira. E por a gente yr muyto cásada &  
morta cō foime, se foy Antonio da siluei-  
ra onde ya pa hi descāçar, & aq'la noite  
foy húa braia & espátos a tormēta de vé-  
to, toruões, & chuua: & como os nossos  
estauão cāpo, óde nā auia nhū abrigo  
de té das nē casas, desgrudarāsé as adar-  
gas cō a agoa, & os caualos scouueram  
da fogar, & muytos por ser ho tpo tam  
forte se passarão secretamente a Pangí  
cō quanto hi estaua o gouernador, que  
todavia mādou a Antonio da silueira

que

que fosse fazer a tranqueyra, & ele soy nam leuando mais de duzentos Portugueses, em que entrauam trinta & seys de caualo, & fez a tranqira muyto forte de duas faces & entulhada, cō seus balu arres forrados de tauoado pela báda de dêtro, & soy feita é oyto dias, cō muyto trabalho dos fidalgos. E sabédo ho Gouernador q̄ a tranqira era acabada, mādou a Antonio da silueira q̄ corresse a terra ate onde fora a batalha, porq̄ auia noua q̄ tornaram ali os immigos & q̄ estauā hi, o q̄ deu grande opressão aos Portugueses, por seré tā poucos como era. E logo se partio Antonio da sil ueira cō sua gēte, indo diâte Galuá viegas descobrindo a terra, & cō ele Galaz viegas, Baltesar de vilhegas, & Luisuarte dādrade, q̄ yá sempre diâte do corpo da gēte hú terço dālegoa, & por isso che garásos ondefora a batalha, em q̄ nāo achará immigos né rastro deles, & sabédo ho Antonio da silueira se tornou, dey- xádo a terra pacifica, & se passou a Páḡi onde ho gouernador ho esperaua, & dali se foram pera Goa.

## C A P I T . C X X X I .

De como soy preso Garcia de Sá, & Antonio da sil ueira soy a acabar de fazer a fortaleza de Baçaim.

**N**Este anno de mil & quinhentos & trinta & seys, partio pera a India por capitão mór da armada da carga hú fidalgo chamado Jorge cabral, (de que se fez menção no liuro Septimo) & os outros capitães foram Francisco barreto, Ambrosiodo rego, Gaspar dazeuedo, & Vicente gil, a que nā soube o que aconteceio, nem em que tempo chegaram á India. E porque el Rey

de Portugal mandaia prender a Garcia de Sá (que estaua por capitão em Baçaim fazendo a fortaleza) & socrestar lhe sua fazenda, por capitulos que seus immigos deram dele, mandou ho gouernadora Antonio da silueira, q̄ fosse acabar defazer a fortaleza de Baçai, & assi a Ioão de mendoça, & q̄ Garcia de Sá se fosse pera Goa, & eles forá com gente quelhes o gouernador deu pera isso. E chegado Antonio da silueira a Baçai, mādou Garcia de Sá pera Goa, & ele ficou acabando a fortaleza cō Ioam de mendoça, no q̄ gastarā tres meses.

## C A P I T . C X X X I I .

De como Marti afonso de sousa soy socorrer a el rey de Cochí, & do que fez no caminho.

**D**vrando a perfia del rey de Calicut se querer coroar em Repelí, & defendé dolho os nossos, por náficar superior dos reys do Malabar amigos del rey de Portugal, soube ho gouernador, & por isso mādou logo Marti afonso a Cochí cō a sua armada, em que leuaria quatrocetros homés, & os capitães q̄ leuou, afora ele q̄ ya em húa carauela forá, Vasco pirez de sampayo, Ferná de sousa dātauora, Manuel dā soufa de Sepulueda, dō Diogo dalmeyda, Marti correa, Fráscico de barros depayua, Jorge barroso dalmeyda, Francisco pereira, Gaspar de lemos, Jorge de figueiredo, Diogo de reynoso, Antonio de souto mayor, Francisco de Sá, Ioão de sousa de matos, dō Pedro de meneses, & estes em galeotas & fustas, afora outros q̄ yá em catures. E sabédo Marti afonso q̄ em Colemute se fazia semp gráde armada cōtra os nossos, determi-

noude ho destruyr: & dando cõta disso  
a seus capitães, desembarcou cõ eles cõ  
a gête q̄ leuauá, & ao desembarcar, acha  
rá obra dedous mil Naires, q̄ lhes qui  
será defender a desembarcaçá, & ouue  
sobrisso húa braua peleja, de q̄ os nos  
sos ficará vêcedores, cõ morte de muyl  
tos dos imigos, & os q̄ ficauão fugirá &  
desemparará holugar, q̄ foy todo quey  
mado, & foram tomadas sete fustas que  
hi estauam varadas.

CAPIT. CXXXIII.  
De como Martim afonso de souza chegou a Cochí.

**O**NDE despois q̄ chegou, soube co  
mo elrey de Calicut caminhava  
cõ sua gente, cõ determinaçao de  
passara Repelí pelo passo de Cráganor,  
pera se coroar como disse atras, & gête  
sua q̄ ya diáte, era chegada ao passo on  
de tinha queymada húa hermida q̄ ali  
deixara sam Thome, & fizerá húa trá  
queira forte, em q̄ asfetara algúas peças  
d'artelharia. E sabido isto por Martí afon  
so, determinou d'yr tomar esta tráquei  
ra, & defender a q̄lle passo a elrey d' Cali  
cut, & pa este feyto mādaua elrey d' Co  
chí húa soma dosseus Naires, & assi ho  
Mágate caimal seu vassalo, & gráde se  
nhor: & os capitães desta gête, era os re  
gedores d' Cochí, q̄ por nā acodiré a hú  
dia q̄ Martí afonso tinha assinado, pera  
dar na tráqueira húa menhaá, nā deu,  
& ficou acousa pa ho outro dia. E sabé  
doho elrey de Calicut naqle (por suas es  
pias) q̄ Martí afonso deixara de yr dar  
na tráqueira por falta de maré, & q̄ ania  
dir ao outro dia cõ gráde poder de gê  
te, foy ho seu medo tamanho, q̄ nā ou

foude ho esperar: & na noyte seguinte  
recolhida a artelharia da tranqueyra, se  
passou cõ sua gête à Chatuá, & dahi pa  
ho pé das ferra, & nā ousou de tornar a  
cometer o q̄ cometia, sem gráde poder  
de gente (como direy adiante.)

CAPIT. CXXXIII.  
De como el rey de Calicut, com me do de Martim  
afonso de souza se retirou pera suas terras: & de  
como Martim afonso começou a fazer guerra  
a el rey de Repelim.

**S**Abido em Cochim como el rey de  
Calicut fugira, mudou Martí afon  
so a yda q̄ auia de fazer a esperalo,  
em yr cõtra el rey de Repelí, assi por ser  
noso imigo, & ajudar a el rey de Cali  
cut, como por ter húa pedra del rey de  
Cochí, q̄ lhe el rey de Calicut irmão de  
Nabeadari tomara, quádo lhe tomou  
Cochí, q̄ se le acolheo ao pagode de  
Vaipí (como disse no liuto primeyro.)  
E el rey de Cochí sabédo q̄ el rey de Re  
pelí tinha esta pedra, q̄ era cousa de sua  
religião, sentia se disso por muyto injuri  
ado, & req̄ria a Martí afonso q̄ lha fosse  
tomar, que foy com cõselho do vedor  
da fazenda & de todos os outros, &  
leuou mil dos nossos, & muytos Nai  
res debaixo da capitania do prícepe de  
Cochí & do Mágate caimal, & doutros  
senhores del rey de Cochí. E cõ Martí  
afonso forá todos os capitães da sua ar  
mada, & assi Antonio de brito capitão  
de Cochí, Jorge mascotenhas de mon  
tas, & Pero froes, q̄ yá cõ elle por terra,  
& por mar ya Jorge cabral capitão  
da armada da carga, & Manuel rodrí  
guez coutinho, em fustas & bateis. Par  
tio como digo por terra, a vinte hú de  
Nouébro, & aq̄le dia foy dormir a terra  
do

do Anche caimal, & ao outro soy cometer a terra del rey de Repelim, q̄ he quasiilha, & dōde a não cerca a agoa, q̄ era pola parte q̄ os nossos auião détrar, cercada de canaueaes de canas da India, que sām muyto grossas, & estauão tecidas de maneyra, q̄ ficauão mais fortes q̄ muro, & tinha ali certas entradas, em q̄ estauá tranqueyras muyto fortes, & bē artilhadas & guardadas de gente. Os nossos yāo nesta ordē: Antonio de brito leuaua a diáteyra cō trezétos homēs os mais espingardeyros, & yā cōele dō Diogo dalmeyda, Jorge mascarenhas de mótas, Pero froes, & outros capitāes & fidalgos: E a posele, Martí afonso cō a bādeyra real cō ho resto da géte. Antonio de brito soy co neter hūa destas tranqueyras q̄ digo, q̄ tinha tres peças d'artelharia: & vedoho os ímigos, apar tar ase cem Naires todos escolhidos por muyto esforçados, & sayrá a receber os nossos fora da traqueyra, cuydando q̄ por sua valetia os não deixasse chegar a elia, mas os nossos matarā & ferirā muytos cō as espingardas, & os fizerá fugir: & indo a si desbaratados, hum que ya muyto ferido n̄im se atreuēdo a viuer, chamou outro, & deulhe a sua agomia & seu escudo q̄lho leuasse, & isto, porq̄ tēles q̄ ainda q̄ morram na batalha, se salua as armas, ficá inteyraméte cō sua hōrra. E seguindo os nossos os ímigos, entrar a cō eles na traqueyra, & dentro acharā resistēcia nos ímigos q̄ a guarda uão, & durou a peleja ate chegar Martí afonso, q̄ se os ímigos desbarataram de todo & fugirão, & dali fez Martí afoso

volta sobre a mão esquerda, onde estauá duas estâcias pera ho rio q̄ o guarda, & estas cōbatia Jorge cabral cō os capitāes q̄ leuaūa por mar, q̄ apertará tão rijo cō os mouros q̄ os fizerá fugir. E sábēdo el rey de Repelim q̄ aq̄las tráquei raserá tomadas, mádou alargar as outras, & recolher sua géte pera a cidade, onde esperaua dese defender cō cinco mil Naires q̄ tinha scus, & do Mágate aché vassalo del rey de Calicut, & entra uão nestes quinhentos espingardeyros.

## CAPIT. CXXXV.

De como Martí afonso de sousa desbaratou el rey de Repelim, & lhe queymou a cidade.

**D**Esbaratadas as tráqueiras q̄ digo, deixouse Martí afonso ficar ali pera descásar sua géte: & ao outro dia em amanhecedo, abalou pera a cidade de Repelim, q̄ era dali hūalegoa, & mandou a Fráscico de barros de payua, q̄ cō céto & cinco éta espingardeyros fosse diante descobrindo a terra: & nas costas lhe ya Antonio de brito cō quatro cétos homēs, & cō os mesmos capitāes & fidalgos q̄ ho acōpanharão ho dia dātes, & na retroguarda Martí afonso cō ho resto da géte: & caminhado nesta ordēm, posto q̄ no caminho auia muytos frecheyros, por antre muytos palmares q̄ auia dum a parte & doutra: Franciscode barros cō os scus espingardeyros os despejaua de maneira, q̄ os nossos nā receberá deles n̄hū dāno, & assi forā ate a entrada da cidade, q̄ era p̄ antre hūs valos & hūas cauas, q̄ o de mais era cercado de canaueaes. Enesta étrada estaua hū capitā cō muytos espingardeyros & frecheiros, & como elia era estreita podiāna os ímigos defēnder

defender muyto bē, & por isso durou a  
peleja aqui hū pedaço, & por derradeiro  
os imigos ficarão dei baratados, & os nos-  
sos entrarão leuandoos diante de si fugin-  
do ate dar nascas del rey, donde ho re-  
sto dos imigos q̄ hiestaua fugirá, vēdo su-  
giros outros: & nūca el rey os pode deter  
por mais q̄ o se forçou, & entāo fugio coe-  
les, sendo dos derradeiros. & Francisco de  
barros ho seguió cō algūs outros, tirando  
lhe tantas espingardadas q̄ lhe matarão o  
que lhe leuaua ho sombreiro, que com a  
pressa não ouue qué ho leuátaſſe, & ficou  
o q̄ el rey sentio muyto, por ser antreles  
grande desonra. E despois de perdido ho  
sombreiro, el rey foy tam apertado dos  
nossos q̄ ho seguião, que cō muyto gran-  
de perigo escapou, saluandoſe em hūa al-  
mada em q̄ se embarcou cō ho mangate  
Aché, & outros quattro & fugio. E entre  
tanto Marti afonso que tomou por outra  
parte, foy dar em hūa mezquita, de q̄ lay-  
rá obra de vīte mouros determinados de  
ho matar, segundo hū remeteo a ele com  
grande ousadia, tirandolhe hūa cutilada,  
que ele tomou na rodelha, & logo ho atra-  
uesou com hū zagúcho que leuaua: & a  
a pos isso foy morto dos nossos: & os ou-  
tros també morrerá, pelejado como muy-  
to valétes homés. E mortos estes Marti  
afonso fez ali corpo recolhēdo os nossos  
de que muytos andauão desmádados po-  
la cidade a roubar, & destes forão mortos  
dez ou doze, que na batalha não morre-  
n̄ hū: somente forão feridos muytos, &  
hū Esteuão gago. E dos imigos se achará  
mortos cento, & os feridos forão sem con-

to, & em muyto pouco espaço. E desbara-  
tados os imigos & fugidos, foy roubada  
a cidade, & as casas del rey, em q̄ foy acha-  
da a pedra del rey de Cochim, q̄ era hūa  
pedra branca como qualqr outra, da fey-  
çāo & do tamanho de hūa mea moo da-  
tafona, & tinha abertas hūas letras mala-  
bares. E cō esta pedra fizerão os riayres de  
Cochim grande festa: & assi forão acha-  
das hūas tauoas de metal, cō hūas serpes  
escolpidas nelas, & hūas letras Chins, que  
el rey de Repelim tinha em grande venera-  
çāo, por ser couſa de sua religião. E saquea-  
da a cidade, despoys de ser toda queimada  
se tornou Marti afonso a Cochim, onde  
foy recebido cō muyta festa, & deu a el  
rey de Cochim ho sombreiro del rey de  
Repelim, & as tauoas, & a pedra, que ele  
estimou muyto, & lhe deu por isso gran-  
des agardecimentos.

## C A P I T. C X L V I.

De como Marti afonso defendeo a el rey de Cali-  
cut que não passasse polo passo do vao.

**V**endo ho vedor da fazenda q̄ el rey  
de Calicut continuaua a guerra, & q̄  
cometia a entrar polopaslo de Crāganor,  
pareceolhe bē cō conselho de Marti afon-  
so, & de Antonio de Brito, fazer hūa for-  
taleza naqle passo, que se logo começou.  
Enisto tendo Marti afonso noua que par-  
tia a armada de Calicut carregar darroz a  
Bracelor, fez se prestes pa jr pelejar coela,  
& tomarlhe a carga quādo tornasse, q̄ era  
hū dos grādes dānos q̄ podia fazera el rey  
de Calicut, com que a sua gente lhe mor-  
ria de fome. E fazendoſe prestes pera jr,  
ex que chega recado del rey de Cochim  
muyto de pressa, que vinha el rey de Cali-

cut cō grande poder de gente em q̄ entra uão dous mil espingardeiros, & determinaua détrar polo passo do vao, que era na terra do Mágate caymal, duas legoas acima do passo de Cranganor, & q̄ não queria entrar por este passo de Cráganor, por estar impedido cō a fortaleza q̄ os nossos fazião, & polo passo do vao podia passar cō a maré vazia, como em outro tépo intetaria de passar seu antecessor, quádolho Duarte pacheco defendeo tão milagrosamente como disse no liuro primeiro. E por ho recado ser tam de presa, se embarcou logo Martim afonso em hūs tones, por jr mays asinha, & embarcaráse coele obra de nouenta dos nossos, os mays deles capitães & fidalgos, & forá coele ho regedor de Cochim cō algúis naires, & dey xou en comendado a Antonio de brito q̄ fosse a posse com a mais gente q̄ podesse. E mā dou a Francisco de barros de payua q̄ em hūa galé com outros dous capitães dedous bargantis se fosse meter no río de Crá ganor pera goardar ho passo, que não passasse por ele gente del rey de Calicut, & defendesse que não entrassem no mesmo río, hūas vintecinco fustas da aemada del rey de Calicut, q̄ era certo que ele mādava jr a este río pera ho ajudaré, & defendere os nossos catures q̄ nā leuasssem socorro onde fosse necessário: o que se podia fazer por a terra ser toda regadia de muitos ríos (como disse no primeiro liuro). E se Martim afonso não mandara atalhar a estas fustas desta maneira, por nenhū modo se podera tolher a passagé a el rey de Calicut, como despoys tolheo. Isto ordenado partiose Martim afonso pera ho passo do

vao: & ao outro dia em amanhecedo che gou ás terras do Mangate caimal, q̄ pola breuidade do tépo não tinha juntos mays detres mil nayres. E dele soube q̄ estaua el rey de Calicut dalia duas legoas, & que tinha queréta mil homés, & q̄ dahi a tres dias daria a batalha, porq̄ era seu costume dala aeste prazo, despois q̄ chegaua a terra de seusimigos. E no dia em q̄ auia de ser mandaua tanger hūa bozina & hū atam bor de tamanha grandura, que não auia quatro homés que ho abalassem, & este se ouvia a duas legoas: & sem estes sinays se não dava a batalha, & q̄ isto teuesse por certo. E como Martim afonso teuesse aquilo por abusam, nā ho creo, & foysé ao passo onde desembarcou, & por lhe os tones não ficaré em seco os mandou afastar' pa horio, & ele pos se no cápo cō sua gente, & estauão coele ho mágate & o regedor de Cochim cō seus nayres, que lhe dizião que estaua alide balde, porq̄ el rey de Calicut não auia de dar a batalha senão passados tres dias: & primeiro se auia de tanger ho atábor que digo. E estádo nisto começa a aparecer hū corpo de géte dos ímigos, que serião cinco mil homés, que com grandes gritas remeterão ao passo, & começao de passar. E cuydando Martim afonso que era algúia gente da del rey q̄ vinha desmandada, mandou a Gaspar de lemos que cō vinte espingardeiros se posesse destradū valo q̄ estaua perto do vao, & dali fizese rosto aos ímigos, q̄ em continéte começarão de crecer, se não quando aparece a bádeira delrey, q̄ era sinal q̄ vinha ali: E assi era que não curando de supstições, por tomar os nossos de supito, & os desbara

baratar a seu saluo, não quis vſar dos fina  
ys que mādaria fazer quando auia de dar  
batalha. E parece que noſſo ſenhor inſpi-  
rou em Marti afonſo, que não cresce o q  
lhe ho Mangatedizia do costume del rey  
de Calicut, porq ſe lho crera paſſara elrey  
ſem ſer contrariado, & fizera o q determi-  
naua, que fora grande mal. E como as in-  
ſinias del rey, aparecerão os nayres do má-  
gate & os de Cochim conhēcendo q ele  
vinha foy ho ſeu medo tamamho, que ſe  
aſtaſarā dos noſſos hū bō pedaço pera fu-  
giré, ſe Martim afonſo foſſe del baratado  
E algūs dos noſſos ate trinta cō o mesmo  
medo fuſirão pera os tones em q ſe eſcon-  
derão pera ſe acolheré ſe Marti afonſo le-  
uasse ho pior, Martim afonſo que vio esta  
couardia, ſabendo do Mangate ho porq,  
tomouho pela mão & teveo que não fugi-  
ſe, dizendo q não ouueſie medo, porq eſ-  
peraua em noſſo ſenhor de desbaratar el  
rey cō aqueles poucos que tinha, que não  
ſerão mays de ſeſſenta. E algūs dos noſſos  
deſconfiados diſto poder ſer, ihe acóſelha-  
uão q ſe recolheſſe a os tones, & ſe ſaluaſſe,  
porq não era ſiſo eſperar tam grossa gé-  
te. Poré Vafco pirez de ſampayo, & Frá-  
cisco pereira lhe conſelharão que pelejafe  
& ho mesmo lhe parecēo a ele que deuia  
de fazer, por ja teré paſſado ho vao muy-  
tos dos imigos: & ſegundo erão ligeiros  
antes de chegar aos tones matarião qua-  
ntos hião coele: & a fora iſto não poderia re-  
colher Galpar de lemos por eſtar cercado  
dimigos. E encomendádoſe a noſſo ſñor  
de todo coraçā, & cō ho eſforço nele, fez  
hū corpo dos ſeus, & da Santiago noſſos imi-  
gos, ferindo & matando neles, q erão bē

cinco mil alé do paſſo: & ajudaua o Ioão  
luys ho cōdeſtabreda forteza de Cochim  
tirando de traués aos imigos cō hū berço  
q eſtaua em hū tone, em q ſe chegou à bo-  
ca do vao. E dalia pouco chegou cō a ma-  
ré hū batel noſſo cō hū falcão & dous ber-  
ços q també varejarão forteſe a os imi-  
gos: & cō tudo eles erão tantos, q ſe os noſſos  
ſñor não enfraqceria a fogarão noſſos,  
a q ouuerá temanho medo, que ſe come-  
çará de retirar pera alé do paſſo onde eſtaua  
el rey de Calicut. O q vēdo a gēte do Má-  
gate, ouue vergonha deter fugido, & pa-  
émendaré ho paſſado remeterão cō gran-  
des gritas ondeera a batalha, & janāacha-  
ráo q fazer, por ſer e todos os imigos paſſa-  
dos da outra bāda: & Martim afonſo não  
quis deixaſſe paſſar os noſſos, de q morre-  
rá algūs neſta batalha, & dos imigos per-  
to de trezentos. E ainda despoys dos imi-  
gos ſeré paſſados da outra bāda ſe poſerá  
cō os noſſos ás eſpingardadas, & aſſi eſte-  
uerão per eſpaço de duas horas, ate q ſe re-  
colherão, & Marti afonſo ſe aſtaſou hū  
pedaço, & ficou no cāpo aqla noyte.

## C A P I T. C X L V I I .

De como Antonio de brito pelejou algūas vezes no  
paſſo do vao com a gente del rey de Calicut  
& ſempre venceo.

C Oesta vitoria tá milagroſa, q noſſo  
ſenhor deu, ficou el rey de Calicut tá  
quebrado que ſe tornou ao ſeu arryal &  
não quistornar mais a dar batalha por ſua  
peſſoa, & ficou ſeu poder muyto desacre-  
ditado, & hodos noſſos cō muyto grāde  
credito, vēdo a gēte da terra cō quāta ou-  
ſadia lhe reſiſtrā, ſendo tá poucos, & tor-  
nouſſes alébrar as grādes vitorias q ali ou-  
ueria Duarte pacheco cōtra aqle malnado  
rey

rey de Calicut, que então reynaua: & os da parte del rey de Cochim se efforçarão tanto pera ajudar os nossos, que logo aquela noite acodirão ao Mágate caymal mays quatro mil na yres. E ao outro dia chegou Antonio de brito com quatro cetros dos nossos: & vendo Martim afonso tam boa gente: dado a dianteira a Antonio de brito deu outra batalha aos ímigos q̄ pro uarão de passar ho vao: & venceos com lhe matar mays gente que da outra vez & os fez afastar do passo: do que el rey de Calicut ficou bē triste, & quisera irse de todo, se os senhores que estauão coele ho não estoruarão. E ho dia seguinte desta batalha chegou ho principe de Cochim cō vinte mil naires seus & dos caymais q̄ ho acópanhauão: & erão muitos espingardeiros. E vendo Martim afonso tanta gente junta, ouue sua estada ali por escusada: & mays sabédo q̄ andaua no mar a armada de Calicut, aqueera necessário q̄ acodisse. E por isso deixou a goarda daquele passo a Antonio de brito, deixádolhe quatrocentos dos nossos, & os vinte mil nayres que digo. E despois de Martim afonso ser ido do passo, ficou nele Antonio de brito quinze dias: & neste espaço pelejou se ys vezes com a gente del rey de Calicut, sobrequerer passar o vao, & detidas foy vencedor, & fez gráde destroição nos ímigos: o que vendo el rey de Calicut, & q̄ sua perfia era por demais, leuou ho arayal, & recolheose pera dentro de suasterras. E el rey de Cochim ficou liure do medo que tinha dele.

C A P I T . C X L V I I I .  
De como Martim afonso de souza desbaratou Cotia  
lém acar capitão mor do mar del rey de Calicut.

**P**artido Martim afonso do passo do vao, & chegado a Cochí, embarcou se cō trezentos dos nossos, pera ir buscar a armada de Calicut, & ele foy em húa cauuela, & vasco pirez de sam payo, dom Diogo dalmeida, & Manuel de souza de sepulueda em galés, & em fustas. Fernão de souza de tauora. Martim correia. Francisco de barros de pa yua. Jorge barroso dalmeida. Francisco pereira. Gaspar de lemos. Ieronimo de figueiredo, Frásciso de saa & outros. E partido de Cochí foy correndo a costa ate Chale, onde achou Diogo de reynoso com cinco fustas, q̄ se acolhera ali fugindo a Cotiale marcar capitâ mór darmada de Calicut: & despoys de pelejar cō ele hum pedaço: esteue muito perto de se perder, & foylhe tomada húa fusta de seys que trazia, & os ímigos ho seguirão ate Chale onde escapou. E recolhido Diogo de reynoso à conserua de Martim afonso, partiose em busca da armada dos ímigos tornado pera Cochim & ao outro dia a horas de vespaindo Marti afonso alamar cō as galés & fustas maiores da frota, & as ligeyras ao lôgo da terra, pareceu a frota dos ímigos també ao longo de terra da parte de Calicut, & era de vintecinco fustas, em q̄ andaua mil & quinhentos homés, & muitos deles espingardeiros. E como aparecerão os ímigos de supito, os nossos que andauão de sejos de pelejar coeles, principalmēte Diogo de reynoso q̄ hia nos dianteiros, remeteo logo aos ímigos, & Antonio de lima capitão doutra fusta, & Antonio de souza mayor, & outros q̄ hiaõ nas fustas ligeiras & derá cosles antre os ilheos de Pádaranc

tirandolhe muitas bombardadas & espingardadas. Cotiale marcar que sabia que Martim afonso andaua no mar, parecendo logo que era aquele, & pola fama quetinha da resistencia que fizera a el rey de Calicut tinhalle grande medo, & cõ ele nam ousou desperar, & determinando dese acolher a Calicut, carrou sua armada, & a velas & remosse foy ho mais que pode perlongando a terra pera dobrar a ponta de Coulete. Martim afonso que vio os imigos, & como a peleja se comecaua, porque nam podia chegar com a carauela, saltou em hua fusta das mais ligeras, & a sua gente mandoua meter na fusta de Ieronymo de figueyredo, & bota a boga arrancada a tomar a dianteira aos imigos, porque nam dobrasse a ponta, & foy cõ ele Francisco de barros, por ser a sua fusta das mais pequenas. Eindo assi Diogo de reynoso & Antonio de lima que seguiam os imigos alcá carão hua fusta, & aferrando ha saltaram dentro com sua gente, que pelejou com tanto esforço que nhũ dos imigos ficou com a vida, & com tudo dos nossos forão mortos quatro & muitos feridos: E vendo Cotiale marcar que Martim afonso lhe tomava a dianteira, & as outras fustas lhe yão nas costas, & as gales lhe fazião rosto pera o tomarem de traues vio que ho cercarião, & que não poderia escapar antes que ho cercassem, pos a proa em Tiracole, hui lugar questa na costa, que tem hui arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, hua da báda do norte, outra do sul, & os seus seguirão a pos ele, & enfecando as fustas

quanto poderão saltarão em terra & meterãose entre as fustas, dôde tiraú muitas bombardadas & espingardadas a Martim Afonso, que entrou no arrecife com Francisco de barros, & Ieronymo de figueyredo pela entrada da banda do sul, & na boca da do norte ficou a nossa fustalha, por não caberem todos dentro, & era hum espantoso jogo de bombardadas & despingardadas d'us & doutros, & Martim afonso por se chegar aos imigos ficou em seco no rolo do mar, o que vendo os imigos, remeteram deles à sua fusta com grandes gritas de prazer, de lhe parecer que a tinham tomada, & chegarãose tanto que lhe lancaram mão da apelaçam da fusta querendolha enfecar de todo: & os nossos quando assi viram tomar a fusta, meteramse ás lançadas & espingardadas com os imigos, de que mataram tantos que os fizeram afastar, & dos nossos foram mortos dous & feridos sete ou oyto: E entre tanto Francisco de Barros, & Ieronymo de Figueyredo, meteramse entre as fustas dos imigos, de que queymaram algúas com panelas de poluora & outros artifícios de fogo, & nam dey xaram de pelejar até a noyte, & começaram ás quattro horas, & fizeram muito grande dano nos imigos, & dos nossos nam foram mortos mais de tres, & feridos muitos.

## CAPIT. C XLIX.

De como Martim afonso de sousa quiserá pelejarem terra com os imigos & não pode.

**A** Cabada a peleja, pola noyte que se  
breucomandou Martí afonso reti-  
rar todos, & fez a frota em duas partes,  
& dúa deu cuydado a Manuel de souza  
de Sepulueda, que guardasse com ela a  
entrada do arrecife da banda do norte,  
& a Francisco de barros a outra, & que  
guardasse a do sul, porque os ímigos ná  
fogissem de noyte, que temendo que os  
nossos lhe ná queymassem as fustas ao  
outro dia, toda a noyte gastaram em va-  
rar as fustas, & fizerá estancias d'artelha-  
ria & fortaleceráose grandemente, & na  
mesma noyte acodirá todos os de Cou-  
lete, Termapatão, & doutros lugares da  
redor, & ajuntaráse quinze mil homés,  
o que se logo enxergou em amanhecen-  
do na grossa gente que apareceo & no  
granderumor que fazia. E quádo Martí  
afonso vio as estancias & a fortaleza q  
tinham feyta, chamou os capitáes a con-  
selho a que propos o caso, & que era ne-  
cessario pera sayr em terra fazer duas par-  
tes da gente que tinha, húa pera ficarna  
frota, outrapera pelejar em terra, pera o  
que a gente que tinha era tam pouca q  
nam abastaua pera nenhúa destas cou-  
sas, pelo que todos acordaram que nam  
era bem pelejar cō os ímigos, pelo grá-  
de risco que se corria, & q se fossem lo-  
go, & assiho fizeram, & tornarán a vol-  
ta de Cananor: E tornando Martí afon-  
so ao longo da costa pera Calicut, che-  
gou a ele hú catur bem esquipado com  
cartas del rey de Cochí, em q lhe certifi-  
cava q tornaua el rey de Calicut, pedin-  
dolhe quelhe acodisse logo, & ele o fez  
assi, & entrou cō toda a frota polo rio de

Cranganor, & foy ter ao passo do Vao,  
por onde el rey de Calicut entraua da  
outra vez, & hi achou Antonio de bri-  
to com oscasados de Cochim, & outra  
gente esperando por el rey de Calicut,  
quesabendo q Martí afonso era chega-  
do, nam quis cometer de passar, & tor-  
nouse, que nam cuydou que Martí afon-  
so podesse acodir tam de pressa, & poris  
so cometia ho passo: & vendose assi estor-  
uado ficou tá quebrado, queaquele ve-  
rão nam cometeo mais de querer passar  
a Repeli & espalhousua gente, o que sa-  
bidopor Martim afonso se tornou ou-  
travez a correr a costa, onde també ná  
achou a armada de Calicut, que com  
medo dele se recolheo & ficou a costa  
despejada, pelo que aquele anno ná foy  
nenhúa especiaria ao estreyto, & Martí  
afonso se recolheo em Mayo a Cochim  
onde inuernou.

### CAPITVLO CL.

De como Açadacão começo a fazer guerra ao  
gouernador.

**V** Endo Açadacam, senhor de Bil-  
gão, que por mais gente que man-  
dava pera tomarem as Tanadarias, que  
lhe ho gouernador tinha as nam podi-  
ão tomar, & sempre era vencida em to-  
das as batalhas que davaam aos Portugueses,  
determinou de as cobrar por  
guerra guerreada, a que principalmen-  
te ho demoueram conselhos del Rey  
de Cambaya, que determinaua de to-  
mar a India aos Portugueses ( como  
direy a diante. ) E determinando de  
fazer esta guerra foy com muyta gen-  
te assentar seu arrayal junto do Rio de

Salsete,

Salsete, mea legoa da fortaleza de Rachol, com fundamento de çarrar aos Portugueses ho caminho pera esta fortaleza, com outra que ali queria fazer, & depois de çarrado tomar a fortaleza de Rachol, com quantos estauam nela: & mandou logo assentar húa estacia com tres peças d'artelharia em húa terra grossa ou morro, quasi como rocha que se fazia onde ho rio se estreitaua muyto, & como ho canal do rio era pegado cõ este morro, nam podia nenhúa coufa passar pera a fortaleza que a nam pescasse a artelharia: O que vendo Gonçalo vaz coutinho, & Anrrique de melo coutinho, & Jorge de melo soarez, q̄ guardauam aquele rio em duas galeotas & húa albetoça, deram húa antemilha com sua gente na estancia quē digo, & fazendo fogir os mouros que a guardauam, tomaram a artelharia, do que Açadacão ficou muyto injuriado, & estando assi, faltou ho mantimento a estes capitães que guardauam ho rio, por lho nā mandar Miguel froesfeytor de Goa, que tinha cuidado de lho mandar, & tardando ho mantimento, tanto q̄ os capitães nem a géte poderā sofrer a fome, forāose ao passo Dagací na ilha de Goa, cuydado de ho acharé hi, & tāpouco ho nā acharão, & ainda ali esperaram por ele tres ou quatro dias, & nestetépo vendo Açadacão que nam auia guarda no rio q̄ estoruisse, fortaleceo logo aquele passo, fazendo em ambas as bandas do rio estacas dobradas & entulhadas, es treitando ho de tal maneyra, que nam ficaua mais espaço que quanto passasse

hǔ bargantí diante doutro, & na coroa do morro que era chaáda banda do rio, onde auia algúia maneyra de desembarcaçam, ainda quemuyto roim, fez logo hum muro de palmeyras de duas faces, entulhado de terra, rama, & pedras com hum baluarte, & traueses, em que forão assétadas algúias peças d'artelharia, & na terra que cercaua o morro, que era apau lada, mādou leuantar muytas valas, em que foy assentada algúia artelharia, & assi foy continuado a cerca, com que ficasse húa força fortissima, & ficasse çarrado ho caminho pera Rachol. E afora a gente de serviço q̄ era muyta, tinha Açadacão em guarda desta obradez mil mouros, em que entrauam muytos frecheros & espingardeiros: Quando Gonçalo vaz tornou com os outros capitães, q̄ viram a coufa como ya, & a determinação dos mouros, mandaram dizer a o governador que mandasse mais gente, para verem se podiam estoruar que aquela obra nam fosse auante, & ele mandou tam pouca que nam aproueytou, & tornaram lhe a mandar que mandasse mais, porque era ho feyto perigoso, & era necessaria muyta gente.

## CAPITVLO CLII.

De como dom Gonçalo coutinho, foy desbaratado, no passo Debrí.

COM este segundo recado de Gonçalo vaz coutinho, despachou logo ho gouernadora dom Góçalo coutinho, q̄ fosse por mar cõ oytocétoes Portugueses, a desfazer a fortaleza q̄ Açaçadacão fazia no passo de Bori (q̄ assiauia

nome aquele passo) & os capitães que o acópanharão forão, Lionel de lima, Manuel de vasconcelos, Ioão jusarte tição, Góçalo vaz coutinho, Iorge de melo soarez, Anrrique demelo, Tristão homé, Simá de lima, Diogo botelho dádrade, Afonso fialho, Miguel dayala, & outros a que ná soube os nomes, todos fidalgos & gente de feito: E húa terça feira em a noytecendo foy dom Gonçalo com seus capitães embarcar ao passo Dagacim, & o resto da noyte que passou no rio perto do passo de Bori, ordenou cō os outros capitães de cometer a fortaleza dos mouros em amanhecédo, & que ele cō quatrocentos homés daria no rosto da fortaleza, q̄ era o lugar mais perigoso, & Lionel de lima com duzentos Portugueses desembarcaria mais a baixo pa Goa, & rodearia pera cometer a fortaleza por de tras, & Manuel de vasconcelos com outros duzéto desembarcaria mais acima pera Rachol pera dár por outra parte, & tomassem os mouros no meo que ná se podessem defender: E porque por amor do morro que fazia húa cotouelo, ná se podião ver pera daré todos a húa, assentouse que quádo dom Gonçalo ouuesse de desembarcar, mandasse tocar as suas tróbetas, pera que a este sinal desembarcassem Lionel de lima & Gonçalo vaz: E querendo amanhecer abalou dō Gonçalo pera se chegar à fortaleza, & os outros coele, cada capitão cō sua gente pera onde lhe stava assinado q̄ desembarcassem: & quis sua desfuentura de dō Gonçalo, que húa fusta em que ya, assi por ser grande como por yr muyto carregada,

núca pode nadar pera chegar onde auia de desembarcar, no que se deteuc até me nhaá clara, o que vendo dom Gonçalo, & que a fusta ná surdia, mudouse dela a húa catur, & coesta reuolta & cō a gran de opressão quelhe dava a artelharia dos ímigos que neste tépo jugaua muy brauamente, esqueceo a dom Gonçalo de le uar consigo as trombetas pera fazer o sinal questaua ordenado, nem menos lhe lembrou leuar a bandeira: E chegandose ele pera o morro com a géte do seu escoadrão, q̄ ficou no meo das estancias artelharia, que os mouros tinhão nas estacadas dambas as bandas do rio, em que tâobem estauão muitos frecheiros & espingardeiros, foy cousa medonha de ver os pelouros de bombardas & despingardas q̄ desparauádua & doutraparte, bôbas de fogo, & frechadas, que todo o ar era cuberto: E logo muitos dos Portugueses do escoadrão de dom Gonçalo forão feridos & mortos, & ele chegou cō muito grande trabalho a húa calheta q̄ se fazia ao pé do morro á borda do rio onde auia de desembarcar, & hi achou o catur Dafonso fialho que ja tinha desembarcado, & foy o primeiro que com quatro dos da sua capitania trepou polo morro & subio á muro, & húa dos quatro auia nome Bastião da costa, & outro Ioão pinheiro mulato & natural de Setuuel, & aos outros ná soube os nomes: E posto que sobre o muro acharão grande resistécia nos ímigos, de que matará algüs, & outros fizerão saltar a baixo feridos, ganhará húa pedaço do muro, recebêdo sobrisso muy grádes feridas, & se te uerão

uerão quē os ajudara, sempre a fortaleza ficara polos Portugueses, por cujos pecados nosso Senhor permitio que não se ganhasse: E querendolhe dom Gonçalo acodir, arremesou se cō muyta pressa fora do catur, & passando por cima do outro, começou detrepar por hūs páos diante de todos os que o acompanhauā, & sobindo ao muro cō muyto grande oufadia, deulhedū traués húa arcabuzada no braço esquerdo q lhe esmiunçou grā de parte dele, & coesta juntamente lhe derão com hūa panela de poluora na cabeça que o ouuera de queimar, se não foraa a celada que leuaua, & coisto foy tanta a pedrada com grandes pedras, que o desatinarão & cayo abaixo, & deste mesmo traués forão tantas as arcabuzadas, panelas de poluora, & pedradas, que não deixará sobir nhū da sua companhia, & no mesmo catur matarão & ferirão a todos, & antreles foy Tristão homé valente caualeiro, que eu conhescia India, & a gente dos outros catures do escoadrão de dō Gócalo não poderão desembarcar na calheta, por ser tão estreita que não cabiaõ nella mais que os dous que estauā dêtro, & quando vião q não podiaõ entrar chegauão se ao morro & trepauá por ele pegandose a vergonteas & atroços deruas, mas os mouros não os deixauā, tirando-lhes como o quedisse, & coiſo muytos tições e caces, com que ferião, espedeçauão & matauā os Portugueses sem se poderé valer, & entre tanto Afonso fialho & os outros quattro que estauão sobre o muro forão tão apertados dos mouros cō feridas que receberão, que Ioão pinhaciro &

outros dous cayrão mortos do muyto sangue que se lhes foy, & Afonso fialho & Bastião da costa forão deitados do muro abaixo quasi mortos, & forá cayr no catur antre os outros, a q os mouros derão gráde grita: Neste tempo Lionel de lima que desembarcou primeiro que dō Gonçalo, quādo vio que tardaua o final das trombetas, & entrando per hū aruo redondo espeso, foy sayr onde os mouros tinham feytas suas valas detras da fortaleza, & como era mancebo & esforçado, em vendo os mouros adiantaſe do corpo da gente com cinco homés, leuando ho seu guia, & foy cometer hū magote de mouros, q o ferirão tão mortalmente despingardadas que logo cay o morto, pelo q o seu guia & os cinco lançarão a fugir, & os outros que ficauão nū corpo quando aquilo virão desbaratarão se com medo, & fugirão tão desatinados que não pararão menos do rio & embarcarão se com grande afronta, porq os seguião os mouros & matarão muytos, & acabarão todos se não forão os nauios a q se acolherão, & Manuel de vasconcelos não desembarcou, porque não ouuio o final q esperaua, & teuise até ver o que seria, se não quādo ouuio a grita dos mouros cō prazer do desbarato de dom Gonçalo, q se partio logo pera Agacim, com lhe ficarem mortos perto de duzétoſ homés, em que entraraõ Tristão homé, Lionel de lima, Simão de lima & outros, & leuauar quatrocentos feridos, & assi se tornou pera Goa.

## CAPIT. CLIII.

De como Pero de faria derribou a fortaleza de Rachol.

**C**O M quanto dom Gonçalo foy desbaratado, nem por isso ho Gouernador deyxou de mandar guardar o rio como dantes, pera que estoruasse q não fizessem os ímigos a fortaleza que fazião, & deixou Góçalo vaz coutinho com os capitães que tinha & ainda outros, que forão Ioão jussarte tição, Ioão fernandez de vasconcelos, Diogo bote-lhodandrade, & Miguel dayala, & estes tres em bateis de mantas, pera esbombar dearem os mouros quando trabalhassem na fortaleza, & andauão certos capitães de catures pera acodirem a estes bateis se fosse necessario: E como Aça-dacão vio esta armada q andaua no rio, não quis mandar trabalhar na fortaleza de dia, porque dos bateis lhe matauão a gente cõ bóbardadas, & mandaua trabalhar de noyte quelhe não farião tanto nojo: E com quanto os Portugueses deribauão dedia com a artelharia parte da obra que se fazia de noyte, não era tâto, que não fosse em muito crecimiento, & nesta persia estauão continuamente, em que hûs & outros leauão muy grande trabalho: E algú sarrenegados q estauá com Aça-dacão, dizião de noyte por seu mandado a Gonçalo vaz, que se espâtauão dele, q sendo tão bô caualciero & antigo na India, não conselhar ao gouernador q disistisse daquela guerra que fazia a Aça-dacão poisera tão injusta, que por forçalhe queria tomar suas terras, sendo ele amigo del Rey de Portugal & tendo ambos paz, & sobre q tinha protestado q a não quebraua por se defender & trabalhar de cobrar suas terras, quelhe o go-

uernador tinha por força, & como fosse na India outro gouernador, auia de má dar tirar hú estromento da pouca culpa que tinha naquela guerra, & de não ser em cargo dos gastos que o gouernador fazia nela, pois se defendia, & que com aquele estormento auia de mandar hum seu criado a Portugal queixarse a el Rey da guerra quelhe ho gouernador fazia, & tâtas vezes foy isto dito a Góçalo vaz que deitou mão disso, & escreuecho ao gouernador, & que deui a cada codir, porq a fortaleza dos mouros ya de cada vez em crecimiento, sem lhe poder estoruar que não fosse, & mais que ele & outros capitães estauão de dentro do rio pera Rachol, donde não podião sayr sem muyto perigo: E vista esta carta pelo gouernador, pareceolhe que Aça-dacão se justificaua, assi peralhe alargar as Tanadarias quelhetinha tomadas, que ele estaua bem fora de lhas tornar em quanto as podesse defender: E porq pera esta guerra lhe fazia grande pejo a fortaleza de Rachol, pois pera aseurar lhera necessario ter sempre gente naquela rio, & por amor dela lhe era grande perjuyzo fortalecer Aça-dacão aquele passo, pos em conselho se seria bem derribala, & foy acordado que sy, pera ho que logo despachou Pero de faria, porq sabia muytosardijs, & a que os mouros auiaão grande medo: E chegado Pero de faria, logo de noyte lhe os arrrenegados disserão ho que dizião a Gonçalo vaz acerca da guerra com Aça-dacão, ao que ele respondeo, quelhe dissessem, que coufa de tanto peso como aquela, se nam auia de dizer assi,

dizer assi, que falasse coele & entender-  
seyão. E como Açaçacá desejava muy-  
to de ter paz cō o gouernador, pera co-  
brar as suas Tanadarias, que bem via q̄  
por guerra auião de ser más dauer, fol-  
gou coester cado de Pero defaria, & ao  
outro dia fez como Pero defaria lhe fos-  
se falar, dāolhe arrefeés seguros, porq̄  
ele por ser muyto velho nā podia decer  
do Morro: E nesta vista cō certarão, que  
Açaçacá mandasse ao gouernador hū  
embaixador, com hūa instruçā do que  
queria, & que ele lhe escreueria que o fi-  
zesse, & isto por Goa receber dele boa  
vezinhança, & nā por medo de guerra,  
porque aquela força nā era nada pera os  
Portugueses se eles quisessem: & entre-  
tanto que o embaixador fosse & tornasse  
q̄ tivessem tregos, & tudo isto era ar-  
dil pa poder derribar a fortaleza de Ra-  
chol & passar sem perigo, porque dou-  
tra maneira nā podia ser, & assi ho es-  
creueo ao gouernador, & q̄ pera o po-  
der fazer deteuisse o embaixador Da-  
çacá atē muytode, & q̄ soubesse  
que quatos Portugueses auia na India,  
nā erāo poderosos pera derribar a for-  
taleza que fazia Açaçacá: E partido ho  
embaixador, Pero defaria passou a paz  
pera a fortaleza de Rachol por virtude  
das tregos, & muito de pressa recolheo  
a artelharia da fortaleza & a gente nos  
nauios que tinha, que fez logo sayr pa  
fora, que tāo bem passarā em paz, & ele  
ficou com algūs bōardeiros picādo a  
fortaleza & minādoa, o que tudo se fez  
muyto prestes: & cōtra a tarde mādou  
dar fogo ás minas, q̄ arrebentādo cayo

toda a fortaleza sem ficar nada em pé,  
& derão tamānho estouro q̄ foy ouuy-  
dodos mouros, & Açaçacá mandou  
logo por terra saber que era aquilo (que  
nā voou ao que era) por estar descuyda-  
do de tal coufa, por lhe parecer que o go-  
uernador quereria paz, segundo enten-  
dera em Pero defaria, que em dando fo-  
go ás minas se foy polo rio abaixo: & e a  
tretāo o embaixador Daçacá foy  
ao gouernador com a instruçā de sua  
embaixada, q̄ era pediulhe as Tanadari-  
as, lembrandolhe a condiçā cō q̄lhas  
dera. E vendo o gouernador a carta de  
Pero defaria, deteuse o embaixador atē  
bem tarde, & respondeo por derradeiro  
que nā queria soltar as Tanadarias, nē  
queria coele paz se nā guerra. E partido  
o embaixador coesta reposta, em chegā-  
do ao passo de Bori achou no rio Pero  
de faria que viria de derribar a fortale-  
za de Rachol, & logo se foy pera Goa  
zombando Daçacá, q̄ sentio muy-  
to o engano quelhe fizera Pero defaria  
& mais por que fiaua de guerra com o  
gouernador, & esteve assi suspenso hūs  
dias cuydando no que faria.

## CAPIT. CLIII.

Dū ardil cō que el rey de Cambaya quisera cegar  
a fortaleza de Diu & nā pode.

**E** L rey de Cambaya (como disse a  
tras) estaua muyto arrependido de  
dar fortaleza em Diu ao Gouernador  
determinou de a tomar, pera o que qui-  
sera fazer o muro átre a cidade & a for-  
taleza, quelhe o gouernador nā cōsen-  
tio: E dissimulado q̄ lhe nā dava disso:  
comose o gouernador partio de Diu, se  
lhe dobrou a vontade q̄ tinha de tomar

O iiiij a fort-

a fortaleza, pera que mādou ao Rao capitao de Diu, que tanto q̄ se ele partisse, começasse de fazer hūas estrebarias no lugar em que quisera fazer o muro & q̄ fossem compridas, & de vinte pés de largura, com as paredes muyto fortes que vi. fsem ao oliuel do muro da fortaleza & se lhe perguntassem que era aquilo, dissesse que era estrebarias pera caualos que ali determinaua deter: & como fossem acabadas as entulhasse secretamente & entulhadas que ficaria hū forte muro assentaria nele a artelharia que lhe parecessa necessaria pera bater a fortaleza, & que lhe mandasse recado que tornaria logo: E deixádolhe cinquoenta mil homens de peleja, se partio a cobrar os lugares que lhe tinham tomados, & ele partido, dahi a poucos dias começou o Rao de fazer as estrebarias: E sabido por Manuel de souza capitão da fortaleza, logo lhe pareceo o que era, & mais lembrando lhe o muro q̄ elrey quisera fazer naquele lugar, & tão bēlho disserão os Portugueses, conselhando lhe que nādasse dizer ao Rao que não fizesse aquelas estrebarias, & quando não quisesse, q̄ lhas derribasse: E parecendo isto bē a Manuel de souza, logo aos q̄tro dias Dabril se foy a casa do Rao, & depois de falar coele sobre não fazer as estrebarias, & assentaráo que o Rao mandasse dizer a elrey de Cábaya, como Manuel de souza lhe ya a mão a fazer as estrebarias, que lhe mandasse dizer o que faria, & q̄ entretanto nā se bolisse nelas: & o Rao nā ensistia mais em fazer o que lhe manda ua elrey de Cambaya, tendo tanta gēte

pera o poder fazer, assi por ser amigo de Manuel de souza, como polo ter de sua parte, pera se lhe elrey de Cábaya quisesse fazer algum mal, & se isto não fora sempre insistira em fazer as estrebarias, & rompera a guerra, com o q̄ Manuel de souza teuera grande trabalho por ser entrada dinuerno, & o gouernador nā lhe podia socorrer: E sabendo elrey de Cábaya por recado do Rao, como lhe Manuel de souza impedia as estrebarias & imaginando que seria por enteder o fim pera que erão, não quisque lhe entendeu sua determinação, & mudou o proposito q̄ tinha de tomar a fortaleza cō dissimulações, se nā descubertamente por sua pessoa: & pera q̄ o gouernador nā podeisse socorrer a fortaleza, escreueo a Nizamaluco, a Hidalcá, & a Aça dacão, & a elrey de Calicut, q̄ determinaua de tomar a fortaleza de Diu, & despois deitar os Portugueses forada India pedindolhes muyto q̄ o ajudasse: cō fazeré guerra aos Portugueses, porq̄ oculos pados coela, nā podeisse socorrer hūs aos outros, & estafoy a causa Daçadacá & elrey de Calicut faze em a guerra q̄ faziaos aos Portugueses, & Nizamaluco & Hidalcão nā a fizerão, por nā estarem em tempo pera isto, & escreueo tão bem ao Rao q̄ deixasse de fazer as estrebarias porque tinha determinado de tomar a fortaleza por outra maneira, que como fosse desocupado dos negocios é que andaua, que ele acodiria a Diu & to maria a fortaleza, & assi lhescreueo o q̄ escreuia aos reys da India, & coeste reca do nā foy feita mais obra nas estrebarias,

rijs, com o que Manuel de Sousa ficou  
 descâçado, poré ficoulhe outra guerra:  
 porq sabendo os mouros, principalmén-  
 te os soldados, q el rey de Cambaya de-  
 terminaua de tomar a fortaleza, esober-  
 beceran se muyto cótra os Portugueses,  
 & querianos tratar como catiuos, dan-  
 dolhes muytos encôetros se os achauá na  
 cidade, & cospindo neles, & dizé dolhes  
 palauras injuriosas. O que sabendo Ma-  
 nuel de Sousa, por escusar brigas & so-  
 ter a paz, mandou pregoar q sopena de  
 dez pardaos, nhū Portugues ná fosse fo-  
 ra da fortaleza, mais q até hútiro de pe-  
 dra: & sabendo os Portugueses a causa  
 do pregão, ná c podião sofrer, & dizião  
 que pera q era ter paz cō os mouros pois  
 eles querião guerra, & ná deixauão dir  
 á cidade em cōpanhias & muyto a reca-  
 do: E acertouse aos quatorze de Iunho,  
 q andando hūs Portugueses na cidade,  
 hútiro de bêsta da fortaleza, quis hum  
 mouro dar húa bofetada a hum Portu-  
 gues, & ele ho matou antes q lha desse,  
 sobre o que se armou hū brauo arreido  
 de cutiladas & pedradas, antre muytos  
 mouros & algúus Portugueses, ao q Ma-  
 nuel de Sousa acodio & fez recolher os  
 Portugueses, q os mouros ouuerão por  
 seu barato dese apartaré porq leuauá o  
 peor, do q pesou muyto aos Portugue-  
 ses q andauão no arroido porq lhe nam  
 deixarão matar os mouros, & deitauão  
 as armas no chão cō menécoria: E reco-  
 lhendose Manuel de Sousa, matarão os  
 mouros cinco Portugueses q andauão ne-  
 goceádo na cidade, do q Manuel de Sou-  
 sa ficou tão agastado, que posem conse-

lhos se róperia a guerra, & foy determi-  
 nado q ná, & a principal causa, por ná  
 teré agoa na fortaleza, lcm q ná pode-  
 rião sofrer o cerco, & tão bem por auer  
 tamanha soina de mouros na cidade, q  
 lhe darião assaz de fadiga, & por ná po-  
 derem ser socorridos em menos q dali a  
 tres meses, por isso q se deuia de payrar  
 o melhor q podessem, & pedir ao Rao  
 q entregasse os mouros q matarão os Por-  
 tugueses, pa Manuel de Sousa fazer justi-  
 ça deles, & quando ná quisesse, q dissi-  
 mulasse até a vinda do gouernador, a q  
 mandarião recado como viesse o veráo  
 & entá se vingariá. Isto assentado, Ma-  
 nuel de Sousa quis ser ho q fosse pedir os  
 mouros ao Rao, & ná leuou mais que  
 quarenta alabardeiros & espingardei-  
 ros q erão da sua guarda, & assi seus cri-  
 ados, fazendo fechar as portas da fortale-  
 za ao alcaide mór antes que se apartasse  
 dela, & requerendolhe da parte del rey  
 q ná deixasse sayr dela nhūs Portugue-  
 ses, & q ficasse por capitão se lhe acote-  
 cessesse algúia cousa, & cō isto se foy as ca-  
 sas do Rao, q estauão cercadas de bê quo-  
 renta mil mouros todos armados, & tâ  
 soberbos, q punhão medo a qué os via,  
 & cō tudo ná bolirão consigo vêdo Ma-  
 nuel de Sousa, & deráolhe lugar que en-  
 trasse: Entrado ele, cō tanta seguridade  
 como q eles forá seus, & falado ao Rao  
 queixandose dos mouros q lhe matarão  
 os Portugueses, quisera q lhos entrega-  
 ra, & ele se lhe desculpou q o ná podia  
 fazer sem licéça delrey de Cambaya, a  
 qué escreueria a cousa como fora, & q  
 ele lhe mādasse pedir os mouros, & assi

se fez,

se fez, mas el rey de Cabaya se rio bē de lh: Manuel de Sousa pedir os mouros, & el creuolhe q lhos nā auia de dar, p̄ rem q mā laria aos seus Cacizes que os encomendassem a Mafamede. E quādo Manuel de souza vio esta reposta, teue por certo q el rey lhe auia de fazer guerra ou algūa treyçāo, & dali pordiāte nā repousaua coeste cuydado, & tinha grā de guarda sobre os Portugueses que nā fossem a cidade, & vigiaua de noyte a fortaleza cō muyta diligencia.

## CAPIT. CLV.

De como el rey de Cambaya tornou a Diu, & do que fez.

**P**assando se estes coussas em Diu, deu el rey de Cambaya fima suas guerras, & foys a Diu, onde chegou a dez dias Doutubro, & logo em chegando, h̄ia noyte disse h̄u mouro a Manuel de souza a porta da fortaleza estādo ele só da banda de dentro cō a porta fechada, & o mouro defora, q se ao outro dia ho mandasse chamar el rey de Cambaya q na fosse por q o queria matar, & por q nā cuydasse q lhe dizia isto por algū intereſte, lhe nā dizia qué era, & Manuel de souza nā disse isto entāo a ningué, até ver se era assi, se nā quādo ao outro dia foys chamado da parte del rey de Cambaya, & ainda q sabia ho q lhe o mouro dissera nā deixou dir, por q ouue medo q nā indo tomasse el rey achaq parō, per a guerra, ao que ele desejava, muyto datalhar, & tāobē parece lhe q nā ganhaua el rey nada é o matar, pois coiſo nā tomasse a fortaleza, & mais q o auia q lhe deu o mouro seria falso: E deitadas bē suas contas, assentou em yr, dei-

xado o alcaydemor por capitão, a q em comendou muyto a guarda daq̄la fortaleza & defensão se necessaria fosse: E deixando toda a gente armada & artelharia prestes, foys falar a el rey, nā leuado mais q os da sua guarda & seus criados, & el rey o recebē o cō muyto gashaſhado, & lhe mandou dar h̄ua Cambaya rica, & lhe perguntou como estaua, & ele lhedeu de presente h̄u Montante com a maçāa & cabos dourados, & h̄us estribos & esporas do mesmo teor: E Manu elde souza por ser esta a primeiravez q o via, nā lhe quis logo falar na morte dos Portugueses, & tornouse aa fortaleza, mostrādo el rey q ficaua seu amigo: mas como era muyto incōstante logo se mudou, & dali a algūs dias estando na quinta de Meliq, determinando consigo de tomar a fortaleza o pos em céſelho, em q foys cōſelhado per todos q o nā fizesse, & sua māy lho rogo muyto, dizēdo q os Portugueses nā lhe fazião nhū mal, & que se boli ſe coeles lhe ficarião por imigos, & nāolhes auia detomar a fortaleza, & eles destruir lhe yāo a cidade, por q foys seu amigo, & nāolhes fizesse guerra, & ajudoua myto Sátia- go em q el rey confiaua, a q disse q nā auia de tomar a fortaleza aos Portugueses tão facilmēte comolhe parecia, por que a fora ela ser muyto forte, & artilhada de boa artelharia, eles erāo tam leais & tão esforçados, q auia todos de morrer primeiro q a perdessem, que se lhanão tomasse por algū ardilé por força era escusado, q oardil auia de ser, fazerse myto amigo de Manuel de souza, & dissimular como yr ver aa fortaleza, pera que tāobem descansasse dalgūa ſolpeyta

sospeita se a teuesse: & vindo o gouernador a Diu, coesta amizade o poderia preder ou matar, & sendo ele morto ou preso tomaria a fortaleza, porque morto o gouernador, não auia os Portugueses deter esforçopera se defenderé, & q̄ daquela maneýra a tomaria a seu saluo, & nisto assentou el rey: E como era acidental & apetitoso, quislogo yr a fortaleza, onde foy aos treze de Nouébro ás oyto oras da noyte, não indo coele mais que o Rao & dous outros senhores mouros, & sem ter mandado recado a Manuel de souza que auia a dir, bate o de supito a estas horas q̄ digo: Esabendo Manuel de souza q̄ ya mandou tocar astróbetas, & como os Portugueses andauão cō atoardas de guerra, em h̄u momento forão todos armados & póstos no terreyro da fortaleza, & erão perto de nouecentos, a q̄ Manuel de souza mádou q̄ fizessem h̄ua rua perátreles cō muitas tochas antresfachadas, cō cuja claridade as armas respládeciaõ q̄ era h̄ua bē fermosa coufa: E nisto abrio Manuel de souza o postigo da porta da fortaleza, & entrou el rey, que mádou q̄ não entrassem coele mais q̄ o Rao & os outros dous, & q̄ toda a outra gente ficasse de fora, & logo mádou fechar o postigo & isto por segurar Manuel de souza, & ficou espantado de chegar tão desupito, & achar os Portugueses armados tão asinhã: E dando a entender que se agastava entre tantos armados, disse a Manuel de souza, q̄ se ele era tamanho amigo del rey de Portugal & dos Portugueses que pera q̄ se armauão, ao que lhe respondeo, q̄ não estranhasse aos Portugueses

gueles armarense por sua vinda, porque costumauão de o fazer quando os reys entrauão nas fortalezas del rey de Portugal, com o q̄ el rey descansou, & foy ver dentro as casas de Manuel de souza: E o Rao sabédo que lhe tinha descuberta algúia parte do mal q̄ el rey queria aos Portugueses, quando vio el rey na fortaleza & entrar nas casas de Manuel de souza, receandose q̄ o matasse disselhe, capitão prender & não matar, & Manuel de souza lhe disse, q̄ não auia de fazer h̄ua coufa n̄ outra, & depois dizia q̄ o deixara de fazer, porq̄ n̄ sabia se o ouuera o gouernador por bē: E vendo el rey as casas de Manuel de souza gaoulhas muyto, & dizéolhe ele q̄ as casas fortaleza, ele, & os Portugueses, tudo era seu, disse el rey em Portugues: Bófamigo, a fortaleza he del rey teu señor, & as casas são tuas. E auendo obra de mea ora q̄ estaua dentro sayose, leuado Manuel de souza por h̄ua mão, & o Rao por outra ate sayrda fortaleza, & foyse pera sua casa cuydando q̄ deixaua Manuel de souza muyto fora de sospeita cō aquela yda, & ele como conhacia el rey, temiasi dele como dantes.

**CAPITULO CLVI.**  
De como Manuel de souza escreueo ao Gouernador o que possuia em Diu.

**P**assados poucos dias que el rey foy à fortaleza, teuenoua certa da gráde guerra que el rey de Calicut, & Aça dacão, faziaõ aos Portugueses, & como era incôstante, & tinha mortalodio aos Portugueses, esquecido do conselho q̄ tinha tomado, quis tomar por força a fortaleza, & sem nhūproposito, mádou hum dia de presente a Manuel de souza

quoréta galinhas muytō magras & sem cabeças & pernas, & isto assi por zóbar dele, como por sinal de guerra, & Manu el de sousa astomou, o que não pareceo bem aos Portugueses, que logo souberá que aquilo era fazer el rey escarneo deles & mais sinal de guerra, & entá se arrepé deo Manuel de sousa de não prender el rey quádo foy á fortaleza, pois sabia sua determinaçā, & escreueo logo ao gouernador por hū Francisco anrriquez quanto lhe tinhadito o Rao da determinaçā del rey de Cambaya & o que tinha feito, & como o não prendera quando fora á fortaleza por não saber sua vontade, & q̄ acudisse a Diu porque esperaua por certo: Védo o gouernador esta carta ficou muy agastado de Manuel de sousa não prender el rey quando o teue na fortaleza pois sabia sua determinaçā: E em aca bando de a ler, escreueo outra por sua mão a Manuel de sousa, estranhando lhe não prender el rey, & que o prendesse se o acolhesse outra vez na fortaleza, porq̄ ele partia logo, & na mesma ora mādou coesta carta a hū criado seu, chamado Pero de chaves, de que confiaua muyto, que foy em hū catur bem esquipado, leuando a carta cosida em hū gibão, q̄ deu a Manuel de sousa, o qual não pode prender el rey por nā tornar mais á fortaleza: E por neste tempo o gouernador andar em concerto de paz cō Açadacão, mādou diante a Diu Manuel de macedo cō algua gente, mandolhe que dissesse a Manuel de sousa q̄ como ele chegasse a Diu, desparasse toda a artelharia & fizesse grande festa, dizendo que chegará

quatorze naos de Portugal que leuaão sete mil homens, & assi foy feito, com o q̄ el rey de Cábaya ouue medo de declarar a guerra: E mudando então o conse lho de tomar a fortaleza, assentou em prender o gouernador & mandalo cha mar, fingindo que queria falar co ele cou sa que importaua muyto ao seruiço del rey de Portugal, porque co isto yria logo & mandoulhe hū embaixador, que era hū mouro muyto honrrado seu capitā, filho doutro chamado Lucão, grāde se nhorem Cambaya, que tinha hū conto dourado de red. & este embaixador sabia bem a treyçāo q̄ ordenaua el rey de Cábaya, quelhe mandou que fosse por Baçaim & leuasle consigo Cojexacoez, q̄ era Tanadar mór del rey de Cambaya naquela terra.

CAPIT. CLVII.  
De como foy descuberta ao gouernador a treyçāo del rey de Cambaya.

**C**O M quanto Açadacão estaua tão forte no passo de Bori, & vio derribada a fortaleza de Rachol, & vio desbaratado dō Gonçalo coutinho, & mortos duzentos Portugueses, não descansaua porq̄ o gouernador não queria paz coele, que bem sabia que sem elā nā podia cobrar as Tanadarias de Salsete & de Bardes, q̄ era o sim porq̄ fazia esta guerra, & por isso não deixaua de pedir paz: E ainda depois de ydo Pero de faria, quā do derribou a fortaleza de Rachol, mandou hū embaixador a pedir paz ao gouernador, prometendolhe se a fizesse, cō lhe dar as Tanadarias, de lhe descubrir hūa cou sa que lhe importaua muyto sa bela, & nisto lhe foy dada a carta de Ma-

nuel de soufa, acerca da determinaçam  
 del rey de Cambaya: E vendo o gouerna-  
 dor quelheera necessario acodir a Diu,  
 & que Goa ficaua em perigo se ficasse de-  
 guerra com Açadacão, determinou de fa-  
 zer paz coele & darlhe as Tanadarias, &  
 mais porque soube do mesmo embaixa-  
 dor o que escreuera a Açadacá & aos ou-  
 tros senhores, acerca de fazeré a guerra  
 qlhe fazia por essa causa, & mostroulhe  
 a propria carta quelrey de Cambaya es-  
 creuera a Açadacão, & que isto era ho q  
 lhe importaua de saber, porq não se fiasse  
 del rey de Cambaya: E ho gouernador  
 porque não parecesse que coeste medo fa-  
 zia as pazess dissimulou, dizendo que ná  
 lhe dava nada del rey de Cambaya, porq  
 tinha em Diu muyto boa fortaleza & gé-  
 te com que a defender, mas por Açadacá  
 ser vezinho de Goa & amigo del rey de  
 Portugal, folgaria de ter paz coele & tor-  
 narlhe as Tanadarias, com condiçā, que  
 ele mandasse hú embaixador a el rey de  
 Portugal sobrisso, como dizia dantes, &  
 que se el rey ouuesse por bem que lhe fi-  
 cassem as Tanadarias quelhe ficarião, &  
 se não que as auia de tornar, & assi se fez  
 a paz: E depois disto chegou o embaixa-  
 dor del rey de Cábaya, & coele Xacuez  
 a que o gouernador mandou fazer bom  
 recebimento & lhes fez muyta honrra,  
 & deulhes por cōpanheiro a Coge per-  
 colim hú mouro Persiano (de que faley  
 atras) que eu conhedy, em que o gouer-  
 nador confiaua muyto, por auer annos  
 q andaua na India & ser amigo dos Por-  
 туgeses & esprementado por leal, &  
 mais era muyto prudente, & por issolhe

encomendou o gouernador quelhe sou-  
 bisse do embaixador del rey de Cábaya  
 a determinação del rey, & táobé rogou  
 o mesmo a Xacuez que tinha por ami-  
 go, & lhe desco brira que el rey de Cam-  
 bayalhe mandara que comprasse quan-  
 to arroz ouuesse em Baçaim & por aqla  
 terra, porq os Portugueses o ná achasse,  
 & que nisto lhe parecia que el rey queria  
 fazer guerra á fortaleza de Diu, & a ele  
 treycā, por algúas coufas que lhe o em-  
 baixador disséra: E concertado isto com  
 estes doux mouros, eles tomarão a cargo  
 de o saber, pera que hú dia derão húban  
 quete ao embaixador, em que entrauão  
 muyto bós vinhos, com que ficou qué-  
 te & ledo, & ficando todos tres sós so-  
 bre comer, começará Coge percolim &  
 Cogexacuez de dizerem maldos Portu-  
 gueses, & brasfemando deles, por os ma-  
 les que faziaaos mouros, & espantan-  
 dose muyto del rey de Cambaya sendo  
 tamanho senhor, como os ná deitaua  
 fora da India, dandolhe por isto muyta  
 culpa, & que deuia de tomar o gouerna-  
 dor em hú báquete quelhe dessé, ou em  
 outro lugar & prendelo, porque preso  
 facilmente lhe tomaria a armada & afor-  
 taleza, & depois tomaria as outras forta-  
 lezas, & deitaria os Portugueses fora da  
 India, o que lhe seria mayor honrra, que  
 ser tamanho senhor como era, & pa sua  
 fama sayr pelo mundo, deuia de mandar  
 o gouernador depois de preso ao Turco  
 em húa gayola de ferro: E o embaixa-  
 dor com a ledice que tinha, riouse muyto  
 quando ouuyo isto, dizendo que assi ho  
 tinha el rey de Cambaya determinrdo:

& que como ho gouernador fosse em Diu, lhe auia dedar hum banquete & a seus capitães, na quintaá de Melique, em húa orta que tinha cercada de forte inu-  
ro onde os auia de préder a todos, ou nas suas casas quando os nam podesse aco-  
llher na quintaá. E pera mayor certeza  
do gouernador, estaua em outra casa pe-  
gada com ela hú Portugues, que sabia a  
lingoa, que ho ouuia & escrevia, & deu  
tudo ao gouernador, que deu muitas  
graças a nosso Senhor por lhe descobrir  
a quella treyçam, & bem parece que foy  
aquilo permissam diuina, porq a Chris-  
tandade que auia na India nam se per-  
desse, ho que ouuera de ser, se a treyçam  
del rey de Cambaya ouuera effeyto, &  
logo ho gouernador determinou cōsi-  
go de prender el rey de Cambaya, se ho  
Manuel de sousa não teuesse preso, & a-  
uia de ser, fazer que ya doente do cami-  
nho, pera que quando chegasse a Diu o  
fosse el rey ver a fortaleza onde ho pren-  
deria, & quando nam, prendelo em sua  
casa, a primeyra vez que ho fosse ver, le-  
uando cincuenta fidalgos & homés de  
feyto armados secretamente, que ho a-  
uiam da companhar: E em ele chegádo  
por terra ás casas del rey com esta com-  
panhia, auiam de chegar por mar os na-  
uios de remo, com todo ho resto de sua  
gente, todos armados secretamente, tâ-  
gédotrombetas & atabales, como que  
lhe yáo fazer festa, & em ho gouernador  
chegádo á primeyra porta das casas del  
rey, auiam de matar ho porteyro, & des-  
pois arrombando as outras portas onde  
el rey estaua & prendelo, & dar com ele

nos catures, que auiam destar pegados  
com as suas casas, por ho mar bater ne-  
las, & dali dar com ele na fortaleza, por  
que a nossâ armada defenderia que não  
chegasse a del rey, & os que yáo com o  
gouernador ho defenderiam dos mou-  
ros se acodissem por terra, & nam deu lo-  
go parte disto a ninguem, por nam ser  
descuberto, & logo pos em obra sua par-  
tida, que foy na entrada de Ianeyro do  
anno de mil & quinhentos & trinta &  
sete, & leuou húa armada de trinta vê-  
las grossas & miudas, com quinhentos  
Portugueses, mandado recado a Martí  
afonso de sousa que andaua no Malabar,  
quelogo partisse pera Diu, & fosse com  
muyta pressa, porque era cousa de muy-  
ta importancia, & Martí afonso ho fez  
assi, leuando toda a armada que tinha,  
& ho gouernador nam esperou por ele,  
& foy com tam pouca gente com pressa  
de lhe parecer, que tanto que chegasse a  
Diu, por yr doente ho yria el rey de Cá-  
bay a logo ver a fortaleza, onde ho pren-  
deria, & fazia conta que com a géte que  
leuaua, & a que tinha Manuel de sousa se  
defenderia dos mouros, & que com a q  
Martí afonso leuasse, abastaria pera segu-  
rar Diu, quanto mais que como os mou-  
ros viisssem preso el rey de Cambaya, não  
auiam de ter coração pera boliré cōsigo.

## CAPIT. CL VIII.

De como Antonio galuão chegou a Malaca.

**P**artido Antonio galuão de Cochí,  
seguiu sua rota pera Malaca com os  
nauios de sua conserua, & indo nomais  
que com a nao que fretou, de que era ca-  
pitão Francisco nunez, & na paragem  
da

da ilha de çamatrá, lhes deu húa tormé ta com que se ouvera de perder, porque estando surto, soy a outra nao dar pora sua, nao a vendo com o grande escuro, & abalroou coela, & desfaziáse húa cō a outra cō o mar que era muito grosso. E estando neste grande perigo, quis nosso Senhor que cessou a tormenta & apartarão se as naos, & daquy soy ter a Malaca aos dezoyto de Junho, & estando aquy adoeceo & quasi morto o mádou dem Esteuão da gama leuar pera a forteza, onde nosso Señor lhe deu saude, & já em Agosto chegou Diogo sardinha, per que Tristão datayde mandaua pedir socorro a dom Esteuão, encampá dolhe a forteza se lho logo não mandasse pela via de Borneo, & Diogo sardinha deu a obem húa carta de Tristão datayde a Antonio galuão, em que ho avisaua do que uiaia dyr apercebido: & assi lhe derão outra carta que lhe escre uiá algú homés de Maluco, & antreou tras couzas diziā nela: E assi esperamos senhor por vossa vinda, como os santos Padres que estauão no limbo esperauão pola de nosso Senhor, peranos tirardes de tantos trabalhos como temos, & ate qua chegares nos parece dez milános, praza a nosso Senhor que o traga como desejamos: Dizem quelhe hão lá de cōprar a forteza, se a vender será grande deseruço de Deos & delrey, & risco desta forteza, & de nossas vidas & fazendas, & receamos muito de a venderdes, porque se assifor, dará causa a se perder de todo o seruço de Deos & delrey, a que importa muito esta forteza & vindo parela fareis a ambos muito seruço, & a nos todos muyta merce, & muito bem a toda a terra, que cō gran

de desejo de sua vinda o está esperando. E táo belhe foy dada outra carta de Rodrigo rabelo feytorda nao Santissímo, em que lhe fazia grandes queixumes de Tristão datayde, por lhe nao deixar carregar a nao & a deter dous annos. E sabendo Antonio galuão por estas cartas a grande necessidade que a forteza de Maluco tinha de mantimentos, armas, & géte, requereuo ao feytor Belchior botelho que carregasse a nao delrey demátimos por quão necessários erão, & por elenão querer tomar se ná poucos, soy necessário a Antonio galuão buscar dinheiro emprestado, & comprou tantos á sua custa que carregou a nao q̄ leuaia fretada, & nisso & empeytar a géte que fosse coele gastou muyto, porque ouuyno a gente que yacoele o trabalho que auia em Maluco: E veda que os que de lá vinhão não querião tornar, ná querião yr cō Antonio galuão, que fazé do o quedigo, lhes ganhou as vontades pera yrem. E porq̄ sabia que toda a saluaçāo da forteza de Maluco erá muitos mantimētos, deixou em Malaca hū Antonio soarez, que fosse em hū jungo pela Iaoá & o carregasse hideles, & pera isso lhe deu a sua prata laurada q̄ tinha por ná ter já dinheiro: E vendo quão necessária era sua yda a Maluco, posto q̄ estaua muito doéte, & dom Esteuão & os outros lhe conselhauão q̄ ná se matasse, & que espacasse sua partida pera o Ianiero seguinte, ná quis se ná partisse indo quasi com a candeia na mão, tâmanho era seu desejo de seruira Deos & a elrey: & aos dezoyto Dagosto deu á ve la, & se partio de Malaca pela via de Borneo: E sabendo quão perjudicial era ao seruço delrey, leuarse a Maluco fazéda de partes,

de partes, não quis dar licença a ningué que a leuasse, posto que por isso lhe dava muito, né menos deu licença a mercadores pera que fossem coela depois q lá esteuesse, o que nunca ate então fizera nenhum capitão.

## CAPITULO CLIX.

De como Antonio galuão chegou aa ilha da Ternate.

Partido Antonio galuão de Malaca foy ter ao porto de Borneo cõ sua conserua, & por elrey & os seus estaré muito escandalizados dos agrauos q os mouros de Malico recebiaõ de Tristão datayde & dos Portugueses, nã foy Antonio galuão ali tão bem agasalhado, como o forão os outros capitães q yão pera Malico, pelo que nã se quis deter & partiose logo, & dali foy ter á ilha de Ternate, em cujo porto surgiu aos vintacincos dias Doutubro, & como foy visto da fortaleza, foy grande o alvoroço na gente, & algúns desses principaes o forão logo visitar, pera lhe dizerem mal de Tristão datayde como differão, arrebuylolhe toda a culpa de lhe os mouros fazerem guerra, & que os Portugueses estauão tão escandalizados dele que sedom Esteuão da gama não esteuerapõr capitão de Malaca, eles o mandarão preso ao Gouernador da India, mas porquêdô Esteuão, que era seu sobrinho, estaua em Malaca onde auia diter, o não mandarão, & tantos males diuão de Tristão datayde, que Antonio galuão o não creo, parecendolhe que o dizião por lhe comprazer. E porq sabia que sempre os capitães daquela fortaleza quando entrauão prendião os outros que estauão nela, determinou de nã fazer assi a Tristão datayde, se nã o man-

dal com sua hórra, saluo se lhe achasse taes culpas que nã podesse al fazer se nã prendelo, & assim lho mandou dizer, mā dandolho ele visitar, & pedirlhe q fosse logo tomar posse daquela fortaleza, o q nã quis fazer, & deteu-se algúns dias sem sayr em terra, por lhe parecer que vêdo a gente o fauor que fazia a Tristão datayde, recôciliassẽ com ele, ou ao menos nã se atreuessem a queixar selhe muito dele. E vendo os da fortaleza quanto dilatava tomar posse dela, dizia que era com medo de nam se atreuer com acarrega que era ser capitão: E por isto desembarcou hú domingo, & foy recebido com procissão cantando os clerigos: Te Deum laudamus, & metido de posse da fortaleza, foy ho prazer muito grande em todos, dizendo que os fôra remir do catilieyro em que estauam, principalmente em leuar tantos mantimentos como leuou: E porque ele sabia a necessidade que auia deles, & a grande valia que tinham, pos tayxaneles, & pera que teuêssem mais vigor, & todos soubesssem que auia de permanecer, começou logo nos del rey que estauam na feitoria, mādado que se dessen trinta gantas daroz, que sam oyto alqueires, por quatrocentos & oyrenta rês, a rezão de sessenta o alqueire, valêdo dantes a cinco cruzados, & a este preço se pagasse nele o mantimento & soldo que fosse duido ás partes, a que ainda deuião a algúns do tépo Dantonio debrito, & nisto a fora elrey ganhar muito em se desen diuidar, ganhou muito no emprego deste aroz: E assimandou que a jarra doçagu se dessse a duzentos rês, & hum porco tres mil rês, & hú cabra douis cruzados, & hú cabrito tres tostoés, hú leytâo

leytão, hū cruzado, húa galinha cinco-  
enta rs, & assi todo ho mais muyto ba-  
rato, pera quam caro estaua dantes ( co-  
mo disse atras) & assi em todas as outras  
cousas. E pera se melhor executarem as  
penas destataixa, fez hū juyz ordinario,  
& dous almotaceis, que ate entain nam  
ouera, & deulhesos cinco liuros das or-  
denações, que leuou pera isso da India,  
que forão os primeyros que se virão na-  
quela terra: & assileuou pera ho ecclesi-  
astico, as Cōstituyções que o Cardealdó  
Afonso de gloria memoria fez. Evé-  
do a gente quam amigo Antonio galuá  
era do bem comú, & quão zeloso da jus-  
tiça, de cada vez lhe querião mayor bé,  
& dauam mais graças a Deos por lhes  
dar tal capitão. E depois de ter ordenado  
o que pertencia a bō regimēto da terra,  
entendeo em repayrar as couças necessá-  
rias pera defensam da fortaleza, especial-  
mente na artelharia que achou muyto  
daneficada, a grossa sem repayros, & a  
miuda sem rabos nem piães, & ainda di-  
zião que falecia a melhor, que Tristam  
datay de dera aos jungos dos mercado-  
respera segurāça do crauo que lhe leua-  
uam, nem auia ferreyro pera que a con-  
certasse, porque hū que auia, deralhe Tris-  
tão datay de licéça pera Malaca na mou-  
çāo passada, nem auia poluora, nem car-  
uão pera se fazer: & Antonio galuá fez  
tanta diligencia, que achou hū ferreyro  
que andaua encuberto, a que deutanto  
desua fazenda, que quis vſar do officio,  
que importaua tanto q sem ele não se po-  
dia concertar a artelharia, que logo foy  
concertada, & repayrada de todo one-

cessario: E feyta poluora, & Antonio gal-  
uão com os fidalgos & pessoas princi-  
paes yão ao mato a cortar madeyra, pe-  
ra os repayros das bombardas, & lenha  
pera se fazer cartuão, & atraziām ás cos-  
tas com immenso trabalho, o que não se  
poderia fazer se Antonio galuão não le-  
uara a ferramenta que disse que leiuou da  
India pera este mester.

## CAPIT. CLX.

De como Antonio galuão se apercebeo pera yr  
pelejar com os mouros a Tidore.

**T**AM soberbos estauá os reys de Ma-  
lucu, com as vitorias passadas, que  
ainda q souberão a vinda Dantonio gal-  
uão, & a boa gente que leuara, não disis-  
tirão da guerra q faziam á fortaleza, &  
mādaua suas armadas q lhe fosse correr,  
& assi o fazião, dandolhe os mouros mil  
rebates de dia & de noyte, com q Anto-  
nio galuão socedeo no gráde trabalho q  
Tristão datay detinha dātes, tendo cōti-  
nuamente as armas vestidas, cō quantos  
auia na fortaleza, acodindo aos saltos  
dos ímigos, muitas vezes estādo comé-  
do & dormindo, & sem terem nenhū  
repouso. E parecendo a Antonio galuá,  
q por ser nouo na terra, quererā os reys  
paz coele, & porque sabiāo que se auia  
dir Tristão datay de, mandoulha pedir  
por Gonçalo vaz garnache capitão mór-  
do mar, que foy em húa carauela a Ti-  
dore, onde os reys estauam juntos: que  
ouuindo a embayxada Dantonio gal-  
uão sobre a paz, se desculparam da guer-  
ra que faziam, com os males & offen-  
sas que lhes Tristão datay de tinhafey-  
to, & que aueriam sobrislo seu conselho,  
& entre tanto assentaram tregos por

certos dias, pera que coesta cõrteueſſem  
 tempo de tomarem lingoada fortaleza,  
 & ſaberé a determinaçāo Dátonio gal-  
 uão, quando o não podesſe ſaber pelo ca-  
 marao: E cõ a conſiança deſta tregoa, de  
 que Antonio galuão foy cõtente, come-  
 çarão os da fortaleza de ſayr pola ilha a  
 baſcar lenha, mais deſmádados quedá-  
 tes, principalmente os eſcrauos, de que  
 os imigos que eltauam em cilada pera  
 iſlo, tomara logo tres, & foráoſe coeles  
 tam aſinha, que quando Antonio gal-  
 uão acodio ja os não achou. E vendo ele  
 quam mal lhe os reys guardauam a tre-  
 goa, mandoulho eſtranhitar muyto, di-  
 zendo que poſis aſſi era, que não lhe po-  
 ſeſſem culpa ſe lhes fizesse guerra, q̄ lhe  
 auia de fazer deſcuberta & não cõ trey-  
 ções: o que responderão, que fizeffe ho  
 que quifesſe que preſtes eſtauão: O que  
 ouuido por Antonio galuão, determi-  
 nou de yr ſobre Tidore & dar batalha  
 aos reys, poſto que ſabia o demaſiado nu-  
 mero de gente que tinhão, & quão eſfor-  
 çada era, & que o gouernador da India,  
 com todo ſeu poder faria muyto em a  
 desbaratar, & que era perigo grandif-  
 ſimo auenturarse em húa batalha: &  
 porem lembraualhe, que pera esperar  
 por mais gente, que a nam podia auer ſe  
 nam da India, & em dous annos, ſe no  
 caminho lhe nam aconteceſſe algú de-  
 ſaſtre, & que pera a gente que tinhā não  
 auia mantimentos, pera a terça parte deſ-  
 te tempo, nem os podia auer de nenhúa  
 parte, & ſem eſteria imposſivel ſoſte-  
 ſe, por iſlo que era melhor auenturarse  
 em húa batalha, com a esperança em

noſſo Senhor, que morrerem com fo-  
 me poucos & poucos. E iſto determi-  
 nado, praticouho em conſelho, & os  
 mais foram de parecer, que nam ſe de-  
 uia de pelejar com tam anho poder de  
 gente como tinhā aqueles Reys, ſen-  
 do os Portugueſes tam poucos, que ſe  
 deuia de meter na fortaleza & guárdala,  
 & mandar pedir gente ao gouernador  
 da India: & Antonio galuão foy de pa-  
 recer que pelejasse, dando as rezões que  
 diſſe, & algúſ ſoram deſte parecer, &  
 neſte ſe aſſentou. E como tudo eſtaua  
 preſtes pera a partiда, partioſe Anto-  
 nio galuão pera Talangame, eñde eſta-  
 uam quattro velas, em que auia dir, afo-  
 ra algúſ paraos de ſeruicio, & em duas, q̄  
 eram duas naos, yrele & Gonçalo vaz  
 carnache, & em hum nauio Francisco  
 de ſouſa alcoforado, & em hum cala-  
 luz el rey Cachil aeyro, & ho camarao  
 com cincuenta mouros, & nas outras  
 velas cento & ſetenta Portugueſes, &  
 na fortaleza deyxou por capitam Trif-  
 tam datayde, porque nam podia ficar  
 outra pefſoa mais pertencente pera iſlo,  
 aſſipor ſer tam eſforçado, como por ſer  
 tiode dom Esteuam da gama que eſta-  
 ua em Malaca, que ho ſocorreria logo  
 ſe fosſe caſo que Antonio galuão mor-  
 reffe na batalha, & tambem folgou de  
 ho deyxar, pera que tirasse eſtormentos  
 de ſeus ſeruicos á ſua vontade, & cobras-  
 ſe a perda que tinhā recebida cõ a guer-  
 ra, & deyxou coeles ſeus criados & ami-  
 gos. E eſtando Antonio galuão em Talá-  
 game pera partir, ſayrálhe de húa cilada  
 dous mil mouros, com q̄ ouue húa eſca-  
 ramuç

ramuça despingardadas, de q né hūs né outros ficarão feridos, & em se os mou-  
ros embarcando, foy tomado hū, a q An-  
tonio galuão pregútou polo que os reys  
determinauão, prometendolhe merces  
se dissesse a verdade, & tormentos se dis-  
sesse mentira, a que o mouro respondeo  
muyto seguro. Sabe capitão, que se aos  
reys que eu siruo, & á sua gente, se seguis  
se algú dánopol que eu dissesse, não aue-  
ria torméto que mo fizesse dizer, q assi  
como eu tiue ousadia pera ficar na trasey-  
ra, pera defender os outros que se embar-  
cauão, assi terey esforço pera sofrer a pe-  
na com que salue tātas vidas: mas como  
sey certo, q os reys & a gēte que estão em  
Tidore, não perdé nada no q te disser, di-  
rey verdadeiramente o que me pregun-  
tares, então lhe disse, que os quatrocrys  
de Maluco, & outros quatro dos Papu-  
as, estauam todos em Tidore, com tanta  
gente, que não se podia contar, & era sua  
determinação de hotomarem viuo com  
todos os Portugueses, pera aos que esta-  
uão dantes com Tristão datayde & a ele  
matarem com graues tormentos, & a  
Antonio galuão & a os outros os ressiga-  
tarem, & que a cidade de Tidore estaua  
fortíssima com muros & baluartes, &  
muytos estrepes, que por nenhūa parte  
podia ser entrada, com hūa fortaleza so-  
bre hūa rocha talhada, pera onde sobi-  
ampor hūm caminho tam ingreme &  
estreyo, que ás pedradas se defenderia a  
sobida a todo mundo, & pera a encaual-  
garem por terra auiam de sobir mais de  
hūa legoa, por caminho muyto fragoso  
& cerrado d'aruoredo, & todaua o mou-

rolhe prometeo de holeuar lá, porque  
quanto mais cedo holeuasse, tanto mais  
a siinha seria liure, & ele seu catiuo: & An-  
tonio galuão estaua espantado de ver a  
ousadia deste mouro, & tudolhe sofria,  
porque ho guardaua pera guia, se lhe fos-  
se necessário.

## CAPIT. CLXI.

De como Antonio galuão destruyó de todo a ci-  
dade de Tidore.

**A** O outro dia em que Antonio gal-  
uão determinaua de partir, em ró-  
pendo a alua, apareceo ao mar hūa ar-  
madados mouros, de passante de trezen-  
tas vēlas de remo, em que yāo mais de  
trinta mil homēs de peleja com os remei-  
ros, que tambem se contam por homēs  
darmas, & he costume da terra, os filhos  
dos reys dos Sangajes, & dos Mandarís  
andarem ao remo em quanto sam má-  
cebos, & prezão se disso, porque dali vē  
a serem caualeyros. E os mouros que sou-  
berá que Antonio galuão estaua de par-  
tida, forão lhe dar mostra de sua armada  
pa o espátaré, & cōtudo cō medo da sua  
artelharia, não ousarão de chegar atiro  
de bombarda dele: E vēdo ele q tu do a-  
quilo era rebolaria não deixou de partir,  
deixado em guarda de Talágame Ferná  
antriquez, em certos jungos que hīfica-  
uão, & em ele partindo, partio tambem  
a armada dos mouros indo sempre ala-  
mar: & chegado a Tidore que começou  
de costear a ilha, forão as prayas cubertas  
de gēte que o sayão a ver, & dauá grádes  
gritas. E em começando de descobrir a  
cidade, começou a artelharia de jugar  
dela, mas como passauão os pelouros por  
alto nam lhe faziam dāno, & Antonio

galuão mādou q̄ nāo t̄i rassem á cidade, cō determinação de ver primeiro se podia fazer paz por bē, & quādo nāo q̄ entāo faria a guerra, & foy surgir cō sua armada diante dūa mezquita, & dali mādou logo hū recado aos reys sobre paz, mas o messageyro nā foy ouuydo, nē o deixará chegar á cidade, cō muitas espingardadas que lhē tirarão de q̄ o ferirão, & coisto derão muitas apupadas, como que zombauão da yda Dátonio galuão, chamando nomes injuriosos aos Portugueses, q̄ tudo ouuião por estaré perto de terra, & nisto gastarão o q̄ era por passar do dia, & quasi toda a noyte. E em aparecendo algūia c̄idea na nossa armada, ti rauálhelogo cō a artelharia, pelo q̄ se passou dali pera baixo da cidade, assi por se tirar daquele perigo, como por ter tépo pera praticar como daria na cidade, & alí lhe deu hūa toruoadá com q̄ se ouuera de perder, & por issò determinou desurgir ao pé da rocha onde estaua a fortaleza da cidade, porq̄ alí lhe parecera q̄ a poderia melhoresbóbardear, & estar mais emparado da sua artelharia. E querendo saber se era comolhe parecia, mādou Góçalo vaz carnache q̄ o fossē ver, & sondasse a opé d̄i rocha, do q̄ se ele escusou, dizēdo q̄ o matarião os tiros q̄ lhē tirassem de terra q̄ yria de noyte. E vēdo Antonio galuão q̄ o nāo queria fazer, foy fazelo, o q̄ fez cō muyto grāde perigo, & depois foy ali surgir cō a armada, em que logo fez cōselho sobre sayr em terra, & hūs dizião, q̄ a cidade se deuiadescalar por qualquer parte q̄ podesse, outros q̄ polo mais forte, porq̄ alia uia dauer me-

nos géte pera a defender, outros q̄ deuiá de tomar a fortaleza, q̄ ainda q̄ fossē coufa muy trabalhoſa de fazer, era de muyto menos perigo, porq̄ nā tinhā artelharia nē géte q̄ a defendesse, porq̄ auia os mouros por impossivel poderse tomar: & tomada, darião dali tanta guerra á cidade, que ou se os mouros yrião dela, ou farião paz, quanto mais q̄ auia muyto de desmayar com a fortaleza tomada, & ainda q̄ tomasse primeyro a cidade, estaua certo acolherem se os mouros á fortaleza, como o fizerão outras vezes, & alí se iria impossivel fazer lhe dāno, & destepa recer foy Antonio galuão, & alí se assentou que pera este feyto leuasse cento & vinte Portugueses escolhidos, & os cincocentaficassem na armada, assi pera a defendere m̄ se a dos ímigos a cometesse, como pera que em amanhecedo a parecessem nos nauios todos armados, & tangēdo sua trombetas & atábores, q̄ cuiydassem os ímigos que querião desembarcar, & acodissem a tolherlhesa desembarcação, & Antonio galuão com os outros podessem mais facilmente tomar a fortaleza. E encomendádose a nōsso Senhor, que os liurassem de tamanho perigo como aquele a que se punhão, por exaltamento de sua sancta fēc. Rendido ho quarto da modorra, que era o tempo em que os ímigos estauā mais assossegados, desembarcou Antonio galuão cō os céto & vinte Portugueses, q̄ todos leuauā espingardas & láças, & leuauā olhas seus escrauos, q̄ cō os senhores faziam numero de trezéros. E tornados os bateis pera a frota, abalou Antonio galuão pera a for-

fortaleza, per hū caminho q̄ estaua afastado da cidade, per a cima da rocha q̄ disfe, pelo que não soy sentido dos ímigos, & leuaua a géte feita em corpo, & na dianteira yá Góçalo vaz carnache, Diogo lopez dizeuedo, Jorge de brito, Antonio de teyue, dō Fernando de mōrroy, Iorgedatayde, & outros fidalgos cujos nomes násoube, & assi hū Antonio carneiro q̄ leuauao mouro, q̄ disfe q̄ os guiaua, & no meo ya Antonio galuão cō a bandeira: & a traseyra por ser lugarde mais importācia, soy encomēdada a Fráscico de Sousa, cō quem yá o Ioão freyre & outros: E conio o caminho era muy fragozo, & Antonio galuão ya de vagar, por os seus não cansaré chegou a mea legoa da fortaleza ás oyto oras do dia (q̄ era do apostolo Sā Thome:) E como se ya chegádo á cidade, soy sintido das atalayas dos ímigos, q̄ lhes logo derão auiso, dizédo quā poucos erá o, Portugueses: E aluorçados os reys coestā noua, derão logo rebate á sua géte, de q̄ se ajūtarão cincoenta mil homens de peleja, & sayndo cō os reys, tirarão a grāde pressā pera onde ya Antonio galuão, q̄ oujindo ho arroyado da géte q̄ era grāde, por nā se embaraçar coile, antes de chegar á fortaleza, deixou o caminho q̄ leuaua, & ineteose pelo mato, q̄ como era muy espesso ho encobriu dos ímigos, q̄ o perderá de vista: E cuydado q̄ fogia, começā de dar grādes apudas e prazer, & era medonha cosa douruir o secos q̄ fazia por aq̄les vales, q̄ isto só abastaua p̄a fazer desmayar Antonio galuão & os seus, q̄ cō a esperāça em nosso Senhor yá todos muy esforçados. El rey

Cachil dayalo q̄ leuaua a diateirados imigos, & a qué era encomēdado q̄ fosse o primeyro q̄ desse nos Portugueses, trabalhou por lhes atalhar antes q̄ chegassé á fortaleza, & sayndo cō sua géte a hū es capado q̄ se fazia antreles & a fortaleza, soy aliter Antonio galuão por acerto, & el rey quisera auer fala dele pa o deter, q̄ chegassé entrretanto oscutros reys cō o resto da géte & o tomassé ás mãos cō os outros, q̄ nā se cōtētauá de os mataré pelejado: poré Antonio galuão nā curado de pratica, & fizédo tocar a tróbetas, remete cō os seus aos mouros, chamando por Sātiago, & desparado sua espīgardaria, & outros aslāçadas & cutiladas, de q̄ logo soy ferido el rey Dayalo q̄ andaua na diateira, vestido em hūa say a de malha & hū capaçete na cabeça, pelejando cō hūa espada dambas as mãos, & cahio das feridas q̄ lhe derá, & como era muy to esforçado, leuātous logo, dizendo q̄ nā era nada, posto q̄ lhe sahia muyto sangue. E neste tépo deu hū mouro a hū Pero pinheyro, cō hūa espada hū golpe de tāta força sobre o capaçete, q̄ o derribou atordobado, & mataraho, se lhe nāo acordira Jorge de brito, q̄ o derribou cō hūa lançada, & logo soy morto, & Pero pinheyro leuantado, & nisto era a batalha muy traçada, & ferida muy asperamente, trabalhado os mouros por cercaré os Portugueses, & sumirénos a todos, ho q̄ sem duvida ouuera de ser se a batalha māis durara, mas quis nosso Senhor per sua misericórdia atalharlhe com cayr el rey Dayalo desmayado, do muito sangue q̄ selhe foi das feridas q̄ erá mortaes, & em caindo,

bradou, dizédo que hotirassem da batalha, porque os cães de seus ímigos, ná se alegrassem com a sua cabeça. Etanto q̄ os seus ho viram assileuar, desmayaram de maneyra, q̄ não poderá mais pelejar, & fogiram a quē mais podia dey xando as armas, por yrem mais despejados, & estes deram na outra gente q̄ os reys leuauam pera os ajudaré, & como deram neles dencontro fizerámos fogir, & hūs yáo pera a fortaleza, & outros por esses matos. Antonio galuão dando muytas graças a Deos portão milagrosa vitoria, foy seguindo os q̄ yam pera a fortaleza, matando & ferindo neles, & entrou nella com todos os seus déuolte cō algūs mouros, que vazaram logo fora & lhadeixaram, & ele lhe mandou dar fogo, & como as casaseram de madeyra & de canas & cubertas dela, começa o fogo da cenderse tam brauaméte, q̄ era espanto ouuir ho arroyo que fazia. E vendo os reys que nam auia ali remedio, acodirão à cidade, onde ho medo foy muy tográdenos que nela ficarão, quando virá entrar elrey Dayalo quasi morto, & começaram logo de fogir dela, cō molheres, filhos, & fazendas, & mais quādoviram os reys q̄ fogiam, & ouuião ho arroyo do fogo q̄ queymava a fortaleza. E vēdo os reys tamanho destroço, começá de se poer em saluo por esses matos, & el rey de Tidore acodio a suas molheres & tesouro, cō quattro mil homens que ho ajudauão, & deram cō tudo em hū profundo vale, & vēdo os Portugueses & Arabios marinheiros q̄ estauā na noſia frota ho destroço dos mouros, em q̄ pes a hū

Francisco nunez, & a hū Fernão leytao, q̄ Antonio galuão deixou nas naos por capitáes, tomádo nos bateis algūs berços & falcões, foráse à cidade, & ná achá dodefensa nos mouros, meteráse a roubar sem nhūa ordem, o q̄ foy causado os mouros daré neles & matarā & feritá algūs Arabios, & assi ouuerão de fazeraos Portugueses, se nesta cōjunçāo ná entra ra Antonio galuão cō os seus, q̄ vendo q̄ estauā todos viuos & sãos, tāto q̄ o fogo foy bēateado na fortaleza deceo ácida de, & em entrádo cō grande grita & arroyo de trōbetas, desempará os mouros tudo & acolhese. E por se os Portugueses ná embaraçaré cō ho roubo, mádou Antonio galuão poer fogo á cidade, q̄ foy toda queymada, afora os muros, é q̄ ardeo muyta riqueza, porq̄ como os mouros estauā muy cōfiados em os nāo tomaré, tinhā todas suas fazēdas sem tiraré nhūa coufa, & forá mortos muytos mouros, & feridos sem coto, & catiuos infindos homens & molheres, & tomada muyta artelharia, & nauios de remo, & hū jūgo: & dos Portugueses ná foy morto nhū, saluo hū escrauo. E parece q̄ quis nosso Senhor fazer este milagre, pa cōfusā dos mouros & q̄brarlhes sua soberba.

## CAPITULO CLXII.

De como os Reys de Geilolo & de Bachão, & os outros se foram pera suas terras.

**A**Vida esta tā milagrosa vitoria, mádou Antonio galuão derribar os muros & baixar as da cerca da cidade, q̄ em algūs dias forá derribados, q̄ tudo ficou tāraso como se nūca ali esteuera cidade, & assi foi atupida a caua, & isto com imenso trabalho Dátonio galuão & dosseus, que

que dedia estauá em terra, & de noyte dormiam na armada. E como os Reys estauam juntos, & tinham ainda junta a gente que escapou da batalha, determinaram de ho tomarem no mar com sua armada, quando fosse das naos pera a cidade, por ser a distancia hui pouco comprida, do q Antonio galuão foy avisado por suas espías, & aquela noyte mandou poer em cilada a o longa terra debayxodo aruoreda algua gente nos nauios de remo que tomou, pera q sayndo lhe os imigos, lhes ficasssem os seus detras & ele diante, & pera os prouocar a sayr en lhe, embarcouse pola menha com gráde arroydo de tróbetas, & como os mouros estauão prestes na armada, sayráo logo a ele indo cosidos com terra, peralhe tomarem a diáteira antes q chegasse, & indo assi, foram dar desupito com a cilada, que lhe Antonio galuão tinha posta, de que lhe logo começaráo de tirar com a artelharia & chegar se a eles, & afferrará hui coracora del rey de Bachão, q ya diante carregada de géte, q nam ousando de pelejar se deitou ao mar, & a coracora foy tomada: E vêdo os outros isto, forá seretirando, & defendédo de maneyra, q nam receberá mais nojo & forá se, do q os reys ficarão muy enuergonhados, vêdo quá poucolhes fundira seu ardil, & por isto acordará de daré em Antonio galuão per terra & per mar, & estando juntos pera isto, foy Antonio galuão avisado, & foy logo sobreles por terra, & partio de dia por lugares encubertos, pera os tomar de sobresalto, & assi ouvera de ser, se os da companhia de Frá-

cisco de sousa, que ya na dianteyra, nam tirará certas espingardadas yndo perto dos imigos, q os fintirá, & como estauá cortados do medo, & os tomassem de sobresalto acolheram se logo, & toda uia Antonio galuão alcanceou os da tra seyra, de quem atou & ferio & cativou algú, & antre os mortos foy hum primo del rey de Geilolo muyto valente ca ualeyro, de que os imigos receberam grande perda, & fizeram por ele grandes prantos, & despois disto, foy Antonio galuão sobre hum lugar que estaua hi perto, que achou despouado com medo & quey mouho, & era ja ho medo tamho nos mouros, que nam ousauam dapparecer, o que visto polos reys de Bachão, & de Geilolo, & dos Papuas, & q era escusado tentar mais a fortuna contra Antonio galuão, determinaram de se tornarem pera suas terras, & deyخارé a guerra pera outro tempo, & assi ho disseram a el rey de Tidore, dandolhe pera isso algúas rezões, & as principaes forão, que Deos pelejava por Antonio galuão, ou Mafame de destar yroso cõtreles, cõsentia que fossem assi vencidos por tam poucos Portugueses, tendo eles tanta géte que nem tinha conto, infirindo dali, que nam era bem que pelejasssem mais & com isto se partiram, ficando el Rey de Tidore muyto triste de ho deixarem daquela maneyra. E vendo os Portugueses desaparecer os imigos, cuydauam que yá os sobre a nossa fortaleza, & fizerá grandes requerimétos q lhe acodisse, & ele ná quis, dízido q qué ná defendia sua terra, que ná auia dir tomar a alheia.

## CAPIT. CL XIII.

De como Antonio galuão fez paz com el rey de Tidore.

**D**eterminando Antonio galuão de nam seyr dali, sem fazer paz com el rey de Tidore, ou quando ná quisesse yr sobrele & matalo, escreveolhe húa carta, em quedizia, como sem ho ele nunca ter anojado, em chegando áquela terra lhe yáo cada dia correr suas armadas, & mandandolhe cometer paz, nunca vira sua reposta, & dese ver injuriado, acodira por sua honrra, & mais por isso, q por desejar a guerra lha fizera, & aos outros reys, com quem desejava de ter paz, & poiseram ydos, & eletinha experiençia de quanto malfazia a guerra, lhe pedia muyto que fizesse com ele paz, & que apertaua tanto com ele, que a quisesse pola muito boafama que tinham dele. Recebida del rey esta carta, mandouha ler em conselho, em que foy praticado que Antonio galuão, como homé que desejava paz & conseruaçao da terra, sempre defendera aosseus que a nam destruyssem, nem cortassem palmeiras, nem nenhuas aruores, & atee a sua mezquita (cousa tā auorrecidos Portugueses,) deixara sem tocar nela, & quem isto fazia, & nam se ensoberbecia com a vitoria, deuiade ser bō homé, pelo que deuiá de fazer tregoa com ele, com condiçao que se fosselogo do seu porto, & lhe não fizesse mais guerra, & despois de vagar fariam paz com ele, porque ná a auiam de fazer em quanto Tristão datayde esteuessed em Maluco, & assi lho mandou el rey dizer, do que Antonio galuão não foy contente, porlhe aquilo parecer cou-

sa muyto desapegada, & assi ho mádou dizer a el rey, & que ná auia de fazer náda sobre a paz, sem se ver com ele, & logo lhe os Portugueses disserão que aquilo seria impossivel, por ser antigo costumados reys de Maluco, nam yerem horsto a quē os vencia, se nam dahi a seys meses, & por esta causa el rey se escusou de se ver com ele, & mandou em seu nome a Cachil rade seu jrmão, & a segunda pessio do reyno. E por Antonio galuão ter dele boa informaçam, antes de falar com ele a bem defeyto, lhe cometeo que quisesse ser rey daquele reyno & q lho daria, por seu jrmão ho ter perdido, por se ter leuantado contra a fortaleza, & lhe ter feyt tam crua guerra, & ná querer ainda paz offerecdolha ele, & Antonio galuão fazia isto, porlhe parecer que com este beneficio teria Cachil rade da sua parte, & ho ajudaria cōtra os outros reys, & ele nam quis, dizendo que nunca Deos quisesse que fossel tredoro a seu jrmão. E porele ná querer aceitar ho reyno, nē querer prometer a Antonio galuão, que faria com elrey que se visse com ele, ficou Antonio galuão tão agastado, que nam quis fazer nada com ele, & Cachil rade se foy, ficando de guerra como dantes. Porem el rey mudou seu costume, & viose com Antonio galuão, leuando consigo Cachil rade & seus jrmãos, & muitos Mandarís, & assentáro paz, com condiçao que el rey desse toda a artelharia q tinha, & todas as armas Portuguesas, & esfi desse pera el rey de Portugal ho crauo que ouuesse em sua terra, pelo preço da feytoria, & que ná ajudasle nhū

nhū rey contra os Portugueses: E nesta vista deu Antonio galuão presentes a el rey & a Cachil rade & seus yrmáos, & aos Mandarís, & dalí por diante em algú dias que se Antonio galuão deteue ho forão ver elrey & eles, & comião & bebião cmo que auia muyto tempo q se conuersauão, & elrey & todos estaua muy contentes da condição Dantonio galuão, & folgauá muyto com sua amizade, & Cachil rade o avisou que se nā fosse dali ate esta amizade não ficar bē firme, porque elrey seu yrmão era muy perseguido dos reys de Bachão & Geilolo, & temia que tāto que dali fosse par tido lhetornasse a fazer guerra, em vingança da morte delrey Cachildayalo, que foram mortos a ferro, que todos estaua obrigados per juramento de a vingaré, & assi lho pregauão seus Cacizes: pelo que Antonio galuão se deteue mais algú dias do q se ouvera de deter, & neste tempo lhe prometeo de tornar a fazer a cidade onde estaua, & a começoou antes de sua partida.

## CAPITVLO CLXIII.

Decemos os Portugueses amotináro pera fazerem crauo.

**V** Frdo Antonio galuão que el rey de Tidore estaua firme em sua amizade, determinou de yr sobre el rey de Geilolo, pera se por bem não quisesse fazer paz, lhe fazer guerra ate que a fizesse. E partido lhe deu hū tāobrauo temporal que arrbou a Talangame, & como os Portugueses se ali virão, porque era já a mouçāo de Malaca & desejauão de se yrem & fazerem crauo, não quiserão tornar ccm Antonio galuão á guerra, & amotinará o selhe de maneira, quelhe soy forçado desembarcarse & yrse á forteza, onde logo mandou adubar a nāo

de que era capitão Francisco de souza & a outra em que ele fora. E porq Tristão datayde se auia dyr naquela mouçā mā dou tirar deuassā dele, como era costume tirarse dos capitães quādo acabauā: E sabendo Tristão datayde que os mais o acusauā, pedia a Antonio galuão que ouvesse piedade dele, & ele lhe prometeo de fazer todo o suor que podesse, cō tanto que nā fosse contra sua conciençā, por issō que descanssasse: E sabendo que hū Ioão freyre estaua mal coelefes que fosse seu amigo, & assi outras amizades, apacificando ho com os mais que lhe querião mal, ate pacificar hūs pesca dores que se lhe queix viāo dī comprador de Tristão datayde, chamado Pratas dalcunha, porque lhes tomara o pescado & os escalaúrara, & mādou dizer a Tristão datayde que castigasse o Pratas, & tātas cousas fazia por ele, qmuytosdiziāo, que pois o não castigaria pelas culpas que tinha, & mandaria preso á India, algú viria q o prendesse & castigasse sem culpa. E com tudo mādou q se tirasse deuassā de Tristão datayde, do que se ele logo escandalizou Dantonio galuão, & começoou de lhamotinar a gēte em segredo, & Antonio galuão nāsa bendo dissónada, entendia em auer crauo com que carregasse pera el rey a nāo de Francisco de souza & a outra, & mandou pregoar que sob graues penas que nāua pessoa vēdasse crauo se nā nā feitoria, ou a quem o feitor deputasse pera o comprar, & ao tabalhão dubrico q sob a mesma pena não fizesse conhecimento nem escritura de compra nem vēda de crauo a nhūa pessoa, & ao Ouidor á nhūas partes ouisse sobre crauo. E sabendo que nas lhas de Moutel

& de Maquiem estauão certos jungs de mouros tomando crauo, mādou logo lā Gonçalo vaz garnache com húa armada pera os deitar fora, & foram cō ele Cachil rade & o çamarao, & os dei taram fora, & com todas estas diligencias que Antonio galuão fazia, nam podia auer crauo, né os Portugueses dei xauam de o comprar, o que faziam de noyte depois que se fechaua a fortaleza, & carregauão em hú jungs dū Dinis de payua. E sabendo Antonio galuão como comprauam de noyte, mādou vi giar a praya de noyte pelo meyrinho da fortaleza, mandando lhe q̄ o tomasse, & querendo ele fazelo, soy espancado, & nisto soy Antonio galuão a usado pelo vigayro da fortaleza, & por outro clérigo, que o querião matar por amor da defesa do crauo, & cada hú lhe dei seu assassinado do quelhe dizia. E vendo ele o escádalo dos Portugueses, prouou de ver se os podia amansar com boas pa lairas, & fazendo os todos a juntar à porta da fortaleza, lhes disse. Nam me nega reis senhores, que todos os homés que se tem em conta domés, tem por causa muy abominavel a ingratidão, & por grande baixeza, & se prezão muyto da gardecidos, & té por nobreza usar da gardecimēto, & de quem recebem algú beneficio, desejá de lhe fazer outros, & he certo que se perguntar acada hú de vos, que dira q̄ assi he, pois se assi he porque fazeis o contrayro com el Rey nosso senhor, que faza todos tātas merces de contíno, dandovos terra em que moreis, dādovos leys em q̄ viuaes, defēdendovos de vossos ímigos, dandovos maneira pera terdes de que vos máter, & outras muytas merces que sam lar-

gas de contar: pois de quem recebereis tantos benefícios, que se lhe fosse necesario ajudar de lhe asistentar sua fazéda que o nam fizesseis, o que nam fazeia el Rey, mas antes lha destruys, porque nam tendo ele nesta terra outra coufa, com que sustétar dez ou doze mil cruzados que gasta cada anno, nos soldos & mantimentos desta fortaleza, se nam o crauo, que ha tanto tempo que assentou com os reys quelhe dessem a mil reis o bár, vos lho tédes leuātado a vintemil, que nam val tanto na India, com que fazeis que nam se acha pera se lhe comprar, & lhe fazeis perder o cabedal de q̄ tem necessidade, pera foster os grandes gastos desta fortaleza: pelo que vos requeyro da sua parte, que não compreis crauo, & lhe deixeis comprar, & o quei rai a antes comprar dō seu feitor, que vole ha dedar mais barato q̄ os mouros, porque assi o haele por bem em hú regi méto que aqui está Dafonso mexia, sen do veedor da fazenda da India, & pera que saybais quenam he isto ardil pera o auer pera mí ei volo jurarey, & logo jui rou solénemēte em hú missal de nā cō- prar crauo pera sy por nhúa pessoa, se nam todo pera el Rey, ate as suas naos serem carregadas, & rogo u a seus amigos, & mandou a seus criados que assifizesssem, & certo crauo quelhe deram por amizade el rey de Ternate & o çamarao, & el rey de Tidore, & Cachil rade, nam quis quelhe entrasse em casa, & mandou hō leuar á feitoria.

## CAPIT. CLXV.

Do mais que passou Antonio galuão cō os Portugueses sobre o crauo.

**N**enhúa destas diligencias aprouey tauam, pera se auer crauo pera el Rey & de dous mil Bāres dele, que Antonio

tonio galuão sabia que erão feytos, depois de chegar a Maluco, não se ouuerá pera el Rey mais de céto, & isto porq o comprauão a mil reis, & as partes dauá por ele vinte mil, & mais não o querião carregar nas naos delrey, se não em hú Jungo d'U Dínis de payua, em que Tristão datayde tinha parte. E receado Antonio galuão que se fossem sem sua licença, & lhe leuassem a gente, fez vir as naos & o Jungo de Talangame, & surgir em húia calheta perto de noſta Senhora da barra, & ainda deu juramento aos capitães, que não se fossem sem sua licença, nem lhe leuassem gente, & deste juramento se fez hú auto que todos assinaram. E cõ tudo Antonio galuão por sua pefſoa, vigiaua de noyte a praya, pera ver se topaua algúſ cõ crauo, & tomava o q achaua: do que aqueles que o trazião se agastauam muito, & dizião que fazia grande erro em fesçayr de noyte da forteza, que o poderião matar, porem ele não deixaua a vigia. O que vêdo os Portugueses que comprauão o crauo, se juntaraõ hú dia com Tristão datayde q csauroacia & era sua cabeça por lhe pefſa r cõ as diligencias q fazia Antonio galuão, & forãoſe d'assuada com armas diante da porta d'U ygreja, estando ele dentro na forteza, & dizião com grandes brados, que não auia de deixar defazer crauo, & que o atiño de defender as ligaçadas que lho quisesse tomar dali por diante, & soy isto em tanto crecimento, que Antonio galuão mandon repicar o sino da vigia, pera yet se auia alguém que fosse da parte del Rey, & nisto quis fayr fora, pera ver o que a gente determinaua, & em fayndo, achou a porta da forteza Francisco de Sousa com outros, &

disse lhe que ja Tristão datayde & os da assuada erão ydos, que ná lhe lembraſſe aquilo, & ele o fez assi. E vendo a gente quão remisso era em castigar aquele de lito & outros, cuydauão que auia medo a Tristão datayde, pelo que o não teueram em conta, & pareceo tão mal esta assuada a muytos, que Góçalo vaz çar náche culpaua muyto Antonio galuão de não prender Tristão datayde, & ho mandar preso á India, & diziaho pubricamente, pelo que Tristão datayde saltou coele com gente pera o matar ou injuriar, & assi o fizeraſe Gonçalo vaz ná se acolhera á ygreja, & Antonio galuão não acodira: & sintindo Gonçalo vaz isto, desafiou Tristão datayde, quelhe ná fayo ao desafio, pelo q Góçalo vaz lhe escreueo hú carta de muy feas palavras. E desejado Antonio galuão assolsego, prédeo sobre sua menagé Gonçalo vaz por amor do desafio, parecendo lhe que coiſpoeria paz antrele & Tristão datayde, de cuja discordia, por ser estas pessoas, se podia seguir muyto desſeruiço de Deos & del Rey: porem Góçalo vaz se ouue por muyto injuriado de ser preso, acodindo por sua hórra, & ficou imigo D'Antonio galuão, nem Tristão datayde não ficouse amigo, né dei xou de lhe leuar quanta gente podes a India, que sabia a necessidade que tinha de la por amor d'U guerra em que fiaua. E pera mais escandalizar a gente da terra, leuou hú moço Christão chamado Paúlo, filho d'U homem dos principaes do Morro, que auia de cuydar que lho leuão a venderá India. E não o querendo Tristão datayde dar, nem a gente que leuava, mandá dolhe Antonio galuão o pedir tudo cõ muyta cortesia, depois des-

tar embarcado, mandou lhe depois sobrissô muitos requerimétos, o que nam satisfazendo Tristão datayde, antes soltado palauras muy feas, fo y Antonio galuão as naos ao outro dia, assi peralhe tomar a gente que lhe leuaão, como pera tomar pera el rey o terço de todo o crauo que achissé de partes pelo preço da feitoria, & embarcouse em hú batel com hú falcão por proa.

## CAPIT. CL XVI.

Do que Tristão Datayde fez a Antonio da Madureyra.

Como os que estauão no mar, tinhá em terra quem os auisasse do q Antonio galuão determinaua, forão logo auisados q auia dir as naos ao outro dia, & o pera que, leuarão de noyte as ancoras, & sem lhes lembrar o juramento q tinhão feyto a Antonio galuão, de nam se yre sem sua licença, nem lhe leuaré gente, derão algúsa vela & foráose, & quando Antonio galuão chegou, ja ná achou mais que húa nao, & o júgo de Dinis de payua que se fazia á vela, & foyse ao júgo, requerendo de fora que amaynasse, & Dinis de payua se posa a bordo com toda a gente armada, & espingardas ceuadas, com murrões acesos, dizendo q quē chegasse a ele que o mataria. E como ho vento era fresco, & o mar grosso foyse, sem lhe lembrar que por ter muitas diuidas & emburilhadas, o embargauam por elas ao tempo da embarcação, & Antonio galuão se obrigou por ele se nam pagasse, & se isso não forá, não se podia yr, & ficaua perdido, por ter feyto muyto grande emprego, & em ele partindo, acabou a nao dc dar as velas & se partio

també, & estas velas & as outras, leuata a mayor parte da gente da fortaleza, sem nhū temor de serem castigados, que bē sabião que auia de ficar sem castigo, como ficaram os passados, que fizerão os mesmos dilitos, & por isso forão de cada vez mayores. E vendo Antonio galuão como se forão, leuandole a gente de q tinhá tāta necessidade, por ficar de guerra, ouueos por aleuantados, & cōdenou os em perdimento das fazendas pera el Rey, & tirou estormétos, & deuassas do que lhe fizerão, & de como ficaua, & cōdous requerimentos, hú pera o capitão de Malaca, & outro pera o gouernador da India, que tomassem pera el Rey as fazédas dāquelas aleuātados, & lhe dessé a mais pena que merecia suas culpas, despachando logo pera Banda hú Antonio da madureyra, que leuou todos estes paipes em húa carauela, & mais cartas pera el Rey de Portugal, em que lhe escreuia o estado em que achara a terra, & o q tinhá feyto, & quedesse tudo ao capitão que esteuesse em Banda: a que chegado Antonio da madureyra, achou hi por capitão hú Manuel da gama, parente dedo Esteuão capitão de Malaca. E por Manuel da gama estar auisado de Dinis de payua, & doutros que ja lá erão, que não tomasse nhūs paipes q lhe Antonio galuão mandasse, dizendolhe o sobre que erão, não quis tomar nhūs, por mais requerimentos que lhe Antonio da madureyra fez que os tomasse, né menos consentio que tomasse agoa, nem lenha, & como a inígo o fez sair do porto: & po la necessidade q tinhá de fazer agoada, se foy

se soy á ilha Damboyno, & surgio em hú porto perto doutro donde Tristão datayde estava surto, que logo soube o que Antonio da madureira leuaia, & temendo que o desse em algú nauio dos que ali estauão, & se saberia na India & em Portugal o que fizera em Maluco, & porque não se soubesse, mandou con trele hū Antonio Pereyra que fora capitão mórdo mar em Maluco, q fosse cõ gente armada contra Antonio da madureira & que o fizesse yr dali, & assi o fez, quelhe não deixou fazer agoada, & tornouse pera Maluco sem dar os pipeis que leuaia, & assi se enterrou o q Tristão datayde & os outros fizerão, & elrey soy muyto deseruido, & os mais deles forão tão bem galardoados como que o seruirão muyto bem. E a culpa disto he toda dos gouernadores da India, q não trabalhão muyto por saberem os dilitos que se fazem em Maluco, & sabidos os não castigão muyto bem.

## CAPITVLO CL XVII.

De como elrey de Cambaya soy ver ho Gouernador ao galeão.

**P**Artido ho Gouernador pera Diu, começou de se fazer doente, pera q podesse bem fingir que o era quão che gasse á fortaleza, porq elrey o fosse ver a ela & lá o prendesse, & de cada vez se fazia mais doente, & por isso se deteue em Chaul algúsdias, & dali se soy a Baçai em húa fusta por detro do rio, pera mostrar quão doente ya, porque a fama correu, & quando chegasse a Diu soubesse elrey de Cambaya q yadoente, & aqui sedeteue algúsdias, & quando ya a terra por mostrar que não se podia ter, leuauião em hú Palanqui, que sam como Esquifes, & leuauião homés & ya cercado de fidalgos. E partido de Baçai

chegou á ilha dos Mortos a fazer agoada, & pera lhe yr hifilar Manuel de soufa, que soy vespora Dentrudo á noite, & lhe contou tudo o que elrey de Cábaya determinaua em sua treyçao, & aindadenoyte se tornou pera a fortaleza, sem ser sentido dos mouros onde fora. E passado o dia Dentrudo, ao outro dia, que era quarta feyra de Cinza, em amanhecedo se soy o gouernador á ve la pera Diu, & indo assi, elrey de Cambaya que andaua á casa de monte ao longo do mar o vio yr, & mādoulhe logo preguntar por sua disposição por hum porteiro, por quem lhe mandou algúis veados & gazelas, deles sem pernas, & outros sem braços: E dado por ele o recado del rey de Cambaya ao gouernador, respondeolhe que ya muyto doente, & por isso sedeteueratão no caminho que se issónão fora, logo lhe fora beijar as mãos. E partido o porteiro, soy ho Gouernador surgir na bava de Diu, & ali ho soy logo ver Manuel de soufa, & nisto chegou o embayxador perque elrey de Cábaya mandara chamar o gouernador, que ho ya visitar da parte del rey que o mandou, & depois de ho ter mandado chegou a Diu, & em chegando lhe tornaua o embayxador cõ reposado Gouernador como yadoente, & por isso lhenão ya beijar as mãos. E sabendo elrey que o gouernador ya doente, o quis yr ver, parecendo lhe que o seguraua coiço: & assi como vinha da caça se embarcou em hún fustinha, leuado consigo Cogeçofar, & hú seu filho, que amia nome Rumeção, & dous gérros, hú chamado ho Tigre do mundo, outro Caracem, & ho seu secretario, & Langarcão gráde senhor, que tinha hú

conta

coto dourado, & Ioão de santiago lingoa & outros cinco mouros, todos capitães & grandes senhores. E em outras tres fustas yão os criados destes, & chegou tão de supito ao galeão, que não teve o gouernador tempo pera mais, que pera o sayr a receber ao portal todo insfiado. E afora os fidalgos que yão coele no galeão estauão outros & algúis capitães q̄ forão ao galeão em surgindo. E quando o gouernador deceo pera o conues a receber el rey disse a Lisiarte dandrade Manuel de vasconcelos casado, Ioão ju sarte tição, Cristouá de melo, Antonio de Sá o rume, Antoniomendez de vascôcelos, & a outros que estauão juntos, que se fosssem pera ho chapiteo como q̄ o goardassem, q̄ receaua algúia treyçao, pelo que assia aqueles como todos os outros, mandarão polas espadas & as posserão na cinta, & nisto entrou el rey no conues vestido em húa cabaya de pano verde, & na cabeça húa touca preta peqna, & húa adaga rica na cinta, & dous pagés lhe leuaão húa terçado & húa arco com frechas, & deste modo yão os q̄ o acompanhauão. O gouernador q̄ o esperaua lhe tirou húa chapeo de guedelha leonado, & fez lhe húa mesura que pos húa giolho nochão muy pesadamente como que estaua muyto doente. El rey lhe tomou as máos com as suas, que era ho mayor gassalhado que lhe podia fazer, & o leuantom, & lançandolhe ho braço por cima das costas, sobirá ambos a tol da, onde os fidalgos oulharão todos pa o gouernador, principalmente Manuel de souza que sabia q̄ o gouernador determinaua de prender el rey, assi pelo q̄ lhescreuera antes de sua yda que o predesse, como pelo que lhe disse quando o

foy ver á ilha dos Mortos: E ainda q̄ os outros fidalgos não sabiaõ que o gouernador queria prender el rey, parecialhes que era bem prenderse, porque tinham algúia sospeita que queria fazer treyçao & sabiaõ certo q̄ quisera tomar a forteza, mas o gouernador nūca oulhou pera ningué, & cō os olhos no chão entrou com el rey na sua camara, entrado coele Cogefos, o Tigredo mundo, o Secretario delrey, Santiago, & outros dousmouros, & nhū Portugues. E em entrando, mandou el rey fechar a porta por dentro, & ficando os fidalgos muyto espantados de lhe o gouernador não fazernhū final, começaraõ de murmurar disso hūs com os outros: E Manuel de souza que sabia como o gouernador determinaua de prender el rey, quando vio entrar o gouernador & el rey na camara, ficou muyto agastado de o gouernador lhe não dizer nada nem lhe fazer final, & não se sabendo determinar no q̄ faria, disse a Manuel de macedo, & Antonio cardoso, o que lhe o gouernador escreuera acerca da prisam delrey, pendolhes conselho no que faria, & eles lhe conselharão que mandasse preguntar o gouernador que determinaua ou que queria que fizesse, & ele lho mandou perguntar por Jorgebarbosa q̄ agora he juyz dos Orfaos em Coimbra, q̄ por nāo lhe quereré abrir a porta da camara, nem poder entrar pola escotilha da camara do leme, se foy á varanda da camara onde ho gouernador estaua, & entrou, & achou assentados el rey & ho gouernador em húa alcatifa falando, & ho gouernador encostado ao masto da mezena, & assentado Jorgebarbosa em giolhos, lhe deu o recado á orelha, a q̄ o gouerna-

o gouernador não respondeo, né Iorge barbosanão sayo fora adizer isto a Manuel de sousa, porque elrey como quē setem ia, se leuātou logo muito depresa, & sayose da camara sem esperar q̄ ho gouernador fosse coele, né ate o prepao, & todos os fidalgos oulharão pera o gouernador como da primeira, & tāobem abaixou os olhos, & elrey se soy embarcar tão de pressa, que ficaua Coge çofar no galeão, & alargandose elrey, que lhe disserão que ficaua o tornou a tomar, q̄ soy muito grande honrra, & como ho tomou, mandando remar a todo tira, partio pa a cidade q̄ estaria húa legoa ou mais, dōde o gouernador estaua surto.

## CAPITVLO CLXVIII.

De como soy morto elrey de Cambaya.

ndo se elrey embarcar, apartouse o gouernador com Manuel de soufa, & disselhe que fosse a pos elrey & lhe disselhe que cō a presla de sua yda não teuera tempode lhe dar hū recado delrey de Portugal seu senhor, que cūpriamuytodarselhe logo, que lhe beijaria asmāos por seyr áfortaleza pa on de logo ya & hi lho daria: E com isto se embarcou Manuel de soufa em hū catur que tinha a bordo, indo coele Diogo de mezquita & Antonio correia. Os fidalgos que ficauão no galeão de pasmados do gouernador deixar assi vr elrey oulhauão parele, & ele lhes disse. Senhores q̄ me oulhacis, embircayu os nessas fustas que estão a bordo, & acópanhay elrey & fazei o que vos Manuel de soufa disser: E dizendo isto, dão todos consigo nas fustas, cō nomais outras armas que espadas, & em hūas muitos, & em outras poucos, com presla grandissima botão apos Manuel de soufa q̄ ya atracá

do quanto podia por chegar a elrey, & valeolhe muytopera o alcançar, a deteça que elrey fez em tornar a tomar Coge çofar, que doutra maneira nunca ho alcançara: E emparelhando com a fusta, disse a Santiago que dissesse a elrey que se passasse ao seu catur que queria o gouernador que fosse á fortaleza, & Santiago respondeo que doidices erāo aquelas, quenā auia de dar tal recado a elrey que lho fosse ele dizer detro á fusta. E parece que querendo Manuel de soufa saltar dentro, ou como quer que soy cayo no mar, & logo hū seu page se lançou a pos ele & leuando ho polos cabelos o teue, & nisto chegou húa fusta em q̄ yáo Lopo de soufa coutinho, Antonio car-  
dos, o doutor Pedraluarez dalmeida ou  
uidor geral da India, & desta fusta sal-  
tou Lopo de soufa no catur de Manuel  
de soufa, & ajudouho a tirar do mar aos  
outros: E elrey de Cábaya quando vio  
aqledefastre, como que lhe pesava dele,  
chamou Manuel de soufa pa a sua fusta,  
que em todo tempo teue leuantado ho  
remo, & Manuel de soufa entrou logo  
dentro, & coele Diogo de mezquita, &  
Lopo de soufa, Pedraluarez dalmeida,  
& Antonio correia, & seria ás quatro  
oras depois de meodia, & ficará de proz  
Manuel de soufa, Antonio correia, & Pe-  
drauarez, Lopo de soufa, & Diogo de  
mezquita passarão á popa: E vendo San-  
tiago entrar estes sem o elrey mandar,  
& vendo como as outras fustas dos Por-  
tugueses vinha apressadas, disse a elrey  
que o queria prender, & como era co-  
lerico, logo tirou húa frecha pera o çeo,  
que era sinal de guerra, o que entendé-  
do Diogo de mezquita, & mais polo q̄  
ouvio a Santiago, arrancou da espada  
supi-

supitamente, & arrebatado elrey por hú braço o ferio pela parte dereyta de húa es tocada pequena, por amor dos mouros que logo acodirão & o embaraçarão, & como erão treze & todos de muyto esforço carregarão sobre os Portugueses ferindoos brauaméte, & quasi dos primeiros golpes forão mortos Manuel de soufa, & Pedraluarez dalmeyda, ou tomados forão deitados ao mar, & Diogo de mezquita, Lopo de soufa, & Antonio correa, pelejauão com muyto esforço, & coesta detençā teuerão tempo de chegar duas fustas Portuguesas, de que erão capitães hú Afonso fialho, & hú Aluaro mendez de Chaul, homés sem medo, & leuauão ambos bem corenta Portugueses, & em chegando acertou de cayr na goa Antonio cardoso em querendo saltar na fusta delrey, & eles o tirarão, & em o tirando hú page del rey Abexim moço de ate dezoyto annos ajudaua os seus muy valentemente, tirado cō o arco del rey tão ameude, q parecia que punha as frechas duas & duas, & em tirado Antonio cardoso dagoa deulhe húa frechada com que o atraessou & logo morreo, os criados daqueles senhores que yão cō el rey de que erão os mais Turcos, també ajudauão por sua parte esquentado a batalha brauaméte, & Aluaro mendez q isto vio a ferrou logo com húa das fustas em que saltou com algúsdos seus, & pelejou tão sem medo que matou os mais deles & os outros fez saltar ao mar, muyto feridos, mas deulhe o page del rey nesse tempo húa frechada polo estamago cō que ho derribou morto, & assi matou

Afonso fialho, & outros dez ou doze, & matara todos se o nā acertarão de matar com húa espingardada. Lopo de soufa & Diogo de mezquita que estauam cercados de mouros, ainda que recebião muytas feridas matarā cinco ou seys, porém os outros que os sentirão cansados & fracos do sangue que tinham perdido çarrarão coeles, & como tinham mais forçaderão coeles no mar em que ouuerão de morrer se os não tomarão. El rey como vio despejada a fusta dos Portugueses manda remar a boga arrancada caminho da cidade, seguindo ho quasi toda a nossa armada de remo que tirava cō sua artelharia, & era ja a barafunda muy grande de gritas, bombardadas, & espingardadas, o que vendo os Turcos q estauão surtosem húa galeota & em húa taforea que chegarião ali onde andauá darmada por mādado del rey de Cambaya, começarão de desparar sua artelharia cō tra os Portugueses, o que visto por Gonçalo vaz cotinho & outros capitães que ficauão muyto a tras pera alcáçaré elrey os forão aferrar & os matarão quasi todos pelejando. El rey que se acolhia quātopodia chegou antre os baluartes onde se dava por saluo, mas nosso Senhor que via quāo perjudicial era sua saluaçāo pā os Portugueses, ordenou q em ele ali chegando sayssē de dentro do rio hú catur nosso de q era capitão hú Portugues chamado dalcunha Pantafasul que se lhe atraessou diante, & com hú pelouro de berço lhe matou quattro remeiros: & como nisto vazava a maré & deitasse a fusta perafora, por mingoa dos remeiros que faltauão

faltauá, & el rey visse que a nosla arma-  
da se chegaua, pareceolhe que melhore se  
saluaria a nado, & por isso se deitou com  
os outros ao mar, & nadando chegou  
húa fusta de que era capitão hú Tristão  
de payua de Santarem a quem el rey bra-  
dou em sua lingoa que o não matasse, &  
que era el rey de Cábaya, & qdaria muy  
to dinheyro a quē o saluasse, & seguran-  
doho Tristão de payualhe deu hú remo  
a q se pegou, & depois de pegado ao re-  
mo, lhe deu outro cō húa chuça pelo ros-  
to & lho atraeuessou: & vēdoho Tristão  
de payua ferido, acabouho de matar cō  
húa espada, & depois se foy aofundo q  
núca pareceo, & Sátiago foy ternadado  
até junto do baluarte do mar, donde hú  
Portugues lhe deu cō húa canto na cabe-  
ça de q logo morreó, & assi forão mor-  
tos todos os outros, saluo Cogeçofar, q  
ferido na cabeça de duas feridas o saluou  
Antonio de souto mayor porq o conhe-  
cia. E este foy o fim del rey de Cábaya,  
tamanho senhor de terras, gētes, & tēsou-  
ros, q se escapara viuo cō saber q os Por-  
tugueses o querião matar lhes dera muy  
to trabalho, por ter passante de cinco cō  
mil homēs em Diu, & armada & arte-  
lharia: mas nosso Senhor q ouue pieda-  
de dos Portugueses permitio q o mata-  
sem, vēdo o descuydo q ouue de o pren-  
deretendo honamão, & sabendo a trey-  
ção que queria fazer, & o odio que tinha  
aos Portugueses.

## CAPITULO CLXIX.

Do que sucedeo depois da morte del rey de  
Cambaya.

**S**Abido pelo Gouernador a morte  
del rey de Cambaya, ficou muyto

triste por isso, porq lhe parecia q melhor  
negocio fizera se fora preso, & como ja  
lhe tinhão leuado Cogeçofar, prome-  
teolhe a vida, & muitas merces, se lhe  
desse inaneyra pera auer Diu em paz, &  
elelho prometeo, & dandolhe sua fee, de  
não fazer outra cousa, foyse ácidate, ain-  
da que era quasi noyte, onde auia grāde  
aluoroço pola morte del rey, & os mer-  
cadore (cō medo de osroubarem) des-  
pejauão ho maisque podião, & ho Ra o  
capitão da cidade estaua pera se yr, sa-  
bendo que Manuel de soufa era morto.  
E Cogeçofar mandou logo deitar hum  
pregão em nome do Gouernador, que  
ele davaa seguro real a todo mercador  
que ficasse em Diu, de nam lhe ser fey-  
to nenhu damno, nem nos corpos nem  
nas fazendas, & mandaia a todos os  
soldados, que logo despejassem a cida-  
de, sopena de morte, cō o que os merca-  
dores assoligaram do aluoroço que ti-  
nham, & os soldados se acolheram, & o  
Ra o també fogio aquela noyte, & foy  
se pera as molheres del rey, que estauam  
na quintaá de Melique, & pos em saluo  
a elas & ao tesouro del rey. E sabendo o  
Gouernador como a cidade estaua assos-  
segada, desembárcou ao outro dia, &  
dando muitos louuores a nosso Senhor  
foy tornar posse dela, & achou húa  
boa armada, & quatro basaliscos de me-  
tal, & cinco esperas, & hum quartao, a  
fóra outra muyta artelharia de ferro, &  
mais de douos mil quintaes de poluorá de  
bombarda, & despingarda, & pelou-  
ros, & outras muniçōes de guerra sem  
conto, em muy bōs almazés, & assi co-  
brou

brou a alfandega de Diu pera el Rey de Portugal, que rendia cento & oytenta mil cruzados ou mais, & ficaua senhor da melhor cidade q̄ auia na costa de Cábaya, & da principal que na India lhe auia mais guerra que outra nhūa, & cō cuja tomada os reys da India, ficará māis assombrados de medo dos Portugueses que doutra nhūa, & maisquādo souberão que el rey de Cambaya forā morto. E depois disto, chegou Martim afonso de Sousa com sua armada, a que pesou muyto de não se achar ali, porque se se achara sempre el rey de Cambaya forā preso, & não morrera nhū Portugues, de quatorze que forão mórtos q̄ nomeey, & vinte cinco ou trinta feridos.

## CAPITVLO CLXX.

De como Mirzāhamet se fez rey de Cambaya cō fauor do Gouernador.

**D**iuulgada a morte del rey de Cambaya, foy ter a noua ao seu arrayal onde staua hū cunhado que forā do rey dos Mogores, chamado Mirzāhamet que andaua com el rey de Cambaya, q̄ sabendo como ele era morto, & não deixava filhos, & era mal quisto, & que por essa causa poderia auer controuersia sobre quem seria rey de Cambaya, determinou dintentir de o ser, & logo se fez chamar rey de Cambaya com fauor de douis mil Mogores de caualo, gente esco lhida que andauão no arrayal com que fez corpo, & tomou o dinheiro q̄ el rey de Cambaya trazia no arrayal, que era hūconto & meo douro, & assi todas as coulas de seu seruigo. E sabédo como os grandes de Cambaya querião fazer seu rey Mirāomuhmala q̄ andaua no Man-

dou, & por ser morto, tomouão por rey a hū moço que auianome q̄ltaomahmude, socorreose ao gouernador Nuno da cunha q̄ o fauorecessē, mandolhe offrecer por isso cincoéta mil pardaos pa os gastos de sua armada, q̄ lhe logo daria. E depois de ser de todo rey de Cambaya de Mangalor, ate Diu, que sam dezoy tolegoas, com hūa pelo sertão, & deçurrate ate Baçāi com outra, pedindolhe tão bem conselho no que faria pera se conseruar em rey. E sendo o gouernador contente de fazer sua petição, o mandou pubricar por rey de Cábaya no alcorão de Diu, & lhe mandou dizer, que em quanto os do reyno estauão sem rey, ele deuia dyr polo reyno, porque como auia muytos que querião mal a q̄ltao badur, & nā tinhão rey, folgarião de o ter por esse, & se ajuntarião o coele, & quando os q̄ querião fazer rey o fizessēm, já lhe não poderião dar o reyno, o que seria ao reues se ele se deixasse estar quedo, por isso que logo deuia dabalar: Porem ele não tomou este conselho, & deixouse estar na vila de Nouaguer leuando boa vida, & mādou os cincoéta mil pardaos ao gouernador, & hū assinado do q̄ lhe prometia. E depois disto no mes de Março adoeceo ho gouernador, & por se achar muyto mal & dizerem os Medicos que de cada vez se auia dachar peor, por Diu ser muyto contrayro a sua saude, lhe requererão os fidalgos que se fosse inuernar a Goa, (porq̄ determinaua dinuernar em Diu,) & por isso ho Gouernador ouue de yr inuernar a Goa, posto que foy muyto contra sua vontade, & nam leuou mais que

que seus criados & Martí alfonso de soufa com sua armada, & deixou em Diu todos os fidalgos da India, & assi a outra gente da armada, & ficou por capitam Antonio da silueyra, & nosdous baluantes da vila dos Rumes, Ioão de mendoça, & Francisco de mendoça yrmãos, q davaõ de comer cada hú a cento & vinte homés, & Ruy diaz pereyra ficou por capitam nas casas que foram da ináy del rey de Cambaya, que eram como forteza, & dava de comer a çem homés, & Antonio da silueyra a trezentos, & assi davaõ mesa algüs fidalgos. s. dô Ioá lobo filho do barão, Francisco pereyra, Antrique de melo, filho bastardo do cõde de Marialua, & Gaspar de soufa, no que todos gastarão muyto, principalmēte Antonio da silueyra que tinha mais q todos, no que fizerão muyto seruço a el Rey de Portugal, qorque sem isso nam se podia sostentar a muyta gente que inuernou em Diu, que sem ela fora tomado pelos capitães de Cambaya, que com medo desta gente nam ousarã de lhe fazer guerra, como determinauá, pase vin garé dos nossos pola morte do seu rey.

## CAPIT. CLXXI.

De como os capitães & senhores de Cambaya desbaratarão Mirzão hamet, que se chamaua rey de Cambaya.

**P**artido ho gouernador pera Goa, como os capitães de Cambaya sintoão muyto ser Mirzão hamet rey de Cá baya, & mais com fauor dos Portugueses, determinarão de ho destruir, pera o que leuantaram por rey a Mirão muhambla que andaua no Mandou, & em quanto não fosse, foram eleytos tres ca-

pitães principaes, pera que em seu nome regessem oreyno, com a máy de çoltão badur, & forá estes Madre maluco, Driacão, & Aucão, que a juntando dez mil de caualo, & quinze mil de pé, forão cõtra Mirzão hamet que ainda estaua em Nuaguer muyto de vagar. E sabendo ele que seus immigos yão buscar, lhes sahio ao encõtro com os dous mil Mogores que tinha de caualo, & ouueram húa batalha em que Mirzão foy desbaratado, & fogio pera o reyno de Vlcinde, cujo rey era seu paráte, & dos seus forão mortos quinhétos, & os outros fogirão pera a vila dos Rumes, q estaua dalilegoa & mea, & todo este caminho os seguirão os imigos, & matarão os q digo, & os acabarão de matar a todos, se não q chegando a tiro de bôbarda da vila dos Rumes, se teuerá por as muytas bôbardadas q lhes Ioão de médoça mádou tirar, cuydádo q yão contrele, & dalí se afastarão os dô Cábaya, & ficará os Mogores, q passados tres dias, em q Antonio da silueira soube a verdade de como vinhão, os mandou recolher na vila dos Rumes, por seren nossos amigos, & dpois q os feridos forão si os lhes deu auiaméto pera q se partissem. E nestes tres dias q os Mogores estuerá sem os Antonio da silueira querer mandar recolher, por setem de treyçao, acontece o q hú Mogor aperfiou muyto cõ Ioão de médoça, q o deixasse entrar na vila cõ sua molher, & Ioá de médoça dimportunado disse q en trasse ela so, & cõsentindo o Mogor, ela nam quis, dizédo que coelequeria morrer & viuer.

## CAPITVLO CLXXII.

De como os regétes de Cambaya, deyxrão por fronteiro cōtra Diu Alucão, & do mais q̄ passou.

**E**stes capitáes de Cambaya, depois que virão que não podiá fazer mais mal aos Mogores do q̄ lhes tinhão feito, recolherão se pera Nouaguer, cō determinação de fazeré guerra a Antonio da silueyra, & primeiro que a rōpesssem, ouue algús recados deles a ele sobre pa-  
zes: E por Antonio da silueira lhespedir que dessem a el rey de Portugal ho q̄ lhe dava Mirzáohamet se fosse rey, nā ouue a paz effeito, & declarouse a guerra, que foym encomendada a Alucão que tinha ali suas terras, & os outros se forão pera Madaua, deixandolhedoze mil homés, & ele tolhe o logo que nā fossem da terra firme a jhabuscar carnes & fruytas, & mādaua de noyte passar sua gente a jilha por certos passios q̄ tinha de bayxa mar, pera que atupissem algús poços de que os Portugueses bebião. O que Ioão de médoça cōtrariaua com os seus com muyto esforço, & quasi cada noyte auia reba-  
tes de peleja, & nislo & em vigiar leuauá os Portugueses trabalho immenso, & le-  
uarão em dous meles quedurou este cer-  
co, em que passarão tanta fome de carne que chegou húa galinha a valer seys tostoés, & quasi na fim de Iunho negoceou Antonio da silueyra como ouuesse tregos antrelc & Alucão até a uinda do gouernador, que esperaua que fosse dahi a hum anno, & mandou coeste recado a hum Francisco pacheco, que foym juyz dalfandega, que foym arrepelado dū capítāo Dalucão, sobre palauras que a cinte quis auer com Francisco pacheco, pe-

ra ho injuriar, que por isso se tornou sem dar ho recado que leuaua. O que sintin-  
do mnyto Antonio da silueyra, pedio a Ioão de médoça que na menhaá de sam Ioão, que auia de ser ao outro dia, fosse colher as lampas á estancia do capitāo que arrepelara Francisco pacheco, & es-  
tando pera partir, chegou hum recado Dalucão, em que se desculpaua a Anto-  
nio da silueyra do que o seu capitāo fi-  
zera, & por isso ho tinha preso pera ho  
mandar degolar, & mandou confirmar as tregos, & leuantou ho cerco, de que a cidade ficando desapressada, foym logo abastada de muytos mantimentos, & ennobrecida de muytas & muy ricas mercadorias.

## CAPITVLO CLXXIII.

De como Jorge mascarenhas partiope-  
ra Maluco.

**C**ONTINVANDO ho Go-  
uernador sua viagem pera Goa che-  
gou lá, & dahi se foy Martim afon-  
so desousa a Cochim, onde auia dinuer-  
nar, & dahi despachou Ferná rodriguez  
de castelo branco vedor da fazenda, hú  
fidalgo que auia nome Jorge Mascare-  
nhas, de que fiz menção nos liuros atras,  
que ya por capitāo & feitor da nao do  
trato da India pera Maluco, que partio  
em Abril pera Malaca, & dahi auia dyr  
carregar de crauo a Maluco, & da tor-  
na viagem de noz & maça em Banda,  
& partio tāobem de Cochim em húa  
fusta hum Afonso vaz de brito pera Bé-  
gala, per mandado de Martim Afonso  
de sousa a resgatar Martim Afonso de  
melo jusrte que lá estaua catiuo com  
outros Portugueses (como tenho dito)  
& trazelo

& trazeloselhos quisessem dar. E partidos estes, em diuersos tempos chegarão aos lugares a que yão: & quando Afonso vaz chegou a Chetigão, ja el rey de Bégalia sabia a morte del rey de Cambaya, que lhe fora por terra, & os mouros lha contarão mentirosa, dâdo a culpa ao governador q̄ o matara, por lhe toinar Diu tendo coele paz, com o que el rey ficou toruado, & perdeo o credito dos Portugueses, parecendo lhe que assilhe farião, & os mouros coſpião aos que estaua no Gouro, & lhes dizião injurias. E estando nesta aſronta, chegou a Chetigão logo no principio Dabril, h̄u Antonio médez de crasto, que fora criado Dantonio da silueira, que ya em h̄u nauio com fazenda, & leuaua h̄ua carta do gouernador pera Marti afonso, em que lhe contaua da morte del rey de Cambaya, & as rezões porq̄ fora morto, & logo Nuno fernández freire juyz da alfádega de Chetigão terladou esta carta, & a mandou a Marti afonso por duas vias, & ele a mostrou a el rey, que quando soube as rezões porq̄ el rey de Cambaya fora morto, as ouue por boas, & pedio perdão do passado a Martim afonso, & tornou os Portugueses a sua graça.

## CAPIT. CLXXIII.

De como os capitães das naos da carga chegarão aa India.

VI Indo o verão da India, chegarão a elas em diuersos tempos, algúas das naos da carga que aquele anno partirão de Portugal, de que foy capitão mērdo Fernando de lima, filho de Diogo Lopez de lima, q̄ ya por capitão Dormuz, & os capitães de sua conserua forão, lor

gede lima, que ya pera capitā de Chaul, dom Pedro da silua, Marti de freytas, que depois que chegou a India foy morto por mouros, não soube como, & Lopo vaz vogado. E depois da partida destas naos, partirão outrastres carregadas de gente, de que forão capitães, Diogo lopez de souſa, Fernão de morais, & Fernão de crasto, & estas mandou el rey de Portugal, por ser certificado pela via de Veneza, quem mandaua o Turco h̄ua armada á India peralha tomar.

## CAPIT. CLXXV.

De como ho Gouernador soube que ya h̄ua armada de Turcos aa India.

F Eytas astregoas antre Antonio da silueira capitão de Diu, & Alucão, todos os mercadores & outra gente pobre, que se forão de Diu, quando mataram el rey de Cambaya, se tornarão pera a cidade, & na entrada de Setembro, mā dou Antonio da silueira Miguel vaz, & Pantalião pere yra em dous catures contra Mangalor, pera que fizessem arribar a Diu as naos que fossēm do estreyto, segurandoos, que ainda q̄ Diu fosse de Portugueses, seriam tambem tratados, como quando era del rey de Cambaya, & coiſſo arribaram muitas naos, com que a cidade foy tam ennobrecida, que diziam os mouros, que depois da morte de Meliqueaz, nunca a cidade ho esteuera tanto nem tam rica. E nestas naos se creuo ho senhor Dazibebe no estreyto a Coge çofar, que ho Turco mandaua h̄ua armada aa India, de que era capitā mōr çoleymão Baxá, rey do Cayro & Dalexandria, & mandoulhe ho terlado do regimento que çoleymão ti-

nhado Turco nesta armada, o que logo Cogefar disse a Antonio da silueyra, & ele o escreueo ao gouernador & assi Cogefar. E ouuidas pelo gouernador estas nouas, partiose pera Diu na sim de Dezébro, a fazer certas couisas necessarias pera a vinda dos Turcos: & por rogo Dátonio da silueyra, mandou Cogefar húa fusta cõ recado ao senhor Dazibe, que lhe mandasse certeza da determinação de çoleymão baxá, & que tornasse a inuernar a Diu.

## CAPIT. CLXXVI.

Do dâno que Patemacar, & outros capitães de Calicut fizerão aos Portugueses.

**N**este tempo se leuátou cõtra elrey de Ceilão hú seu yrmão, que auia nome Maduna pádale, a que fauorecia elrey de Calicut, por ele ser muyto gráde imigo dos Portugueses, & mandou em sua ajuda tres valetes mouros. s. Patemacar, Cutiale macar, Alehabrahé, por capitanias de coreta & sete fustas grandes, & bç armadas, em que yáo oyto mil mouros, q partirão do porto de Panane, andado Marti afonso de soufa darmada na costa. E partidos estes capitães, acharam súrtas na barra de Cochim quatro naos Portuguesas, q tomouá carga pera Portugal, a q se chegauão a remos pera astomaré, ou meterem no fundo, porq lhes pareceo q auia destar sem géte como estauão, mas não poderão, porq tanto q se yio esta armada de Cochim, mado logo Fernão rodriguez de castel o branco vedor da fazenda, muyta géte em socorro das naos, que chegou a elas primeyro q chegasssem os mouros, a que deram húa grande curriada de bombardadas, & os

fizerão yr seu caininho, que tomarão pera Coulão, em cujo porto acharão hum Niculao jufarte, capitão de húa nao que estaua carregando: & cuydado de o tomar, o cometerão ás bombardadas cõ que o matarão, & vendo que não podião tomar a nao passarão de largo, & tomarão muytos zambucos, & naos q yáo de Choramádel pera Cochí, & húa nao q yá de Ceilão com as pareas. E alé do cabo de Comori, derão em hum lugar de Christáos da terra, chamado Tutucori, da pescaria do aljofar, & não estando hi. Manuel rodriguez coutinho, q era capitão dela o tomará, & roubarão de quáto tinha, até as vestiméas & a pedra dara, & matará muyta géte, & depois se dey-xará andar por aquela costa, q não topa-úão nenhu nauio que não tomassem.

## CAPIT. CLXXVII.

De como Marti afonso de soufa chegou onde estauão os capitães del rey de Calicut.

**N**o tépo q esta armada sahio de Panane, andaua Marti afonso de soufa cõ a sua na costa do Malabar, & ya na volta de Cananor quádo soube dela, pelo q tornou logo atras, & se foy a Cochim, & reformiádose do necessário, foy em busca dos mouros, de q sabia cada dia nouas, & no cabo de Comori achou o véto, q chama comuméte na India, a vara de Choramadel, q lhe era por dauáte, & como o mar era muyto grosso, dobrrou a qle cabo cõ assaz de trabalho & de fome, falecé dolhe os maitimétos, por se deter mais dias do q cuydou. Dobrado o cabo, q os mouros ouuerá vista de Marti afonso, nã quisera pelejar coele, posto q lhe tinhão gráde auatagé, & isto fizerá duas ou tres

vezes

vezes, se os Marti afonso poder alcáçar, do que se ele agastou muyto, porq vio q se os seguisse daquela maneyra, assimo assi não os podia alcançar, & desbarataloyão pouco & pouco, & afora não poder fazer ao que fora, receaua que em sua ausencia se leuantassem na costa do Malabar algüs mouros coßayros, q to massem quatas naos nauegassem por aquela costa, pelo que lhe pareceo que era melhortornarse a guardar a costa, q gaf tar ali o tempo sem fazer nada & assi o fez, & cõ quanto deu em Cochí esta cau sa pera se tornar, pos Fernão rodriguez em conselho coele, & cõ os outros capi tães & fidalgoso seu parecer, & ainda q o ouuerá por bô, assentarão q era muyto necessario não yré os mouros a Ceylão, porq se Maduna pandale desbaratassem el rey de Ceylão, & ficasse vitorioſo, traria ali aquela armada del rey de Calicut, & tomaria quantas naos passassem, assi pera dentro de Ceylão, como de dentro pera fora, pelo q Marti afonso deuia de tor nar a buscar os mouros & pelejar coeles, & prazeria a nosso Senhor q os acharia varados em húa enseada onde os desbarataria, o q parece que foy pronostico da vitoria q Marti afonso ouue. Etábe indo Marti afonso pola cidade, depois q se as sentou que tornasse a buscar os mouros, fayo árua húa molher viuuia, a q os mouros de Calicut catiuarão hú filho didade de doze ános q auia nome Marcos, & tomádoho pola fralda dúa loba, lhe pedio cõ muitas lagrimas q lhe trouesse seu filho, q sabia q lho leuauá os mouros na quelas fustas, & q ouuesse piedade dela,

porq nã tinha outro, Marti afonso por se desapressar dela, lhe prometeo o q pedia, & bê o cùprio: E reformada sua armada de mais nauios & géte, se partio cõ quatrocétoſ Portugueses, e vinteduaſ velas de remo, de q afora ele forá capitães, Fer não de souſa de tauora, Manuel de souſa de Sepulueda, Fráciſco de ſa, Ioão de mē doça, Marti correada ſilua, dem Diogo dalmeida, Iorge barroſo dalmeida, Frá ciſco de barros de paiua, Gaspar d'le mos, Fráciſco pereira, Ieronymo de figueire do, Antonio de lima, Antonio de souſa, Symão rágel de Coimbra, Antonio fer nádez, & Franciſco de ſequiera Malaba res, & outros dous, a q nã soube os nomes: & indo Marti afonso por sua viagé tomou certas champanas de mouros, q yão da pescaria do aljofar, em q catiuou obra de coréta mouros dos q yão cõ Pate macar, & cõ os outros capitães, q mā dou entregara os Christãos de Tuto co ri, pera se vingaré do mal q lhe fizerá, do q se eles vingarão bê: E prosegundo da quié busca dos mouros, foy os achar na enseada de Beadalá, húa gráde pouoaçāo perto dos baixos de Chilá, & aquiestauá os mouros, pera porforça, arrecadaré os derytos da pescaria do aljofar, & como estauá de vagar, tinhá varada a armada é húa lingoa darea q ficiaia em restiga, & tinhá aſſetado o arrayal em q estauá den tro em hú palmar, & os marinheiros, & bombardeiros estauão nas fustas: Chegado Martim afonso a vista dos mouros, em húa segunda feyra vintoyto de Ia neyro, & auendo eles vista de sua arma da, açodiram logo os que estauam no

arrayal ás fustas, que tinhão todas seustiros nas proas, com que começará o logo de júgar pera a nossa armada, que também desparaua sua artelharia chegandose pera os mouros, & era o estrondo dos pelouros muyto grande dambas as partes, & assi a matinada de brados, & de gritas, que dauão hūs & outros, & os mouros de lhes parecer q por seré muitos tinhão tomados os Portugueses, & os Portugueses de os acharé em lugar que não lhes podião fogir, & coeste aluoroço q os Portugueses tinhão, errará o canal da restinga por onde ouuerão détrar com os mouros & aferralos, pelo que como as suas fustas erão grandes, pera nadarem pola restinga encalharão nela, o que vendo os marinheyros dalgúas se deitarão na goa pera tomarem fundo, & veré se podião os soldados desembarcar, por estarem em grande perigo, com as muitas bombardadas, espingardadas & frechadas, que os mouros tirauão, & achádo os marinheiros que o fundo era darea solta & a agoa alta pera desembarcarem homés armados, disserão aos capitães, q mandarão que ningué desembarcasse. E por mandado de Marti afonso se afastarão pera o pego, & nisto desembarcarão co sua gente mais abaixo da restinga, dô Diogo da meida, Fernão de sousa detauora, & outro capitão, & encaminharão ao lôgo da playa pera os mouros, cuydando q desembarcasse Marti afonso, & védo os mouros q ele ná desembarcava, antes se afastava pa o pego, pareceolhes q poderião tomar as fustas de dô Diogo, de Fernão de sousa, & do outro q ficauá

los, pera q logo começáro de desençalhar algúas das suas em que se metião, o que visto por Marti afonso, conhecendo seus pensamentos, lançouse logo no seu balam, & varando por cima da restinga, per antre tamanha multidão de pelouros como digo, salta em terra & fez recolher dom Diogo, & os outros capitães com sua gente ás suas fustas, & fazendo acabar dafastar as outras pera hópego, soy ver a disposiçá da restinga em que achou o canal: & como as bombardadas eram muitas, arrombou húa o balão, com que se vio em grande perigo.

## CAPIT. CLXXVIII.

De como forão desbaratados por Martim afonso de sousa os capitães del rey de Calicut.

**V**Isto por Martim afonso o que queria, tornouse á sua frota, & como soy noyte, mandou a Francisco de sequyra, que se fosse deytar com o seu catur húalegoa abayxo da enseada, & que deytasse em terra certos Malabares seus parentes pera espias dos mouros, & pera cima da enseada, mandou deytar sete fustas ao longo da terra, porq se os mouros quisessem fogir de noyte, como fizaram em Calecare, que os estorua físem, & que tirassem tiros, respondendo hūs aos outros, & de quando em quando espingardadas. O que ouuindo os mouros, & temendo que físem aquela noyte cometidos pola playa fortaleceráose daquela parte de valos, & tunchas darea, em que assentaram algúis tiros, com que respondiam aos dos Portugueses, & teueram toda a noytemuy grande vigia, & como soy menhaá reconheráose

lherão se oscutures da vigia, onde estaua Martim afonso, que sabendo das espias o q̄ os mouros receauão & como se fortalecerão, quis ainda esperar outranoyte sem os cometer ate saber mais deles, & anoytecedo, mandou ter a mesma vigia que a passada & pola mesma maneira, & os mouros responderão aos tiros dos Portugueses ate o quarto da prima rendido, & não quiserão mais responde, parecendolhes que os Portugueses fazião aquilo pera lhe fazer gastar a poluora de balde, & quenão ousauão de pelejar coeles por serem poucos, & esperava o socorro de Cochí ou Choromandel, & se lhes fosse pelejaria, & se não ná: E feyta esta conta, não responderão aos nesses tiros, nem curarão de muyta vigia & deitarão se a dormir, do que Martim afonso foy logo avisado por suas espias, pelo que vio que tinha tépo de pelejar coeles pois o não tinhão em conta, & por nāo esperaré por isso estarião mais descuidados, & o descuido lhes faria mayormedo, & assi o disse aos capitães da frota, & a outras pessoas principaes, cō que assentou que pelejaria coeles em terra, em que desembarcaria em quatro fustas grandes, hū quartode legoa dōde os mouros estauão pera o norte, & como fosse perto deles, faria final com hūa camara de falcão a Antonio de sousa & a Gaspar de lemos, que cō oyent a homés de láças & rodelas, & a géte do mar ficarião em sete catures no canal sobre o remo, & em ouuindo o final cometarião os mouros: E deixádohos no canal, foyse ao posto óde auia de desembarcar, & mandou a todos os que soubessem tirar comespingardas que as leuasssem, & dessé as rodelas & láças aos marinheiros

q̄ lhas leuassé, & q̄ cobrisse os murroés, porq̄ os mouros lhos ná enxergassem, q̄ osq̄ria tomar de supito, & desta maneira começou de caminhar pa onde estauão os mouros cō a gente em corpo, q̄ ferião seyscentos homés com os escravos & marinheiros, & as fustas em que desembarcou yão ao lôgo de terra emparelhando coele, pera que húa fizesse o final cō o tiro, & caminhando nesta ordem, Antonio de sousa & Gaspar de lemos que ficauão no canal com os sete catures sobre o remo, estauão esperando o final, se nāo quando hū dos catures se atrauessou no canal per roí vigia, & atrauessado foy logo visto dos mouros, a q̄ parecendo que o acertassem lhes tirara com hū falcão, & em Antonio de sousa & Gaspar de lemos o ouuindo, cuydará que era o final que lhes Martim afonso auia de fazer, pelo q̄ remeterão aos mouros tangendo astrombetas & gritando com tamanho arroido que fazião mostra de serem todos os da armada, & assi o cuydarão os mouros, que logo acodirão a defenderlhes a desembarcação, & meterão se nagoa aos receber, & sentindo quão poucos os Portugueses erão esforçarão se muyto, & remeterão aos catures, & tomauános polos remos queré dohos varar em terra, ao que os Portugueses saltarão nagoa, & começarão de pelejar com os mouros, que como erão muytos os tratauão mal, & matará Antonio de sousa, Gaspar de lemos, & outros sete, & com tudo os outros se defendião brauamente. Martim afonso que tinha ouuido o tiro dos mouros, & a posse ouvio as trombetas & a grita, logo conheceo o que era, & disselo á sua géte, a quemandou sopena de morte que

ningué não fosse se não seu passo cheo, porque se fossen de pressa chegarão tão cansados, por ser ainda longe, que nam poderião pelejar & os ímigos os matarião, & que encomendassem a Deos os outros que pelejauão que ele os goardaria, & coisto chegou aos mouros, & sem o sentirem lhes deu nas costas, poré eles ná desmayarão coeste supito cometiméto, antes como erão oyto milhomés, fizérão logo rosto aos Portugueses, lançando diante os espingardeiros que erá duzentos, & húis & outros começaráo húa espantosa peleja, em que Martim afonso pelejaua como caualeiro, & mādaua como capitão, & não estimando cō os outros espingardadas nem lançadas, nem outros golpes, se metiāo todos cō muyto esforço antre os ímigos matando & ferindo, ao que os outros ajudauão tábé, que ná o podédo os mouros sofrer, começaráo de despejar as fustas & retirarse pera o palmar onde tinhão o arrayal, se guindohos os Portugueses, & como forão no largo que se os mouros poderão estender & cercar os Portugueses, q̄ erá muy poucos antre tantos, apertaráonos de maneira q̄ se acolherão ás fustas, ate onde os mouros os seguirão: E como os Portugueses forão em terra apertada, em que tanto montaua aos mouros seré poucos como muyros, porque ná podiā pelejar senão os da dianteira, tornará a auer a melhor deles, & tornaráo nos a leuar de vencida ate o palmar, donde os mouros os tornará a leuar ate as fustas. Evencendo ora húis ora outros, gaistarão nisto ate as oyto oras do dia, em q̄ forão feridos bem setenta Portugueses, o que vendo Martim afonso, & que os mouros ná se auiaão de desbaratar, em quan-

to teuessem suas fustas ínteras, com esperança de as cobrarem, determinou de lhas que ymar, por conselho Dantonio fernandez malabar, que assi lho disse, & ele mādou logo que lhes posessem fogo & assi foy feyto: & como estauão cifadas & enfeuadas começaráo darder, laurando o fogo com grandes furia, o que desesperou os mouros de as saluaré. & começou desfugir a gente q̄ ná tinha obri gação, & logo a outra, & a tras ela os capitães, & fogindo assi os mouros, algúis seus filhos pequenos quiserão leuar por força ho menino Marcos filho da viuua de Cochim, que se liurou deles ás punhadas & ficou: E Martim afonso q̄ vio fugir os mouros, deixouhos yr por ter sua gente cansada, & saluar algúis das fustas de que saliou vinteduas, & forão queymadas vintecinco, em que forão tomadas quatro cétas peças d'artelharia, as céto de metal, & mil & quinhentas espingardas, & dos mouros forá mortos oytocéto, & algúis catiuos, & achouse anteles húi Portugues que trazião catiuo, q̄ auia nome Andre luys, & ho menino Marcos, cō que Martim afonso folgou muyto pera o dar a sua máy, & dos Portugueses forá mortos dez, & feridos setenta, de que húi foy Diogo de reynoso de húa espingardada por húa perna.

#### CAPITVLO CLXXIX.

Do mais que fez Martim afonso de souza depois da vitoria de Beadala.

**A** Vida esta vitoria, deu Marti afonso muytos louvores a nosso Señor por a grande merce que lhe fez, & certo que foy muyto grande, porque afora a perda que elrey de Calicut recebeo em perder esta armada, se ela esteuera íntera, quando os Turcos vierão a Diu, como direy adiante, ela fizera tāta guerra

aos Portugueses, q̄ a costa do Malabar não se podera nauegar, & asnaos Portuguesas da carga ou escaparão ou não de serem tomadas, & que não fizera outro mal, se não ajuntar se com a dos Turcos foram muyto grande: Assi que foy esta vitoria muy importâte pera segurar a India. E por ela ser de tanta fama, muytos fidalgos pedirão a Martim afonso q̄ os fizesse aliaualeiros, & ele os fez, & dali mandou aq̄ gouernador a noua desta vitoria, perhū caualeiro charrado Miguel dayala que mora em Lisboa, que foy em hūa fusta, & de caminho a desse em Cochim a Fernão roiz de castelo bráco ve dorda fazenda. E indode viagé, depois de partir de Cochim, topou a Montedeli duas fustas de Malabares cō q̄ qui sera pelejar, & fugirão lhe, & logo topou outra muyto grande & com muyta gente, cō que aferrou & pelejou cō os mouros hūbem pedaço sem o poderem entrar, & matou muytos cō os seus soldados que erão dezoyto, & assi se apartará matandolhe os mouros dous. E Martim afonso q̄ ficaua em Beadala, por ser pertinho Ceilão, foy lá a visitar el rey, & saber dele se tinha necessidade de sua ajuda, cō o que el rey folgou muyto, & cō ho desbarato dos Malabares. O que sabido tâ be por Madune pandale, se recolheo pa hūa serra óde se fez forte, & desapressou el rey, pelo que el rey não teve necessida de de Martim afonso, & deulhe vinte mil pardaos pa os gastos da armada, & dali se tornou Cochim, onde foy recebido cō grâde festa, & depois se tornou a correr a costa cō a mesma armada q̄ leuaua & indo de Calicut pera Cananor defronte de Tiracole, pelejou cō dezoyto fustas de Calicut, que yão carregadas de arroz,

cuidando os mouros que yão nelas, que serião tres mil, que ainda Martim afonso n̄ão era passado do cabo de Comori p̄ o Malabar, & como o conhacerão fugirão vêdo que os va cometer, & ele & os seus capitães os seguirão ate que os alcâçarão, aferrarão, & entrarão, & forão mortos bémil & quinhentos mouros, & algúis catiuos, & os outros se saluarão a nadar por ser perto de terra, & as fustas forão todas tomadas, saluo hūa que varou & das outras tomou Simão rangel duas que aferrou cō os seus soldados, & matarão quantos mouros yão dêtro, & dos Portugueses morrerão vinte, & forão feridos cêto & dez, poré os mouros sintirão muyto a grâde perda q̄ aqui receberão principalmente os de Calicut, cujo rey a cabou aqui de perder toda sua armada, pelo q̄ lhe foi forçado fazer depois pazes cō o Visforey dō Garcia de noronha (como direy no liuro Nono.) E auida por Martim afonso esta vitoria, se foy a Cananor, leuando os mouros que catiuou e enforcados nas vergas dos nauios, pera q̄ os vissem os mouros de Cananor, porq̄ sabia que andauão muytos deles naq̄la armada, pelo que tâobem lhes mandou deitar na praya aq̄s que forão mortos na batalha pera q̄ os vissem. E coestes dous despojos que Martim afonso fez nas armadas de Calicut, ficou a costa do Malabar limpa delas por hūs dias.

## CAPITULO CLXXX.

De como Martim afonso de melo jusatse fayo  
do catiueyro de Bengala.

**C** Hegado Afonso Vaz de Brito a Chetigão (como disse a tras) falou logo com Nuno Fernandez Freyre, dizendolhe ao que yâ, & auida seguro del rey de Bégal, foyse ao Gouro, onde lhe deu a carta de Martim afonso de soufa,

em que lhe contaua os grádes negocios q̄ ficará ao gouernador depois da morte delrey de Cambaya pera seguráça de Diu, & por isso lhe ná podera aq̄le anno mandar a gente que lhe pedira por seu embaixador, quelhe mandaria coela no anno seguinte, pedindolhe muyto pois era amigo delrey de Portugal, que deixasse yr Martim afonso de melo, de que auia necessidade na India pera capitá de húa fortaleza que lhe dera elrey de Portugal: E por esta carta deu elrey licença a Martim afonso que se fosse com os outros Portugueses, saluo Nuno fernández freyre, Ioão adão, Antonio paez, Afonso vaz de brito, q̄ auia deficar em arrefés de Martim afonso, q̄ prometeo a elrey defazer que o gouernador lhe mādasse logo muytagente: E cō os Portugueses que auia de yr coele, se foy embarcar a Chetigão na fusta Dafonso vaz de brito, & dahi se partio pera a India, onde chegou a saluaméto: E já a este tempo auia noua no Gouro que Xercansur (aquele Patane de que falei a tras) tornaua sobre o Gouro cō cem mil de caualo, & treze tos mil de peee: & ao dia seguinte em que Martim afonso partio do Gouro, chegarão muitos Bengalas q̄ estauão na frontaria contra os Patanes, de q̄ forão desbaratados, & afirmarão a elrey q̄ Xercansur se chegaua de cada vez mais pera ho Gouro cō a gente q̄ digo, & dizia q̄ ná fizera paz cō elrey, se ná potq̄ lhe desse cadá no treze leques, & elrey mādou logo a saber se estaua Martim afonso ainda no Gouro pera o ná deixar yr, porq̄ o ajudasse naquela guerra que esperaua: & vendo que Martim afonso era ydo cō os outros Portugueses, mandou Nuno fernández freyre cō grádes poderes a Che-

tigão, pera que lhe fizesse mil manchus como as de Malaca, pera estoruar coelas a Xercansur a passagem do Ganges ao Gouro, o que ná pode ser, porq̄ quádo Nuno fernandez partio: já muyta géte de Xercansur tinha passada, & tinha cercado o Gouro poragoa, q̄ ná pode Nuno fernandez sayr em hú paraó em q̄ ya senão defendendose ás espingardadas cō dous escrauos que leuaua q̄ o ajudauão, & assi se foy sayndo dátre os Patanes. E em húa cidade abaixo do Gouro, chama da carnagão, achou no rio o Lascar dela com seyscentas alniadias carregadas de mantimentos que leuaua ao Gouro, & quádo soube q̄ estaua cercado, cometeo a Nuno fernandez que fosse coele, q̄ ná quis por o aperto em que se vira, & por elenão q̄ querer yr, ná ousou o Lascar dvr cō os mantimentos nem foy, & por falta deles foy a fome tamanhano Gouro, q̄ os pays comerão os filhos pequenos, tendo primeiro comidos os caualos & os alifantes, & por derradeiro os Patanes entrarão a cidade, & matarão a mayor parte dos q̄ estauão dêtro, & elrey de Bé gala fugio muyto ferido, & indo assi, topou cō hú capitão delrey dos Mogores que o ya socorreu por lho ele mādar pedir, & este capitão leuaua quarenta mil de caualo, cō que elrey de Bengala assidero como ya, fez logo volta pa o Gouro, parecé dolhe que o tornaria a tomar, & elrey dos Mogores ya a pos ele cō o resto de seu exercito: & sabendo Xercansur que ya, como ná queria mais que o tesouro delrey de Bengala, apanhouho todo & leouuho deixado a cidade despedida, & assi a acharão os Mogores, cujo rey por ná achar o tesouro, & porque morreu elrey de Bégala das feridas, ná quis

quis ali mais estar & tornouse. O que saba bendo X ercansur depois de se fazer jurar por rey de Bengala & dos Patanes, foy a pos ele com seu exercito, & depois de o desbaratar lhe tomou ho reyno de Deli, de Sanga, & do Mandou, & ficou senhor deles, & do de Bengala, & do dos Patanes, & morreu muy grande senhor, & por sua morte deyrou estes Reynos aos filhos que tinha.

## CAPITULO CLXXXI.

De como os Achés quiserão tomar a fortaleza de Malaca.

**E**M todos os liuros atras fica dito, o mortal odio que elrey Dacheim tinha aos Portugueses, & quanto trabalhou por tomar a fortaleza de Malaca, & estando ainda neste proposito, mandou hū seu capitão com tres mil homens que a fosse tomar, & desembarcaria de noyte, & logo escalaria a fortaleza. E partindo cō hūa grande armada, sem ser sentido dos Portugueses, nem saberem sua yda, chegou a Malaca vespresa de nosta Sñora de Setembro, do anno de 1537. ao quarto da modorra, & desembarcado muy caladamente, foyse a pouoaçā dos Quelis q̄ era cercada de madeira, & entrou por hū baluarte, que se chamaua do Béda, cujos criados o vigiavaõ, mas dormiaõ a este tempo tão bem, q̄ os Achés os matarão a todos sem acordarem, & entrando por aquina cidade, repartidos em escoadões, se forão com suas guias á ponte pera dali yrem á fortaleza & escalaréa, o que ouuera de ser, se lhe nosto Senhor não atalhara, & indo seu caminho desmandarão se algúis a roubar certas casas, cujos moradores sintendo que

erão ímigos, & cuydando que fosse gente del rey Dungentana, forão dar aviso ás vigias da fortaleza, quedado rebate a dō Esteuão da gama que era capitão, se logo em armas com os Portugueses, & sabédo cle que erão Achés, temeo muyto sua vinda, parecendo lhe que nā deuia de ser sem terem inteligencia na cidade, principalmente com Ninapão & Ninabay irmãos, mouros honrrados & ricos, de que dom Esteuão tinha grande receo de lhe fazerem treyçāo. E deixado a fortalza a recado, foyse á ponte com duzentos Portugueses, em que entrouão Tristá datayde, que auia pouco que chegara de Maluco pola via de Banda, Manuel da gama, Paul da gama, Antonio pereira, dom Manuel de lima, dom Francisco de lima, dom Cristouão da gama, Fráscio bocarro feitor, & outros fidalgos & caualeiros, & passando a ponte, logo na entrada da pouoaçā dos Quelis foy dar cō hū escoadão dos Achés, cō q̄ começou de pelejar, ao que os outros acodirā logo & foy antreles hū braua batalha, em q̄ os Portugueses pelejarão tão bem, q̄ fizerá afastar os Achés hū pedaço pera dentro da cidade, matando algúis: E vendo o seu capitão que nā podia fazer o pera que via, soltouhos a roubarem na cidade, ao que dom Esteuão acodio ainda q̄ era de noyte, & apertouhos tão rijo, q̄ em amanhécido os fez recolher ao baluarte por onde entrará, o que fizerão com muyto tento, & fechando a porta sobre sy, sem lhe os Portugueses poderem impedir q̄ a não fechasse, & ferianos do baluarte com muyta presiaçā cō frechas heruadas:

O que

O que vendo dom Esteuão, mandou a Tristá datayde que cóçem homés quebrasse a porta do baluarte, & ele códuzé tos entraria entre tanto polas costas, & assi se fez, sobre o que soy húa espátosa peleja, & por derradeyro os Achés forá tão mal tratados, q̄ tomárao por remedio fugiré & yrense pera sua terra, fican do trezétos mortos, & dos Portugueses não morreráo nhūs, sómente forá feridos Tristão datayde, dō Francisco de lima, Antonio pereira, Franciscobocarro & outros. E elrey Daché depois q̄ soube q̄ a sua gente fora desbaratada, acrecentoulhe mais o desejo de tomar a forteza, & tornou a mandar outro capitão com cinco mil homés que a tomasse por força a escala vista.

## CAPIT. CLXXXII.

De como os Achés tornárao a Malaca.

**V**Endo dom Esteuão quão de rebate chegarão os Achés, & a opressam em q̄ poserão a forteza, ordenou sessenta Portugueses pera vigiaré a cerca dos Quelís, & porque era de madeira, aunteráro se eles todos por rogo de dō Esteuá & cercarána de tāypa, & dō Esteuão por acabar asinha a obra andaua sempre nela louuando os que o fazião bem, & dandolhes de comer á custa del rey, no que gastou trezétos cruzados, & coisto fez obra em trinta dias, q̄ doutra maneira não se fizera cō menos de trinta mil cruzados, & a menos altura do muro era díhomé, & a mayor de douis & tres: & nisto soube dō Esteuão como yão os Achés pera Malaca, & temédo se que desembarcassem logo de caminho como da outra vez, pos no baluarte do Bendara dízétos espingardeiros, & por seu capitão Paulo da gama, & a Tristão

datayde, a dom Francisco de lima, a dō Manuel de lima, & a Manuel da gama, deu a cada hū vinte cinco sobresalentes pera q̄ corressem o muro, & acodissem onde fosse necessário, & ele com outros cento se pos junto da forteza: E esperá do coesta ordem os Achés, chegarão, & como yão pera tomáre a cidade per cōbate, assentará seu arrayal hū quarto de legoa dela, onde chamão a pôta de Tájaqueli, que na noyte seguinte fazendo grande escuro se ytos em tresecoadrões hū pera escalar o baluarte do Bendara, & os outros pera escalarem o muro, & quando não podessem o cortaré cō esco pros & macetas, cuydando que era aindade madeira, & os que auião descalar o baluarte, sobirão muy caladamente parecédolhes q̄ os não sentião, se não quâdo os Portugueses que estauão nele arremesáro sobreles tanta panelade poluora, & lhes tirarão tantas espingardadas que os q̄ sobião se decerão muy de pressa & os outros não ousarão de sobir, & homismo acóteceo aos que quiserão sobir pelo muro, & com tudo os Achés nam deixarão o combate, em que perfíaram duas oras de relogio, & forá muytos feridos & mortos: & como soy a húa se foráo por nā receberé mais dâno, & tornáro na noyte seguinte, & aconteselhos da mesma maneira. E vendo dom Esteuão que por virem polo escuro não receberão tanto dâno como receberião se ouuesse claridade, recebeos na primeyra noyte que tornáro com grandes nouelos de fiado ensopados em azeyte, & estes acesos de tres em tres postos em grandes espetos de tres pontas, que estauam fincados no chão hum tiro de pedra do muro, & dauão tanta claridade como q̄ fora

fora dedia, pelo que os Achés forão vistos a hú grande pedaço do muro, onde lhes tirarão cõ a artelharia & espingardaria com que os fizerão tornar sem ousarem de chegar ao muro, nem ousarão de tornar mais pois os vião: E recebendo muyto grande dâno de mortos & feridos se partirão pera sua terra tão de pressa que Tristão datayde que foy a posse com húa armada os não pode alcáçar: & com a famados Achés yrem tão mal tratados não ousarão outros de bolir consigo.

## CAPIT. CL XXXIII.

De como Antonio galuão fez pazes com el rey de Geilolo, & de Bachão.

**P**Artido Tristão datayde de Ternate como atras fica dito, Antonio galuão que ficaua por capitão da fortaleza, ficou em grande trabalho por se yr tâta gente que quasi ficou só, & por estarem ainda os Ternates deguerra. E como ele conhecia quea principal causa de seu descanso era pacificar a gente da terra & tornala a ser amigados Portugueses, trabalhou polo fazer por meode Cachil rade yrmão delrey de Tidore, que nissó lhe aprovou tanto, q̄ se el não for a custa ralhe muyto fazelo, porque os Ságages do senhorio de Ternate querião q̄ desposessem de rey de Ternate a el rey Cachil aeyro dizendo que era bastardo, & auia outros que lhe percedião pera seré reys, & que desposessem de regedor aoçamarao, cometião a Antonio galuão q̄screuesse ao Gouernador da India, que lhes mandasse elrey Tabarija que era seu rey de dereyto, & se fosse morto q̄ entâo farião outro, & que entretâto fosse Antonio galuão seu rey. E como ele era muyto bom homé & desejaua muyto de seruir a Deos & a el rey, não quis aceytar

aquele partido, receando que o pouo se escandalizasse de ser regido por ele q̄ era Cristão, & por isso trabalhou tanto com os Sangages & gouernadores dos lugares, que forão contétes dobedeceré por rey a Cachil aeyro, & ao çamarao por regedor, & assi o fizerá pelo q̄ Antonio galuão deu muytos presentes á sua custa & coisto começaráo os Ternates q̄ estaúão espalhados por outras ilhas de se tornar pa Ternate & pouoar a terra, em que Antonio galuão começou daquerir grande fama de muyto bom homé, & q̄ ná auia nele nhúa cobiça, & espantauáse os mouros muyto de lho fereceré a gouernançadoreyno & não a querer aceitar, porque no tempo que a teuera se poderia fazer quão rico quisera, & el rey, & o çamarao lhe ficarão por issó em obrigação grádissima, & assi o dizião pubricamente. E tendo assentada a terra, pera a cōseruar, trabalhou por fazer cõ el rey de Geilolo & com el rey de Bachão, que sabia que se apercebião pera lhe fazerem guerra & trabalhauão com el rey de Tidore que os ajudasse, & isto por vingaré a morte del rey Cachil dâyalo, que forâ morto a ferro, que erão obrigados a vingar segundo seu costume. E por os reys não quereré a paz, os desafiou Antonio galuão a ambos que se matassem coele pois ele só era o de quem desejava de se vingar, & os reys aceitará o desafio, mas não ouue efeito, por el rey de Tidore & seu yrmão Cachil rade interuiré nissó, & lhes fizerão fazer a paz com Antonio galuão: E ao tempo que a assentará, lhes mandou Antonio galuão grádes presentes da parte del Rey de Portugal, & eles lhemendarão algúis Portugueses que tinham catiuos, & artelharia, & outras armas,

mas. E assentadas as pazes, muitos Ter-  
nates que estauão naquelas douas reynos  
se tornarão opera Ternate, & assi se torna-  
uão cada dia outros, & se ya pouoádo a  
terra como dátes, de que a gente estaua  
tão for a como disse a tras, né ouuera nû-  
ca de tornar a Ternate senão for a boa  
fama Dantonio galuão, & veré por obra  
que era assi como ouuião.

**CAPITVLO CLXXXIII.**

De como se perderão duas naos de Castelhanos  
queyão pera Maluco.

**N**Estetempomandarão os reys da-  
quelas ilhas recado a Antoniogal-  
uão q per antrelas contra as dos Papuas  
andauão duas naos de Castelhanos q ná  
podião tomar porto, nem eles auião de  
consentir que o tomassem ate ná sabe-  
rem se era disso contente, ho que lhes élê  
mandou agradecer, & pedir queos ná  
deixassem tomar porto em suas terras,  
& que lhesdissessem da sua parte que se  
fossem á fortaleza & serião remedeados  
de todo o necessario: E logo mandou fa-  
zer algúis bateis de que tinh i necessida-  
de se os Castelhanos quisesssem guerra:  
Cujo capitão mór auiia nome Fernão de  
grijaluarez, & o da outranao se chama-  
ua Aluarado, q indo da noua Espanha  
pera o Peru do Emperadór ondestaua o  
marqués dô Fernando cortes, & ou por  
vôtade de Fernão de grijaluarez, ou por  
lhe assi ser mädado, sendo a duzetas le-  
goas d'a costa da noua Espanha, disse á  
sua géte q auião de descobrir outra terra  
sem dizer q terra era, doq a todos pe-  
sou muito, & por nauegaré ao lôgo da  
linha ora a húa parte ora á outra ate cinc  
ou seys graos d'altura, parecia a todos  
que a terra que auião de descobrir erão  
as ilhas de Maluco, & assi andarão ate sc  
poarem entreze graos da parte do sul,

& tornarão ate vintaquatro da báda do  
norte, & sem nunca acharem terra, por  
falta dagoa, tornarão a demádar a linha  
pera fazerem agoadados chuiueyros, no  
q gastarão muitos dias. E falecendolhes  
o mantimento, quiserão tornar á noua  
Espanha & ná poderão, porque chegá-  
do a vinte sete graos da linha escaseaua-  
lhes o véto, & fizerão isto tantas vezes,  
que lhes foy forçado yrense dereitos ás  
ilhas de Maluco, & morreolhes quasi to-  
da a gente, & antrestes foy Fernão de  
grijaluarez, & forão ter a elas, cujos mo-  
radores lhes ná deixarão tomar porto  
por amor Dantonio galuão, & diziálhess  
que se fossem á nossa fortaleza, o que ná  
quiserão, & vendose sem remedio de po-  
derem tomar porto, & com medo de se  
alagarem por as naos andarem muito  
abertas derão á costa, onde os mais forá  
mórtos pola gente da terra, & escaparão  
tres ou quatro que forão catiuos, & de-  
pois os resgatou Antonio galuão & sou-  
be deles tudo isto, & q ná noua Espanha  
se fazia húa armada pera yr a Maluco q  
foy (como direy nô liuro Nono.)

**CAPITVLO CLXXXV.**

De como Ioão freyre foy ao Morro por capitão  
de húa armada.

**D**epois Dantonio galuão mandar-  
ão recado aos reys de Maluco que ná  
deixassem tomar porto aos Castelhanos  
fez logo húa armada de que foy por ca-  
pitão mór ao Morro hú Ioão freyre pe-  
ra tornar á obediencia da fortaleza cer-  
tos lugares que lhe estauão leuantados, &  
foy coele Cachil rade, por cuja causa al-  
gúis d'aqueles lugares derão logo obedi-  
encia a Ioão freyre, & outros ná quise-  
rão & se defenderão, & ouue hi peleja  
antri os mouros & os Portugueses, &  
foy morto hú Fernão pinto, & andando

lá Ioão

Ia Ioam freyre, chegou Jorge mascarenhas capitão, & feitor da nao do trato da India pera Maluco, que ya carregar de crauo pera el Rey dom Ioão de Portugal: & tanto que surgio em Talangame, soubese na fortaleza por algüs da nao que forão a terra, que Jorge mascarenhas leuaua hum aluara del Rey em que defendia quenenhúa pessoa comprasse crauo & todo se vendesse na feitoria so pena de perdimento do crauo & de toda a fazenda: & que mandaua ao gouernador da India & ao vedor da fazenda que o fizessem comprar: E assi disseram mais que o vedor da fazenda dera licença a Jorge mascarenhas & aos que yão coele pera comprarem certos báres de crauo & os carregarem, & a mesmalicença mandaua a Antonio galuão, & ao feitor & a seus escriuães, com ho que toda a gente da fortaleza se aluoroçou grandemente, & ajuntarão se os mais à porta da fortaleza, dizendo a grandes brados, que auiaão dir que y mara nao de Jorge mascarenhas cõ quantos estauam dentro pois vinha nela tal aluara, & que se auiaão dir pera os castelhanos se viesssem, ou pera os mouros, pois lhe tirauam o crauo que eles també mereciam, pois não tinhain outra causa em que tratar: & defendiam aquela fortaleza com tanto derramamento de sangue & trabalhos tam immensos, & defendédo el Rey ho crauo, geralmente ho seu vedor da fazenda ho alargaua a Jorge mascarenhas & aos seus marinheiros que nuaca pelejaram naquela terra: & diziam a Antonio galuão que acodio a este aluoroço, que nam sofreisse ho

aluaraa que leuaua Jorge mascarenhas pois nunca el Rey ho mandara em tempo doutro nenhú capitão, ao que ele respondeo que pois que ele era del rey & ele tambem, que auiam de comprir os seus mandados, & que se el rey aquilo mandaua, ele era contente de lhe obedecer & ho auia por bem, & que el rey fazia ho que deuia pera forrar ho grande gasto que auia tantos annos quetinha naquela fortaleza sem auer dela nenhú proueyto: & quanto a ele nam lhe dava nada de yr pobre por goardar os mädados del rey, em que esperaua que lhe faria merce pois a fazia a todos os que ho seruiam, rogando a todos que nam se aluoroçasse em quanto nam vissem ho aluara que diziam, porque ele daria a tudo hum meo com que ficasse cõtentos: Porem a gente nam foy contente disto, & mais porque sabia que Antonio galuão era tam amigo do seruço del rey, que auia de goardar ho aluara ao pé da letra, & nam podiam assossegar: & tam danados andauam, que sayndo Jorge Mascarenhas eni terra, sem ho saber Antonio galuão, assi como os que digo ho viram saltaram com ele pera ho matarem, & assi ouuera de ser se nam se acolhera a húa casa na povoação dos Portugueses onde se defendia com a porta fechada, a que acodio Antonio galuão, & quando chegou jaa açendiam fogo pera queymarem a casa & a ele: E como a gente vio Antonio galuão, foramse todos, & ele leuquo Jorge Mascarenhas pera a fortaleza: & como nam estaua

em tempopera castigar aquele crime, por amor dos castelhanos que esperava, & re-  
cear que se lhe fosse a gente, dissimulou  
com os culpados, dandolhe esperança que  
quando visse o aluara faria o que fosse jus-  
tiça, pois naquelas partes era vedor da fa-  
zeda del Rey, & fez que fossem amigos  
de Jorge mascarenhas & dos que yão cõ  
ele, no que lhe foy bô padrinho, porque  
doutra maneyra foralhe grande traba-  
lhô saluar a vida, segundo a gente deseja-  
uade o matar.

## CAPITVLO. CLXXXVI.

De como soy lido, & publicado o aluara que le-  
uava Jorge mascarenhas, & das muyras desordens  
que sobrissu sucederão.

**A**Sssegado este aluoroço, mostrou  
Jorge mascarenhas o aluara que le-  
uava, que depois de Antonio galuão di-  
zer quelhe obedecia, foy lido em voz al-  
ta perante todos, cuja sustancia erao que  
dusse: & assifoy lida a licença que o vedor  
da fazenda dava a Antonio galuão & a  
Jorge mascarenhas & aos outros pera fa-  
zerem crauo, & Antonio galuão disistio  
logo dasua, dizendo que posto que per-  
dia nissu muito, que antes o queria q per-  
derse ho seruço del Rey seu senhor, que  
pera se conseruar naquelaterra era muy  
to necesario não fazer ninguem crauo se  
não ele, pera se tornarão primeyro preço  
que lhe fora posto per Antonio de Brito,  
por que os mouros auerão por seu bar-  
ato deo darem, não ho podendo vender a  
outrem sená a el Rey, & que melhor se-  
ria aos Portugueses comprareno na fey-  
toria que aos mouros pois lho davao tão  
caro que nam valia mais na India q em

Maluco, & mais que na feytoria lhoda.  
rião em desconto de seus soldos & man-  
timentos, sem terem necessidade de da-  
rem por ele roupas & outras coufas que  
auiam dauer de fora, & ja quedauão ta-  
manho ganho aos mouros, que melhor  
seria darem algum a el Rey que os man-  
tinha, & gastaua tanto em foster aquela  
fortaleza & era causa de eles enriquece-  
rem, que nam era rezá que eles leuassem  
tudo & el Rey nada, pedindo a todos q  
ouuessem por bem ho que el Rey man-  
daua & comprisse ao pé da letra: E logo  
mandou pregoar o aluara com trombe-  
tas por a cidade, & depois pola ilha. E  
mandou ao ouvidor & ao feytor que ti-  
rasssem deuassâ se ele ou seus criados fizé-  
ram algum crauo, ou o compraram de-  
pois que ali estauão, & achouse que nam,  
porque desejava tanto de seruir el Rey,  
& tomarem todos dele exemplo pera ho  
seruir, que antes queria perder sua fa-  
zenda, que fazer coufa em que parecesse  
que o deseruia. E mandou mais que do  
crauo que aspartestinhão feyto, se tomas-  
se hoterço pera el rey, & lhes fosse pago  
polo preço da feytoria, & assifoy feyto,  
no que se ouueram quinhentos bares de  
crauo pera el Rey: E pera que dali por  
diante se ouuesse todo ho crauo pera el  
Rey, escreueo cartas aos reys de Malu-  
co & aos Sangages, pedindolhes que  
defendesssem em suas terras que nam se  
vendesse o crauo se nam ao feytor, man-  
dandolhes ho terlado do aluara del rey,  
ao que todos responderam que serui-  
riam de muy boa vontade a el Rey de  
Portugal, mas que naquilo não podiam

por seré certos que aiuda que matassem os mouros que nam auiam de deyitar de vender ho crauo a quem lhe mais desse, que defendesse ele ao Portugueses que lho não comprassem, porque doutra maneira não podia ser: E por neste tempo Antonio galuão ser avisado que Iorge mascarenhas mandaua fazer crauo, & q os Portugueses o querião tāobem fazer, pediolhe Antonio galuão que o nam fizesse por não dar azo que ho quisessem os outros fazer, quemuyto crauo auia de leuar del Rey em que se entregaria daquele, pera que lhe ho vedor da fazenda dava licença: E não o querendo ele fazer pos Antonio galuão pena conforme ao aluara del rey que não comprasse crauo, & Iorge mascarenhas lhe mostrou hum aluara do gouernador, em que o isentaua de todo de sua jurdição, assi a ele, como a quantos yáo coele, & a nao & sua carga, & sobristo ouue átreles discordia, & Iorge mascarenhas se foy pera a nao, & não tornou mais a terra. E vendo os Portugueses esta discordia, começarão logo da pertar com Antonio galuão que lhes deixasse fazer crauo, se não que se yrião pera a India, fazendolhe sobristo grandes requerimētos, & protestando de ele ser em cargo a el rey da perda que recebesse por sua yda: & com tudo Antonio galuão não quisnuca alargar ho crauo, & mandou requerer a Iorgemascarenhas pelo Ouvidor, que lhe não leuassle nhūa gente sem sua licença, & ele não quis deyitar chegar ho Ouvidor a bordo, mandandolhe tirar com espingardas, cuydando que o yaprender: & foy ho aluoroço tamanho

na gente, & o desauergonhamento, por lhe Antonio galuão nam querer alargar o crauo, que o quiserão matar, mas não poderão. E por derradeyro se armaram cento & oytenta homés, & assi armados na metade do dia se forão embarcar, a meaçādoho com a morte se lho quisesse tolher, & dizendo que pois era tão amigo do seruicio del Rey, que lhe goardasse a sua fortaleza, & assi se forão embarcar cō Iorge mascarenhas, & com hum Fernão anrriquez senhor dū lungo em que se yá pera a India, & Antonio galuão nam poderesistir a isto, porque lhe nam fiauam mais de cento & vinte homés, & estes por que lhes dava de comer à sua custa, que não auia na feitoria com que lhes pagassem mantimento, & Antonio galuão porque não ficassé só & se perdesse aquela fortaleza, gastaua o seu, & não lhe dava nada perdelo por seruir el Rey, dizendo que pois o perdia nisso que el Rey ho satisfaria: E era a reuolta tamanha, & ho Ouvidor ouue tamanho medo, que por lhe Antonio galuão não mandar préder ninguem deixou a vara, nem ho Vigaio queria seruir a ygreja, & tão bem se foy. E embarcada esta gente com Iorge mascarenhas, & com Fernão anrriquez, partirãose pera Banda: & tambem foy em sua conserua hum Gonçalo Vaz carnache, que andaua darmada no Morro, onde tomou por força a Ioão Freyre hūnauio em que andaua que Antonio galuão tinha pera mandar aquele anno a India carregado de Crauo, & por maya requerimentos que mandou fazera Gonçalo vaz (depois que foy em Talágamo)

que tomasse o crauo nunca quis, & foyse com o nauio vazio, no que el iey recebeo muyto grande perda, & Gonçalo vaz ná ouue por isso nhū castigo, pelo que em Maluco cada hū fazia ho que podia sem temor de Deos, nem del Rey, nem vergonha do mudo, & mais porq sabião q os não podia castigar o capitão de Maluco. E vēdo algūs castelhanos que estauá na fortaleza (& estauá pera se yr) como Antonio galuão ficiauá só, não se quisera yr, lembrados da muyta hórra & gashaado, & outras muitas boas obras que lhe tinha feytas, & por lhe pagaré tudo isto quiserao ficar: Pois os Portugueses a quem tinha feyto o mesmo, lho pagauá tão mal, & assi lho differam & ficaram coele, o que lhes ele agardeceo muyto, & logo escolheo hū deles, que auia nome Pero de ramosq conhacia por bō homé, & escreueo por ele a el Rey de Portugal & ao gouernador & ao vēdora fazenda o quelhe fizerão muy miudamente, mandandolhe os estormétos que diffotirara & os autosq fizera, & mandoulhe que desse tudo a qualquercapitão que achasse em Banda: & em guarda deste Pero de ramos foy Cachilade com hūa armada del rey de Tidore, & chegadao a Bāda deu tudo a Paulo da gama que hies-taua por capitão, & estando himorrerão Jorge Mascarenhas, & Gonçalo vaz çar naché dedoença que lhes sobreueo.

## CAPITVLO CLXXXVII.

Do que o gouernador fez em Diu pera a vinda dos Turcos.

**O** Gouernador que ya pera Diu, como disse a tras, chegou la na entra da de Feuereiro, do anno de mil & qui-

nhentos & trinta & oyto, & sabendo de Cogēçofar como tinha por certa a vindados Turcos, & que vinhão com grande poder, por quanto a cerca da vila dos Rumes era grāde, & era necessaria muita gente pera a defender, que ele não tinha, pelo que os Turcos a poderião tomar, accordou com conselho de a derribar, & que fizesse na borda dagoa hū baluarte & hūa casa forte pera apousamento do capitão do baluarte, o que logo foy começado, & tinham as paredes de vinte pés de largo, cuja capitania o gouernador deu a hū Francisco pacheco ju yz dalfandega de Diu, & dentro na fortaleza foy começada hūa cisterna de vinte palmos dalto, & tão alta que cada palmo auia de leuar duzentos & cincuenta toneis dagoa. E neste tempo quisera o gouernador reformar as tregas que Antonio da silueyra tinha assentadas cō Alucão que se acabauão entāo, & Alucão nū ca o pos em obra, por mais recados que lhe forão sobrissō: E o gouernador ainda que esperaua pelos Turcos, não quis inuernar em Diu, & foyse a Goa, deixando a Antonio da silueyra seys cétos homens, de que os quatrocentos erão mal armados, & os duzentos não eram pera pelejar, & antrestes muyto poucos fidalgos, & leuou toda a gente consigo, deixando a fortaleza em taman horisco & de guerra com Cambaya: & de Goa despachou a Vasco pirez de sampayo pera yr a Bengal com gente em ajuda del rey, & foy por capitão mór de noue velas, de que foram por capitāes afora ele, Antonio de melo q agora mora em Bucelas, Frásciso de barros

co de payua, Manuel mascarenhas, Cristouão douria, Diogo rabelo, & outros, & mandou nesta frota ho embayxador del rey de Bengala, & Vasco pirez se foy a Cochim, donde partio em Mayo pessa Bengala.

**CAPITVLO CLXXXVIII.**  
De como Cogeçofar fugio de Diu.

**D**epois do Gouernador partir de Diu, reformou Antonio da silueyra astregoads que tinha com Alucão, & a pos isso chegou a Diu húa carta q Cogeçofar tinha mandada a Caxem a saber ainda mais certeza da passagem dos Turcos á India, q lhe leuou recado muyto certo que auia de passar com grande armada, de que ele folgou muyto, porq lhe parecia que deitarião os Portugueses fora da India, que era cousa que muyto desejava, por lhes ter mortalodic, posto que mostraua ser seu amigo: E logo determinou de se yr pera curraté secretamente com toda sua casa & fazenda, pelo que encobrio o recado que tinha a Antonio da silueyra, dizendo que lhe parecia vento a vinda dos Turcos, porque el rey de Caxé & algüs mercadores de Melalhes creuerão que não auia lá tal noua. E pera mais dissimulação de sua yda, fez q carregaua húa nao noua q fizera auia pouco pera a mandar a Tenaçari, & em quanto fazia isto, mandou suas molheres pera curraté em companhia das de hum mouro honrrado, que por lhe o gouernador tirar a xabandaria de Diu, se ya morrar a curraté com toda sua casa, & por isso forão as molheres de Cogeçofar coele, sem ninguem entender que se yá, por os

mouros terem muytas. E mandadas as molheres, carregou húa noyte o fato na nao quedizia que mandaua a Tenaçari, & fazendo que deitaua a nao fora da barra pa partir, se acolheo aos vinteseys Da bril de mil & quinhétos & trinta & oyo: De cuja supita yda foy grande espanto na cidade, especialmente antre a gente da terra, que dizia que não se fora Cogeçofar se não pera fazer guerra aos Portugueses, & assi pareceo a Antonio da silueyra, que sabendo que estaua em curraté lhes creueo muytasvezes, que se sua yda fora por grauas, que lhos declarasse & o desagravaria, pedindolhe muyto que setornasse pera Diu, a que ele nunca respondeo, pelo que Antonio da silueyra se receou de guerra, & pos grande diligencia em se acabar ho baluarte & a cisterna. E logo húa domingo depois da yda de Cogeçofar aconteceo húa cousa que pareceo pronosticodas guerras que mouros & Turcos fizera aquele anno a fortaleza: E foy que os moços catilios assi Christáos como mouros se fizerão em deus bandos, & por modo de folgar pelejarão cõ paoshús contra os outros, & ficando os moços Christáos com a vitoria, o sintirão tanto os moços mouros que se quiserão vingar, & pola somana tornarão a pelejar de verdade, leuado hús & outros artificios de fogo, & os Christáos leuauão húa bamdeyra com a Cruz de Christo, & os mouros outra com a ymagem de Mafamede, & sempre os Christáos leuauão a vitoria, & por se fazerem muyto mal hús aos outros, lhes foy desfeço que nam pelejassem. E nisto a dezaseys

202  
dias de Mayo chegou a Diu Fernão de  
moraes que aquele anno partio de Portu-  
gal por capitão de húa nao da carga, co-  
mo disse, & por ele escreuia el rey ao go-  
uernador a certeza da passagé dos Tur-  
cos à India, & esta tinha Antonio da sil-  
ueyra per hú Tristão gomez natural de  
çezimbra, que sendo catiuo de Barbaro-  
xa lhe fugio & foy ter a Baçorá & depois  
à India, de quē Antonio da silueyra sou-  
be a certeza da passagem dos Turcos. E  
não podendo Fernão de moraes nauegar  
na sua nao pola costa da India por ser in-  
uerno, se foy em hú catur caminho de  
Goa, & de Chaul não pode yr nocatur &  
se foy por terra, & leuou as cartas ao go-  
uernador, que se começou a fazer pretes  
pera no Setembro seguinte yr a Diu.

CAPITULO CLXXXIX.

De como os regedores de Cambaya mandarão  
cerear Diu.

**C**ogeçofar que desejava muito de  
tomar a fortaleza de Diu, por saber  
quão malprouida estaua de gente & da-  
goa, foy se a Chápaner onde estaua a máy-  
do çoltão badur, & seu neto çoltão mah-  
mude rey de Cambaya moço pequeno,  
& ostres capitães que gouernauá o rey-  
no, & deulhes cóta da disposição em que  
estaua a fortaleza de Diu, afirmando que  
nunca auiaão deter tão bom tempo pera a  
tomarem como aquele, & eleso acorda-  
rão assy, & logo despacharão a Alucão  
pera fazer guerra a Diu com cinco mil  
de caualo & dez mil de pé, & porque era  
velho fosse Cogeçofar seu companheiro,  
que por esta honrra que lhe foy feyta le-  
uou a sua custa mil Turcos de caualo &  
tres mil Guzarates de pé, que cō os Da-

lucão faziaão dezanoue mil homēs, com  
que partirão pera Diu, do que logo An-  
tonio da silueyra foy avisado, que o disse  
aos fidalgos & pessoas principaes q esta-  
uão coele, & mandou a Francisco pache-  
co capitão do baluarte da vilados Rumes  
que dormisse lá cada noyte, porque esta-  
ua acabado & entulhado até o primei-  
ro sobrado, & até li tinha vinte palmos  
daltura, & forão lá leuados cinco tiros  
grossos, hú lião, húa saluage de ferro, &  
húa espéra, & dous camelos de metal, a  
que logo mandou fazer as bombardey-  
ras, & mandou lançar ao mar os nauios  
que tinha varados, pera defendere in co-  
cles o rio. E andando nesta occupaçam  
leuantouse húa noyte fogo na fortaleza  
em casa de húa molher solteira q quey-  
mou sessenta moradas de casas, de q Co-  
geçofar quando ho soube tomou bom  
pronostico, & disse à sua gente q aque-  
le fogo queymara quantas munições ti-  
nhão os Portugueses. E apressando co-  
esta noua seu caminho, chegou cle & Alu-  
cão á quintaá de Meliq aos vinte qua-  
tro de Iunho onde assentará seu arrayal,  
& tolherão logo os mantimentos q yão  
da terra firme à cidade, em cujos mora-  
dores foy tamanho o medo que logo co-  
meçarão de fugir. E sabendo Cogeçofar  
destes que as bombarderas do balu-  
arte da vilados Rumes não erão acaba-  
das, & os tiros não podião jogar foy ho  
saltear húa quarta feyra antemanha á vin-  
tes eys de Iunho, leuando os quatro mil  
homēs de sua capitania, & chegou tam  
de supito que subio sua gente ao muto  
que ainda não era derribado, & matarão

algūs

algüs Portugueses dos que vigiauão, & aos brados destes acordarão os officiaes da alfandega & outros Portugueses, que por todos forão vinte, & com pressa se acolherão em camisa ao baluarte, & dali se defenderá com as espingardas tão esforçadamente que os não poderão entrar, principalmente porque acodio logo Antonio da silueyra & fez afastar os ímigos, & Cogeçofar foy ferido de húa espingardada por húa mão, & por isso se tornou pera a quintaá de Melique onde se achou muyto mal da ferida.

## CAPITVLO CXC.

De como Antonio da silueyra pos goardas nos passos da jlha.

**N**Este tempo auia em Diu muytos mouros brancos do estreito todos homés de guerra, que el rey de Cambaya antes de morrer mandara chamar a solido pera o ajudarem contra os Portugueses, & estes chegarão aquele Abril passado em habito de mercadores pera nam serem conhecidos, & leuauá suas armas secretas, & agassalhauão os cō os outros mercadores onde tinhão escondidas as armas. Evendo estes a guerra que Cogeçofar fazia aos Portugueses, creceolhes o desejo de o ajudarem, & descobrindo se por lascarís começarão de prouocar a gente da cidade q̄ se leuantasse contra os Portugueses, & hús por hú cabo outros pelo outro fazião grandes ajuntamentos nas ruas & nas praças, ao q̄ logo acodio Antonio da silueyra acópanhado da melhor gente da fortaleza toda armada, & dādo de supito nos mouros prédeo muytos destes, & buscando as casas dos mercadores tomou quantas armas achou cō

que os lascarís ficarão desarmados. Isto feyto, porque a cidade não tinha agoa se não a da jlha, pos goardas nos passos que auia dela pera a terra firme, & em dous baluarts que estauão em dous deles pos por capitáes Gonçalo falcão filho de João falcá, & Luys rodriguez de carualho, & em outro passo que auia nome Palari, Lopo de sousa coutinho de Santaré em húa galeota com vinte cinco espingardeiros, & outros tantos em húa barcaça & duas fustas, & o passo da ponta da jlha goardauão Antonio daveiga feytor, & Francisco anrriquez tesoureiro dalfandega, & Francisco foreyro, & Jorge barbosa de Coimbra escriuães, & Francisco de gouuea capitão mór do mar de Diu, & Miguel vaz, Pantalião pereyra andauão de sobresalente em tres catures correndo os passos de noyte & de dia: E em quanto duraua a ferida de Cogeçofar q̄ os mouros não dauão rebates, fez Antonio da silueyra acabar o baluarte da vila dos Rumes, que ficou daltura de quoréta palmos, & alsi a casa de junto coele, pera que mandou logo Francisco pacheco cō setenta homés, porem não se pode fazer caua a este baluarte que foy causa de seto mar depois, & tābem foy acabada a cisterna da fortaleza, & assi como a yão áca bando, a enchião dagoa, & leuou cinco mil toneis, com que a fortaleza ficou bē abastada dagoa.

## CAPIT. CXCI.

De como Antonio da silueyra deixou a jlha, & se recolheu na cidade.

**D**EPOIS que Cogeçofar foy sam da sua ferida, logo ele & Alucão assentáro seu arrayal na terra firme ao derre-

dor da ilha, & fizerão suas estancias dar telharia defronte dos passos da ilha, Co geçofar defronte dode Palari, & Alucão dos outros, & de dia & de noyte nunca a artelharia estaua queda sem tirar, pera que defendessem a passagem a algüs catures que leuauão mantimentos & mu nições aos passos: E Co geçofar quedese jaua muito de tomar o passo de Palari, melhorou húa noyte sua estancia em a chegar mais pera o passo, porque bem sa bia que não auia de poder de dia, & pera se acabar logo em húa noyte mädoua fa zer de cestos de campo cheos de terra, & and indo nesta obra quinhétos Turcos dos da sua capitania, acertou de passar po lo rio Miguel vaz no seu catur, & enxer gando em terra a soma que fazião algüs cestos que estauão assentados, & sem po der desenferençar o que era, deulhe húa curriada despingardadas de q se os Tur cos empararão com os cestos, & não bo lirão conigo por não serem sentidos, re ceando que os estoruasem da obra q fa zião. Lopo de soufa que ouvio as espin gar dadas a codio logo na sua galeota, & mandou tirar aquela soma que parecia com hú camelo, cujo pelouro dando nos cestos os esborralhou todos, & matou algüs Turcos: E vendo Lopo de soufa q com aquele tiro desapareceo a soma que via mandou tirar mais, & os Turcos lhe tirarão tãobem: porem como Lopo de soufa era esforçado não quis estar naquilo, & saltou em terra com Miguel vaz cõ todos os de sua companhia, & derá nos Turcos com tamanho impeto que os fi zerão fugir ficando algüs mortos, o que

pareceo ao outro dia no muyto sangue que ali foy achado & tripas domés, que os corpos leuarão os viuos por não sabe rem os Portugueses o dano que lhes fize ráo, & Miguel vaz foy ferido de húa es pingardada em hú pc. E com tudo isto como os mouros erão tantos como disse não lhes poderão os Portugueses tolher que não melhorassem suas estancias & as possessem a menos de qem passos do rio, com que impedirá aos Portugueses que não nauegassem por ele, porq tudo quáto passaua de dia & de noyte pescauam com a artelharia, matando & ferindo os Portugueses, & por isso, & por Antonio da silueira ver claramente que não podia defender a ilha com quáo pouca gente tinhia, & tãobem por ter a cisterna chea dagoa, & não ter necessidade da que auia na ilha, determinou com conselho, de a alargar aos mouros, o que fez aos noue Dagosto: E per Payo rodriguez daramo mandou dizer de noyge aos capitães que estauão nos passos que se recolhessem á ci dade, no que foy grande desmancho & desordem, porque afora fazer grande vç to & marulhada no rio, com que o naue gar por ele era muyto perigo so. Em An tonio da veiga feitor ouuindo o recado Dantonio da silueira não se quis mais deter, & deixádo sua capitania se acolheo por terra cõ medo das bôbardadas q lhe os mouros auia de tirar se fosse por dagoa, & os outros q forão Frásciso anriquez, Jorge Barbosa, Frásciso foreyro, Miguel Vaz, & Pantalião Pereyra se forão por mar nos catures & em duas galeotas, & foy tamanho o medo nos comitres das

das bombardadas quetirauá os mouros  
passando por diante de húa estancia, que  
derão coelas em seco indo os catures di-  
ante, que por isso não sentirão o que acó-  
tecera ás galeotas, cujos remeiros & gé-  
tedarmas vendo que estauão em seco fu-  
girão logo com medo de ostomarem os  
mouros, & deixarão sosos capitães, por  
cujos rogos nunca quiserão tornar: & vê-  
do eles que sós não podião saluar as gale-  
otas, & que se perderião esperando mais,  
poherão lhes o fogo & forão se por terra:  
& os mouros que as virão arder acodirão  
logo a ver o q̄ era, & achando as flos, apa-  
garão o fogo & recolherão as bóbardas  
quetinhão & outras armas, & o mesmo  
aconteceeo a Gonçalo falcão que ya em  
húa barcaça com a gente & artelharia q̄  
tinha no baluarte de que era capitão, & a  
Luys rodriguez de carualho que ya em  
húa fusta, que nunca a sua gente quis es-  
perar & toda fugio, & deixarão a artelha-  
ria & outras armas aos mouros, que sem  
pelejarem, & ás escuras, ouuerão em húa  
noyte o que não poderão auer em muy-  
tos dias pelejando continuamente: E fa-  
zendose tão bê à vela Lopo de souza cou-  
tinho pera se yr na sua galeota, o grande  
vento que fazia & a maré que vazaua lha  
deitarão da banda da terra firme, onde  
ficou em seco hú tiro de pêdra da madre  
do rio, & sentindo que dava em seco, alar-  
gou o batel pelo rio abaixo, porque se re-  
ceou que os seus fugissem nele, & sem ele  
bem sabia que não se podião yr por o rio  
ser áli de mais largura que em outra par-  
te. E em amanhecendo que os mouros o  
virão tão pert de terra & tão longe da-

goa, pareceolhes que o poderião tomar  
& remeterão á galeota trezentos, deles  
Turcos, Abexis, & Arabios, dando grá-  
des gritas, & em eles abaládo rebata Lo-  
podes souza o seu guião, ficado a lança no  
meo da galeota, & disse cō o rosto ledo:  
Ainda que por mí queira passar algúia co-  
uardia, sam estes senhores q̄ estão em mí  
nha companhia tão valentes caualeyros  
que mo não consentirão, a que logo húis  
remeterão ás espingardadas, & os que as  
não tinhão aos berços & falcões da gal-  
eota, & poendolhes o fogo tendohos aos  
hombros desparão nos ímigos, & junta-  
mente coeles a artelharia grossa, cujos pe-  
louros húis leuaúão em migalhas, outros  
em pedaços, & outros de yxeuão feytos  
dous de cada hú, & coesta esborralhada  
se escarmentará os ímigos de maneira q̄  
fugirão, & antes que tornasssem outra vez  
tomarão Lopo de souza & os seus a gale-  
ota nos braços, & ora neles, ora a empu-  
xões com trabalho ímenso derão coela  
no pego, & escapando de tamanho peri-  
go com ajuda de nosso Senhor se forão  
pera a cidade, encontrando dous catu-  
res que yão em seu socorro.

## CAPIT. CXCII.

De como Antonio da silueira se recolheo aa  
fortaleza.

**P**erdida a artelharia que estaua nos  
passos com que Antonio da silueira  
esperaua de defender a cidade, foy por to-  
dos acordado que a não podia defender  
sem tirar artelharia da fortaleza, o q̄ era  
perigoso, porque não sabião o que su-  
cederia, & por isso & por não ter gente pe-  
ra defender tamanha cerca como tinha  
a cidade, acordouse em conselho q̄ a dei-  
xasse

xasle & se recolhesse na fortaleza q̄ era o mais seguro. E porque já os mouros erā entrados na ilha & andauão á vista da cidade, & os que estauā nella lhes fazião si-naes com bádeiras, sayo Antonio da silueyra com çem Portugueses pola cidade & enforcou & aláceou muytos mouros principalmēte os que via com armas, & prendeo quattro mercadores principaes, porque se se visse em algúia necessidade se remedeaſſe coeles, & quasinoyte se recolheo á fortaleza aos dez Dagosto, & ao outro dia começarão os mouros que já estauão na cidade de roubar algúias casas juntoda fortaleza em que auia muyta fazenda & niantimentos que os Portugueses cō pressa nā poderão recolher na fortaleza, & por rogo dalgúis, que védo roubar o seu, quiserão sayr aos mouros mandou Antonio da silueyra coeles hú fidalgo chamado Gaspar de soufa q̄ deu coeles nos mouros que fizerão fugir, ficando algúis mortos, & dos Portugueses foy morto hú, & outros forão feridos, & com tudo tornarão pera a fortaleza carregados de mantimentos, & dali por diante ordenor Antonio da silueyra q̄ os fossem tomar cada dia, & fossem em sua goarda cincoéta & quattro homés, & assi lenha & agoa dís pôcos que estauão juntos da fortaleza: & por fazer hórra a Lopo de soufa coutinho o fez capitão desta goarda, cō que cada dia ya á cidade por mantimentos, lenha, & agoa, & auia recontro com os mouros, de que sempre morrião algúis. E neste tempo fazia Co ge çofar bater ho nosso biluarte da vila dos Rumes, com húa estácia d'artelharia que mādo hui assentar no cays d'alfandega de que tābem varejaua o mar por amor dalgúis catures que da fortaleza leuauão

mantimentos ao baluarte: & porem nāo fazião nhū nojo, nem a artelharia que batia ho baluarte, nem tão pouco ho fazia Alucão que pouſaua nas casas da máy do çoltão badur, & sua gente estaua pola cidade, a que cada dia saya Lopo de soufa sem medodos mouros. E hú dia vespéra da assunçāo de noſſa Senhora, sayndo á cidade matou algúis Turcos de Co ge çofar que achou desmandados, & outros fugirão & o forão dizer a Co ge çofar, que mandou logo quinhétos homés escolhidos em busca de Lopo de soufa, que estaua normais que cō quatorze na boca de húa rua, & os outros tinha postos nas bocas doutras, & dando os mouros coele determinou de pelejar coeles, & logo quisera comieçar, & por cōselho d'ui Simā furtado bom caualeiro deixou bem encher a rua, porq̄ quanto os ímigos mais se apinhoassem menos se auia dajudar das armas. E os mouros se ajūtarão tantos que nā podião pelejar mais que os dianteiros: E logo Lopo de soufa deu neles com os seus, & pelejarão tão esforçadamente q̄ matarão todos os mouros que estauão nadanteira & os q̄ estauão logo detras destes, & os outros fogirão ficando mortos trinta, & dos Portugueses nhū, & Lopo de soufa foy ferido em húa perna, & outro homé em outra, & a hú se page foy quebrado hum olho. E em quanto Lopo de soufa jouue ferido, forão capitães da goarda Gonçalo falcão, & Gaspar de soufa, que catiuarão hú morto honrrado, de que soube Antonio da silueyra que no arrayal Dalucão se dissera que a Mangalor chegara húa nao de mouros, quē dizia q̄ em Adem ficaua húa grossa armada de Turcos, & porem que nāo se tinhapor certo, & cō tudo

tudo como ho mar deu jazigo, mandou Antonio da silueyra Miguel vaz q fosse a Mangalor, & passasse a vante pa saber nouada armada dos Turcos. E depois q Lopo de souza tornou a dar goarda achou hui dia rosalgar nos poços, & por isso não quis Antonio da silueyra que sa issem mais fora, & recolheose de todo na fortaleza, de que sempre do baluarte & da vila dos Rumes tirauão muitos tiros perdidos aos mouros, em q fazia muito dano. E Antonio da silueyra escreveo ao gouernador permar como estaua, pendindolhe socorro, & ele lho mandou logo (como direi a diante.)

## CAPITVLO CXCIII.

De como ho embaixador del rey de Cábaya chegou a Costantinopla, & deu a embaixada ao Turco.

Tras fica dito, que çafercão capitão del rey de Cambaya que ele manda ua por embaixador ao Turco a pedirlhe socorro, partio de Diu na entrada de Setembro do anno de mil & quinhentos & trinta & seys, & proseguindo por sua viagé foy ter a Iudá onde deixou sua frota & o presente que leuava ao Turco, se foy por terra ao Cairo, & da hipolo Nilo abaxio ate Roxate hui lugar na foz do Nilo sessenta milhas Dalexárdia: E chegando lá deu a embaixada & cartas q leuava ao Turco, que lhe respondeo logo que por aquele anno não podia dar a el rey de Cambaya a gente quelhe pedia, por quanto estaua de caminho pera a cidade de Belona, com determinação entrar por ali em Italia, mandandolhe que esteuesse assi o presente q lhe leuava ate sua tornada, & então madiria a el rey de Cambaya a gente que pedia. E tornado o Turco de Belona sem fazer nada, foy lhe o outro embaixador del rey de Cam-

baya que disse que lhe mandara com determinação de destruir os Portugueses que andauão na India, por se arrepéder de ter dada a fortaleza é Diu. E este apertou cõ o Turco que mandasse a el rey de Cambaya o socorro que lhe manda pedir. E depois da chegada deste, chegou outro de Miráomuhmahlá que mandaua pedir o socorro cõ grande efficacia pera se vingar dos Portugueses que tinham morto a el rey de Cábaya, & lhe queria tombar o revno. E com a vinda deste derradeiro embaixador, determinando o Turco de dar o socorro quelhe pedia, escreveo a coleymão baxá Rey do Cairo, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, que lhe mandaesse leuar a Costantinopla o dinheiro & presente que lhe mandara el rey de Cambaya, & as sete velas em que fora fôssem leuadas a çuez, & serião varadas com outras que hi estauão, o que coleymão fez logo & madiou o dinheiro & presente per hui capitâ chamado Hamed rex, & por maddado do Turco foy em sua companhia Jorge o arrenegado. E vendo ho Turco tanta riqueza mandada assi tão leuemente por hui rey que moraua tão longe, pareceolhe q a riqueza daquela terra devia de ser sem conto, pelo que desejou de poder cõquistar Cambaya & o resto da India, & por isso se enformou de Jorge o arrenegado, assi da riqueza da Cambaya & dos outros reynos, & do poder de seus reys, & do dos Portugueses, que o enformou muito largamente de tudo fazé dolhe muy pouca couisa o poder del rey de Portugal na India, & q com qual quer armada poderia lançar os Portugueses fora da India, & tomarlhe ho q tinhamo tomado. Enisto chegou a Costantinopla,

nopla a principal molher q foradelrey de Cambaya cõ muyto dinheyro & pederaria, & contou ao Turco a morte de seu marido, pedindolhe quemádasse húa armada á India pera láçar os Portugueses fora. E nesta conjunçā chegou a Costáinopla o embaixador delrey de Xael, q lhe leuauade presente dezoyto Portugueses que catiuarano seu porto com outros (comodissē atras.) E antreles ya hú Aluaro madeyra que presumia de piloto, de que tāobé o Turco se enformou dascousas da India, & do poder del Rey de Portugal nela, & achou que cōforma ua com o que Jorge lhe tinha dito, & ofreceoselhe pera yr na armada se a mandasse á India, porque sabia muyto bem o caminho, & os pórtos, & barras dela.

### CAPIT. CXCIII.

De como ho Turco deu a capitania mōr da armada que mādaua aa India a coleymão baxaa rey do Cayro, & do regimento que lhe deu.

**C**oestas enformações & outras mui tas que o Turco teue, determinou de mādar húa armada á India, pera ver se a podia tomar aos Portugueses, & os nauios pa esta armada estauão em cuez, que lhos mādara fazer Habrahembaxá muyto grande seu priuado pera yr conquistar a India, onde nāo soy por o Turco o matar quando soube q queria dar Costantinopla ao Emperador. E determinando o Turco de mādar esta armada á India, deu a capitania mōr dela a coleymão baxá rey do Cayro, que sabendo como a armada auia dyr, pedio a capitania mōr dela ao Turco, cujo porteiro da camara fora, & primeyro de seu pay, a quem sendo Christão & natural da Morea, fora dado de tributo em moço, & o Turco o mandou capar pera ser seu por

teyro da camara & andar antre as suas molheres; & a causa de alcáçar tamanho senhorio foy, porque reynando ho mesmo Turco que entāo reynaua (a que cōmo digo seruira de porteiro da camara) selhe leuátou Hamedbaxá rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, a que o Turco deu este senhorio, porqueno cerco de Rodes inuē tou as albaradas com que foy tomado & fez a fortaleza de madeyra em que o Turco pousou em quanto durou o cerco: Eleuantado este Hamed baxá, foy morto por Camusay mouro Arabio natural de Lepo, & resoureiro mōrdo Cayro, que primeiro que o matasse escreueo seu leuantamento, & que determinaua de o matar, & morto, mandou a cabeça ao Turco com as cartas de como o mātara. E mādado este recado, ya jā por caminho coleymão baxá, que o Turco mādaua com húa armada de doze velas em fauor de Camusay: E achando coleymão o seu recado que mandaua ao Turco, tomou as cartas & rōpeas, & com a cabeça de Hamed baxá se tornou a Costáinopla, & disse ao Turco q ele matara Hamedbaxá, pelo qual lhe deu o senhorio que tinha Hamed baxá, & daqui ficou grāde ímizade antre Camusay & coleymão, que com quanto era tamanho senhor & de ydade de setenta annos, & tā gordo que depois que se assentaua nā se podia leuantar, & dous homés o leuanta uão, & tinha tamanha papada q lhe caya sobre os peytos, era tão cobiçoso de gloria & dedinheiro, que por alcáçar tamanha como seria tomar a India aos Portugueses, & ser senhor dos muytos & grandes tesouros que la auia, pedio esta empresa ao Turco, com condiçāo q pagaria

garia á sua custa a gente da armada. E sendolhe cōcedido pelo Turco, fugio Al uaro madevra o piloto de Costatínopla & deu consigo em Portugal, & contou a elrey a passagem desta armada á India, pelo que o elrey soube primeiro que ela lá fosse. E rēdo çoleimão baxá prestes as cousas de sua armada, se partio de çuez na entrada de Iulho de 1538. annos com húa frota de setenta & quatro velas s. quinze galés bastardas de trinta & tres bácos cada húa, vinte cinco galés reays de trintabancos, dez galés sotis, quatro albetoças, a que eles chamão maonas cō sua apelaçā, seys galeões de duas gauas, & outros quotronauios mais pequenos, que fazião portodos sessenta & quatro velas, fornidas todas de muyta & boa artelharia de metal, & de seys mil & quinhentos homés de guerra s. mil & quinhétes Ianiceros, & douis mil Turcos todos escolhidos & gente limpa que lhe forão de Costantinopla, & tres mil homés outros, q̄ por serem vsados no mar auia de seruir d'officiaes dos nauios, & de soldados quando fosse necessário, & sete mil homés forçados pera remeyros, a que tomou as armas. E porque algūis se lhe querião amotinar mandou degolar duzentos, & a foraiiso fez outras muyto grandes cruezas & tiranias pera auer dinheiro com que auia de pagar á gente. E leuaua nesta armada cinco capitāes principiavaes s. Iucefhamet capitā mór do mar Dalexandria, a que çoleimão deu a capitania mór daquela armada, deixādo pa sy a jurdição, os outros forão Mustafas, da casta dos Mamelucos, que çoleimão pos em lugar de Camisay tēsoureiro mór do Cayro, que ya tāobem por capi- tāo, & çoleimão o matou por se temer

dele, queerão ímigos, como ja disse, os outros tres capitāes auia ñome, Habra hembeque Ianicero, & outro Habrahé beque da casta dos Mamelucos, & Mah muhdebeque, & o regimento do Turco que leuaua foy este: Quē fosse tomar a costa da enseada de Cambaya ou Mágalor, & hi fizesse agoada, & não pelejasse com ninguem se não cō a propria armada do gouernador da India por elrey de Portugal, porque não enfraquecesse ou diminuisse sua armada, & se o gouernador não quisesse pelejar coele no mar, se fosse á cidade de Goa & lhe posesse cerco & tomada se fizesse nela forte, porq̄ logo lhe mandaria socorro pera se defender dos Portugueses: E se em Mangalor soubesse que não podia pelejar com a armada do gouernador, né tomar Goa sem auenturar muyto de sua armada & gente que entāo se fosse a Ormuz & o tomasse & se fizesse hi forte, porque logo o socorria com breuidade.

## CAPITVLO CXCV.

Decomo çoleimão baxaa se partio caminho da India, & do ardil que teue pera tomar a cida- de Dadem, & de como chegou ao por- to de Diu.

**P**artido çoleimão baxá de çuez, deu se a mayor pressa que pode em sua viagem, porque nāo fosse sabida na India primeiro que chegassé, pera o que tinha feita grande diligencia, porque nhúa vela saysse do estreyto antes de ele sayr: & de çuez pos tres dias de caminho ao Toro, & do Toro a Iudá cinco, & fez de demora doze, & quisera por manha acolher el rey de Iudá, que como sabia bem a pouca verdade dos Turcos, principalmente de çoleimão, & quão cruel & tirano era, despejou a cidade & posse em saluo: E çoleimão ajuntou aquy á sua armada as

Sete velasque ali estauá que forão del rey de Cambaya, & tres naos de Hamezui vedor da fazenda do Cayro, & outras duas del rey de Iudá, com que a fez de setenta & seys velas. E partido de Iudá pos q̄tro dias até Camarão, & de caminho tomou Azibelé, h̄u lugar na costa Daria, de que era senhor h̄u Turco chama do Nacodahamet, q̄ depois de fazer muy to bō recebimento a çoleimão, foy degolado por seu mandado, sem mais outra causa se não a de sua crueza, & deu ho senhorio do lugar a Mustafa seu capitam; E chegado a Camarão escreuuo a el rey Dadem como ya á India & a causa por que, pedindolhe que ouuesse por beni de lhe dar licença pa entrar no porto Dadé a tomar agoa, lenha, & carne, que entretanto o que leuaua a carta lhe faria prestes & assi algúas casas pera deixar hi muytos doentes que trazia, do que el rey foy contente, parecendolhe que çoleimão lhe falaua verdade, que depois que fezem Camarão quinze dias de detéça, se partio para as portas, & gastou no caminho hum dia & h̄ua noyte, & outro tanto das portas ate o porto Dadem, onde surto, el rey Dadem o mandou visitar com muytos refrescos, & çoleimão pera tomar a cidade por manha como trazia determinado, mandou lá os doentes que mādara dizer a el rey que trazia pera os deixar nela, & estes forão dos mais esforçados, & ya h̄u homē lançado em h̄u leyto, & nele escóidas as armas pera sy & pera outros que o leuauão. E como as casas pera estes doentes estauão despejadas & perto do mar, de quatro que leuauão h̄u doente si-

cauão dous pera o curarem, no que os da cidade não atentauão porque os viā sem armas, & coesta manha se meterão em quatro ou cinco dias bem quinhentos ho més, & depois de serem dentro, mandou çoleimão rogar a el rey Dadem que fosse á sua galé, por q̄ tinha de falar coele coisas que releuauão muyto, do que el rey fez escarneo. E como isso era o que çoleimão queria, mandou fazer h̄u final, a q̄ os doentes sayrão todos có suas armas, & derão nos paços del rey, onde entrarão de roldão sem auer quem lhes podesse resistir porsua supita vinda, & el rey foy preso & leuado á galé de çoleimão, ficando a cidade em poder dos doentes: E el rey Dadem depois que foy na galé de çoleimão lhe perguntou, porque ho mandara prender fiandose dele, & ele lhe respondeo, que se lhe parecia bem estar ele em pessoado Turco, & auer quatro dias que estaua ali & não o yrver, ac q̄ el rey respondeo com muyto esforço, q̄ se ali estuera o Turco senhor de çoleimão, q̄ era rey como ele, que o fora ver, mas a ele q̄ era seu escrauo & seu capitão, como queria que o fosse ver, que ele o tinha em seu poder porque se fiara dele, porq̄ se não se fiara nūrca a sua gente lhe entrara na cidade, nem se liurara dali com cabeça, & çoleimão o mādou logo enforcar em h̄u palanco da galé, & depois pédurar á porta da cidade, que logo mandou saquear por sua gente, & ele sayo em terra & se pos á porta, mandando apregoar q̄ sope na de morte quanto fosse roubado na cidade tudo se leuasse á frota: E çoleimão buscaua a quantos sayão de dentro carregados

gados do roubo, & tomaualhe todo ho  
ouro, prata, & joyas quelhes achaua, &  
o fato deixaualho, & coisto ouue muyto  
grandes soma douro & de prati: E vendo  
os soldados que não partia coeles toma-  
rão lhe mortal odio, & o mesmo saco q  
se deu á cidade se deu a tres naos de Ma-  
labares que estauão no porto quelhes co-  
leimão mandou tomar pera leuar carre-  
gadas de mantimentos, & aos Malaba-  
res tomouos pera remeiros. Tomada a  
cidade, mandou cortar as cabecas aos  
principaes moradores dela, porque não  
fizessem aluorço depois de sua yda, &  
prouendoa de gente deguerra & darte-  
lharia, deixou nella por capitão Habrahé  
beque Ianicero, & partiose pera a India,  
& neste golfão assi por hú gráde téporal  
que lhe deu, como por sua forte & aspe-  
ra condição, se apartarão de sua conserua-  
seys velas, & húa delas que era hú galeão  
foy ter aos ilheos de Santa Maria na costa  
da India, onde Antonio de souto mayor  
estaua com certas fustas darmada, q pe-  
lejou todo hú dia cō os Turcos que yão  
nestegaleão. E depois de muyto grande  
peleja os desbaratou matando os nossos  
os maisdeles, & dos q ficarão viuos sou-  
be como va coleimão, & os mandou ao  
gouernador Nuno da cunha, que saben-  
do esta noua se começou defazer logo  
prestes pera socorrer a Diu, onde lhe pa-  
receo que esta armada aiuiá dyr dereyta.  
E continuando coleimão sua viagé pera  
a costada India, depois de quinze dias de  
partir Dadem, foy ter ao porto de Mág-  
lor, onde Coge cofar parece que aiuisado  
de sua yda o estaua esperando, & lhe foy  
falar ao mar louuando muyto sua vinda  
& poderosa armada, & aconselhando lhe  
que fosse a Diu, porque quem quisesse se

nhorear a India tinha muyta necessida-  
de de ter aquela cide de pera ho fazer  
mais facilmente, por ser muyto forte de  
sua naturez, & ter bom porto & va-  
ridoyer, & estar a balrrauento da In-  
dia, & que a tomaria sem nhú trabalho  
por quão poucos & mal armidos eram  
os Portugueses que estauá na fortaleza,  
& mingoados de muytas coussas necessa-  
rias pera sua defensam, & muyto canfa-  
dos do trabalho da guerra que lhes ate-  
li-tinha feyra: & coestas rezões se denio-  
ueo coleimão a yr a Diu & quebrar ho  
regiménto Turco. E partiose pa Diu,  
indo Coge cofar diante vor terra, & a  
húa quarta feyra quattro dias de Setébro  
de 1538, ás dez oras do dia chegou á vista  
de Diu, & começoou dese ver da fortale-  
za a armada de coleimão que va nestor  
dem: Da banda do mar afastadas da ter-  
ra obra de duas legoas vāo quatorze ga-  
lés reaysfeitas em hú escoadrão, & ao ló-  
go da terra sete, & a pos estas todas as  
outras galés & nauios depelejada arima-  
da, & nomeo as naos de carrega, então  
se conheceo ser esta armada de Turcos  
pelo grande numero de nauios de remo  
que era. E tāobem chegou nesta conjun-  
ção Miguel vaz na sua fusta, que certifi-  
cou ser a armada de Turcos. O q sabédo  
Antonio da silueyra escreueo logo húa  
carta de crençaper a o gouernador q lhe  
mandou pelo mesmo Miguel vaz, dizen-  
dolhe que contasse largamente ao gouer-  
nador como fiaua, & ele se partio logo  
pera Goa, & como era muyto esforçado  
em sayndo do porto por se afirmar na  
verdade de camanha a frota era, fez seu  
caminho muyto perto da armada, & sa-  
yráolhe doze galés tirandole ás bōbar-  
dadas que o ouuerão de tomar se lhe não  
acalma-

acalmara o vento: & vendo que ho não podião tomar, se forão surgir junto da outra armada, que surgio ao baluarte de Diogo lopez de sequeyra fazendo grandes alegrias.

**CAPITVLO CXC VI.**

Do que fez Antonio da silueyra com a vinda dos Turcos.

**V**endo Antonio da silueyra sobresy húa armada tão poderosa como a dos Turcos, & que segundo os muitos annos q' auia que sesperaua na India deviadir muito bem prouidade gente, artelharia, & munições, não perdeo a esperança que tinha em nosso Senhor que o ajudaria, nem o esforço que sempre teve em semelhantes perigos, & não lhe lembrou que estaua çem legoas do gouernador, nem em húa fortaleza cõ tão pouca artelharia, & muito pouca gente, que ainda que auia setecentos homés de rol, sómente os duzentos estauão bem armados pera pelejarem, poré dos outros os trezentos erão espingardeyros, que assi o achou polo alardo q' fez. E depois ajuntados os fidalgos & pessoas principaes q' estauão na fortaleza pa repartir por eles as estancias que auia de fazer lhes disse. Ex aquy senhores o tépo em q' auemos de poer diante seremos Portugueses, & vindos a estas partes a seruir a Deos & a el Rey nosso senhor, porque o contentamento de se offerecer couisa em que possamos alcançar o que pretendemos, nos fara facilmente passar todos os trabalhos que se nos deuem representar do muito aparato de gente & artelharia q' tão perito denos temos. Eu demí digo, q' estou tão confiado em nosso Senhor, & nestes bós desejos, & na companhia com q' me achio, que tenho por muy certo, que não sómente auemos de defender esta forta-

leza a estes infieys, mas ainda os auemos de desbaratar & alcançar deles illustre vitoria. E porque tenho bem entendido q' nesta confiança não faço auentagé a nhū dos que aqui estão, não lembro as grandes obrigações q' todos temos pera ter estas esperanças, nem as muitas vitorias que nos Deos por sua bôdade tem dado nestas partes contra estes seus & nossos ímigos. E logo tratou de repartir as estâncias da fortaleza da maneyra seguinte. A Gonçalo falcão deu a goarda do baluarte sam Thome, & no pano do muro q' se começa neste baluarte & vay d'reyto ao baluarte de Santiago (que fez Garcia de Sá) ordenou tres estâncias, de q' forão capitães, Manuel de vascôcelos juyz da fandega, natural da ilha da Madeyra, Francisco anríquez tesoureiro dalfande ga, & Antonio foreyro escriuão da fortaleza, & no pano do muro que corria do baluarte de sam Thome ate o postigo, pos duas estâncias, de que forão capitães, Rodrigo de proença, & Fernão peleja, escriuães da feitoria, & no baluarte Santiago, deixou por capitão como esta ua Gaspar de sousa, & no pano do muro que sae deste baluarte & corre ao longo do rio ate as casas dele mesmo Antonio da silueyra por ser alio muro delgado q' ficara do tépo de çoltão badur, & era li-  
gar de grande perigo ho deu a Lopo de sousacoutinho que o goardasse, dizendo  
lhe logo o porq' lhodava, no q' mostrou ter nele grande confiança como tinha,  
Em outra estancia que fez na feitoria ve  
lha, pos por capitão o feitor Antonio da  
veiga, a capitania do baluarte da coyraca  
que entraua no mar, pos por capitão a  
Fernão velho filho do Alcayde mór, &  
por ser o lanço peqno lhe não deu mais  
de vinte

de vintecinco homens pera sua cōpanhia: a capitania do baluarte da barra, que tão bem chamão do almazem, deu a Francisco de gourea, q era capitão mór do mar: No baluarte do mar ficou Antonio de Sousa de Lamego como estaua. No pano do muro que vay ao longo delongo da costa bravia, por ser muyto forte, & nam se poder por alireceber danno, não teue mais necessidade quede vigias, porq não fugissem por alios escauos, & descobrissem aos imigos o que ya na fortaleza, & Antonio da silueira ficou por sobre salente com a sua gente pera acodir aos lugares necessitados de socorro, & pera roldar as estancias: & mandou aos casados que vigiassem a casa da poluora, porque lhe não posesiem os escauos fogo, & assi a cilterna, porque lhe não deytassem peçona. Isto ordenado, logo os capitães das estancias começaram de se fortalecer onde era necessário, trabalhando com os de suas capitania sem descansar, porque os immigos os nam tomassem desapercebidos.

#### CAPITULO CXCVII.

Do que acontecece aos Portugueses com setecentos Ianiceros que desembarcaram em Diu.

**C**ogeçofar que naturalmente queria mal aos Portugueses por os ter por imigos, & por nūca leuar deles o melhor em quanto lhe fez guerra, estaua muito ledo com a vinda dos Turcos, porque afora lheser inclinado pola criação que teue coeles, parecialhe que ho auiam de vingar dos Portugueses tomádolhe a fortaleza, & destruyendo de todo, assi os que estauam nela, como per toda a India, & por isso desejava muy-

to de os ajudar, & engrandecia muyto sua armada a Alucão, depois que se vio com coleymão baxá em Mangalor: E sem nenhua vergonha lhe cometeo que fizessem chamar no alcórão de Diu por rey de Cambaya ao Turco, como lhe coleymão rogara que fizesse, o que Alucão nam quis fazer, espantandose muyto da deslealdade de Cogeçofar, tendo recebida tanta honra & merce em Cambaya, & querer fazer tamanha treyçao a el rey & ao reyno, & disse que nam auia de ter nūha amizade com coleymão nem com os Turcos, porque sabia bem quam má gente eram, & se ele a ouuesse de ter, que nam estaria maisem sua cōpanhia: & Cogeçofar dissimulou coele. E como coleymão surgiu o foy visitar, & disselhe o que achara em Alucão, a cerca de sua amizade, porem que ele oscreria com a gente que tinha, atee morrer em seruço do Turco & seu, & deulhe informação do sitio da fortaleza, fizédoa sempre cousa muyto facil de tomar, & depois se tornou pera terra. E coleymão por animar os Guzarates, ao outro dia que foram cinco de Setembro, mandou desembarcar setecentos Ianiceros que sayram com suas cabayas deles de borcado, outros de cetins carmesins, & doutras cores lustrosas, & nas cabeças hūschapeos de feltros feytos como çaladas antigas, (que os fazem conhecer por Ianiceros antre a outra gente,) & eram todos guarnecidos & orlados douro & com ticas plumas, & estes eram todos frecheyros & espingardeyros: & assi como desembarcaram, fizeram ho caminho pera a

fortaleza, poendo as mãos nos bigodes que cles tem por grande fero & assioutras rebolarias que costumam per serem de seu natural muyto soberbos. Os de Cá baya espantados de tamanha ousadia os seguiram, cuydando que auiam logode subir ao muro, & eles nam o fizeram assi, mas meteramse polas casas que forão dos Portugueses, que estauão darredor da fortaleza pera as roubarem, ao que Antônio da silueyra acodio, mandandolhes tirar ás espingardadas, com que foram mortos cincuenta, & eles mataram sete dos Portugueses & ferirão vinte, mas como recebião mayor dâno nam quiseram yr mais por diante, & afastarão se dando-lhes os Portugueses grandes apupadas, q̄ elestem por grande injuria: E Alucão q̄ conhecia muyto bem os Turcos & sua pouca verdade, & mais pelo q̄ lhe Coge çofar cometeo da parte de çoleymão, nā quis coeles nñhū amizade, & por isso nā quis estar alimais, & partiose aquela tarde pera Nouaguer cō seys mil homés, q̄ dos de sua cōpanhia nā quiserão yr mais coele por induzimento de Coge çofar cō quem ficarão, que com os seus fazia treze mil: E em Nouaguer esteue Alucão todo o tempo que durou o cerco da fortaleza, & dahi escreuo a el rey de Cambaya o q̄ lhe Coge çofar cometera da parte de çoleymão, pelo que se fora pera Nouaguer: E el rey lhe respondeo que fizera muyto bem, mandádolhe que nā desse nenhū mantimentos aos Turcos & defendesse q̄ lhos nā leuasssem, & assio escreuo a todos seus capitães comarcões de Diu, que o compriran muy bem, & nunca el rey

de Cambaya quis mandar o contrayro, por mais cartas que lhe çoleymão escreueo sobrisso: o que he de crer que quis nos so Senhor porque os Túrcos fizessem tā pouco como fizerão contra os nossos, de que soy grande causa o pouco fauor que acharão nos Guzarates.

## CAPITVLO CXCVIII.

De como çoleymão baxaa se soy ao rio de Madre fabaa pera mandar calhar sua artelharia sobre eu-  
berga pera bater a fortaleza de Diu.

Como soy noyte deram os Turcos mostra de sua espingardaria, & em elles acabando a deram tambem os Portugueses per mandado Dantonio da silueyra, porque soubessem os Turcos q̄ auia quem lhes resistisse, & tiraram todos hū & hum, & como eram trezentos deteueramse ham bom pedaço em tirar, & em acabando deuse mostra da nossa artelharia desparando cada peça per si, & apos isto tangeram as trombetas, & depois derão os da fortaleza grandes gritas, de que se os Turcos agastaram muyto, principalmente çoleymão, quena mostra que os Portugueses fizeram conhecendo que era gente de feyto, poré dissimulou, & depois disto tudo ouirão os da fortaleza dizer de fora em altas vozes, portas, pedras, & isto por algúia vezes, no q̄ pareço q̄ dizião aos Portugueses q̄ tapasse com pedras as portas da fortaleza, do que Antonio da silueyra tinha muyto bom cuidado, & nam era necessário lembrarelho. Ao outro dia, que foram seys de Setembro, começou de ventar Sul, que por ser traucissam onde stava a armada dos Turcos fez algum reçeo de tormenta a çoleymam, mas acalmou logo.

logo, & quis nosso Senhor deyjar a man-  
tança dos Turcos pera os Portugueses. E  
determinando çoleymão de tomar a for-  
talezapor conselho de Coge çofar, se foy  
ao río de Madrefabá pera hí calhar sua ar-  
telharia sobrecuberta que trazia abatida,  
& porque nisto se auiaõ de gastar algúns  
dias, não o quis mandar fazer no porto de  
Diu, porque o não destruyisse a artelharia  
da fortaleza: E como seu fundaméto era  
tomar primeyro ho baluarte da vilados  
Rumes que a fortaleza, mandou a Coge  
çofar que ficasse preparando as couisas ne-  
cessarias pera se bater, & deyxou lhe qui-  
nhentos Turcos que o ajudassem debai-  
xo da capitania de Mahmudebeque, &  
ele se partio pera Madre fabá sabado sete  
de Setembro, & ao entrar norio se lhe per-  
derão quatro nauios decarrega, carrega-  
dos de mantimentos & munições, que  
lhe depois deram grande perda: & a pri-  
meira couisa que çoleymão fez, foy má-  
dar desembarcar tres basaliscos & outros  
tiros que mandou a Coge çofar per A-  
brahembeque com quinhentos Turcos,  
& por ser ho caminho comprido & em  
muytas partes darea solta, não pode yr  
mais que hum dos basaliscos com as ou-  
tras peças que foram leuadas a Diu, on-  
de Coge çofar & Mahmudebeque an-  
dauam occupados em fazer as trinchas,  
bustiães, repayros, & mantas de que ti-  
nham necessidade pera as baterias que es-  
perauam de dar ao baluarte & á forta-  
leza, & com tudo nam deyxauam deti-  
rar aa fortaleza muytos tiros perdidos  
com a artelharia, desque amanhacia até  
ho quarto da prima rendido, & assi có

espingardas com que lhe tiraúá cada dia  
bê dez mil tiros, & os mais deles empre-  
gauão na ygreja que estaua em hú alto &  
parecia de fora, & assi húa rua pubrica q  
atrauesiaua por diante da porta principal  
& por ser passagcm de gente, & assi por  
amor da que entraua na ygreja q os ími-  
gos vião fazião ali os seus tiros, mas nesso  
Senhor goatdaua os Portugueses, posto  
que as espingardadas lhe yão zenindo pe-  
las orelhas, & coisto erão brauaméte atro-  
mentados, & sofrião muyto grande tra-  
balho repayrando todos o que era necessá-  
rio repayrarse na fortaleza, s. de brando as  
ameas dos baluártes na grossura do muro  
de pedra & barro, & fazendo mantas &  
derribando aspontes da porta da fortale-  
za & do postigo, & tapádo as portas den-  
tulho de pedra & terra, & na coyracha foy  
feyto hú contra muro, & na estancia de  
Lopo de souza coutinho, se fez húa tran-  
queyra de madeyra, & por dentro húa  
estacada tecida, & todos trabalhauam  
nestas obrassem auer deferéncia de pessoas  
cada capitão na obra que fazia em sua es-  
tancia com a gente dela, & todos a qual  
mais esforçado sem mostrar nhú cásaco.

## C A P I T . C X C I X .

De hú ardil com que Coge çofar quisera fazer  
muyto mal aos Portugueses, & de como  
lhe atalhou Francisco de Gouuea  
capitão moor do mar  
de Diu,

**D**eterminando Coge çofar, Abrahé  
beque, & Mahmudebeq, de fazer  
aos Portugueses quâto mal podessem fa-  
bricarão húa machina de guerra em húa  
albetoça doy tenta couados de comprido  
que forá de çoltão badur, & por sua gran-  
deza nam podia nauegar, & estaua vara.

da, & acrecentando esta em altura a fizerão quasi tā alta como o baluarte do mar ou da vila dos Rumes, & feyta a manda-rão encher delenha, salitre, enxofre, & al-catrão que fizesse tudo grandefumaça, & poer no meodo río amarrada com qua-tro ancoras, duas de montante & duas de jusante, porque esteuisse mais segura até serem agoas viuascó que podesse nadar, porque por seu grande peso o não podia fazer com agoas mortas, & isto com de-terminação de a encostarem ao baluarte da vila dos Rumes & darem lhe fogo pe-ra que com o fumo fizesse grande nojo aos Portugueses, ou tambem pera que fa-cilmente os podessem cóbater, o q se ouue-ra effeyto lhes fizera muyto mal: & con-considerando isto Antonio da silueyra, pera lhe atalhar, lhe pareceo bem queymar se esta fabrica antes que viesssem as agoas vi-ñas, sobre o que fez conselho no baluarte sam Thome com os capitães das estan-cias, a quem propos o caso & pedio seus pareceres de como se queymaria aquele edificio & por quem: & Fráscico de gou-uea capitão mór do mar que estaua pre-sente, & por seu offcio lhe pertencia fazer aquela queyma, disse a Antonio da silueyra primeyro que ninguem votasse, que ele podia praticar o modo que se auia de ter em se queymar aquela nao, porq qn̄ o auia de fazer ja estaua certo ser ele Fráscico de gouuea, & que sua merce & to-dos aqueles senhores vião muyto bem o seruiço que fazia a el rey de Portugal, & o perigo que corria em o fazer. Antonio da silueyralhe disse que todos serião tes-temunhas disso & da merce que merecia

em o fazer: & ordenouse que aquela noy-  
te fosse Fráscico de gouuea no catur de  
Miguel vaz, que era ja vindo de Coa, &  
fossem coele Bertolameu fernandez, &  
Bastião diaz capitães de dous catures, pe-  
ra que todos tres juntamente posessem o  
fogo com panelas de poluora, & que os  
que ouuessem dir nos catures f. ss. m. espin-  
gardeyros, pera que se defendessem dos  
ímigos se lhes fosse necessário: Isto assen-  
tado, como foy bem noyte partiu se Fran-  
cisco de gouuea a fazer a obra q. lhe era  
encomendada, & com quanto fazia escu-  
ro, como o río era estreyto foy logo sen-  
tido dos inimigos que vigiava na borda  
delle, que em o sentido despararam sua  
artelharia que tinhā assentada por aque-  
la parte: & quanto maistudo estaua cala-  
do, tanto mais espantoso foy ho supito  
estrondo da artelharia & a grande fuma-  
ça que se leuantou, & assi como a artelha-  
ria jugaua de presa, assi os remeyros dos  
catures apertauão o remo com tanta for-  
ça que parecia que voauam, & coesta di-  
ligencia ajudandoos nosso Senhor se es-  
capulirão de tamanha soma de pelouros,  
& forão pegar com aquela machina q̄ pa-  
recia húa muyto alta & grande torre, em  
que estauão obra de vinte mouros em sua  
gaarda: E em Fráscico de gouuea & os  
outros aferrado cō a nao, arremessarálhe  
detro muitas panelas de poluora & ro-  
cas, & outros arteficios de fogo que se pe-  
gou logo ao alcatrão & aos outros mate-  
riaes, & começando a labareda de se le-  
uantar, derão os mouros consigo nagoa  
com medo da morte, de quenam po-  
derão escapar aos nossos que os mataram  
nagoa,

nagoa, & Francisco de gouuea & os dos outros catures esteuerão sobre o remo ate que o fogo que poserão se ateou de manci ra que não se podia apagar, o que foy feysto com muyto grande perigo dos que estauão nos catures, por serem em todo este tempo tão bastas bombardadas & espingardadas que os mouros tiraúão, que milagrosamente escaparão os Portugueses: E queymada a nao de todo, tornouse Francisco de gouuea com o mesmo perigo, & por este feysto que fez ficou muyto louuado.

## CAPITVLO CC.

De como soube ho Gouernador que estauão os Turcos no porto de Diu.

**S**Abido pelo Gouernador como o leymão baxá estaua coni sua armada no porto de Diu, receouse que passaria a Goa & açercaria, & porque coissoto lheria yrem mantimentos a Goa, determinou de se prouer primey roda terra firme, & por conselho de Fernão rodriguez de castelo branco vedor da fazeda, mandou hui embaixador a Açadacão com a noua dívida dos Turcos, pedindolhe muyto que não fizesse gente com receo deles, & q assi o mandasse dizer aos capitães do Daqué, porq ele lo queria tomar o trabalho delhes resistir, pera q soubessem quão bo vezinho tinhão nele: E coeste embaixador foy quē comprasše māntimentos dissimuladamente & os mādasse a Goa, & assi se fez: & Açadacão folgou muyto coesta embayxada, & agardeceo ao Gouernador o q lhe mandou dizer. E em quanto se o gouernador apercebia peta yr socorrer Antonio da silueira, lho mādou dizer por Fernão de moraes, com q

forão obra de vinte soldados escolhidos, & em Chaul se ajuntou có Pero vaz guedez, q Symão guedez de souza capitā da fortaleza mandaua també có poluora & munições, & entrarão ambos no porto de Diu por estar despejado dos Turcos, néforá vistos de Cogefosar por ser de noite, & Pero vaz se tornou a Chaul, & Fernão de moraes nā fez outro táro porlhe Antonio da silueira requerer q ona fizesse: & dali a dous ou tres dias foy hui anoyte à fortaleza Frásciso pacheco capitā do baluarte da vila dos Rumes, dizēdo que queria fazer testamēto & descarregar sua alma: o que sabēdo o feystor Antonio da veygalhemādou requerer que pagasse a el rey certa somade dinheiro q lhē deuia, do q se ele ouue por muyto injuriado & se agrauouido feystora Antonio da silueira, de q se agrauouido porlhe dizerem q era bém q pagasse o q deuia, q lhē engentou a capitania do baluarte, & por Antonio da silueira ficar disso agastado se lhe offereceo Lopo de souza coutinho pera a capitania, quando Frásciso pacheco anā quisesse de todo, & isto por ser uirel rey có quāto o perigo estaua muy certo, mas nā foy necessario por Frásciso pacheco tornar a tomar a capitania, & Antonio da silueira dissimulou este desacatamēto por ser o tempo que era. E nesta conjunçā apareceeo ao mar hui nā da conseruar dos Turcos que ya carregada de māntimentos, & leuava trezentos homens, os mais de peleja, & permandado Dantonio da silueira a foy re conhacer Miguel Vaz no seu catur em que leuava douos berços, & quinze espingardeyros:

S uj &

& chegando á não que estaua surta pera auer fala dela, os mouros lhe tirarão com a arrelharia & muitas frechadas, & assi se coineçou a peleja que durou ate a tarde que veo a viraçao, com que os mouros levando ancora forão varar na terra firme da banda da enseada, & Miguelvaz a seguió até lhe sayrem dous bargantins de Turcos que vigiauão o mar, & por nam ter poluora nem pelouros não quis coles nada, & se soy leuando dous feridos, dey- xando mortos & feridos dos mouros cę- to & cincuenta, segundo se soube.

## CAPIT. C C I.

Do que fez Vasco pirez de Sampayo em Bégala.

**T**OMADA a cidade do Gouro por Xercansur, como disse atras, esca- parão muito malferido tres Portugue- ses que estauá com elrey de Bengal, A- sonfovaz de Brito, Diogo ferraz, & Ioão adão, & forão se a Chetigão pera Nuno fernádez freyre: Esabido la como o Gou- ro era tomada, & elrey de Bengal fugi- do, alcuâto se grádecótenda antre dous senhores mouros vassalos del rey de Ben- gal, Codauazcão & Amazarcão que es- tavao em Chetigão sobre qual seria se- nhor dela, & Nunofernádez os concer- tou, & ficou Amazarcão: Enisto chegou a Chetigão per mandado de Xereansur hū capitao Patane por Nogazil, q̄ he co- moregedor, & tomou posse dela pacifi- camente: & dizeu dolhe Nuno fernádez os officios q̄ tinha em Chetigão por pro- uisão do rey que forá de Bengal, & ele disse que osteuesse, porque Xercansur fol- garia muito coiço, & lhe faria ainda ma- yores merces que aquelas por ser muito

amigo dos Portugueses, & estando nisto chegou Vasco pirez de Sampayo com a armada que disse, com o que Amarzacão & outros senhores Bégala folgará muy- to, & acordarão todos que pois leuaua tā- ta gente quelhe requeresse q̄ que préde- seo Nogazil de Xercansur, & tomasse a cidade com voz de ser pera elrey de Bé- gala, porque todos o ajudarião: & se el rey tornasse como esperauão que ficaria a cidade pera elrey de Portugal, & senão que mádaria recado ao Gouernador q̄ o socorresse pera sostener a cidade, & assi lhe mandarão pedir por Nuno fernádez scri- re que lhe conselhou que o fizesse, porq̄ ficarião os Portugueses em grande cre- dito naquela terra, o que Vasco pirez nā quis fazer, dizendo que poisa terra es- tava assi, q̄ queria fazer sua fazeda & yrse, & mandouse escusar a Amarzacão pe- las mais honestas rezões que pode, dádo- lhe esperança que prenderia ainda o No- gazil, rogádolhe que o não prédeesse sem seu recado, & ele lho prometeo: E neste tempo chegarão os Mogores ao Gouro, não estando hi Xercansur que era ydo a poer em saluo o tesouro del Rey de Be- gala: & sabendo se em Chetigao a vindâ dos Mogores, pareceo aos Bengalas que o seu rey era tornado (pelo que soy em to dos grande aluoroço.) E Amarzacão ve- do que Vasco pirez não quisera prender o Nogazil, não se fiou dele pera lhe di- zer que o prendesse, & quisque fosse pre- so por seu mádado, assi por ganhar nisso honra, como por alegar aquele seruço a elrey de Bengal, & secretamente man- dou hū capitão cō quinhentos Bengalas frechey-

frecheyros & espingardeyros que pren-  
dessem o Nogazil, que supitamente lhe  
cercarão a casa & o tomarão desaper-  
cebido pera não se defender, que quando se  
viu assimandou chamar Nuno fernan-  
dez que lhe valesse, & que antes queria  
ser preso dos Portugueses que dos Ben-  
galas: E Nuno fernández por auer perigo  
na tardança não deu cota do caso a Vas-  
co pirez que estaua na frota, & foyse a  
casa do Nogazil, & quando os Benga-  
las o virão, derão húa grande grita no-  
meando el rey de Bengala, & por lhe te-  
rem grande acatamento o dey xaráo en-  
trar onde estaua o Nogazil com hum seu  
irmão em poder de certos Bégalas que  
ostinhão presos, que ele fez afastar, & sa-  
bendo do Nogazil que queria ser antes  
preso dos Portugueses que dos Benga-  
las, disselhes a parte que Amazarcão ná  
era bem conselhado em prender o No-  
gazil daquela maneira, que ouuera de  
mandar algúis officiaes dalfandega, a que  
o Nogazil tinha tomado dinheyro de q  
ouuera de saber quanto era, & mandalo  
escreuer, & depois proceder contele: o  
que parecēde bem ao capitão que tinha  
preso o Nogazil, mandou dizer a Ama-  
zarcão o que dizia Nuno fernández, que  
tambem mandou logo húe escrito a Vas-  
co pirez, em que lhe contaua o caso pe-  
ra que acodisse logo: & ele mādou Frá-  
ncisco de barros de paiuaco cincuenta es-  
pingardeyros, que em chegando ás ca-  
sas do Nogazil começarão de tirar, pelo  
que os Bengalas fugirão & o seu capitā,  
& Francisco de barros tomou o Noga-  
zil & o leuou a Vasco pirez, que o teve  
preso bem seys meses, & depois o dey-  
xou fugir por pevtas que lhe deu: E está  
do assia a cousa, forão ter a Bengala ses-

senta Turcos em húa galeota que se a-  
partarão na partida Dadem da armada  
de coleymão baxá, & passando por Pegu  
deytarão fama que o Gouernador & os  
Portugueses erão mortos polos Turcos,  
& dando a mesma noua em Bengala, fo-  
ráose meter em hum rio quatro legoas  
de Chetigão: O que sabendo Vasco pi-  
rez, mandou Francisco de barros de pai-  
ua na sua fusta, & algúis calaluzes com gé-  
te pera q tomasse a galeota aos Turcos,  
que se defendearão tambem que o fizerá  
afastar, & logo vararão a galeota, & fize-  
rão húa tranqueyra em q assentearão qua-  
torze bombardas que tinhão, & estando  
alicatiuarão tres Partigueses a que derá  
muytos tormentos, ameaçando os ou-  
tros que os aião denforçar. E Vasco pi-  
rez com quanto tinhā muyta gente nū  
ca quis vingar esta injuria, nem tomar os  
Turcos, o que poderia bem fazer, né me-  
nos quis dar ajuda a Nuno fernández frey-  
re q lha pedio pera yr defender húa noua que  
tinha carregada de fazenda, q  
soube que os Turcos querião yr tomar:  
o que vendo Diogo rabelo o foy ajudar  
com quinze Portugueses que andauão  
na sua fusta, & Antonio de Melo leiuou  
cinco no esquife do seu nauio, & Nuno  
fernandez em húi paraão, & chegados a  
galeota não a poderão aferrar por desaf-  
tre, & ná por lhes faltar coraçā, & os Tur-  
cos lhe matarão seys Portugueses & feri-  
rão os outros, & húi foy Nuno fernández,  
& depois deu Christcão douria de supi-  
to com os Turcos em outro rio que cō  
medo saltarão ao mar & fugirão, & Chris-  
touão douria tomou a galeota com a ar-  
telharia & com muyta riqueza que ti-  
nhão, & Vasco pirez inuernou em Ben-  
gala sem fazer mais que o que digo, &  
S. iiii depois

depois foyse a Ptgú onde faleceode doca: & assi perdeo el rey de Portugal esta cidade de Chetigão, que se podera sostener com pouco trabalho, por Xercansur andar ocupado em sua conquista, como disse a tras.

## CAPIT. CCIII.

De como Antonio galuão refez a fortaleza de Ternate.

Partido Jorge mascarenhas & os outros da ilha de Ternate, que Antonio galuão ficou desapressado, entendeo logo em refazer a fortaleza que estaua tam danificada, que a fez quasi de nouo, & mandou fazer dentro casas pera poussaré Portugueses, & tulhas pera ter mantimento d'us d'us annos pera outros, porque se lhe sobreuiesse guerra que esteuesse prouido deles, & não auendo guerra os dar a gente em desconto de seu soldo & mantimento. E assi fez a casa da feitoria de pedra & cal com tulhas pera estar o crauo, & mandou fazer hua cerca de taypa, & junto coela mandou fazer a casa da ferraria de taypa que dantes era de sebe, & assi era a casa da poluora que mandou fazer de taypa desfronte da portada fortaleza, porque lha não furtassem os escrauas quando a fazião. E porque os Portugueses gastauam muito em refazerem cadanho as suas casas, que era de paredes de canas fendidas, fez coelos que as fizessem de pedra & cal, com suas janelas & chaminés como em Portugal, & que se cercassem de muro de taypa, o que fizerão a sua custa sem custar a el Rey nada: E quando foy ao abrir dos aliceges pera esta cerca, el rey de Ternate deu as primeiras enxadadas por amor D'antonio galuão, & a posele o çamarao & qu

trois fidalgos, & Antonio galuão os banqueteou aquele dia, & el rey lhe deu géte que trabalhasse nesta obra, & a fora este muro forá feytos ainda outros dous, por que ficassho resio darredor da cerca em campo raso, porque nas outras cercas ficaua a terra mais alta que elas: De maney ra que tinha a cittadetres cercas, & a deradeira tinha seus baluartes & era cercada de caua que ficaua muyto forte, & a el dade muyto fermola com muitos polos dentro & parreyras que Antonio galuão ali leuara, que estauão todo o anno verdes & com fruyto, que assi he a qualida de da terra. E fez com el rey que desse aos Portugueses terras que laurasse & prantasse aruores, em que fizerão quintaás, em que trazião criações de galinhas, porcos, cabras, & ouelhas, que parecia o campo de Sataré: E pera a terra ser melhor regida, fez almotacés & vereadores. E porq a entrada no porto da cidade era trabalhosa & perigosapor amor d'um penedo q estaua no meo da barra de nossa Senhora que era a principal, mandou quebrar este penedo, & ficou a barra tão boa que d'os dantes não podia entrar hua coracora sem muyto tento, entraua & saya hua nauio à vela sem payxão, & mandou aleuantar tanto o arrecife que ficaua o porto como hua caldeyra sem o mar fazer nojo aos nauios que estauão dentro por mais brauo q andasse, & carrou as outras duas barras. E vendo el rey de Ternate a fermosura da nossa cidade, creceolhe cobrça de fazer assi a sua, ao menos nas casas, & por seu rogo lhe ordenou Antonio galuão como auia de ser, & ficou a cidade atru-

ada

ada & muyto mayor do que era, do q̄ os mouros estauão muy contentes: & porq̄ a sua mezquita ficaua padrasto da nossa fortaleza a mandou el rey meter dentro na sua cidade. E assicom̄o se ennobreceo esta cidade de Ternate, se ennobreceram outras q̄ parecião povoações Portuguesas. E pa a nossa cidade de Ternate ficar de todo nobre, trouue Antonio galuão agoadali tres legoas a hum grande chafariz que fez junto da fortaleza de que bebia a gente, & em que bebião gados, & lauauão a roupa, & da agoa que so bejaua regauá ortas & pomares, assi dos Portugueses como dos mouros, que dali por diante a seu rogo deixarão a vida da guerra que tinham, & derãose a laurar & a semear & a criaré gados, com q̄ a ilha ficou grandemente abastada. E Antonio galuão por pagar a el rey de Ternate quātas boas obras lhe fizera, o tirou da fortaleza onde estaua como preso & o deixou yr pera a cidade pa hūas casas q̄ fez muy suntuosas, & lhentregou a gouernâça de seu reyno pera que liuremente o gouernasse, & lhedeu licença pera q̄ casasse, ho que os reys daquela ilha não fizerão mais depois que alí foy feita a nossa fortaleza & estauão como catiuos, & por esta liberdade que Antonio galuão deu a este rey, lhe ficou ele & seus vassalos em tanta obrigaçāo q̄ ele & eles lhe tinham tāto acatamento como que se fora pay de todos & assi lho chamauão, né o nomeauá por outro nome, nem fazia el rey né nhū Mandari couisa q̄ lho não dissessem primeiro & não tomassem em tudo seu cōselho, & fazia em seu louuor muytascātigas. E assi como os mouros lhe queria bem polas boas obras que lhe fazia, assi lho queriaõ tāobé os Portugueses, porq̄

lhes fez pagar muytas diuidas que lhes os mouros deuião auia annos, & nhū capitão teue poder pera lhas fazer pagar, & os que adoecião, ele os curaua á sua custa, por el rey não ter cō q̄ os curassé, & se ele não fora, todos morrerão de fome, q̄ emprestou a el rey com q̄ lhes pagasse o māntimento, no q̄ perdeu muyto, porq̄ cō empregar o seu dinheiro nisto, não fez nunca sua fazenda, & dous annos teue este trabalho & gasto, porq̄ em todo este tempo nunca os gouernadores nem o vedor da fazenda mandarão roupas á fortaleza pera se a gente prouer de mantimentos.

## CAPITULO CCIII.

De como no Morro se leuantou hū capitão, & de como foy morto, & do mais q̄ passou.

Andando Antonio galuão ocupado nestas couisas soube que no Morro se leuantara hū capitão que afora leuátar a terra, & trazia por mar hūa grossa armada com que andaua tão soberbo q̄ dia que auia decorrer a Ternate: o q̄ sabido por Antonio galuão mandou logo lá hūa armadade corascoras que lhe emprestou el rey de Tidore, & mandou por capitão mōrdela hūa clérigo de missa que auia nome Fernão vinagre com coréta Portugueses, que foy lá, & pelejou com aquele capitā, que foy morto na batalha & hū seu yrmão, & outros muytos, & a outra gente fugio. E depois desta vitoria assentou Fernão vinagre a terra, & fez rebautizar muytos que forão Christãos, & fez muytos de nouo, & leuou a armada carregada de mantimentos. E vendo Antonio galuão quāobem aquilo sucedera, & os Christãos q̄ se lá fizerão, tornou a mandar Fernão vinagre, q̄ ainda fez mais Christãos, cujos filhos leuou a Antonio galuão por seu mandado pera

os mandar d'outrina na noſſa ſancta fee, & mandaſos iſſinar a ler & a escreuer, no que taobé gaſtoſi muyto, & aſſi em dar peças a ſeus payſ quádo o yáo ver, porq̄ coiſto os tinhā ſeguros na Chriſtandade & na amizade, & eſte fo y hú grande ſeruiço que fez a Deos & a elrey, porq̄ aſſo rra os muytos Chriſtáos que ſe fizerão & permanecerá, ganhouſe leuaré dali muytos mantimentos a Ternate, cō q̄ a terra eſteue mais barata do que nūca eſteue. E depoſis diſto ſabendo Antonio galuão que nauegaua pera Malico húa groſſa armada de jungos da Iaoa, Báda, Macaçar, & Amboyno, que ya buſcar erauo, a cujo trato eſperauão de dar muyta artelharia, & armas que leuauião como dantes faziaõ, & por eſta gēte nā yr ás ilhas de Maluco donde depoſis ſerão maos de deitar, & farião toruação em ſe auer ho crauo pa elrey, determiñou de lhes impediſſa vinda, pera o q̄ mandou a Amboyno Diogo lopez dazeuedo capitam mór do mar de Maluco, cō húa armada de vinte cinco corascoras & duzentos mouros que lhe empreſtou elrey de Ti dore, emq̄ fo y ſeu yrmão Cachil rade, & Diogo lopez leuou coréta Portugueses, & duzétoſ Ternates. E chegado a Amboyno, achou a frota que digo com que pelejou & a desbaratou & fez fugir & deſfaſer com morte de muytos dos que yáo nela, & em algúſ jungos que ſe lhe redērão, achou muyta artelharia, muytas armas, & muyto dinheiro, & dali fo y ao lógo da costa com ſua armada, & aſſentou amizade em toda ela, & os q̄ a não q̄rião por bem, fazialha receber pormal, & em tres lugares principaies que ſe chamão, Atiua, Mantelo, & Nuciuel, fez faſer os ſeus moradores Chriſtáos, pedindolho

elos com gráde iſtácia. E aſſi ſe tornou pera Ternate leuando hú yrmão del rey de Ternate que la eſtava fugido, do tépo de Trifão datayde, & Cachil vaidua do tempo de dom Iorge, & aſſi outros do povo. E tao bem neſta cojução mādou Antonio galuão a ſeu ſobrinho Ioão fo gaça cō húa armada ás ilhas dos Papuas a buſcar ás duas naos de Castelhanos q̄ diſſe, por ſaber que erão lá lançadas, mas não aſachou por ſerem perdidas, & deſcobiſſo a quelas ilhas & aſſentou amizade com todos os reys delas, que mandarão a armada carregada de mantimentos a Antonio galuão. E neſte tépo forão ter a Ternate douſ yrmãoſ Macaçares de nação, que eſtão em Ternate & ſendo gétiſos, iſpirados de noſſo Senhor ſe fizerão Chriſtáos, & fo y ſeu padrinho Antonio galuão, cujo nome tomou o mais velho & o mais moço ouue nome Miguel galuão, q̄ bautizados ſe forão á ilha do Macaçar donde erão naturaeis, & dahi tornarão a ver Antonio galuão, cō húa armada carregada de ſandalo & algúſ ouro & armas, & outras imercadorias, q̄ diſſerão a Antonio galuão que auia na ilhas do Macaçar & dos Celebes, onde folgarião muyto de teré trato com os Portugueses, & ſe li fossem ſe farião muytos Chriſtáos, & pera o ſerem vinhão algúſ mancebos fidalgos, a quelogo fo y dada ago de bautiſmo. E ouuyendo Antonio galuão as nouas deſta terra folgou muyto, aſſi por ſe alargar nela a fee de Chriſto, como pa os Portugueses faſeré ſeu proueito: & logo ordenou de mandar li húa caualeiro chamado Franciſco de craſto caſado, homé muyto pera iſſo, a q̄deu hú regimento que aſſentasse amizade cō os reys daq̄las terras, & traſbalhasse por ſetor-

Se tornaré Christáos, pera ho que lhe deu  
muytas peças quelhes desse de presentes,  
& que tudo fosse por bem. E despachado  
Francisco de crasto partio de Ternate em  
Mayo, & aos vinteseis de Iunho chegou  
a húa jlha dos Celebes chamada Chedi-  
gão, que está em doze graos & dous ter-  
ços, cujo rey & pouo erão gentios, & as-  
sentou logo amizade com el rey vendose  
no mar, & ambos se sangrarão nos bra-  
ços, & hū bebeo ho sangue do outro, &  
dahi a poucos dias se fez el rey Christão,  
muyto contravontado dos do seu conse-  
lho, & foylhe posto nome dom Fráscico,  
& foy bautizarse dentro ao nauio, q̄ não  
quis Francisco de crasto yr a terra, & assi  
sefizerão Christáos tres yrmáos del rey &  
sua molher & hū filho, & cento & trinta  
fidalgos, & muytos do pouo. E passados  
vinte dous dias que Francisco de crasto  
gastou nissos partiose, deixando em todos  
muyta soydade, & dali foy ao longo da  
jlha de Mindanao, & chegou a hum rio  
onde staua húa cidade chamada Soligão

cujo rey se fez Christão, & foylhe posto  
nome Antonio galuão, & coele recebeo  
agoa de bautismo a Raynha & duas fi-  
lhas, & bē cento & cincoenta pessloas ou-  
tras. E depois se fizerão na mesma jlha  
Christáos elrey de Butuão, a que chama-  
rá dom Ioáo o rey grande, & rey de Pi-  
milara que tāobem se chamiou assi, el rey  
de Camiguy a q̄ poserão nome dō Fran-  
cisco. E assi receberão agoa de bautismo  
suas molheres, filhos, & yrmáos, & muy-  
ta parte de seus vassalos, assi dos nobres,  
como do pouo. E querendo Francisco de  
crasto passar destajlha á do Maçacar, foy  
lhe o vento tão contrayro, que milvezes  
esteue perdido, pelo que os que yão coele  
não quiserão que passasse por diante, &  
o fizerão tornara Ternate, leuando muy-  
tos filhos daqueles que se tornarão Chri-  
stáos, palhe ser insinada a doutrina chri-  
stáa & a nossa lingoa, o que Antonio gal-  
uão fazia com grande cuydado, & oscri-  
aua como filhos.

L A V S D E O.

Foy impresso este Octauo liuro da historia da India em  
a muyto nobre & leal cidade de Coimbra, por  
Ioão de Barreyra impressor del Rey  
na mesma vniuerfidade. Aca-  
bouse aos vintaseys dias  
do mes Dagosto de  
1561. annos.

TIAS DEO.

For more information on the OSHA and other OSHA regulations, visit [www.osha.gov](http://www.osha.gov).

La prima oope de gheestliche de Goliippes, bot

Logo de Beliebas Inpeditio del Rey

the following document, Ac-

problemas antiguos dis-

## Deutsche Logos

1